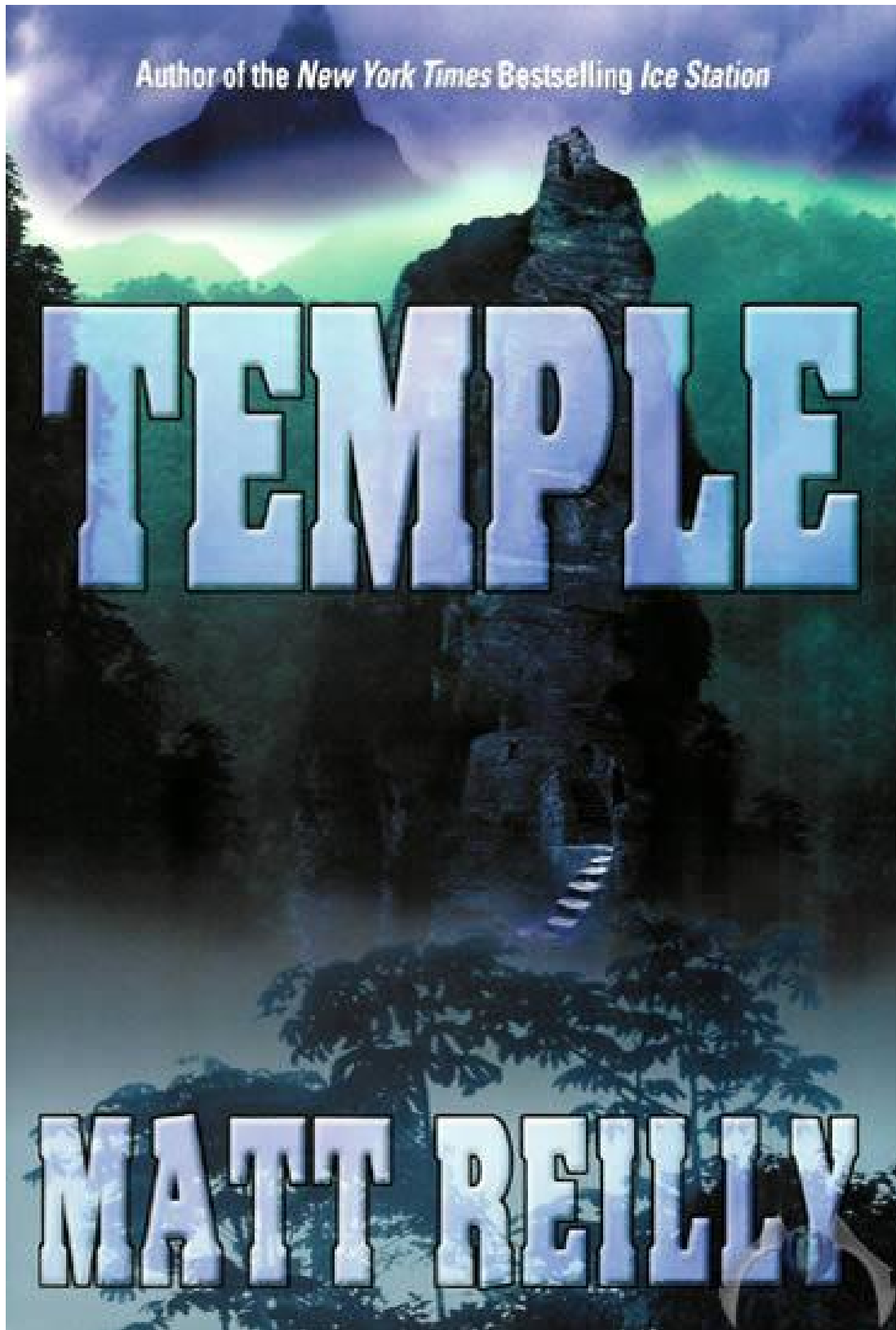


○ Templo [Matthew Reilly]



Esta Obra foi digitalizada e revista por: V.C.
Título original: *Teinple*
Autor: MATTHEW REILLY

1999

Este romance foi originalmente
publicado em língua inglesa
por Macmillan Publishers Limited

1.a edição portuguesa: *janeiro de 2002*
Tradução: *Pedro Sousa e Silva*
Revisão: *João Vidigal*

Capa: Gabinete Técnico Entre Letras
Fotocomposição e paginação: *Alfanumérico, Lda.*
Impressão e acabamento: *Gráfica Alinondina*
Depósito legal n.º 173 903/01

ISBN: 972-8683-05-7

Reservados todos os direitos de acordo
com a legislação em vigor
por Entre Letras Editora, Lda

R. Prof António Rosa Rovisco de Andrade, 3-r/c, loja F
2715-073 Pêro Pinheiro - Portugal

Telef.: 219 678 40-5/6 - Fax. 219 678 407 E-mail: entre-letras@mail.telepac.pt

Para o meu irmão, Stephen

Agradecimentos

Desta vez, são devidos agradecimentos especiais a várias pessoas.

A Natalie Freer: é sempre a primeira pessoa a ler as minhas páginas e costuma lê-las em blocos de 40. Obrigado mais uma vez pela tua enorme paciência, generosidade e apoio. Ao meu irmão, Stephen Reilly, pela sua lealdade sem limites e pelos comentários brilhantes que fez ao texto. Lá terei dito que ele escreveu o melhor argumento que alguma vez li?)

Aos meus pais, como sempre, pelo seu amor, estímulo e apoio. Ao meu bom amigo John Schrooten, por ter servido de cobaia pela terceira vez. (O John é a primeira pessoa a ler os meus livros in toto - ainda me recordo de ele estar a ler o *Ice Statioti*, enquanto assistíamos a um jogo de *cricket*, em Sydney). E, ainda, a Nik KozlIna, pelos comentários iniciais ao texto, e ao Sinion Kozlma, por me deixar dar a sua cara ao herói deste livro!

Por fim, devo mencionar a boa gente da Pari MacimIlan. A Cate Paterson, a minha editora, por... bom, por fazer com que tudo isto seja mesmo possível. Os seus esforços para publicar *thrillers* destinados ao grande público, neste país, são incomparáveis. A Anna McFarlane, responsável pela edição de texto, por trazer ao de cima o que há de melhor em mim. A todos os vendedores da Pari. Eles lá estão, todos os dias, a trabalhar na linha da frente, nas livrarias de todo o país. E, por último, um obrigado muito especial a Jane Novak, responsável na Pari pelos meus contactos com a comunicação social, por me proteger como uma mãe-galinha e por entender a ironia, quando eu e Richard Stubbs falamos dela na rádio nacional.

Bom, é tudo. E agora, o espectáculo pode começar...

Introdução

De: Holsten, Mark J.

Civilização Perdida - A Conquista dos Incas (Advantage Press, Nova Iorque, 1996)

AS CONSEQUÊNCIAS DA CONQUISTA

o que nunca será demais sublinhar é que a conquista dos Incas pelos conquistadores espanhóis representa, talvez, o maior choque de culturas na história da evolução humana.

Ali estava a nação de navegadores com maior domínio no mundo, trazendo consigo a tecnologia mais avançada da Europa, em colisão com o império mais poderoso que alguma vez existiu nas Américas.

Infelizmente para os historiadores e, sobretudo, devido à sede insaciável de ouro de Francisco Pizarro e dos seus sanguinários conquistadores, o maior império que alguma vez habitou as Américas é também aquele sobre o qual menos sabemos.

A pilhagem do império Inca, por Pizarro e pelos seus homens de mão, em 1532, deve figurar entre as mais brutais da História escrita. Armados com a mais esmagadora das armas coloniais, a pólvora, os Espanhóis rasgaram o seu caminho através das cidades e vilas Incas, com «uma falta de princípios que teriam provocado arrepios a Maquiavel, para utilizar as palavras de um comentador do século xx.

As mulheres incas eram violadas nas suas casas ou forçadas a trabalhar em imundos bordéis improvisados. Os homens eram regularmente torturados: queimavam-lhes os olhos com brasas e cortavam-lhes os tendões. As crianças eram enviadas, às centenas, para a costa, de onde eram embarcadas nos temidos galeões de escravos e mandadas para a Europa.

Nas cidades, as paredes dos templos eram completamente desnudadas. Placas e ídolos sagrados em ouro eram derretidos e transformados em barras, sem que ninguém se lembrasse sequer de se interrogar sobre a sua importância cultural.

Talvez a história mais famosa de procura dos tesouros incas seja a de Hernando Pizarro, irmão de Francisco, e da sua laboriosa viagem até à cidade costeira de Pachacámac, em busca de um mítico ídolo inca. De acordo com Francisco de Jérez, na sua famosa obra, *Verdadera relación de la conquista de la Peru*, as riquezas pilhadas por Hernando, na sua marcha até ao templo-santuário de Pachacámac (não muito longe de Lima) atingiram proporções quase míticas.

Do pouco que resta do império Inca - edifícios que os Espanhóis não destruíram, relíquias de ouro que os Incas conseguiram fazer desaparecer, pela calada da noite - o historiador moderno só pode colher uma pálida imagem do que foi uma grande civilização,

Aquilo que emerge é um império de contradições.

Os Incas não conheciam a roda e, no entanto, construíram a mais extensa rede de estradas alguma vez vista nas Américas. Não sabiam trabalhar o ferro e, no entanto, eram os melhores no tratamento de outros metais, nomeadamente do ouro e da prata. Não tinha nenhuma forma de escrita e, no entanto, o seu sistema de registo numérico, arranjos de fios multicolores chamados *quipus*, era extraordinariamente preciso. Dizia-se que os *quipucamayw*, os temidos cobradores de impostos do imperador, sabiam quando faltavam coisas minúsculas, como uma sandália.

Inevitavelmente, porém, o mais importante registo da vida quotidiana dos Incas

chega-nos através dos Espanhóis. Tal como Cortez tinha feito no México, uns meros vinte anos antes, os conquistadores do Peru levaram consigo religiosos para dar a conhecer o Evangelho aos nativos pagãos. Muitos destes monges e padres acabavam por regressar a Espanha e transpunham para a escrita aquilo que tinham visto. De facto, esses manuscritos podem ainda ser encontrados em mosteiros espalhados pela Europa, datados e intactos. [pág. 2]

De: DeJérez, Francisco

Verdadera relación de la conquista de la Peru (Sevilha, 1534)

O capitão [Hernando Pizarro foi alojado] com os seus seguidores, em grandes aposentos numa parte da cidade. Disse que vinha a mando do Governador [Francisco Pizarro] buscar o ouro daquele templo e que era preciso recolhê-lo e entregá-lo. Todos os homens importantes da cidade e aqueles que velavam pelo ídolo se reuniram e disseram que o entregariam mas continuaram a dissimular e a apresentar desculpas. Por fim, trouxeram muito pouco e disseram que mais não tinham.

O capitão disse que queria ir ver o ídolo que eles guardavam e foi. Estava numa boa casa, bem pintada e decorada no habitual estilo índio; estátuas de pedra representando jaguares guardavam a entrada, esculturas de criaturas demoníacas semelhantes a gatos cobriam as paredes. Lá dentro, o capitão deparou com uma câmara muito escura e que cheirava muito mal, no centro da qual havia um altar de pedra, sem nada. Na nossa viagem, tinham-nos falado da lenda de um ídolo, que estava arrecadado no templo-santuário de Pachacámac. Os índios dizem que é o seu deus e que foi ele quem os criou e quem os sustenta e que é ele a fonte do seu poder.

Mas não encontramos nenhum ídolo em Pachacámac. Só um altar de pedra, numa sala mal cheirosa.

Então, o capitão ordenou que a câmara onde o ídolo havia estado arrecadado fosse deitada abaixo e os homens importantes da cidade procederam de imediato ao seu arrasamento. Assim o fizeram também os guardas do ídolo. Uma vez completada esta tarefa, o capitão ensinou aos aldeãos muitas coisas acerca da nossa Santa Fé Católica e ensinou-lhes o sinal da cruz.»

De: *The New York Times*

31 de Dezembro, 1998 - pág. 12

Estudiosos ficam loucos com manuscritos raros

TOULOUSE, FRANÇA: Estudiosos da Idade Média foram hoje presenteados com um raro festim, quando, pela primeira vez em mais de trezentos anos, os monges da Abadia de San Sebastian, um remoto mosteiro jesuíta nos Pirinéus, abriram as portas da sua magnífica biblioteca de textos medievais a um selecto grupo de peritos não eclesiásticos.

Para este restrito grupo de académicos, tinha especial interesse a oportunidade de ver, em primeira mão, a famosa colecção de manuscritos, nomeadamente os de Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus.

Foi, no entanto, a descoberta de alguns outros manuscritos, que havia muito se julgava terem-se perdido que provocou gritos de alegria por parte do selecto grupo de historiadores que teve acesso à labiríntica biblioteca da Abadia.

Tratava-se do códice perdido de São Aloísio Gonzaga, de um manuscrito, até agora desconhecido, que se pensa ter sido escrito por São Francisco Xavier, e, mais maravilhoso ainda, da descoberta da cópia original do Manuscrito de Santiago.

Escrito em 1565 por um monge espanhol chamado Alberto Luís Santiago, este manuscrito obteve um estatuto quase lendário entre os historiadores medievais, principalmente por se ter pensado que fora destruído durante a Revolução Francesa.

Pensa-se que o manuscrito descreve, com uma brutal e cruel precisão, a conquista do Peru pelos conquistadores espanhóis, nos anos 30 do século xvi. Acredita-se, entretanto, que este manuscrito contém ainda o único relato escrito (baseado no testemunho ocular do autor) dos «feitos» sangrentos de um capitão espanhol e da sua demanda obsessiva de um ídolo precioso, através das selvas e montanhas do Peru.

Mas, afinal, acabou por ser uma mostra estilo «veja-masnão-mexa». Depois de o último investigador ter sido, relutantemente, escoltado para fora da biblioteca, as suas pesadas portas de carvalho foram firmemente trancadas nas suas costas.

Só nos resta esperar que não voltem a ficar assim por mais trezentos anos.

Prólogo

Abadia de San Sebastian

Nos cumes dos Pirinéus Franceses Sexta-feira, 1 de janeiro 1998, 03:23

o jovem monge soluçava descontroladamente, enquanto o cano frio da pistola lhe era encostado à testa, com firmeza.

Os seus ombros tremiam. As lágrimas escorriam-lhe pela cara.

- Por amor de Deus, Philippe - disse. - Se sabes onde está, diz-lhes!

o irmão Philippe de Villiers estava ajoelhado no chão da sala de jantar da abadia, com as mãos atrás da nuca. À sua esquerda, estava ajoelhado o irmão Maurice Dupont, o jovem monge que tinha a pistola apontada à cabeça, e, à sua direita, os outros dezasseis monges jesuítas que viviam na Abadia. Todos eles se encontravam de joelhos, alinhados lado a lado.

, À frente de de Villiers e um pouco para a sua esquerda, de pé, estava um homem, vestido com uniforme de combate preto e armado com uma pistola automática Glock-18 e uma espingarda-metralhadora Heckler Koch G- 11, a espingarda-metralhadora mais sofisticada que jamais fora fabricada. Naquele momento, a Glock do homem de negro estava encostada à cabeça de Maurice Dupont.

Doze outros homens, vestidos e armados da mesma forma, encontravam-se espalhados pela ampla sala de jantar. Todos eles envergavam máscaras de esqui negras e estavam à espera da resposta de Phillipe de Villiers a uma pergunta muito importante. -Eu não sei onde está - disse de Villiers entredentes.

- Phillipe... - suplicou Maurice Dupont.

Sem aviso prévio, a arma encostada à cabeça de Dupont disparou, quebrando o silêncio da Abadia semi-deserta. A cabeça de Dupont explodiu como uma melancia e uma chuva de sangue espalhou-se por toda a cara de de Villiers.

Fora da abadia, ninguém ouviria o tiro.

A Abadia de San Sebastian situa-se no topo de uma montanha, a mais de 1800 metros acima do nível do mar, escondida por entre os picos cobertos de neve dos Pirinéus franceses. Estava «tão perto de Deus quanto possível», como alguns dos monges mais velhos gostavam de dizer. o vizinho mais próximo de San Sebastian, a famosa plataforma telescópica do Observatório Pic du Midi, ficava a quase vinte quilómetros de distância.

o homem que empunhava a Glock avançou para o monge à direita de de Villiers e encostou-lhe o cano da arma à testa.

- Onde está o manuscrito? - perguntou o homem da arma a de Villiers, pela segunda vez. Tinha uma forte pronúncia bávara. -já lhe disse que não sei - respondeu de Villiers.

Tiro! o segundo monge tombou para trás, produzindo um baque surdo ao cair no chão, uma poça de líquido vermelho a jorrar do buraco fresco na sua cabeça. Durante alguns segundos, o corpo contorceu-se involuntariamente, em espasmos violentos, rebolando-se pelo chão como um peixe fora de água.

De Villiers fechou os olhos e rezou uma oração.

- Onde está o manuscrito? - repetiu o alemão. -Eu não s...

Novo disparo. Outro monge caiu.

- Onde está?

- Não sei!

A arma troou de novo.

De repente, a Glock deu uma volta e, agora, estava directamente apontada à cara de de Villiers.

- Esta é a última vez que faço esta pergunta, irmão de Villiers. Onde está o manuscrito de Santiago?

De Villiers manteve os olhos fechados.

- Pai-nosso que estais no Céu, Santificado seja o Vosso Nome... o alemão premiu o gatilho.

-Espere! - gritou alguém, da outra ponta da fila.

o assassino alemão voltou-se e viu um monge mais velho erguer-se da fila de jesuítas ajoelhados.

- Por favor, por favor! Basta, basta! Eu digo-vos onde está o manuscrito, se prometerem que não matam mais ninguém. -Onde está? - perguntou o assassino.

- é por aqui - disse o monge, dirigindo-se para a biblioteca. o assassino foi atrás dele para a sala ao lado.

Momentos depois, os dois homens regressaram. o assassino trazia na mão esquerda um livro grande, encadernado a couro. De Villiers não conseguia ver-lhe a cara mas era óbvio que o assassino exibia um sorriso rasgado, por detrás da máscara negra. -Agora, Deixai-nos em paz - disse o velho monge.

- Deixai-nos enterrar os nossos mortos.

o assassino pareceu ponderar o assunto por um momento. Depois, voltou-se para os seus cúmplices e fez-lhes um aceno de cabeça.

Em resposta, o grupo de assassinos armados ergueram as G- 11 e, como um só homem, abriram fogo contra a fila de monges jesuítas ajoelhados.

Uma rajada devastadora de fogo de super-metralhadora cortou em tiras os monges que restavam. Cabeças explodiram, pedaços de carne foram arrancados aos corpos dos monges, enquanto estes eram chacinados por um poder de fogo nunca antes visto.

Em escassos segundos, todos os jesuítas estavam mortos, excepto o monge idoso que entregara o manuscrito aos alemães. Estava de pé, sozinho, num mar de sangue dos seus irmãos, fitando os carrascos.

o chefe do grupo de assassinos deu um passo em frente e apontou a sua Glock à cabeça do velho.

- Quem são vocês? - perguntou o monge, desafiando-o.

- Somos os Schutzstaffel der Totenkopfverbänden - respondeu o assassino.

o monge arregalou os olhos.

- Meu Deus... - sussurrou. o assassino sorriu.

- Nem Ele te pode salvar agora.

A Glock disparou uma última vez e os assassinos debandaram da Abadia e desapareceram na noite.

Passou um minuto e depois outro. Na abadia, reinava o silêncio.

Os corpos dos dezoito frades jesuítas encontravam-se espalhados pelo chão, banhados em sangue.

Os assassinos não chegaram a vê-lo.

Estava bem lá no alto, escondido dentro do tecto da enorme sala de jantar. Era uma espécie de água-furtada, um pequeno sótão no tecto, separado da sala de jantar por uma delgada parede de madeira. Os painéis da parede estavam tão velhos e carcomidos que havia grandes rachas entre eles.

Se tivessem olhado bem, os assassinos tê-lo-iam visto, a espreitar por uma dessas rachas, pestanejando de medo.

Um olho humano esbugalhado.

3701, North Fairfax Drive, Arlington, Virgínia

Instalações da Agência de Projectos de Pesquisa Avançados de Defesa dos EUA

Segunda-feira, 4 de janeiro, 1999, 05:50

Os ladrões moviam-se depressa. Sabiam exactamente para onde iam. Tinham escolhido o momento perfeito para o assalto. Dez minutos para as seis. Dez minutos antes de os guardas da noite picarem o ponto. Dez minutos antes de os guardas de dia picarem o ponto. Os guardas da noite estariam cansados, a olhar para os relógios e ansiosos por ir para casa. Era nessa altura que eram mais vulneráveis.

o número 3701 da North Fairfax Drive era um edifício de tijolo vermelho, com oito andares, do lado oposto à estação de metro da Virgínia Square, em Arlington, Virgínia. Era ali que funcionava a Agência de Projectos de Pesquisa Avançados de Defesa, DARPA, a divisão mais avançada de investigação e desenvolvimento, do Departamento de Defesa dos Estados Unidos.

Os ladrões percorreram os corredores, iluminados por lâmpadas de luz branca, com as pistolas-metralhadoras MP-5, munidas de silenciadores, ao nível da cabeça, estilo SEAL, com as coronhas desdobráveis firmemente encostadas ao ombro, de olhos fixos na mira, à procura de alvos.

Uma tempestade de balas silenciosas abateu mais uma sentinela da Marinha, a décima sétima. Sem perder o ritmo, os ladrões saltaram por cima do seu corpo e encaminharam-se para a sala do cofre. Um deles passou o cartão magnético, enquanto outro empurrava a enorme porta hidráulica.

Encontravam-se no terceiro andar do edifício, tendo ultrapassado sete pontos de segurança de Nível 5, para o que tinham tido de utilizar quatro cartões de passe e seis códigos alfanuméricos diferentes. Tinham entrado no edifício pelo porão subterrâneo de carga, dentro de uma carrinha que já era esperada. Os guardas do nível subterrâneo tinham sido os primeiros a morrer. Logo a seguir a eles, fora a vez dos condutores da carrinha. Chegados ao terceiro andar, os ladrões não tinham parado. Numa rápida sucessão de movimentos, entraram na sala da caixa forte, uma enorme câmara de laboratório limitada por todos os lados por paredes de porcelana, com quinze centímetros de espessura. Por fora deste casulo de porcelana, havia outra parede,

exterior. Era revestida a chumbo e tinha, no mínimo, trinta centímetros de

espessura. Os empregados da DARPA chamavam a este laboratório a Cripta e tinham boas razões para isso. As ondas de rádio não conseguiam penetrar ali. Os dispositivos direccionais de escuta muito menos. Era o local mais seguro do edifício.

Fora o local mais seguro do edifício.

Os ladrões agiram com rapidez, assim que entraram no laboratório.

Silêncio.

Como um ventre materno.

Então, de repente, todos ficaram imóveis.

o prémio encontrava-se à sua frente, ocupando um lugar de destaque no centro do laboratório.

Não era muito grande, para aquilo que era capaz de fazer. Tinha, talvez, um metro e oitenta de altura e parecia uma ampulheta gigante: dois cones - o inferior apontado para cima, o superior apontado para baixo - separado por uma pequena câmara de titânio onde se encontrava o núcleo da arma.

Uma amálgama de fios coloridos serpenteava para fora da câmara de titânio no centro do aparelho, a maior parte deles desaparecendo no interior do teclado de um computador portátil, montado manualmente na sua secção frontal.

De momento, a pequena câmara de titânio encontrava-se vazia. De momento.

Os ladrões não perderam tempo. Retiraram o aparelho do seu gerador e colocaram-no numa saca feita à medida.

Em seguida, voltaram a pôr-se em movimento. Porta fora. Corredor acima. À esquerda, depois à direita. À esquerda, depois à direita. Através do profusamente iluminado labirinto estatal, saltando por cima dos corpos que tinham abatido ao entrarem. No espaço de noventa segundos, chegaram à garagem subterrânea, onde voltaram a entrar na carrinha, levando consigo o seu prémio. Mal os pés do último homem tocaram no interior da carrinha, as rodas desta chiaram no chão de cimento e o grande veículo acelerou da garagem para fora e noite dentro.

o líder da equipa consultou o relógio.
05:59.

Toda a operação tinha demorado nove minutos. Nem mais, nem menos.

PRIMEIRA MAQUINAÇÃO

Segunda-feira, 4 de janeiro, 09: 10

William Race ia chegar atrasado ao emprego. Mais uma vez. Tinha adormecido e, depois, o metro atrasara-se. já eram nove e dez e ele estava atrasado para a aula da manhã. o gabinete de Race ficava no terceiro andar do velho edifício Delaware, na Universidade de Nova Iorque. o prédio tinha um daqueles elevadores de ferro forjado da idade da pedra que andava a passo de caracol. Era mais rápido ir pelas escadas.

Com trinta e um anos, Race era um dos mais novos membros da equipa do Departamento de Línguas Clássicas da NYU. Era de estatura média, com cerca de um metro e setenta e atraente, de uma forma muito discreta. Tinha cabelos cor de palha e um corpo seco. Uns óculos de aros metálicos enquadravam os seus olhos azuis e semi-ocultavam um estranho sinal na pele, uma mancha triangular, directamente por baixo do olho esquerdo.

Race correu escadas acima, com mil pensamentos a fervilhar na cabeça: a aula matinal sobre a obra do historiador romano Tito Lívio, a multa de estacionamento do mês anterior que ainda não pagara e o artigo do New York Times que tinha lido nessa manhã e que dizia que, devido ao facto de 85 por cento das pessoas escolherem códigos de Multibanco baseados em datas importantes, como aniversários e coisas parecidas, os ladrões que lhes roubavam as carteiras obtinham, não só os cartões mas também as cartas de condução, nas quais é mencionada a data de nascimento, o que lhes facilitava a vida para levantarem dinheiro nas máquinas. Raios, pensou Race, vou ter de mudar o meu PIN.

Chegou ao cimo das escadas e entrou rapidamente no corredor.

E parou.

Estavam dois homens à sua frente. Soldados.

E envergavam uniformes de combate completos - capacetes, coletes de protecção, M-16, tudo e mais alguma coisa. Um deles estava a meio do corredor, muito perto de Race. o outro encontrava-se parado, ao fundo do corredor. Estava de guarda, em sentido, à porta do gabinete de Race. Não podiam estar mais fora do seu ambiente - soldados numa universidade. Quando o viram aparecer ao cimo das escadas, os dois homens viraram-se de imediato. Por qualquer razão, a sua presença fez Race sentir-se repentinamente inferior, de alguma forma indigno, indisciplinado. Sentiu-se estúpido, com aquele casaco desportivo do Macy's, os jeans, a gravata e a roupa para um jogo de basebol, programado para a hora do almoço, metida numa mochila podre da Nike.

Ao aproximar-se do primeiro soldado, Race olhou-o de cima a baixo, viu a espingarda-metralhadora negra nas suas mãos, a boina verde enfiada na cabeça e o distintivo em quarto crescente, cosido no ombro do uniforme, com as palavras FORÇAS ESPECIAIS escritas.

-Há.... olá. Eu sou o William Race. Eu...

-Está tudo bem, Professor Race. Entre. Estão à sua espera. Race continuou pelo Corredor, até chegar junto do segundo soldado. Este era maior que o primeiro, mais alto. De facto, era enorme, uma verdadeira montanha, no mínimo com dois metros e dez, de rosto atraente muito suave, cabelo escuro e olhos castanhos estreitos, que não deixavam escapar nada. o nome escrito no distintivo do bolso dizia: VAN LEWEN. As três faixas no ombro indicavam que era sargento.

Os olhos de Race desviaram-se para a M-16 que o homem empunhava, Estava equipada com a ultra-moderna mira laser

30

PAC-4C, montada no cano e um lança-granadas M-203 montado por baixo. Coisa séria.

o soldado desviou-se prontamente, deixando Race entrar no seu gabinete.

o Dr. John Bernstein estava sentado na cadeira de couro preto, por trás da secretária de Race, com um ar muito desconfortável. Bernstein era um homem

de cabelos brancos, de cinquenta e nove anos e director do Departamento de Línguas Clássicas da NYU, o chefe de Race.

Na sala estavam outros três homens: dois soldados e um civil. Os dois soldados estavam vestidos e armados da mesma maneira que os que se encontravam lá fora - farda de trabalho, capacete, M-16 com mira laser - e pareciam ambos em forma. Um era um pouco mais velho que o outro. Segurava o capacete de modo formal, firmemente preso entre o cotovelo e as costelas, e tinha cabelo escuro cortado muito curto, mal lhe chegando à testa. o cabelo cor de palha de Race estava sempre a cair-lhe para cima dos olhos.

o terceiro estranho presente na sala, o civil, estava sentado na cadeira das visitas, em frente a Bernstein. Era um homem alto, de peito amplo e estava em mangas de camisa. Tinha um nariz achatado e traços sombrios e marcados, gastos pelo tempo e pela responsabilidade. Estava instalado na cadeira com a segurança calma de quem está habituado a ser obedecido. Race ficou com a nítida sensação de que todos se encontravam havia já algum tempo no seu gabinete.

À sua espera.

- Will - disse John Bernstein, contornando a mesa para lhe apertar a mão. - Bom dia. Entre. Gostava de lhe apresentar uma pessoa. o Professor William Race, o coronel Frank Nash.

o civil do peito amplo estendeu-lhe a mão. Num aperto de mão forte.

-Reformado. Prazer em conhecê-lo - disse, olhando Race de cima a baixo.

Depois indicou os dois soldados: - Estes são o capitão Scott e o cabo Cochrane, do Grupo de Forças Especiais do Exército dos EUA.

-São Boínas Verdes - sussurrou respeitosamente Bernstein, dirigindo-se a Race.

De seguida, Bernstem aclarou a garganta.

O coronel... quero dizer, o Doutor... Nash pertence ao Gabinete Técnico Tático, da Agência de Projectos de Pesquisa Avançada de Defesa. Veio cá pedir a nossa ajuda.

Frank Nash estendeu o seu cartão de identificação a Race. Race viu a fotografia de Nash, por baixo do logotipo vermelho da DARPA e, mais abaixo, uma quantidade de algarismos e códigos. Uma banda magnética atravessava o cartão. Por baixo da fotografia, estava escrito: FRANCIS K- NASH, Coronel do EXÉRCITO DOS EuA. Era um cartão bastante impressionante. Proclamava: pessoa importante. Oh-oh, pensou Race.

já tinha ouvido falar da DARPA. Era o braço principal de investigação e desenvolvimento do Departamento de Defesa, a agência que tinha inventado a Arpanet, o antecessor da Internet exclusivamente para utilização militar. A DARPA era também famosa pela sua participação no projecto Have Blue, o projecto ultra-secreto da Força Aérea, de que resultaria o aparecimento do F-17, o caça furtIVO dos anos setenta.

De facto, verdade seja dita, Race sabia um pouco mais sobre a DARPA do que a maioria das pessoas, pela simples razão de que o seu irmão, Martin, trabalhava lá, como engenheiro de desenvolvimento.

Basicamente, a DARPA trabalhava em parceria com os três ramos das forças armadas dos EUA, o Exército, a Marinha e a Força Aérea, desenvolvendo aplicações militares de alta tecnologia adequadas às necessidades de cada força: tecnologia stealth ou tecnologia do sigilo, para a Força Aérea, equipamento de protecção pessoal de alta resistência, para o Exército. A DARPA tinha, contudo, um estatuto tal que os seus feitos se transformavam, muitas vezes, em lendas urbanas. Dizia-se, por exemplo, que a DARPA tinha recentemente desenvolvido o J-7, a mítica mochila a jacto, em forma de A, que, em última análise, poderia vir a substituir o pára-quedas. Mas isso nunca foi provado.

o Gabinete Técnico Tático era, por outro lado, a ponta de lança do arsenal da DARPA, a sua jóia da coroa. Era a divisão encarregada de desenvolver armamento especial - armamento estratégico de alto risco alto retorno.

Que diabo queria o Gabinete Técnico Tático da DARPA do Departamento

de Línguas Clássicas da NYU?, interrogou-se Race.

-Precisam da nossa ajuda? - perguntou, levantando os olhos do cartão de identidade de Nash.

-Bem, na verdade, viemos aqui pedir especificamente a sua ajuda.

A minha ajuda, pensou Race. Ele dava aulas de línguas clássicas, principalmente Latim clássico e medieval e, como complemento, um pouco de Francês, Espanhol e Alemão. Não conseguia imaginar uma única coisa que pudesse fazer para ajudar a DARPA. -Que tipo de ajuda? - perguntou.

-Tradução. Traduzir um manuscrito. Um manuscrito em latim, com quatrocentos anos.

-Um manuscrito... - repetiu Race.

Pedidos destes não eram novidade. Pediam-lhe muitas vezes para traduzir manuscritos medievais. o que não era costume, no entanto, era o pedido ser feito na presença de comandos armados.

-Professor Race - disse Nash - a tradução do documento em questão é de maior urgência. De facto, o documento ainda não se encontra nos Estados Unidos. Vem neste momento a caminho. o que nós queríamos de si era que fosse conosco buscar o manuscrito a Newark e o traduzisse enquanto vamos a caminho do nosso destino.

-No caminho? - perguntou Race. - Para onde?

-Tenho muita pena mas isso é uma coisa que não lhe posso dizer nesta fase.

Race estava prestes a ripostar, quando a porta do gabinete se abriu de repente e entrou mais um Boina Verde. Trazia um rádio de campanha às costas e aproximou-se rapidamente de Nash, sussurrando-lhe algo ao ouvido. Race conseguiu apanhar as palavras... receberam ordem de mobilização».

-Quando? - perguntou Nash.

-Há dez minutos, meu coronel - sussurrou o soldado. Nash olhou rapidamente para o relógio.

-Maldição! - exclamou. Depois, voltou-se para Race.

-Não dispomos de muito tempo, Professor Race, por isso vou directo ao assunto. Esta missão é muito importante. É uma missão que afecta seriamente a segurança nacional dos Estados Unidos. Mas é uma missão que tem de ser realizada num espaço de tempo muito curto. Temos de agir já. Mas, para isso, preciso de um tradutor. De um tradutor de latim medieval. De si.

-Quando?

-Está um carro à espera, lá fora. Race engoliu em seco.

-Não sei...

Sentia os olhos de todos poisados em si. De repente, a ideia de viajar para parte incerta, com Frank Nash e uma equipa de Boínas Verdes armados até aos dentes, deixava-o nervoso. Sentia-se como se estivesse a ser atropelado por um comboio.

-Que tal o Ed Deveretix, de Harvard? - sugeriu. - Ele é muito melhor que eu em latim medieval. Ele seria mais rápido. Nash respondeu:

-Não preciso do melhor e não tenho tempo para ir a Boston. o seu irmão deu-nos o seu nome. Disse que você era bom e que estava em Nova Iorque e, muito francamente, é só disso que eu necessito. De alguém que esteja próximo e que consiga fazer o trabalho agora.

Race mordeu os lábios. Nash acrescentou:

-Vamos destacar um guarda-costas para estar sempre consigo, durante toda a missão. Apanhemos o manuscrito em Newark, dentro de trinta minutos, e seguimos de avião, alguns minutos depois. Se tudo correr bem, você terá o manuscrito traduzido, na altura da aterragem. Nem precisa de sair do avião. Mas, se precisar de o fazer, terá uma equipa de Boínas Verdes para o proteger.

Race franziu o sobrolho.

- o senhor não vai ser o único académico nesta missão, Professor Race.

Também vão estar Walter Chambers, de Stanford, e Gabriela Lopez, de Princeton, além de Lauren O'Connor, de... Lauren O'Connor, pensou Race. Havia anos que não ouvia aquele nome.

Race conheceu Lauren nos tempos da universidade, na USC. Ele estudara línguas e ela formara-se em ciências, em Física teórica. Tinham sido namorados mas a história acabara mal. Da última vez que tivera notícias dela, ela estava a trabalhar nos Laboratórios Livermore, no departamento de física nuclear.

Race olhou para Nash. Interrogou-se sobre o que saberia Frank Nash acerca de Lauren e dele. Teria falado nela deliberadamente?

O problema era que, se o tinha feito, dera resultado.

Lauren era indiscutivelmente esperta. Nunca se iria meter numa missão destas, sem ter uma boa razão. O facto de ela ter concordado em participar na aventura de Nash dava-lhe credibilidade instantânea.

-Será amplamente compensado pelo seu tempo, Professor.

-Não é isso...

O seu irmão também fará parte da equipa da missão acrescentou Nash, apanhando Race de surpresa. - Ele não vem connosco mas vai ficar a trabalhar com a equipa técnica, na nossa sede, na Virgínia.

Marty, pensou Race. Já não o via há muito tempo: desde que os pais de ambos se tinham divorciado, nove anos antes. Mas se Marty também estava metido nisto, então talvez...

-Desculpe, mas temos de ir, Professor Race. Temos de ir já. Precisamos da sua resposta, agora.

-Will - disse John Bernstem. - Isto podia ser uma ótima oportunidade para a universidade...

Nash olhou para Bernstein e franziu o sobrolho, interrompendo-o. Depois virou-se para Nash:

-Diz que é um problema de defesa nacional?

-Exacto.

-E não pode dizer-me para onde vamos.

-Só quando chegarmos ao avião. Então, poderei dizer-lhe tudo.

E vou ter um guarda-costas, pensou Race. Normalmente, só precisamos de um guarda-costas quando alguém nos quer matar.

No gabinete, imperava o silêncio.

Race sentia que toda a gente estava à espera da sua resposta. Nash.

Bernstein. Os três Boínas Verdes.

Suspirou. Nem queria acreditar naquilo que ia dizer.

-Está bem - disse. - Eu vou.

Race caminhou rapidamente pelo corredor, atrás de Nash, ainda vestido com o seu casaco e gravata.

Era um dia de Inverno, frio e chuvoso, em Nova Iorque, e enquanto percorria o labirinto de corredores, a caminho do portão oeste da Universidade, Race tinha visões fugazes da chuva intensa, que caía lá fora.

Os dois Boínas Verdes que tinham estado dentro do gabinete seguiam à sua frente e de Nash os outros dois, os que tinham ficado de guarda no corredor, iam atrás. Race tinha a sensação de estar a ser arrastado por uma forte corrente.

-Há tempo para eu vestir uma roupa menos formal? - perguntou a Nash.

Trouxera consigo uma mochila de desporto. Lá dentro, estava uma muda de roupa.

-Talvez no avião - respondeu Nash, sem parar de andar.

- Muito bem, preste atenção. Está a ver aquele jovem, atrás de si? É o sargento Leo Van Lewen. É ele que vai ser o seu guarda-costas, daqui em diante.

Race olhou para trás, enquanto ia andando, e viu o enorme Boína Verde. Van Lewen. O Boína Verde limitou-se a fazer um rápido aceno com a cabeça e os seus olhos continuaram a varrer o corredor à sua volta.

Nash disse:

-Daqui para a frente, você é uma pessoa muito importante e isso faz de si um alvo. Para onde quer que vá, ele vai também. Olhe. Fique com isto.

Nash passou-lhe um auscultador e um microfone de pescoço. Race só tinha visto aquilo na TV, em reportagens de unidades da SWAT. Colocava-se uma fita em torno do pescoço e o microfone incorporado captava as vibrações das cordas vocais.

-Coloque-o assim que entrar no carro - disse Nash.

-É activado pela voz. Por isso, só precisa de falar e nós ouvimo-lo. Setiver qualquer problema, basta dizer e o Van Lewen estará ao seu lado em segundos. Entendeu?

-Entendi.

Chegaram ao portão oeste da Universidade, onde estavam de guarda mais dois Boinas Verdes. Nash e Race passaram por eles e saíram para a chuva que caía copiosamente.

Foi então que Race viu o carro que Nash disse que iria estar à porta, à espera.

Sobre a gravilha da rotunda que tinha diante de si, estava estacionado um cortejo de veículos.

Quatro batedores da polícia, em motorizadas: dois à cabeça da fila de carros, dois à retaguarda. Seis automóveis normais verde-azeitona. E, no meio deles, protegido pelas motorizadas e pelos outros carros, encontravam-se dois veículos blindados, Humivee. Ambos estavam pintados de negro e os vidros das janelas eram profundamente fumados,

Pelo menos quinze Boinas Verdes, fortemente armados com as suas M-16, mantinham-se a postos, fazendo guarda ao cortejo. A chuva torrencial desabava ruidosamente sobre os seus capacetes. Eles pareciam não dar por isso.

Nash dirigiu-se, a passo apressado, para o segundo Humivee e abriu a porta para Race entrar. Em seguida, enquanto entrava no enorme veículo, entregou-lhe um espesso dossier.

-Dê-lhe uma vista de olhos. Digo-lhe mais, quando chegarmos ao avião.

A comitiva acelerou pelas ruas de Nova Iorque.

Estava-se a meio da manhã mas a procissão de oito carros corria pelas ruas alagadas, passando cruzamentos atrás de cruzamentos, conseguindo sempre apanhar sinais verdes, até sair da cidade.

Deviam ter programado os semáforos, como faziam quando o Presidente visitava Nova Iorque, pensou Race.

Mas aquilo não era uma comitiva presidencial. As expressões das pessoas que seguiam pelos passeios diziam tudo.

Era um cortejo diferente.

Sem limusines. Sem bandeirolas. Apenas dois Hunivees fortemente blindados, no meio de carros verde-azeitona, abrindo caminho por entre a chuva torrencial.

Com o guarda-costas que lhe fora atribuído sentado ao seu lado e com o auscultador e o microfone de garganta já colocados, Race olhou para fora das janelas do veloz Hunivee.

Não havia muitas pessoas que pudessem afirmar ter tido a experiência de ter o caminho livre, nas ruas de Nova Iorque, à hora de grande movimento do meio da manhã, pensou. Era uma sensação estranha, do outro mundo. Começou a interrogar-se sobre se aquela missão também o seria.

Abriu o dossier que Nash lhe tinha dado. A primeira coisa que viu foi uma lista de nomes.

EQUIPA DE INVESTIGAÇÃO A CUZCO

civis

NASH, Francis K - DARPA. Director de projecto, Físico nuclear

2 COPELAND, Troy B - DARPA, Físico Nuclear

3 O'CONNOR, Lauren M - DARPA, Física teórica

4 CHAMBERS, Walter J - Antropólogo, Stanford

5 LOPEZ, Gabriela - Arqueóloga, Princeton

6 RACE, William H - Linguista, NYU

FORÇAS ARMADAS

SCOTT, Dwayne T - Exército dos Estados Unidos (BV), capitão

2 VAN LEWEN, Leonardo M - Exército dos Estados Unidos (BV), sargento

3 COCHRANE, Jacob P - Exército dos Estados Unidos (BV), cabo

4 REICLIART, George P, Exército dos Estados Unidos (BV),cabo

5 WILSON, Charles T, Exército dos Estados Unidos (BV), cabo

6 KENNEDY, Douglas K - Exército dos Estados Unidos (BV), cabo

Race virou a página e viu uma fotocópia de um artigo de jornal. o título era em Francês: MOINES MASSACRÉS DANS UN MONASTÈRE À LA HAUTE MONTAGNE.

Race traduziu: «Monges massacrados num mosteiro no alto de uma montanha.»

Leu o artigo. Estava datado de 3 de janeiro de 1999 - ontem

-e era acerca de um grupo de monges jesuítas que fora chacinado, no interior do mosteiro onde se encontrava, no alto dos Pirinéus franceses.

As autoridades francesas pensavam tratar-se de um acto perpetrado por fundamentalistas islâmicos, em protesto contra a ingerência da França nos assuntos internos da Argélia. Dezoito monges tinham sido mortos, todos à queima-roupa, do mesmo modo que em anteriores atentados fundamentalistas. Race virou a página.

Era outro recorte de jornal, desta vez do Los Angeles Times. Datava do fim do ano anterior e o título proclamava: OFICIAIS FEDERAIS ENCONTRADOS ASSASSINADOS NOS ROCKIES.

o artigo contava que dois membros dos Serviços de Pescas e Vida Selvagem dos EUA tinham sido encontrados mortos nas montanhas a Norte de Helena, Montana. Os dois agentes tinham sido esfolados. o FBI fora chamado. Suspeitavam que era obra de um dos grupos de milícias locais, que, aparentemente, tinham um ódio congénito por qualquer espécie de agentes federais. Pensava-se que os dois agentes tinham deparado por acaso com um grupo de membros das milícias que andariam a praticar caça furtiva, para arranjar algumas peles. Em vez de esfolarem os animais, decidiram esfolar os dois guardas.

Race estremeceu e virou a página.

A outra página do dossier era uma fotocópia de um artigo de um jornal universitário qualquer. o artigo estava escrito em alemão e era assinado por um cientista chamado Albert L. Mueller. Datava de Novembro de 1998.

Race leu o artigo, traduzindo o Alemão rapidamente. Era qualquer coisa sobre uma cratera de meteorito, descoberta nas selvas do Peru.

Por baixo do artigo, havia um relatório de um patologista da polícia, também em alemão. Na linha destinada a inscrever o NOME DO FALECIDO, tinham sido escritas as palavras ALBERT LUIVAG MUELLER.

Por baixo do relatório do patologista, vinham mais algumas páginas, cobertas de vários carimbos vermelhos - ULTRA-SECRETO; PARA SER LIDO APENAS POR PESSOAL DO EXÉRCITO DOS EUA. Race folheou-as. Na sua maioria, as páginas estavam cheias de equações matemáticas complexas que, para ele, nada significavam.

A seguir, viu uma série de memorandos, quase todos dirigidos a pessoas de quem nunca ouvira falar. Num deles, porém, viu o seu nome. Dizia o seguinte:

3 Jan, 1999, 22:01, Rede Interna do Exército dos EUA 617 5544 88211-05 N. 139

De: Nash, Frank

Para: Todos os elementos da equipa Cuzco Assunto: MISSÃO SUPERNOVA
Contactar Race o mais depressa possível. Participação crucial para o sucesso de missão.

Aguardem chegada encomenda amanhã, 4 de janeiro, Newark, 09:45.

Todos os membros devem ter equipamento a bordo do transporte, às 09:00.

o cortejo chegou ao aeroporto de Newark. A longa fila de carros acelerou por entre os portões da vedação anti-ciclone e chegou num ápice a uma pista de aterragem privada.

Um enorme avião de carga camuflado esperava-os. Na traseira do avião, uma rampa de cargas e descargas estava descida até ao chão. À medida que o cortejo se immobilizava junto ao enorme avião, Race viu um grande camião do

Exército a ser conduzido para o interior da traseira do avião.

41

Saiu do Hunivee para a chuva que caía, logo atrás do sargento Van Lewen. Mal pôs o pé fora do grande veículo negro, ouviu um rugido tremendo, vindo de um ponto qualquer acima da sua cabeça.

Um velho F-15C Eagle, pintado com cores de camuflagem verde-castanho e com a palavra EXÉRCITO escrita na cauda, aproximou-se vertiginosamente e aterrou, com os pneus a chiar estridentemente, no alcatrão à frente deles. Enquanto o caça dava a volta na pista, para se imobilizar virado para si, Race sentiu a mão de Nash agarrar-lhe suavemente o braço.

-Venha daí - disse Nash, encaminhando-o para o grande avião de carga. - Os outros já estão todos a bordo.

Quando se aproximava do avião de carga, Race viu aparecer uma mulher, à porta lateral. Reconheceu-a de imediato.

-OK Will - disse Lauren O'Connor.

-OK Lauren.

Lauren O'Connor tinha trinta e poucos anos mas não parecia ter mais de vinte e cinco. Race reparou que ela tinha cortado o cabelo. Nos tempos da USC, usava o cabelo castanho comprido e ondulado. Agora, estava curto e ruivo. Muito anos noventa.

Os seus grandes olhos castanhos ainda eram os mesmos, tal como a sua pele fresca e clara. E, parada ali, à porta do grande avião de carga, descontraidamente encostada à moldura da porta, de braços cruzados e ancas hirtas, vestida com um pesado fato de caqui, estava com o mesmo aspecto que tinha quando ele a conhecera. Alta e sexy, esbelta e atlética.

-Há quanto tempo - disse ela, sorrindo.

-Podes crer - respondeu Race.

-Com que então, William Race, perito linguista? Consultor da Agência de Projectos de Pesquisa Avançada de Defesa. Ainda jogas à bola, Wili?

-Só a brincar - respondeu Race.

Nos tempos de faculdade, tinha tido boas notas em futebol americano. Era o tipo mais franzino da equipa mas também o mais rápido. Também tivera boas notas em atletismo.

-Então e tu? - perguntou, reparando pela primeira vez na aliança que ela tinha no dedo.

Teria casado?, perguntou a si mesmo.

-Olha, para começar, estou muito entusiasmada com esta missão - disse ela, com um brilho nos olhos. - Não é todos os dias que se toma parte numa caça ao tesouro.

-É disso que se trata?

Antes de Lauren poder responder, um som agudo e prolongado fê-los voltar a cabeça.

O F-15 tinha parado a cerca de dez metros do avião de carga e, assim que a capota do cockpit se abriu, o piloto saltou para o asfalto molhado da pista, correndo na direcção deles, curvado sob a forte chuvada. Trazia consigo uma pasta.

O piloto chegou ao pé de Nash e entregou-lhe a pasta.

-Doutor Nash - disse. - o manuscrito.

Nash pegou na pasta e caminhou rapidamente para o sítio onde estavam Race e Lauren.

-Muito bem - disse, empurrando-os para dentro do avião de carga. - Está nahora de o circo começar.

O gigantesco avião de carga acelerou pela pista e elevou-se rumo ao céu coberto de nuvens.

Era um Lockheed Hércules C-130E e o seu interior estava dividido em duas secções: o compartimento de carga, na parte inferior, e a cabina de passageiros, na superior. Race sentou-se na cabina de passageiros, juntamente com os outros cinco cientistas que iam participar na expedição.

Os seis Boinas Verdes que os acompanhavam viajavam no porão de carga, verificando e municiando o armamento.

Dos cinco civis, Race conhecia dois: Frank Nash e Lauren O'Connor.

-Teremos tempo para as apresentações mais tarde - disse Nash, sentando-se ao lado de Race, com a pasta ao colo, o mais importante, agora, é você deitar mãos à obra.

Começou a abrir os fechos da pasta.

-Pode dizer-me para onde vamos? - perguntou Race.

-Ah, sim, claro - respondeu Nash. - Peço desculpa por não lhe ter podido dizer antes mas o seu gabinete não oferecia segurança. As janelas podiam estar lasadas.

-Lasadas?

-Podiam haver algum dispositivo de escuta teleguiado por raios laser.

Quando se fala num gabinete como o seu, a voz faz

vibrar as janelas. A maior parte dos arranha-céus de escritórios modernos estão equipados de forma a tornar inoperantes os dispositivos de escuta direccionais. Têm emissores electrónicos de sinal espalhados pelas janelas todas, para baralhar as frequências. Os edifícios mais antigos como o seu, não. Era muito fácil alguém ouvir o que se dizia no gabinete.

-E, então, para onde vamos?

-Vamos para Cuzco, no Peru. Era a capital do império Inca, antes da chegada dos conquistadores espanhóis, em 1532 - esclareceu Nash. - Hoje, é apenas uma grande cidade de província, com algumas ruínas Incas, que são uma grande atracção turística, segundo dizem. Vamos voar directamente para lá, com um ou dois reabastecimentos em voo, pelo caminho.

Nash abriu a pasta e tirou qualquer coisa para fora.

Era uma pilha de folhas soltas A3, talvez quarenta no total. Race viu a folha do topo da pilha. Era uma fotocópia de uma capa ilustrada.

Era o manuscrito de que Nash tinha falado antes ou, pelo menos, uma fotocópia.

Nash passou-lhe a pilha de papel para a mão e sorriu. -Esta é a razão pela qual você aqui está.

Race agarrou na pilha e virou a capa.

Claro que Race já tinha visto vários manuscritos medievais. Manuscritos minuciosamente reproduzidos à mão, por monges devotos da Idade Média, nos tempos anteriores à imprensa. Tais manuscritos caracterizavam-se pela complexidade de pormenor e pela habilidade quase impossível da sua concepção: caligrafia perfeita, incluindo capitulares maravilhosamente trabalhadas (a letra inicial do início de cada novo capítulo) e, nas margens, iluminuras ricas em pormenores, concebidas para transmitir o sentido da obra. Luminosas e alegres, para os livros mais leves. Sombrias e assustadoras, para as narrativas mais melancólicas ou lúgubres. O pormenor era tal que se dizia que um monge podia levar uma vida inteira para reproduzir um único manuscrito.

Mas o manuscrito que Race agora segurava nas mãos, mesmo em fotocópia a preto-e-branco, era algo como ele nunca tinha visto.

Era magnífico.

Race foi folheando as páginas.

A caligrafia era soberba, precisa e intrincada e as margens estavam cobertas de desenhos de vinhas entrelaçadas. Estranhas estruturas de pedra, cobertas de musgo e sombras, ocupavam os cantos inferiores de cada página. O efeito global era de escuridão e ameaça, de pura malevolência.

Race voltou à capa. Podia ler-se:

NARRA TIO VER PRIES TO IN R URIS INGARIIS: OPERIS ALBERTO LUIS SANTIAGO ANNO DOMINI MDLX17

Race traduziu. A verdadeira narração de um monge, na terra dos Incas: um manuscrito de Alberto Luís Santiago. Datado de 1565.

Race voltou-se para Nash.

-Muito bem. Acho que está na altura de me dizer o que vem a ser esta suamissão.

Nash explicou.

o irmão Alberto Santiago fora um jovem missionário franciscano, enviado para o Peru juntamente com os conquistadores espanhóis. Enquanto os conquistadores violavam mulheres e pilhavam o país, os monges como Santiago deviam converter os nativos incas à sabedoria da Santa Igreja Católica Apostólica Romana.

-Apesar de ter sido escrito em 1565, bem depois do eventual regresso de Santiago à Europa - disse Nash - diz-se que o Manuscrito de Santiago relata um incidente ocorrido por alturas de 1535, durante a conquista do Peru por Francisco Pizarro e pelos seus homens. De acordo com monges medievais que afirmam tê-lo lido, o manuscrito conta uma história extraordinária: a da perseguição obstinada feita por Hernando Pizarro a um príncipe inca que, durante o auge do cerco a Cuzco, se escapuliu com o ídolo mais venerado do povo Inca e fugiu para as selvas do Leste do Peru.

OTEMPLO

Nash deu meia volta na cadeira.

-Walter - disse, acenando para o homem de óculos e de cabelo ralo, sentado do outro lado da passagem. - Dá-me aqui uma ajuda. Estou a falar do ídolo com o Professor Race.

Walter Chambers levantou-se do seu lugar e sentou-se na cadeira em frente a Race. Era um homem baixo, careca em tres quartos da cabeça, com ar de rato de biblioteca, o tipo de homem que usava laço para ir trabalhar.

-William Race, Walter Chambers - apresentou Nash.

- o Walter é antropólogo em Stanford. É especialista em culturas da América Central e do Sul: Maias, Azetecas, Olmecas e, em especial, Incas. Chambers sorriu.

-Então, quer informações sobre o ídolo? -Parece que sim - respondeu Race.

-Os Incas chamavam-lhe «o Espírito do Povo» - disse Chambers. - Era um ídolo de pedra mas esculpido num estranho tipo de pedra, uma pedra negra e brilhante, com finíssimos veios de cor púrpura.

«Era o bem mais precioso do povo Inca. Na verdade, consideravam-no como sendo a sua própria essência. E, quando digo isto, é literalmente isto que quero dizer. Para eles, o Espírito do Povo era mais que um mero símbolo do seu poder. Consideravam-no a verdadeira e exacta fonte desse poder. E, de facto, existem histórias acerca do seu poder mágico, de como conseguia acalmar os animais mais ferozes e de como, quando mergulhado em água, o ídolo cantava.

-Cantava? - perguntou Race.

-Exacto - respondeu Chambers. - Cantava.

-Muito bem. E como é que é esse ídolo?

- o aspecto do ídolo tem sido descrito em muitos sítios, incluindo nas duas obras mais completas sobre a conquista do Peru, a Relación, de Jérez, e os Comentários Reais, de de la Vega. Mas as descrições variam. Algumas afirmam que tinha cerca de trinta centímetros de altura, outras que tinha apenas quinze; algumas dizem que era maravilhosamente esculpido e suave ao tacto, outras que tinha arestas irregulares e aguçadas. No entanto, há uma coisa que é

comum a todas as descrições do ídolo: o Espírito do Povo era esculpido em forma de uma cabeça de jaguar com os dentes arreganhados. Chambers inclinou-se para a frente, na cadeira, e prosseguiu: -Assim que soube da sua existência, Hernando Pizarro cobiou-o. E, mais ainda, depois de os zeladores do ídolo, no santuário de Pachacárnac o terem feito desaparecer, mesmo diante do seu nariz. Está a ver, Hernando Pizarro era, provavelmente, o mais brutal de todos os irmãos Pizarro que foram para o Peru. Imagino que, nos dias de hoje, lhe chamaríamos um psicopata. Segundo alguns relatos, ele era capaz de torturar aldeias inteiras, só por divertimento. E sua demanda do ídolo tornou-se uma obsessão. Aldeia após aldeia, cidade

após cidade, onde quer que chegasse, exigia saber qual o paradeiro do ídolo. Mas, por mais nativos que torturasse, por mais aldeias que incendiasse, os Incas nunca lhe diziam onde estava o seu precioso ídolo. «Mas, depois, fosse lá como fosse, em 1535, Hernando descobriu onde estava escondido o ídolo. Encontrava-se numa enorme câmara subterrânea, no Coricancha, o famoso Templo do Sol, no centro da cidade sitiada de Cuzco. «Infelizmente para ele, Hernando chegou a Cuzco mesmo a tempo de ver um jovem príncipe chamado Renco Capac fugir com o ídolo, numa ousada correria entre as fileiras dos incas e dos espanhóis. Segundo alguns monges medievais que o leram, o Manuscrito de Santiago descreve em pormenor a perseguição de Hernando a Renco, após a fuga do jovem príncipe de Cuzco, uma caçada alucinante, que o levou a atravessar os Andes e a internar-se na floresta amazónica.

- o que acontece é que o manuscrito - interrompeu Nash
- revela a localização do Espírito do Povo.

Então era isso, pensou Race, eles iam atrás do ídolo.

Mas não disse nada. Principalmente porque não fazia sentido nenhum.

Por que razão o Exército dos EUA enviaria uma equipa de cientistas nucleares para a América do Sul, à procura de um ídolo inca perdido? Ainda por cima, baseando-se num manuscrito com quatrocentos anos, escrito em latim? Mais valia andarem a seguir as indicações de um mapa do tesouro de piratas.

-Eu sei o que está a pensar - disse Nash. - Se alguém me tivesse contado a mesma história, na semana passada, eu pensaria o mesmo que você. Mas também, até há algumas semanas atrás, ninguém sabia onde se encontrava o Manuscrito de Santiago.

-Mas, agora, tem-no consigo - observou Race.

- Não - respondeu Nash, secamente. - Temos uma cópia. E há alguém que tem o original.

-Quem?

Nash apontou para o dossier que Race tinha no colo.

-Leu aquele artigo do jornal que lhe dei há bocado? o artigo sobre os monges jesuítas que foram mortos num mosteiro, nos Pirinéus?

-sim...

-Dezoito monges assassinados. Todos eles mortos à queima-roupa por armas muito potentes. À primeira vista, parece ser uma operação de rotina de terroristas argelinos. É um facto conhecido que eles atacam mosteiros isolados e que o seu modus operandi é abater as vítimas à queima-roupa. Está claro que foi isso o que a imprensa francesa publicou.

-Mas - acrescentou Nash, levantando o dedo - aquilo que a imprensa não sabe é que, durante o massacre, houve um monge que conseguiu escapar com vida. Um jesuíta americano de licença sabática em França. Ele conseguiu esconder-se num sótão, durante o ataque. Depois de a polícia francesa o interrogar, foi conduzido à embaixada americana em Paris. Na embaixada, foi novamente interrogado mas, desta vez, pelo nosso director local da CIA.

-E?

Nash fixou friamente os olhos de Race.

-Os homens que assaltaram o mosteiro não eram terroristas argelinos, Professor Race. Eram comandos. Soldados. Soldados brancos. Tinham todos máscaras de esqui pretas e estavam todos armados até aos dentes, com um arsenal de respeito. E falavam uns com os outros em alemão.

-E o que é interessante - continuou Nash - é aquilo de que eles andavam à procura. Aparentemente, os comandos reuniram todos os monges na sala de jantar da abadia e obrigaram-nos

a ajoelhar-se. Depois, agarraram num e exigiram que ele lhes dissesse onde estava o Manuscrito de Santiago. Quando o monge lhes disse que não sabia, eles mataram dois monges, um de cada lado dele. Depois, repetiram a pergunta. Quando ele voltou a responder que não sabia, dispararam sobre mais dois monges, que estavam ao lado dele. Isto teria continuado, até

estarem todos mortos, se alguém não tivesse dito que sabia onde estava o manuscrito.

-Meu Deus... - disse Race.

Nash tirou uma fotografia da sua pasta pessoal.

-Temos razões para crer que foi este o homem responsável por tal atrocidade. Heirich Anistaze, ex-major da polícia secreta da Alemanha de Leste, a Stasi.

Race olhou para a fotografia. Era de formato A4 e mostrava um homem a sair de um carro. o homem era alto, tinha ombros largos, cabelo escuro curto, penteado para a frente, e com duas fendas estreitas a servir de olhos. Eram uns olhos duros e frios, uns olhos que pareciam estar permanentemente semicerrados. Parecia estar a meio da casa dos quarenta.

-Repare na mão esquerda dele - disse Nash.

Race olhou para a foto com mais atenção. A mão esquerda do homem estava apoiada na parte de cima da porta do carro. E Race viu.

Heirich Anistaze não tinha o dedo anelar esquerdo.

-A dada altura, durante a Guerra Fria, Anistaze foi capturado por membros de uma organização criminosa da Alemanha de Leste, que a Stasi andava a tentar eliminar. Obrigaram-no a cortar o próprio dedo e, depois, mandaram-no, pelo correio, aos seus superiores. Mas Anistaze conseguiu escapar e regressou... com todo o poderio da Stasi atrás de si. É escusado dizer que, depois disso, o crime organizado na comunista Alemanha de Leste nunca mais foi um problema.

«Mas, para nós, o mais relevante são os métodos que ele utiliza noutras circunstâncias. Está a ver, Anistaze tinha formas peculiares de obrigar as pessoas a falar. Era conhecido por executar as duas pessoas de cada um dos lados da pessoa que não lhe dava as informações que ele queria.»

Houve um curto silêncio.

-Segundo as informações mais recentes dos nossos serviços secretos - disse Nash - desde o fim da Guerra Fria, Anistaze tem trabalhado, a título não oficial, como assassino, a soldo do Governo da Alemanha unificada.

-Então, são os Alemães que têm o manuscrito original disse Race. - Como foi que vocês conseguiram uma cópia? Nash acenou com ar entendido.

-Os monges deram aos alemães o manuscrito original. o que foi escrito pelo punho do próprio Alberto Santiago, ainda sem gravuras.

«Mas o que os monges não lhes disseram foi que, em 1599, trinta anos depois da morte de Santiago, outro monge franciscano começou a transcrever o manuscrito para outro, mais elaborado, ilustrando-o de forma a ser digno dos olhos de reis. Infelizmente, este segundo monge morreu antes de completar a transcrição e o que resta é uma cópia do Manuscrito de Santiago, uma cópia parcialmente completa, que também estava na Abadia de San Sebastian. E foi essa que fotocopiámos.»

Race levantou a mão.

-OK, OK. - disse. - Esperem lá um bocadinho. Porquê toda esta mortandade etodas estas intrigas, por causa de um ídolo Inca perdido? Em que é que um pedaço de pedra com quatrocentos anos pode interessar aos Governos americano e alemão?

Nash sorriu amargamente a Race.

-É que, Professor, não é atrás do ídolo que nós andamos respondeu. - É da substância de que ele é feito.

-Como assim?

O que eu quero dizer, Professor, é o seguinte: nós cremos que o Espírito do Povo foi esculpido num pedaço de um meteorito.

- o artigo na revista - disse Race.

-Exactamente - respondeu Nash. - Escrito por Albert Mueller, da Universidade de Bona. Antes da sua morte prematura, Mueller andava a estudar uma cratera de quilómetro e meio de diâmetro, aberta pela queda de um meteorito, nas selvas do Sudoeste do Peru, num local situado a uns sete quilómetros de Cuzco. Medindo as dimensões da cratera e calculando a

velocidade a que a selva cresceu sobre ela, Mueller concluiu que um meteorito de alta densidade, com 60 centímetros de diâmetro, terá colidido com a Terra, algures entre 1460 e 1470.

- o que - acrescentou Chambers - coincide perfeitamente com o período da grande ascensão dos Incas, na América do Sul.

-Mas, para nós, o mais importante - prosseguiu Nash - é aquilo que Mueller encontrou nas paredes da cratera. Depositados nas paredes da cratera, havia vestígios de uma substância chamada tório-232. Tório-232? - perguntou Race.

É um Isótopo raro do elemento tório vulgar - esclareceu Nash - e não existe neste planeta. De facto, o tório só tem sido encontrado, na Terra, petrificado, presumivelmente em resultado de impactos anteriores de meteoritos, num passado distante. É originário da constelação das Plêiadas, um sistema de estrelas

binárias, não muito afastado do nosso, Mas como provém de um sistema solar binário, o tório tem uma densidade muito mais elevada do que os elementos mais pesados da Terra.

Agora, as coisas começavam a fazer um pouco mais de sentido para Race. Especialmente, o que se referia ao facto de o Exército enviar uma equipa de cientistas para a selva.

-E qual é, mais precisamente, a utilidade do tório? - perguntou Race.

-Meu coronel - disse, de repente, uma voz.

Nash e Race voltaram-se para ver quem era. Era Troy Copeland, um dos outros cientistas, que corria pela coxa do avião, vindo da cabina dos pilotos. Copeland era um homem alto e magro, com uma cara de falcão e uns olhos estreitos e intensos. Era um dos elementos da DARPA, um físico nuclear, recordou Race. E parecia ser um indivíduo completamente desprovido de sentido de humor.

-Temos um problema, coronel - disse Copeland.

- o que é que se passa? - perguntou Nash.

-Acabámos de receber um alerta prioritário, proveniente de Fairfax Drive - respondeu Copeland.

Race já tinha ouvido falar de Fairfax Drive. Era a abreviatura do 3701 North Fairfax Drive, Arlington, Virginia, a sede da DARPA. -Sobre? - inquiriu Nash.

Copeland respirou fundo.

-Ouve um assalto esta madrugada. Morreram dezassete seguranças. Todo o pessoal do turno da noite morreu.

Nash ficou pálido, de uma palidez mortal. -Eles não...

Com uma expressão muito séria, Copeland acenou que sim com a cabeça.

-Roubaram a Supernova.

Nash ficou a olhar lá para fora, para o vazio, por um momento.

-Foi a única coisa que levaram - acrescentou Copeland.

-Eles sabiam exactamente onde estava. Sabiam os códigos de acesso à caixaforte e tinham os cartões magnéticos para as fechaduras hidráulicas. Temos de presumir que também saibam os códigos para as câmaras de vácuo de titânio do próprio aparelho e talvez como detoná-lo.

-Fazem alguma ideia de quem foi?

- o ENCIS está lá neste momento. Os primeiros indícios apontam para uma acção de uma organização paramilitar, tipo Freedom Fighters.

-Merda - disse Nash. - Merda! Eles devem ter conhecimento do ídolo.

-Provavelmente.

-Então, temos de chegar lá primeiro.

-Concordo - disse Copeland.

Race assistia à conversa como um espectador de um jogo de ténis. Portanto, a sede da DARPA fora assaltada mas aquilo que tinha sido roubado era um mistério para ele. Uma coisa chamada Supernova. E quem eram os tais Freedom Fighters?

Nash levantou-se.

-Que avanço é que nós levamos? - perguntou.
-Talvez três horas, se tanto - respondeu Copeland.
-Então temos de nos apressar. - Nash voltou-se para Race.
-Peço desculpa, Professor Race, mas as paradas deste jogo acabaram desubir. Não temos mais tempo a perder. Agora, é imperativo que o manuscrito esteJa traduzido quando chegarmos a Cumo, porque, assim que aterrarmos, vai ser tudo a correr. Pode acreditar.
Dito isto, Nash, Copeland e Chambers afastaram-se para outra zona do avião, deixando Race sozinho com o manuscrito.
Race olhou novamente para a capa e analisou a textura grosseira da tinta negra da fotocopiadora. Depois, respirou fundo e virou a página.
Na primeira linha, escrito em fina caligrafia medieval, viu as palavras: Meus nominus est Alberto Luis Santiago et ille est meum rem...
Race traduziu: o meu nome é Alberto Luís Santiago e este é o meu relato.

PRIMEIRA LEITURA

Ao primeiro dia do nono mês do Ano da Graça de 1535, tornei-me traidor ao meu país.

A razão: ajudei um homem a fugir de uma prisão dos meus compatriícios. o seu nome era Renco Capac e dizia ser um príncipe inca, o irmão mais novo do senhor supremo deles, Manco Capac, o homem a quem chamavam Sapa Inca. Era um homem atraente, de suave pele cor de azeitona e longos cabelos negros. o que mais chamava as atenções para ele era, todavia, um grande sinal que ficava mesmo abaixo do seu olho esquerdo. Parecia um pico invertido de uma montanha e era um rugoso triângulo de pele escura sobre uma tez sem qualquer outra mácula.

Conheci Renco a bordo do San Vicente, um navio-prisão ancorado a meio do rio Urubamba, dez milhas a Norte de Cuzco, a metrópole inca.

o San Vicente era o mais abominável de todos os navios-prisão que jamais lançaram âncora nos rios da Nova Espanha, um velho galeão que já não tinha condições para navegar pelos oceanos e a que haviam sido retirados os mastros, sendo depois rebocado para terra, com o único propósito de manter cativos índios hostis e perigosos.

Munido, como é meu hábito, da minha venerada Bíblia, encadernada em couro, uma versão do grande livro com trezentas páginas escritas à mão que havia sido uma oferta dos meus pais aquando da minha entrada na Santa Ordem, eu havia chegado ao navio-prisão para ensinar a Palavra de Nosso Senhor àqueles hereges.

Foi nesta qualidade de ministro da nossa fé que encontrei o jovem príncipe Renco. Ao contrário de muitos outros que se podiam ver naquele batelão miserável - uns desgraçados imundos e feios, que, devido às vergonhosas condições que os meus compatriícios lhes impunham, mais pareciam cães que homens; ele era bem-falante e culto. Outra das suas prendas era uma sensibilidade tão rara como nunca mais vim a encontrar em homem algum. Nos olhos dele, lia-se uma bondade e um entendimento que penetraram na minha alma.

Era também dotado de considerável inteligência. Os meus compatriícios tinham chegado à Nova Espanha ia apenas para três anos mas ele já sabia falar a nossa língua. Queria, também, conhecer a minha fé e entender o meu povo e os nossos costumes e eu estava encantado por poder ensinar-lhos. SeJa como for, travámos amizade e eu visitava-o com frequência.

Então, um dia ele falou-me da sua missão.

Antes de haver sido feito cativo, assim o disse, o príncipe havia recebido ordens para viajar até Cuzco e reaver um ídolo. Não era um ídolo vulgar, diga-se, mas sim um ídolo muito venerado, talvez o ídolo mais venerado por estes índios. Um ídolo que eles diziam encarnar o seu espírito.

Mas Renco havia sido impedido de completar a sua jornada a Cuzco, pois fora capturado numa emboscada montada pelo Governador, com a ajuda dos Chancas, uma tribo muito hostil, originária das selvas do Norte e que havia sido

subjugada pelo povo Inca contra a sua vontade.

Tal como muitas mais tribos desta região, os Chancas cuidaram que a chegada dos meus compatriotas lhes daria um meio de se libertarem do jugo da tirania Inca. Foram céleres no oferecimento dos seus préstimos como informadores e como guias, em troca do que receberam mosquetes e espadas de metal, pois as tribos da Nova Espanha não conheciam nem bronze nem ferro.

Enquanto Renco me ia relatando a sua missão e o modo como havia sido capturado às mãos do Governador, vi, por trás dos seus ombros, um homem da tribo Chanca, que também se encontrava cativo no San Vicente.

O nome dele era Castino e era um homem feio e grosseiro. Alto e cabeludo, de barbas compridas e sujo, não podia ser mais diferente do jovem e eloquente Renco. Era uma criatura completamente repulsiva, o ser humano mais assustador que os meus olhos alguma vez haviam tido o infortúnio de contemplar. Um pedaço aguçado de osso furava-lhe a pele da bochecha esquerda, a marca distintiva dos Chancas. Castino estava sempre a olhar com malevolência para as costas de Renco, de cada vez que eu o ia visitar. No dia em que me falou da sua missão de reaver o ídolo, Renco mostrava-se muitíssimo perturbado.

O objecto da sua demanda, disse ele, encontrava-se fechado numa cúpula dentro do Coricancha, ou templo do sol, em Cuzco. E, nesse dia, Renco havia escutado sem ser visto a conversa de dois guardas a bordo do batelão e tomara conhecimento de que a cidade de Cuzco havia caído alguns dias antes e que os Espanhóis se encontravam dentro das suas muralhas, saqueando e pilhando sem encontrar resistência.

Também eu havia ouvido falar da tomada de Cuzco. Dizia-se que as pilhagens que por lá se faziam eram das mais ferozes de toda a conquista. Abundavam rumores acerca de soldados espanhóis que matavam os seus companheiros, tal era a cobiça provocada pelas montanhas de ouro que havia dentro das muralhas da cidade.

Tais relatos enchiam-me de tristeza. Eu havia chegado a Nova Espanha apenas seis meses antes, trazendo comigo todos os ideais inocentes de um noviço - o desejo de converter todos os nativos pagãos à nossa nobre fé católica, os sonhos de liderar uma coluna de soldados segurando bem alto diante de mim um crucifixo, as ilusões de construir grandes catedrais que fariam a inveja da Europa. Mas esses ideais depressa foram destruídos pelos actos de crueldade e ganância desmesuradas dos meus compatriotas, de que eu era testemunha todos os dias.

Assassínio, pilhagem, violação - não eram actos próprios de homens que lutavam em nome de Deus. Eram actos de bandidos e vilões. E, na verdade, nos momentos em que a minha desilusão atingia pontos mais altos, como daquela vez em que vi um soldado espanhol decapitar uma mulher para lhe roubar um colar de ouro, perguntava a mim mesmo se estaria a lutar pelo lado certo. Que os soldados espanhóis tivessem começado a matar-se uns aos outros durante a pilhagem de Cuzco não foi para mim uma surpresa.

Todavia, neste momento, devo também acrescentar que já antes havia escutado rumores sobre o ídolo sagrado de Renco. É bem sabido que Hernando Pizarro, o irmão do Governador

e seu lugar-tenente, havia oferecido uma enorme recompensa por qualquer informação que o levasse a descobrir o paradeiro do ídolo. A meu ver, era um tributo à reverência e à devoção que os Incas prestavam ao seu ídolo que nenhum deles, nem um único de entre eles, houvesse revelado onde aquele se encontrava, em troca da farta recompensa oferecida por Hernando.

Envergonha-me dizer que não creio que, em circunstâncias semelhantes, os meus compatriotas tivessem feito a mesma coisa.

Mas, de todos os relatos que havia escutado acerca da pilhagem de Cuzco, em parte alguma havia ouvido falar da descoberta do precioso ídolo inca.

Em boa verdade, se houvesse sido encontrado, a nova haver-se-ia espalhado mais depressa que o vento. Pois o afortunado soldado que o descobrisse seria de pronto armado cavaleiro, recebendo no mesmo instante do Governador

o título de marquês e passando o resto dos seus dias em Espanha, num luxo desmedido. E, todavia, ainda não se ouvia um tal rumor.

o que me levava a concluir que o ídolo ainda não havia sido encontrado pelos Espanhóis que haviam entrado em Cuzco. «Irmão Alberto», disse Renco com um olhar implorante.

«Ajude-me. Ajude-me a escapar desta jaula flutuante para eu poder completar a minha missão. Somente eu posso reaver o ídolo do meu povo. E, com os Espanhóis em Cuzco, é apenas uma questão de tempo até eles o encontrarem.» Bom.

Não encontrava palavras para lhe dizer. Eu nunca poderia cometer tal enormidade. Nunca poderia ajudá-lo a fugir. Isso faria de mim um homem a abater, um traidor ao meu país. Se fosse apanhado, também eu seria feito prisioneiro, nesta infernal masmorra flutuante. E, assim, abandonei o batelão sem proferir palavra.

Mas eu havia de voltar. E havia de conversar com Renco mais uma vez e, mais uma vez, ela havia de me pedir auxílio, numa voz plena de entusiasmo e com aqueles seus olhos implorantes.

E, de cada vez, que analisava o assunto mais de perto, a minha mente voltava sempre a dois aspectos: a minha total e ilimitada desilusão perante os actos desprezíveis dos homens a quem chamava compatriícios e, no sentido oposto, a minha admiração pela estóica recusa do povo Inca em, mesmo face a tamanha adversidade, revelar a localização secreta do seu ídolo.

Em boa verdade, nunca havia testemunhado uma devoção sem limites como aquela e invejava a fé deles. Haviam chegado até mim relatos acerca do modo como na sua demanda obsessiva do ídolo, Hernando torturava aldeias inteiras; haviam-me chegado novas das atrocidades por ele cometidas.

Perguntava a mim próprio o que faria, se visse a minha gente ser chacinada, torturada, assassinada. Em tais circunstâncias, teria eu revelado onde ficava Jerusalém?

Acabei por concluir que o faria e senti-me duplamente envergonhado.

E assim, contra minha vontade e apesar da minha fé e da fidelidade devida ao meu país, decidi ajudar Renco.

Deixei o batelão e voltei mais tarde, nessa mesma noite, levando comigo um jovem pagem, um inca de nome Tupac, tal como Renco me havia indicado.

Vestíamos ambos mantos com capuzes por causa do frio e levávamos as mãos ocultas dentro das mangas.

Chegámos ao posto da guarda na margem do rio. Aconteceu que, como a maior parte das forças do meu país se encontrava em Cuzco, participando nas pilhagens que por lá se faziam, apenas

um pequeno grupo de soldados estava a postos no pequeno acampamento, nas proximidades do batelão. Em boa verdade, só havia um guarda da noite, um rufião gordo e imundo de Madrid, com o hálito a cheirar a álcool e as unhas sujas, a guardar a ponte que levava ao batelão.

Após um segundo olhar para o jovem Tupac - era bastante habitual, por aquela altura, jovens índios servirem de pajens a monges como eu - o guarda soltou um sonoro arrote e mandou-nos escrever os nossos nomes no livro de registo.

Fui eu quem rabiscou ambos os nomes no livro. Então, depois de o ter feito, dirigimo-nos ambos para a estreita ponte de madeira que se estendia da margem até uma porta no costado do navio, a meio do rio.

Todavia, mal havíamos passado pelo nojento guarda da noite e já Tupac se voltava num rompante, agarrava o homem por trás e lhe torcia a cabeça, partindo-lhe o pescoço num instante. o corpo do guarda tombou sobre a cadeira. A brutal violência daquele acto fez-me estremecer mas, estranhamente, descobri que não sentia pena nenhuma do guarda. A minha decisão estava tomada, havia prometido fidelidade ao inimigo e já não podia voltar atrás.

Num gesto rápido, o meu jovem companheiro apoderou-se do mosquete e do pistallo ou pistola do guarda, como alguns dos meus compatriícios agora lhe

chamavam e, por último, tirou-lhe as chaves.

Sob a pálida luz azul da lua, atravessámos a frágil ponte de madeira e entrámos no batelão.

o homem que estava de guarda lá dentro pôs-se de pé mal entrámos na cabina mas Tupac: foi rápido demais para ele. Disparou a pistola contra o guarda, sem mesmo parar de andar. A explosão do tiro, no espaço fechado do navio-prisão, foi ensurdecedora. À nossa volta, os detidos acordaram estremunhados, com aquele som terrível e súbito.

Renco já estava de pé, quando chegámos à sua cela.

A chave do guarda servia perfeitamente na fechadura e a porta abriu-se com toda a facilidade. À nossa volta, os demais cativos gritavam e batiam nas grades das suas celas, implorando-nos que os libertássemos. Os meus olhos perscrutaram o espaço em redor

e, no meio de todo aquele clamor, depararam com uma visão que me gelou a alma.

Vi o índio Chanca, Castino, de pé, na sua cela, perfeitamente imóvel, de olhos fixos em mim.

Com a sua cela agora aberta, Renco correu para o corpo do guarda, tirou-lhe as armas e entregou-mas.

«Anda», disse ele, arrancando-me ao torpor causado pela mirada hipnótica de Castino.

Envergando apenas uns trapos que lhe tinham dado na prisão, Renco despiu rapidamente o guarda morto. Depois, num ápice, calçou as botas e vestiu as calças e o pesado casaco de couro que haviam sido pertença do homem caído. Mal havia acabado de se vestir e já estava de novo de pé, abrindo algumas das outras celas. Reparei que abria apenas as celas de guerreiros incas e nenhuma das celas onde se encontravam cativos pertencentes a tribos subjugadas, como os Chancas.

Então, de repente, Renco ia já a cruzar a porta, levando consigo o mosquete, ignorando os gritos dos outros prisioneiros e dizendo-me que o seguisse.

Corremos pela frágil ponte de madeira por entre uma multidão de prisioneiros em fuga. Todavia, por esta altura, já havia quem tivesse dado pelo tumulto a bordo do batelão. Quatro espanhóis, vindos do acampamento próximo da prisão chegaram à margem, a cavalo, no momento exacto em que íamos a sair da ponte. Dispararam sobre nós com os seus mosquetes, o ruído das suas armas ecoando como trovões a rasgar a noite.

Renco ripostou, manuseando o seu mosquete como o mais experiente soldado de infantaria espanhol, fazendo cair da sela um dos cavaleiros espanhóis. Os demais prisioneiros incas correram à nossa frente e derrubaram dos seus cavalos mais dois espanhóis.

o último dos cavaleiros virou a montada, de forma a ficar directamente diante de mim. Por um instante fugaz, vi-o gravar na memória o meu rosto - um europeu que ajudava aqueles idólatras. Vi a cólera brilhar nos olhos dele e, em seguida, ergueu a arma na minha direcção.

Sem ter mais nada a que recorrer, ergui apressadamente a minha pistola e disparei. Explodiu com grande ruído na minha

mão e juro pelo Livro Sagrado que o seu coice quase que me ia deslocando o ombro. o cavaleiro diante de mim caiu para trás na sela e, depois, caiu no chão desamparado, morto.

Eu fiquei ali, atordoado, de pistola na mão, a olhar fixamente para o corpo sem vida, caído no chão. Tentei convencer-me de que não havia feito nada de errado. Ele ia matar-me...

Irmão!», disse Renco, de repente.

Voltei-me de imediato e vi-o sentado num dos cavalos espanhóis.

«Anda daí!», gritou. «Pega no cavalo dele! Temos de ir para CuzCO!»

A cidade de Cuzco fica diante de um extenso vale de montanha que se estende na direcção norte-sul. É uma cidade com muralhas à volta, situada entre dois rios paralelos, o Huatanay e o Tullumayo, os quais servem, de certa

maneira, de fossos.

Num promontório a norte da cidade e acima dela, fica a construção mais impressionante do vale de Cuzco. Ali, mirando a cidade do alto como um deus, encontra-se a fortaleza de pedra de Sacsayhuaman.

Sacsayhuaman tem uma arquitetura como eu nunca vi em parte alguma do mundo. Nada em Espanha ou mesmo em toda a Europa se lhe pode comparar em dimensões e em presença de domínio absoluto.

É na verdade uma cidadela imponente. Tem uma forma vagamente piramidal e é composta por três níveis colossais, cada um deles com pelo menos cem palmos de altura, com paredes feitas de blocos de pedra pesando cem toneladas. Estes Incas não conhecem a argamassa mas compensam em absoluto essa deficiência com a sua extraordinária arte no tratamento da pedra. Em vez de fazer a união da pedra com pastas, constroem templos, palácios e fortalezas, esculpindo enormes pedras em formas regulares e colocando-as lado a lado, de forma a encaixarem perfeitamente umas nas outras. Tão perfeita é a

junção dessas pedras monumentais, tal é a precisão com que são cortadas, que ninguém é capaz de introduzir uma lâmina entre elas.

Foi neste cenário que se deu o intrigante cerco a Cuzco. Neste ponto, terá de ser dito que o cerco a Cuzco deverá incluir-se entre os mais estranhos da história da guerra moderna.

A singularidade deste cerco resulta do seguinte: durante o cerco, os invasores - os meus compatriotas, os Espanhóis, encontravam-se dentro das muralhas da cidade, enquanto os donos da cidade, o povo Inca, se encontrava do lado de fora das mesmas.

Por outras palavras, os Incas haviam montado cerco à sua própria cidade. Para dizer a verdade, esta situação foi resultado de uma longa e intrincada cadeia de acontecimentos. Em 1533, os meus compatriotas espanhóis entraram em Cuzco sem oposição e, a princípio, foram amigáveis com os Incas. Só depois de haverem começado a dar-se conta da enormidade das riquezas existentes no interior das muralhas da cidade é que todos os vestígios de civilidade se desvaneceram.

Os meus compatriotas pilharam Cuzco com um frenesi nunca antes testemunhado. Os homens nativos foram brutalmente escravizados. As mulheres nativas foram violadas. o ouro foi derretido em enormes quantidades, após o que os Incas começaram a chamar comedores de ouro aos meus compatriotas espanhóis. Aparentemente, eles pensavam que a enorme sofreguidão por ouro dos meus compatriotas advinha da necessidade que eles tinham de o comer. Em 1535, o Sapa Inca, irmão de Renco, Manco Capac, que, até então, havia adoptado uma atitude conciliatória para com os meus compatriotas, fugiu da cidade para as montanhas e reuniu um enorme exército com o qual tencionava reconquistar Cuzco.

o exército Inca - contando com 100000 homens armados somente com paus, cacetes e setas - investiu contra a cidade de Cuzco com tamanha fúria que, em apenas um dia, tomou o Sacsayhuaman, a gigantesca cidadela de pedra que domina a cidade. Os Espanhóis refugiaram-se no interior das muralhas da cidade.

E foi assim que o cerco começou.

Um cerco que haveria de durar três meses.

Nada neste mundo haveria de poder preparar-me para a visão com que deparei quando cavaleguei por entre as enormes portas de pedra, situadas na parte norte do vale de Cuzco.

Era noite mas bem podia ser dia. Por todo o lado, dentro e fora das muralhas da cidade, ardiam fogueiras. Era como se do próprio inferno se tratasse.

A maior assembleia de gente que eu alguma vez havia visto espalhava-se pelo vale diante de mim; era uma massa ondulante de gentes, que se estendia pelas colinas, do monte onde se situava a cidadela até à cidade - 100000 Incas, todos eles a pé, clamando e gritando, agitando armas e archotes.

Haviam cercado por completo a cidade. Para lá das muralhas, eram visíveis os incêndios por entre os edifícios de pedra.

Renco cavalgava à minha frente, em direcção à massa fervilhante de pessoas e, tal como o Mar Vermelho diante de Moisés, a multidão abriu-se diante dele.

E, enquanto eles se afastavam, um enorme bramido brotou das fileiras dos Incas, um grito de tamanho júbilo e fervor que me provocou arrepios na espinha.

Foi como se todos eles houvessem reconhecido Renco instantaneamente, apesar de ele estar vestido de espanhol, afastando-se para lhe dar passagem. Era como se todos e cada um soubessem da sua missão e estivessem dispostos a fazer o que estivesse ao seu alcance para lhe permitir completá-la o mais depressa possível.

Renco e eu passámos por entre a multidão em delírio, galopando a uma velocidade tremenda, enquanto as hostes de incas nos aplaudiam e se afastavam diante de nós, encorajando-nos.

Desmontámos perto da base da imponente fortaleza de Sacsayhuanan e apressámo-nos por entre uma multidão de guerreiros incas.

Enquanto caminhávamos por entre as fileiras incas, reparei que inúmeras estacas haviam sido cravadas no chão, a toda a nossa volta. No topo dessas estacas, estavam as cabeças ensanguentadas

de soldados espanhóis. Em algumas delas, haviam sido empalados os corpos inteiros de espanhóis capturados. As suas cabeças e os seus pés haviam sido cortados. Eu caminhava célere, tendo o cuidado de me manter perto do meu amigo Renco.

E, então, de pronto, a multidão afastou-se diante de nós e eu vi, ali de pé, diante de mim, junto a uma das entradas da gigantesca fortaleza de pedra, um índio sumptuosamente vestido. Envergava um estonteante manto vermelho e usava ao pescoço um colar de ouro e, na cabeça, ostentava uma magnífica coroa cravejada de pedras preciosas. Encontrava-se rodeado de pelo menos vinte guerreiros e criados.

Era Manco. o Sapa Inca.

Manco abraçou Renco e os dois trocaram algumas palavras em Quêchua, a língua dos Incas. Mais tarde Renco traduziu-as para mim da seguinte maneira:

«Estávamos preocupados com o teu paradeiro, irmão», disse o Sapa Inca. «Ouvimos dizer que havias sido capturado ou, pior ainda, que talvez estivesse morto. E tu és o único que pode entrar na cripta para resgatar o...»

Sim, irmão, eu sei», respondeu Renco. «Escuta, dispomos de pouco tempo. Tenho de entrar já na cidade. A entrada do rio já foi usada?»

«Não», respondeu Manco. «Evitámos utilizá-la, tal como tu nos aconselhaste, para não alertar os comedores de ouro para a sua existência.»

«Fizeram bem», disse Renco, que hesitou antes de voltar a falar. «Tenho mais uma pergunta a fazer-te.»

«Qual é?»

«Bassario», disse Renco. «Ele está dentro das muralhas da cidade?» Manco franziu o sobrolho.

«Bassario? Eu... eu não sei... »

«Ele estava lá, quando a cidade caiu?» «Estava, sim.»

«Onde estava ele?»

«Na prisão dos camponeses», respondeu Manco, «onde está faz mais de um ano. É esse o lugar dele. Porquê? o que queres tu de um patife como Bassario?»

«Não te preocupes com isso, irmão», respondeu Renco. «Será coisa de somenos importância, se eu não encontrar o ídolo.» Nesse mesmo instante, gerou-se uma enorme confusão atrás de nós e Renco e eu voltámo-nos ambos.

Aquilo que vi encheu o meu coração de um terror inimaginável: uma coluna de soldados espanhóis, nada menos de trezentos homens, resplandecentes nas suas armaduras prateadas e com os seus característicos elmos pontiagudos,

carregava vale adentro, vinda dos portões do lado norte, a disparar os seus mosquetes. Os cavalos tinham os corpos cobertos de placas de metal e, assim protegidos, os cavaleiros abriram uma brecha entre as forças incas.

Enquanto observava a coluna de conquistadores a abrir caminho por entre as fileiras dos incas, derrubando os índios pelos quais passavam, vi dois dos cavaleiros que galopavam à cabeça da coluna, reconhecendo ambos. O primeiro era o capitão Hernando Pizarro, irmão do Governador e homem muito cruel. O seu bigode negro e a sua barba mal cuidada eram visíveis mesmo de onde eu me encontrava, a quatrocentos passos de distância.

O segundo cavaleiro era uma figura que reconheci com algum temor. Em boa verdade, foi tanto assim, que olhei mais uma vez para ele. E o meu pior receio confirmou-se.

Era Castino, o brutamontes Chanca que estava no San Vicente com Renco. Só que agora não trazia grilhões nas mãos: cavalgava livre, ao lado de Hernando.

Foi então que, de pronto, compreendi tudo.

Castino por certo havia escutado as conversas com Renco... Estava a conduzir Hernando à cripta no interior do Coricancha. Renco também se apercebeu disso.

«Pelos deuses», exclamou, voltando-se apressado para o irmão. Tenho de ir. Tenho de ir já.»

«Bons ventos para ti», disse Manco.

Renco fez um curto aceno ao Sapa Inca e, de seguida, virou-se para mim e disse em espanhol:

Vem. Temos de nos apressar.»

Deixámos o Sapa Inca e corremos para o lado sul da cidade, o lado mais distante do Sacsayhuaman. Enquanto isso, vi Hernando e os seus homens carregar sobre a porta norte da cidade.

«Onde vamos?», perguntei, enquanto seguíamos, apressados, por entre a multidão enfurecida.

«Para o rio de baixo.»

E foi tudo o que o meu companheiro disse por resposta. Por fim, chegámos ao rio que corria junto à muralha sul da cidade. Eu olhei para cima, para a muralha, do outro lado do rio, e vi soldados espanhóis nas ameias armados de mosquetes e espadas. A luz alaranjada dos incêndios que ardiam por detrás deles, punham em destaque as suas silhuetas.

Firme nos seus propósitos, Renco caminhava em direcção ao rio e, para minha grande surpresa, entrou na água, com botas e tudo.

«Espera», gritei-lhe. «Onde vais?»

«Ali para baixo», respondeu ele, indicando a água.

«Mas eu... eu não posso. Eu não posso entrar contigo aí.» Renco agarrou o meu braço com firmeza.

«Meu amigo Alberto, eu agradeço-te do fundo do coração por tudo o que fizeste, pelo risco que correste ao ajudar-me a completar a minha missão. Mas agora tenho de me apressar, se quiser ser bem sucedido na minha demanda. Vem comigo, Alberto. Fica comigo. Completa a minha missão comigo. Olha para estas gentes. Enquanto estiveres comigo, és um herói para elas. Mas, quando deixares de estar a meu lado, não passarás de mais um comedor de ouro, que tem de ser morto. E, agora, tenho de ir. Não posso ficar para trás contigo. Se ficares aqui, não poderei ajudar-te. Vem comigo, Alberto. Vais ter de ousar viver.»

Olhei para os guerreiros incas, por trás de mim. Mesmo somente com os seus paus e bastões primitivos, pareciam ferozes e perigosos. Vi a cabeça de um soldado espanhol, numa estaca ali perto, com a boca aberta como que num bocejo grotesco.

«É melhor ir contigo», disse eu, virando-me e entrando na água até à cintura, ao lado dele.

«Muito bem», disse ele. «Respira bem fundo e segue-me.»

E, dito isto, Renco susteve a respiração e desapareceu debaixo de água. Eu abanei a cabeça, sem pensar mais, sustive a respiração e fui atrás dele,

debaixo de água.

Silêncio. Os cânticos e gritos das hostes incas haviam deixado de se ouvir. No meio da escuridão das águas turvas do rio, segui as pisadas de Renco ao longo de um túnel de pedra, escavado na parte submersa da muralha da cidade.

Foi difícil avançar pelo túnel cilíndrico submerso, tão estreito ele era. E pareceu-me levar uma eternidade a percorrê-lo. Mas então, mesmo quando os meus pulmões pareciam querer rebentar, vi o fim do túnel e as ondas da superfície da água e nadei com mais denodo naquela direcção.

Emergi numa espécie de esgoto subterrâneo, iluminado por tochas presas à parede. A água dava-me pela cintura e eu estava rodeado por húmidas paredes de pedra. Diante de mim, abriam-se túneis quadrados, mergulhados na escuridão. o fedor de fezes humanas pairava no ar.

Renco caminhava pela água, bem à minha frente, em direcção a um cruzamento na rede de túneis. Eu apressei-me a segui-lo. E lá fomos, pelos túneis fora. Para a esquerda e, depois, para a direita para a esquerda e, depois, para a direita. E assim avançámos com rapidez por entre aquele labirinto subterrâneo. Nem uma única vez Renco pareceu ter dúvidas ou estar perdido. Entrava em túnel após túnel, com ousadia e afoiteza.

Depois, subitamente, parou e olhou para o tecto de pedra acima das nossas cabeças.

Perplexo, parei, logo atrás dele, Não conseguia ver qual a diferença entre aquele túnel e qualquer dos muitos outros que havíamos percorrido até àquele momento.

E, então, por razões para mim desconhecidas, Renco mergulhou naquelas águas fétidas. Momentos mais tarde, emergiu, segurando uma pedra do tamanho do punho de um homem. Em seguida, trepou para fora da água e ficou escarranchado, de costas coladas à parede, sobre uma estreita saliência que ladeava o túnel e, com a pedra que havia acabado de apanhar, começou a bater numa das lajes de pedra que formavam o tecto do túnel.

Bum! Bum! Bum!

Renco aguardou alguns instantes. Em seguida, repetiu a sequência.

Bum! Bum! Bum!

Era uma espécie de código. Renco desceu da saliência para a água e ficámos ambos a olhar para o tecto, em silêncio, à espera de que acontecesse alguma coisa.

Não aconteceu nada.

E nós continuámos à espera. Então, reparei num pequeno símbolo gravado no canto da rocha na qual Renco havia batido. Era um círculo no interior do qual havia sido inscrito um V duplo.

Então, de súbito, ouviu-se um bum, bum, bum - uma série de pancadas abafadas provenientes do outro lado da laje. Era alguém que repetia o código de Renco.

Renco suspirou de alívio. Voltou a trepar de novo para a saliência e produziu uma nova sequência de batidas.

Momentos depois, aquela imensa laje quadrangular do tecto foi arrastada, gemendo, estridentemente, ao roçar pelas lajes vizinhas, até revelar um buraco escuro, que parecia uma caverna, acima de nós.

Renco saiu de imediato da água e desapareceu no buraco aberto no tecto. Eu fui atrás dele.

Deparei com o mais esplendoroso dos salões, uma enorme câmara em forma de cripta, com as quatro paredes laterais decoradas

com magníficas imagens douradas. As paredes eram feitas de blocos de pedra maciços, cada um com uns três metros de largura e, provavelmente, com a mesma espessura. Não se via qualquer porta, à excepção de uma pedra, mais pequena, esta somente com perto de dois metros de alto, embutida numa das sólidas paredes. Encontrava-me na cripta do Coricancha.

Uma única tocha iluminava o espaço da caverna. Era empunhada por um enorme

guerreiro inca. Três outros guerreiros, também eles altos, estavam parados atrás do portador da tocha, olhando-me fixamente.

Todavia, havia mais uma pessoa na cripta. Uma mulher idosa, que só tinha olhos para Renco.

Era uma mulher formosa, de cabelos grisalhos e pele enrugada, e imaginei que, na sua juventude, havia de ter sido uma mulher de extraordinária beleza. Envergava somente uma simples túnica de algodão branco e usava uma tiara de ouro e esmeraldas. E devo dizer que, nas suas vestes brancas e simples, tinha o ar angélico, quase divinal, de uma sacerdotisa de...

Bum! Ao ouvir aquele som repentino, voltei-me. Renco voltou-se também.

Bum! o som parecia vir do lado de fora da parede. Alguém estava a investir contra a porta de pedra.

Fiquei paralisado de medo. Os espanhóis.

Hernando. Estavam a tentar entrar.

A velha sacerdotisa disse algo a Renco em Quêchua. Renco respondeu

prontamente e, em seguida, apontou para mim. Bum! Bum!

Então, a velha sacerdotisa voltou-se num ápice, para um pedestal que havia atrás dela. Repousando no pedestal, vi um objecto coberto por um pano de seda de cor púrpura.

A sacerdotisa agarrou naquele objecto, com pano e tudo, e, a despeito das batidas insistentes na porta, entregou-o solenemente a Renco. Eu ainda não havia conseguido vislumbrar o que estava

por debaixo do pano. o que quer que fosse era mais ou menos do tamanho de um crânio humano.

Renco pegou no objecto, com reverência. Bum! Bum!

Por que razão se movia ele com tamanha lentidão, interroguei-me incrédulo, enquanto o meu olhar se dirigia para as paredes, que tremiam em redor de nós.

Depois de ter o objecto bem seguro nas suas mãos, Renco removeu o pano, lentamente.

E, então, eu vi-o.

E, por um instante, só fui capaz de o olhar fixamente. Diante de mim estava o ídolo mais belo que alguma vez havia visto e, ao mesmo tempo, também o mais assustador.

Era completamente negro, esculpido num bloco quadrado de uma pedra absolutamente fora do comum. Era grosseiro e com arestas aguçadas e tinha formas agrestes e desalinhas. A meio do bloco, havia sido esculpido o focinho de um feroz gato de montanha, de fauces arreganhadas. Era como se, enlouquecido pela fúria e pela ira, o gato houvesse conseguido empurrar a cabeça para fora da própria pedra.

Imperfeições na rocha, umas finas estrias de uma lustrosa tonalidade púrpura, estendiam-se na vertical ao longo do focinho do gato, conferindo-lhe um aspecto ainda mais aterrador, como se, em boa verdade, tal fosse possível.

Renco voltou a cobrir o ídolo. Ao fazê-lo, a velha sacerdotisa aproximou-se dele e colocou-lhe algo à volta do pescoço. Era um fino cordão de couro, com uma espantosa pedra verde pendurada, uma magnífica esmeralda reluzente que tinha, sem dúvida, o tamanho aproximado de uma orelha humana. Renco aceitou a oferenda com um gesto solene e, de seguida, voltou-se para mim, apressado. «Agora, temos de ir», disse ele.

Então, com o ídolo debaixo do braço, encaminhou-se para o buraco aberto no chão. Eu corri atrás dele. Os quatro enormes guerreiros seguraram na laje, que iria cobrir a nossa via de fuga. A velha sacerdotisa não se mexeu.

Renco desceu para o esgoto. E eu desci atrás dele. Todavia, ao começar a descer, dei-me conta de uma coisa bastante estranha.

A cripta estava silenciosa.

As batidas no exterior haviam cessado.

Estava eu a ponderar esta singularidade, quando me apercebi de que as batidas haviam cessado fazia já algum tempo.

Foi então que a entrada da cripta explodiu de fora para dentro. Um grande clarão branco iluminou as bordas da enorme porta e, um instante mais tarde, aquela enorme entrada de dois metros explodiu em mil pedaços, fazendo chover sobre a sala da cripta estilhaços de rocha do tamanho do punho de um homem.

Eu não era capaz de explicar aquilo. Um aríete não conseguiria desfazer tão prontamente uma pedra daquele tamanho...

Então, quando o fumo e o pó perto da porta assentaram, eu vi o grande cano negro do canhão, que ocupava o lugar antes ocupado pela porta.

Senti que o meu cérebro andava à roda.

Eles haviam deitado a porta abaixo com um canhão! Vem, gritou Renco, do esgoto por baixo de mim.

Comecei de imediato a descer pela abertura, ao mesmo tempo que, por entre a nuvem de pó, os primeiros soldados espanhóis entravam de rompante, disparando os seus mosquetes em todas as direcções.

E, ao desaparecer pelo buraco adentro, a última coisa que vi foi o capitão, Hernando Pizarro, entrando a correr no interior da cripta, de pistola na mão. Os seus olhos ostentavam uma expressão selvagem e a sua cabeça voltava-se para um lado e para o outro, à procura do ídolo pelo qual tanto ansiava.

E, então, num momento de puro horror, vi Hernando olhar directamente para os meus olhos.

Desvairado, arrastei-me ao longo dos escuros túneis de esgotos, tentando com todas as minhas forças acompanhar Renco. Enquanto isto, ouvi gritos em espanhol, ecoando pelas paredes de pedra dos túneis e vi longas sombras atemorizantes, estendendo-se pelas paredes atrás de nós.

Na minha dianteira, Renco continuava a avançar pela água imunda, com o ídolo inca debaixo do braço.

Seguimos apressados pelos túneis, com a água pela cintura, virando à direita, tornando à esquerda, tecendo o nosso caminho por entre o escuro labirinto de pedra, de volta à entrada do rio e à liberdade.

Passado pouco tempo, todavia, comecei a dar-me conta de que íamos na direcção errada.

Renco não se encaminhava para a entrada no rio. «Para onde vamos?», gritei, para diante de mim. «Continua a andar!», respondeu ele.

Estava eu a virar uma esquina, quando a tocha por cima da minha cabeça foi arrancada do seu suporte por um tiro de mosquete. Voltei-me e vi um grupo de seis conquistadores, a correr pelo túnel atrás de mim, com a luz da chama da tocha da passagem, a brilhar sobre os seus capacetes.

«Eles estão mesmo atrás de nós!», gritei.

«Então corre mais depressa!»

Mais tiros de mosquete soaram, ecoando que nem trovões, quase me ensurdecendo. Os seus projecteis explodiam contra a pedra húmida das paredes, ao nosso redor.

E foi então que, mesmo diante de mim, eu vi Renco saltar para uma plataforma e empurrar com o ombro uma laje de pedra do tecto, uma laje que tinha a mesma marca misteriosa que havia visto antes, o círculo com o duplo V inscrito dentro dele. Saltei para a plataforma, para junto dele, e ajudei-o a empurrar a pedra para cima, deixando a descoberto o estrelado céu nocturno.

Renco trepou primeiro e eu segui logo atrás dele. Fomos dar a uma estreita rua empedrada, flanqueada de um lado e doutro por impenetráveis paredes cinzentas.

Eu comecei a recolocar apressadamente a laje no seu sítio quando, de pronto, um tiro de mosquete vindo do interior do túnel, silvou contra a borda do buraco, falhando por pouco os meus dedos.

Deixa estar isso. Anda. É por aqui», disse-me Renco, puxando-me para a estreita viela.

As paredes de ambos os lados da rua tornaram-se numa mancha indistinta de

cinzento, enquanto nós quase voávamos pelo labirinto de ruas de Cuzco, com os soldados de Hernando mesmo atrás de nós.

Enquanto fugíamos aos nossos perseguidores, víamos, de quando em quando, brigadas de tropas espanholas correndo pelas ruas, em direcção às muralhas. Também vimos, envergonho-me de o dizer, estacas não muito diferentes das que havíamos visto fora das muralhas da cidade. Erguiam-se em todas as praças da cidade, filas e filas de estacas, nas quais haviam sido empalados os corpos horrivelmente mutilados de guerreiros incas, a quem haviam sido arrancados as cabeças, as mãos e os órgãos genitais.

Numa dessas praças, Renco viu um arco inca, que pendia de um dos corpos profanados. Apoderou-se do arco e da aljava cheia de setas que se encontrava no chão, junto ao corpo, e voltou a esgueirar-se pelo labirinto de vielas. Eu seguia-o de perto, não ousando perdê-lo de vista.

Passado algum tempo, todavia, Renco virou-se repentinamente e entrou num edifício. Era uma estrutura de pedra achatada, notavelmente sólida. Em boa verdade, era tão sólida que quase parecia ser fortificada.

Percorremos várias câmaras exteriores, antes de descermos um lance de degraus de pedra e chegarmos a uma câmara subterrânea muito ampla.

A câmara estava dividida em dois níveis, um nível inferior amplo e um nível superior que pouco mais era que uma galeria, que se estendia ao longo de todo o perímetro da sala.

Mas foi o andar inferior que me chamou a atenção.

Havia quase uma centena de buracos, cavados no chão de terra batida - poços sobre os quais se estendia uma rede de estreitas pontes de pedra. Com um estremecimento de temor, percebi onde me encontrava.

Estávamos num calabouço inca.

Lembrei-me então de que estes Incas ainda não haviam descoberto o ferro, pelo que não tinham barras para fazer grades. Os poços, pensei, eram a solução para este dilema.

Olhei para a galeria sobranceira ao nível inferior. Era uma passadeira de patrulha, de onde os guardas prisionais podiam observar os prisioneiros que se encontravam lá em baixo.

Renco avançava sem hesitações. Dirigiu-se a uma das estreitas pontes de pedra e espreitou para os buracos por baixo dos seus pés. Desses buracos, vinham gemidos e gritos, soltados pelos miseráveis e esfomeados prisioneiros que haviam sido abandonados nos seus poços, quando o cerco havia começado, uma semana antes.

Renco parou sobre um dos poços. Eu fui atrás dele, pela ponte de pedra, e olhei para o interior do buraco escavado na terra. E, juro, foi isto o que vi.

o buraco em si devia ter, pelo menos, cinco passos de fundo, e as paredes de terra eram verticais. Fugir era impossível. No fundo daquele buraco sujo, estava sentado um homem de estatura média. Tinha um aspecto imundo e pútrido. Embora estivesse magro, este homem não parecia perturbado, nem gritava como as restantes pobres criaturas abandonadas naquela prisão. Estava

somente sentado, com as costas encostadas à parede do poço, aparentando, quanto muito, um ar de quem está descontraído e à vontade. Aquela compostura, aquela calma impúdica, características dos criminosos deste mundo, provocou-me arrepios na espinha a mim próprio.

«Bassarrio», chamou Renco. o criminoso sorriu.

«Ora veJam só quem aqui está. o bom príncipe Renco... » «Preciso da tua ajuda», disse Renco, em voz seca.

o prisioneiro pareceu achar graça a isto.

«Não sou capaz de imaginar o que o nosso bom príncipe poderá querer das minhas habilidades», disse o criminoso, rindo. O que queres, Renco? Agora, que o teu reino está em ruínas, estarás a pensar em enveredar pela senda do crime?»

Renco olhou para a entrada da câmara subterrânea, a ver se os espanhóis já

ali haveriam chegado. Eu partilhava da sua preocupação. já estávamos naquele calabouço havia demasiado tempo.

«Eu só te vou perguntar isto uma vez, Bassario», disse Renco, com firmeza. «Se escolheres ajudar-me, eu tiro-te daí. Se não for essa a tua escolha, deixo-te aí, a morrer nesse buraco.»

«É uma escolha interessante», retorquiu o criminoso. «Então?»

o criminoso Bassario pôs-se de pé. «Tira-me deste buraco.»

Num ápice, Renco foi buscar uma escada de madeira que estava encostada a uma parede distante.

Pela minha parte, eu estava preocupado com Hernando e com os seus homens. Eles poderiam chegar a qualquer momento e ali estava Renco, a negociar com um condenado! Corri para a porta por onde havíamos entrado na prisão. Uma vez ali chegado, espreitei pelo vão da porta e vi a figura sombria e demoníaca de Hernando Pizarro, avançando a passos largos pelas escadas, em direcção a mim!

o sangue gelou-se-me nas veias perante tal visão - aqueles olhos castanhos e selvagens, o bigode negro arqueado, a áspera barba negra, por fazer havia semanas.

Girei sobre os calcanhares e comecei a correr. «Renco!», gritei.

Renco havia acabado de baixar a escada até ao poço de Bassario, quando se voltou e viu o primeiro soldado espanhol entrar de rompante no átrio da prisão, por trás de mim.

As mãos de Renco moviam-se com destreza e, ao cabo de um instante, o seu comprido arco estava em posição e com uma seta colocada. Renco disparou a arma e a seta voou pela sala, mesmo na direcção da minha cabeça. Eu baixei-me e a seta foi acertar na testa do soldado que se encontrava atrás de mim. Os pés dele voaram do chão, onde ele tombou pesadamente.

Eu corri para o labirinto de pontes de pedra sobre os poços do calabouço. Mais conquistadores entraram no átrio da prisão - e entre eles Hernando - disparando furiosamente os seus mosquetes.

Por esta altura, Bassario havia emergido do poço e, agora, ele e Renco corriam pela parte mais larga do chão de terra batida, do outro lado do átrio da prisão.

«Por aqui, Alberto!», gritou Renco, apontando para a larga porta de pedra, no extremo do calabouço.

Olhei para a abertura, do outro lado do átrio, e vi uma sólida laje quadrada, suspensa sobre esta por meio de uma coisa que parecia uma roldana. Não era uma laje muito grande, mal tinha o tamanho de um homem, mais ou menos com a mesma forma e tamanho que a abertura da porta que havia por baixo. Dois pedaços de corda esticada seguravam-na sobre o vão da porta, cada um deles com uma pedra a servir de contrapeso, o que tornava mais fácil para os guardas da prisão que se encontrassem na passadeira de patrulha da galeria de cima fazerem subir e descer a pedra sobre a abertura,

Corri para a porta,

Ao chegar ali, senti um peso terrível bater-me nas costas e fui atirado para diante. Caí pesadamente sobre uma das estreitas pontes de pedra e, para minha surpresa, vi que havia levado um soco nas costas, dado por um soldado espanhol!

o soldado ajoelhou-se ao lado do meu corpo, puxou da adaga e estava prestes a cravá-la em mim, quando, abruptamente, uma

seta o atingiu no peito. Em boa verdade, a seta embateu no soldado com tamanha força que lhe arrancou o elmo da cabeça, enquanto o corpo do soldado era atirado da ponte abaixo, para dentro do poço que ficava por baixo de nós.

Olhei para baixo, para o poço, e vi quatro prisioneiros cobertos de lama correrem sobre ele como um só homem. Perdi de vista o pobre soldado mas, um instante mais tarde, ouvi um grito do mais puro e absoluto terror. Os prisioneiros famintos que se encontravam dentro do poço estavam a comê-lo

vivo.

Olhei para cima mesmo a tempo de ver Renco escorregar para o chão, ao meu lado.

Vem!, disse ele, agarrando-me por um braço e puxando-me, para me pôr de pé. Ergui-me e vi que Bassario havia chegado à porta distante.

À nossa volta só se ouvia o troar dos disparos de mosquete, que levantavam faíscas cor-de-laranja, ao embater na ponte por baixo de nós.

Então, uma bala perdida atingiu uma das cordas que mantinham a laje quadrada suspensa sobre a entrada, do outro lado do átrio.

A corda quebrou-se, com um som agudo, e a pedra começou a descer sobre o vão da porta.

Por baixo dela, Bassario olhava aterrorizado para aquilo. Depois, voltou a olhar para Renco.

«Não», disse Renco, quase sem fôlego, ao ver a laje a baixar. A porta, que era a única saída possível do calabouço, estava a fechar-se, a quarenta passos de nós!

Avaliei a distância e calculei a velocidade a que a laje descia sobre a abertura quadrada.

Não havia maneira de lá chegarmos a tempo.

A porta estava demasiado distante, a pedra descia com demasiada rapidez.

Dentro de alguns instantes, iríamos ficar fechados dentro daquele calabouço, encurralados e à mercê dos meus compatriotas sedentos de sangue, que, naquele momento preciso, corriam por entre o emaranhado de pontes de pedra, atrás de nós, disparando os seus mosquetes.

Agora, nada nos podia salvar.

Mas, obviamente, Renco não via as coisas do mesmo modo. A despeito do corpo de mosqueteiros, que urravam a curta distância de nós, o jovem príncipe olhou em redor levemente e viu o pesado elmo de aço do soldado espanhol que havia caído no poço, por baixo de mim.

Baixou-se para o apanhar, pegou nele e, em seguida, voltou-se e arremessou-o de lado, a rebolar pelo chão poeirento do calabouço, em direcção à porta que se fechava rapidamente.

o elmo deslizou pelo chão, rolando de lado, e, enquanto isso, a sua pontiaguda crista prateada cintilava à luz das fogueiras.

A pedra quadrada continuava a descer sobre o vão da porta, já a roçar os lados da abertura de pedra.

Noventa centímetros. Sessenta centímetros. Trinta centímetros.

Nesse momento, rolando velozmente, o elmo chegou à soleira da porta e encaixou-se na perfeição entre a laje quadrada e o chão coberto de poeira, interrompendo o movimento descendente da laje. Agora, a laje havia parado a uns trinta centímetros do chão, equilibrando-se sobre a pontiaguda crista de aço do elmo!

Olhei para Renco, espantado. «Como foi que fizeste isto?», inquiri.

«Esquece», respondeu ele. «Anda!»

Corremos juntos pela ponte fora e irrompemos pela vasta extensão de chão poeirento que levava à porta parcialmente aberta, onde Bassario estava à nossa espera. Num recanto qualquer da minha mente, interroguei-me porque não teria Bassario fugido, enquanto Renco estava ocupado a salvar-me.

Talvez pensasse que tinha mais possibilidades de sobreviver, se continuasse com Renco. Ou talvez houvesse outra razão...

Disparos de mosquete, assustadoramente ruidosos, choviam à nossa volta, enquanto Renco se deitava de costas e se deixava deslizar, com os pés para diante, pela estreita abertura entre a laje e o chão. Bassario foi o seguinte. o meu deslizar foi um pouco menos elegante. Mergulhei, de cabeça para diante e peito para baixo, sobre o chão de terra batida, e contorcei-me desajeitadamente até passar para o outro lado da abertura, para um túnel murado.

Estava ainda a pôr-me de pé e já Renco retirava o elmo debaixo da grande laje quadrada, que, então, acabou de selar a porta, com um estrondo.

Quase sem fôlego, suspirei de alívio. Estávamos a salvo. Por algum tempo. «Vem», disse Renco. «Temos de nos apressar. Está na altura de dizer adeus a esta cidade maldita.»

Voltávamos às vielas. Correndo o mais que podíamos.

Renco ia à frente, seguido de Bassario e eu fechava o cortejo. A certa altura, deparámos com uma pilha de armas espanholas. Bassario agarrou num arco comprido e numa aljava cheia de setas; Renco pegou numa aljava de couro, que mais parecia um bernal, dentro da qual colocou o ídolo. Pela minha parte, escolhi um sabre comprido e brilhante. Pois, em boa verdade, embora eu seja um modesto monge, venho de uma família que pôs nesta terra alguns dos melhores esgrimistas de toda a Europa.

«Por aqui», disse Renco, dirigindo-se para umas escadas. Subimos as escadas num ápice e fomos dar a uma série de telhados desiguais. Renco apressava-se, correndo sobre os telhados, trepando pelos muros baixos que os dividiam, saltando sobre os espaços existentes entre as várias edificações. Bassario e eu fomos atrás dele até que, por fim, Renco saltou para o chão, mantendo-se encostado a um muro baixo. A sua respiração era arquejante, fazendo-lhe subir e descer o peito a grande velocidade.

Então, olhou por cima do muro. Eu fiz o mesmo. E aquilo que vi foi isto: uma vasta praça empedrada, ocupada por talvez duas dúzias de soldados espanhóis e por outros tantos cavalos. Alguns dos cavalos estavam soltos e os restantes atrelados a carroças de formas variadas.

Do lado mais distante da praça, aberto na muralha exterior da cidade, havia um grande portão de madeira. Todavia, aquele portão não pertencia à cidade de Cuzco: era antes um acrescento bastante feio, feito pelos meus compatriícios ao portão de pedra da cidade, depois de esta ter sido tomada.

Mesmo em frente ao enorme portão de madeira mas a uma certa distância deste, encontrava-se uma grande carroça rasa, puxada por dois cavalos voltados para o interior da cidade. Instalado na parte de trás dessa carroça, estava um imponente canhão, voltado na direcção oposta.

Mais perto de nós, na base da edificação onde nos encontrávamos agora, estavam cerca de trinta prisioneiros incas, com um aspecto miserável. Um grande pedaço de corda havia sido passado pelas algemas de aço que todos os prisioneiros tinham à volta dos pulsos, prendendo-os uns aos outros, numa longa cadeia de gente desalentada.

O que vamos fazer agora», perguntei a Renco, cheio de ansiedade.

«Vamos embora.» Como?» «Por ali», retorquiu, apontando para o portão, do outro lado da praça.

«E porque não pela entrada dos esgotos?», repliquei, pensando que esta seria a via de fuga mais óbvia,

«Um ladrão nunca utiliza duas vezes a mesma entrada», disse Bassario. «Pelo menos, não o faz depois de a sua presença haver sido notada. Não é assim, príncipe?»

«Assim é», respondeu Renco.

Voltei-me, a fim de avaliar o criminoso Bassario. Era, na verdade, um homem bastante belo, a despeito do seu aspecto imundo. Os olhos brilhavam-lhe e ostentava um grande sorriso

- o sorriso de um homem feliz por tomar parte numa aventura. Não posso dizer que eu partilhasse da sua alegria.

Então, Renco começou a remexer na aljava, de onde retirou algumas setas, cujas pontas se encontravam embrulhadas em tecido, o que lhes dava o aspecto de estranhos projecteis arredondados e bolbosos.

«Óptimo», disse ele, olhando em torno de si e deparando com uma tocha acesa, suspensa de uma parede, ali perto. «Muito bom mesmo.»

O que estás a planear fazer?», inquiri.

Renco não parecia estar a ouvir-me. Limitava-se a olhar para três cavalos, desatrelados e sem cavaleiro, do outro lado da praça. «Renco», insisti. O que estás a planear fazer?»

Então, Renco voltou-se para mim e um sorriso irónico iluminou-lhe o rosto.

Eu saltei para a enorme praça, com as mãos escondidas na minha capa de monge ensopada e o capuz encharcado puxado sobre a cabeça molhada. Procurava não chamar as atenções para a minha pessoa, avançando de cabeça baixa, enquanto atravessava a praça, afastando-me destramente para o lado, quando me cruzava com grupos de soldados, e baixando-me rapidamente, quando algum cavalo se punha a andar à minha volta.

Renco havia calculado que os soldados que se encontravam na praça ainda não deviam saber que um monge espanhol renegado

-eu - andava a prestar auxílio a um pequeno grupo de incas em fuga. Assim, desde que não reparassem nas minhas vestes ensopadas, eu poderia chegar até junto dos três cavalos abandonados e levá-los para uma viela das proximidades, onde Renco e Bassario os montariam.

Mas, primeiramente, eu tinha de abrir uma passagem até ao portão, o que queria dizer afastar do caminho a carroça rasa sobre a qual se encontrava o canhão. Ia ser uma tarefa difícil. Exigia que, «acidentalmente», eu assustasse os dois cavalos atrelados à carroça. Para tal, levava escondida na manga uma das setas pontiagudas de Renco, pronto para, possa Deus perdoar-me, picar com ela uma das pobres criaturas, quando passasse por elas.

Atravessei a praça muito devagar, tendo o cuidado de manter os olhos baixos, sem ousar cruzar o olhar com ninguém.

Tal como nas outras praças da cidade, também esta tinha, espetadas no chão, a toda a volta, estacas nas quais haviam sido espetadas cabeças decepadas. o sangue destas cabeças ainda estava fresco e escorria pelas estacas, até ao chão. Um imenso medo invadiu-me, ao passar por elas. Era este o destino que me esperava, se não saísse rapidamente de Cuzco.

o portão já estava à vista e, com ele, a carroça rasa colocada diante dele. Olhei para os cavalos e apertei com mais força na mão a seta, oculta pela manga. Mais dois passos e...

«Eh! Tu!», rosnou uma voz, atrás de mim. Parei mas não ergui os olhos.

Um enorme soldado, com uma grande barriga, saltou-me ao caminho, interpondo-se entre mim e os cavalos. Usava o elmo pontiagudo de conquistador numa posição perfeita e a sua voz irradiava autoridade. Era um oficial.

O que estás tu a fazer aqui?», inquiriu, sem mais rodeios. Eu disse: «Lamento, lamento muito... Fiquei retido na cidade e... » «Volta para o teu alojamento. Esta zona não é segura. Há incas dentro da cidade. julgo que andam atrás do ídolo do capitão.»

Eu nem queria acreditar. Estava tão perto do meu objectivo e, agora, mandavam-me embora! Com relutância, comecei a andar mas, de repente, uma mão forte pousou no meu ombro.

«Espera um pouco, monge...», começou a dizer o soldado. Mas deteve-se abruptamente, ao sentir que as minhas vestes estavam molhadas. «Que... » Nesse preciso instante, um zunido ecoou no ar, perto de mim e, então - zás! -uma seta embateu contra o rosto do soldado, despedaçando-lhe o nariz, do qual brotou uma explosão de sangue, que me salpicou a cara toda.

o soldado caiu que nem uma pedra. Os restantes soldados que se encontravam na praça viram-no tombar e olharam em redor, tentando ver de onde vinha o perigo.

De repente, o som de um segundo zunido cortou o ar e, desta vez, era uma seta em chamas, lançada de um dos telhados que

rodeavam a praça e que se encontravam na sombra. A segunda seta sobrevoou a carroça rasa diante de mim e foi acertar no grande portão de madeira, por trás desta.

Os gritos ecoavam no ar, enquanto os conquistadores abriam fogo contra o local, mergulhado na sombra, de onde vinham as setas.

Todavia, eu estava a olhar para outra coisa completamente diferente.

Estava a olhar para o canhão, instalado em cima da carroça e, muito em especial, para a mecha que sobressaía da sua culatra. A mecha estava a arder.

A seta em chamas - no momento, não sabia mas, agora, percebo que foi Bassario quem a disparou - havia sido tão bem apontada que incendiara a mecha do canhão!

Resolvi não esperar pelo que se iria passar a seguir. Corri tão depressa quanto pude para os três cavalos desatrelados e sem cavaleiro e, mal cheguei junto deles, o canhão em cima da carroça rasa disparou.

Foi o som mais estrondoso que jamais ouvi na minha vida. Uma explosão monstruosa, de uma intensidade e força tamanhas, que abalou o chão por baixo dos meus pés.

Uma onda crescente de fumo saiu do cano do canhão e o grande portão de madeira diante de mim quebrou-se como se fosse um pequeno ramo. Quando o fumo se espalhou, viu-se um buraco de mais de dez metros na parte de baixo do portão gigantesco.

Os cavalos atrelados à carroça rasa fugiram, devido àquela explosão repentina e tremenda. Empinaram-se e, em seguida, partiram à desfilada, galopando em direcção a uma das vielas de Cuzco, deixando desimpedido o caminho para o portão.

Os três cavalos que eu havia sido encarregado de ir buscar também se empinaram. Um deles fugiu mas os outros dois acalmaram-se rapidamente e eu segurei-os com firmeza pelas rédeas.

Os soldados espanhóis continuavam a disparar às cegas contra os telhados submersos na sombra. Eu perscrutei a escuridão. Renco e Bassario não estavam à vista.

«Monge!», gritou alguém, de repente, por trás de mim.

Voltei-me e vi aparecer Bassario, a correr, de arco na mão. «Não podias ter armado maior confusão, pois não, monge?», disse ele, sorrindo, ao mesmo tempo que saltava para a sela de um dos meus cavalos. «A única coisa que precisavas de fazer era assustar os cavalos.»

«Onde está Renco?», inquiri. (já vem», respondeu Bassario.

Então, uma vaga de gritos estridentes e irados ouviu-se por toda a praça e eu voltei-me de pronto, a tempo de ver a fila de prisioneiros incas carregar, como um só homem, sobre os espanhóis que se encontravam na praça. Os incas já não estavam presos uns aos outros por uma corda negra!

Então, de repente, ouvi um grito de morte e vi Renco, no alto de um telhado, debruçado sobre um conquistador caído, a tirar a pistola do homem, enquanto seis outros espanhóis corriam pelas escadas laterais da edificação, para tentar apanhá-lo.

Renco olhou para mim e gritou:

«Alberto! Bassario! o portão! Correi para o portão!» «E tu?», gritei em resposta.

«Eu vou já atrás de vós! », gritou Renco, baixando-se para evitar um tiro de mosquete. «Ide! Ide!»

Saltei para a sela do segundo cavalo.

Vem! gritou Bassario, dando uma pancada na garupa do cavalo. Eu incitei o meu corcel e arranquei que nem um relâmpago, voltando bruscamente o animal, para o obrigar a cavalgar em direcção ao portão.

Foi então que me virei sobre a sela e deparei com a mais assombrosa das visões.

Vi uma seta, uma seta normal e não uma seta em chamas, sobrevoar a praça, vinda dos telhados. Atrás dela, qual corpo ondulante de uma cobra, oscilava uma corda comprida, uma corda preta, a corda que havia servido para prender uns aos outros os prisioneiros incas!

A seta passou sobre a minha cabeça e, com um zunido firme, cravou-se na parte de cima do grande portão de madeira - a parte que ainda estava inteira. Mal ela ali chegou, vi esticar-se a corda que se encontrava presa a ela.

E, então, reparei em Renco, no cimo de um dos telhados, de pé, com as pernas bem abertas e a sua nova aljava bem presa ao ombro direito. Estava na outra ponta da corda e vi-o prender sobre esta o cinto de couro das suas calças espanholas, agarrando-se ao cinto com uma das mãos. Em seguida, saltou do telhado, e balançou-se, não, deslizou ao longo da corda, passando por cima da praça, agarrado ao cinto com a mão.

Alguns soldados espanhóis abriram fogo sobre ele mas o arrojado jovem príncipe serviu-se da mão que tinha livre para tirar a pistola da cintura e disparar contra eles, enquanto, a uma velocidade incrível, deslizava ao longo da corda!

Eu incitei o meu corcel, fazendo-o ir mais depressa e, a pleno galope, impeli-o para baixo da corda de Renco, no momento preciso em que ele chegava ao extremo desta. Renco largou o cinto e deixou-se cair, na perfeição, sobre a garupa do meu cavalo.

Diante de nós, qual cavaleiro consumado, Bassario transpôs o enorme buraco aberto no portão de madeira. Renco e eu fomos logo atrás, cavalgando o mesmo cavalo, e saltámos para o outro lado do portão, por entre uma chuva de tiros de mosquete.

Mergulhámos no ar frio da noite, cavalgando a toda a brida pela laje maciça de pedra que formava a ponte sobre o fosso norte da cidade, e a primeira coisa que ouvi, enquanto atravessávamos a ponte, foi o grande grito de total e absoluto júbilo, soltado pelas hostes de guerreiros incas, que se encontravam no vale, adiante de mim.

-Como é que isso está a ir? - perguntou, de repente, uma voz.

Race levantou os olhos do manuscrito, momentaneamente desorientado. Olhou lá para fora, pela pequenajanela à sua direita e viu um mar de montanhas cobertas de neve e a imensidão sem fim do céu azul sem nuvens.

Sacudiu a cabeça. Estivera tão absorvido na história que se esquecera de que se encontrava a bordo de um avião de carga do Exército.

Troy Copeland estava de pé, à sua frente. Era um dos elementos da equipa da DARPA: o físico nuclear com cara de falcão.

-Então? Como é que vai isso? - perguntou Copeland, indicando o monte depapéis que Race tinha no colo. -já descobriu a localização do ídolo?

-já descobri o ídolo - respondeu Race, remexendo no resto do manuscrito.

Tinha lido mais ou menos dois terços. - Acho que estou quase a descobrir para onde o levaram.

-Ótimo - disse Copeland, começando a afastar-se. - Vá-nos mantendo informados.

-Espere - disse Race. - Antes de se ir embora, posso fazer-lhe uma pergunta?

-Claro.

-Para que é que serve o tório-232?

Ao ouvir a pergunta, Copeland franziu o sobrolho. -Acho que tenho o direito de saber - insistiu Race. Copeland concordou, com um aceno lento de cabeça.

-Sim... sim... Acho que tem. - Respirou fundo. - Como julgo que já lhes disseram, o tório-232 não é originário da Terra. Provém de um sistema solar binário chamado Plêiades, um sistema não muito distante do nosso.

«Ora, como deve provavelmente imaginar, os planetas dos sistemas estelares binários são afectados por forças de toda a ordem, por terem dois sóis: a fotossíntese é duplicada; os efeitos da gravidade, tal como a resistência à gravidade, são enormes. Como tal, os elementos que se encontram em planetas de sistemas binários são, geralmente, mais pesados e densos do que os elementos semelhantes que existem aqui, na Terra. o tório-232 é um desses elementos.

«Foi encontrado, pela primeira vez, no Arizona, em 1972, petrificado, nas paredes de uma cratera aberta por um meteorito. E, apesar de ter estado inerte durante milhões de anos, o potencial do espécime lá encontrado pôs a comunidade dos físicos em polvorosa.

-Porquê?

-Está a ver... a nível molecular, o tório tem uma semelhança espantosa com alguns elementos terrestres como o urânio e o plutónio. Mas o tório é

imensamente mais pesado que qualquer destes dois elementos terrestres. É mais denso que os nossos dois mais potentes elementos nucleares juntos. o que significa que é infinitamente mais potente.

Race começou a sentir um arrepio de medo percorrer-lhe a espinha. Onde queria Copeland chegar com tudo aquilo?

-Mas, como eu já disse, o tório só foi encontrado na Terra, sob formapetrificada. Desde 1972, foram encontradas duas outras amostras mas, mais uma vez, qualquer delas tinha pelo menos 40 milhões de anos. o que não tem qualquer utilidade para ninguém, uma vez que o tório petrificado é inerte, quimicamente morto.

Aquilo de que temos estado à espera, nos últimos vinte sete anos, é de descobrir um espécime vivo de tório, um espécime

que ainda esteja activo, a nível molecular. E pensamos tê-lo descoberto, num meteorito que caiu nas selvas do Peru, há quinhentos anos.

-E para que serve o tório? - perguntou Race.

-Para muita coisa - respondeu Copeland. - Para muitas coisas mesmo. Para começar, tem um potencial incalculável, como fonte de energia. Algumas estimativas cautelosas indicam que um reactor a tório, devidamente concebido, geraria electricidade a um ritmo seiscentas vezes superior ao do conjunto de todas as centrais nucleares existentes nos Estados Unidos.

«Mas há ainda uma vantagem adicional. Ao contrário dos elementos nucleares terrestres, quando usado como elemento essencial de um reactor de fusão, o tório decompõe-se com um nível de eficiência de cem por cento. Ou seja, não deixa subprodutos residuais contaminados. Como tal, é diferente de todas as fontes de energia do planeta. Os resíduos do urânio têm de ser guardados em barras radioactivas. Que diabo! Até a gasolina produz monóxido de carbono. Mas o tório é limpo. É uma fonte de energia perfeitamente eficiente. Perfeita. É tão intrinsecamente puro que, com base nas nossas simulações, uma amostra dele, em bruto, emitiria apenas quantidades microscópicas de radiação passiva.

Race ergueu a mão.

-Está bem, está bem. Isso tudo parece o máximo mas, que eu saiba, a função da DARPA não é dotar a América de centrais de produção de energia. Para que mais é que serve o tório?

Sentindo-se apanhado, Copeland sorriu.

-Nos últimos dez anos, Professor, o Gabinete de Tecnologia Tática da DARPA tem estado a trabalhar numa nova arma, uma arma como nunca se viu neste mundo. é um dispositivo que tem por nome de código Supernova.

Mal Copeland disse aquela palavra, o subconsciente de Race agitou-se. Lembrou-se da conversa que tinha ouvido, entre Copeland e Nash, pouco depois de terem entrado no avião. Uma conversa em que fora referido um assalto a Falrfax Drive e o roubo de um dispositivo chamado Supernova. O que é, exactamente, a Supernova?

-Para simplificar - disse Copeland, - a Supernova é a arma mais poderosa de toda a História da humanidade. É aquilo a que se chama um destruidor de planetas.

-Um quê?

-Um destruidor de planetas. Um dispositivo nuclear tão poderoso que, depois de detonado, destruiria por completo cerca de um terço da massa terrestre. Sem um terço da sua massa, a órbita da Terra em volta do Sol, seria afectada de uma forma drástica. o planeta dispararia, sem controlo, pelo espaço fora, cada vez para mais longe do Sol. Em poucos minutos, a superfície da Terra, ou o que restasse dela, tornar-se-ia demasiado fria para sustentar vida humana. A Supernova, Professor Race, é o primeiro dispositivo construído pelo homem que é capaz de pôr termo à vida neste planeta, tal como a conhecemos. É daí que vem o seu nome, o mesmo que se dá a uma estrela que sofreu a acção de explosões internas.

Race engoliu em seco. Sentia-se terrivelmente agoniado. E a sua mente foi inundada por um milhão de perguntas. Porque construiria alguém um

dispositivo como aquele? Que motivo poderia levar alguém a construir uma arma que mataria toda a gente do planeta, incluindo os seus próprios criadores? E, posto tudo isto, porque estava o seu país a fabricá-la? Copeland prosseguiu:

- o que se passa, Professor, é que a Supernova que nós temos neste momento é um protótipo, um modelo funcional. Esse protótipo, o protótipo que foi roubado da sede da DARPA, na noite passada, é inútil. Pela simples razão de que o funcionamento da Supernova requer que se lhe junte uma coisa: tório. Ah, espantoso, pensou Race.

-Nesse aspecto - continuou Copeland - a Supernova não é nada diferente de uma bomba de neutrões. É um dispositivo de fissão, o que significa que funciona segundo o princípio da fissão do átomo de tório. Para fissionar uma massa subcrítica de tório e libertar a mega-explosão, utilizam-se duas ogivas termonucleares convencionais.

-Mas espere aí - disse Race. - Vamos ver se estou a perceber bem. Vocês construíram uma arma que é capaz de

destruir o planeta mas essa arma depende de um elemento que vocês ainda nem sequer têm?

-É isso mesmo - respondeu Copeland.

-Mas porquê? Porque está a América a construir uma arma capaz de fazer isso tudo?

Copeland abanou a cabeça.

-Essa é uma pergunta a que é sempre difícil responder. Ou seja...

-Há duas razões - interveio uma voz mais grossa, atrás de Race.

Era Frank Nash.

Nash apontou para o colo de Race, para o manuscrito. -já descobriu a localização do ídolo?

-Ainda não.

-Então, vou ser rápido, para o deixar continuar o seu trabalho. Para começar, aquilo que lhe vou dizer é absolutamente secreto. Há dezasseis pessoas no país que sabem aquilo que lhe vou contar e cinco delas encontram-se neste avião. Se você contar seja o que for a alguém, depois de esta missão estar concluída, eu irei passar os próximos setenta e cinco anos na cadeia. Fiz-me entender, Professor?

-Hum, hum.

-Ótimo. Ajustificação para a construção da Supernova tem duas vertentes. A primeira razão é a seguinte. Há cerca de dezoito meses, descobriu-se que cientistas da Alemanha, financiados pelo Estado, tinham começado a construir, em segredo, uma Supernova. A nossa resposta foi simples: se eles vão construir uma, nós também vamos.

-Que grande lógica - comentou Race.

-É exactamente a mesma lógica que Oppenheimer utilizou para justificar o fabrico da bomba atómica.

-Credo, coronel. Está a seguir as pisadas de grandes figuras

-disse Race, num tom frio. - E qual é a segunda razão? Nash disse:

-Já alguma vez ouviu falar de um homem chamado Dietrich von Choltitz, Professor?

-Não.

O general Dietrich von Choltitz era o general nazi, que comandava as tropas alemãs, na região militar de Paris, na altura da retirada de França, em Agosto de 1944. Quando se tornou evidente que os Aliados iam reconquistar Paris, Hitler enviou um comunicado a Choltitz, em que lhe mandava espalhar milhares de dispositivos incendiários por toda a cidade, antes da retirada. Depois de ele se ir embora, Paris iria pelos ares.

«Diga-se em abono de von Choltitz que ele desobedeceu a essa ordem. Não queria ficar na História como sendo o homem que tinha destruído Paris. Mas, aqui, o que é importante, é a lógica que está por trás da ordem de Hitler. Se ele não podia ficar com a França, ninguém mais ficaria com ela.»

- o que é que quer dizer com isso? - perguntou Race, cautelosamente.

-A Supernova, Professor, é apenas mais um passo na evolução de um plano estratégico de alto nível, que tem feito parte da política externa dos EUA, nos últimos cinquenta anos. Esse plano chama-se Plano Choltitz.

- o que quer dizer?

O que eu quero dizer é isto. Sabia que, durante toda a Guerra Fria, a Marinha dos EUA tinha ordens categóricas para ter um determinado número de submarinos equipados com mísseis nucleares balísticos, estacionados numa determinada altura, em determinadas zonas do mundo inteiro? Sabe porque estavam lá esses submarinos?

-Porquê?

-As ordens que esses submarinos tinham eram muito simples. Se, fosse como fosse, a União Soviética derrotasse os Estados Unidos, em qualquer confronto súbito e imprevisto, aqueles vasos de guerra, tinham ordens para lançar mísseis nucleares não apenas contra alvos soviéticos mas, também, contra as principais cidades dos territórios da Europa e dos EUA.

- o quê?

- o Plano Choltitz, Professor Race. Se não podemos ficar com ela, mais ninguém há-de poder.

-Mas assim... a uma escala global... - disse Race, quase sem poder acreditar no que acabara de ouvir.

É isso. É isso mesmo. E é aí que reside a razão para a criação da Supernova. Os Estados Unidos são a nação dominante do planeta. Se qualquer outra nação tentar alterar esta situação, informamo-la de que estamos na posse de uma Supernova funcional. Se essa nação for mais longe e se der um conflito em que os Estados Unidos sejam derrotados ou, pior ainda, incapacitados, nós detonaremos o dispositivo.

Race sentiu que o estômago se lhe contraía.

Aquilo era a sério? Aquilo é que era a política? Se não pudesse controlar o mundo, a América destruí-lo-ia?

-Como é que vocês são capazes de construir uma coisa dessas?

-E se a China decidisse fazer guerra contra os Estados Unidos, Professor Race? E se eles ganhassem? Gostava de ver o povo americano sob o jugo do regime chinês?

- o senhor preferia morrer?

-Preferia.

-E que o resto das pessoas morresse consigo - disse Race.

-Vocês devem ser os piores perdedores de todos os tempos.

-Seja como for - disse Nash, mudando de tom - a lei dos acontecimentos inesperados teve os seus efeitos sobre esta situação. A notícia sobre a criação de um dispositivo com potencial para destruir o planeta fez sair da toca algumas outras facções, facções que consideram uma arma deste tipo como um trunfo poderoso para as suas cruzadas.

-Que espécie de facções?

-Alguns grupos terroristas. Gente que, se deitasse a mão a uma Supernova operacional, encostaria o mundo à parede. -Pois - disse Race. - E, agora, a Supernova foi roubada, provavelmente por um grupo terrorista. -É isso mesmo.

-Vocês abriram a caixa de Pandora, não foi, Doutor Nash? -Pois é. Temo que assim seja. E é por isso que é imprescindível nós deitarmos a mão àquele ídolo, antes que mais alguém o faça.

Dito isto, Nash e Copeland voltaram a deixar Race sozinho com o manuscrito.

Race levou algum tempo a recompor-se. A cabeça andava-lhe à roda, Supernovas. Destruição global. Grupos terroristas. Estava a ter dificuldade em abstrair-se de tais pensamentos.

Afastou tudo aquilo da ideia, obrigou-se a concentrar-se, descobriu o sítio do manuscrito onde interrompera a leitura, a parte em que Renco e Alberto Santiago tinham acabado de fugir aparatosamente da cidade sitiada de Cuzco. Então, respirou fundo, ajeitou os óculos e voltou a mergulhar no mundo dos

Incas.

SEGUNDA LEITURA

Renco, Bassario e eu corremos toda a noite pela floresta, esporeando os cavalos, obrigando-os a galopar mais depressa do quejamais haviam galopado. Pois atrás de nós, mesmo atrás de nós, vinham os espanhóis - Hernando e a sua legião de soldados a cavalo, galopando campos fora, dando-nos caça que nem cães.

Depois de havermos saído pelas portas norte do vale de Cuzco, virámos à direita, na direcção nordeste. Chegámos ao rio Urubamba, o mesmo rio onde se encontrava o navio-prisão de Renco, e atravessámo-lo não muito longe de Pisac.

E foi assim que começou a nossa jornada, a nossa fuga desesperada pela selva.

Não irei incomodar-vos, caro leitor, com todos os incidentes insignificantes da nossa árdua jornada, pois esta durou muitos dias e são inúmeros os incidentes que, ao longo dela, foram ocorrendo. Prefiro mencionar somente as ocorrências que são pertinentes para a minha grande narrativa.

Renco havia-me dito que nos dirigíamos para uma aldeia chamada Vilcafor, da qual era chefe o seu tio. Esta aldeia situava-se nos contrafortes das grandes e longínquas montanhas do norte, no local onde essas montanhas se juntam à grande floresta tropical, a leste.

Aparentemente, Vilcafor era uma aldeia-cidadela secreta, muito bem fortificada e defendida, que a nobreza inca reservava para seu uso, em tempos de apuros. A sua localização era cuidadosamente mantida em segredo e a aldeia só podia ser encontrada seguindo uma série de totens de pedra, colocados a intervalos regulares, na floresta, e somente por quem conhecesse o código para descobrir os totens. Mas, para alcançarmos a floresta tropical tínhamos primeiro que atravessar as montanhas.

E, assim, entrámos nas montanhas, os impressionantes monolitos rochosos que dominam a Nova Espanha. Nunca será demais referir a magnificência das montanhas daquele país. Os seus íngremes penhascos rochosos e os seus cumes aguçados, cobertos de neve durante todo o ano, podem ser avistados a quilómetros de distância, mesmo por quem se encontre na densa floresta tropical das terras baixas.

Ao cabo de alguns dias de viagem, desfizemo-nos dos nossos cavalos, preferindo seguir a pé pelos delicados trilhos de montanha. Com cautela, avançámos por caminhos estreitos e escorregadios, que cruzavam as bermas de desfiladeiros íngremes. Com prudência, atravessámos longas e periclitantes pontes de corda, suspensas sobre os tumultuosos rios de montanha.

E, enquanto isto, ecoando através do labirinto de estreitos desfiladeiros por detrás de nós, ouviam-se os gritos e as passadas dos espanhóis. Passámos por várias aldeias incas, situadas no meio dos deslumbrantes vales de montanha. Todas as aldeias tinham o mesmo nome que o seu chefe: Rumac, Sipo e Fluanco.

Nessas aldeias, forneceram-nos alimentos, gulas e lamas. A generosidade daquela gente era de espantar. Era como se todos os aldeãos conhecessem Renco e soubessem qual era a sua missão e nenhum deles podia ter sido mais preste a ajudar-nos. Quando dispúnhamos de tempo, Renco mostrava-lhes o ídolo de pedra preta e eles curvavam-se diante dele, em silêncio.

Mas raras vezes dispúnhamos de tempo para tal. Os espanhóis perseguiram-nos, sem nos dar tréguas.

A dado momento, ao sairmos da aldeia de Ocuyu, uma aldeia situada na base de um vasto vale de montanha, mal havíamos

ultrapassado a crista da colina mais próxima e logo ouvimos, por trás de nós, os estampidos de pesado fogo de mosquetes. Voltei-me, para olhar para trás, para o vale.

Aquilo que vi encheu-me de terror.

Vi Hernando e os seus soldados, uma coluna gigantesca de pelo menos cem homens, avançando a pé, do outro lado do vale. Soldados a cavalo, ladeavam o extenso corpo de soldados de infantaria, correndo adiante destes em direcção à aldeia de onde havíamos acabado de sair, disparando os seus mosquetes contra os incas desarmados.

Mais tarde, Hernando haveria de dividir a sua legião de cem homens em três divisões de trinta e três homens. Em seguida, escalonou os tempos de marcha de cada divisão, de tal forma que, enquanto uma divisão marchava, a outra descansava. As divisões que haviam descansado marchariam mais tarde, substituindo o primeiro grupo, quando chegasse a sua vez, e o ciclo continuava assim. Deste modo, havia sempre uma massa de homens em movimento, uma massa que avançava cada vez mais para diante, cada vez para mais perto de nós.

E, enquanto isto, Renco, Bassario e eu íamos progredindo aos tropeções, lutando contra as agruras daqueles caminhos rochosos e selvagens, lutando contra a fadiga, a todas as horas do dia.

De uma coisa estava eu certo: os espanhóis acabariam por nos apanhar. Só restava saber quando.

Apesar disso, nós não desistíamos.

Então, a um dado momento da jornada, e - devo acrescentar - numa altura em que os meus compatriotas se encontravam tão perto de nós que podíamos ouvir as suas vozes, ecoando pelos desfiladeiros que íamos deixando para trás, detivemo-nos numa aldeia chamada Colco, que ficava situada nas margens de um rio de montanha conhecido pelo nome de Paucartambo.

Foi só ao chegarmos a esta aldeia que eu obtive um indício quanto ao motivo que havia levado Renco a incluir o criminoso Bassario na nossa jornada.

Naquela aldeia, havia uma pedreira. Conforme já disse antes, estes índios são grandes mestres da construção. Todas as suas edificações são feitas de pedras finamente talhadas, algumas das

quais chegam a ter a altura de seis homens e a pesar mais de cem toneladas. Tais pedras são extraídas de enormes pedreiras, em aldeias como Colco.

Depois de haver falado apressadamente com o chefe da aldeia, Renco foi escoltado até à pedreira, que era um buraco colossal escavado na encosta da montanha. Regressou ao cabo de alguns instantes, trazendo na mão um saco de pele de cabra. Nos lados do saco, sobressaíam os contornos aguçados de pedaços de qualquer coisa dura. Renco entregou o saco a Bassario e seguimos o nosso caminho.

Eu não sabia o que havia dentro do saco mas, nas noites em que parávamos para descansar, Bassario retirava-se para um canto do acampamento e acendia a sua própria fogueira. Em seguida, sentava-se de pernas cruzadas e punha-se a fazer qualquer coisa à volta do saco, de costas voltadas para mim e para Renco.

Ao cabo de onze dias deste árduo jornadas, saímos das montanhas e demos connosco perante uma paisagem imponente, perante uma vista como jamais alguém havia observado.

Diante de nós estendia-se a floresta tropical, um tapete ininterrupto de verde, que se alongava até à distante linha do horizonte. As únicas fracturas naquele imenso tapete eram os planaltos, umas vastas formações semelhantes a degraus que, na paisagem, marcavam a transição da acidentada cordilheira montanhosa para a verdejante bacia do rio e para as largas faixas castanhas que penetravam, ondulantes, na selva densa: os grandes rios da floresta tropical.

E, então, embrenhámo-nos na selva. Parecia o inferno na terra.

Durante dias, caminhámos sob a sombra eterna da floresta tropical. Era chuvosa e húmida e, por Deus, estava também povoada de inúmeros perigos. Cobras obscenamente gordas pendiam das árvores, pequenos roedores surgiam debaixo dos nossos pés e, numa noite, estou certo disso, distingui a silhueta velada de uma pantera, uma sombra que se sobrepunha à escuridão,

deslizando silenciosamente, com as suas patas almofadadas, sobre um ramo das proximidades.

E, ademais, havia os rios, dos quais nos espreitavam os piores perigos de todos.

jacarés. As suas tenebrosas cabeças triangulares eram o bastante para fazer gelar o sangue de um homem e os seus corpos - escuros, pesados e couraçados - tinham pelo menos seis passos de comprimento. Os olhos repulsivos daqueles répteis, observavam-nos, sem pestanejar.

Descemos os rios em canoas de junco, que nos foram ofertadas nas aldeias ribeirinhas de Paxu, Tupra e Roya. Eram embarcações pateticamente pequenas, quando comparadas com os desmedidamente grandes répteis que havia na água, a todo o nosso redor. E trepámos os íngremes rochedos dos planaltos, com a ajuda de bons guias incas.

À noite, à luz das fogueiras, Renco ensinava-me a sua língua, o Quêchua. Em troca, eu instruí-a nas mais requintadas artes da esgrima, com os dois brilhantes sabres espanhóis que havíamos escamoteado ao fugir de Cuzco. Quando não estava muito ocupado, num canto qualquer do acampamento, Bassario treinava muitas vezes com o arco, enquanto Renco e eu esgrimávamos. Aparentemente, antes de haver sido preso (porquê eu não sei), Bassario era um dos melhores arqueiros do império inca. E eu acredito. Uma noite, tal era a sua arte, vi-o lançar bem alto no ar um fruto tropical e, no instante seguinte, trespassá-lo com uma seta.

Todavia, ao cabo de algum tempo, tornou-se evidente para nós que as agruras da floresta tropical haviam retardado o avanço dos nossos perseguidores. Atrás de nós, os sons de Hernando e dos seus homens, a cortar ramos de árvores da floresta, haviam-se tornado progressivamente mais fracos. Em boa verdade, a certa altura, pensei que talvez Hernando houvesse desistido da perseguição.

Mas tal não havia acontecido. Todos os dias, os mensageiros das várias aldeias por onde havíamos passado, chegavam a correr junto de nós e contavam-nos novas do saque das suas aldeias. Hernando e os seus homens ainda vinham atrás de nós.

E, por isso, nós continuávamos penosamente a nossa jornada. Então, um dia, não muito tempo depois de havermos deixado

para trás a aldeia de Roya, numa altura em que eu seguia à cabeça da nossa expedição, afastei para o lado um grande ramo e dei comigo a fitar os olhos de uma temível criatura semelhante a um gato.

Saltei para trás, ao mesmo tempo que soltava um grito, indo cair com grande estrondo num charco de lama.

Depois disto, a primeira coisa que ouvi foi uma gargalhada abafada de Bassario.

Olhei para cima e vi que havia posto a descoberto um grande totem de pedra. o temível gato que eu havia visto era somente uma imagem de pedra, representando uma enorme criatura semelhante a um gato. Mas sobre a imagem caía um véu de gotas de água, que dava ao viajante desprevenido - eu - a impressão de se tratar de uma criatura viva.

Todavia, ao olhá-la mais de perto, dei-me conta de que a imagem de pedra do totem não era muito diferente da imagem do ídolo que era a causa da nossa delirante jornada. Era uma espécie de jaguar, dotado de grandes presas felinas, rosnando, não, rugindo ao explorador incauto que, por acaso, deparasse com ele.

Mais de uma vez, havia perguntado a mim próprio qual a razão do fascínio destes incas por gatos grandes.

Idolatravam estas criaturas, tratam-nas como se fossem deuses. Em boa verdade, os guerreiros que demonstrarem ter uma coordenação felina dos seus movimentos são os mais apreciados nos exércitos incas: ser capaz de aterrar aos pés de outrem e de começar de imediato a lutar com esse outrem é tido como uma grande habilidade. Diz-se que um tal guerreiro é dotado de finta. Na mesma manhã em que eu esbarrei, de forma tão embaraçosa, com o totem de

pedra, Renco havia-me contado que a criatura mais temida da mitologia deles é um grande gato preto, conhecido como titi, em Aimará, e como rapa, em Quêchua. Aparentemente, tal criatura é tão negra como a noite e quase tão alta como um homem, mesmo quando firmada nas quatro patas. E mata com uma ferocidade sem igual. Em boa verdade, disse Renco, é a mais temida variedade dos animais selvagens, uma espécie que mata sem qualquer outra razão que não seja o puro prazer de matar.

«Muito bem, irmão Alberto», disse Renco, estava eu ainda deitado na lama, a olhar para cima, para o totem. «Acabaste de descobrir o primeiro dos totens que hão-de levar-nos a Vilcafor.»

«Como é que eles nos vão levar até lá?», inquiri, ao mesmo tempo que me punha de pé.

Renco disse:

«Têm um código, só conhecido da mais alta nobreza inca... » «Mas, se te disser qual é esse código, ele vai ter de te matar», interrompeu Bassario, com um esgar.

Renco sorriu indulgentemente a Bassario.

«É verdade», disse ele. «Mas, na eventualidade de eu morrer, vou precisar de alguém que continue a minha missão. E, para tal, essa pessoa terá de saber o código dos totens.» Renco voltou-se para mim: «Tinha esperança de que estivesse disposto a assumir essa responsabilidade.»

«Eu?», inquiri, engolindo em seco.

Eu, sim», disse Renco. «Embora tu não as vejas, Alberto, eu vejo em ti as qualidades de um herói. Tu tens honra e coragem em quantidades maiores do que o comum dos mortais. Se mo permitires, não terei qualquer hesitação em entregar nas tuas mãos o destino do meu povo, se o pior acontecer.»

Eu baixei a cabeça e anui, acedendo ao seu desejo.

«Ótimo», disse Renco, sorrindo. «Tu, pelo contrário», acrescentou, dirigindo-se a Bassario, «causar-me-ias grandes hesitações. Agora, vai para além.»

Depois de Bassario se ter afastado alguns passos de nós, Renco aproximou-se de mim e apontou para a figura de pedra do rapa, que se encontrava diante de nós.

O código é simples», disse. «Basta seguir a direcção da cauda do rapa. Seguir a direcção da cauda do rapa... »repeti, olhando para o totem.

Da parte de trás da imagem, saía uma delgada cauda felina, que apontava para norte.

«Mas», disse Renco, de repente, «nem todas as indicações dos totens devem ser seguidas deste modo. Esta é uma regra que só os mais destacados nobres conhecem. Em boa verdade, isto só me foi

dito pela alta sacerdotiza do Coricancha, quando lá fomos buscar o ídolo.»

«Então, qual é a regra?», inquiri.

«Depois do primeiro totem, não nos podemos fiar em cada segundo totem que encontrarmos. Nesses casos, teremos que seguir o totem na direcção da Marca do Sol.»

«Da Marca do Sol?»

«É uma marca não muito diferente desta», explicou Renco, apontando para o pequeno sinal de nascença por baixo do seu olho esquerdo, a mancha castanho escura, na pele, que parecia uma montanha invertida.

«Ao chegar a cada segundo totem, depois do primeiro», disse ele, «não devemos seguir a direcção da cauda do rapa: devemos seguir na direcção da Marca do Sol.»

O que acontece, quando se continua a seguir a direcção da cauda do rapa?», inquiri. «Os nossos inimigos não acabarão por perceber que estão a ir na direcção errada, quando não encontrarem mais totens?»

Renco sorriu-me.

«Não, Alberto. Encontra-se sempre mais totens, mesmo quando se vai na direcção errada. Mas estes servem somente para conduzir os aventureiros para cada vez mais longe da cidadela.»

E, assim, fomos seguindo os totens, através da floresta tropical. Estavam espaçados a intervalos irregulares - alguns distavam somente alguns passos do anterior, outros ficavam alguns quilômetros mais adiante - e, por isso era preciso cuidar de caminhar em linha recta. Em muitos casos, éramos ajudados pelo sistema dos rios, dado que, por vezes, os totens haviam sido cuidadosamente colocados ao longo das margens.

Seguindo as indicações dos totens, avançámos em direcção a norte, cruzando a vasta bacia da floresta tropical, até que chegámos a um novo planalto, que conduzia às montanhas.

Este planalto estendia-se de norte a sul, tanto quanto a vista podia alcançar. Era uma gigantesca meseta, coberta pela selva, um simples degrau que Nosso Senhor havia feito para o ajudar a

subir da floresta tropical para os contrafortes da montanha. Era salpicado de quedas de água, ao longo de toda a sua extensão. Constituía uma visão verdadeiramente maravilhosa.

Trepámos pelo penhasco da face leste do planalto, arrastando connosco as canoas de junco e os respectivos remos. Foi então que chegámos junto do último totem, que nos indicou que subíssemos o rio, em direcção às montanhas que, com os seus cumes cobertos de neve, dominavam a floresta tropical.

Remámos contra a corrente suave do rio, por entre a chuva copiosa da tarde. Ao cabo de algum tempo, todavia, a chuva parou e, ao mesmo tempo que mergulhava na neblina que se lhe seguiu, a selva mergulhava também no mistério. o mundo ficou estranhamente silencioso e, inesperadamente, os sons da floresta cessaram de modo abrupto.

Não se ouvia o chilrear das aves. Não se ouvia o restolhar dos roedores, por entre os arbustos.

Senti um arrepio de medo percorrer-me o corpo. Havia qualquer coisa que não estava bem.

Renco e Bassario devem ter sentido o mesmo, porque agora remavam mais devagar, mergulhando silenciosamente os remos na superfície cristalina da água, como se não ousassem quebrar aquele silêncio que nada tinha de natural.

E, então, contornámos uma curva do rio e, de repente, vimos uma aldeia na margem do rio, anichada na base da cordilheira de montanhas. Uma imponente estrutura de pedra erguia-se orgulhosamente no meio de um grupo de pequenas choupanas e, a toda a volta do enclave, havia um fosso.

A cidadela de Vilcafor.

Mas nenhum de nós prestou muita atenção à grande cidadela. E também não demos muita importância à aldeia à volta dela, reduzida a ruínas fumegantes.

Não. Só tínhamos olhos para os cadáveres, para os cadáveres cobertos de sangue, amontoados na rua principal da aldeia.

SEGUNDA MAQUINAÇÃO Segunda-feira, 4 de janeiro, 15:40

Race virou a página, à procura do capítulo seguinte mas este não estava lá. Pelos vistos, aquela era a última página do manuscrito.

Raios, pensou.

Olhou pela janela do Hércules e viu os motores montados debaixo da asa pintada de verde, lá fora, e, deslizando por baixo deles, os cumes dos Andes com as suas neves perpétuas.

Voltou-se para Nash, sentado do outro lado do corredor, a trabalhar no seu computador portátil.

-Só há isto? - perguntou.

-Desculpe? - disse Nash, franzindo o sobrolho.

- o manuscrito. Só temos isto?

- o quê, já o acabou de traduzir?

-Hum... hum.

-Descobriu a localização do ídolo?

-Bem, mais ou menos - disse Race, olhando para as notas que tirara enquanto traduzia.

Diziam o seguinte:

SAI DE CUZCO ENTRA MONTANHAS.

ALDEIAS: RUMAC, IPO, FILJANCO, OCUYU.

COLCO: RIO PAUCARTAMBO, PEDREIRA AÍ.

11 DIAS CHEGA À FLORESTA TROPICAL

ALDEIAS RIBEIRINHAS: PAXU, TUPRA, ROYA.

TOTENS DE PEDRA ESCULPIDOS EM FORMA DE CRIATURA FELINA LEVAM À CIDADELA DE VILCAFOR.

CÓDIGO Dos TOTENS: SEGUIR A CAUDA DO RAPA DO PRIMEIRO TOTEM; EM CADA UM DOS SEGUNDOS TOTENS DEPOIS DESTES, SEGUIR A «MARCA DO SOL».

SEGUIU TOTENS PARA NORTE AO LONGO DA BACIA DA FLORESTA; CHEGOU A PLANATO QUE LEVA AO SOPÉ DAS MONTANHAS.

NO ÚLTIMO TOTEM, SUBIU O RIO EM DIRECÇÃO ÀS MONTANHAS; ENCONTROU CIDADELA EM RUÍNAS.

- o que é que quer dizer com mais ou menos? - perguntou Nash.

- Pois, o problema é esse - respondeu Race. - o manuscrito acabou praticamente a meio de uma frase, quando eles chegam a Vilcafor. É óbvio

que há mais para ler mas não está aqui. Race não acrescentou que estava a começar a achar a história bastante interessante e que, por acaso, não se importava de ler mais um pouco. - Tem a certeza de que só há isto?

- Receio que sim - respondeu Nash. - Não se esqueça de que este não é o manuscrito original e sim uma cópia semi-acabada, transcrita por outro monge, muitos anos depois de Santiago ter escrito o original. Só temos isto, isto foi tudo o que outro monge conseguiu copiar do original, Nash franziu o sobrolho e acrescentou:

- Estava com esperança de conseguir a localização exacta do ídolo a partir do que tem aí mas, se a localização exacta não está aí, então aquilo que preciso de saber são generalidades: onde procurar, onde começar a procurar. Nós temos a tecnologia necessária para nos indicar a localização do ídolo, se soubermos onde começar as buscas. E, pelos vistos, daquilo que leu até agora, parece que já tem dados suficientes para me poder dizer onde começar a procurar. Por isso, diga-me o que sabe.

Race mostrou-lhe as notas que tomara, contou-lhe a história de Renco Capac e da sua fuga de Cuzco. Depois, explicou-lhe que, pelo que tinha lido, Renco chegara ao destino que pretendia,

uma aldeia-cidadela na base dos Andes, chamada Vilcafor. Disse também a Nash que, desde que eles soubessem um determinado pormenor, o manuscrito indicava como chegar a essa aldeia.

- E que pormenor é esse? - perguntou Nash.

- Partindo do princípio de que os totens de pedra ainda lá estão - respondeu Race - é preciso saber o que é a Marca do Sol. Se não souber o que isso é, não pode seguir as indicações dos totens.

Nash franziu o sobrolho e voltou-se para Walter Chambers, o antropólogo e especialista em cultura inca, que estava sentado alguns lugares adiante.

- Walter. Sabes alguma coisa sobre a Marca do Sol na cultura Inca?

- A Marca do Sol? Sim, claro. O que é?

Chambers encolheu os ombros e foi ter com eles.

- Na verdade, é só um sinal de nascença. Mais ou menos como o do Professor Race - explicou, apontando com o queixo para os óculos de Race, indicando a mancha triangular escura, por baixo do olho esquerdo.

Race encolheu-se. Desde miúdo que odiava aquele sinal. Achava que parecia uma mancha de café, no meio da cara.

- Os Incas pensavam que os sinais de nascença eram marcas de distinção - continuou Chambers. - Sinais enviados pelos próprios deuses. A Marca do Sol era um tipo especial de sinal de nascença, um sinal na cara, mesmo por baixo do olho esquerdo. Era especial porque os Incas acreditavam que era um sinal enviado pelo seu deus mais poderoso, o Deus Sol. Ter um filho com um

sinal desses era considerado uma grande honra. A Marca do Sol indicava que essa criança era especial e que, fosse de que forma fosse, estava destinada à grandeza.

Race disse:

-Então, se alguém nos indicasse que seguíssemos a Marca do Sol, estaria adizer-nos para irmos para a esquerda?

-Correcto - disse Chambers, hesitante. - Acho eu.

O que é que queres dizer com «acho eu»? - perguntou Nash.

-Bem... é que, nos últimos dez anos, os antropólogos têm debatido se a Marca do Sol era do lado esquerdo ou do lado direito do rosto. As estátuas e pietogramas incas representam, universalmente, a Marca do Sol por baixo do olho esquerdo, nas imagens de pessoas, de animais ou seja do que for. No entanto, surgem alguns problemas, quando se lêem textos espanhóis, como a Relación ou os Comentários Reais, que falam de pessoas como Renco Capac e Tupac Amaru, acerca das quais se diz que tinham esta Marca. o problema é que esses livros afirmam que Renco e Amaru tinham a marca por baixo do olho direito. E, sempre que se coloca uma questão destas, há sempre enormes confusões.

-E você, o que é que acha?

-Lado esquerdo, definitivamente.

- E é dessa maneira que temos de encontrar o caminho para a cidadela? - perguntou Nash, preocupado.

-Neste caso, pode confiar na minha opinião, coronel - respondeu Chambers, em tom confiante. - Se seguirmos as estátuas para a esquerda, encontraremos a cidadela.

Nesse momento, ouviu-se o som de uma pequena campainha, a tocar perto de nós.

Race virou-se. o som viera do portátil de Nash. Devia ter acabado de chegar uma mensagem por e-mail. Nash voltou para o seu lugar, para a ler.

Chambers voltou-se para Race.

-Isto é tudo muito emocionante, não é?

-Emocionante, não é exactamente a palavra que eu usaria disse Race.

Estava apenas contente por ter terminado a tradução, antes de aterrarem em Cuzco. Se Nash ia aventurar-se pela selva atrás do ídolo, ele não queria ter nada a ver com isso.

Olhou para o relógio.

Eram 16 h 35. Estava a fazer-se tarde.

Nesse momento, Nash apareceu ao seu lado.

-Se estiver disposto a isso, Professor - disse - gostaria que viesse conosco até Vilcafor.

Havia qualquer coisa no tom de voz dele que fez parar Race. Aquilo era uma ordem e não um pedido.

-Pensei que me tinha dito que, se traduzisse o manuscrito antes de aterrarmos, eu nem precisava de sair do avião.

-Eu disse que podia ser esse o caso. Devo recordar-lhe de que eu também lhe disse que teria uma escolta de Boínas Verdes para tomar conta de si, se tivesse de sair do avião. São essas as circunstâncias, neste momento.

-Porquê? - perguntou Race.

-Providenciei que tivéssemos helicópteros, à nossa espera, em Cuzco - disse Nash. - Vamos utilizá-los para seguir a trilha de Santiago, a partir do ar. Infelizmente, pensei que o manuscrito desse mais pormenores, que fosse mais preciso na descrição da localização do ídolo. Mas, agora, vamos precisar de si, na viagem até Vilcafor, para o caso de haver algumas discrepâncias entre o texto e o terreno.

Race não gostou nada daquilo. Achava que tinha cumprido a sua parte do acordo e a ideia de se embrenhar na selva Amazónica deixava-o decididamente apreensivo.

Para mais, o tom do pedido de Nash ainda o deixava menos à vontade. Ficou com a impressão de que, agora que Nash o tinha a bordo do Hércules a

caminho de Cuzco, as suas opções e as suas possibilidades de dizer não eram extremamente limitadas. Sentia-se encurralado, levado à força para um sítio para onde não queria ir. Aquilo não fazia, de modo algum, parte do acordo.

-Não posso só ficar em Cuzco? - inquiriu timidamente.

-E manter-me em contacto convosco, a partir dali?

-Não - respondeu Nash. - De maneira nenhuma. Nós passamos por Cuzco mas não vamos partir de lá por esta via. Este avião e todo o pessoal do Exército dos Estados Unidos que está à nossa espera em Cuzco, vai sair da cidade pouco tempo depois de nós partirmos para a selva nos helicópteros. Desculpe, Professor, mas preciso de si. Preciso que me ajude a encontrar Vilcafor.

Race mordeu o lábio. Santo Deus...

-Bom... está bem - disse, relutantemente.

-Ótimo - disse Nash, levantando-se. - Ótimo. já agora... há pouco, não disse que tinha umas roupas menos formais no seu saco?

-Sim.

-Então, sugiro que as vista agora. Você vai para a selva.

o Hércules sobrevoou as montanhas.

Race saiu da casa-de-banho do compartimento de carga inferior, vestido com uma t-shirt branca e calças de ganga e calçando um par de ténis pretos - as roupas que tinha preparado para o jogo de basebol, à hora do almoço. Usava, também, um boné, um velho e gasto boné azul de basebol dos New York Yankees.

Viu os Boinas Verdes no porão em frente, ocupados a preparar e a limpar as armas, para a missão que os esperava. Um dos comandos, um cabo ruivo um pouco mais velho, chamado Jake «Buzz» Cochrane, conversava animadamente enquanto limpava a culatra da sua M-16.

-Estou a dizer-vos, rapazes, foi foder até cair - dizia ele.

-Até cair. o menu completo com aquela puta barata da Doreen. Meussenhores, vão por mim, ela é, sem dúvida nenhuma, a puta mais fode-me- agora-paga-me-depois em toda a Carolina do Sul...

Nesse instante, Cochrane voltou-se e viu Race de pé, escutando à porta dos lavabos e parou de falar.

Todos os outros Boinas Verdes se voltaram e Race sentiu-se constrangido.

Sentiu-se um intruso. Alguém que não pertencia àquele grupo. Alguém que estava deslocado, ali.

Vislumbrou o seu guarda-costas, o sargento alto, Van Lewen, do lado de fora do círculo de soldados e sorriu-lhe.

-Tudo bem?

Van Lwewen retribuiu o sorriso.

-Como vai isso?

-Bem. Mesmo bem - respondeu Race, sem convicção. Race passou pelo grupo, agora silencioso, de Boinas Verdes durões, em direcção à escada íngreme que ia dar ao convés de passageiros.

Enquanto subia as escadas, ouviu o Boina Verde chamado Cochrane murmurar qualquer coisa no porão de carga.

Sabia que a frase não se destinava a ser ouvida por ele mas, mesmo assim, ouviu-a.

Cochrane tinha dito:

-Grande paneleiro.

Race chegara ao corredor do compartimento de passageiros, quando uma voz se fez ouvir pelo sistema de som central do avião.

-Estamos a iniciar descida. Aterraremos em Cuzco dentro de vinte minutos.

A caminho do seu lugar, Race passou por Walter Chambers. o pequeno cientista de óculos tinha na mão as notas de Race e outra folha de papel.

Era um mapa qualquer, anotado com uma caneta de feltro.

Chambers olhou para Race.

-Oh, Professor - disse. - Era mesmo de si que eu andava à procura. Esclareça-me aqui uma dúvida. Estas notas aqui, «Paxu, Tupra e Roya» - acrescentou, apontando para as notas de Race.

-Estão por ordem, não estão? Quero dizer, pela ordem por que foram visitadas por Renco?

-Estão pela ordem em que aparecem no manuscrito.

-Ótimo.

-Oiça, Walter - disse Race, sentando-se ao lado de Chambers. - Há uma coisa que eu gostava de lhe perguntar.

-Sim?

-No manuscrito, Renco menciona uma criatura chamada titi ou rapa. o que é que é, exactamente?

-Ah, o rapa - Chambers, fazendo um curto aceno de cabeça. - Hum... claro, claro. Não é propriamente o meu campo, mas sei qualquer coisa sobre o assunto.

-E?

-Tal como acontece em muitas outras culturas sul-americanas, os Incas tinham um fascínio invulgar pelos grandes gatos. Erguiam-lhes estátuas, grandes e pequenas, e, por vezes, gravavam enormes baixos-relevos com figuras destas, na superfície de montanhas inteiras. Até a cidade de Cuzco foi construída em forma de puma.

«No entanto, este fascínio pelos grandes gatos é um fenómeno na realidade bastante estranho, pois a América do Sul é conhecida por não ter grandes felinos. Os únicos grandes gatos do continente são o jaguar, a pantera e o puma, que são, de facto, apenas

Nome carinhoso dado ao monstro de Loch Ness. (N. do T)

felinos de médio porte, Nada que se aproxime do tigre, que é o maior dos grandes felinos.

Chambers mudou de posição na cadeira e continuou:

-A verdade é que o rapa é uma história completamente diferente. É como se fosse uma versão sul-americana do Bigfoot ou do monstro do Loch Ness. É uma criatura lendária, um enorme gato preto.

-Tal como com o Bigfoot e com o Nessie, de tantos em tantos anos, ouve-se dizer que foram vistos: agricultores no Brasil queixam-se de que o seu gado aparece mutilado; turistas que seguiram a Rota dos Incas, no Peru, afirmam ter visto grandes felinos a correr, durante a noite; e, de vez em quando, são encontrados homens brutalmente mortos nas planícies colombianas. Mas nunca há provas. Apareceram umas fotografias mas foram todas desacreditadas... eram só umas fotografias esborratadas e desfocadas que podiam ser qualquer coisa, desde uma vulgar pantera até um urso malhado.

-Então, é um mito - comentou Race. - Um mito de gatos gigantes.

-Não podemos ignorar mitos de gatos gigantes, assim com tanta facilidade, Professor Race - disse Chambers. - São bastante comuns em todo o mundo. Índia. África do Sul. Sibéria. Talvez o surpreenda mas fique sabendo que as crenças mais fortes em lendas de gatos gigantes têm origem em Inglaterra.

-Em Inglaterra?

-A Besta de Exmoor, a Besta de Balm. Gatos gigantes que vagueiam pelas charnecas, a altas horas da noite. Nunca são capturados. Nunca são fotografados. Mas as suas pegadas são muitas vezes encontradas na lama. Caramba, se aquilo que diz é verdade, até pode ser que o Cão dos Baskervilles não fosse um cão mas um gato gigante.

Race abafou uma gargalhada e deixou Chambers entregue ao seu trabalho.

Regressou ao seu lugar. No entanto, mal tinha acabado de se sentar, quando sentiu que alguém se sentava ao seu lado. Era Lauren.

Ah, o boné da sorte - disse ela, olhando para o velho boné azul dos Yankees de Race, - Não sei se alguma vez te disse mas sempre odiei esse maldito boné.

-Disseste - respondeu Race.

-Mas tu continuavas a usá-lo. -É um bom boné.

o olhar crítico de Lauren observou a sua t-shirt, jeans e ténis. Race reparou que ela trazia vestida uma camisa de caqui, com as mangas arregaçadas, umas calças também de caqui e um par de robustas botas de campanha.

-Bela fatiota - comentou ela, antes de ele poder dizer exactamente a mesma-coisa.

O que é que queres que eu diga? - respondeu ele. Quando fiz a mala para levar para o trabalho, não estava a contar ir parar à selva.

Lauren atirou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. Era o mesmo riso de que Race se recordava, dos velhos tempos. Absolutamente teatral e de uma sinceridade bastante dúbia.

-já me tinha esquecido de como tu eras seco - disse ela. Race fez um sorriso amarelo e inclinou a cabeça.

-Como é que tens passado, Will? - perguntou Lauren, em tom simpático.

-Bem - mentiu ele. - E tu? Parece que não te tens dado mal. Quero dizer.. Uáti, a DARPA...

-A vida tem-me tratado bem - disse ela. - A vida tem-me tratado mesmo muito bem. Ouve Wili... - E lá estava. A transição. Lauren sempre tinha sido boa, quando se tratava de ir directa ao assunto. - Eu queria só falar contigo, antes de aterrarmos. Queria só dizer que não quero que o que aconteceu entre nós afecte aquilo que estamos aqui a fazer. Eu nunca te quis magoar...

-Tu não me magoastes - disse Race, talvez um pouco depressa demais. Olhou para os atacadores e acrescentou:

-Bom, pelo menos nada que não fosse ao lugar, ao fim de algum tempo.

Era já o fim da tarde, quando o Hércules aterrou pesadamente numa poeirenta pista privada, na orla do vale de Cuzco.

A equipa desembarcou directamente dentro do camião da tropa, que tinha feito a viagem até à América do Sul no grande ventre do avião. o enorme camião desceu a rampa de carga traseira e seguiu imediatamente para norte, por uma estrada mal pavimentada, em direcção ao rio Urubamba.

Foi uma viagem cheia de solavancos. Race ia sentado na traseira do camião, ao lado do seu guarda-costas, o sargento Van Lewen. Os outros membros da equipa - os três elementos da

DARPA, Nash, Lauren e Copeland, o físico com cara de falcão; Chambers, o antropólogo; e Gaby Lopez, uma atraente jovem latino-americana que era a arqueóloga da equipa - iam todos sentados ao lado dos seus guarda-costas Boinas Verdes.

A certa altura da viagem, o camião chegou a uma subida e Race pôde ver todo o vale de Cuzco.

Do lado esquerdo do vale, numa colina coberta de ervas verdes, ficavam as ruínas do Sacsayhuarnari, a grande fortaleza acerca da qual tinha estado a ler havia tão pouco tempo. Os seus três gigantescos níveis ainda se podiam discernir mas o tempo e os elementos tinham-lhe roubado a majestade. Aquilo que, quatrocentos anos atrás, fora uma fortaleza magnífica e imponente,

digna dos olhos de reis, era agora uma ruína a cair, merecedora apenas dos olhares dos turistas.

Do lado direito, Race viu um mar de telhados de terracota: a cidade de Cuzco dos tempos modernos, cujas muralhas circundantes tinham desaparecido há muito. Para além dos telhados, ficavam as áridas montanhas do Sul do Peru, castanhas e agrestes, tão desoladas quanto os picos gelados dos Andes, mais a norte, eram espectaculares.

Dez minutos depois, o camião chegou ao rio Urubamba, onde foi recebido por um homem de uns trinta anos, vestido com um fato branco de linho e que usava um panamá creme na cabeça. Chamava-se Nathan Sebastian e era tenente do Exército dos Estados Unidos.

Atrás de Sebastian, flutuando preguiçosamente no rio, junto a um comprido pontão em forma de T, estavam dois helicópteros militares.

Eram dois Bell Textron. - Mas estes dois Hueys tinham sido ligeiramente modificados. Os seus finos apoios de aterragem tinham sido substituídos por duas bóias alongadas, que flutuavam à superfície do rio. Um dos helicópteros, observou Race, tinha um conjunto de instrumentos electrónicos, de aspecto complexo, suspensos por baixo do seu nariz de sapo.

o camião parou perto do pontão e Race e os outros saltaram para o chão. o tenente Sebastian foi direito a Nash.

-Os helis estão prontos, meu coronel. Como o senhor pediu.

-Muito bem tenente - disse Nash. - E quanto aos nossos concorrentes?

-Foi feito, há dez minutos, um varrimento SAT-SN, meu coronel. Romano e a sua equipa estão neste momento a sobrevoar a Colômbia, em direcção a Cuzco.

-Meu Deus! já estão a sobrevoar a Colômbia - disse Nash, mordendo os lábios. - Estão a ganhar-nos terreno.

-Segundo os nossos cálculos, devem chegar a Cuzco daqui a três horas, meu coronel - informou Sebastian.

Nash olhou para o relógio. Eram precisamente 17:00 h.

-Então, não temos muito tempo - disse. - Toca a carregar esses helis e apô-los no ar.

Ainda Nash não tinha acabado de dizer isto e já os Boinas Verdes estavam a carregar seis grandes malões Samsonite para dentro dos dois Hueys. Depois de estes terem sido carregados, os doze membros da equipa dividiram-se em dois grupos e subiram para bordo.

Os dois helicópteros levantaram voo da margem do rio, deixando Natham Sebastian de pé, no pontão, agarrado ao seu estúpido chapéu.

Os dois Hueys elevaram-se sobre os picos gelados das montanhas. Race ia sentado na traseira do segundo helicóptero, olhando boquiaberto para as espectaculares gargantas montanhosas que se avistavam lá em baixo.

- Muito bem, pessoal - ecoou a voz de Nash, através dos auscultadores. -

Pelas minhas contas, ainda nos restam cerca de duas horas de luz. E queria fazer o máximo de coisas, ainda com luz, A primeira coisa que temos a fazer é encontrar o primeiro totem. Walter? Gaby?

Walter Chambers e Gaby Lopez iam com Nash, no primeiro héli. Os dois Hueys sobrevoavam as montanhas, para lá do Rio Paucartambo, em direcção às três aldeias mencionadas no Manuscrito de Santiago: Paxu, Tupra e Roya.

De acordo com o manuscrito, iriam encontrar o primeiro totem perto da última, Roya. Agora, cabia a Chamber e Lopez, o antropólogo e a arqueóloga, deduzir a exacta localização actual daquela povoação ribeirinha.

E assim, pensou Race, eles tinham feito em cinquenta minutos aquilo que Renco Capac e Alberto Santiago tinham demorado onze dias a conseguir.

Depois de terem sobrevoado os picos irregulares dos Andes durante quase uma hora, subitamente, gloriosamente, as montanhas desapareceram e Race viu uma extensão espectacular de vegetação, verde e plana, estendendo-se até onde os seus olhos podiam alcançar. Era um espectáculo assombroso. o início da imensa bacia do rio Amazonas.

Voaram para nordeste, sobrevoando a floresta a baixa altitude, as pás dos dois helicópteros ribombando no silêncio do ar da tarde.

Sobrevoaram alguns rios, linhas castanhas compridas e largas, serpenteando pela floresta impenetrável. De vez em quando, avistavam os restos de antigas aldeias ribeirinhas, algumas com ruínas de pedra no centro das praças principais, outras quase completamente cobertas de ervas.

A dada altura da viagem, Race viu um fraco brilho amarelo de luzes eléctricas, espreitando no horizonte que começava a escurecer.

-A mina de ouro de Madre de Dios - disse Lauren, debruçando-se sobre ele para ver melhor o brilho das luzes. - Uma das maiores minas de ouro a céu aberto do Mundo e também uma das mais remotas. É a coisa que mais se aproxima da civilização, por estas bandas. Um grande cone escavado na terra. Ouvi dizer que tinha sido abandonada, a certa altura do ano passado. Acho que a devem ter reab...

Nesse momento, o rádio vibrou, com uma série de vozes excitadas. Chambers e Lopez falavam animadamente, dizendo qualquer coisa acerca de uma aldeia, mesmo por baixo dos dois Hueys.

A voz que Race ouviu a seguir era a de Frank Nash. Estava a mandar aterrar os hélis.

Os dois Hueys aterraram numa clareira deserta, perto da margem de um rio, fazendo vergar as ervas altas, devido ao ar descendente proveniente das pás das hélices. Nash, Chambers e Lopez saltaram do primeiro héli.

A meio da clareira verdejante, erguiam-se vários monumentos de pedra, cobertos de musgo. Ao fim de alguns minutos, dedicados a examinar os monumentos e a compará-los com os seus apontamentos, Chambers e Lopez concordaram em que este era, quase de certeza, o local onde outrora existira a aldeia de Roya.

Depois de confirmada a identidade da aldeia, Race e o resto da equipa saíram dos helicópteros e deram início a uma busca pelas

redondezas, Dez minutos mais tarde, Lauren encontrou o primeiro totem de pedra, a cerca de quinhentos metros a Nordeste da aldeia.

Assombrado, Race olhava fixamente para a pedra gigante. Era infinitamente mais assustadora, na vida real, do que ele imaginara que fosse.

o totem tinha perto de dois metros e setenta e era todo em pedra. E estava coberto de provas de vandalismo - quatrocentos anos antes, conquistadores tementes a Deus, tinham gravado toscamente sobre ele crucifixos e outros símbolos cristãos.

Apesar disso, a figura de pedra do rapa não se assemelhava a nada que ele alguma vez tivesse visto. Era absolutamente aterrorizadora.

Estava coberta de humidade, escorria humidade. E aquela cobertura líquida conferia-lhe um aspecto verdadeiramente estranho. Devido a ela, a escultura parecia estar mesmo viva.

De pé, em frente ao velho totem decrepito, Race engoliu em Seco.

Santo Deus.

Depois de terem encontrado o primeiro totem, voltaram a correr para os hélis e levantaram voo rapidamente.

o helicóptero de Nash ia à frente, sobrevoando a selva a baixa altitude, na direcção da cauda do rapa.

Nos seus auscultadores, Race ouviu a voz de Nash: desliguem o magnetómetro. Quando conseguirmos apanhar uma leitura do próximo totem, passamos a holofotes...

-Está bem...

Race franziu o sobrolho. Gostaria de perguntar a alguém o que era um magnetómetro mas não queria parecer ainda mais ignorante do que já parecia, diante de Lauren.

-É um instrumento utilizado pelos arqueólogos para detectar relíquias enteradas no solo - explicou Lauren, sorrindo-lhe de esguelha.

Raios partam, pensou ele.

-Também são usados comercialmente pelas empresas de exploração de recursos naturais, para detectar reservas subterrâneas de petróleo e de urânio - acrescentou ela.

-Como é que funcionam?

-Um magnetómetro de cézio como aquele que estamos a utilizar aqui detecta variações ínfimas do campo magnético da Terra... variações provocadas por objectos que interrompem a corrente ascendente desse campo magnético. No México, há anos que os arqueólogos utilizam magnetómetros, para descobrir ruínas aztecas. Nós estamos a utilizar o nosso para encontrar o próximo totem de pedra.

- Mas os totens estão à superfície - observou Race. - Não há o perigo de o magnetómetro detectar animais e árvores?

-Isso pode ser um problema - concordou Lauren. - Mas não aqui. Nash já deve ter programado o leitor para detectar apenas objectos de uma determinada densidade e profundidade. As árvores têm uma densidade de cerca

de 0,85 gramas por centímetro cúbico e, como são feitos de carne e osso, os animais só tem uma densidade ligeiramente superior. Por outro lado, a pedra inca é cerca de dez vezes mais densa que a árvore mais grossa da floresta. -Muito bem, pessoal - disse, subitamente, a voz de Nash. -Apanhei uma leitura. Mesmo à nossa frente. Cabo, o holofote. E assim continuou. Durante a hora que se seguiu, à medida que a luz desaparecia e as sombras das montanhas se tornavam mais longas e frias, Race ficou a ouvir Nash, Chambers e Lopez, enquanto estes iam localizando totem após totem. Depois de o magnetómetro encontrar um totem, eles mandavam o Huey em que seguiam pairar por cima dele e iluminavam-no com os focos de luz branca e ofuscante. De seguida, consoante o totem que tinham encontrado, seguiam a cauda do rapa ou a Marca do Sol, para a esquerda da criatura. Os dois helicópteros voaram para norte, paralelamente ao enorme planalto em forma de degrau, que separava a floresta das montanhas.

Quando começava a anoitecer, Race ouviu outra vez a voz de Nash.

-Muito bem, estamos a chegar ao planalto - anunciou.

-Eu consigo ver uma grande queda de água, que escorre por ele...

Race levantou-se do seu lugar e dirigiu-se para a dianteira do helicóptero, para olhar pelo vidro da frente. Viu o helicóptero de Nash erguer-se majestosamente sobre a queda de água que marcava o rebordo do planalto.

-OK... agora, estou a seguir o rio...

A luz do dia estava a desaparecer muito depressa e, ao fim de algum tempo, Race só conseguia ver as luzes vermelhas da cauda do helicóptero de Nash, à sua frente, inclinando-se lateralmente, enquanto o Huey ia acompanhando o curso do rio, amplo e negro, por baixo deles, com o feixe do holofote fazendo cintilar a leve ondulação de superfície da água. Agora, seguiam para oeste, em direcção à parede de montanhas que dominavam a floresta. E, então, de repente, Race viu o héli de Nash virar bruscamente à direita, contornando uma curva do rio, coberta de densa vegetação.

-Um momento... - disse a voz de Nash.

Race espreitou pelo vidro. o héli de Nash começou a pairar sobre a margem, à sua direita.

-Esperem lá... estou a ver uma clareira. Parece estar coberta de ervas emusgo mas... Esperem, lá está. OK, pessoal, estou a vê-la. Estou a ver as ruínas de um edifício em forma de pirâmide... Parece ser a cidadela. Muito bem, preparem-se. Preparem-se para aterrar.

No preciso momento em que os Hueys de Nash aterravam na aldeia de Vilcafor, chegavam ao aeroporto de Cuzco três outras aeronaves militares, bastante maiores.

Tratava-se de um avião de carga C-17 Globemaster e de dois pequenos caças F-14, que escoltavam o primeiro. Os três aviões rodaram rapidamente sobre a pista de aterragem e pararam na extremidade desta, juntando-se a um grupo de outras aeronaves que tinham chegado a Cuzco apenas alguns minutos antes. Ao fundo da pista, à espera do Globemaster, encontravam-se três helicópteros CH-53E Super Stallion. Os três Super Stallions eram imponentes. Eram grandes, sólidos e, também, os helicópteros mais rápidos e mais potentes do mundo.

A transferência foi feita com rapidez.

Três vultos sombrios saltaram imediatamente do Globemaster e correram pela pista, em direcção aos hélis. Um deles - era mais baixo do que os outros e negro e usava uns óculos de aros dourados - levava qualquer coisa debaixo do braço, um objecto que parecia um livro grande encadernado a couro.

Os três vultos subiram para um dos Stallions. Mal eles entraram a bordo, os três helicópteros levantaram voo em direcção ao norte.

Mas a sua partida não passou despercebida.

A alguma distância do aeroporto, observando os hélis através de uns binóculos altamente potentes, estava um homem vestido com um fato de linho branco e que tinha na cabeça um panamá.

Era o tenente Nathan Sebastian.

Os dois Hueys de Nash aterraram suavemente junto ao rio, perto das ruínas de Vilcafor. A luz do entardecer já quase desaparecera e chovia torrencialmente.

Depois de terem planado sobre a superfície do rio, os dois pilotos manobraram os aparelhos de forma a que os flutuadores tocassem em terra sobre a lama fofa da margem do rio.

Os Boinas Verdes foram os primeiros a saltar para terra, com as M-16 prontas a disparar. Os membros civis da equipa desceram a seguir a eles. Race foi o último de todos e ficou parado, desarmado, na beira do rio, a olhar para as ruínas da cidadela de Vilcafor.

No essencial, a aldeia era composta por uma rua central, coberta de ervas, que se estendia por cerca de cem metros, para além do rio. De um lado e do outro, havia cabanas de pedra, sem telhado e cobertas de ervas e musgo. De facto, toda a aldeia tinha sido invadida pela vegetação. Era como se a floresta que a rodeava tivesse adquirido vida e quisesse devorá-la.

Na extremidade da rua onde Race se encontrava, ficavam o rio e os restos, pouco firmes, de um antigo cais de madeira. Na outra ponta, voltada para a pequena aldeia como se fosse uma espécie de divindade protectora, viam-se as ruínas da grande cidadela em forma de pirâmide.

Na verdade, a cidadela não era mais alta do que uma casa suburbana de dois andares. Mas tinha sido construída com pedras com um aspecto mais sólido do que quaisquer outras que Race alguma vez tivesse visto. Era mesmo a obra de grande precisão de que falava o manuscrito. Enormes lajes de pedra quadradas, trabalhadas por mestres pedreiros incas e perfeitamente ajustadas, umas ao lado das outras. Não fora utilizada, nem era necessária, argamassa.

A cidadela era composta por dois níveis, ambos de forma circular, sendo o nível superior um círculo mais pequeno e concêntrico, que assentava sobre o nível inferior.

Contudo, toda a estrutura tinha sofrido as agruras do tempo, estava gasta e tinha um ar decrépito. As outroras intimidadoras paredes de pedra encontravam-se agora cobertas de rebentos verdes e rasgadas por fendas. o nível superior desmoronara-se. o nível inferior ainda se mantinha praticamente intacto mas estava todo coberto de ervas. junto à entrada principal do edifício, colocada num ângulo estranho, estava a laje de pedra que fazia de porta.

Para além da cidadela, a aldeia não tinha mais nenhuma característica dominante.

Vilcafor era rodeada por um largo fosso, agora seco, em forma de ferradura, que começava na margem do rio, dava a volta à aldeia e acabava na margem do rio. Dois diques de pedra impediam que a água entrasse no fosso.

Este devia ter um pouco mais de quatro metros e meio de largura e mais ou menos a mesma profundidade. Vários arbustos espinhosos teciam um emaranhado de ramos ao longo do fundo sem água. De cada um dos lados da aldeia, duas pontes de toros estendiam-se sobre o fosso. Como o resto da aldeia, também elas tinham sido tomadas de assalto pela floresta invasora. Sobre os toros de madeira, entrelaçavam-se trepadeiras.

Race ficou parado ao fundo da rua da antiga aldeia inca, com a chuva torrencial a escorrer-lhe sobre a pala do boné.

Sentia que tinha entrado noutra mundo. Um mundo antigo.

Um mundo perigoso.

-Não fiques muito tempo ao pé da água - disse Lauren, ao passar por ele.

Race voltou-se, sem compreender. Lauren acendeu a lanterna e apontou-a para trás dele, para o rio.

Era como se alguém tivesse accionado um interruptor.

Race viu-os imediatamente. A brilhar à luz da lanterna de Lauren. Da superfície ligeiramente agitada pela chuva, nada menos de cinquenta pares de olhos, que se destacavam contra a escuridão da água, fitavam-no.

Race voltou-se para Lauren.

-jacarés?

- Não - respondeu Walter Chambers, aproximando-se. Melanosuchus Níger. - Caimões pretos. Os maiores crocodilos do continente. Há até quem diga que são os maiores do mundo. São maiores que qualquer jacaré e, em termos biológicos, são mais semelhantes ao crocodilo. Na verdade, o caimão preto é um parente próximo do *Crocodylus porosus*, o crocodilo gigante australiano, que vive na água salgada.

-Que tamanho é que eles têm? - perguntou Race.

Só conseguia ver aquela estranha constelação de olhos. Era incapaz de dizer qual seria realmente o tamanho dos répteis.

-Cerca de vinte e dois pés - respondeu Chambers.

Race fez as contas de cabeça. Vinte e dois pés eram o mesmo que sete metros.

-E quanto é que pesam? - perguntou.

-Cerca de 2300 libras. Ou seja, perto de mil quilos. Mil quilos, pensou Race. Uma tonelada.

Espantoso. Os caimões começaram a erguer-se, dentro de água, e Race viu os costados coriáceos dos crocodilos e as escamas pontiagudas das suas caudas. Pareciam montes de terra escuros, flutuando sobre a água. Enormes montes de terra.

-Eles não vão sair da água, pois não?

-Às vezes, saem - disse Chambers. - Mas talvez não. A maior parte dos crocodilos prefere apanhar as vítimas de surpresa, à beira da água, a coberto da própria água. E, apesar de serem caçadores nocturnos, os caimões pretos raramente saem da água, à noite, pela simples razão de que está demasiado frio. Tal como a de todos os répteis, a temperatura do corpo deles é muito baixa.

Race afastou-se da beira do rio.

-Caimões pretos - disse. - Era só o que nos faltava.

Frank Nash ficou parado ao fundo da rua principal de Vilcafor. Tinha os braços cruzados e estava sozinho. Limitava-se

a olhar atentamente para a aldeia degradada que tinha diante de si.

Troy Copeland foi ter com ele.

- o Sebastian acabou de telefonar de Cuzco. o Romano acabou de passar pelo aeroporto de lá. Chegou num Globemaster, escoltado por Tomcats. Passaram para uns hélicópteros que estavam à espera deles e vieram nesta direcção.

-Que espécie de hélicópteros?

-Super Stallions. Três.

-Santo Deus - disse Nash.

Um CH-53E Super Stallion, com a carga total, podia transportar até cinquenta e cinco soldados bem armados. E eles tinham três. o que queria dizer que Romano também tinha poder de fogo.

-Quanto tempo é que nós demorámos, de Cuzco até aqui?

-perguntou Nash.

-Cerca de duas horas e quarenta e cinco minutos - respondeu Copeland, Nash olhou para o relógio. Eram 19:45.

-Nos Staffions, eles vão demorar menos tempo - disse. - Se seguirem correctamente as indicações dos totens. Temos que nos apressar. Acho que dispomos de duas horas, até eles chegarem aqui.

Os seis Boinas Verdes começaram a tirar os malões Samsonite dos helicópteros e a levá-los para a rua principal de Vilcafor.

Nash, Lauren e Copeland começaram imediatamente a abri-los. Lá dentro, vinha uma quantidade espantosa de equipamento de alta tecnologia: computadores portáteis Hexium, lentes telescópicas de infravermelhos e umas latas, de aspecto futurista, em aço inoxidável.

Os dois professores, Chambers e Lopez, tinham ido à aldeia e estavam a examinar atentamente a cidadela e as estruturas que a rodeavam.

Race, agora envergando uma parca militar verde, para se proteger da chuva, foi ajudar os Boinas Verdes a descarregar os helicópteros.

Ao chegar à margem do rio, encontrou Buzz Cochrane a falar com o membro mais jovem da equipa, um cabo de rosto quase adolescente, chamado Douglas Kennedy. O sargento Van Lewen e o chefe dos Boinas Verdes, capitão Scott, não se encontravam à vista.

-Estou a falar a sério, Doogie - estava Cochrane a dizer.

-Não achas que ela não é para o teu bico?

-Isso não sei, Buzz. Mas um dos outros comandos disse: «Acho que ele devia convidá-la para sair com ele.»

-Que ideia do caraças - comentou Cochrane, voltando-se para Kennedy.

O melhor era vocês pararem com isso - disse Dough Kennedy, com um forte sotaque sulista.

-A sério, Doogs, porque é que não vais ter com ela e não a convidas para sair contigo?

-Eu disse que não queria ouvir falar mais nisso - insistiu Kennedy, enquanto retirava outro contentor de dentro de um dos Hueys.

Douglas Kennedy tinha vinte e três anos e, apesar do seu ar vagamente infantil, era um belo rapaz, magro, com olhos verdes e vivos e a cabeça completamente rapada. Ele próprio era quase tão verde como os seus olhos. A alcunha, Doogie, era uma referência ao bom aspecto e ao carácter honesto da personagem principal de uma velha série televisiva, Doogie Howser MD, com quem, dizia-se, Doogie era muito parecido. Mas também era um nome «desajeitado», com o seu quê de inocência, que o tornava bastante apropriado para Doogie, que era particularmente tímido e especialmente desajeitado, no que dizia respeito a mulheres.

- o que é que se passa? - perguntou Race, ao chegar junto deles.

Cochrane voltou-se, mirou-o de alto a baixo rapidamente e, depois, afastou-se, dizendo:

-Apanhámos aqui o Doogie a olhar, com olhos de carneiro mal morto, para aquela arqueóloga jovem e bonita, que está além. E eu estava a dar-lhe um empurrãozinho.

Race olhou em volta e viu Gaby Lopez, a arqueóloga da equipa, parada junto à cidadela, ao lado de Walter Chambers.

Não havia dúvida que ela era muito bonita. Tinha cabelo escuro, um belo tom de pele latino e um corpo cheio de curvas. Race ouvira dizer que ela tinha vinte e sete anos e que era a mais jovem dos professores assistentes do Departamento de Arqueologia de Princeton. Gaby Lopez era uma mulher muito inteligente.

Mentalmente, Race encolheu os ombros. Doogie Kennedy podia ter escolhido pior.

Cochrane deu uma valente palmada nas costas de Doogie e cuspiu um pedaço de tabaco.

-Não te rales, filho. Ainda temos de fazer de ti um homenzinho. Quer dizer... olha bem, além para o Chucky disse Cochrane, apontando para o segundo mais jovem elemento da unidade, um cabo, de vinte e três anos, com cara de lua cheia, chamado Charles «Chucky» Wilson. - Estás a ver... na semana passada, o Chucky passou a ser membro de pleno direito do Clube dos 80.

- o que é o Clube dos 80? - perguntou Doogie, perplexo.

-É do melhor, meu, do melhor - respondeu Cochrane, passando a língua pelos lábios. - É ou não é, Chucky?

-Claro que é, Buzz.

-Um grandes fudas, pá - disse Cochrane, com um sorriso que mais parecia um esgar.

-Um grandes fudas - repetiu Chucky, sorrindo. Enquanto os dois soldados continuavam a rir, Race fitou Cochrane com desconfiança, lembrando-se daquilo que o Boina Verde tinha dito, no avião, quando pensava que Race não estava a ouvi-los.

O cabo Buzz Cochrane parecia andar no fim da casa dos trinta. Tinha o cabelo e as sobrancelhas ruivos e um rosto muito marcado, com as faces mal

barbeadas. Era um homem alto, de peito largo e braços fortes, bem musculados.

Race não gostava nada do aspecto dele.

Parecia haver nele qualquer coisa de mesquinho. Pertencia ao tipo de fulanos, pouco inteligentes, que, quando andavam na escola, levavam a melhor sobre os outros miúdos, devido apenas à força bruta. o tipo de brutamontes que ia para o Exército porque era um sítio onde as pessoas como ele se sentiam realizadas.

Não era de espantar ele ter quase quarenta anos e ainda ser cabo.

-Diz lá, Doogie - disse Cochrane, de repente. - o que é que tu achas de euechegar ali, ao pé daquela arqueóloga gira, e dizer-lhe que temos aqui umjovem soldado mudo, que gostava de a convidar para ir comer um hambúrguer e ver um filme...

-Não! - exclamou Doogie, genuinamente assustado.

Os outros Boinas Verdes desataram a rir. Doogie ficou muito corado.

-E não me chames mudo - disse, entredentes. - Eu não sou mudo.

Nesse momento, Van Lewen e Scott voltaram do outro helicóptero. Os soldados pararam imediatamente de rir.

Race viu Van Lewen olhar, com ar preocupado, para Doogie e, depois, para os outros, do mesmo modo que um irmão mais velho olharia para quem estivesse a chatear o seu irmão mais novo. Race ficou com a sensação de que a risota tinha acabado mais por causa de Van Lewen do que devido à presença do capitão Scott.

-Como é que vão as coisas por aqui? - perguntou Scott a Cochrane.

-Sem nenhum problema, meu capitão - respondeu Cochrane.

-Então, peguem na vossa tralha e vão para a aldeia - disse Scott. - Elesestão quase a fazer o teste.

Race e os soldados foram para a aldeia. Continuava a chover a potes.

Enquanto seguia pela rua principal, Race viu Lauren e Troy Copeland, parados junto ao maior dos malões Samsonite.

Era uma grande mala preta, com pelo menos metro e meio de altura, e Copeland estava a abrir as partes laterais, transformando-a numa espécie de bancada de trabalho portátil.

o cientista abriu a tampa da mala, revelando uma consola, à altura do peito, que tinha algumas ligações, um teclado e um ecrã de computador. Ao lado dele, Lauren estava a ligar um objecto

prateado do feitio de uma vara, que parecia um microfone com cabo, ao topo da consola.

-Pronto? - perguntou Lauren.

-Pronto - disse Copeland.

Lauren accionou um interruptor, num dos lados da mala, e, instantaneamente, acenderam-se na consola umas luzes verdes e vermelhas. Copeland lançou mãos à obra, de imediato, escrevendo qualquer coisa no teclado resistente às intempéries.

-É um gerador de imagens por ressonância nucleónica ou NRI - explicou Lauren, antes de Race ter tido tempo de perguntar. - Consegue indicar-nos a localização, na arca que nos rodeia, de qualquer substância nuclear, medindo a ressonância do ar, à volta dessa substância.

-E isso quer dizer o quê? - perguntou Race. Lauren suspirou e, depois, disse:

-Qualquer substância radioactiva, seja ela urânio, plutónio ou tório, reage perante o oxigénio, a nível molecular. Basicamente, a substância radioactiva faz vibrar, ou ressoar, o ar que a rodeia. Este aparelho detecta essa ressonância do ar e, portanto, indica-nos a localização da substância radioactiva.

Um momento mais tarde, Copeland parou de escrever no teclado, voltou-se para Nash e anunciou:

- o NRI está pronto. -Avance - disse Nash.

Copeland tocou numa tecla e a vara prateada, montada no topo da máquina,

começou a rodar. Movia-se lentamente, num círculo firme e bem calculado. Enquanto a vara girava, Race olhou em volta e reparou que Lopez e Chambers já tinham voltado das suas explorações. Agora, estavam a olhar para a máquina, com muita atenção. Race procurou, com os olhos, o resto da equipa. Toda a gente estava a olhar, atentamente, para o gerador de imagens por ressonância nucleónica.

Então, de repente, percebeu porquê. Era daquilo que tudo dependia. Se o aparelho não detectasse a presença do ídolo em qualquer local das proximidades, todos eles tinham viajado em vão.

No topo do aparelho, a vara parou de rodar.

-Temos uma leitura - disse Lauren, com os olhos presos ao ecrã da consola. Race viu Nash deixar sair o ar que retivera dentro dos pulmões.

-Onde?

-Um momento... - disse Lauren, escrevendo qualquer coisa no teclado.

A vara do aparelho apontava agora para nascente do rio, para as montanhas, para a zona onde as árvores da floresta se encontravam com a superfície íngreme que ia dar ao planalto rochoso mais próximo.

Lauren disse:

O sinal é muito fraco e o ângulo não está correcto. Mas estou a apanhar qualquer coisa. Deixem ver se consigo ajustar um pouco o vector.. Tocou em mais algumas teclas e a vara começou, lentamente, a inclinar-se para cima. Tinha atingido um ângulo de trinta graus, quando, de súbito, os olhos de Lauren se iluminaram.

-Ótimo - disse ela. - Um sinal forte. Uma ressonância de alta-frequência. A 270 graus, exactamente para oeste. o ângulo vertical é de 29 graus e 58 minutos. Variação... 793 metros,

Lauren olhou para a sombria superfície rochosa da montanha, que se erguia acima das árvores, para oeste. Parecia uma espécie de planalto, que estava a ser varrido por verdadeiros lençóis de água.

-É ali, algures - disse ela. - Lá em cima, na montanha. Nash voltou-se para Scott:

-Comunica por rádio com o Panamá. Diz-lhes que equipa avançada detectou presença da substância. Mas diz-lhes também que temos informação de que forças hostis vêm, neste momento, a caminho do sítio onde nos encontramos. Diz-lhes que, logo que possam, mandem uma força de protecção completa, para nos ajudar a retirar daqui.

Nash deu meia volta, para ficar de frente para o grupo. -Muito bem, rapaziada, toca a despachar. Vamos buscar o ídolo.

Toda a gente começou a preparar-se.

Os Boinas Verdes verificaram as M-16. Os cientistas da DARPA arrumaram as bússolas e o equipamento informático, para levarem consigo.

Race viu Lauren e Troy Copeland com a cabeça metida dentro de um dos Hueys, presumivelmente para tirarem qualquer coisa que lhes pertencia. Foi atrás deles, para ver se podia ajudar e, já agora, talvez também para perguntar a Lauren se ela sabia o que queria dizer Nash, quando se referira a forças hostis que vinham a caminho de Vilcafor.

-Eh. - disse Race, ao chegar ao pé da porta do helicóptero.

-Oh...

Apanhara os dois agarrados um ao outro, beijando-se que nem um casal de adolescentes, com as mãos enfiadas no cabelo um do outro, as línguas dentro da boca do parceiro. Uma cena escaldante.

Com a chegada de Race, os dois cientistas separaram-se imediatamente.

Lauren corou. Copeland engoliu em seco.

-pé.--- peço desculpa - disse Race. - Não queria...

-Não faz mal - disse Lauren, ajeitando o cabelo. - É que, para nós, este é um grande momento.

Race anuiu, deu meia volta e começou a andar na direcção da aldeia.

Obviamente. Contudo, ao mesmo tempo que continuava a andar, para ir ter com os outros à aldeia, não conseguia deixar de pensar na imagem de Lauren, com

os dedos mergulhados nos cabelos de Copeland, enquanto o beijava. Ele tinha visto claramente a aliança.
Mas Copeland não usava aliança nenhuma.

o grupo seguia pelo que restava de um caminho lamacento, que acompanhava a margem do rio. Dirigiam-se para a base do planalto rochoso. Os fortes sons nocturnos da floresta ressoavam-lhes nos ouvidos. o mar de folhas que os rodeava oscilava, impelido pela chuva que não parava de cair.
Estava muito escuro e a luz das suas lanternas varria a floresta. Enquanto caminhava, Race reparou que havia alguns intervalos entre as nuvens densas, intervalos que deixavam passar a luz do luar, que iluminava o rio, ao lado deles. Ocasionalmente, à distância, via-se um relâmpago rasgar a escuridão. Aproximava-se uma tempestade.

Lauren e Copeland iam à frente. Lauren segurava diante de si uma bússola digital. Ao lado dela, com a M-16 a tiracolo, ia Buzz Cochrane, o guarda-costas dela.

Logo atrás deles, seguiam Nash, Chambers, Lopez e Race. Scott, Van Lewen e um quarto soldado, o cabo atarracado chamado Chucky Wilson, fechavam o cortejo.

Os dois outros Boinas Verdes, Doogie Kennedy e o último soldado da unidade, outro cabo, chamado George Ted Reichart, tinham ficado na aldeia, como retaguarda.

Race deu consigo a caminhar ao lado de Nash.

-Porque é que o Exército não mandou logo para aqui uma força de protecção completa? - perguntou. - Se o ídolo é assim

tão importante, porque foi que mandaram só uma equipa de reconhecimento para o vir buscar?

Nash encolheu os ombros, sem parar de andar.

-Algumas pessoas das altas esferas achavam que se tratava de uma missão bastante especulativa... isto de utilizar um manuscrito com quatrocentos anos, para vir à procura de um ídolo de tírium. Por isso, não se dispuseram a dar-nos uma unidade ofensiva completa, ficando-se por uma força de missão de pesquisa. Mas, agora, já sabemos que ele está aqui e eles vão mandar a «cavalaria». Agora, se me dá licença...

Dito isto, Nash avançou um pouco e foi ter com Lauren e Copeland.

Race foi deixado no fim da fila, sozinho, sentindo-se, mais do que nunca, uma peça desnecessária, um estranho que não tinha razão nenhuma para estar ali.

Enquanto seguia pelo caminho da margem do rio, Race ia olhando para as águas e reparou que alguns caimões nadavam paralelamente ao caminho, acompanhando o ritmo da marcha do grupo.

Ao fim de algum tempo, Lauren e Copeland chegaram à base do planalto, onde se via uma imensa parede vertical de rocha molhada, que se estendia na direcção norte-sul. Race calculou que deviam estar a uns seiscentos metros da aldeia.

Para a esquerda, do outro lado do rio, via-se uma queda de água, que brotava da superfície rochosa e ia alimentar o rio.

Do lado do rio onde se encontravam, viu uma fissura vertical e estreita, aberta na superfície da parede rochosa.

A fenda teria, quanto muito, uns dois metros e quarenta de largura mas era muito alta, incrivelmente alta. Tinha, pelo menos, uns trezentos metros e as suas paredes, absolutamente verticais, desapareciam na encosta da montanha. Da fissura, brotava uma pequena torrente de água, com uma altura de menos de dez centímetros, que desembocava num minúsculo lago, o qual, por sua vez, escorria para o rio.

Era uma passagem natural, aberta na superfície rochosa. o resultado de um sismo de pequena escala, que, no passado, abalara no sentido leste-oeste, a superfície rochosa, que se alongava na direcção norte-sul, pensou Race,

Lauren, Copeland e Nash saltaram para o pequeno lago, à entrada da

passagem.

Enquanto isso, Race voltou-se e viu que alguns dos caimões tinham parado de seguir o grupo. Agora, erguiam-se ameaçadoramente sobre as águas mais profundas do rio.

Por mim, está bem, pensou Race.

Então, de repente, Race parou e olhou em torno de si. Havia qualquer coisa que não batia certo.

E não era só o comportamento dos caimões. Havia qualquer coisa que não batia certo, em toda a área à volta da passagem... E, então, Race deu-se conta do que era.

Os sons da floresta tinham deixado de se fazer ouvir. Tirando o som leve da chuva, a bater nos ramos, ali reinava um silêncio absoluto. Nem o canto das cigarras, nem o chilrear dos pássaros, nem um restolhar nos ramos.

Nada. Era como se tivessem entrado numa área onde os sons da floresta não penetravam. Numa área de que os animais da selva tinham um medo de morte.

Lauren, Copeland e Nash não pareciam ter reparado no silêncio. Apontavam as lanternas para dentro da passagem e espreitavam para lá da superfície rochosa.

-Parece que dá a volta - disse Copeland. Lauren voltou-se para Nash:

-Segue na direcção certa. -Vamos a isso - disse Nash.

Os dez aventureiros abriram caminho pela estreita passagem, com os pés a chapinhar na água que lhes dava pelos tornozelos. Seguiam em fila indiana e Buzz Cochrane: ia à frente, com a pequena lanterna acoplada ao cano da sua M-16 a iluminar o caminho.

A passagem era essencialmente a direito, com um ligeiro zig-zague no meio e, numa extensão de cerca de sessenta metros, parecia ir dar directamente ao planalto.

Race, que seguia atrás dos outros, olhou para cima. Dos dois lados da estreita abertura, as paredes de rocha pareciam subir em direcção

ao céu. Como era muito estreita, a fenda parecia incrivelmente alta. Quando Race olhou para cima, a chuva leve bateu-lhe no rosto.

E, então, de repente, Race emergiu da passagem e foi dar a um espaço aberto.

Aquilo que viu cortou-lhe a respiração.

Encontrava-se no sopé de um imenso desfiladeiro rochoso, na clareira cilíndrica de uma grande cratera, que tinha, pelo menos, uns noventa metros de diâmetro.

Uma corrente brilhante, de água, estendia-se diante de si, ondeando, banhada pela luz prateada do luar, correndo ao longo de toda a parede circular da enorme cratera. Segundo parecia, a fenda por onde tinham passado era a única entrada para aquele abismo cilíndrico. Uma delgada queda de água escorria, num lençol de volume constante, do outro lado da cratera, percorrendo uns cento e vinte metros, até cair no lago superficial, no sopé do largo desfiladeiro circular.

Mas era o que se encontrava no meio do desfiladeiro que prendia a atenção de toda a gente.

Erguendo-se sobre a água, precisamente no centro da cratera cilíndrica, havia uma grande formação rochosa.

Tinha cerca de vinte e quatro metros de largura e, pelo menos, noventa metros de altura. Era uma gigantesca torre natural de rocha, aproximadamente do tamanho de um arranha-céus de altura média, que se erguia para o céu, sobre o lago iluminado pelo luar. Sob a chuva leve da noite, o grande monólito negro tinha um aspecto realmente imponente.

Os dez ficaram ali parados, a olhar, com um temor respeitoso, para a enorme torre de pedra.

-Meu Deus... - disse Buzz Cochrane.

Lauren mostrou a Nash a leitura da sua bússola digital,

-Estamos precisamente a seiscentos metros da aldeia. Se tivermos em conta a elevação, eu diria que há fortes possibilidades de o nosso ídolo estar no cimo daquela torre.

-Ei! - disse Copeland, do lado esquerdo.

Toda a gente se voltou. Copeland encontrava-se em frente a uma espécie de trilho, que tinha sido aberto na parede curva exterior do desfiladeiro.

o trilho parecia subir em espiral, ao longo da parede exterior do desfiladeiro, abraçando a circunferência do cilindro, contornando a gigantesca torre de pedra que se erguia no centro da cratera mas separado dela por um amplo fosso de espaço vazio, com, pelo menos, trinta metros.

Lauren e Nash foram os primeiros a subir para o trilho, saindo da água da base da cratera que lhes dava pelos tornozelos.

o grupo foi seguindo o trilho.

Ali, a chuva era mais leve, as nuvens que pairavam sobre o desfiladeiro menos densas, deixando passar através delas alguns raios de luar.

Subiram, subiram, seguindo o trilho estreito e curvo, todos eles num silêncio temeroso, de olhos fixos na imponente torre de pedra.

A própria dimensão da torre era incrível. Era enorme. E tinha uma forma curiosa: era ligeiramente mais larga no topo do que na base. A formação ia-se afinando gradualmente, até ao ponto em que se encontrava com o lago, no fundo da cratera.

À medida que iam subindo pelo trilho em espiral, Race começou a avistar o topo da torre de pedra. Tinha uma forma arredondada, como uma cúpula, e estava totalmente coberta por densa vegetação. Ramos nodosos, cobertos de água, debruçavam-se do rebordo da torre, indiferentes à vertiginosa descida de mais de noventa metros, por baixo deles.

o grupo estava a aproximar-se do topo da cratera, quando viram uma ponte, ou melhor, uma potencial ponte, que ligava o trilho em espiral à torre de pedra.

A potencial ponte ficava mesmo por cima do rebordo do grande desfiladeiro, não muito longe da queda de água, que escorria pela parede ocidental do desfiladeiro.

De um lado e do outro do abismo, voltados um para o outro e separados por uma distância de cerca de dez metros, via-se o que parecia ser dois peitoris de pedra. Em cada um deles, havia dois contrafortes de pedra, presumivelmente a base onde, outrora, tinha assentado uma ponte de corda.

Do lado do abismo onde Race se encontrava, os dois contrafortes estavam encovados e gastos mas, apesar disso, tinham um aspecto bastante sólido. E pareciam antigos. Muito, muito antigos. Race não tinha dúvidas de que datavam do tempo dos Incas.

Foi então que viu a ponte de corda.

Pendia do peitoril, do outro lado do abismo, do lado da torre. Pendia verticalmente dos dois contrafortes do peitoril, pelo que caía ao longo da parede da torre de pedra. Contudo, presa à extremidade da ponte de corda, via-se um pedaço de corda amarela e gasta, que descrevia um arco sobre o abismo, até ao peitoril junto ao qual estava Race, onde tinha sido presa a um dos contrafortes. Walter Chambers examinou a corda amarela.

-Corda de junco seco. Entrançada. Isto é uma clássica construção inca, em corda. Diz-se que, trabalhando todos juntos, uma aldeia inca era capaz de construir uma ponte de corda em três dias. As mulheres apanhavam os juncos e entrançavam-nos em pedaços de corda, compridos e delgados. Depois, entrançavam esses pedaços, fazendo segmentos de corda mais grossos e mais sólidos, como este.

-Mas uma ponte de corda não podia sobreviver quatrocentos anos, exposta à acção dos elementos - observou Race.

-Não... não podia - disse Chambers.

- o que quer dizer que alguém fez esta ponte - disse Lauren. - E não há muito tempo.

-Mas para quê este cenário elaborado - disse Race, apontando para o pedaço de corda, que se estendia sobre a ravina, até à extremidade da ponte de corda. - Para quê prender uma corda deste lado da ponte e deixar o resto

pendurado, do outro lado?

-Não sei - respondeu Chambers. - Só alguém que quisesse manter alguma coisa encurralada no cimo da torre podia fazer uma coisa dessas...

Nash voltou-se para Lauren. O que é que achas?

Lauren ficou a olhar para a torre, parcialmente velada pela cortina de chuva ligeira que continuava a cair.

- É suficientemente alto para coincidir com o ângulo indicado pelo NRI - disse Lauren, olhando para a bússola digital.

-E estamos exactamente a 632 metros da aldeia, na horizontal. Tendo em conta a elevação, quase que apostava que o ídolo está ali.

Van Lewen e Cochrane puxaram para cima a ponte de corda e prenderam a extremidade aos contrafortes do lado da ravina onde se encontravam. Agora, a ponte oscilava sobre o abismo, ligando a torre de pedra que parecia um arranha-céus ao trilho em espiral que a contornava do lado oposto.

A chuva continuava a cair.

Forquilhas denteadas de luz branca começaram a iluminar o céu.

-Sargento - disse o capitão Scott. - A corda de segurança. Van Lewen tirou imediatamente da mochila um objecto com um aspecto estranho. Era uma espécie de gancho ou arpão prateado e brilhante, que tinha preso um rolo de corda de nylon preta.

o sargento prendeu rapidamente a haste do gancho ao lança-granadas M-203 acoplado ao cano da sua M-16. Depois, apontou a arma para o abismo e disparou.

Com um silvo, a haste do gancho soltou-se do lança-granadas de Van Lewen e, graciosamente, este descreveu um arco sobre o abismo. Enquanto voava, as suas garras prateadas abriram-se. A corda preta cruzava o ar, atrás dele. o gancho aterrou no topo da torre, do outro lado do abismo e cravou as garras na base de uma árvore de tronco grosso. Em seguida, Van Lewen atou a outra ponta da corda a um dos contrafortes do lado do abismo onde eles se encontravam e a corda de nylon ficou atravessada sobre a garganta, mesmo por cima da ponte suspensa.

-Muito bem - disse Scott. - Agora, enquanto atravessam a ponte, mantenham sempre a mão sobre a corda de segurança. Se a ponte cair, a corda impedirá que vocês caiam.

Van Lewen devia ter visto Race empalidecer.

-Vai correr tudo bem - disse. - Segure-se àquela corda e vai ver que consegue.

Os Boinas Verdes foram os primeiros a atravessar, um de cada vez.

A estreita ponte de corda balançava e oscilava sob o peso deles mas aguentou-se. Um a um, os restantes membros do grupo atravessaram depois deles, sempre com as mãos na corda de nylon, enquanto seguiam pela oscilante ponte suspensa, sob a chuva subtropical constante.

Race foi o último a atravessar a ponte, agarrado com tanta força à corda de segurança que os nós dos seus dedos ficaram brancos. Por isso, demorou mais tempo que os outros a passar a ponte e, quando chegou ao outro lado, eles já se tinham afastado e a única coisa que viu foram uns degraus de pedra molhados, que entravam pela vegetação. Race apressou-se e foi atrás dos outros.

De um lado e do outro, milhões de folhas despejavam gotas de água sobre ele. A folhagem das palmeiras batia-lhe na cara, enquanto ia subindo os degraus de pedra, atrás dos outros. Depois de uma subida que durou trinta segundos, Race afastou uns ramos grandes e deu consigo na pequena clareira. já se encontravam lá todos os outros. Mas estavam ali parados, imóveis. A princípio, Race não percebeu o que os tinha feito parar mas, depois, viu que todos eles tinham as lanternas apontadas para a esquerda.

Os seus olhos seguiram os focos das lanternas e foi então que viu aquilo.

-Deus do céu - disse Race, mal podendo respirar.

Diante de si, no ponto mais alto da torre de pedra, coberto de lama e de musgo, oculto entre os ramos que o rodeavam, brilhando por causa da água da

chuva persistente, encontrava-se uma imponente estrutura de pedra. Estava envolta em sombras e em humidade mas era evidente que se tratava de uma estrutura concebida para impor ameaça e poder. Uma estrutura que não podia ter outra finalidade que não fosse inspirar medo, idolatria e veneração. Era um templo.

Race ficou de olhos presos ao sombrio templo de pedra. Engoliu em seco. Tinha um aspecto perverso. Frio, cruel e perverso. Não era uma construção muito grande. De facto, mal chegava a ter a altura de um andar. Mas Race sabia que a questão não era essa. Calculou que aquilo que estavam a ver era apenas a parte de cima do templo, a ponta do icebergue, porque a secção em ruínas que tinham diante dos olhos acabava de uma forma demasiado abrupta. Desaparecia no meio da lama, que se estendia por baixo dos pés deles. Race presumiu que o resto da enorme estrutura estava enterrado ali em baixo, na lama, sepultado sob terra molhada, que se fora acumulando ao longo de quatrocentos anos. Contudo, aquilo que estava à vista era suficientemente aterrador. tinha mais ou menos a forma de uma pirâmide. Dois grandes degraus de pedra levavam a uma pequena estrutura cúbica, com o tamanho aproximado de uma garagem média. A estrutura cúbica devia ser... uma espécie de tabernáculo, uma câmara sagrada não muito diferente das que se encontravam no cimo das pirâmides aztecas ou maias.

Nas paredes do tabernáculo, tinham sido gravados alguns pictogramas horrendos: monstros carrancudos parecidos com gatos, com as garras aguçadas estendidas; seres humanos gritando de agonia, às portas da morte. As paredes de pedra do templo estavam cobertas de rachas, provocadas pela passagem do tempo. A ininterrupta chuva subtropical escorria sobre as paredes de pedra trabalhadas, dando vida aos personagens das cenas horríveis nelas gravadas, produzindo um efeito idêntico ao que a água corrente tinha produzido, horas antes, no totem.

Contudo, era no centro do tabernáculo que residia o aspecto mais intrigante de toda a estrutura: uma entrada. Um portal quadrado.

Mas o portal estava tapado. Em qualquer altura, num passado remoto, alguém tinha colocado sobre ele uma grande laje, que o bloqueava. A laje era enorme. Race calculou que deveriam ter sido precisos pelo menos dez homens para a pôr no sítio.

-Definitivamente pré-inca - disse Chambers, examinando as gravuras.

-Sem dúvida - disse Lopez.

-Como é que vocês sabem? - perguntou Nash.

-Os pictogramas são muito pouco espaçados - respondeu Chambers.

- E têm demasiados pormenores - acrescentou Lopez. Nash voltou-se para o capitão Scott:

-Entre em contacto com a aldeia, com Reichart. -Sim, meu coronel.

Scott afastou-se do grupo e tirou um rádio portátil da mochila. Lopez e Chambers ainda estavam mergulhados numa conversa profissional.

- o que é que achas? - perguntou Lopez. - Chachapoyás?

-Talvez - respondeu Lopez. - Mas também pode ser Moche. Olha para as imagens dos felinos.

Gaby Lopez inclinou a cabeça, com uma expressão de dúvida. -Pode ser mas, nesse caso, teria que ter perto de mil anos.

-Então é o trilho em espiral, ao longo da cratera, e os degraus da torre?

-perguntou Chambers.

-Sim... sim, eu sei. É muito estranho.

Nash interrompeu-os:

-Estou muito contente por vocês acharem isto tão fascinante mas de quediabo é que estão a falar?

-Bem... - respondeu Chambers. - Parece que temos aqui uma pequena anomalia, coronel.

o que é que isso quer dizer?

É que o trilho em espiral à volta desta cratera e os degraus desta torre foram sem dúvida construídos por engenheiros incas. Os Incas construíram toda a espécie de carreiros e trilhos, nos Andes, e os seus métodos de construção estão bem documentados. Estes dois exemplos têm o cunho da construção de trilhos dos Incas.

-E isso quer dizer o quê?

-Quer dizer que o trilho e os degraus foram construídos há aproximadamente quatrocentos anos. Mas este templo, pelo contrário, foi construído muito antes disso.

E? - perguntou Nash, irritado.

É essa a anomalia - disse Chambers. - Porque haviam os Incas de abrir um trilho para um templo que eles não construíram?

-E não te esqueças da ponte de corda - disse Lopez. -Não - disse Chambers.

-Tens razão. Tens razão. o cientista baixinho olhou, com ar receoso, para a beira da cratera. - Acho melhor apressarmo-nos.

-Porquê? - quis saber Nash.

-Porque, coronel, é altamente provável que haja aqui por perto uma tribo de nativos, que é capaz de não achar muita graça ao facto de nós andarmos a meter o nariz no santuário deles.

-Como é que sabe isso - perguntou Nash. - Como é que sabe que há por aqui nativos?

-Porque - retorquiu Chambers - foram eles que construíram a ponte decorda.

-Como disse, há bocado, o Professor Race - explicou Chambers - as pontes suspensas feitas de corda degradam-se rapidamente com o tempo. Uma ponte feita de corda de junco

desintegra-se, digamos, poucos anos depois de ter sido construída. A ponte que nós atravessámos, para chegar a este templo, não podia ter existido há quatrocentos anos. Foi construída recentemente, por alguém que conhecia os métodos de construção de pontes dos Incas; muito provavelmente por qualquer tribo primitiva, na qual esse conhecimento foi transmitido de geração em geração.

Nash gemeu de forma audível.

-Uma tribo primitiva - disse Nash, em voz átona. - Aqui. Agora?

-Não é improvável - respondeu Gaby Lopez. - De vez em quando, são descobertas tribos perdidas, na bacia do Amazonas. Ainda em 1987, os irmãos Villas Boas estabeleceram contacto com uma tribo Kreen Akarore, na floresta tropical brasileira. Que diabo, o Governo brasileiro até tem por política mandar exploradores para a selva, para estabelecer contacto com tribos da Idade da Pedra.

«Mas, como pode imaginar, muitas dessas tribos primitivas são extremamente hostis para os europeus. É do conhecimento geral que alguns exploradores patrocinados pelo Estado voltam para casa em muito mau estado. Alguns, como o famoso antropólogo peruano, Dr. Miguel Moros Márquez, nem sequer voltam... »

-Eh! - gritou, de súbito, Lauren, que se encontrava perto do portal.

Toda a gente se voltou. Lauren estava parada em frente da laje que cobria a entrada quadrada.

-Está aqui qualquer coisa escrita.

Race e os outros aproximaram-se do sítio onde ela se encontrava. Lauren afastou uns pedaços de lama que estavam agarrados à pedra e Race viu aquilo para que ela estava a olhar.

Alguém tinha gravado qualquer coisa na superfície da enorme pedra.

Lauren afastou um pouco mais de lama, pondo a descoberto uma coisa que parecia ser uma letra.

Era um «N».

-Que diabo é que...? - começou Nash. As palavras começaram a tomar forma.

No entrare...

Race reconheceu-as.

«No entrare» queria dizer «Não entrar», em espanhol.

Lauren continuou a afastar a lama e, no centro da laje, apareceu uma frase completa, toscamente rabiscada na superfície da pedra. Dizia o seguinte:

No entrare absoluto. Muerte asornarse dentro. AS

Race traduziu mentalmente as palavras. Depois, engoliu em seco.

- o que é que isso quer dizer? - perguntou Nash.

Race voltou-se e olhou-o de frente. A princípio, não disse nada. Então, finalmente, acabou por dizer:

O que está ali escrito é isto: «Não entrar a preço algum. A morte está lá dentro.»

- o que quer dizer «AS»? - quis saber Lauren.

-Segundo calculo - respondeu Race - «AS» são as iniciais de AlbertoSantiago.

Na aldeia, Doogie Kennedy deu um pontapé numa pedra solta. Sentia-se inquieto. Estava escuro, a chuva continuava a cair e ele estava chateado por ter sido deixado ali, quando o que realmente queria era estar nas montanhas, com os outros.

O que é que tens, Doogs? - perguntou o cabo George Ted Reichart, que se encontrava perto do fosso, no lado Leste da aldeia.

Reichart era tão alto e magricela, que parecia uma haste. Nascera em Austin. e era um cowboy genuíno, sempre a mascar qualquer coisa. Tinha sido por isso que lhe tinham posto aquela alcunha.

-Isto aqui está parado demais, é? - insistiu.

-Não tenho nada - respondeu Doogie. - Mas gostava mais de estar lá, nas montanhas, à procura do que quer que seja que viemos cá buscar, do que de estar aqui, a fazer de baby-sitter desta merda desta aldeia.

Reichart riu-se para dentro. Aquele Doogie era um prato. Um bocado fracalhote mas esperto, muito esperto mesmo.

o que Reichart não sabia, porém, era que, apesar da sua fala arrastada de sulista de uma terriola pequena, Doogie Kennedy era um jovem excepcionalmente inteligente.

Os testes preliminares, realizados em Fort Berming, tinham revelado que Doogie tinha um Qi de 161, o que era estranho,

porque só conseguira completar o ensino secundário e, até, com algumas dificuldades.

Entretanto, depressa viera a descobrir-se que, enquanto ele andava na escola secundária, em Little Rock, Arkansas, o pai de Douglas Kennedy - um contabilista de aspecto pacato de homem temente a Deus - o tinha espancado, todas as noites, com um chicote de couro.

Kennedy Sênior também se recusara a comprar os livros escolares para o filho e, na maior parte das noites, obrigava-o a ficar a pé, às escuras, fechado num armário com noventa centímetros por um metro e vinte, como castigo por faltas «graves», como ter batido à porta com demasiada força ou ter deixado passar demais o bife do pai. Os trabalhos de casa nunca eram feitos e o jovem Doogie só conseguira terminar o ensino secundário, graças à sua extraordinária capacidade de fixar o que era dito nas aulas.

Alistou-se no Exército no dia em que acabou a escola e nunca mais voltou a casa. Um velho sargento do recrutamento, de espírito agudo, tinha visto naquele rapaz - que os directores escolares tinham considerado apenas como mais um miúdo tímido, que passara as provas finais à tangente - as características de um espírito determinado e brilhante.

Doogie continuou a ser tímido mas, devido à sua inteligência, à sua força de vontade e à rede de apoio do Exército, em breve viria a ser um ótimo soldado. Concluiu o curso dos Rangers, com uma excelente classificação. Os Boínas Verdes e Fort Bragg tinham sido a etapa seguinte.

-Acho que estou ansioso por um bocado de acção - disse Doogie, aproximando-se de Reichart, que estava a instalar um sensor AC-7V Eagle Eye junto ao lado Leste do fosso.

-Se fosse a ti, não tinha grandes esperanças - respondeu Reichart, accionando o sistema do Eagle Eye, um sistema de detecção de movimento que era activado pela temperatura.

-Acho que não vai haver muita acção nesta viagem...

o sensor emitiu um bip bem sonoro. Doogie e Reichart trocaram um olhar rápido.

Em seguida, voltaram-se os dois e começaram a perscrutar a secção de floresta densa, para onde estava apontado o sensor.

Não se via nada de especial.

Só um emaranhado de ramos entrelaçados e a floresta. Algures ali por perto, um pássaro piou.

Doogie agarrou na M-16 e começou a andar, com cautela, pela ponte de toros, por cima da secção Leste do fosso. Avançava lentamente, na direcção da zona suspeita da floresta.

Ao chegar à orla da floresta, acendeu a lanterna acoplada ao cano da espingarda.

E, então, viu-a.

Viu o corpo brilhante e pintalgado da maior serpente que alguma vez tinha visto em toda a sua vida! Era uma anaconda com uns nove metros, uma serpente monstruosa, preguiçosamente enroscada aos ramos retorcidos de uma árvore da Amazônia.

Era tão grossa que o seu movimento devia ter feito disparar o sensor, pensou Doogie.

- o que é? - perguntou Reichart, aproximando-se dele.

-Não é nada - respondeu Doogie. - É só uma ser... Então, de repente, Doogie voltou-se, para ficar de frente para a serpente.

A serpente não podia ter feito disparar o sensor. Era um animal de sangue frio e o sensor captava imagens por acção da temperatura. Dava sinal, quando detectava fontes emissoras de calor.

Doogie voltou a pôr a espingarda em posição e fez incidir a luz da lanterna sobre o solo da floresta, que se estendia à sua frente. E ficou estático. Diante de si, no meio das árvores molhadas, estava um homem.

Estava deitado sobre o ventre, a cerca de três metros, e olhava para cima, para Doogie, através de uma viseira de porcelana preta. A sua camuflagem era tão boa que quase não era possível distingui-lo da vegetação escura que o rodeava.

Mas Doogie mal reparou na camuflagem do homem.

o seu olhar fixava, como que hipnotizado, a espingarda-metralhadora MP-5 com silenciador que o homem empunhava e que estava directamente apontada ao nariz de Doogie.

Lentamente, o homem de camuflado levou o indicador da mão direita aos lábios ocultos pela viseira, mimando a palavra chiu e,

enquanto ele o fazia, Doogie reparou num segundo homem, vestido de modo idêntico, deitado no chão, ao lado do primeiro... e, depois, num terceiro, num quarto, num quinto.

Uma equipa completa de fantasmas pretos, deitados no chão, diante de si.

-Que porra vem a... - começou Reichart, ao avistar os comandos, deitados no solo da floresta, à sua frente.

De imediato, estendeu a mão para a espingarda mas, vindo da escuridão, o som de uma série de sonoros cliques, o som das patilhas de segurança de cerca de vinte gatilhos, fê-lo pensar duas vezes.

Doogie fechou os olhos de raiva.

Devia haver pelo menos vinte homens escondidos na floresta. Abanou a cabeça, com tristeza.

Ele e Reichart tinham acabado de perder a aldeia.

-A morte está lá dentro.

Nash franziu o sobrolho, olhando para a laje colocada sobre o portal do templo.

Race estava parado ao seu lado, olhando para as imagens gravadas nas paredes de pedra do templo, para as cenas horríveis de gatos monstruosos e seres humanos agonizantes.

-Na verdade, não é bem isso - disse Race, voltando-se para Nash. - À letra, asomarse quer dizer espreitar: «A morte espreita lá dentro».

-E foi Santiago quem escreveu isto? - perguntou Nash. -Assim parece.

Naquele momento, o capitão Scott apareceu ao lado de Nash.

-Temos um problema, meu coronel. Não consigo falar com o Reichart.

Nash não se voltou para responder: continuou a olhar para o portal.

-Será interferência das montanhas?

- o sinal está ótimo, meu coronel. Mas o Reichart não responde. Passa-se qualquer coisa.

Nash franziu a testa.

-Eles já chegaram... - disse, baixinho.

- o Romano? - perguntou Scott.

-Raios partam isto - disse Nash. - Como é que eles chegaram tão depressa?

- o que é que fazemos?

-Se eles estão na aldeia, já sabem que nós estamos aqui. De repente, Nash voltou-se, para ficar de frente para Scott.

-Liga para a base, no Panamá - disse. - Diz-lhes que tivemos que passar ao Plano B e que vamos para as montanhas. Diz-lhes que comuniquem por rádio com a equipa de apoio e que digam aos pilotos que procurem as nossas luzes de presença portáteis. Vamos lá. Temos que nos despachar.

Lauren, Copeland e dois Boinas Verdes começaram imediatamente a colocar alguns explosivos C-2 sobre a laje que tapava o portal.

O C-2 é um tipo de explosivo de plástico de detonação leve, utilizado pelos arqueólogos de todo o mundo, para remover obstruções de estruturas antigas, sem destruir os edifícios em si.

Enquanto os outros se ocupavam com a sua tarefa, Nash decidiu investigar a zona por trás do templo, para ver se havia mais alguma entrada. Sem mais nada para fazer, Race foi com ele.

Os dois contornaram a estrutura cúbica, seguindo por um caminho de pedra lisa, que dava a volta ao tabernáculo, formando uma espécie de varandim.

Quando chegaram à parte de trás do edifício, viram um aterro íngreme que se estendia do ponto onde se encontravam à beira do topo da torre de pedra.

Enquanto estavam ali parados, na colina lamacenta, Race olhou para baixo, para o conjunto de blocos rectangulares, bem encostados uns aos outros, que formavam o varandim por onde caminhavam.

Entre os blocos de pedra quadrados, de arestas aguçadas, via-se uma pedra com um aspecto bem diferente.

Era uma pedra redonda.

Nash também a viu e os dois inclinaram-se para a observar mais de perto.

Tinha uns setenta e cinco centímetros de diâmetro, mais ou menos a largura dos ombros de um homem bem constituído, e

encontrava-se ao nível da superfície do caminho. A verdade, pensou Race, era que parecia ter sido perfeitamente encaixada num buraco redondo do caminho, um buraco que tinha sido aberto nos próprios blocos quadrados que a rodeavam.

-Para que serviria? - perguntou Nash.

-Quem é Romano? - perguntou Race, apanhando Nash completamente desprevenido.

Race lembrava-se de Nash lhe ter falado da equipa de assassinos alemães, que tinham chacinado os tais monges, num mosteiro dos Pirinéus. Lembrava-se do retrato que Nash lhe fizera do chefe desse grupo de assassinos, um homem chamado Heinrich Anistaze.

Mas Nash nunca tinha dito nada acerca de um homem chamado Romano. Quem era ele e o que estava a fazer na aldeia? E, mais ainda: porque razão Nash fugia dele?

Nash lançou um olhar duro a Race e a expressão do seu rosto ensombrou-se.

-Por favor, Professor...

-Quem é Romano?

-Desculpe - disse Nash, passando por ele e quase lhe tocando, de regresso à zona da fachada do templo.

Race abanou a cabeça e seguiu-o, a alguma distância. Quando chegou à parte da frente do templo, sentou-se nos largos degraus de pedra.

Estava muito cansado e sentia a cabeça feita em água. Passavam alguns minutos das nove e, depois de ter viajado durante quase doze horas, sentia-se exausto.

Encostou-se ao rebordo de um dos degraus e enrolou bem o corpo na parca militar. Uma sensação de fadiga esmagadora apossou-se de si. Encostou a cabeça aos frios degraus de pedra e fechou os olhos.

Nesse instante, porém, ouviu um barulho.

Era um ruído esquisito, Parecia qualquer coisa a arranhar. Era rápido, insistente, quase impaciente mas estranhamente abafado. Parecia vir de baixo dos degraus de pedra, a que tinha encostado a cabeça.

Race franziu o sobrolho.

Parecia o som de garras a arranhar a pedra.

Sentou-se de imediato e olhou para Nash e para os outros, Pensou falar no barulho que tinha ouvido mas não teve oportunidade para tal porque, nesse momento, nesse preciso momento, dois helicópteros que pareciam falcões emergiram do lençol de chuva, sobre a torre de pedra, com os rotores a rugir e as armas a brilhar, iluminando o cimo da torre, com os focos potentes dos seus holofotes.

Exactamente no mesmo instante, o ruído ensurdecedor dos disparos de armas automáticas ecoou à volta de Race e, a poucos centímetros da sua cabeça, os degraus de pedra ficaram crivados de buracos de balas.

Race saltou para o lado, procurando abrigar-se por trás da esquina de pedra do templo, e olhou para trás, mesmo a tempo de ver um pequeno exército de silhuetas sombrias emergir de entre a fila de árvores da berma da clareira e as compridas línguas de fogo que saíam dos canos das espingardas que eles empunhavam, como relâmpagos rasgando a noite.

TERCEIRA MAQUINAÇÃO Segunda-feira, 4 de janeiro, 21:00

VILCAFOR E ARREDORES

Race cobriu a cabeça, quando nova rajada de fogo de arma automática se cravou na parede, perto dele.

E, então, de súbito, horrivelmente, deu-se conta da explosão de outra fonte de fogo, vinda de um ponto qualquer, mesmo por cima da sua cabeça. Algures muito, muito perto.

Race abriu os olhos, olhou para cima e deu consigo a olhar directamente para o holofote de um dos hélis. Voltou a fechar os olhos e, estonteado pela luz intensa, viu estrelas que lhe dançavam diante dos olhos.

Cobriu os olhos com os braços e, lentamente, a visão foi voltando. Foi então que percebeu que a nova fonte de fogo se encontrava mesmo por cima do seu corpo deitado de bruços e disparava contra a luz. Era Van Lewen. o seu guarda-costas.

Defendendo-o com a sua M-16.

Nesse momento, um dos helicópteros de ataque rugiu por cima deles, com as pás das hélices a bater estrondosamente, com a luz branca do holofote dançando sobre o topo da torre, atingindo a lama diante de Van Lewen com as rajadas dos seus canhões laterais, cujo troar incrível abafava o estrépito das armas automáticas, no cimo da torre.

Vozes frenéticas gritavam no auscultador de Race:

-Não consigo ver onde eles...

-... são muitos!

E, depois, de súbito, ouviu a voz de Nash:

-Van Lewen, cessar fogo! Cessar fogo!

Um segundo depois, Van Lewen parou de disparar e, no mesmo instante, cessou também a batalha. Então, na quietude fantasmagórica que se seguiu, à luz intensa dos holofotes dos helicópteros de ataque que varriam o topo da torre, Race viu que ele e os companheiros estavam completamente cercados por cerca de vinte homens pelo menos, todos eles vestidos de preto e armados de pistolas-metralhadoras.

Os dois hélicópteros de ataque começaram a sobrevoar a clareira diante do templo, iluminando-a com as luzes potentes dos seus holofotes. Eram dois helicópteros de combate Apache AH-64, de fabrico americano - duas aves de rapina, de aspecto maléfico.

Lentamente, o grupo de silhuetas sombrias começou a emergir da vegetação, na orla da clareira.

Estavam todos fortemente armados. Alguns carregavam as compactas MP-5, de fabrico alemão, outros espingardas-metralhadoras Steyr-AUG, de alta tecnologia.

Race estava surpreendido consigo mesmo, surpreendido por ser capaz de reconhecer as armas com que ia deparando.

Na verdade, era tudo culpa de Marty.

Além de ser engenheiro projectista da DARPA e o fã de Elvis Presley mais chato do mundo (todos os PIN dos seus cartões bancários e todas as suas palavras-passe de computador tinham o mesmo número - 53310761 - o número de matrícula do «Rei» no serviço militar), o irmão de Race, Marty, era também uma enciclopédia ambulante no que dizia respeito a armas.

Desde que eram miúdos e até à última vez em que o tinha visto, nove anos antes, sempre que iam a um armeiro, Marty conseguia identificar, em benefício do irmão mais novo, todas as marcas, modelos e características das armas de fogo expostas. O estranho era que, graças às incessantes observações de Marty, Race descobria agora que também ele era capaz de identificar todas as armas que via.

Pestanejou, regressou ao presente e voltou a observar a falange de comandos armados reunida diante de si.

Estavam todos vestidos de preto - uniformes de combate preto azeviche, correias preto azeviche, luvas e botas, também preto azeviche.

Mas eram as caras deles o que mais chamava a atenção. Todos os soldados usavam sobre os rostos viseiras de hóquei, pretas que nem carvão: umas máscaras pretas, incaracterísticas, que lhes cobriam por completo as caras, deixando a descoberto apenas os olhos. As máscaras faziam os soldados parecer frios, desumanos, como se fossem robôs.

Foi então que um dos comandos de rosto tapado avançou para Van Lewen e lhe arrancou das mãos a M-16 e, depois, todas as suas outras armas.

Em seguida, o homem de preto inclinou-se sobre Race e sorriu, por trás da viseira ameaçadora.

-Guten Abend - disse, ironicamente, antes de, com um puxão brusco, obrigar Race a pôr-se de pé.

A chuva continuava a cair.

Nash, Copeland e Lauren encontravam-se junto ao portal, com as mãos firmemente apertadas atrás das nuças. Ao lado deles, estavam os Boinas Verdes, desarmados.

De olhos esbugalhados, aturdido, Walter Chambers olhava para os comandos embaçados que os rodeavam. Gaby Lopez limitava-se a olhá-los friamente.

Van Lewen e Race foram empurrados para junto dos outros.

Aterrorizado, Race olhava fixamente para os soldados de negro, para os seus rostos encobertos pelas frias viseiras de hóquei negras. Já tinha visto viseiras daquelas. Os homens da polícia anti-motim da América do Sul usavam-nas, quando havia manifestações particularmente violentas, para protegerem as caras contra as pedras e outros objectos arremessados contra eles.

Na sombra, por trás do círculo de comandos, encontrava-se, entretanto, um outro grupo de pessoas completamente diferentes

-homens e mulheres - que não usavam uniformes nem viseiras. Estavam vestidos à civil, com fatos semelhantes ao de Lauren. Cientistas, pensou Race. Cientistas alemães, que tinham vindo até ali, em busca do ídolo de títium.

Race olhou para o portal, para a grande laje colocada sobre a abertura. De todos os lados, saíam fios, os fios dos explosivos de detonação fraca C-2. Nesse momento, um dos comandos deu um passo em frente e levou a mão à viseira preta, para a tirar.

Race ficou tenso de expectativa, à espera de ver os traços duros e frios do rosto de Heinrich Anistaze, o ex-agente da Stasi, que liderara o grupo de assassinos alemães, no massacre sangrento, no tal mosteiro.

o comando tirou a viseira.

Race franziu o sobrolho. Não estava a reconhecê-lo. Não era Anistaze.

Era um homem mais velho, corpulento, de cara redonda e enrugada e tinha um farto bigode grisalho.

Race não sabia bem se havia de se sentir aliviado ou aterrado. Ao passar por Race, dando-lhe um encontrão, o chefe dos alemães não disse palavra e foi acocorar-se junto ao portal.

Examinou os fios, que pendiam da laje do portal e fungou com desdém.

Depois, largou os cabos e dirigiu-se para o sítio onde se encontrava Frank Nash.

Com uma expressão imperiosa, olhou de cima a baixo o coronel reformado, analisando-o, avaliando-o.

Em seguida, de repente, deu meia volta e berrou uma ordem aos seus soldados:

-Feldwehel Dietrich, bringen Sie sîe íns Dorf und sperren Sie Sk ein!

Hauptmann von Diksen, bereiten Sie alles vor um den Tempel zu öffnen.

Mentalmente, Race traduziu: «Sargento Dietrich, leve-os para a aldeia e prenda-os. Capitão Von Diksen, prepare-se para abrir o templo.»

Conduzidos por Dietrich e rodeados por seis comandos alemães, de rosto encoberto, os dez americanos foram levados de volta, sem cerimónias, pela ponte de corda e pelo trilho em espiral.

Quando chegaram ao fim do trilho, foram conduzidos pela estreita fissura, que levava ao caminho do rio. Ao fim de vinte minutos de marcha, chegaram à aldeia.

Mas a aldeia tinha mudado.

Dois enormes projectores de halogéneo iluminavam a rua principal, banhando-a de luz artificial. Os dois helicópteros Apache que Race tinha visto sobrevoar a torre encontravam-se agora pousados a meio da rua. Na margem do rio, havia uns doze soldados alemães, a olhar para as suas águas.

Race seguiu a direcção do olhar deles e viu os dois Hueys danificados da sua equipa pousados junto à margem do rio. Quando comparados com os dois esbeltos Apaches, os Hueys de Frank Nash pareciam velhos e ultrapassados. Foi então que Race viu para onde estavam realmente a olhar os comandos alemães.

Encontrava-se um pouco adiante dos dois Hueys, sobre a superfície do rio, camuflado sob a chuva contínua.

Um hidroavião.

Mas não era um hidroavião vulgar. A envergadura das asas devia ser de, pelo menos, sessenta metros. E o seu ventre, a parte que assentava majestosamente na água, era enorme, sem dúvida maior do que o corpo do Hércules que levava Race e os outros para o Peru. Sob as suas grandes asas, estavam montados quatro motores turbo a jacto e, dessas mesmas asas, saíam dois flutuadores arredondados, que afloravam a superfície da água, estabilizando a aeronave.

Era um Antonov An-111 Albatross, o maior hidroavião do mundo.

Quando Race e os outros saíram do caminho do rio, conduzidos pelo sargento alemão, Dietrich, o grande avião estava a rodar lentamente sobre a superfície do rio, recuando em direcção à margem.

Mal tinha ainda acostado à lama fofa e já uma rampa de carga começava a ser descida da sua traseira.

E, logo que a rampa tocou em solo seco, do ventre do enorme avião saíram dois veículos - um todo-o-terreno de oito rodas, que parecia um tanque, e um Hunivee com capota.

Os dois veículos blindados immobilizaram-se a meio da rua principal. Race e os outros foram levados para lá. Quando estavam a chegar ao pé dos dois veículos, Race viu dois outros comandos

alemães, que empurravam Ted Reichart e Doogie Kennedy diante de si, pela rua abaixo, para o sítio onde ele se encontrava.

-Meus senhores - disse Dietrich, em alemão, aos outros comandos. - Metamos soldados e os agentes federais no ATV, algemados. Atirem com os outros para dentro do Hunivee. Tranquem-nos lá dentro e, depois, desactivem os dois veículos.

Nash, Copeland e os seis Boinas Verdes foram enfiados no veículo todo-o-terreno que parecia um tanque. Race, Lauren, Lopez e Chambers foram atirados para dentro do Hunivee.

o Hunivee parecia um jeep de grandes dimensões. Era muito mais largo que um jeep e tinha um sólido tejadilho de metal reforçado. Também tinha janelas de vidro Lexan que, naquele momento, estavam corridas.

Depois de eles terem sido fechados no Hunivee, um dos comandos alemães levantou a capota e debruçou-se sobre o motor do grande veículo. Mexeu num botão por baixo do radiador e, quando o fez - zás! - todas as portas e janelas do Hunivee ficaram instantaneamente trancadas.

Uma prisão portátil, pensou Race. Uma verdadeira maravilha.

Entretanto, o topo da torre era um formigueiro de actividade.

Os soldados alemães que lá se encontravam eram todos elementos das Fallschirmiruppen, a unidade de elite de resposta rápida do Exército alemão, e agiam como tal, de forma rápida e eficiente.

o comandante do grupo de combate, o general Gunther C. Kolb, o homem de bigode grisalho que, momentos antes, avaliara friamente Nash, gritava ordens em alemão.

-Vamos, depressa! Mexam-se! Não temos muito tempo! Enquanto os seus homens corriam de um lado para o outro, Kolb passava em revista o cenário que o rodeava.

Os explosivos C-2 colocados na laje do portal do templo tinham sido removidos e substituídos por cordas, a equipa que ia entrar estava a postos e, em frente ao portal, tinha sido instalada uma câmara de vídeo digital, para documentar a abertura do templo.

Kolb fez um gesto de concordância com a cabeça, para si próprio, satisfeito.

Estava tudo pronto. Chegara a altura de entrar.

A chuva batia com força no tejadilho do Hunivee.

Race estava sentado, afundado, no banco do motorista. Walter Chambers sentou-se ao lado dele, no banco do passageiro. Lauren e Gaby Lopez estavam no banco de trás.

Pelo pára-brisas fustigado pela chuva do veículo, Race viu que os soldados alemães que se encontravam na aldeia se tinham reunido à volta de um único monitor, para o qual olhavam atentamente. Race franziu o sobrolho.

Nesse momento, reparou que havia um pequeno ecrã de televisão na consola central do tablier do Hunivee - no sítio habitualmente ocupado por um aparelho de rádio, num carro normal. Perguntou a si mesmo se o facto de o motor do Hunivee estar bloqueado teria afectado os circuitos eléctricos. Carregou no botão do pequeno televisor, para ver o que acontecia.

Lentamente, foi aparecendo uma imagem no ecrã.

Mostrava os alemães que se encontravam junto ao templo, reunidos à volta do portal. Pelos altifalantes do televisor, OUViam-se as vozes deles:

Ich kanti nicht glauben, dass sie Sprengstoff verwenden wolíten. Es hätte

das gesamte Gebäude zum Einsturz bringen können. Mach die Seile fest...

- o que é que eles estão a dizer? - perguntou Lauren.

-Estão a tirar os explosivos que tu colocaste à volta da laje disse Race.

-Acham que o C-2 ia rebentar com aquilo tudo. Em vez disso, vão usar cordas. Nos altifalantes, ouviu-se uma voz de mulher, a falar rapidamente em alemão.

Race ia traduzindo para os outros:

-Vejam se conseguem entrar em contacto com o centro de operações. Digam-lhes que chegámos ao templo e que encontramos e fizemos prisioneiros alguns membros do Exército dos Estados Unidos. Aguardamos instruções...

Então, a mulher disse outra coisa:

-Was ist mit dem anderen amerikanischen Team? Wo sind die jetzt? Que diabo era aquilo?, pensou Race.

Das anderen amerikanischen Team?

A princípio, pensou que talvez tivesse ouvido mal. Mas não. Tinha a certeza.

Mas aquilo não fazia...

Race contraiu-se interiormente e não traduziu a frase.

No ecrã, via-se os homens a passarem cordas à volta da laje do portal.

-Alles War, macht euch fertig...

-Muito bem. Preparem-se.

No ecrã, os homens ergueram as cordas,

-Zieht an!

-E... levantar!

No cimo da torre, as cordas foram esticadas e a laje colocada sobre o portal começou lentamente a mover-se, rangendo ruidosamente contra a pedra do chão da entrada.

Oito comandos alemães puxavam as cordas, içando a laje gigantesca do sítio onde repousava havia quatrocentos anos. Lentamente, muito lentamente, a laje foi-se afastando do portal, pondo a descoberto o negrume do interior. Depois de o portal estar desimpedido, Gunther Kolb avançou e espreitou para o interior do templo, mergulhado na escuridão.

Viu um lance de degraus de pedra, largos, que descia para o meio das trevas, para o ventre da grande estrutura subterrânea.

-Muito bem - disse Kolb, em alemão. - Grupo de assalto. Pode seguir.

Dentro do Hunivee, Race voltou-se para Lauren. -Eles vão entrar.

No cimo da torre, cinco comandos alemães deram alguns passos em frente. o grupo de assalto.

Chefiados por um jovem capitão chamado Kurt von Diksen, foram ter com Kolb à entrada do templo, de armas em punho.

-Nada de complicações - disse Kolb ao jovem capitão.

-Descubram o ídolo e pirem-se...

Nesse momento, sem aviso prévio, uma série de silvos agudos cortou o ar, à volta deles.

E, depois, zás! Uma coisa comprida e aguçada aterrou num pedaço de musgo, na parede do templo, mesmo rente à cabeça de Kolb.

Kolb olhou para o objecto, aturdido de espanto. Era uma flecha.

Pelos altifalantes do pequeno televisor do Hunivee ouviram-se os gritos, ao mesmo tempo que uma chuva de flechas caía sobre os soldados alemães reunidos junto ao templo.

-Was zum Teufel! -Duckt euch! Duckt euch!

- o que é que se está a passar? - perguntou Lauren, inclinando-se para a frente, para ver melhor.

Race voltou-se para ela, estupefacto. -Parece que eles estão a ser atacados.

o ruído ensurdecedor das pistolas-metralhadoras voltou a submergir a torre de pedra, quando os comandos alemães voltaram a erguer as MP-5 e as Steyr-AUG e começaram a disparar ferozmente.

Encontravam-se todos junto ao portal aberto do templo, de costas para ele, apontando para o local de onde vinham as flechas mortais - a orla da grande cratera.

A coberto das paredes do portal, Gunther Kolb perscrutava a escuridão, tentando vislumbrar o inimigo.

E, de repente, viu-os.

Viu um grupo de vultos escuros, na orla da grande cratera. Deviam ser uns cinquenta, ao todo - pequenas figuras humanas, que disparavam uma barreira de setas de madeira primitivas contra os comandos alemães, no topo da torre.

Que diabo... pensou Kolb.

Em silêncio, atordoado, Race ouvia as vozes que chegavam até ele através dos altifalantes do pequeno televisor.

-Equipa do templo! o que é que se passa aí em cima?

-Estamos a ser atacados! Repito: estamos a ser atacados!

-Quem é que vos está a atacar?

-Parecem ser índios. Repito. índios. Nativos. Estão a disparar contra nós, da orla da cratera. Mas parece que estamos a conseguir repeli-los... esperem. Não, esperem um minuto. Eles estão a retirar. Eles estão a retirar.

No momento seguinte, o metralhar das armas automáticas cessou e instalou-se um longo silêncio.

Nada. Mais silêncio.

Os alemães visíveis no ecrã olhavam cautelosamente em volta, com as armas a fumegar.

Dentro do Hunivee, Race trocou um olhar com Chambers.

-Uma tribo de nativos - disse Race.

Gunther Kolb dava ordens, aos gritos.

-Horgen! Vell! Levem uma equipa lá para cima e formem um perímetro à voltada orla da cratera! - Voltou-se para von Diksen e para a sua equipa de entrada. - Pronto, capitão! Podem entrar no templo.

Os cinco membros do grupo de assalto juntaram-se em frente ao portal aberto.

Era uma abertura escura e ameaçadora.

o capitão von Diksen avançou cautelosamente, da arma em riste, e parou no limiar do portal, no topo do lance de largos degraus de pedra que levava às entranhas do templo.

-Muito bem - disse ele, em tom formal, para o microfone que tinha aopescoço, enquanto descia o primeiro degrau.

-Estou a ver uns degraus de pedra.

-Agora, estou a começar a descer as escadas - disse a voz de von Diksen, nos altifalantes do Hunivee.

Race olhou fixamente para a imagem dos cinco comandos, que passavam lentamente sob o portal, até a cabeça do último soldado desaparecer abaixo da linha do chão e se ver apenas a entrada de pedra vazia.

-Informe, capitão - disse a voz de Kolb, nos auscultadores de Kurt vonDiksen, quando o jovem capitão estava a chegar ao fundo dos degraus de pedra húmidos e apontava o foco da lanterna para a escuridão.

Naquele momento, encontrava-se num estreito túnel de pedra, que se estendia diante de si, fazendo uma ligeira curva para a direita e para baixo. o túnel estendia-se, num declive acentuado, numa espiral descendente, que desaparecia entre as trevas do coração do templo. Nas paredes, tinham sido abertos pequenos nichos.

-Chegámos ao fundo das escadas - disse von Diksen.

-Vejo um túnel em curva, à minha frente. Estou a avançar para lá.

Os membros da equipa começaram a deixar espaços entre si, à medida que avançavam cautelosamente pelo túnel íngreme em caracol. Os feixes de luz das suas lanternas dançavam sobre as paredes brilhantes de humidade. Ouvia-se o eco de um gotejar, vindo de um ponto qualquer, nas profundezas do templo.

Von Diksen disse:

-Equipa, aqui Um. Contacto.

o resto da equipa respondeu rapidamente: -Aqui Dois.

-Três.

-Quatro.

-Cinco.

E avançaram mais um pouco, seguindo o túnel.

Race e os outros olhavam para o ecrã do televisor do Hunivee, num silêncio tenso, escutando as vozes abafadas do grupo de assalto alemão. Race traduzia.

-... tão húmido, aqui. Há água por todo o lado.

-Mantenham-se atentos. Vejam onde põem os pés.

Então, de súbito, uma forte explosão de electricidade estática arranhou os altifalantes do televisor.

O que foi isso? - perguntou von Diksen, de repente.

-Equipa. Contacto.

-Aqui Dois.

-Três.

-Quatro.

E, depois, nada.

Tenso, Race ficou à espera da resposta do quinto soldado. Mas este não respondeu.

Ninguém disse «Cinco».

Dentro do templo, von Diksen fez girar o foco da lanterna.

-Friedrich - sussurrou, enquanto voltava para trás, pela passagem.

Tinham descido apenas alguns metros, ao longo do túnel, e, agora, estavam totalmente mergulhados na escuridão. Ali, a única luz existente era a das suas lanternas.

Atrás deles, no alto da descida, distinguia-se uma vaga réstia de luar, no início da ligeira curva do túnel, indicando o caminho de regresso.

Von Diksen perscrutou o pedaço de túnel, atrás de si.

-Friedrich! - sussurrou, na escuridão. - Friedrich! Onde estás?

Nesse momento, von Diksen ouviu um baque, vindo de um ponto qualquer, atrás de si.

Voltou-se. E, então, viu que, lá atrás, só se encontravam dois dos seus homens. o terceiro não estava à vista.

Von Diksen voltou-se para a entrada do túnel e preparava-se para dizer qualquer coisa para o microfone, quando, de repente, viu uma sombra descomunal esgueirar-se, lá em cima, junto à curvatura do túnel, e, nesse instante, perdeu por completo a capacidade de falar.

A silhueta recortava-se contra o luar, lá ao fundo. E era absolutamente aterradora.

A pálida luz do luar fazia brilhar os flancos negros e musculosos da criatura. o feixe da lanterna de von Diksen bateu-lhe nas presas, aguçadas que nem lâminas.

o capitão alemão não conseguia fazer mais nada senão olhar para a criatura que tinha diante de si, num silêncio gelado.

Era enorme.

E, então, de súbito, atrás da primeira, apareceu uma segunda criatura semelhante.

Deviam ter estado escondidas nos nichos, pensou von Diksen. Deitadas, à espera. À espera de que ele e os seus homens passassem por eles, para depois lhes cortarem a retirada.

Então, num ápice, a primeira criatura saltou. Von Diksen nem oportunidade teve de esboçar um gesto. A criatura movia-se extraordinariamente depressa para um animal daquele tamanho e, num segundo, umas mandíbulas cortantes encheram por completo o seu campo de visão e, apenas nesse momento, Kurt von Diksen conseguiu gritar.

Pelos altifalantes do televisor, ouviam-se gritos. Race e os outros olhavam, horrorizados, para o ecrã. Os gritos dos três últimos membros do grupo de assalto, ao serem atacados, tinham atravessado o éter. Race ouviu o som de disparos mas este durou apenas um segundo. Depois, cessou abruptamente e, com ele, cessaram também os gritos. Em seguida, reinou o silêncio.

Um longo silêncio.

Race olhava para o ecrã, para a imagem da entrada aberta do templo.

-Von Diksen, Friedrich, Nielson. Transmitam.

Não houve resposta dos homens que tinham entrado no templo.

Race lançou um olhar a Lauren.

E, então, os altifalantes transmitiram o som de uma nova voz. Era a voz de alguém que respirava com dificuldade, uma voz ofegante e aterrorizada:

-Coronel, aqui Nielson! Repito: aqui Nielson! oh, meu Deus... Deus nosajude.

Vão-se embora daqui. Vão-se embora daqui, enquanto...

Tchaque! Parecia o som de uma colisão.

o som de qualquer coisa enorme que se abatia sobre o homem chamado Nielson. Seguiram-se sons de um breve tumulto e, depois, Race ouviu um grito de fazer gelar o sangue e, sobrepondo-se a esse grito, um som infinitamente mais aterrador.

Era um rugido, um rugido terrível, alto e profundo como o rugido de um leão.

Só que ainda mais alto, mais ressonante, mais feroz.

Os olhos de Race piscaram, de tanto olhar para o ecrã, e depois, de repente, ficou gelado.

Viu aquilo.

Viu aquilo emergir da escuridão do portal.

E, ao olhar para a gigantesca criatura preta que estava a sair da entrada do templo, Race sentiu o estômago começar às voltas. Porque, nesse momento, teve consciência de que, apesar de toda a tecnologia, de todas as armas de que dispunham, apesar de todos os desejos egoístas de encontrar uma nova fonte de energia, os homens que se encontravam na torre de pedra tinham acabado de violar uma regra antiga, muito antiga e mais simples da evolução da humanidade.

Há portas que nunca devem ser abertas.

Gunther Kolb e os restantes alemães que se encontravam no cimo da torre ficaram a olhar, mudos de espanto, para o animal que aparecera no portal. Era magnífico.

Tinha, à vontade, um metro e meio de altura, mesmo assentando o peso do corpo nas quatro patas, e era completamente preto, da cabeça à cauda.

Parecia uma espécie de jaguar. Um enorme jaguar preto.

A luz do luar fazia brilhar os olhos amarelos do gato gigantesco, que, com aquele focinho peludo e iracundo, aqueles quartos dianteiros musculosos e aqueles dentes aguçados que nem lâminas, parecia a verdadeira encarnação do Diabo.

Então, abruptamente, a luz suave do luar que iluminava o portal do templo foi substituída pela luz intensa de um relâmpago e, enquanto o trovão que se seguiu ribombava, o enorme animal rugiu.

E aquilo funcionou como uma espécie de sinal.

Porque nesse momento, nesse preciso momento, mais de uma dúzia de gatos pretos gigantesco saltaram da escuridão do interior do templo e atacaram os alemães que se encontravam no cimo da torre.

Apesar de armados de espingardas de assalto e pistolas-metralhadoras, os membros da expedição alemã não tiveram qualquer hipótese, Os gatos eram demasiado rápidos. Demasiado ágeis. Demasiado poderosos. Com uma ferocidade chocante, saltaram sobre o estupefacto grupo de soldados e cientistas, deitando-os ao chão, pulando para cima deles, comendo-os vivos. Dois ou três soldados conseguiram disparar alguns tiros e um dos gatos caiu

por terra, com um espasmo violento.

Mas não fez qualquer diferença. Os outros gatos mal pareciam dar pelas balas que assobiavam à sua volta e, segundos depois, tinham saltado sobre esses soldados, rasgando-lhes as carnes, mordendo-lhes as gargantas, sufocando-os com as suas fauces potentes.

Gritos horríveis rasgaram o ar da noite.

O general Gunther Kolb fugiu.

As folhas molhadas das palmeiras batiam-lhe na cara, enquanto ele descia a correr as escadas que levavam à ponte suspensa.

Se conseguisse chegar à ponte, pensou, e desprendê-la dos contrafortes, do outro lado, os gatos ficariam encurralados na torre.

Kolb galgou os degraus molhados, ouvindo a própria respiração a ressoar-lhe com toda a força nos ouvidos e o som, ainda mais alto, de qualquer coisa pesada a esmagar a vegetação, atrás de si. As folhas das palmeiras continuavam a bater-lhe no rosto mas ele não se ralava com isso. Estava quase...

Alií Kolb viu-a.

A ponte de corda.

Viu mesmo alguns dos seus homens, balançando sobre ela, a fugir da carnificina que estava a decorrer no cimo da torre. Kolb galgou os últimos degraus e correu para a berma. Conseguiu lá chegar.

Mas foi então que um enorme peso se abateu sobre as suas costas e o general alemão caiu de bruços.

Caiu com toda a força, batendo com a cara na superfície molhada do peitoril. Estendeu as mãos, procurando desesperadamente um ponto de apoio, numa tentativa de voltar a pôr-se de pé mas, de repente, uma enorme pata preta prendeu-lhe o pulso, pregando-o ao chão.

Kolb olhou para cima, horrorizado. Era um dos gatos.

Estava mesmo por cima dele.

O demoníaco gato preto olhava-o atentamente, examinando com curiosidade aquela pequena criatura que, ingenuamente, tentara correr mais do que ele. Cheio de medo, Kolb fitava aqueles malévolos olhos amarelos. Então, com um rugido de fazer gelar o sangue, a cabeça do enorme animal abateu-se sobre ele e Kolb fechou os olhos, à espera do fim.

Na aldeia, reinava o silêncio.

Os doze comandos alemães reunidos à volta do monitor olhavam uns para os outros, mudos de espanto.

O ecrã mostrava-lhes os seus camaradas que se encontravam na torre a fugir em todas as direcções. Ocasionalmente, viam um deles atravessar-se no ecrã e abrir fogo com uma MP-5. Mas, um segundo depois, acabavam todos por ser violentamente atirados por terra, derrubados por uma enorme silhueta felina.

-Hasseldorf, Krieger - gritou, em tom cortante, o sargento que dava pelonome de Dietrich. - Desmontem a ponte de toros do lado ocidental.

Dois dos soldados alemães abandonaram rapidamente o círculo.

Dietrich voltou-se para o jovem operador de rádio.

-Conseguiu entrar em contacto com alguém?

-Consigo fazer a ligação, meu sargento, mas ninguém responde.

-Continue a tentar.

Race estava a observar Dietrich e os comandos alemães reunidos à volta do monitor, por uma das janelas salpicadas pela chuva do Hunivee, quando, de repente, ouviu um grito.

Olhou para o outro lado, instantaneamente.

E viu um dos comandos alemães do grupo que estivera na torre aparecer a correr, no caminho junto ao rio.

O comando agitava os braços selvaticamente e gritava:

-ScimelI, zum Flugzeug! ScimelI, zum Flugzeug! Síe kommen! «Depressa, vão para o avião! Depressa, vão para o avião! Eles vêm aí!»

Nesse instante, a luz de um relâmpago iluminou o caminho, atrás do homem

que corria, e Race viu de relance qualquer coisa que corria atrás dele.
- oh, meu Deus...

Era uma das criaturas gigantescas que pareciam gatos, igual às outras que tinha visto sair do templo, havia apenas alguns minutos.

Era aterradora.

Corria de cabeça baixa, as orelhas pontiagudas inclinadas para trás, com os seus fortes e musculosos quartos dianteiros a impeli-lo para diante, em perseguição da presa humana.

Deslocava-se com elegância, com a elegância fluida dos felinos, com aquela combinação de equilíbrio, força e velocidade comum aos gatos de todo o mundo.

o comando alemão corria a bom correr mas não era capaz de correr mais do que o enorme animal que o perseguia. Tentou desviar-se sem parar de correr, esconder-se atrás de uma das árvores que ladeavam o caminho. Mas o gato era demasiado ágil. Parecia um leopardo em pleno voo, com as patas fortes adaptando-se perfeitamente à corrida, copiando os movimentos da sua presa, mergulhando para a direita, virando para a esquerda, mantendo baixo o seu centro de gravidade, sem escorregar nunca.

Aproximava-se do infeliz alemão, estava cada vez mais perto. Então, quando ficou suficientemente perto, o grande gato deu um salto e...

De súbito, a luz da lanterna desapareceu e o caminho ficou mergulhado na mais profunda escuridão.

Escuridão. Silêncio. E Race ouviu um grito.

Então, de repente, outro relâmpago iluminou a margem do rio e, ao assimilar a imagem que tinha diante de si, Race sentiu que o sangue se lhe gelava por completo nas veias.

o grande gato preto estava parado ao lado do corpo do comando, com a enorme cabeça inclinada sobre a zona do pescoço do homem. De súbito, o gato abriu as mandíbulas e, com um aterrador som de qualquer coisa a rasgar-se, separou do corpo a cabeça do comando morto.

E, iluminado pela luz de outro relâmpago, o grande gato preto rugiu de triunfo.

Durante um minuto, nenhuma das pessoas que se encontravam dentro do Hunivee disse palavra.

Por fim, Walter Chambers quebrou o silêncio.

-Estamos metidos numa grande carga de trabalhos.

E tinha razão. Porque nesse momento, nesse terrível momento, todos os outros gatos pretos irromperam de entre a vegetação, perto da margem do rio, e atacaram tudo o que estivesse vivo em seu redor.

Os gatos invadiram a aldeia, vindos de todos os lados, e apanharam completamente desprevenidos Dietrich e os seus homens, estupidamente reunidos à volta do monitor, no centro da aldeia.

Investiram pela rua principal, que nem morcegos saídos do Inferno, abatendo os comandos alemães nos sítios onde os encontravam, esmagando-os sob as patas, antes de eles terem tempo de pegar nas armas, atirando-os ao chão, mordendo-lhes as gargantas.

Race não sabia bem quantos gatos eram. A princípio, contou dez. Depois, doze. Depois quinze.

Santo Deus.

Então, de súbito, ouviu tiros, voltou-se um pouco e viu os dois soldados alemães que Dietrich mandara levantar a ponte de toros do lado ocidental, Hasseldorf e Krieger, disparando desesperadamente sobre os gatos assassinos.

Os dois comandos conseguiram atingir dois ou três daqueles terríveis animais - que caíram, desamparados, sobre a lama antes de os outros gatos saltarem e esmagarem os dois homens, por força do número.

Um dos gatos saltou para as costas de Hasseldorf e quebrou-lhe logo a espinha. Outro limitou-se a enterrar os dentes na garganta de Krieger, quebrando-lhe o pescoço, com um ruído nauseabundo.

o resto da aldeia parecia ter sido cenário de um motim, com soldados alemães a correr para um lado e para o outro - em direcção aos dois helicópteros Apache, em direcção às cabanas, em direcção ao rio - numa tentativa desesperada de escapar aos gatos.

-Para os helicópteros! - gritou alguém. - Para os...

Nesse instante, Race ouviu o ruído de um motor a começar a trabalhar, deu uma volta no assento e viu que as hélices dos dois helicópteros de combate Apache tinham começado lentamente a girar.

Soldados alemães corriam, em desespero, para os dois hélicis mas estes eram muito pequenos e pouco espaçosos - cada um deles só tinha espaço para um piloto e um artilheiro.

o primeiro Apache começou a levantar no momento exacto em que um soldado aterrorizado saltava para o trem de aterragem e estendia a mão, para abrir a porta da cabina. Mas, antes de ele ter podido chegar lá, um dos gatos saltou também para o trem, afastando-o do caminho, para entrar pela porta da cabina, com a longa cauda a abanar.

Um segundo depois, o interior das janelas da cabina estava coberto de sangue e o helicóptero, que se encontrava a cerca de três metros de altura, descontrolou-se.

Com as pás da hélice a girar velozmente, o aparelho inclinou-se terrivelmente para a direita, na direcção do outro Apache, no mesmo instante em que o canhão rotativo de seis canos, por baixo do seu nariz, entrava numa actividade desgovernada, atingindo toda a aldeia com o seu fogo.

Projécteis luminosos choviam por todo o lado.

o pára-brisas do Hunivee de Race foi rasgado por uma rede de rachas, quando a tempestade de balas desabou sobre ele. Instintivamente, Race atirou-se ao chão, afastando-se da zona

de impacto. Ao fazê-lo, contudo, ainda viu uma série de faíscas cor-de-laranja, provocadas pelo impacto das balas, atingirem a secção da cauda de um dos Hueys que se encontravam pousados junto à margem do rio.

Então, de repente, como fogo-de-artifício lançado para o céu no 4 de julho, dois mísseis Helifire, saíram das nacelles suspensas do Apache.

Um dos mísseis atingiu uma cabana de pedra das proximidades, fê-la em pó, e o outro seguiu a direito pela rua principal de Vilcafor, dirigindo-se directamente para o grande hidroavião Antonov, estacionado na margem do rio, até que - zás! - passou a zunir pela rampa de carga do aparelho e desapareceu dentro do porão.

Durante um segundo, nada aconteceu.

Depois, o enorme hidroavião explodiu. Foi uma explosão monstruosa, com uma força tremenda. As paredes do Antonov rebentaram de imediato e, num instante, o que restava da fuselagem do aparelho inclinou-se perigosamente para a esquerda e começou a mergulhar no rio, cujas águas o foram depois arrastando lentamente.

Entretanto, o Apache que estava a causar todos aqueles estragos continuava a avançar, desgovernado, para o seu gémeo. o segundo helicóptero tentou desesperadamente afastar-se da rota do primeiro mas era demasiado tarde. As pás da hélice do primeiro Apache atingiram as pás do segundo helicóptero e um ruído metálico atroou os ares.

Então, de repente, as pás do primeiro hélic rasgaram os depósitos de combustível do segundo e os dois Apaches explodiram, numa enorme bola de fogo cor-de-laranja, que se acendeu sobre a rua principal de Vilcafor.

Race desviou os olhos daquele cenário dantesco e fitou Walter Chambers, que se encontrava ao seu lado, no banco da frente.

-Santo Deus, Walter - disse Race. - Viu aquilo?

Chambers não respondeu. Race franziu o sobrolho. -Walter? o que é que...? Rommmmm.

Race ficou gelado ao ouvir aquilo.

Então, olhou mais atentamente para a cara de Chambers. o antropólogo tinha

os olhos esbugalhados e parecia estar a sufocar.
E estava a olhar directamente por cima do ombro de Race.

Lentamente, muito, muito lentamente, William Race voltou-se. Do outro lado da janela, estava um dos gatos.
Mesmo junto à janela.

A cabeça preta era enorme. Ocupava toda a janela. A gigantesca criatura estava a olhar para Race, com aqueles seus olhos amarelos e fendidos. Voltou a rugir. Era uma espécie de grunhido profundo. Rommmmm.
Race via o peito da criatura subir e descer, via as presas compridas que lhe saíam do lábio superior. Então, abruptamente, o animal rosnou, Race deu um salto de surpresa e, depois, de repente, o Hunivee estremeceu debaixo dos seus pés.

Race voltou-se, para ver o que era.

Um outro gato tinha saltado para a capota do Hunivee. Tinha as patas da frente apoiadas na capota do veículo e os seus coléricos olhos amarelos olhavam para baixo, para Race e Chambers, como se quisesse penetrar no íntimo das suas almas. Race levou a mão ao microfone que trazia ao pescoço.
-Alô, Van Lewen. Está aí? Não houve resposta.

Um som de qualquer coisa a arranhar.

o gato preto que estava em cima da capota dera um ameaçador passo em frente e as suas garras tinham arranhado o metal. Ao mesmo tempo, o gato à esquerda de Race esfregava furiosamente o focinho contra a porta do Hunivee, a experimentá-la.

Race começou a bater repetidas vezes no microfone.

-Van Lewen!

A voz de Van Lewen fez-se ouvir no auscultador.

-Estou a vê-lo, Professor. Estou a vê-lo.

Race olhou lá para fora e viu o veículo todo-o-terreno, parado na rua lamacenta, não muito longe do Hunivee.

-Agora, era capaz de ser boa altura de fazer o seu trabalho de guarda-costas - disse Race.

-Tenha calma, Professor. Dentro do Hunivee, está a salvo. Foi nesse preciso momento que o gato que estava na capota do Hunivee lançou uma das patas da frente contra o pára-brisas rachado do veículo.

Os estilhaços de vidro saltaram para todos os lados e a pata do gato, que parecia um punho fechado, entrou pelo pára-brisas e parou a uns quatro centímetros da pala do boné de Race.

-Van Lewen!

-Pronto, pronto! Rápido! Procure debaixo do painel de instrumentos - disse Van Lewen. - Em baixo, ao pé do tubo da gasolina. Procure um botão preto, de borracha, por baixo da coluna da direcção.

Race procurou. E encontrou.

- o que é que faço?

-Carregue no botão!

Race carregou no botão de borracha e o motor do Hunivee começou imediatamente a trabalhar.

o veículo já não estava desactivado. Race não sabia porquê, nem queria saber. Desde que funcionasse.

Rapidamente, saiu do sítio onde estava, por baixo do volante, e deu consigo a olhar para as garras abertas do gato que se encontrava em cima da capota. Bufava selvaticamente, irado. Estava tão perto que Race podia sentir aquele horrível bafo a bater-lhe na cara. o enorme gato contorcia-se e retorcia-se, tentando desesperadamente entrar pelo buraco que abria no pára-brisas, para chegar à carne humana que havia lá dentro.

Race recostou-se para trás no assento, o mais longe possível dos dentes aguçados do animal, encostou-se à janela do lado do condutor mas, quando se voltou, viu as enormes fauces de outro gato aproximarem-se de si a uma velocidade assustadora.

o segundo gato bateu contra a janela. o Hunivee estremeceu, sob o impacto

do enorme peso do gato. o vidro da janela do lado do condutor ficou todo rachado.

Mas o motor do veículo continuava a trabalhar e era isso que importava. Levado a fazer qualquer coisa, por efeito do choque, Race deitou a mão à alavanca das mudanças, experimentou-as, encontrou uma, sem querer saber qual, e carregou a fundo no acelerador.

o Hunivee deu um salto para trás, sobre a lama que cobria a rua principal de Vilcafor.

Credo, tinha metido a marcha-atrás.

o gato que estava na capota pareceu nem dar pelas sacudidelas do Hunivee, quando o veículo começou a saltar freneticamente sobre o terreno irregular da aldeia. o demoníaco animal limitou-se a afastar a cabeça do pára-brisas mas começou a tactear com a pata para além do vidro partido, tentando apanhar Race.

Por seu turno, este encostou-se o mais para trás que pôde, mantendo o corpo fora do alcance da enorme pata, carregando com força no acelerador.

o Hunivee bateu num buraco, saltou no ar por um momento e voltou a embater no solo. o gato continuava em cima da capota, sempre a tentar freneticamente chegar a Race, enquanto o veículo blindado descia a rua alagada, em marcha-atrás, completamente descontrolado.

-Cuidado, Will! - gritou Lauren.

- o que foi? - perguntou Race.

-Lá atrás!

Mas Race não estava a olhar para a retaguarda.

Estava a olhar para aquela visão do inferno, que se esticava através do pára-brisas do veículo, tentando rasgar-lhe o peito, -Will, pára! Estamos a ir na direcção do rio!

A cabeça de Race quase estalou. Ela tinha mesmo dito rio?

Lançou um rápido olhar para o retrovisor e, num relance, viu o rio escuro, a aproximar-se rapidamente, viu um dos Hueys americanos poisados junto à margem, mesmo no caminho.

Race lutou com o volante mas não serviu de nada, Em pânico, para se livrar do gato que estava na capota, havia muito que perdera o controlo do Hunivee, que seguia a grande velocidade, em marcha-atrás.

Segurou-se bem ao volante, pôs o pé no travão mas as rodas bloquearam e, num instante, o grande Hunivee perdeu a tracção. Derrapou na lama e planou sobre a água, completamente descontrolado. E, então, de repente, mesmo antes de Race se aperceber do que estava a acontecer, o grande veículo lançou-se para fora da margem e saltou no ar, sobre o rio.

o Hunivee voou pelo ar, elevando-se sobre a margem do rio, descrevendo um arco gracioso. Depois, bateu com toda a força, com a traseira, na cabina envidraçada do Huey, estacionado no baixio.

A inércia do impacto foi tão grande que atirou veículo e helicóptero para dentro do rio. Também fez saltar da capota o gato, que foi embater com toda a força no Huey. Finalmente, o grande gato foi cair a grande distância, no meio do rio, chocando na água com um barulho enorme.

Segundos depois, os caimões tinham saltado sobre ele. Gritando selvaticamente, o gato lutou com toda a gana mas acabou por ser vencido pelo número dos seus opositores e foi ao fundo.

Perto da margem via-se agora um estranho híbrido Hunivee-Huey, parcialmente submerso na água, onde penetrava uns seis metros para além da margem.

Toda a parte da frente da cabina do Huey tinha sido esmagada pelo Hunivee e, agora, o veículo semelhante a um jeep saía desajeitadamente da dianteira do helicóptero. o impacto não danificara, porém, a base de suporte da hélice nem a secção da cauda. As duas pás da hélice pareciam pairar sobre aquela confusão medonha, imóveis mas intactas.

Dentro do Hunivee, Race tentava desesperadamente manter a calma.

A água, verde e lodosa, batia contra a janela à sua esquerda, ao mesmo

tempo que jactos de gotas, pequenos mas fortes, entravam pelas inúmeras ranhuras do vidro rachado. Olhar lá para fora era o mesmo que olhar para um desses aquários, nos quais se pode olhar para cima e para baixo da linha de água.

Só que este era um aquário do inferno.

Pela janela, Race viu os ventres de nada menos de cinco enormes caimões, todos alinhados à sua direita, com as caudas a bater, avançando para o Hunivee.

Para piorar as coisas, pelo grande buraco aberto no pára-brisas, entrava uma torrente de água que lhe escorria para cima dasjeans e formava uma poça aos seus pés.

Walter Chambers começou a ficar muito vermelho.

-Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! - gemia. Por trás de Chambers, Race viu que Gaby Lopez sangrava, com um golpe profundo por cima do olho direito. Devia ter batido com a cabeça, quando o Hunivee embatera no helicóptero.

-Temos que sair daqui! - gritou Lauren.

-A quem o dizes! - gritou Race, no momento em que um enorme peixe prateado, com uns dentes muito grandes, entrava pelo pára-brisas e ia aterrar-lhe no colo.

Nesse mesmo instante, proveniente do lado esquerdo, ouviu-se um enorme estrondo e Race quase foi cuspidado do assento, quando o Hunivee começou a balançar freneticamente.

Race voltou-se e viu a enorme silhueta de um caimão preto, flutuando junto à janela, ao seu lado, a olhar pelo vidro rachado, mirando-o com um ar esfaimado.

-Oh, oh - disse.

Depois, viu o enorme réptil afastar-se do vidro.

-Oh, oh...

O que foi? o que foi? - perguntava Chambers, ao seu lado.

-Ele vai despedaçar-nos! - gritou Race, trepando apressadamente pelas costas do banco, para passar para o banco de trás.

-Sai daí, Walter! Sai daí!

Chambers começou imediatamente a tentar passar também para o banco de trás, no momento exacto em que o caimão tomava balanço. uma fracção de segundo depois, o vidro do lado do motorista fragmentava-se, explodindo numa chuva espectacular de pequenos pedaços de vidro.

Imediatamente atrás daquela súbita chuva de pedacinhos de vidro, vinha o corpo coberto de escamas do caimão. Entrou pela janela para a parte da frente do Hunivee, cavalgando uma nuvem de água, que caiu em cascata para dentro do veículo.

o caimão precipitou-se sobre o banco da frente do Hunivee e o seu corpo gigantesco ocupou todo aquele espaço reduzido. Race puxou os pés para o banco de trás, uma ínfima fracção de segundo antes de a bocarra ocupar o espaço onde estes tinham estado.

Walter Chambers não teve tanta sorte. Não conseguiu afastar as pernas a tempo e o caimão embateu nelas, empurrando-as contra a porta do lado do passageiro e prendendo-as ali.

Chambers gritou. o caimão dava pulos e saltos, tentando agarrá-lo melhor. Do banco de trás, Race só conseguia ver o enorme dorso escamoso da criatura e a sua cauda comprida, a bater violentamente para trás e para diante.

Então, abruptamente, com grande violência e com uma rapidez tal que Race ofegou de horror, o gigantesco caimão puxou Chambers para fora da janela por onde tinha entrado.

-Nãoooo! - gritou Chambers, ao desaparecer pela janela, arrastado para baixo da superfície.

Horrorizado, Race olhou para Lauren.

- o que é que vamos fazer agora? - gritou ela.

Como diabo é que ele havia de saber?, pensou, enquanto olhava para o que o rodeava.

- Temos que sair daqui, antes que o carro se afunde - gritou ele. -
Depressa! Abre a janela. Agora, já devemos conseguir abri-las.
A água começou a cair sobre o banco da frente, enquanto Lauren abria
ajanela do seu lado. o veículo estava inclinado sobre o lado contrário e,
quando, finalmente, Lauren conseguiu abrir a janela por completo, esta só
deixou entrar o ar frio da noite.

Então, de repente, junto à janela do condutor do Hun-ivee, apareceu outro
caimão, que foi cair na poça de água, que cobria a parte da frente do
veículo.

-Sai! - gritou Race. - Salta para o tecto!

Lauren agiu com rapidez. Num segundo, tinha saído do Hunivee e trepado para
o tecto deste. Ainda aturdida, Gaby foi atrás dela. Arrastou-se rapidamente
pelo banco traseiro e conseguiu chegar à janela. Lauren começou
imediatamente a puxá-la para fora, para cima do tecto, enquanto Race a
empurrava por trás.

No banco da frente, o caimão saltava e bufava, à procura de uma presa.
Agora, a água caía ajorros, numa corrente constante, para cima do banco da
frente. Lá atrás, chegava quase à cintura.

Então, na janela de trás do lado esquerdo do Hunivee, apareceu mais um
caimão, que fez abanar todo o veículo. Race rolou, devido ao impacto, e viu
que, agora, toda a metade esquerda do Hunivee estava completamente debaixo
de água!

Gaby Lopez já tinha metade do corpo do lado de fora da janela. Só restava
Race.

Foi então que, enquanto empurrava o pé de Gaby, Race ouviu um horrível
ruído metálico, vindo de um ponto qualquer do Hunivee.

E, de repente, o veículo inclinou-se fortemente para a direita. A
princípio, Race pensou que se tratava de mais um embate de um caimão. Mas
não era isso. Desta vez, o veículo inclinava-se todo para o lado. Estava a
mover-se. A mover-se...

Arrastado pelo rio.

Oh, meu Deus, pensou Race. Estavam a ser arrastados pela corrente.

-Isto não pode estar a acontecer - disse ele.

Nesse momento, deu-se mais um embate, quando um dos caimões voltou a
investir contra a janela do lado esquerdo.

-Despacha-te, Gaby! - gritou Race para um pé de Lopez, pendurado par dentro da
janela do lado direito, diante de si. Por esta altura, o caimão
que estava no banco da frente pareceu ter percebido onde estavam Race e as
duas mulheres e começou a saltar desajeitadamente para trás, para poder
chegar ao banco traseiro.

-Gaby!

-Está quase... - respondeu Lopez.

-Despacha-te!

Então, de repente, o pé de Gaby desapareceu da janela e Lauren gritou:

-Ela já aqui está, Will!

Ao ouvir isto, Race saltou para a janela, deitou a cabeça de fora e viu
Lauren e Gaby, lá em cima, na cobertura do veículo. Num instante, as duas
mulheres debruçaram-se, agarraram nas mãos dele e puxaram-no para fora do
carro, menos de um segundo antes de o caimão que estava no banco da frente
ter conseguido arrastar-se até ao banco traseiro, mordendo furiosamente o
ar, na direcção dos pés de Race, falhando por uma questão de milímetros.

Na aldeia, Nash, Copeland e os seis soldados americanos estavam sentados,
algemados mas a salvo, dentro do todo-o-terreno, assistindo ao desenrolar
do pesadelo que tinha lugar lá fora, quando, subitamente, a porta de correr
do veículo blindado foi escancarada do lado de fora, deixando entrar uma
rajada de vento e chuva para o interior do ATV.

Dois alemães encharcados saltaram, apressados, lá para dentro, batendo com
os pés cobertos de lama no chão do veículo. Fecharam a grande porta de aço

e, de repente, voltou a reinar o silêncio dentro do ATV
Nash e os outros ficaram a olhar para os seus novos companheiros.
Um homem e uma mulher.

Estavam os dois completamente ensopados e cobertos de lama. Usavam roupas civis, bluejeans e t-shirts brancas, mas, nas ancas de ambos, viam-se coldres pretos Gore-Tex e pequenas pistolas Glock-18. E também tinham vestidos coletes à prova de bala, azuis-escuros. Cheiravam à distância a polícias à paisana.

o homem era corpulento, entroncado e tinha aspecto de ter muita força. A mulher era baixa mas bem constituída e tinha o cabelo loiro cortado curto.

o homem não perdeu tempo. Foi direito aos americanos e começou a tirar-lhes as algemas.

-já não são prisioneiros - disse, em inglês. - Agora, estamos todos metidos nisto. Vamos, temos que salvar todos os que pudermos.

Race, Lauren e Lopez estavam encurralados no tecto do Hunivee e a amálgama Hunivee-Huey seguia aos solavancos rio abaixo, arrastada pela corrente.

Então, Race viu o frágil cais de madeira, cerca de três metros mais adiante. Segundo parecia, estavam a seguir naquela direcção. Era a única oportunidade que tinham. O Hunivee-Huey voltou a oscilar e mergulhou um pouco mais na água. Nesse momento, o tecto do Hunivee estava pouco mais de trinta centímetros acima da superfície do rio e o Huey estava um pouco mais de fora. Mas por cada metro que avançavam, na descida do rio, os dois veículos pareciam afundar-se mais alguns centímetros.

Ia ser mesmo à tangente. Muito à tangente.

Avançaram mais um metro, rio abaixo. Os caimões começaram a cercá-los.

A oito metros do cais, a água começou a chegar à cobertura do Hunivee, por baixo dos pés deles. Os três saltaram para a base de suporte da hélice do Huey

Mais cinco metros.

A afundarem-se rapidamente.

Do alto da base de suporte da hélice, Race olhou para a aldeia, iluminada pelos holofotes.

Agora, encontrava-se deserta e o único movimento era o da sombra de um ou outro felino, a avançar pela rua principal. Não havia sinais de vida humana. Nada.

Foi então que Race reparou numa coisa.

o ATV de oito rodas, semelhante a um tanque, no qual Nash, Copeland e os Boinas Verdes tinham sido aprisionados, tinha desaparecido.

Race falou para o microfone de pescoço. Van Lewen, onde está?

-Estou aqui, Professor.

-Onde?

-Dois alemães abriram o ATV e tiraram-nos as algemas. Agora, andamos a daruma volta pela aldeia, para apanhar as pessoas que conseguirmos encontrar.

-já que estão nessa, porque é que não passam pelo cais? Tem que ser daqui a trinta segundos.

-Dez-quatro, Professor. Vamos a caminho.

Faltavam três metros para chegarem ao cais e o tecto do Hunivee estava completamente debaixo de água.

Race mordeu os lábios.

Embora, agora, se encontrassem na base exposta do suporte de hélice do Huey, para chegarem ao cais, ainda tinham que passar pelo tecto submerso do Hunivee.

-Vá lá, não te afundes - disse ele. Dois metros.

o tecto do Hunivee afundou-se mais dezasseis centímetros. Um metro.

Mais trinta centímetros para o fundo.

Lauren passou um braço por baixo dos ombros de Gaby, que continuava aturdida.

-OK, pessoal - disse ela. - Oiçam. Eu levo a Gaby, primeiro. Will, tuficas para último.

-Certo.

o Humivee-Huey chegou junto ao ancoradouro. Quando isto aconteceu, Lauren e Gaby saltaram do suporte da hélice do Huey para a capota submersa do Hunivee e ficaram com as pernas dentro de água até aos joelhos.

Foram precisas duas passadas largas até Lauren conseguir empurrar Gaby para o ancoradouro. Depois, saltou ela própria, levantando os pés no preciso momento em que os enormes vultos de dois caimões atacavam, a partir da água, chocalhando ferozmente as mandíbulas.

-Anda lá, Will! - gritou ela, do cais.

Race preparou-se para saltar para a capota submersa do Hunivee. Não era capaz de imaginar o que aquilo poderia parecer: ele, de jeans, T-shirt e boné de basebol, empoleirado no alto de um helicóptero militar submerso, no meio do rio Amazonas, infestado de caimões.

Como é que eu me fui meter nisto?, pensou.

Então, sem aviso prévio, a amálgama Humivee-Huey baloiçou violentamente e afundou-se mais uns trinta centímetros. Race desequilibrou-se, quase que caiu mas conseguiu recompor-se, num instante. Depois, olhou para cima e viu que as coisas tinham piorado bastante.

A capota do Hunivee encontrava-se agora mais ou menos um metro debaixo de água.

A situação do Huey não era muito melhor.

Embora se encontrasse em cima da base do suporte da hélice do héli, agora, esta também estava quase três centímetros debaixo de água.

Race olhou em volta, desesperado, e viu que a única parte do Huey ainda acima da água eram as duas pás da hélice.

Olhou rapidamente para o ancoradouro e viu o ATV fazer uma travagem brusca perto dele, viu a porta de correr do grande oito rodas abrir-se, deixando ver Van Lewen e Scott, e viu Lauren arrastar Gaby em direcção ao veículo.

Por cima do ombro, Lauren gritou: -Vá lá, Will! Salta!

o Huey voltou a oscilar e os ténis de Race ficaram totalmente cobertos pela água.

Race olhou para o helicóptero que se afundava, olhou para as pás da hélice, que já quase tocavam a superfície do rio.

As pás da hélice..., pensou. Talvez conseguisse...

Não. Ele era demasiado pesado e as pás iriam ceder ao seu peso. Voltou-se mais uma vez, para olhar para o cais. Agora, havia três enormes caimões, meio submersos, na água que ficava entre ele e o velho ancoradouro de madeira.

Talvez...

Race estendeu rapidamente os braços e agarrou-se a uma das pás da hélice, Depois, empurrou-a com quantas forças tinha, fazendo a pá de nove metros rodar sobre o eixo.

o Huey submerso continuava a ser lentamente arrastado pela corrente.

A pá da hélice girou e a sua extremidade quase tocou no cais. Agora, parecia uma ponte muito estreita, lançada sobre o rio, ligando o Huey ao ancoradouro.

o Huey voltou a balançar e mergulhou mais quatro centímetros, no momento exacto em que um enorme vulto negro saltava da água, próximo de Race, que, num acto reflexo, afastou as pernas uma da outra, o mais que pôde. o caimão passou por baixo de Race, roçando-lhe pelas barrigas das pernas, e foi parar ao outro lado do Huey

Foi por pouco, gritou a mente de Race. Mexe-te!

Race lançou um derradeiro olhar à sua passagem para a liberdade: a pá da hélice, uma tábuca de salvação com uns vinte cinco centímetros de largura, suspensa a trinta centímetros da superfície do rio.

vá lá!

E ele assim fez.

Três passos mais adiante, viu o embarcadouro a uns seis metros de distância. o cais, a segurança, a salvação...

A meio caminho, Race sentiu a pá da hélice ceder debaixo de si, aproximando-se da linha de água e acabando por assentar nos dorsos dos três caimões que se encontravam entre o helicóptero e o ancoradouro. Race foi-se equilibrando sobre a estreita ponte, agora apoiada nos costados dos três caimões. Percorreu o resto da extensão da pá, a passos largos, e depois atirou-se, indo aterrar de bruços na beira do cais. Tira os pés da água, gritava-lhe a mente, enquanto os seus pés mergulhavam no líquido escuro. Num instante, tirou os pés da água e rolou sobre si mesmo, já em segurança.

Engoliu em seco, quase sem poder respirar. Ainda nem queria acreditar. Estava... - Vamos lá, Professor! - gritou, de súbito, a voz de Van Lewen, junto ao seu ouvido. Race olhou imediatamente para cima e viu o ATV, estacionado na extremidade do ancoradouro, com a porta de correr aberta. Nesse instante, porém, o seu olhar foi atraído por um movimento qualquer, para lá do ATV, e Race olhou para cima mesmo a tempo de ver um dos enormes gatos pretos saltar por cima do veículo todo-o-terreno, com as garras de fora e os dentes arreganhados. o enorme animal aterrou no cais a cerca de metro e meio de Race. Ficou ali, a olhar para ele, agachado, com as orelhas espetadas para trás, de beiços franzidos, os músculos tensos, preparando o salto final... E, então, de repente, o frágil ancoradouro abateu, por baixo do animal. Não se ouviu nada a estalar. Nenhum som de aviso. O velho ancoradouro de madeira apenas cedeu por baixo do gato e, com um grito de espanto, a enorme criatura preta caiu à água. -já era altura de eu ter um bocado de sorte - disse Race. Os caimões agiram com rapidez. Dois vultos colossais investiram contra o gato caído e, em breve, a água à volta do enorme animal transformou-se numa confusão de espuma fervilhante. Race aproveitou a oportunidade, saltou por cima da brecha que agora havia no embarcadouro e correu para o ATV. Depois de ter entrado e de Van Lewen ter fechado a enorme porta de aço, Race olhou para o rio, pela estreita abertura rectangular da porta de correr. Aquilo que viu era completamente inesperado. Viu o gato, o mesmo gato preto que, momentos antes, estivera tão perto de si, sair lentamente da água, trepando novamente para o ancoradouro. Tinha as garras cobertas de sangue, da sua queixada pendiam pedaços de carne e, dos seus flancos brilhantes escorria água.

o animal arfava. Parecia completamente exausto, da luta que tinha acabado de travar.

Mas estava vivo. Tinha vencido.

Tinha sobrevivido a um recontro com dois caimões monstruosos.

Race atirou-se para o chão do ATV, totalmente extenuado. Apoiou a cabeça contra o metal frio de um dos lados do veículo e fechou os olhos.

Mas, quando o fez, ouviu barulho.

Ouviu os gatos rugir e bufar, lá fora, muito perto, muito alto. Ouviu o som das suas patas, a chafurdar nas poças de água. Ouviu estalar ossos, enquanto eles se banquetevavam com os corpos dos comandos alemães. Até ouviu o grito de agonia de alguém, não muito longe.

Pouco depois, Race adormeceu. Mas antes de adormecer, ocorreu-lhe um pensamento aterrador.

Como é que diabo é que eu vou sair daqui vivo?

QUARTA MAQUINAÇÃO Terça-feira, 5 de janeiro, 09:30

o agente especial John-Paul Demonaco seguia lentamente, pelo corredor iluminado por uma luz branca, tendo o cuidado de não tropeçar nos sacos que continham os corpos.

Eram 9 e 30 da manhã de 5 de janeiro e Demonaco tinha acabado de chegar ao

3701 North Fairfax Drive, em resposta a uma ordem do próprio director do FBI.

Tal como o resto das pessoas, Demonaco não sabia nada do assalto do dia anterior, à sede da DARPA. Só sabia que, às 3 e meia da manhã, o director recebera um telefonema de um almirante de quatro estrelas que se encontrava na Sala Oval. Este dissera ao director que mandasse o seu melhor especialista em anti-terrorismo interno a Fairfax Drive, o mais rapidamente possível.

o seu melhor homem era John-Paul Demonaco.

«J.P.» Demonaco tinha trinta e dois anos, era divorciado e tinha a cintura um pouco larga demais. Tinha cabelos castanhos e ralos e usava uns óculos de aros grossos. o seu amarrotado fato cinzento de poliéster tinha sido comprado por cem dólares, na J. C. Penney, em 1994, mas a gravata Versace tinha custado trezentos dólares e tinha sido comprada no ano anterior. Fora um presente de aniversário da filha mais nova e, segundo parecia, estava na moda.

Apesar de um tanto descuidado em matéria de vestuário, Demonaco era o agente especial que tinha a seu cargo a Unidade

Anti-Terrorista (Nacional) do FBI, cargo que ocupava havia quatro anos, em especial por saber mais do que qualquer outra pessoa ainda viva sobre terrorismo na América.

Enquanto seguia pela entrada, Demonaco viu outro saco com um cadáver, no chão, mesmo diante de si. Por cima do corpo, uma estrela de sangue maculava a parede. Somou mais um saco à lista mental. já ia em dez.

Que diabo tinha acontecido ali?

Virou uma esquina e deparou com uma pequena multidão, à porta do laboratório, ao fundo do corredor.

Reparou que a maior parte das pessoas que compunha essa multidão usava uniformes azuis-escuros, impecavelmente engomados, da Marinha dos EUA.

Um tenente de vinte e tal anos veio ter com ele, a meio do corredor.

-Agente especial Demonaco?

Em resposta, Demonaco apresentou o crachá.

-Por aqui, por favor. o capitão Mitchell está à sua espera. o jovem tenente conduziu-o ao laboratório. Ao entrar, Demonaco observou em silêncio as câmaras de segurança, montadas nas paredes, as espessas portas hidráulicas, as fechaduras de código.

Caramba! Aquilo era uma cripta.

-Agente especial Demonaco? - disse uma voz, vinda de trás dele.

Demonaco voltou-se. Diante de si encontrava-se um jovem oficial. Era um belo homem, com cerca de trinta e seis anos, alto, de olhos azuis e cabelo loiro claro, cortado curto: uma figura apropriada para um cartaz da Marinha. E, por uma razão qualquer que não conseguia definir, Demonaco achou que ele lhe era estranhamente familiar.

-Sim, o meu nome é Demonaco.

-Capitão Tom Mitchell. Serviço de Investigação Criminal da Marinha.

NCIS, pensou Demonaco. Interessante.

Quando chegara a Fairfax Drive, Demonaco quase não tinha reparado nos homens da Marinha que estavam de guarda à entrada

do edifício. Na área distrital de Washington, não era invulgar a guarda de alguns edifícios federais estar a cargo de ramos específicos das Forças Armadas. Fort Meade, a sede da NSA, por exemplo, era na verdade um recinto do Exército, Por outro lado, a guarda da Casa Branca estava a cargo do Corpo de Fuzileiros dos Estados Unidos. Para Demonaco, não fora surpresa verificar que a Marinha estava encarregue da protecção da DARPA. o que poderia explicar a presença de todas aquelas fardas azuis.

Mas não. o facto de o NCIS se encontrar ali queria dizer uma coisa completamente diferente. o que tinha acontecido era mais do que uma simples falha na protecção de um edifício federal. Qualquer problema interno...

-Não sei se se lembra de mim - disse Mitchell. - Assisti ao seu seminário,

em Quantico, há seis meses. «A Segunda Emenda e a Ascensão dos Grupos de Milícias».

Então, fora ali que tinha visto Mitchell.

De três em três meses, Demonaco dava um seminário em Quantico sobre organizações terroristas nacionais, nos Estados Unidos. Nas suas comunicações, Demonaco apontava as características básicas, os métodos e a filosofia dos grupos de milícias melhor organizados do país: de grupos como os Patriotas, a Resistência Ariana e o Exército Republicano do Texas. Depois do atentado bombista na cidade de Oklahoma e do sangrento cerco ao complexo de armas nucleares de Amarillo, no Texas, os seminários de Demonaco eram muito concorridos. A assistência incluía, sobretudo, elementos das Forças Armadas, uma vez que as suas bases e os edifícios que se encontravam sob a sua guarda eram alvos frequentes das acções terroristas levadas a cabo por grupos nacionais.

-Em que é que posso ser-lhe útil, capitão Mitchell? - perguntou Demonaco.

-Bem, para começar, como não lhe será difícil compreender, tudo o que virou ouvir nesta sala, é informação rigorosamente classifi...

- o que é que quer que eu faça?

Demonaco era conhecido pela sua total incapacidade para tolerar conversas inúteis.

Mitchell respirou fundo.

-Como pode ver, ontem de manhã... tivemos aqui um... incidente. Morreramdezas-sete elementos do pessoal de segurança e foi roubada uma arma da maior importância. Temos razões para pensar que, por trás disto, está uma organização terrorista nacional. E foi por isso que o senhor foi chamado...

-É ele? É ele? - perguntou uma voz ríspida.

Demonaco voltou-se e viu um comandante de aspecto severo. Tinha um bigode grisalho e um cabelo igualmente grisalho, cortado curto, e dirigia-se apressadamente para o sítio onde se encontravam Demonaco e o capitão Mitchell.

Os olhos dele, fixos em Mitchell, chispavam.

-Eu disse-lhe que era um erro, Tom. Isto é uma questão interna. Não precisamos de meter o FBI nisto.

- o agente especial Demonaco - apresentou Mitchell.

- o comandante Vernon Aaronson. o comandante Aaronson é o responsável por esta investigação...

-Mas, pelos vistos, o capitão Mitchell está atento às razões daqueles que estão interessados em que esta confusão demore mais tempo do que o necessário a ser resolvida - observou Aaronson, sarcástico.

Demonaco pensou que Aaronson devia ser dois ou três anos mais velho e pelo menos uma década mais amargo do que o seu subordinado, o capitão Mitchell.

-Não havia outra hipótese, senhor - disse Mitchell.

- o Presidente insistiu...

- o Presidente insistiu... - resmungou Aaronson.

- o Presidente não queria que se repetisse um incidente como o da auto-estrada de Baltimore.

Ah, pensou Demonaco. Então, era isso.

No dia de Natal de 1997, um camião de transporte da DARPA, sem qualquer distintivo, em viagem de Nova Iorque para a Virgínia, tinha sido desviado, quando seguia pela circular de Baltimore. Do camião, tinham sido roubados dezasseis mochilas a jacto J-7 e quarenta e oito cargas explosivas em protótipo - pequenos tubos de crómio e plástico, que pareciam frascos de laboratório.

Mas não se tratava de cargas explosivas vulgares, Oficialmente, eram designadas por cargas isotópicas M-22 mas, dentro da DARPA, eram conhecidas como dínamos de bolso.

Resumidamente, o dínamo de bolso era um passo em frente na evolução da tecnologia dos produtos químicos líquidos de alta temperatura. Resultante de um trabalho concertado do Exército dos Estados Unidos e da Divisão de

Material Bélico da DARPA, a M-22 utilizava isótopos do elemento cloro criados em laboratório, para produzir uma onda de explosão concentrada, de uma potência tal que vaporizava literalmente tudo o que se encontrasse num raio de um pouco menos de duzentos metros do ponto de detonação. Fora concebida para ser usada por pequenas unidades de ataque, em missões de sabotagem ou de busca-e-destruição, quando o objectivo da missão era não deixar absolutamente nada de pé. A potência da explosão isotópica de uma carga M-22 só era superada por uma explosão nuclear mas não tinha os mesmos efeitos radioactivos.

Contudo, aquilo que Demonaco também sabia acerca do incidente da auto-estrada de Baltimore era que fora o próprio Exército a encarregar-se da investigação do furto.

Dois dias depois do ousado roubo, os investigadores do Exército tinham recebido uma informação quanto à localização do armamento roubado e, sem se darem ao trabalho de consultar o FBI ou a CIA, tinham mandado um pelotão de Boinas Verdes assaltar as instalações de um grupo clandestino de milícias, no Norte do Idaho. Morreram dez pessoas e doze outras ficaram feridas. Na sequência do assalto militar, verificar-se-ia não ter sido aquele grupo o responsável pelo roubo. Na verdade, o grupo cujas instalações tinham sido assaltadas era um dos grupos paramilitares mais benignos da zona, mais parecido com um clube de tiro do que com uma célula terrorista. Nas suas instalações, não foram encontrados quaisquer explosivos isotópicos. A ACLU e o NRA tinham tido um dia de manobras.

As mochilas a jacto e as M-22 nunca foram recuperadas, Obviamente, pensou Demonaco, o Presidente não queria que o fiasco se repetisse. E era por isso que ele tinha sido chamado.

-Então, o que é que querem que eu veja? - perguntou.

-Isto - respondeu Mitchell, tirando uma coisa do bolso e entregando-a a Demonaco.

Era uma bolsa de plástico para provas.

Dentro dela, encontrava-se uma bala manchada de sangue.

Demonaco sentou-se a uma mesa, para examinar a bala manchada de sangue.

-De onde é que foi tirada? Do corpo de um dos seguranças?

-Não - respondeu Mitchell. - Do corpo do motorista da carrinha que eles utilizaram para entrar aqui. Foi a única pessoa que eles mataram com uma pistola.

- Depois de se terem servido dele para passarem pelos guardas da garagem - acrescentou o capitão Aaronson - deram-lhe um tiro à queima-roupa na cabeça.

-Um cartão de visita - comentou Demonaco.

-Hum... hum.

- Parece aço-tungsténio... - disse Demonaco, examinando atentamente o projectil.

-Foi isso mesmo que nós pensámos - disse Aaronson.

-E, tanto quanto se sabe, só há uma organização terrorista nos Estados Unidos que utiliza munições de tungsténio: os Combatentes da Liberdade do Oklahoma.

Sem desviar os olhos da bala que tinha na mão, Demonaco concordou:

-Pois é mas os Combatentes da Liberdade...

- São conhecidos por actuarem desta maneira - interrompeu Aaronson. - Assalto ao estilo das forças especiais, tiros nas cabeças das vítimas, roubo de tecnologia militar de ponta.

-Quase se podia dizer que o senhor também assistiu a um dos meus seminários, comandante Aaronson - disse Demonaco.

-E assisti - admitiu Aaronson. - Mas também me considero um especialista neste campo. Estudei a fundo estes grupos, como parte da actualização da segurança naval. Também temos que estar de olho nessa gente.

-Então, deve saber que os Combatentes da Liberdade estão em plena guerra «territorial» com os Texanos - disse Demonaco.

Aaronson mordeu os lábios e franziu o sobrolho. Era óbvio que não sabia nada daquilo. Lançou um olhar irado a Demonaco, irritado com aquela crítica velada.

Demonaco fitou os dois oficiais da Marinha, por trás dos óculos de aros grossos. Eles estavam a esconder-lhe qualquer coisa.

- o que foi que aconteceu aqui, meus senhores? Aaronson e Mitchell olharam um para o outro.

- o que é que quer dizer? - perguntou Mitchell.

-Não posso ajudá-los, se não souber tudo o que se passou aqui. Coisas como, por exemplo, o que é que foi roubado. Aaronson fez uma careta. Depois, disse:

-Eles vieram à procura de um dispositivo chamado Supernova. Sabiam o que era e como chegar até ele. Sabiam todos os códigos e tinham todos os cartões de passe. Agiram com precisão e rapidez, como uma unidade de comandos bem treinada.

-A equipa de assalto dos Combatentes da Liberdade é boa disse Demonaco - mas não é suficientemente grande para tomar de assalto um sítio deste tamanho. É muito pequena: uns dois, três homens, no máximo. É por isso que só atacam alvos fáceis, como instalações informáticas e departamentos governamentais de segunda ordem. Sítios de onde podem roubar dados técnicos, como diagramas electrotécnicos ou calendários dos horários de passagem de satélites. E, mais importante ainda, eles só atacam instalações que não estejam bem guardadas. Nunca fortalezas como esta. Eles são, sobretudo, tarados por tecnologias e não um grupo de assalto frontal.

-Mas é o único grupo conhecido por utilizar balas de tungsténio - observou Aaronson.

-Isso é verdade.

-Por isso, talvez eles tenham alargado o âmbito das operações- contrapôs Aaronson, num tom arrogante. - Talvez estejam a tentar dar o salto para a primeira divisão.

-É possível.

-É possível - troçou Aaronson. - Talvez eu não tenha deixado bem clara uma coisa, agente especial Demonaco. o dispositivo que foi roubado destas instalações é da maior importância

para a defesa futura dos Estados Unidos. Se cair nas mãos erradas, o uso que lhe pode ser dado provocará uma catástrofe. Eu tenho equipas SEAL a postos para arrasar três instalações suspeitas dos Combatentes da Liberdade. Mas os meus chefes têm de saber que não há dúvidas. Eles não querem que aconteça o que aconteceu em Baltimore. Aquilo que nós queremos de si é o reconhecimento de que este roubo só pode ter sido obra deles.

-Bem... - começou Demonaco.

A verdade era que tudo dependia das balas de tungsténio. Mas, por uma razão qualquer que Demonaco não era capaz de entender muito bem, a utilização daquelas balas, neste caso, incomodava-o...

-Deixe-me apresentar-lhe a questão de uma forma muito simples, agente Demonaco

- disse Aaronson. - Tanto quanto o senhor saiba, além dos Combatentes da Liberdade, haverá, nos Estados Unidos, mais algum grupo paramilitar que utilize munições de tungsténio?

-Não - respondeu Demonaco.

-Ótimo. Muito obrigado.

E, dito isto, Aaronson lançou um olhar sarcástico a Demonaco e a Mitchell e dirigiu-se a um telefone que se encontrava não muito longe, marcou um número de poucos dígitos e disse-

-Fala Aaronson. Operações de assalto têm luz verde. Repito. Operações de assalto têm luz verde. Dêem cabo desses sacanas.

A luz da manhã iluminava a floresta.

Race acordou encostado a um canto do ATV. Doía-lhe a cabeça e as suas roupas ainda estavam encharcadas.

A porta de correr do ATV estava aberta e, lá fora, ouviam-se Vozes.

- o que é que está a fazer aqui?

O meu nome é Marc Graf e sou tenente das Fallschirmtruppen...

Race levantou-se e saiu para o exterior.

Era de manhã e um nevoeiro baixo abaterá-se sobre a aldeia. Agora, o ATV estava parado no meio da rua principal e, ao descer do enorme veículo blindado, Race levou algum tempo a adaptar os olhos à muralha de cinzento que o rodeava. Lentamente, porém, a rua principal de Vilcafor começou a tomar forma. Race ficou estático.

A rua estava absolutamente deserta.

Todos os cadáveres da chacina da noite anterior tinham desaparecido. Onde eles tinham estado, só se viam agora grandes charcos de água e lama, que a chuva ia tornando cada vez maiores. Os gatos também tinham desaparecido.

Um pouco para a sua esquerda, perto da cidadela, viu Nash, Lauren e Copeland e, ao lado deles, seis Boinas Verdes e Gaby Lopez.

Mas, à frente deles, havia mais cinco pessoas. Quatro homens e uma mulher. Os alemães que tinham sobrevivido, pensou.

Race também reparou que só dois dos alemães usavam fardas de trabalho... militares. Todos os outros estavam vestidos à civil, incluindo dois - um homem e uma mulher - que pareciam polícias à paisana. Todos eles tinham sido desarmados.

o sargento Van Lewen viu Race e veio ter com ele.

-Como é que vai a cabeça? - perguntou.

-Um horror - respondeu Race. - o que é que se passa por aqui. Van Lewenapontou para os cinco alemães.

-Foram os únicos que sobreviveram à noite passada. Durante a luta, dois deles saltaram para dentro do ATV e tiraram-nos as algemas. Nós conseguimos salvar os outros três um bocadinho antes de o irmos buscar a si, ao cais. Race assentiu, com a cabeça.

Depois, de repente, voltou-se para o seu guarda-costas:

-Tenho uma pergunta a fazer-lhe.

-Sim?

-Como é que sabia da existência do botão de borracha, dentro do Hunivee, aquele que fez arrancar o veículo depois de os alemães o terem bloqueado? Van Lewen sorriu.

-Se lhe disser, vou ter de o matar. -Está bem. Diga lá.

Van Lewen voltou a sorrir. Depois, disse:

-É prática comum, entre as Forças Armadas de todo o mundo, utilizar veículos como o Hunivee e os ATV como prisões portáteis. Fecham-se os prisioneiros dentro do carro e, depois, é só desactivá-lo.

«Mas os Estados Unidos são os principais fornecedores de veículos todo-o-terreno. Os Hunivees, por exemplo, são feitos pela AM General Company, em South Bend, no Indiana.

«A questão é que, e isto é uma coisa que nem toda a gente sabe, os veículos todo-o-terreno de fabrico exclusivamente americano estão equipados com botões de segurança, que permitem fazer arrancar o veículo, depois de ele ter sido desactivado. A ideia é não permitir que nenhum veículo americano possa, alguma vez, ser usado como prisão para americanos. Portanto, só os militares dos EUA são informados da localização desses botões de segurança. Digamos que é um alçapão que só os soldados americanos conhecem.»

Dito isto, Van Lewen sorriu mais uma vez e começou a andar, para ir ter com os outros, junto à cidadela. Race foi atrás dele.

Race e Van Lewen juntaram-se aos outros na cidadela.

Ao chegarem, foram dar com Frank Nash a interrogar um dos comandos alemães desarmados, o homem que se identificara como Marc Graf, tenente das Fallschirmtruppen.

-Então, vocês vieram até aqui por causa do ídolo? - perguntou Nash.

Graf disse que sim com a cabeça.

-Não sei os pormenores - respondeu, em inglês. - Sou um mero tenente e não estou autorizado a tomar conhecimento de todos os objectivos da missão.

Com o queixo, indicou um dos outros alemães, o homem entroncado que usava jeans e um coldre.

-Era melhor perguntar ali ao meu companheiro, Karl Schroeder. o Sr. Schroeder é agente especial do Bundeskrímínalamt. o Bundeswher trabalha em colaboração com o BKA nesta missão.

- o BKA? - perguntou Nash, perplexo. Race sabia o que ele estava a Pensar. o Bundeskrímínalamt era o equivalente alemão do FBI e tinha uma reputação lendária. Havia quem dissesse que era o melhor departamento federal de investigação de todo o mundo. Fosse como fosse, tratava-se de uma força policial e era por isso que Nash estava baralhado. Não havia qualquer razão para elementos dessa força se encontrarem no Peru, à procura de um ídolo.

- o que é que o BKA tem a ver com um ídolo perdido?

-perguntou a Schroeder.

Schroeder ficou por momentos calado, como se estivesse a pensar aquilo que poderia revelar a Nash. Depois, suspirou: como se aquilo tivesse alguma importância, depois do massacre da noite anterior!

-Não é o que está a pensar - disse.

- o que é que quer dizer com isso?

-Nós não queremos o ídolo para fazer uma arma - disse Schroeder, com toda a simplicidade, - Na verdade, ao contrário daquilo que talvez pense, o meu país nem sequer tem uma Supernova.

-Então, para que é que querem o ídolo?

-Aquilo que nós queremos é muito simples - respondeu Schroeder. - Queremosdeitar a mão ao ídolo, antes que mais alguém o faça.

Quem? - perguntou Nash.

Os responsáveis pelo massacre daqueles monges, nos Pírinéus - disse Schroeder. - As pessoas que também são responsáveis pelo rapto e assassinato do Professor Albert Mueller, depois de ele ter publicado, no ano passado, aquele artigo sobre a cratera do meteorito no Peru.

-E quem são essas pessoas?

-Uma organização terrorista auto-denominada SchutzstaffelTotenkopfverbände, o Destacamento da Morte das SS. Foram buscar o nome à unidade mais brutal das SS de Hitler, os militares que dirigiam os campos de concentração nazis, durante a Segunda Guerra Mundial. Dizem que são os Soldados da Tempestade.

-Os Soldados da Tempestade? - perguntou Lauren.

-São uma força paramilitar de elite, constituída por Alemães expatriados e com base num reduto nazi altamente fortificado, no Chile, chamado Colonia Alemanha. Foram treinados, no fim da Segunda Guerra Mundial, por um ex-tenente de Auschwitz, chamado Odilo Ehrhardt.

De acordo com alguns sobreviventes de Auschwitz, Ehrhardt era um psicopata, um homem que parecia um touro e que se deliciava com o simples prazer de matar. Segundo parece, Rudolph Höss, o comandante de Auschwitz, gostava muito dele

e, durante os últimos anos de guerra, tratou-o como seu protegido. Aos vinte e dois anos, Ehrhardt foi promovido ao posto de Obersturnführer, tenente, das SS. Depois disso, quando Höss apontava para alguém, um segundo depois, esse alguém estava sob a mira da P-38 de Ehrhardt.

Race engoliu em seco. Schroeder prosseguiu:

-Segundo os nossos registos, Ehrhardt deve ter agora setenta e nove anos. Mas a palavra dele continua a ser lei para os Soldados da Tempestade. E o posto dele é Oberstgruppenführer, General, das ss.

«Os Soldados da Tempestade são uma organização particularmente repelente. Defendem a detenção forçada e a execução de todos os Negros e judeus, a queda dos Governos democráticos de todo o mundo, o restabelecimento de um regime nazi na Alemanha unificada e a instauração da Herrenvolk, a raça dominante, como elite governante da Terra.

-O restabelecimento de um regime nazi na Alemanha? A instauração da raçadominante, como elite governante da Terra? - repetiu Copeland, sem poder

acreditar.

-Espere aí - interveio Race. - Está a falar dos nazis. Nos anos noventa.

Frank Nash disse:

-Há muito que se diz que a Colonia Alemanha é um refúgio de antigos oficiais nazis. Eisler passou lá um curto período, nos anos sessenta. E Eichmann também.

Schroeder anuiu.

-A Colonia Alemanha tem pastos, lagos e casas ao estilo da Baviera, tudo rodeado por cercas de arame farpado e torres de vigia patrulhadas, vinte e quatro horas por dia, por guardas e Doberman Pinschers.

«Dizia-se que, no tempo do regime de Pinochet, em troca da protecção do Governo, Ehrhardt permitiu que a ditadura utilizasse

a Colonia Alemanha como centro de torturas não oficial. Era um sítio para onde as pessoas eram mandadas, para «desaparecerem». E, com a protecção do regime militar, Ehrhardt e a sua colónia de nazis mantiveram-se imunes às buscas de agências estrangeiras como o BKA-»

-Está bem - disse Nash. - Mas qual é o papel deles neste imbróglio?

-É precisamente esse o problema, Herr Nash - disse Schroeder. - São os Soldados da Tempestade que têm a Supernova.

-Os Soldados da Tempestade têm a Supernova? - repetiu Nash, em voz átona, -É verdade.

-Santo Deus...

-Por favor, Herr Nash. Tente compreender. em vinte anos de trabalho em contra-terrorismo, nunca deparei com nenhum grupo como os Soldados da Tempestade. Tem bons financiamentos, é bem organizado, altamente hierarquizado e não tem dó nem piedade.

«É composto por dois tipos de pessoas: soldados e cientistas. Os Soldados da Tempestade recrutam essencialmente soldados experientes, em muitos casos homens que foram dispensados de forma desonrosa do antigo Exército da Alemanha de Leste ou do Bundeswehr, por terem especial predilecção pelo uso da força excessiva. Homens como Heirich Anistaze, homens especializados nas artes do terror, da tortura e do assassinato.»

-Anistaze é membro dos Soldados da Tempestade? - perguntou Nash. - Eutinha a impressão de que ele trabalhava para os serviços de informação da Alem...

-já não - respondeu Schroeder, com amargura. - Depois do colapso do Bloco de Leste, Anistaze foi contratado pelo Governo alemão, numa base contingente, para se ocupar apenas 223

de alguns «problemas». Mas parece que a rédea que lhe foi dada não era suficientemente curta. «Anistaze é

um mercenário, um assassino de aluguer. Passado pouco tempo, alguém lhe ofereceu mais do que aquilo que lhe estávamos a pagar e ele traiu dois dos seus agentes e entregou-os, ao inimigo.

«Não foi uma surpresa para nós, quando, não muito depois desse incidente, os seus métodos de persuasão bastante característicos começaram a tornar-se notados em incidentes em que estavam envolvidos os Soldados da Tempestade. Segundo parece, a ascensão de Anistaze entre as fileiras dos Soldados da Tempestade foi rápida. Pensamos que, agora, ele é Obergruppenführer, na escala hierárquica deles. Logo a seguir ao próprio Ehrhardt.»

- o filho da puta...

-Para os cientistas, aplica-se o mesmo princípio. - Schroeder encolheu ombros. - Os Soldados da Tempestade aliciam muitos homens e mulheres de alto nível académico que trabalham em projectos que não são considerados muito consentâneos com a culpa colectiva da Alemanha moderna.

«Por exemplo, pouco depois da queda do Muro, alguns cientistas da Alemanha de Leste, que estavam a desenvolver granadas N-4 ` granadas cheias de ácido nítrico, concebidas para infligir ferimentos terríveis nas suas vítimas,

sem as matar, ficaram sem emprego. Ora, os Soldados da Tempestade estão sempre à espreita deste tipo de pessoas e dispostos a pagar lindamente os seus serviços.

-Como? - perguntou Copeland. - Como é que têm dinheiro para isso?

- o movimento nazi moderno nunca teve falta de fundos, doutor Copeland. Em 1994, uma investigação ilegal do BKA a uma conta suspeita, num banco suíço, levou-nos a calcular que o total das reservas dos Soldados da Tempestade é de mais de meio bilião de dólares: o produto da venda de artefactos sem preço, roubados durante a Segunda Guerra Mundial.

-Meio bilião de dólares? - repetiu Race, quase sem respiração.

-Os Soldados da Tempestade - disse Schroeder - não são piratas aéreos, meus senhores. Não assassinam funcionários federais

nem fazem ir pelos ares edifícios federais. Aspiram a voos mais altos, a grandes vitórias que deitem por terra o conjunto da ordem mundial.

-E, agora, o senhor acha que eles têm uma Supernova? perguntou Nash.

-Até há uns três dias atrás, só tínhamos suspeitas que não podíamos provar

-respondeu Schroeder. - Mas, agora, temos a certeza. Há seis meses, alguns agentes do BKA no Chile fotografaram um homem, que andava a passear nas terras da Colonia Alemanha, na companhia do próprio Odilo Ehrhardt.

Posteriormente, esse homem foi identificado como sendo o doutor Fritz Weber. Imagino que saiba quem é o doutor Weber, Herr Nash.

-Sim mas... - Nash interrompeu-se, franzindo o sobrolho.

-Fritz Weber era um cientista alemão, no tempo da Segunda Guerra Mundial. Era físico nuclear, um grande génio e, também, um grande sociopata. Foi uma das primeiras pessoas a afirmar que era possível construir um dispositivo capaz de destruir o planeta. Em 1944, tinha ele só trinta anos, trabalhou no projecto nazi da bomba atómica. Mas, antes disso, dizia-se que Weber tinha participado nas terríveis experiências de tortura dos nazis: mergulhavam um homem em água gelada e monitorizavam o tempo que ele demorava a morrer. Mas eu julgava que Weber tinha sido executado depois da guerra...

Schroeder acenou que sim com a cabeça.

-E foi. o doutor Fritz Weber foi julgado em Nuremberga, em Outubro de 1945, por crimes contra a humanidade. Foi dado como culpado e condenado à morte. Oficialmente, foi executado a 22 de Novembro de 1945, na prisão de Karlsburg. Durante muitos anos, discutiu-se se teria sido de facto Weber quem fora executado. Ao longo de várias décadas, houve várias pessoas que tinham sido torturadas por ele e que afirmaram tê-lo visto na Irlanda, no Brasil, na Rússia.

Em tom muito sério, Schroeder acrescentou:

-Pensamos que os soviéticos conseguiram tirar Weber da prisão de Karlsburg, na noite anterior ao dia em que ele devia ser executado, e que o substituíram por um impostor. Em troca de lhe terem salvo a vida, os soviéticos utilizaram as consideráveis

qualificações de Weber para fazer avançar o seu programa de armas nucleares. Mas, quando, em 1991, se deu o colapso da União Soviética e o BKA foi à procura de Weber, não lhe encontrou o rastro. Ele tinha desaparecido da face da Terra.

-Para voltar a aparecer, oito anos mais tarde, na sede de uma organização terrorista nazi - acrescentou Nash.

-Exacto. Por isso, nessa altura, nós pensámos que os nazis estavam a construir um dispositivo nuclear convencional. Mas os Soldados da Tempestade assaltaram aquele mosteiro, em França, depois de se ter ficado a saber que era lá que estava o lendário Manuscrito de Santiago - disse Schroeder. - De repente, quando se associa o assassinato de Albert Mueller e a sua descoberta da cratera de um meteorito, no Peru, à alegada história relatada no Manuscrito de Santiago acerca de um ídolo com propriedades bastante estranhas, as nossas suspeitas começam a assumir uma certa realidade. Sob a tutela de Weber, talvez os Soldados da Tempestade

estivessem a fazer mais do que fabricar uma bomba nuclear normal, talvez tivessem conseguido criar uma Supernova e andassem, agora, à procura de tório.

É, então, três dias depois, no mesmo dia em que se dava o assalto ao mosteiro francês, a nossa equipa de agentes no Chile apanhou isto.» Schroeder tirou do bolso do casaco uma folha de papel dobrada e estendeu-a a Nash.

-É a transcrição de uma conversa telefónica. A ligação foi feita, há três dias, de um telemóvel, algures no Peru, para o laboratório principal de Colonia Alemania - informou Schroeder.

Nash mostrou a transcrição alemã a Race e pediu-lhe que a traduzisse em voz alta.

VOZ... 1: ase das operações já está pronta a funcionar... resto do... será... a mi... VOZ 2:... quanto ao dispositivo?... pronto?

VOZ... adoptámos... forma de ampolheta, com base no modelo americano dois detonadores termonucleares, montados na parte superior e na parte inferior de uma câmara interior de titânio. Os ensaios de campo indicam que... dispositivo... operacional. Agora, só precisamos... do «tório.

VOZ 2:... não se preocupem. o Anistaze está a tratar disso... VOZ. E quanto à mensagem?

VOZ... vai, logo que apanhemos o ídolo... a todos os primeiros-ministros e Presidentes da UE... o Presidente dos Estados Unidos, via linha vermelha interna de emergência.--- o resgate vai ser cem biliões de dólares... ou, então, detonamos o dispositivo...

Nash ficou a olhar para a transcrição, em estado de choque. Ninguém dizia palavra.

Race não conseguia desviar os olhos das palavras: o resgate vai ser cem biliões de dólares ou, então, detonamos o dispositivo. Jesus Cristo!

Nash voltou-se para Schroeder.

-E o que foi que vocês fizeram quanto a isto?

-Recorremos a um plano em duas vertentes - respondeu o alemão. - Duas missões separadas, cada uma delas concebida como reforço da outra, se alguma delas falhar.

(A Missão Um era deitar a mão ao ídolo, antes dos nazis. Para isso, arranjámos uma cópia do Manuscrito de Santiago e servimo-nos dela para chegar até aqui. De facto, batemos os Soldados da Tempestade mas não estávamos nada à espera de encontrar aqueles gatos dentro do templo.»

Enquanto ouvia Schroeder falar, uma campainha retiniu no subconsciente de Race. Tinha a ver com qualquer coisa que o agente alemão acabara de dizer. Qualquer coisa que não batia certo.

Race afastou aquela ideia, remeteu-a de volta ao subconsciente.

-E a segunda vertente da missão? - perguntou Nash.

-Ocupar a Colonia Alemania - respondeu Schroeder. Depois de termos interceptado aquela conversa telefónica, há três dias, demos início a negociações com o novo Governo chileno, para obtermos um mandato que permitisse aos agentes do BKA fazer uma busca na Colonia Alemania, em coordenação com as autoridades chilenas.

-E?

-Conseguimos. Se tudo estiver a correr de acordo com o planeado, os agentes do BKA e a Guarda Nacional chilena estão, neste momento, a tomar de assalto a Colonia Alemania, para se apoderarem da Supernova. Estou à espera de receber uma informação via rádio, a qualquer momento.

Naquele preciso momento, a quase dez mil quilómetros de distância, um camião de dez toneladas, pertencente à Guarda Nacional chilena, deitava abaixo os portões da Colonia Alemania.

Um numeroso grupo de soldados chilenos, de pele morena acobreada, atravessava os portões, logo atrás do camião, seguido por doze agentes alemães, com capacetes de combate azuis e equipamento SWAT.

A Colonia Alemania era uma grande propriedade, com uns bons vinte hectares.

Os seus pastos verdejantes contrastavam fortemente com as áridas colinas castanhas do Chile. As suas casas de campo ao estilo da Baviera e os seus idílicos lagos azuis formavam um conjunto estranhamente apaziguador, naquela terra, quase toda ela rude e seca. As portas eram arrombadas e as janelas partidas, à medida que os homens da Guarda Nacional iam entrando nos diversos edifícios. o seu alvo principal era o aquartelamento, um edifício grande, que fazia lembrar um hangar, localizado no centro da propriedade. Minutos depois, as portas do aquartelamento eram abertas de rompante e uma multidão de guardas nacionais e agentes do BKA irrompiam pelo edifício. Mas, então, pararam.

Filas e filas de beliches vazios estendiam-se ao longo das paredes do enorme recinto. Todas as camas estavam muito bem feitas e perfeitamente alinhadas umas com as outras. Parecia um quartel do exército. o único problema era que estava vazio. Vindas do resto da propriedade, choviam informações, Não havia ninguém naquela propriedade.

A Colonia Alemanha estava completamente deserta. Num dos laboratórios, que ficava perto do aquartelamento, dois agentes alemães brandiam pequenos contadores Geiger, medindo a radioactividade do ar. As pequenas unidades de medição apitaram ruidosamente. Os dois agentes entraram no laboratório principal da propriedade e os contadores Geiger passaram instantaneamente ao vermelho. -A todas as unidades, daqui Equipa do Laboratório. Estamos a detectar quantidades elevadas de urânio e plutónio, no laboratório principal...

o primeiro agente dirigiu-se a uma porta que dava para um gabinete envidraçado.

Apontou a vara para a porta fechada e o seu Geiger rebentou a tabela. o homem trocou um olhar com o seu companheiro. Depois, empurrou a porta e abriu-a, tropeçando no fio.

A explosão que abalou a Colonia Alemanha foi devastadora. Abalou o mundo. Um pulsar deslumbrante de luz branca deflagrou em todas as direcções, obliterando tudo o que se encontrava no seu caminho. Os celeiros estilhaçaram-se em milhões e milhões de paus de fósforo, os silos de cimento rebentaram num milésimo de segundo. Tudo o que se encontrava num raio de mais de quatrocentos e cinquenta metros à volta do aquartelamento foi literalmente vaporizado, incluindo cento e cinquenta homens da Guarda Nacional chilena e os doze agentes do BKA.

Quando foram entrevistados, dias depois, os habitantes das aldeias dos arredores disseram que, de repente, parecia ter surgido no horizonte um relâmpago e que, depois, tinham visto erguer-se no céu uma enorme nuvem de fumo negro com a forma de um cogumelo gigantesco.

Eram pessoas simples, camponeses.

Não sabiam que estavam a descrever uma explosão termonuclear.

Entretanto, em Vilcafor, Nash mandou os Boinas Verdes levar o equipamento de rádio via satélite da equipa alemã para a rua principal.

-Vamos ver o que é que os seus homens do Chile têm para contar - disse Nash a Schroeder.

Schroeder abriu a tampa da consola do rádio portátil e começou a escrever rapidamente, no teclado à prova de água. Nash, Scott e os Boinas Verdes aglomeraram-se à volta dele, olhando fixamente para o ecrã da consola. Mais uma vez excluído, Race ficou de fora daquele círculo.

-Como é que se sente? - perguntou subitamente uma voz de mulher, vindadetrás dele.

Race voltou-se, mais ou menos à espera de ver Lauren, e deu consigo a fitar os deslumbrantes olhos azuis da alemã.

Era uma mulher baixa, de constituição delicada e tremendamente gira. Tinha

as mãos indolentemente pousadas nas ancas e exibia um sorriso que o desarmou por completo.

o nariz dela era pequeno, o cabelo loiro estava cortado curto e tinha doses industriais de lama espalhadas pela cara, pela camisa e pelos jeans. Usava um colete à prova de bala, por cima da T-shirt branca, e, sobre a anca, um coldre Gore-Tex preto, idêntico ao de Schroeder. E, tal como o de Schroeder, o coldre dela estava vazio.

-Como é que vai a sua cabeça? - perguntou ela.

Tinha um ligeiro sotaque alemão. E Race gostou de o ouvir.

-Dói-me - respondeu.

-Não é de espantar - disse ela, aproximando-se e tocando-lhe nas orelhas. - Acho que você sofreu uma pequena contusão, quando o seu Hunivee embateu naquele helicóptero. Tudo aquilo que você fez depois, aquelas suas façanhas em cima do helicóptero, deve ter tido a ver com uma descarga de adrenalina.

-Quer dizer que não sou um herói? - perguntou Race. Está a dizer que foisó a adrenalina a falar?

A mulher sorriu. Tinha um sorriso bonito.

-Espere aí - disse ela. - Eu tenho codeína na minha caixa de medicamentos. Vai fazer-lhe bem à dor de cabeça.

E dirigiu-se para o ATV

-Hé... - disse Race. - Como é que se chama?

Ela voltou a sorrir-lhe. Aquele sorriso engraçado, de ninfa.

-Chamo-me Renée Becker e sou agente especial do BKA-

-já os apanhei - disse subitamente Schroeder, que continuava junto ao rádio portátil.

Race juntou-se ao grupo, reunido à volta da consola do rádio. Inclinado sobre o ombro de Nash, olhou para o ecrã e viu um quadro, em alemão.

Traduziu:

REGISTO DE TRANSMISSÃO DE COMUNICAÇÕES POR SATÉLITE 44-76/ BKA32

N. DATA HORA ORIGEM RESUMO

19:30 SEDE BKA

2 1.4.99 19:50 EXTERIOR

EQUIPA PERU INFORME SITUAÇÃO SINAL INDICATIVO ULIT

3 1.4.99 22:30 SEDE BKA

4 1.5.99 01:30 SEDE BKA

5 1.5.99 04:30 SEDE BKA

6 1.5.99 07:16 TERRENO (CHILE)

EQUIPA PERU INFORME SITUAÇÃO EQUIPA PERU INFORME SITUAÇÃO EQUIPA PERU INFORME SITUAÇÃO CHEGADA SANTIAGO

PARTIDA PARA COLONIA ALEMANIA

7 1.5.99 07:30 SEDE BKA

8 1.5.99 09:58 TERRENO (CHILE)

EQUIPA PERU INFORME SITUAÇÃO CHEGADA COLONIA ALEMANIA;

COMEÇO VIGILÂNCIA

9 1.5.99 10:30 SEDE BKA

232

EQUIPA PERU INFORME SITUAÇÃO

10 1.5.99 10:37 TERRENO (CHILE) EQUIPA CHILE SINAL DE EMERGÊNCIA EQUIPA CHILE SINAL DE EMERGÊNCIA

11 1.5.99 10:51 SEDE BKA EQUIPA PERU INFORME IMEDIATAMENTE

Race franziu o sobrolho.

Aquilo era uma lista de todos os sinais de comunicação captados pela equipa do BKA no terreno, no Peru.

Tudo indicava que, desde as 19.30 da noite anterior, eles tinham recebido, de três em três horas, da sede do BKA, pedidos de informação sobre a situação, além de algumas mensagens intermitentes da outra equipa do BKA, no Chile.

Mas a décima mensagem - uma das mensagens da outra equipa, no Chile -

chamou a atenção de Race. A palavra alemã proclamava «emergência». Schroeder também a viu. Rapidamente, o agente alemão assinalou a décima mensagem e carregou na tecla «Enter».

o ecrã mostrou a mensagem completa. Race viu as palavras em Alemão e traduziu-as:

MENSAGEM N050199-010

DATA: 5 JANEIRO 1999

RECEBIDA ÀS: 10.37 (HORA LOCAL - PERU) PROVENIENTE DE: EQUIPA NO TERRENO (CHILE) ASSUNTO: EQUIPA CHILE SINAL DE EMERGÊNCIA EQUIPA CHILE SINAL DE EMERGÊNCIA

A MENSAGEM É A SEGUINTE:

ATENÇÃO EQUIPA PERU. ATENÇÃO, EQUIPA PERU

AQUI SEGUNDA UNIDADE CHILE. REPITO. AQUI SEGUNDA UNIDADE CHILE.

PRIMEIRA UNIDADE ABATIDA. REPITO. PRIMEIRA UNIDADE ABATIDA.

HÁ 15 MINUTOS, PRIMEIRA UNIDADE ENTROU NA COLONIA ALEMANIA, EM ACÇÃO CONCERTADA COM GUARDA NACIONAL DO

CHILE. INFORMOU PROPRIEDADE COMPLETAMENTE DESERTA.

REPITO. PRIMEIRA UNIDADE INFORMOU PROPRIEDADE COMPLETAMENTE DESERTA.

MEDIÇÕES PRELIMINARES INDICAVAM ELEVADOS NÍVEIS URÂNIO E MINÉRIO PLUTÓNIO MAS, ANTES DE SER POSSÍVEL OBTER MAIS DADOS, VERIFICOU-SE UMA DETONAÇÃO NO INTERIOR DA PROPRIEDADE.

DETONAÇÃO PARECE TER SIDO NUCLEAR. REPITO. DETONAÇÃO PARECE TER SIDO NUCLEAR.

PRIMEIRA UNIDADE ANIQUILADA. REPITO. PRIMEIRA UNIDADE ANIQUILADA.

DE PRESUMIR QUE SOLDADOS DA TEMPESTADE JÁ VÃO A CAMINHO DO PERU.

Race levantou os olhos da mensagem, horrorizado.

Não havia ninguém na Colonia Alemanha, quando a equipa do

BKA tinha chegado. Além disso, encontrava-se armadilhada, preparada para explodir, mal alguém lá entrasse.

Um arrepio gelado percorreu a espinha de Race, quando voltou a olhar para as linhas finais da mensagem:

DE PRESUMIR QUE SOLDADOS DA TEMPESTADE JÁ VÃO A CAMINHO DO PERU.

Race olhou para o relógio. Eram 11:05 h.

-Quanto tempo temos até eles chegarem aqui? - perguntou Nash a Schroeder.

-É impossível saber - respondeu Schroeder. - Não há maneira de saber há quanto tempo é que eles saíram da propriedade. Podem ter saído há duas horas ou há dois dias. Seja como for, a viagem do Chile até aqui não é uma viagem longa. Temos que partir do princípio de que eles estão muito perto. Nash voltou-se para Scott.

-Capitão. Quero que entre em contacto com o Panamá e que descubra quando é que a maldita equipa de resgate vai chegar aqui. Precisamos de potencial de fogo. E já!

-Muito bem.

Scott fez sinal a Doogie, que correu para a unidade de rádio.

-Cochrane - disse Nash. - Qual é a situação do Huey que nos resta?

Buzz Cochrane abanou a cabeça.

-Foi atingido. Levou um porradão, quando aquele Apache se descontrolou, durante o ataque dos gatos. Houve umas balas perdidas que danificaram o rotor da cauda e os tubos de alimentação da ignição.

-Quanto tempo é que isso demora a arranjar?

-Com as ferramentas que temos aqui, podemos arranjar os tubos de alimentação da ignição. Mas demora algum tempo. Quanto ao rotor da cauda, não se pode voar sem ele e é uma merda para se arranjar. Acho que podíamos desmontar alguns dos sistemas secundários e usá-los mas aquilo de que precisamos mesmo é de uns eixos e de uns comutadores rotativos

completamente novos e, aqui, não vamos encontrar nem uma coisa nem outra.

-Sargento. Ponha aquele Huey em condições de voltar a voar. Seja como for

-disse Nash.

-Sim, meu coronel.

Cochrane afastou-se, levando consigo Tex Reichart. Fez-se um longo silêncio.

-Então, ficámos aqui imobilizados... - disse Lauren.

-Com um grupo de terroristas a caminho... - acrescentou Gaby Lopez.

-A menos que decidamos sair daqui a pé - sugeriu Race. o capitão Scott voltou-se para Nash.

-Se ficarmos aqui, morremos.

-E, se nos formos embora, os nazis apanham o ídolo - disse Copeland.

-E ficam com uma Supernova funcional - disse Lauren.

-Isso não pode ser - disse Nash, com firmeza. - Não. Só podemos fazer uma coisa.

- o quê?

-Deitar a mão ao ídolo, antes de os nazis cá chegarem.

Fustigados pela chuva subtropical, os três soldados seguiram com cautela, pelo carreiro ribeirinho.

o capitão Scott e o cabo Chucky Wilson iam à frente, com as M-16 cuidadosamente apontadas para a vegetação densa que ficava à sua direita. Um único pára-quedista alemão, Graf, agora armado com uma M-16 americana, ia atrás deles, cobrindo a retaguarda.

Os três homens levavam, fixadas aos capacetes, pequenas câmaras de fibra óptica, que enviavam imagens para os que tinham ficado na aldeia.

Ao fim de um bocado, os três soldados chegaram a uma fissura na encosta da montanha, a abertura que ia dar à torre de pedra e ao templo.

Scott fez sinal a Wilson e o jovem cabo entrou na estreita passagem, de metralhadora em riste.

Na aldeia, Race e os outros olhavam para um monitor, observando Scott, Wilson e Graf a avançar pela abertura. As imagens que lhes chegavam dos três comandos eram apresentadas, num preto-e-branco um tanto espectral, em secções separadas do ecrã. o plano era simples.

Enquanto Scott, Wilson e Graf entravam no templo e se apoderavam do ídolo, os restantes Boínas Verdes e o outro pára-quedista alemão, um soldado chamado Molke, encarregavam-se de reparar o Huey que restava. Depois de terem o ídolo, voavam para longe de Vilcafor, antes da chegada dos terroristas nazis.

-Não estamos a esquecer-nos de nada? - perguntou Race.

-De quê? - disse Nash.

-Dos gatos, por exemplo. Foi ou não foi por causa deles que ficámos metidos nesta confusão? Onde é que eles estão?

-Os gatos foram-se embora da aldeia, ao nascer do dia disse uma voz, atrás de Race, num inglês perfeitamente articulado.

Race voltou-se e deu de caras com o último dos homens alemães, que lhe sorria.

Não podia ser mais diferente dos outros três homens alemães, Schroeder, Graf e Molke. Aqueles eram visivelmente fortes e estavam em boa forma mas este homem era mais velho, bastante mais velho, para aí na casa dos cinquenta, e não tinha nada de atlético. A característica que mais o distinguia era uma grande barba grisalha. Race tinha antipatizado com ele, mal o vira. Toda a sua postura cheirava a ostentação e arrogância.

- De madrugada, os gatos afastaram-se, em direcção ao planalto - disse o homem, com sobranceira. - Suponho que voltaram para o ninho, dentro do templo. - Sorriu ironicamente.

-Imagino que, depois de as últimas gerações da espécie a que pertencem terem passado quase quatrocentos anos mergulhadas na mais profunda escuridão, eles não se sentem muito à vontade à luz do dia.

o homem das barbas estendeu a mão, num brusco gesto alemão.

-Sou o doutor Johann Krauss, zoólogo e cripto-zoólogo da Universidade de Hamburgo. Fui trazido nesta missão para dar o meu parecer sobre algumas

questões relacionadas com animais, suscitadas pelo manuscrito.

- o que é um cripto-zoólogo? - perguntou Race.

-Um zoólogo que estuda animais míticos - esclareceu Krauss.

-Animais míticos...

-Sim. o Bigfoot, o monstro de Loch Ness, o yetí, os grandes gatos das charneiras inglesas e, claro - acrescentou - o rapa sul-americano.

-Sabe muito sobre estes gatos? - perguntou Race.

-Só aquilo que aprendemos a partir de descrições não comprovadas feitas por pessoas que os viram, de lendas locais e de hieróglifos ambíguos. Mas uma das maravilhas da cripto-zoologia é tratar do estudo de animais que não podem ser estudados, porque não é possível provar que eles realmente existem.

-Acha, então, que nós fomos atacados por um bando de animais míticos? - disse Race. - Não me pareceu que tivessem nada de mítico.

Krauss disse:

-Mais ou menos de cinquenta em cinquenta anos, verifica-se um surto de mortes pouco comuns, nesta zona da floresta amazônica. Nessas alturas, habitantes locais que se aventuram em viagens nocturnas de uma aldeia para outra, pura e simplesmente desaparecem. Há ocasiões, aliás raras, em que os seus restos são encontrados na manhã do dia seguinte. Quando isso acontece, esses homens são encontrados com as cabeças arrancadas dos corpos ou com as espinhas partidas.

«Os habitantes da zona têm um nome para o animal que aparece durante a noite e que mata sem piedade. Um nome que tem passado de geração em geração. Chamam-lhe rapa.»

Krauss olhou fixamente para Race.

-Temos que encarar este folclore local com muito cuidado, porque pode ser-nos muito útil para avaliarmos o inimigo.

-Como?

-Pelo menos, podemos usá-lo para discernir algumas coisas sobre os nossos antagonistas felinos.

-Como por exemplo?

-Para começar, podemos concluir com segurança que o rapa é nocturno. Os restos dos habitantes locais só são encontrados de manhã. E, pela nossa própria experiência, sabemos que estes gatos o Abominável Homem das Neves. (N. do T)

fogem da luz do dia. Logo, são nocturnos. Só caçam de noite e recolhem-se durante a maior parte do dia.

- Se estiveram fechados dentro do templo, por gerações e gerações - observou Race - como foi que conseguiram sobreviver? o que é que eles comiam?

-Isso não sei - respondeu Krauss, franzindo o sobrolho, com um ar muito sério, como se estivesse a ponderar uma equação matemática complicada.

Race olhou para o planalto, onde ficava o misterioso templo. Um manto de chuva escorria pela superfície rochosa, do lado esquerdo.

-E o que é que eles estão a fazer agora? - perguntou. -A dormir, imaginou - disse Krauss - na segurança do templo. É por isso que esta é a melhor altura para mandar os nossos homens buscar o ídolo.

Scott, Wilson e Graf saíram da estreita abertura e foram dar ao lago pouco profundo, que ficava na base da espantosa cratera.

Estava muito escuro, no desfiladeiro. As nuvens compactas que cobriam o céu e a densa cobertura de árvores que se debruçavam sobre a beira da cratera bloqueavam a passagem da luz. Todas as fissuras e arestas das paredes do desfiladeiro estavam mergulhadas na sombra.

Scott e Wilson iam à frente. Estreitos feixes de luz saíam das pequenas lanternas fixadas nos canos das suas M-16.

-Muito bem... - disse Scott, para o microfone que levava ao pescoço.

-Agora, vamos subir o caminho - disse a voz de Scott, nos altifalantes domonitor.

De olhos fixos no ecrã, Race estava tenso, enquanto via Scott, Wilson e Graf saírem da água e entrarem no caminho estreito, aberto na parede exterior da cratera.
Johann Krauss disse:

-Uma coisa de que temos de nos lembrar, acerca dos nossos inimigos, é que, acima de tudo, eles são gatos. Não podem mudar aquilo que são. Pensam como gatos, agem como gatos.

-E isso quer dizer o quê?

-Que só há uma espécie de gatos grandes, os leopardos, que caçam as suas presas correndo atrás delas.

-Como é que os outros gatos apanham as presas?

-Há várias estratégias. Os tigres, na Índia, ficam deitados, cobertos de folhas, à espera que as presas apareçam. Quando as presas se aproximam o suficiente, deitam-lhes as garras.

«Em África, os leões utilizam métodos de caça bastante sofisticados. Uma das suas técnicas envolve uma leoa, que se passeia de um lado para o outro, em frente de um rebanho de gazelas, enquanto os companheiros atacam as gazelas pela retaguarda. É, de facto, muito engenhosa e eficaz. Mas também é bastante invulgar.»

-Porquê? - perguntou Race.

-Porque implica a existência de um tipo qualquer de comunicação entre os leões. Race voltou a olhar para o monitor.

Os três soldados tinham avançado relativamente pouco, pelo trilho em espiral e, agora, encontravam-se cerca de três metros acima da massa de água que cobria a base da cratera.

Race estava a observar as imagens transmitidas pela câmara do cabo Wilson, que davam uma panorâmica daquela extensão lisa de água, quando viu um ligeiro movimento agitar a superfície da água.

Tinha sido uma espécie de ligeira ondulação, provocada por qualquer coisa que se encontrava mesmo à superfície.

- o que foi aquilo? - perguntou. -Aquilo o quê?

-Wilson - disse Race, aproximando a boca do microfone.

-Olha um instante para a tua direita, para a água.

Graf e Scott também deviam ter ouvido as palavras de Race, porque, nesse momento, as três câmaras transmitiram simultaneamente uma panorâmica da massa brilhante de água que rodeava a base da torre de pedra.

-Não estou a ver nada... - disse Scott.

-Ali! - exclamou Race, apontando para uma nova ondulação da água.

Parecia ter sido provocada pelo movimento da cauda de um animal. Um animal que parecia avançar em direcção aos três soldados.

-Mas que diabo...? - disse Scott, olhando para a massa de água que se estendia diante de si.

Uma pequena onda, em forma de arco, parecia cortar a superfície do lago, a grande velocidade, mesmo por baixo de si e dos seus homens.

Scott franziu o sobrolho. Depois, deu um passo cauteloso para a frente, aproximando-se da beira do trilho e da superfície líquida, lá em baixo, a cerca de três metros de distância.

E espreitou.

Foi então que viu três gatos pretos, a trepar pela parede de pedra, por baixo dele.

Scott ergueu imediatamente a M-16 mas, nesse preciso momento, uma enorme silhueta preta saltou de uma fenda na pedra, por trás dele, e atacou-o pelas costas, fazendo-o voar sobre a berma do trilho e cair lá em baixo, na água, onde um grupo de outras silhuetas pretas convergiram instantaneamente sobre ele.

Atordoadado de temor, Race ficou a olhar fixamente para o monitor, assistindo àquela cena horrível, filmada segundo a perspectiva de Scott. Só se viam os contornos de uns dentes aguçados que nem lâminas e os movimentos instintivos de braços humanos e só se ouviam os sons entrecortados

produzidos por Scott e os seus gritos inúteis.

Então, menos de um minuto depois, a câmara mergulhou na água, o ecrã passou a mostrar apenas uma imagem confusa e, abruptamente, fez-se silêncio.

Na cratera, o som dos disparos quebrou aquela quietude que nada tinha de natural, quando o soldado alemão Graf premiu o gatilho da M-16.

Mas, mal o cano da sua arma tinha acabado de cuspir uma língua brilhante de fogo - zás! - Graf era atingido pelas garras de um gato que tinha estado à espreita, em cima da parede de pedra, por cima dele.

Um pouco mais atrás, Chucky Wilson girou instantaneamente sobre si mesmo, para ver a luta entre Graf e o gato, e viu que o pára-quedista alemão se defendia com unhas e dentes.

Então, de repente, a cabeça de Graf foi arrancada pelo pescoço e o seu corpo caiu ao chão, Wilson empalideceu.

-Oh, merda!

E, nesse momento, o gato parado junto ao corpo de Graf ergueu lentamente a cabeça e fitou-o nos olhos.

Wilson ficou estático. o enorme gato avançou, ominoso, saltando sobre o corpo imóvel de Graf, em direcção a ele.

Wilson deu meia volta e deu de caras com outro gato preto, parado, no caminho, atrás de si, cortando-lhe a retirada.

Não havia por onde fugir. Não havia onde se esconder.

Wilson voltou-se outra vez, viu as fendas na parede de rocha e, por um momento, pensou que talvez pudesse escapar-se para uma delas. Olhou para uma das fendas da superfície rochosa e deu consigo a olhar para o focinho sorridente de um dos gatos.

Então, com uma rapidez aterradora, as mandíbulas do enorme gato avançaram para ele a uma velocidade fenomenal e, no instante seguinte, tudo tinha acabado.

Ficaram todos a olhar para o monitor, em silêncio.

- oh, Meu Deus! - disse, por fim Gaby Lopez, quase sem poder respirar.

-Merda - disse Lauren.

Os quatro Boinas Verdes sobreviventes limitaram-se a olhar para o monitor, sem fala.

Race voltou-se para o zoólogo alemão, Krauss.

-Com que então, eles só saem durante a noite?

-Bem... - respondeu Krauss, encolerizado. - Parece óbvio que a escuridão que há na base da cratera lhes permite passar ali a maior parte do dia...

-Kennedy - disse Nash, num tom ríspido. - Qual é a situação da equipa deresgate?

-Ainda estou a tentar contactar o Panamá, senhor - respondeu Doogie, que continuava junto ao sistema de rádio. - o sinal está sempre a cair.

-Continua a tentar - disse Nash, olhando para o relógio. Eram 11 e meia.

-Merda - disse Nash.

Bem gostaria de saber o que acontecera a Romano e à sua equipa. A última coisa que soubera era que tinham saído de Cuzco, às 19 e 45 da véspera. já deviam ter chegado. o que é que

lhes teria acontecido? Os nazis tê-los-iam abatido? Ou ter-se-iam perdido por se terem enganado na leitura dos totens?

Fosse como fosse, se ainda estivessem vivos, uma coisa era certa: iam acabar por encontrar a aldeia.

o que queria dizer que, agora, havia dois grupos hostis a caminho de Vilcafor.

-Merda - disse Nash, mais uma vez. Doogie foi ter com ele.

-A equipa de resgate saiu do Panamá há uma hora. Têm três helicópteros: dois Comanches e um Black Hawk. Eles calculam que devem chegar aqui a meio da tarde, por volta das 17 horas. Eu lancei um sinal UHF, para eles se orientarem e virem cá buscar-nos.

Enquanto Doogie dava a notícia a Nash, um pensamento estranho assaltou Race: porque é que o Exército não vinha retirá-los via Cuzco? Porque mandavam helicópteros vindos do Panamá?

Era evidente que a melhor maneira de sair dali era pelo mesmo caminho por onde tinham vindo.

Foi nessa altura que se recordou de uma frase do Manuscrito de Santiago. Um ladrão nunca usa duas vezes a mesma entrada. Nash voltou-se para Ván Lewen.

-Temos acesso à rede de SAT-SN?

Tinha dito: «Sat-sun». A rede do satélite do Sol.

-Temos sim, senhor.

-Arranja maneira de entrar nessa rede. Vê se apanhas uma panorâmica do centro Leste do Peru. Quero saber onde estão exactamente esses filhos da puta desses nazis. Cochrane!

-Sim, senhor.

-Apanha uma imagem de satélite de Vilcafor. Temos que estabelecer uma posição defensiva.

-Sim, senhor.

- o que é o SAT-SN? - perguntou Gaby Lopez. Foi Troy Copeland quem respondeu:

- SAT-SN é a sigla de Rede de Detecção e Vigilância via Satélite. o equivalente aéreo do SOSUS, o sistema de hidrofones que a Marinha dos EUA tem espalhados pelo Atlântico Norte, para detectar submarinos inimigos.

«De uma forma muito simples, o SAT-SN é um sistema de cinquenta e seis satélites geossíncronos, numa órbita próxima da Terra, que monitorizam o espaço aéreo mundial, avião a avião.»

-Se essa é a explicação simples, nem quero pensar no que será a complicada -disse Race, em tom seco.

Copeland ignorou-o.

-Cada aeronave tem sete tipos diferentes de características observáveis: emissões de radar, de infravermelhos, visual, esteiras de jacto, de fumo dos motores, acústica e electromagnética. Os satélites do SAT-SN utilizam todas estas características para registar a «assinatura» e localização de todas as aeronaves do mundo, sejam elas civis ou militares.

«Aquilo que o coronel Nash quer é uma imagem do centro Leste do Peru, para detectar todos os aviões que sobrevoam a zona e, em especial, os aviões que circulem fora dos corredores aéreos comerciais normais. A partir dessas imagens, podemos ver onde estão os nossos amigos nazis e calcular o tempo que eles vão demorar a chegar aqui.»

Race olhou para Nash.

Parecia mergulhado nos seus pensamentos, como era de esperar de um líder que acabara de perder três dos seus melhores combatentes.

-Em que é que está a pensar? - perguntou Race.

-Temos que deitar a mão ao ídolo - disse Nash. - E rapidamente. Aqueles nazis podem chegar a qualquer momento. Mas não há maneira de passar por aqueles gatos. Não sabemos de nenhuma maneira de passar por eles.

Race coçou a cabeça. Depois, disse:

-Havia alguém que sabia.

-Quem?

-Alberto Santiago.

-Como?

-Lembra-se da laje que foi posta a tapar a entrada do templo?

-sim...

-Foi lá escrito um aviso: «Não entrar a preço algum. A morte espreita lá dentro.» Por baixo desse aviso, estavam escritas as iniciais

A.S.». Ainda não li o suficiente do manuscrito mas sou levado a pensar que Santiago e Renco tiveram o mesmo problema que nós estamos a ter neste momento. Antes de eles chegarem a Vilcafor, alguém tinha aberto e soltado os rapas.

«Mas, não sei como, Santiago arranjou uma maneira de voltar a meter os gatos dentro do templo. Depois, gravou um aviso na laje, para quem quer que fosse que se lembrasse de voltar a abri-la.

«Ora, nós servimo-nos do manuscrito para encontrar esta aldeia e pensámos que era só para isso que ele servia. Mas a cópia que eu li não estava completa. Era capaz de apostar a minha vida em como a maneira de passar por aqueles gatos se encontra no resto do Manuscrito de Santiago.»

-Mas nós não temos o manuscrito completo - disse Nash. -Aposto que elestêm - disse Race, apontando para os alemães sobreviventes.

Os olhos de Schroeder disseram que sim.

-E aposto que vocês só o traduziram até à parte em que ele revela a localização de Vilcafor. Não foi? - observou Race.

-Pois foi - respondeu Schroeder. - Não o traduzimos todo.

No rosto de Nash, estampou-se uma expressão determinada. Voltou-se para Schroeder.

-Vá buscar a sua cópia do manuscrito - disse. -já,

Minutos depois, Schroeder entregava a Race uma enorme pilha de folhas de papel, metidas dentro de uma pasta de cartão muito usada. A pilha de folhas era muito maior do que a primeira que Race tivera nas mãos.

o manuscrito completo.

O tradutor da vossa equipa não é nenhum de vocês os quatro, pois não? - perguntou Nash ao homem do BKA. Schroeder abanou a cabeça.

-Não. o nosso especialista em línguas foi morto durante o ataque dosgatos, na torre de pedra.

Nash voltou-se para Race.

-Parece que só o temos a si, Professor. Ainda bem que eu insisti em queviesse connosco.

Race retirou-se para o ATV, para ler a nova cópia do manuscrito.

Depois de se encontrar em segurança dentro do grande veículo blindado, abriu a pasta que continha o manuscrito. E deparou com uma fotocópia da capa.

Era uma capa estranha, muitíssimo diferente da capa nitidamente elaborada da cópia que tinha visto. A principal diferença era que esta capa era notavelmente, quase deliberadamente, sóbria.

o título, A verdadeira narração de um monge na terra dos Incas, fora escrito numa caligrafia um tanto grosseira. Uma coisa era certa: a elegância e a majestade tinham sido as últimas coisas que quem quer que fosse que tivesse escrito aquilo tivera em mente.

Então, de repente, Race deu-se conta de uma coisa.

Aquilo era uma fotocópia do original do Manuscrito de Santiago.

Uma fotocópia do documento escrito pelo punho de Alberto Santiago.

Race folheou o texto. Páginas e páginas cobertas com a caligrafia pouco elaborada de Santiago.

Foi procurando as palavras e encontrou rapidamente o sítio onde o primeiro texto acabava, de forma tão abrupta, a parte em que Renco, Santiago e o criminoso Bassario tinham chegado a Vilcafor, que tinham ido encontrar em ruínas, com os corpos dos seus habitantes espalhados pela rua principal, banhados em sangue.

TERCEIRA LEITURA

Renco, Bassario e eu seguimos pela rua principal, deserta, de Vilcafor.

o silêncio que reinava em nosso redor encheu de medo o meu coração. Nunca antes a floresta tropical me havia parecido tão silenciosa.

Tropecei num cadáver coberto de sangue, ao qual haviam separado a cabeça do corpo.

Vi outros corpos, vi rostos horrorizados, de olhos esbugalhados, num terror abjecto. Alguns deles não tinham braços nem pernas: haviam-lhes sido arrancados. Muitos, vi eu, tinham as gargantas rasgadas por uma qualquer força exterior e violenta.

«Hernando?», sussurrei, dirigindo-me a Renco.

«É impossível», respondeu o meu bravo companheiro. «Não há maneira de ele ter chegado aqui antes de nós.»

Enquanto íamos descendo a rua principal, vi o grande fosso seco que rodeava a aldeia. Sobre ele, de um lado e do outro da aldeia, estendiam-se duas toscas pontes de madeira, feitas de vários troncos de árvore colocados lado a lado. Pareciam ser pontes que era possível retirar a qualquer momento: as pontes de uma cidadela. Era claro que os atacantes de Vilcafor, fossem eles quem fossem, haviam apanhado de surpresa os seus habitantes.

Chegámos à cidadela. Era uma grande construção feita de pedras dispostas em duas camadas e tinha a forma de uma pirâmide mas era redonda em lugar de quadrada.

Renco bateu na grande porta de pedra, situada na base da cidadela. Chamou pelo nome de Vilcafor e proclamou que era ele, Renco, que havia chegado com o ídolo.

Passado algum tempo, alguém do lado de dentro fez rolar para o lado a laje de pedra e apareceram alguns guerreiros, seguidos pelo próprio Vilcafor, um homem idoso, de cabelo grisalho e olhos encovados. Trazia vestida uma capa vermelha mas o seu aspecto era tão majestoso como o dos mendigos que andam pelas ruas de Madrid,

«Renco!», exclamou o velho, ao ver o meu companheiro. «Tio», disse Renco. Foi nesse momento que Vilcafor me viu.

Julgo que esperava ver perpassar-lhe pelo rosto um olhar de surpresa - por ver um espanhol, acompanhando o seu sobrinho, na sua heróica missão - mas tal não aconteceu. Em vez disso, Vilcafor voltou-se para o sobrinho e disse,

«É este o comedor de ouro de quem os meus mensageiros tanto me têm falado? Aquele que te ajudou a fugir de onde estavas aprisionado, aquele que saiu de Cuzco, cavalgando ao teu lado?» «É ele, meu tio», retorquiu Renco.

Eles falaram em Quêchua mas, por essa altura, Renco havia melhorado os meus incipientes conhecimentos daquela estranha língua e eu era capaz de perceber muito do que era dito.

Vilcafor resmungou:

«Um nobre comedor de ouro... hum... Não sabia da existência de tal animal. Mas, meu sobrinho, se ele é teu amigo, é bemvindo a este lugar.»

O velho chefe voltou-se mais uma vez e foi então que viu o criminoso Bassario, de pé, atrás de Renco, com um largo sorriso ímpio estampado no rosto. Vilcafor reconheceu-o logo.

Lançando a Renco um olhar enfurecido, perguntou: O que faz ele aqui?...

«Ele viaja comigo, meu tio. Por uma boa razão», respondeu Renco. Em seguida, fez uma pausa, antes de recomeçar a falar. «Tio. o que aconteceu aqui? Foram os espan...?»

«Não, meu sobrinho. Não foram os comedores de ouro. Não, foi uma coisa mil vezes pior.»

O que foi?»

Vilcafor curvou a cabeça.

«Este não é um lugar seguro para nele procurares refúgio, meu sobrinho... »

«Porquê?» «Não... não é nada seguro.»

«Que haveis vós feito, meu tio?», perguntou Renco, num tom cortante.

Vilcafor fitou-o nos olhos e, depois disto, os seus olhos perscrutaram o grande planalto rochoso que dominava a aldeia. «Depressa, sobrinho, vem para dentro da cidadela. Em breve será de noite e eles saem ao anoitecer ou quando o tempo está escuro. Entra. Dentro da fortaleza estarás a salvo.»

O que se passa aqui, meu tio?»

«É culpa minha, meu sobrinho. É tudo culpa minha.»

A pesada porta de pedra da cidadela rolou e fechou-se atrás de nós, com um baque atroador.

Estava escuro, no interior da pirâmide de dois andares, iluminada somente pelos clarões de umas poucas tochas empunhadas por alguns homens. Vi uma

dúzia de rostos assustados, encolhidos na escuridão que se estendia diante de mim: mulheres com crianças ao colo e homens cobertos de ferimentos. Conclui que eram todos parentes de Vilcafor, os que haviam tido a boa fortuna de se encontrarem dentro da cidadela, quando se dera a chacina. Também dei notícia de um buraco quadrado, aberto no chão de pedra, no qual, de quando em quando, entravam e saíam alguns homens. Parecia ser a entrada de um túnel qualquer.

«É um quenko», sussurrou Bassario, junto ao meu ouvido. O que é isso?», inquiri.

«Um labirinto. Uma rede de túneis, escavados na rocha, por baixo de uma cidade. Há um muito afamado, não muito longe das portas de Cuzco. De início, os quenkos foram abertos para por eles poder fugir a elite dos poderosos. Só a família real de cada cidade

ou vila sabia o código que lhes permitiria encontrar o caminho por entre o emaranhado de túneis de um labirinto.

«Todavia, agora, os quenkos são utilizados sobretudo para desportos e jogos, durante a época das festas. Mandam dois guerreiros para dentro do labirinto, juntamente com cinco jaguares adultos. O guerreiro que consegue percorrer o labirinto, escapar aos jaguares e encontrar primeiro a saída, ganha. Outro jogo muito popular é apostar no resultado. Mas parece-me que o labirinto desta aldeia é mais usado de acordo com a sua finalidade original, como um túnel por onde a realeza pode bater rapidamente em retirada.»

Então, Vilcafor levou-nos até um canto da cidadela onde havia uma fogueira e disse que nos sentássemos num monte de palha. Dois ou três servos trouxeram-nos água.

«Então, Renco? Tens o ídolo?», perguntou Vilcafor. «Tenho.»

Renco extraiu o ídolo, ainda envolto na sua magnífica cobertura de seda, do bernal que trazia consigo. Desembrulhou a figura esculpida numa brilhante pedra preta e púrpura e o pequeno grupo reunido naquele canto da cidadela ficou sem respiração.

E creio mesmo que, sob aquela luz alaranjada e tremeluzente, as crispadas feições felinas do ídolo adquiriram um ainda maior grau de malevolência, se é que tal era possível.

«Tu és mesmo Aquele que Foi Escolhido, meu sobrinho», disse Vilcafor.

«Aquele que está destinado a salvar o nosso ídolo daqueles que no-lo querem tirar. Estou orgulhoso de ti.»

«E eu de vós, meu tio», disse Renco, embora, a inflexão da sua voz me desse a entender que não era isso o que ele sentia. «Contai-me o que aconteceu aqui.»

Vilcafor acenou com a cabeça. E falou assim:

«Tenho ouvido relatar as Incursões que os comedores de ouro têm feito no nosso país. Entraram nas aldeias das montanhas e também nas aldeias que ficam nas florestas batidas pela chuva. Desde há muito que penso que é somente uma questão de tempo até eles acabarem por descobrir este acampamento secreto.

«Tendo isto em mente, vai para dois meses, mandei abrir um novo caminho, um caminho que vai dar bem ao coração das

montanhas, longe desses bárbaros ávidos de ouro. Mas o caminho que mandei fazer é um caminho especial. Depois de ser usado, poderá ser destruído. Então, sendo como é o terreno por estas partes, não haverá outra entrada para as montanhas, até a vinte dias de viagem daqui. Quem quiser perseguir-nos, terá de perder semanas, tentando ir atrás de nós e, por essa altura, há muito que teremos partido.»

«Continuai», disse Renco.

«Os meus engenheiros encontraram o sítio perfeito para esse caminho, um desfiladeiro prodigioso não muito distante daqui. É um desfiladeiro largo e circular, com um enorme rochedo muito alto que se ergue mesmo a meio.

«Assim, como as paredes desse desfiladeiro eram perfeitas para o nosso novo

caminho, ordenei que as obras de construção começassem de imediato. Tudo correu bem até ao dia em que os meus engenheiros chegaram ao cume do desfiladeiro. Porque, nesse dia, ao olharem lá do alto para o desfiladeiro que se estendia aos seus pés, eles viram.»

O que viram eles, meu tio?»

«Viram uma edificação, uma edificação feita pelo homem, situada no cimo do tal rochedo muito alto.»

Renco lançou um olhar preocupado na minha direcção. «Ordenei de imediato que construíssem uma ponte de corda e, então, acompanhado pelos meus engenheiros, atravessei a ponte e examinei a construção que havia lá no alto.»

Renco escutava em silêncio.

«Fosse o que fosse, não havia sido construído pela mão dos Incas. Tinha o aspecto de uma estrutura religiosa qualquer, de um templo ou de um santuário, não muito diferente de outros que têm sido encontrados noutras partes destas florestas. Templos construídos pelo misterioso império que habitou estas terras muitos anos antes de nós.

«Mas havia qualquer coisa de muito estranho neste templo. Havia sido selado com uma grande laje de pedra. E, nessa laje, haviam sido inscritas muitas imagens e marcas, que nem mesmo os mais santos dos nossos homens foram capazes de decifrar.» «E que aconteceu depois, meu tio?», inquiriu Renco.

Vilcafor baixou os olhos.

«Houve alguém que sugeriu que talvez se tratasse do lendário Templo de Sólon e, caso assim fosse, haveria lá dentro um tesouro fabuloso de esmeraldas e jade.»

«E que fizestes vós, meu tio?», inquiriu Renco, muito sério. «Mande abrir o templo», respondeu Vilcafor, baixando a cabeça. «E, ao fazê-lo, desencadeei um mal como antes nunca se viu. Libertei os rapas.»

A noite caiu e eu e Renco encaminhámo-nos para a esplanada da cidadela, a fim de observar a aldeia e de tentar ver o animal a que eles chamavam rapa. Como era de esperar, Bassario havia-se retirado para um canto escuro da grande fortaleza de pedra e havia-se sentado com as costas contra a parede, a fazer fosse lá o que fosse.

Da esplanada da cidadela, olhei para a aldeia.

Devo dizer que, depois da nossa jornada pelas florestas, eu me havia acostumado aos sons nocturnos da selva. O coaxar das rãs, os zumbidos dos insectos, o restolhar dos ramos mais altos, quando os macacos saltavam de uns para os outros.

Mas, ali, não havia tais sons.

A floresta que rodeava a aldeia de Vilcafor estava mergulhada num silêncio absoluto.

Nenhum animal produzia o menor som. Nenhum ser vivo se movia.

Fiquei a olhar para os cadáveres que se encontravam espalhados pela rua principal.

O que foi que aconteceu aqui?», perguntei, baixinho, a Renco. A princípio, ele não respondeu. Depois, por fim, disse:

«Foi posto à solta um grande mal, meu amigo. Um grande mal.»

O que queria dizer o teu tio, quando disse que o que eles encontraram podia ser de Sólon? Quem ou o que é Sólon?»

Renco disse:

«Durante milhares de anos, foram muitos os grandes impérios que habitaram estas terras. Não sabemos muito acerca desses impérios, a não ser aquilo que aprendemos com as edificações que eles deixaram para trás e as histórias que iam sendo contadas, de pais para filhos, entre as tribos locais.

«Uma lenda muito popular entre as tribos desta região fala de um estranho império de homens que se chamavam a si mesmos Moxe ou Moche. Os Moxe eram grandes construtores e, segundo dizem os nativos locais, idolatravam o

rapa. Há mesmo quem diga que eles domesticaram o rapa mas isso é coisa que muitos não acreditam.

«Seja como for, a fábula que as tribos locais mais gostam de contar acerca dos Moxe fala de um homem chamado Sólon. Diz a lenda que Sólon era um homem notavelmente inteligente, um grande pensador e que, por isso, não tardou a ser nomeado conselheiro principal do imperador Moxe.

«Quando Sólon chegou a velho, como recompensa pelos seus serviços leais, o imperador presenteou-o com um tesouro fabuloso e prometeu-lhe que iria mandar construir um templo em honra dele. O imperador disse a Sólon que poderia ser construído no local que ele desejasse e que poderia ter a forma que mais lhe aprouvesse. Os melhores engenheiros do imperador construiriam aquilo que ele quisesse.»

Renco olhou para diante, para a escuridão.

«Diz-se que Sólon pediu que fosse construído num sítio secreto e que todas as suas riquezas fossem postas lá dentro. Então, ordenou aos melhores caçadores do imperador que capturassem uma matilha de rapas e que os colocassem dentro do templo, juntamente com a sua fortuna.»

«Ele mandou pôr uma matilha de rapas dentro do templo?» «Assim foi», respondeu Renco. Mas, para se perceber por que o fez, é preciso perceber o que pretendia Sólon. Ele queria utilizar o seu templo para fazer um teste póstumo ao comportamento humano.» «Que queres dizer com isso?»

«Sólon sabia que as novas sobre o seu imenso tesouro, guardado dentro do templo, depressa se espalhariam. Sabia que a cobiça e a avareza levariam os aventureiros a procurar e a pilhar a sua riqueza.

e, por isso, transformou o seu templo num teste. Um teste à escolha entre uma riqueza fabulosa e uma morte certa. Um teste para ver se o homem era capaz de controlar a sua própria e irresponsável cobiça.»

Fiquei a pensar nisto, em silêncio.

de que fala Vilcafor», disse eu, «aquele que fica no cimo do tal rochedo grande e muito alto... Achas que é de Sólon?»

Renco suspirou.

«Se for, ficarei muito triste.» «Porquê?»

«Porque isso quer dizer que fizemos uma longa caminhada, para vir morrer aqui.»

Fiquei algum tempo com Renco, na esplanada da cidadela, a olhar para a chuva que continuava a cair.

Passou uma hora.

Do lado da floresta, não se via nada. Mais uma hora. Nada ainda.

A certa altura, Renco disse-me que voltasse para dentro da cidadela e dormisse. Obedeci de bom grado às suas ordens, pois estava muitíssimo cansado da nossa longa jornada.

E, assim, retirei-me para o corpo central da cidadela, onde me deitei sobre um monte de palha. Aos cantos da divisão, ardiam pequenas fogueiras.

Repousei a cabeça no feno mas, mal havia fechado as pálpebras, senti que me tocavam no ombro com insistência. Abri os olhos e dei comigo a olhar para o rosto mais feio que alguma vez havia visto em toda a minha vida.

Acocorado diante de mim, estava um velho, que me sorria com a boca desdentada. Das sobrancelhas, do nariz e dos ouvidos, saíam-lhe horrendos tufo de pêlos grisalhos.

«Saudações, comedor de ouro», disse o velho. «Ouvi contar o que fizeste pelo jovem príncipe Renco, ajudando-o a escapar-se da prisão, e queria manifestar-te a minha mais profunda gratidão.»

Olhei em volta da cidadela. As fogueiras haviam-se apagado e as pessoas que, antes, andavam de um lado para o outro pela sala estavam agora em silêncio, a dormir. Devo ter mesmo adormecido, pelo menos por algum tempo.

«Oh!...» respondi. «Não tens de me agradecer.»

O velho encostou um dedo ossudo ao meu peito e abanou a cabeça, com um ar de quem sabia muitas coisas.

«Tem cautela, comedor de ouro, Fica sabendo que Renco não é a única pessoa

e o destino depende daquele ídolo.

Não compreendo.»

O que eu quero dizer é que o papel de Renco como guardião do Espírito do Povo provém directamente do Oráculo de Pahacárnac.» A boca do velho contorcia-se, mais uma vez, num sorriso desdentado. «E o teu também.» já me haviam falado do Oráculo de Pahacárnac. o oráculo era a velha mulher que tomava conta do santuário que ali havia, a guardiã tradicional do Espírito do Povo.

«Porquê?», inquiri. O que disse o Oráculo de mim? Pouco depois de os comedores de ouro chegarem às costas das nossas terras, o Oráculo anunciou que o império iria cair. Mas ela também disse que, enquanto o Espírito do Povo não caísse nas mãos dos conquistadores, a nossa alma continuaria viva. Todavia, deixou bem claro que somente um homem, e somente esse homem, podia manter o ídolo em segurança.«Renco.»

«Ele mesmo. Mas as palavras completas dela foram as seguintes:

Há-de chegar o dia em que ele virá,

Um homem, um herói, ostentando a Marca do Sol. Ele há-de ter a audácia de lutar contra grandes lagartos, Ele há-de ter a jinga,

Ele há-de contar com a ajuda de homens de coração bravo, De homens capazes de dar a vida, em honra da sua nobre causa,

E ele há-de cair dos céus, para salvar o nosso espírito.

Ele é Aquele que Foi Escolhido.

«Aquele que Foi Escolhido?», inquiri eu. «Isso mesmo.»

Perguntei a mim mesmo se eu me incluiria na categoria dos «homens de coração bravo», capazes de dar a vida para ajudar Renco, e conclui que não era esse o caso.

Em seguida, pus-me a pensar na palavra «Jinga», que o Oráculo havia utilizado, lembrei-me de que, na cultura inca, aquela era uma qualidade muito reverenciada. Era uma combinação rara de serenidade, equilíbrio e velocidade: a capacidade de um homem se movimentar como um gato.

Recordei-me da nossa ousada fuga de Cuzco, da leveza com que Renco havia saltado de telhado em telhado e do modo como se havia deixado escorregar pela corda até ao dorso do meu cavalo. Seria que ele se havia deslocado com o andar firme e ágil de um gato? Sem sombra de dúvida.

O que queres dizer com isso de ele ter a audácia de lutar contra grandes lagartos?», inquiri.

o velho retorquiu:

«Quando Renco era um rapazinho de treze anos, a mãe dele foi apanhada por um jacaré, quando estava a recolher água nas margens do rio da aldeia dela. o jovem Renco estava com ela na altura e, ao ver o monstro arrastar a mãe para dentro do rio, mergulhou na água atrás dela e lutou com aquele horrendo animal, até este a soltar das suas garras. Não há muitos homens capazes de lutar com tão temível criatura. E rapazes de treze anos ainda menos.» Engoli em seco.

Não sabia nada deste extraordinário acto de coragem de Renco, quando tinha apenas treze anos. Sabia que era um homem corajoso... mas isto?! Bem, verdade seja dita: eu nunca seria capaz de fazer tal coisa.

o velho deve ter lido os meus pensamentos. Voltou a bater com o dedo comprido e ossudo no meu peito.

«Não menosprezes a bravura do teu próprio coração, jovem comedor de ouro», disse ele. «Demonstraste uma enorme coragem, ao ajudares o nosso jovem príncipe a fugir de uma prisão espanhola. Em boa verdade, alguns diriam que demonstraste a maior coragem de todas, a coragem de fazer aquilo que está certo.»

Inclinei a cabeça, com modéstia. o velho debruçou-se sobre mim.

Penso que os actos ditados por este tipo de coragem também

devem ser recompensados. Como prémio pela tua valentia, gostava de te oferecer isto. Estendeu-me uma bexiga que havia evidentemente sido retirada do corpo de um pequeno animal. Parecia estar cheia de um líquido qualquer.

Agarrei na bexiga. Numa das extremidades, tinha uma abertura pela qual, conjecturei, quem pegasse na bexiga poderia vaziar o seu conteúdo.

O que é isto?», inquiri.

«É urina de macaco», respondeu o velho, animadamente. «Urina de macaco», repeti eu, enfadado.

É para te proteger dos rapas», explicou o velho. «Lembra-te de que o rapa é um gato e que, como todos os gatos, é a mais presunçosa das criaturas. Segundo contam as tribos desta região, há alguns líquidos que o rapa despreza com o maior dos ardores. Líquidos que, se espalhados sobre o corpo de alguém, farão fugir o rapa. »

Sorri ao velho, sem vontade. Afinal, sempre era a primeira vez que me ofereciam o excremento de uma animal da selva, como sinal de apreço.

«Obrigado», disse eu. «É... um presente... maravilhoso. O velho parecia muitíssimo agradado com a minha resposta e, por isso, disse:

«Então, gostaria de te oferecer outro.»

Cheguei a pensar em dispensar a sua generosidade, não fosse ele oferecer-me mais uma variedade de dejecto animal. Mas o seu segundo presente não era de natureza material. Gostava de partilhar um segredo contigo», disse ele.

«E que segredo é esse?»

«Se alguma vez tiveres de fugir desta aldeia, entra no quenko e segue pelo terceiro túnel que encontrares ao teu lado direito. A partir daí, vira alternadamente à esquerda e, depois, à direita, seguindo sempre pelo primeiro túnel que encontrares, mas certifica-te de que viras à esquerda da primeira vez. o quenko levar-te-á

até à queda de água que corre logo acima da grande floresta. o segredo do labirinto é simples, somente é preciso saber por onde começar. Confia em mim, jovem comedor de ouro, e cumpre à risca o que eu te disse destes presentes. Eles podem salvar-te a vida.»

Repousado pelo meu breve sono, voltei mais uma vez à esplanada da cidadela. Chegado ali, encontrei Renco, que, nobremente, continuava a sua vigília. Devia estar sumamente cansado mas não deixava entrever a mínima fadiga. Limitava-se a olhar, vigilante, para a rua principal da aldeia, indiferente às torrentes de chuva que lhe desabavam sobre a cabeça. Cheguei ao seu lado, sem dizer palavra, e segui o seu olhar voltado para a aldeia. Sem contar com a chuva, nada se mexia. Não, nada produzia o menor som. A misteriosa quietude da aldeia era assustadora. Quando falou, Renco não voltou o rosto para mim. Vilcafor diz que abriu à luz do dia. Em seguida, mandou cinco dos seus melhores guerreiros entrar lá dentro, à procura do tesouro de Sólón. E eles não regressaram. Foi só ao cair da noite que os rapas saíram do templo.»

«E agora andam cá por fora?», perguntei, temeroso. «Se andam, não consegui vê-los.»

Olhei para Renco. Tinha os olhos vermelhos e grandes bolsas de inchaço por baixo deles.

«Tens de dormir, meu amigo», disse-lhe, baixinho. «Tens de conservar as tuas forças, em especial se os meus compatriotas

derem com esta aldeia. Vai dormir agora, que eu fico de vigia e acordo-te, se vir alguma coisa.»

Renco abanou a cabeça, lentamente.

«Como de costume, tens razão, Alberto. Obrigado.»

E, dito isto, foi para dentro e eu fiquei ali sozinho, na esplanada da cidadela, sozinho na noite.

Na aldeia, lá em baixo, nada se movia.

Aconteceu mais ou menos uma hora depois de eu ter começado a minha vigília. Havia estado a observar o ondular das águas do rio, que brilhavam como prata, sob a luz do luar. Então, de repente, uma pequena balsa surgiu no meu campo de visão. Espiei os três vultos que se encontravam de pé, na embarcação, como sombras escuras na noite.

o meu sangue ficou gelado. Homens de Hernando...

Estava prestes a ir a correr chamar Renco, quando a balsa encostou ao pequeno desembarcadouro de madeira da aldeia e os seus passageiros saltaram para o cais. Então, pude olhar melhor para eles.

Os meus ombros curvaram-se, de alívio. Não eram conquistadores.

Eram incas.

Um homem, envergando as vestes tradicionais dos guerreiros incas, e uma mulher com uma criança pequena, todos protegidos da chuva por capas e capuzes.

As três figuras avançavam lentamente pela rua principal, mirando com um temor respeitoso as provas da carnificina, visíveis na rua lamacenta, à sua volta.

E foi então que o vi.

A princípio, pensei que era somente a sombra oscilante de um ramo sobre a parede de uma das cabanas, alinhadas ao longo da rua. Mas, então, a sombra do ramo foi varrida da parede da cabana e o seu lugar foi ocupado por outra sombra.

Vi os contornos escuros de um enorme gato, vi a bela cabeça felina, a curvatura do focinho, as pontas das orelhas pontiagudas.

Vi a boca da criatura abrir-se silenciosamente, preparando-se para matar.

A princípio, nem queria crer no seu tamanho. Fosse o que fosse, era um animal enorme.

E, então, de repente, o animal havia desaparecido e eu estava a olhar somente para a parede da choupana, nua e vazia, iluminada pela luz do luar. Os três incas encontravam-se agora a pouco mais de vinte passos da cidadela.

E eu sussurrei-lhes, um pouco alto de mais, em Quêchua: «Aqui! Vinde depressa! Vinde depressa!»

A princípio, eles pareciam não perceber o que eu estava a dizer. E, então, o primeiro animal, começou a avançar lentamente pela rua principal, atrás deles.

«Correi!», gritei. «Eles estão atrás de vós!»

o homem do grupo voltou-se e viu o gato gigantesco, de pé, sobre a lama, mesmo atrás deles.

o animal avançava lentamente, em passadas precisas e bem calculadas.

Parecia uma pantera. Uma enorme pantera negra. No focinho preto afilado, uns frios olhos amarelos miravam o grupo, uns olhos que tinham a fixidez gélida dos olhos de um gato.

Nesse momento, um segundo animal veio juntar-se ao primeiro e os dois rapas olharam fixamente para o pequeno grupo que tinham diante deles.

«Corram!», gritei eu. «Corram!»

o homem e a mulher começaram a correr em direcção à cidadela.

Os dois gatos que se encontravam na rua deram um salto e foram-lhes na peugada.

Eu corri para a entrada da porta que se abria da esplanada da cidadela para o corpo principal da construção.

«Renco! Alguém! Abram a porta principal! Há gente lá fora!» Voltei a correr para o beiral da esplanada e cheguei lá mesmo a tempo de ver a mulher chegar à base da cidadela, com a criança nos braços. o homem vinha logo atrás dela.

Os gatos saltitavam rua fora.

Lá em baixo, ninguém havia aberto a porta.

A mulher olhou para cima, para mim, com um olhar assustado e, por breves instantes, dei comigo fascinado pela sua beleza. Era a mulher mais impressionante que alguma vez eu havia... Então, tomei uma decisão.

Arranquei o manto do corpo e, segurando-o por uma das pontas, lancei a outra ponta pelo beiral da esplanada.

«Agarraí o meu manto!», gritei. «Eu puxo-vos para cima!»

o homem agarrou a outra ponta do meu manto e estendeu-a à mulher.

«Vai!», gritou ele. «Vai!»

A mulher agarrou-se ao meu manto e eu puxei-o para cima, com todas as minhas forças, tentando içá-la e à criança que trazia nos braços, até à esplanada da cidadela.

Mal a mulher havia erguido os pés do solo, vi o guerreiro que se encontrava por trás dela ser atacado por um dos rapas. o corpo do homem fez um barulho medonho, quando ele foi atirado contra a parede exterior da cidadela.

Soltou gritos terríveis, quando o rapa começou a comê-lo vivo.

Com todas as minhas forças, puxei o manto, arrastando para cima a mulher e a criança.

Os dois chegaram junto ao beiral da esplanada e, por entre a chuva leve que caía, a mulher agarrou-se à pedra das seteiras, tentando, ao mesmo tempo, entregar-me o filho. Era um rapazinho, muito pequeno, com olhos castanhos, grandes e assustados.

Lutei para conseguir segurar tudo - a mulher, o rapazinho e a minha capa - e olhei para baixo. Horrorizado, vi vários outros rapas, que haviam acorrido à rua principal de Vilcafor, para assistir à cena.

Naquele preciso momento, um dos gatos saltou da lama e tentou cravar as fauces nos pés pendentes da mulher. Mas ela era muito esperta. No último instante, levantou os pés e as fauces do gato fecharam-se sobre o ar.

«Ajudai-me», pediu ela, com um olhar desvairado.

«Eu ajudo», disse eu, sentindo a chuva a bater-me no rosto. De súbito, o gato que se encontrava lá em baixo, tentou novamente apanhá-la, desta vez, com as suas enormes garras. E, desta

vez, consegui prender a bainha da capa da mulher e, para meu grande horror, vi a capa esticar-se devido ao seu peso.

«Não!», gritou a mulher, ao sentir o peso do gato puxá-la para baixo.

Oh, Senhor!», exclamei eu. Nesse instante, o gato puxou com maior vigor pela capa da mulher e ela apertou a minha mão com mais força. Mas de nada serviu: o gato era demasiado pesado, demasiado forte.

Com um último grito, a mulher escapou-se-me da mão e, com o filho nos braços, caiu do beiral da esplanada e eu deixei de a ver.

Foi então que eu fiz o que era impensável.

Saltei do beiral, atrás dela.

Até hoje, não sei por que o fiz.

Talvez haja sido o modo como ela se agarrava ao filho que me levou a fazê-lo. Ou talvez haja sido o olhar de puro terror, naquele belo rosto.

Ou talvez haja sido somente o seu belo rosto. Não sei.

Aterrei, de modo nada heróico, no charco de lama que ficava diante da cidadela. E, quando o fiz, aquela coisa húmida e castanha espalhou-se-me pelo rosto, cegando-me. Limpei a lama que me cobria os olhos.

E, logo a seguir, vi à minha volta, encerrando-me num semicírculo, nada menos de sete rapas, que me fitavam com aqueles seus olhos frios e amarelos.

o meu coração começou a bater com toda a força, dentro do meu peito. E eu não fazia a menor ideia do que tencionava fazer.

A mulher e o rapazinho estavam mesmo ao meu lado. Avancei, para me pôr à frente deles e gritei ferozmente para a falange de monstros que se encontravam diante de nós.

«Ide! Fazei o que eu vos digo. Ide!»

Retirei uma seta da aljava que trazia às costas e agitei-a para trás e para diante, diante das fauces gigantescas dos gatos.

Os rapas não pareceram nada impressionados com o meu patético acto de bravata.

E aproximaram-se mais de nós. Agora, devo dizer que, se vistas de longe, da esplanada da cidadela, estas criaturas pareciam enormes, vistas de perto, pareciam absolutamente imensas. Negras, negras e vigorosas.

Então, abruptamente, o rapa que se encontrava mais perto de mim, estendeu

uma das patas da frente e arrancou a ponta aguçada da minha seta. Em seguida, aquela enorme criatura arreganhou-me os dentes, firmou bem o corpo para saltar e então...

Qualquer coisa caiu, com um grande estrondo, num charco de lama, à minha direita.

Voltei-me para ver o que era. E franzi o sobrolho. Era o ídolo.

Era o ídolo de Renco.

Os meus pensamentos rodopiavam. o que estava ali a fazer o ídolo de Renco? Por que haveria alguém de o atirar para a lama, numa ocasião como aquela? Nesse instante, olhei para cima e vi o próprio Renco, debruçado sobre o beiral da esplanada da cidadela. Havia sido ele quem me havia atirado o ídolo.

E foi então que aconteceu. Senti-me gelar.

Era um barulho como eu nunca havia ouvido em toda a minha vida.

Era somente um leve som mas muito penetrante. Cortava o ar que nem uma faca, atravessando o próprio som da chuva a cair. Era semelhante ao som de um carrilhão, quando alguém o toca. Era uma espécie de cantilena alta e aguda.

Hummmmm. Os rapas também o ouviram. Em boa verdade, aquele que, somente uns momentos antes, se preparava para atacar, estava agora ali parado, diante de nós, numa espécie de espanto maravilhado, a olhar fixamente para o ídolo, que se encontrava meio submerso no charco acastanhado, a meu lado.

Foi então que aconteceu a mais estranha de todas as coisas. o grupo de rapas em nosso redor começou lentamente a recuar. Os rapas estavam a fugir do ídolo.

«Alberto, estás a ouvir?», sussurrou Renco, «Move-te muito devagar. Muito devagar. Agarra no ídolo e vai para junto da porta. Eu vou mandar alguém, para te deixar entrar.»

Eu obedeci à sua ordem, ao pé da letra.

Com a mulher e a criança atrás de mim, segurei o ídolo nas minhas mãos, e com as costas firmemente encostadas ao muro da cidadela, fomos caminhando ao longo da parede circular exterior, até chegarmos à porta.

Pelo seu lado, os rapas limitaram-se a seguir-nos a uma prudente distância, fascinados pelo canto melodioso do ídolo molhado.

Mas não fizeram qualquer menção de atacar.

E, então, de repente, a grande laje de pedra que fazia as vezes de porta da cidadela rolou para o lado e entrámos todos. Eu fui o último a fazê-lo e, enquanto a grande pedra voltava a girar para o seu lugar, depois de eu ter entrado, caí para o chão, mal podendo respirar, a suar e a tremer, e totalmente surpreso por ainda me encontrar vivo.

Renco veio ao nosso encontro, correndo, vindo da esplanada. «Lena!», exclamou, ao reconhecer a mulher. «E Mani!», gritou, pegando no rapazinho ao colo.

Eu deixei-me ficar caído no chão, exausto, sem tomar parte em toda aquela felicidade.

Agora envergonho-me de o dizer mas, naquele momento, senti realmente uma ferroadada de ciúme do meu amigo Renco. Sem dúvida que aquela mulher extraordinariamente bela era a sua esposa, como seria de esperar de um personagem tão pomposo como Renco.

«Tio Renco!», exclamou o rapazinho, enquanto Renco o erguia no ar.

Tio? Os meus olhos abriram-se de surpresa.

«Irmão Alberto», disse Renco, aproximando-se de mim. «Não sei o que planeavas fazer lá fora mas o meu povo costuma dizer: Não é a dádiva que conta mas a intenção de quem a faz. Obrigado. Obrigado por teres salvo a minha irmã e o filho dela.»

«A tua irmã?», disse eu, olhando para a mulher que, nesse momento, despia a capa ensopada em água, deixando a descoberto uma peça de vestuário semelhante a uma túnica, também ela encharcada e colada ao seu corpo.

Aquilo que vi fez-me engasgar.

Ela era muito mais bela do que, inicialmente, eu me dera conta, se, na verdade, tal coisa era possível. Teria, talvez, uns vinte anos, olhos castanhos e doces, uma pele suave cor de azeitona e delicados cabelos escuros. Tinha umas pernas esguias e compridas, ombros graciosamente musculados e, através das vestes molhadas, viam-se os seus seios fartos e, para meu embaraço, os seus mamilos erectos.

Era radiosa, Renco envolveu-a numa manta seca e ela sorriu-me. Confesso que senti uma enorme fraqueza nos joelhos.

«Irmão Alberto Santiago», disse Renco, num tom formal. «Deixa-me apresentar-te a minha irmã, Lena, primeira princesa do império inca.»

Lena deu um passo em frente e agarrou a minha mão entre as suas.

«É um prazer conhecer-vos», disse ela, sorrindo. «E muito obrigada pelo vosso acto de grande coragem.»

Oh, não foi... nada», respondi, corando.

«E muito obrigada também, por terdes resgatado da prisão este meu irmão aventureiro», disse ela.

Mas, ao ver a minha surpresa, acrescentou:

«Oh, ficai tranquilo, meu herói. As novas do vosso nobre feito espalharam-se pelo império.»

Inclinei a cabeça, com modéstia, Agradava-me a maneira como ela me chamava «meu herói».

Então, ocorreu-me um pensamento e voltei-me para Renco. «Como sabias que o ídolo teria aquele efeito sobre os rapas?» Renco fez um sorriso travesso.

«Para dizer a verdade, eu não sabia que o ídolo iria fazer aquilo.»

O quê?!», exclamei. Renco riu-se.

«Não fui eu, Alberto, quem saltou de uma esplanada perfeitamente segura, para salvar uma mulher e uma criança que nem sequer conhecia!»

Então, Renco pôs um braço à volta dos meus ombros.

«Dizia-se que o Espírito do Povo tinha o dom de amansar animais selvagens. Eu nunca havia visto tal mas tinham-me dito que, quando imerso em água, o ídolo era capaz de acalmar o mais raivoso dos animais, Quando fui acordado pelos teus gritos e vos vi aos três, rodeados de rapas, achei que era uma boa altura para testar tal teoria.»

Abanei a cabeça de espanto.

«Renco», disse Lena, dando um passo em frente. «Lamento, perturbar a tua alegria mas trago uma mensagem.

O que é?»

«Os espanhóis tomaram Roya. Mas não sabem decifrar os totens. Por isso, de cada vez que chegam junto de um, mandam os batedores chancas esquadrinhar a área em volta, até encontrarem a vossa pista. Depois de os comedores de ouro saquearem Paxu e Tupra, eu fui mandada ali, para te dar conta do avanço deles, porque sou uma das poucas pessoas que conhece o código dos totens. Depois, fiquei a saber que eles haviam deitado fogo a Roya, que ficou totalmente destruída. Eles encontraram o teu rastro, Renco. E dirigem-se para aqui.»

«Quanto tempo?», inquiriu Renco. o rosto de Lena ensombrou-se.

«Eles andam depressa, meu irmão. Muito depressa. À velocidade a que avançam, calculo que estarão aqui ao romper do dia.»

-Encontrou alguma coisa? - disse subitamente a voz de Frank Nash, nascostas de Race.

Race ergueu os olhos do manuscrito e viu Nash, Lauren, Gaby e Krauss à porta do ATV, olhando para ele, com ar expectante. A tarde já ia avançada e, por causa das nuvens de tempestade que o cobriam, o céu já estava bastante escuro.

Race olhou para o relógio,

16:55.

Raios. Não se dera conta de que estava a ler havia tanto tempo. Dentro em pouco seria noite. E, com ela, iam aparecer os rapas. -Então? já encontrou

alguma coisa? - insistiu Nash.

-Hum... - começou Race.

Deixara-se absorver tanto pelo manuscrito que quase se esquecera do motivo por que estava a lê-lo - para descobrir qualquer coisa sobre a maneira de derrotar os rapas e voltar a fechá-los no templo.

-Então?... - repetiu Nash.

-Diz que eles só aparecem à noite ou em alturas em que está muito escuro.

Krauss disse:

- o que explica porque estavam eles activos, há bocado, na cratera. Mesmo durante o dia, é um sítio tão escuro que eles...

-Também parece que os rapas já conheciam esta aldeia como um sítio onde havia comida - disse Race, interrompendo Krauss, antes que ele pudesse justificar o seu erro anterior, um erro que tinha tido por resultado a morte de três bons soldados. - No manuscrito, eles atacaram-na por duas vezes.

-Diz aí como é que eles foram parar dentro do templo?

-Diz. Diz que foram mandados pôr lá por um grande pensador, que queria fazer do templo um teste à ganância humana. -

Race fitou Nash, com uma expressão mordaz. - Acho que não passámos no teste.

-de Sólon... - suspirou Gaby Lopez.

-Não diz nada sobre a forma de os combater? - perguntou Nash.

-Na verdade, diz duas coisas acerca disso. Uma delas é a urina de macaco. Segundo parece, todos os gatos odeiam urina de macaco. Se nos besuntarmos com urina de macaco, os rapas afastam-se de nós.

-E a segunda coisa? - perguntou Lauren.

-É muito estranha - disse Race. - A certa altura da história, quando os gatos se preparavam para atacar Santiago, o príncipe inca atirou o ídolo para um charco de água. Quando entrou em contacto com a água, o ídolo começou a emitir um estranho zumbido e parece que isso evitou que os gatos atacassem.

Ao ouvir aquilo, Nash franziu o sobrolho.

-É mesmo esquisito - prosseguiu Race, - Santiago diz que o som era semelhante ao repicar de sinos. Parece que funciona segundo o mesmo princípio que um apito para cães, uma espécie de vibração de alta-frequência, que afecta os gatos mas não os seres humanos.

-A coisa mais estranha - acrescentou Race - é que parece que os Incas sabiam disso. Há duas ou três passagens do manuscrito, onde se diz que os Incas sabiam que, quando imerso com água, o ídolo tinha a faculdade de acalmar todos os animais, até o mais selvagem.

Nash olhou para Lauren.

-Pode ser um efeito de ressonância - disse ela. - o contacto com as moléculas concentradas de oxigénio, contidas na

água, poderia fazer ressoar o títium, da mesma maneira que outras substâncias nucleares reagem ao oxigénio do ar.

-Mas isto tinha que ser a uma escala muito maior... - disse Nash.

-Provavelmente, foi por isso que o monge também ouviu a canti - disse Lauren. -

Os seres humanos não ouvem a ressonância causada, por exemplo, pelo contacto do plutónio com o oxigénio. A frequência é demasiado baixa. Mas, como o títium é muitíssimo mais denso que o plutónio, é possível que, ao entrar em contacto com a água, a ressonância seja tão alta que possa ser ouvida pelo homem.

-E, se o monge a ouviu, deve ter sido muito pior para os gatos - opinou Krauss, num tom irónico.

Toda a gente se voltou para Krauss.

-Lembrem-se de que os gatos têm uma capacidade auditiva aproximadamente dez vezes superior à dos seres humanos. Ouvem coisas que, materialmente, nós não conseguimos ouvir e comunicam entre si, numa frequência que está para além da gama de sons que nós somos capazes de ouvir.

-Eles comunicam uns com os outros? - perguntou Lauren, em tom de enfado.
-Comunicam - respondeu Krauss. - Há muito que foi estabelecido que os grandes gatos comunicam por meio de rugidos e de vibrações guturais, que estão para além da percepção auditiva dos seres humanos. Mas a questão é esta: seja o que for que o tal monge tenha ouvido, deve ter sido apenas um décimo daquilo que os gatos ouviram. A cantilena deve tê-los deixado loucos e foi isso que deu uma aberta ao monge.

- o manuscrito vai um pouco mais longe do que isso - disse Race. - o som não os fez só parar. Segundo parece, os gatos foram atrás do ídolo, depois de este ter caído na água. Era como se se sentissem atraídos por ele ou mesmo hipnotizados.

Nash perguntou:

- o manuscrito diz alguma coisa acerca de como foi o ídolo parar dentro do templo?

-Não - respondeu Race. - Pelo menos, até agora. Quem sabe? Talvez Renco e Santiago tenham molhado o ídolo e o

tenham usado para levar os gatos de volta para dentro do templo. Fosse como fosse, conseguiram atrair os gatos para dentro do templo e, ao mesmo tempo, puseram lá o ídolo. - Race fez uma pausa. - Na verdade, não deixa de ser apropriado. Quando guardaram o ídolo dentro do templo, estavam apenas a transformá-lo num novo teste à ganância humana.

- o manuscrito diz que esses gatos são nocturnos, não é verdade? - perguntou Nash,

-Diz que eles gostam da escuridão, seja a escuridão da noite ou outra qualquer. Isso deve querer dizer que eles são nocturnos. Mais ou menos.

-Mas diz que eles desciam à aldeia, todas as noites, à procura de comida?

-Diz.

Os olhos de Nash estreitaram-se.

-Então, podemos concluir que eles saem todas as noites da cratera para caçar comida?

-A avaliar pelo que diz o manuscrito, parece ser uma conclusão válida.

-Ótimo - disse Nash, voltando-se.

-Porquê?

-Porque - respondeu Nash - esta noite, quando eles saírem, nós vamos entrar no templo e tirar de lá o ídolo.

A cada minuto que passava, o dia ia ficando mais escuro.

As negras nuvens, anunciadoras de tempestade, deslizavam pelo céu e, com o ar frio do fim da tarde, um espesso nevoeiro cinzento abateu-se sobre a aldeia. Caía uma chuva miudinha.

Race sentou-se ao lado de Lauren, enquanto ela empacotava o equipamento que ia levar para a cidadela, tendo em vista as planeadas actividades nocturnas.

-Então? Como é que tem sido a vida de casada? - perguntou, tão descontraidamente quanto foi capaz.

Lauren sorriu para consigo mesma, com ironia.

-Depende da vida de casada de que estejas a falar. -Tens mais do que uma?

o meu primeiro casamento não correu lá muito bem. Acontece que ele não partilhava as minhas ambições quanto à carreira. Divorciámo-nos há mais ou menos cinco anos.

-Ah!...

-Mas voltei a casar, ainda não há muito tempo - acrescentou Lauren. - E tem sido ótimo. Ele é muito simpático. Na verdade, é como tu. E também tem montes de potencial.

-Há quanto tempo?

-Faz agora dezoito meses.

-Ainda bem - disse Race, polidamente,

A verdade era que estava a pensar na cena a que tinha assistido: Lauren e Troy Copeland, beijando-se apaixonadamente, na retaguarda do Huey. Reparara que Copeland não usava aliança. Seria que Lauren tinha um caso com ele? Ou

talvez Copeland não gostasse de usar aliança...

-Casaste, Wili? - perguntou Lauren, arrancando-o aos seus pensamentos.

-Não - respondeu Race, baixinho. - Nunca casei.

- o relatório do SAT-SN está a sair - disse Van Lewen, que se encontrava junto a um terminal de computador, num dos lados do ATV

Nesse momento, Van Lewen, Cochrane, Reichart, Nash e Race encontravam-se dentro do veículo todo-o-terreno de oito rodas, juntamente com os dois agentes do BKA - Schroeder e a mulher loira, Renée Becker. o ATV estava estacionado perto do rio, a curta distância da ponte de toros e do carroiro lamacento que ia dar à fenda, à espera do assalto nocturno ao templo. Lauren já tinha partido para a cidadela, levando a reboque Johann Krauss. Buzz Cochrane tinha acabado de regressar ao ATV, com uma mão-cheia de uma papa mole e acastanhada. Dentro do espaço limitado do veículo, aquilo exalava um cheiro execrável.

-Não consegui encontrar um único macaco que pudesse apanhar e obrigar amijar - disse Cochrane. - Devem pôr-se todos a andar daqui, antes de anoitecer. - E estendeu a mão que

segurava a papa acastanhada. - Mas consegui arranjar isto. Merda de macaco. Achei que talvez desse o mesmo resultado, o cheiro fez arrepiar Race. Cochrane viu o arrepio.

- o que foi? Não quer tomar banho em merda, Professor? Olhou para Renée e sorriu. - Ainda bem que não é o professor que vai lá, não acha?

Cochrane começou a espalhar os excrementos de macaco pelas calças da farda de trabalho. Reichart e Van Lewen fizeram o mesmo. E puseram também um pouco à volta das estreitas fendas que faziam as vezes de janelas do ATV Algumas horas antes, enquanto Race estivera a ler o manuscrito, Nash mandara os outros civis estabelecer uma base de operações, dentro da cidadela. E, enquanto eles faziam isso, os quatro Boinas Verdes sobreviventes tinham tentado reparar o Huey que restava. Infelizmente, eles só tinham conseguido consertar os tubos de alimentação da ignição do helicóptero. E reparar o rotor da cauda danificado era, afinal, mais complicado do que Cochrane previra. Tinham surgido algumas dificuldades e a peça continuava a não rodar e, sem ela, o helicóptero não podia voar. Então, quando começara a escurecer, Nash decidira que ir buscar o ídolo era prioritário. Os Boinas Verdes tinham sido afastados do helicóptero e levados para o ATV, onde Race lhes fizera o relato do incidente com o ídolo molhado, referido no manuscrito.

Enquanto Race contava o que lera, Nash tinha ordenado que Gaby, Copeland, Doogie e o jovem soldado alemão, Molke, permanecessem na cidadela. Dissera que o seu plano para deitar a mão ao ídolo implicava que a maior parte da equipa se encontrasse estacionada na cidadela, quando os gatos chegassem à aldeia, enquanto ele e alguns dos Boinas Verdes ficavam no ATV, perto do caminho do rio que conduzia ao templo.

Race, que acabara de informar os Boinas Verdes acerca do incidente com o ídolo molhado, devia ir imediatamente ter com os outros à cidadela.

o SAT-SN está ligado - disse Van Lewen, do terminal de computador. - As imagens de satélite devem estar quase a chegar.

- o que é que diz? - perguntou Nash.

-Dê uma olhadela - disse Van Lewen, afastando-se.

Nash ficou a olhar para o ecrã, onde tinha aparecido uma imagem da metade Norte da América do Sul:

GABINETE NACIONAL DE RECONHECIMENTO TAREFA EXECUTADA. N." 040199-6754
LEVANTAMENTO PRELIMINAR SAT-SN COORDENADAS: 82.00 o - 30.00 0; 15.00 N -
37.00 S DATA: 5 JAN 1999 16.59.56 PM (LOCAL - PERU)

-Que diabo?... - disse Nash, franzindo o sobrolho.

-Pelo menos a área mais próxima está limpa... - observou Van Lewen.

- o que é que quer dizer isso tudo? - perguntou Race. Van Lewen respondeu:

-As linhas rectas representam os cinco principais corredores aéreos

comerciais da América do Sul. Basicamente, o Panamá funciona como ponto de passagem do continente e os voos comerciais costumam seguir directamente de lá para o Rio de Janeiro e, destas duas cidades, para Buenos Aires. Os quadrados cinzentos representam aeronaves que voam fora das rotas comerciais regulares, no nosso quadrante.

Race olhou para o ecrã e viu os três grupos de quadrados cinzentos, no quadrante Noroeste do continente.

- o que é que querem dizer as letras e os números? Van Lewen disse:

- o círculo cinzento mesmo por cima de Cuzco, aquele que tem «N-1» escrito por baixo, somos nós. Quer dizer «Nash-Um», ou seja, a nossa equipa, na aldeia. o N-2, o N-3 e o N-4 são os nossos helicópteros de apoio, que vêm a caminho de Vilcafor, vindos do Panamá. Mas parece que ainda estão um bom bocado longe.

-E os outros quadrados cinzentos?

O N-1, o N-2 e o N-3 são os helicópteros de Romano respondeu Nash.

-Mas estão muito para norte - fez notar Van Lewen, voltando-se para Nash.

-Como é que eles se desviaram tanto? -Andam perdidos - disse Nash. - Devem ter-se enganado na leitura dos totens.

Mais uma vez, Race gostaria de saber quem era o tal Romano mas mordeu a língua e não disse nada.

-E estes? - perguntou Renée, apontando para os três quadrados, assinalados sobre o oceano, no extremo esquerdo do ecrã.

- o NY1, o NY2 e o NY3 pertencem à Marinha dos EUA respondeu Van Lewen. - A Marinha deve ter um porta-aviões algures por ali.

Não há sinais dos Soldados da Tempestade? - perguntou Schroeder.

-Não - disse Nash, num tom sombrio.

Os ponteiros do relógio de Race marcavam 17 horas. Devido às pesadas nuvens de tempestade que o encobriam, o céu do fim da tarde estava inusitadamente escuro. Parecia que já era noite. Nash voltou-se para Van Lewen.

-Como é que estamos quanto a visão?

-As imagens de satélite vão chegar dentro de sessenta segundos.

-Com atraso ou em tempo real? -Em tempo real, infravermelhos.

-óptimo - disse Nash. - Devemos conseguir ter uma imagem nítida dos gatos, quando eles saírem da cratera e se puserem a caminho da aldeia. Está tudo pronto?

Van Lewen pôs-se de pé. Atrás dele, Buzz Cochrane e Tex Reichart colocavam ao ombro as respectivas M-16.

-Sim, senhor - respondeu Cochrane, olhando de lado para Renée. - De pé, engatilhado e pronto a disparar.

Race ficou tenso.

Cochrane olhava maliciosamente para a pequena alemã, com uma confiança arrogante. Era como se achasse que a metralhadora, equipada com ponto de mira laser, lança-granadas M-203 acoplado e lanterna montada no cano, e o uniforme de combate o transformavam no Sr. Irresistível.

Race odiou-o por aquela atitude.

-As imagens de satélite estão a chegar - anunciou Van Lewen.

Nesse momento, outro ecrã de computador começou a piscar, no interior do ATV

A imagem que apresentava era a preto-e-branco e com bastante grão e, a princípio, Race não conseguia perceber o que era aquilo. o canto superior esquerdo do ecrã estava completamente preto. A seguir ao preto, havia uma secção Cinzenta opaca e, depois desta, uma coisa que parecia uma ferradura invertida, no

centro da qual se via uma série de pequenas marcas quadradas e uma marca redonda maior, perto do topo da ferradura.

A base do ecrã mostrava uma faixa larga de cinzento mais escuro. junto a essa faixa, havia um objecto que parecia uma pequena caixa escura. Dois pontos brancos afastavam-se da caixa em direcção ao arco da ferradura.

Então, de repente, percebeu.

Estava a olhar para a aldeia de Vilcafor.

Aquilo que parecia uma ferradura era o gigantesco fosso que rodeava a aldeia, os quadrados e a bola que se viam dentro dela eram as choupanas e a cidadela. A grande secção a preto, à esquerda, era o planalto rochoso onde ficava. A secção cinzenta opaca era a floresta, entre o planalto e a aldeia. E a faixa cinzenta escura, na base do ecrã, era o rio.

A pequena caixa perto do rio, concluiu Race, era o ATV onde se encontrava, estacionado perto da ponte de toros do lado ocidental.

Olhou para os dois pontos brancos que saíam do ATV para a cidadela. Em seguida, olhou para o lado de fora da porta e viu Lauren e Krauss, caminhando em passadas rápidas, por entre o nevoeiro, em direcção à cidadela.

oh, meu Deus, pensou.

Aquilo era a imagem de Vilcafor, captada por um satélite a centenas de quilómetros acima da Terra, em tempo real. Aquilo era o «agora».

Nash falou para o microfone de garganta:

-Lauren, aqui, estamos todos prontos. Vocês já entraram? -Só um segundo - respondeu a voz de Lauren, nos intercomunicadores.

No ecrã, Race viu os dois pontos brancos que eram Lauren e Krauss desaparecerem dentro da marca redonda que era a cidadela.

-Pronto. já entrámos - disse Lauren. - Vai mandar o Will para aqui.

-Agora mesmo - respondeu Nash. - É melhor ir andando para a cidadela, antes que esteja completamente escuro, Professor Race.

-Está bem - disse Race, dirigindo-se para a porta.

-Um momento... - disse Van Lewen, de repente. Toda a gente ficou estática.

- o que foi? - perguntou Nash.

-Temos companhia.

Van Lewen apontou com o queIXO para o ecrã.

Race voltou-se e, na imagem a preto-e-branco que o ecrã mostrava, viu a mancha mais escura que era o planalto e a aldeia em forma de ferradura.

E, depois, viu-os.

Encontravam-se na secção cinzenta opaca, à esquerda da ferradura: a floresta entre a aldeia e o planalto.

Eram uns dezasseis.

E vinham todos do lado do planalto.

Dezasseis ameaçadoras manchas brancas, todas elas com uma cauda comprida, abrindo caminho pela floresta, em direcção à aldeia.

Os rapas.

A espessa porta de aço do ATV deslizou sobre os carris e fechou-se com estrondo.

-Vieram cedo - observou Nash.

-É por causa das nuvens - disse a voz de Krauss, nos altifalantes. - Os animais nocturnos não usam relógio, Doutor Nash. Guiam-se pelo nível de luz ambiente que os rodeia. Se estiver suficientemente escuro, saem dos seus covis...

-SeJa lá como for - interrompeu Nash. - o que interessa é que eles saíam.

-Voltando-se para Race, acrescentou:

-Lamento, Professor. Parece que vai ter que ficar connosco. Lauren, sela a cidadela.

Na cidadela, Lauren e Copeland agarraram na laje de mais de um metro e oitenta, que fazia as vezes de porta, e fizeram-na rodar para o sulco que tinha sido aberto no chão de pedra da entrada da fortaleza.

A pedra tinha uma forma mais ou menos rectangular mas a sua base era ligeiramente curva, o que permitia fazê-la rodar com facilidade para o sulco do vão da porta. o facto de esta encaixar no sulco, do lado de dentro dos muros da fortaleza, queria dizer que os inimigos não podiam ter esperança de a deslocar do lado de fora.

A pedra rolou para o seu lugar mas Lauren e Copeland deixaram

deliberadamente aberta uma frincha entre ela e o umbral. Deixar que os gatos detectassem a presença deles na cidadela era uma parte importante do plano,

No fim de contas, eles eram o isco.

Dentro do ATV, toda a gente observava atentamente a imagem de satélite ao vivo que se via no ecrã.

Os gatos apareceram em duas «equipas». Uma delas veio directamente do planalto para ocidente. A outra vinha do lado norte, com algumas subidas e desvios.

Race sentiu um arrepio ao olhar para os seus corpos, brancos e brilhantes, por efeito dos raios infravermelhos, para as suas caudas que se enrolavam e desenrolavam lentamente.

Era inquietante, pensou. Tinham um comportamento perturbadoramente coordenado, para um bando de animais.

Os gatos atravessaram o fosso em vários pontos. Alguns seguiram pela ponte de toros do lado ocidental, outros limitaram-se a saltar suavemente para os troncos de árvores caídas que juncavam o leito do fosso seco e, depois, subiram sem esforço para o outro lado. Entraram na aldeia.

A maior parte dos rapas, observou Race, dirigia-se directamente para a cidadela e para o cheiro a seres humanos que de lá vinha. Nesse momento, porém, viu uma mancha branca solitária aparecer no ecrã, ao lado do ATV estacionado.

Instintivamente, deu um pulo para a direita e viu os enormes bigodes pretos de um dos gatos, lá fora, mesmo ao seu lado, junto à frecha que servia de janela.

o rapa fungou uma vez, detectou o cheiro ao excremento de macaco que tinha sido espalhado no caixilho da janela. Depois, recuou e foi ter com os outros à cidadela.

-OK - disse Nash. - Parece que todos os gatos estão a convergir para a cidadela, Lauren, o que é que se está a passar aí?

-Estão todos aqui. Querem entrar mas a cidadela está bem selada. Para já, estamos a salvo aqui dentro. já pode mandar sair os rapazes.

Nash voltou-se para os três Boinas Verdes que se encontravam ao seu lado.

-Estão prontos?

Os três soldados disseram que sim, com a cabeça. -Então, vamos a isso.

E, dito isto, Nash abriu uma escotilha na retaguarda do ATV e Cochrane, Van Lewen e Reichart, com os capacetes e as roupas completamente cobertos de merda de macaco fétida, treparam para a escotilha. Mal eles saíram, Nash voltou a fechar rapidamente a abertura.

-Kennedy - disse Nash, para o microfone. - Há alguma coisa no SAT-SN?

- Não há nada, num raio de mil e quatrocentos quilómetros, meu coronel - respondeu a voz de Doogie, vinda da cidadela. Enquanto Nash ia falando, Race olhava atentamente para a imagem de satélite da cidadela.

Viu um bando de gatos reunidos à volta da cidadela. Viu as suas caudas oscilantes, os seus cautelosos movimentos exploratórios. Ao mesmo tempo, contudo, viu três novos vultos, saltarem do ATV e correrem para ocidente, atravessarem a ponte de toros ocidental e afastarem-se da aldeia, em direcção ao planalto.

Cochrane, Van Lewen e Reichart. Iam em busca do ídolo.

Os três Boinas Verdes emergiram do meio do lençol de neblina que cobria o caminho do rio e correram para a fenda. Corriam depressa e as suas respirações estavam aceleradas. Todos eles levavam câmaras, montadas nos capacetes.

Chegaram à abertura.

Estava coberta por um nevoeiro denso e cinzento. Os três soldados não hesitaram. Entraram pela fenda, a toda a velocidade.

Dentro do ATV, Nash, Schroeder e Renée olhavam atentamente os monitores de vídeo, observando as imagens enviadas pelos três soldados.

Viram as paredes da fenda passar a uma velocidade espantosa, nos monitores.

Ouviram as batidas das respirações aceleradas dos três soldados, pelos altifalantes montados num dos lados do veículo.

Race deixou-se ficar um pouco afastado dos monitores. Não queria estar no caminho de ninguém.

Foi então que reparou que Nash e os dois alemães estavam a ver apenas as imagens que eram transmitidas pelas três câmaras montadas nos capacetes. o interesse que tinham pela missão dos soldados sobrepunha-se a tudo e, por conseguinte, estavam a ignorar por completo o ecrã da imagem de satélite. Race voltou-se para olhar para a imagem de satélite. E, então, franziu o sobrolho.

-Ei! - disse Race. - Que diabo é aquilo?

Nash olhou, descontraidamente, para Race e, depois, para o monitor do satélite. Mas, de repente, viu a imagem no ecrã do satélite e ficou instantaneamente tenso.

-Mas que merda vem a...?

No lado direito da imagem de satélite, no sector oriental da aldeia, via-se outra secção cinzenta esbatida que representava mais um pedaço de floresta, a floresta que ia até à beira do planalto e à grande bacia do Amazonas. Até então, ninguém lhe tinha prestado muita atenção, porque não havia nada ali.

Mas, agora, havia.

A secção de cinzento esbatido à direita da aldeia, estava agora cheia de pequenas manchas brancas, umas trinta no total, que convergiam rapidamente para a aldeia.

Race sentiu que o sangue lhe gelava nas veias.

Todas aquelas manchas tinham distintamente forma humana e todas elas empunhavam o que parecia serem armas de fogo.

Saíram da floresta sem fazer ruído, com as metralhadoras firmemente apoiadas nos ombros, prontas a disparar mas, de momento, silenciosas. Race e os outros estavam, agora, a observá-los atentamente através das janelas do ATV.

Os intrusos usavam todos protecções pessoais pretas, de materiais cerâmicos, e movimentavam-se com precisão e rapidez, cobrindo-se calmamente uns aos outros, enquanto avançavam, em movimentos perfeitamente sincronizados e silenciosos.

Os rapas reunidos à volta da cidadela voltaram-se, quando um deles avistou os novos inimigos. Fizeram menção de atacar mas, depois...

Não se mexeram.

Fosse pelo que fosse, os rapas não atacaram aqueles novos intrusos.

Deixaram-se ficar onde estavam, a olhar para eles.

E então, só então, um dos intrusos abriu fogo contra os rapas, com uma espingarda-metralhadora que, pensou Race, parecia ter saído de um filme da Guerra das estrelas.

Uma quantidade inacreditável de balas saiu da boca rectangular da arma e fez em fanicos a cabeça de um dos gatos. Num minuto, via-se a cabeça do gato e, no minuto seguinte, a cabeça do animal tinha-se transformado numa amálgama horrível de sangue e carne.

Os gatos dispersaram num instante, quando mais um deles foi feito em pedaços pela chuva selvagem de disparos.

Enquanto espreitava pela janela, Race procurou ver melhor a arma que o intruso tinha na mão.

Tinha um aspecto espantoso, da era espacial.

Tinha uma forma totalmente rectangular e, aparentemente, não tinha cano. Na verdade, o cano devia estar oculto, algures no corpo rectangular da arma.

Race já tinha visto armas daquelas mas só em fotografias, nunca na vida real.

Eram G-11 Heckler Koch.

Segundo Marty, o irmão de Race, a Heckler Koch era a espingarda-metralhadora mais avançada jamais fabricada.

Mesmo agora, dez anos depois de ter sido concebida, em 1989, continuava a ter vinte anos de avanço em relação à época. Na opinião de Marty, era o Santo Graal das armas de fogo.

Era a única arma, na História, que disparava balas sem invólucro. Na verdade, era a única arma portátil do mundo que continha um microprocessador, em especial porque era a única arma do mundo suficientemente complexa para precisar de ter um.

Devido ao facto de disparar balas sem invólucro, a G-11 era capaz de disparar à velocidade inimaginável de 2300 tiros por minuto e, também, de armazenar cerca de 150 Projécteis, ou seja, cinco vezes o número de balas contidas no pente de uma espingarda-metralhadora como a M-16. E, apesar disso, tinha apenas metade do tamanho da M-16.

Para dizer a verdade, a única coisa que tinha feito parar a G-11 tinha sido o dinheiro. Em finais de 1989, considerações de ordem política tinham obrigado o Governo alemão a rescindir o acordo feito com a Heckler Koch para utilizar a G-11 no Bundeswehr.

Por isso, ao todo, só tinham sido feitas quatrocentas G-11. Estranhamente, porém, uma auditoria, realizada aquando da aquisição do controlo da Heckler Koch pela Britain's Royal Ordnance, revelou que só era conhecido o paradeiro de dez exemplares dessa série inicial.

As restantes trezentas e noventa armas tinham desaparecido. Acho que acabei de descobrir onde elas param, pensou Race, ao mesmo tempo que observava os rapas a fugir diante da barreira dos disparos das super-metralhadoras.

-São os Soldados da Tempestade - disse Schroeder, ao seu lado. Lá fora, a chuva de balas continuava.

Mais dois gatos tombaram, guinchando e bufando, enquanto dois Soldados da Tempestade varriam a aldeia com uma chuva devastadora de tiros de metralhadora.

Os gatos que restavam refugiaram-se na floresta que rodeava a aldeia e, ao fim de pouco tempo, na rua principal nada mais havia senão Soldados da Tempestade fortemente armados.

- Como diabo é que eles chegaram aqui, sem nós os termos visto no SAT-SN? - perguntou Nash.

-E porque terá sido que os gatos não os atacaram? - perguntou Race.

Até àquele momento, os gatos tinham atacado sem dó nem piedade mas, por uma qualquer razão misteriosa, não tinham reagido à aproximação destes novos soldados nem os tinham atacado.

Foi então que o cheiro inconfundível a amoníaco penetrou pelas janelas do ATV o cheiro a urina. Urina de macaco. Os nazis também tinham lido o manuscrito.

De súbito, a voz de Van Lewen soou nos altifalantes. -Estamos agora a chegar à ponte de corda.

Race e Nash viraram-se ao mesmo tempo, para olhar para o monitor que apresentava as imagens transmitidas pelos três soldados que se encontravam lá em cima, na cratera.

o monitor mostrava aquilo que Van Lewen estava a ver, enquanto oscilava, ao atravessar a ponte de corda que conduzia ao templo.

-Cochrane, Van Lewen, despachem-se! - disse Nash para o seu rádio. - Temos forças hostis...

Nesse instante, um som estridente, capaz de rebentar os tímpanos, brotou dos altifalantes do ATV e o rádio de Nash ficou mudo.

-Eles usaram cortinas electrónicas - disse Schroeder.

- o quê? - perguntou Race.

-Estão a interferir nas nossas frequências - esclareceu Nash.

- o que é que nós vamos fazer? - perguntou Renée. Nash respondeu:

-Temos que dizer a Van Lewen, Reichart e Cochrane que não podem voltar para aqui. Eles têm que deitar a mão ao ídolo e levá-lo para o mais longe possível. Depois, têm que arranjar maneira de entrar em contacto com a equipa de apoio aéreo, para os hélicópteros apanharem em qualquer sítio, nas

montanhas.

-Mas como é que eles vão saber que têm que fazer isso, se os outros estão a fazer interferências nos nossos rádios? - perguntou Race.

-Um de nós vai ter de ir lá acima, ao templo, e dizer-lhes disse Nash.

Fez-se silêncio.

Depois, Schroeder disse:

-Eu vou.

Boa ideia, pensou Race. A seguir aos Boinas Verdes, Schroeder era indiscutivelmente o mais «militarizado» de todos eles.

-Não - respondeu Nash, em tom categórico. - Você sabe manejar uma arma.

Precisamos de si aqui. Além disso, você conhece melhor esses nazis do que qualquer de nós,

Restavam Nash, Renée... e Race. Ó diabo, pensou Race.

Mas disse: -Eu faço isso.

-Mas... - começou Schroeder.

-Eu era o jogador mais rápido da minha equipa de futebol, quando andava na universidade - disse Race. - Posso fazer isso.

-Mas... e os rapas? - perguntou Renée.

-Eu consigo.

-Então, muito bem. o Race foi escolhido - disse Nash, dirigindo-se para a escotilha, na retaguarda do ATV

-Tome, leve isto - acrescentou, entregando a Race uma M-16 com todos os extras.

- Assim, pode evitar transformar-se em comida para gato. Agora vá!

Vá!

Race avançou para a escotilha, respirou fundo e lançou um último olhar a Nash, Schroeder e Renée.

Depois, respirou fundo e saltou pela escotilha.

E entrou num outro mundo.

À sua volta, só se ouviam os tiros de metralhadora, que embatiam nas folhas mais próximas, que se cravavam nos troncos das árvores. Cá fora, o som parecia muito mais alto, muito mais real. Muito mais letal.

As pancadas do coração de Race, ressoavam-lhe dentro da cabeça.

Que diabo é que eu estou a fazer aqui, com esta arma na mão? Estás a tentar armar-te em herói, é isso que estás a fazer, grande estúpido!

Voltou a respirar fundo. Pronto... Race saltou da retaguarda do ATV, aterrou em cima da ponte de toros do lado ocidental e correu para o caminho do rio que se lhe seguia. Estava rodeado por um nevoeiro impenetrável que encobria o caminho, ao longo do qual se estendiam ramos retorcidos que cortavam que nem adagas.

A M-16 pesava-lhe nas mãos e, sem parar de correr, chapinhando em água a cada passo, Race pendurou-a desajeitadamente ao ombro.

Então, sem aviso prévio, um rapa saltou do meio do nevoeiro, à sua direita, e foi parar mesmo diante dele...

Bum!

A cabeça do rapa explodiu e o gato gigantesco tombou que nem uma pedra, estrebuchando selvaticamente na lama.

Race não perdeu tempo e saltou por cima do gato caído. Depois de ter passado por cima dele, voltou-se para trás e viu Schroeder, com uma M-16 encostada ao ombro, todo esticado para fora da escotilha do ATV. Race correu.

Um minuto depois, a fenda na encosta da montanha surgiu diante de si, no meio do nevoeiro. Mal a viu, ouviu vozes atrás de si, gritando em alemão.

-Achtung!

-Schwll! Schwll!

Então, de súbito, ouviu a voz de Nash, vinda de algures, do meio do nevoeiro, atrás de si. Gritava:

-Race, corra! Eles estão atrás de si! Vão a caminho do templo!

Race escapou-se para a fenda.

Mal viu as paredes rochosas, de um lado e doutro, enquanto corria. Então, de repente, foi dar ao grande desfiladeiro onde ficava a torre de pedra que parecia um arranha-céus. A base da torre também estava envolta em denso nevoeiro.

Race não quis saber disso. Viu o trilho em espiral, à sua esquerda, saltou para lá, e continuou a correr, seguindo as curvas do trilho.

Na aldeia, René Becker olhava, receosa, pelas janelas estreitas do ATV. Nesse momento, a aldeia estava ocupada por trinta soldados nazis.

Envergavam roupas de combate conformes com o estado da arte - equipamento de protecção de materiais cerâmicos, capacetes táticos leves e, evidentemente, máscaras de esqui pretas - e moviam-se com determinação, como um grupo bem treinado e em boa forma.

René viu um dos nazis avançar pela rua principal e tirar o capacete. A seguir, o homem tirou a máscara de esqui preta e observou a área à sua volta.

René ficou de olhos esbugalhados.

Embora tivesse visto a fotografia dele mais de mil vezes, em toda a espécie de cartazes com a legenda «Procura-se», vê-lo ali, agora, em carne e osso, fazia-lhe pele de galinha.

Reconheceu imediatamente o cabelo penteado para a frente e os olhos estreitos. E a mão esquerda do homem só tinha quatro dedos.

Estava a olhar para Heirich Anistaze.

Sem dizer palavra, Anistaze ergueu os dedos, formando um V e apontou para o ATV.

Mais de uma dúzia de homens, armados de G-11, já tinham passado pelo veículo todo-o-terreno, quando se dirigiam para o caminho do rio, em direcção ao desfiladeiro e ao templo.

Agora, seis outros avançavam para o ATV, enquanto os restantes doze tomavam posições defensivas à volta do perímetro da aldeia.

No entanto, dois ficaram de lado, de guarda ao aparelho que fazia interferências nas comunicações por rádio.

Era uma pequena unidade, do tamanho aproximado de uma mochila, chamada gerador de impulsos, que abafava os sinais de rádio do inimigo, emitindo uma vibração electromagnética controlada, ou IEM. Era um dispositivo bastante invulgar. Em geral, um impulso electromagnético afecta tudo o que tenha uma unidade central de processamento: computadores, televisores, sistemas de comunicações. Esse impulso chama-se IEM «não controlado». No entanto, através do controlo da frequência da sua vibração e assegurando-se de que os seus próprios rádios estavam sintonizados em frequências mais altas do que ela, os nazis conseguiam interferir nos sistemas de rádio do inimigo e manter as suas próprias comunicações. Como estavam a fazer agora.

Quando chegaram junto do ATV, os nazis encontraram todos os obturadores fechados e todas as escotilhas bloqueadas.

Dentro do enorme veículo, Nash, Schroeder e René estavam encolhidos, cada um a seu canto, sustendo a respiração.

Os Soldados da Tempestade não perderam tempo. Deitaram-se imediatamente no chão, por baixo do grande veículo blindado, e começaram a colocar explosivos.

Race continuou a correr.

Para cima, para cima, uma volta, outra volta, acompanhando as curvas ascendentes do trilho em espiral.

As pernas galgando vigorosamente a distância. o coração quase a saltar-lhe da boca.

Chegou à ponte de corda. Balançou ao atravessá-la. Subiu a correr os degraus de pedra que levavam ao templo.

Race abriu caminho por entre o emaranhado das folhas das palmeiras e, de repente, deu consigo na clareira em frente ao portal.

A clareira estava totalmente deserta.

Nada à vista: nenhum animal, homem ou gato.

Diante de si, encontrava-se o portal do templo, aberto. Parecia enorme, no meio do nevoeiro. Os degraus que desciam para o interior do templo estavam mergulhados na sombra.

Não entrar a preço algum. A morte espreita lá dentro.

Race ergueu a M-16, acendeu a lanterna montada no cano e avançou cautelosamente para o portal. Parou junto ao grande umbral de pedra, rodeado pelas horríveis imagens gravadas dos rapas e de seres humanos agonizantes, e perscrutou a escuridão. -Van Lewen! - sussurrou. - Está aí, Van Lewen?

Não houve resposta.

Deu um passo no interior do templo, segurando desajeitadamente a arma diante de si.

Foi então que ouviu a resposta.

Uma espécie de resmungadela lenta e prolongada, vinda das profundezas do templo.

Oh, oh.

Race segurou a arma com um pouco mais de força, susteve a respiração, deu mais um passo no interior do templo.

Mais dez passos e deu consigo numa escura passagem que descia em espiral, a partir de uma curva suave, à sua direita. Viu uma pequena câmara escavada na parede e virou para lá o foco de luz.

Voltado para ele, encontrava-se um esqueleto horrivelmente mutilado.

A parte de trás do crânio tinha sido esmagada, faltava um dos braços e a boca estava escancarada num grito petrificado de terror. Tinha vestido um casaco de couro antigo.

Horrorizado, Race deu um passo para trás, afastando-se do esqueleto coberto de pó.

E, então, reparou num objecto que lhe pendia do pescoço. Quase que não dava por ele, por se encontrar escondido entre as curvas das vértebras do velho esqueleto empoeirado. Debruçou-se um pouco, para ver melhor o que era.

Era um fio de couro.

Race tocou na tira de couro e fê-la rodar à volta do pescoço do esqueleto. Segundos depois, viu uma deslumbrante esmeralda verde que tinha estado por trás dos ossos do pescoço do esqueleto, presa ao fio de couro.

O coração de Race quase parou de bater. Conhecia aquele pendente de esmeralda. Na verdade, tinha lido acerca dele havia bem pouco tempo.

Era o colar de Renco.

O colar que a grande sacerdotisa do Coricancha lhe tinha dado, na noite em que Renco fugira de Cuzco com o ídolo. Horrorizado, Race voltou a olhar para o esqueleto.

Renco.

Race tirou o colar do pescoço do esqueleto e segurou-o na mão.

Ficou a pensar em Renco, por alguns instantes, e então, de repente, lembrou-se de uma coisa que ele próprio tinha dito a Frank Nash, ainda não havia muito tempo.

«Não sei como mas Renco e Santiago arranjam uma maneira de voltar a meter os gatos dentro do templo e, ao mesmo tempo, de deixar lá o ídolo.»

Race engoliu várias vezes em seco. Seria que Renco tinha levado novamente os gatos para dentro do templo, ao levar consigo o ídolo?

Ficou a olhar, horrorizado, para o esqueleto mutilado. Então, tinha sido aquele o fim de Renco.

Solenemente, pôs o colar com a esmeralda, à volta do próprio pescoço.

-Tem cuidado contigo, Renco - disse em voz alta.

Nesse momento, uma crua luz branca bateu no rosto de Race e ele voltou-se, de olhos esbugalhados, como um animal apanhado pelos faróis de um carro, e deu consigo a olhar para as caras de Cochrane, Van Lewen e Reichart, que estavam a emergir da escuridão das profundezas do templo.

Reichart trazia na mão qualquer coisa embrulhada num pano vermelho, todo roto.

Cochrane passou ao lado de Race e, com um gesto violento, afastou a M-16 que este tinha na mão.

-Porque é que não larga essa merda dessa coisa, antes que mate alguém? Ted Reichart parou diante de Race e sorriu, erguendo o objecto que trazia consigo, o objecto embrulhado num pedaço de pano vermelho e roto.
-Conseguimos - anunciou.

Num instante, Reichart retirou o pano que cobria o embrulho e Race viu-o pela primeira vez.

o ídolo inca. o Espírito do Povo.

Tal como o totem de pedra que tinha visto antes, na floresta, o Espírito do Povo parecia infinitamente mais sinistro na vida real do que na sua imaginação.

Tinha pouco mais de trinta centímetros de altura e, aproximadamente, o mesmo tamanho e a mesma forma que uma caixa de sapatos. A secção frontal da pedra rectangular fora, porém, esculpida com a forma da cabeça de um rapa, o rapa mais enraivecido e selvático que Race alguma vez vira.

Rugia ferozmente, com as fauces muito abertas e os dentes pontiagudos e aguçados prontos para esquartejar e matar,

Mas o aspecto da escultura que mais abalou Race foi o facto de ela parecer viva. Devido a uma combinação da habilidade e qualidade de quem o esculpira com a natureza fora do comum da própria pedra, dava a sensação de que o rapa tinha sido aprisionado dentro da reluzente pedra preta e vermelha e que, num acto de loucura, perverso e raivoso, estava agora a tentar escapar-se dela.

A pedra, pensou Race, olhando para os delgados veios púrpura que serpenteavam pelo focinho do rapa e que lhe conferiam um aspecto ainda mais enraivecido e malévolo.

Tírium.

Se os Incas soubessem o que viriam a desencadear, quando esculpiram este ídolo, pensou.

Reichart voltou rapidamente a cobrir o ídolo com o pedaço de pano e os quatro homens dirigiram-se, a toda a pressa, para a entrada do templo.

-Que diabo está você a fazer aqui? - rosou Cochrane, quando chegaram ao portal.

-Nash mandou-me dizer-vos que os nazis estão na aldeia, Eles fizeraminterferências com os nossos rádios e perdemos o contacto com vocês. E, agora, estão a mandar alguns homens para aqui. o Nash pediu-me para vos dizer que não voltassem à aldeia e saíssem daqui para outro sítio qualquer. Depois, têm que entrar em contacto com a equipa de apoio aéreo, para eles vos irem buscar a um sítio qualquer, nas montanhas.

Nesse instante, uma rajada de tiros de metralhadora varreu as paredes de pedra do portal, à volta deles. Os quatro baixaram-se rapidamente, enquanto uma linha devastadora de balas se cravava no umbral do portal, retalhando a sólida esquadria de pedra como se esta fosse de gesso.

Race precipitou-se instantaneamente para o lado e viu cerca de doze comandos nazis, entre as árvores do rebordo da clareira, disparando velozmente as suas G-11.

A coberto do portal, Cochrane ripostou ao tiroteio. Van Lewen fez outro tanto. Os estalidos das suas M-16 soavam de forma quase patética, em comparação com o zumbido ininterrupto das G-11 de alta tecnologia.

Race também tentou ripostar ao fogo dos nazis mas, quando premiu o gatilho da sua M-16 não aconteceu nada.

Cochrane viu o que se passava, estendeu a mão e puxou para trás um manípulo em forma de T da espingarda de Race.

- Caraças, você é quase tão inútil como um padre numa casa de putas - rosou Cochrane.

Race premiu o gatilho e, desta vez, a M-16 cuspiu uma torrente de balas. A força do recuo quase deslocou o ombro de Race.

-Que diabo é que nós havemos de fazer? - gritou Reichart, para se fazer ouvir por entre o tiroteio.

-Não podemos ficar aqui! - gritou Van Lewen. - Temos que conseguir chegar à ponte de...

Nesse momento, vindo lá do alto, por cima das cabeças deles, ouviu-se um ruído atroador.

Race olhou para cima e viu um helicóptero de combate preto MD-500 Mosquito emergir do meio do nevoeiro e avançar a rugir para o topo da torre, o Mosquito era um helicóptero ligeiro, muito mais pequeno do que um Apache ou um Comanche mas aquilo que lhe faltava em termos de ruído e de poder de fogo era compensado pela velocidade e pela facilidade de manobra que o caracterizavam.

o seu nome tinha origem na semelhança do aparelho com algumas espécies do mundo dos insectos. Tinha dois holofotes de vidro laminado que pareciam os grandes olhos hemisféricos de uma abelha e dois trens de aterragem compridos que pareciam as pernas alongadas de um mosquito.

Os canhões laterais do Mosquito que sobrevoava o topo da torre cuspiram uma rajada de balas, abrindo duas valas na lama, diante do templo.

-Isto está cada vez pior! - gritou Race,

Na aldeia, os explosivos que os nazis tinham colocado por baixo do ATV rebentaram.

Uma bola de fogo, cujas dimensões iam aumentando, irrompeu debaixo do grande veículo de oito rodas, erguendo-o três metros acima do solo, lançando-o ao ar. Depois, o pesado ATV abateu-se sobre o solo, aterrando de lado.

Dentro dele, reinava a loucura.

Mal tinham ouvido os nazis prenderem os explosivos por baixo do veículo, Nash, Renée e Schroeder tinham-se prendido aos assentos, preparando-se para a explosão.

Agora, estavam pendurados perpendicularmente ao chão, ainda amarrados aos assentos, vendo o mundo de pernas para o ar. Mas o mais importante era o facto de o ATV ter aguentado. Até mais ver.

Doogie Kennedy espreitou cautelosamente da esplanada da cidadela.

Viu a aldeia, envolta em nevoeiro, viu uma dúzia de comandos nazis dispostos a intervalos regulares, no meio daquela sopa acinzentada, com as G-11 em posição.

Tinha acabado de ver o ATV saltar no ar e dava graças a Deus por os nazis não terem percebido que havia membros da equipa de Nash dentro da cidadela. Aquelas paredes não seriam capazes de resistir a uma explosão como aquela. Então, de repente, ouviu um grito, de alguém que dava ordens em alemão.

Doogie não sabia muito de alemão e, por isso, a maior parte das palavras que ouviu não faziam qualquer sentido para ele. Mas depois, estranhamente, entre todo aquele arrazoado, ouviu duas palavras que conhecia: «das Sprengkommando».

Doogie ficou gelado, ao ouvir aquelas palavras. Depois, olhou em volta e viu quatro comandos nazis correrem em direcção ao rio, em resposta à ordem que tinham recebido.

Não sabia muito alemão mas o tempo que passara numa base de mísseis da NATO, nos arredores de Hamburgo, fizera com que ficasse a conhecer pelo menos o vocabulário básico dos termos e expressões militares alemães mais comuns.

Das Sprengkommando era uma dessas expressões. Queria dizer «equipa de demolição», em alemão.

A coberto do portal, Van Lewen lançou uma granada do seu lança-granadas M-203. Um segundo depois, ouviu-se uma explosão entre as árvores, perto das posições nazis. A explosão fez chover lama e folhas sobre a área.

-Sargento! - gritou Cochrane.

- o que foi?

-Estamos fodidos, se isto continua assim. Eles têm demasiado poder defogo. Basta-lhes deixarem-se estar escondidos, até nós ficarmos sem munições e, depois, ficamos encurralados

nesta merda deste templo. Temos que nos pôr a andar deste rochedo!

-Aceitam-se sugestões! - gritou Van Lewen.

- o sargento é o senhor, sargento - gritou Cochrane.

-Está bem - disse Van Lewen, franzindo o sobrolho. Parou por um momento, para pensar, e depois acrescentou: - A única maneira de sair desta torre é pela ponte de corda, não é verdade?

-Certo - respondeu Reichart.

-Por isso, temos que arranjar maneira de chegar à ponte, não é verdade?

-Certo.

Van Lewen disse:

-Eu acho que temos de dar a volta pelas traseiras do templo e, depois, seguir até ao rebordo do topo da torre. Depois, abrimos caminho até à ponte de corda, pelo meio das árvores. Atravessamos a ponte e, depois, temos de a desprender, para deixar estes filhos da mãe encurralados na torre.

-Parece ser um bom plano - gritou Reichart.

-Então, vamos a isso - disse Van Lewen, em tom decidido. Os Boinas Verdesprepararam-se para se escapulirem pela porta do templo. Race tentou apenas ficar por perto deles, fosse o que raio fosse que eles iam fazer.

-OK... - disse Van Lewen, - Agora!

E, dito isto, os quatro irromperam pela entrada do templo, com as armas a cuspir fogo, e começaram a correr, debaixo de chuva.

As armas deles rugiam.

Os nazis que se encontravam junto à linha das árvores atiraram-se ao chão. Van Lewen e Reichart foram os primeiros a começar a contornar, em direcção às traseiras deste.

Segundos depois, tinham chegado às traseiras e, agora, protegia-os das balas dos nazis. Encontravam-se na vereda de lajes lisas, sobre a encosta lamacenta, que Race tinha visto umas horas antes, a vereda onde havia a tal inusitada laje redonda.

Aos pés deles, a encosta, totalmente coberta de lama, descia a pique numa extensão de uns quarenta e seis metros, terminando

numa pequena saliência rochosa que constituía o rebordo do topo da torre, uma saliência abaixo da qual se via uma descida, também a pique, de mais de noventa metros. À esquerda da saliência havia, porém, um grupo denso de árvores e arbustos, que ia dar à ponte de pedra.

Cochrane e Race contornaram, atrás dos outros e ambos viram imediatamente a encosta coberta de lama. -Acho que isto vai ser mais difícil do que estávamos à espera

-disse Cochrane a Van Lewen.

Nesse preciso instante, qual tubarão erguendo-se das profumdezas do oceano, o helicóptero de assalto Mosquito irrompeu do nevoeiro por baixo da saliência e ficou a planar mesmo em frente dos quatro americanos, com os seus canhões laterais a cuspir uma chuva devastadora de balas.

Os quatro atiraram-se ao chão.

Ted Reichart foi demasiado lento. As balas crivaram-se-lhe sem apelo no corpo, numa sequência rapidíssima, umas atrás das outras, mantendo-o de pé muito depois de ele já estar morto. A cada bala que lhe penetrava no corpo, o sangue jorrava, espalhando-se pela parede de pedra atrás dele.

Buzz Cochrane levou dois tiros numa perna e soltou um grito de agonia. Race caiu desamparado sobre a lama, sem um arranhão, e tapou os ouvidos para os proteger do troar do fogo do helicóptero. Van Lewen continuou, arrojadamente, a disparar a sua M-16 contra o Mosquito, até que, perante aquele fogo sem tréguas, o helicóptero se afastou e o cadáver de Reichart, liberto da pressão do impacto das balas, caiu de bruços sobre a lama, espalhando-a em todas as direcções.

Infelizmente, era Reichart que levava o ídolo.

Quando o seu corpo caiu no chão, o ídolo saltou da mão que o segurava. Tombou no chão e começou de imediato a escorregar pelo aterro lamacento... em direcção à berma.

Race foi o primeiro a ver aquilo.

-Não! - gritou, saltando para a frente, aterrando de bruços, deslizando rapidamente pela ladeira lamacenta, atrás do ídolo. Van Lewen gritou-lhe:

-Espere, Professor, não...

Mas Race já ia a deslizar rapidamente sobre a lama, de M-16 em punho, em direcção ao ídolo.

Faltavam dois metros e meio. Um metro e meio.

Um metro.

Então, de repente, o Mosquito voltou e cuspiu mais uma saraijada de tiros, abrindo uma série de pequenas crateras de impacto na lama, entre Race e o ídolo.

Race reagiu rapidamente. Girou sobre si mesmo, para escapar às balas, protegendo os olhos da lama que saltava - e desistiu do seu mergulho atrás do ídolo, deslocando o peso do corpo, o que o fez rolar pela ladeira, para longe da linha de impacto.

Viu que a saliência, no extremo do aterro, se aproximava rapidamente de si, viu a descida a pique que ficava para lá da saliência, viu o Mosquito preto planar por cima desta. Mas estava a deslizar demasiado depressa. Então, de súbito, antes de ter tido tempo de perceber o que estava a acontecer, tinha sido projectado por cima do rebordo da torre de pedra, para o espaço aberto, noventa e tal metros acima do sopé do desfiladeiro.

Ao passar por cima da berma, Race estendeu a mão e agarrou-se ao rebordo da saliência.

Parou abruptamente e ficou suspenso de uma só mão ao rebordo da saliência, a mais de noventa metros do fundo da cratera!

A corrente de ar descendente provocada pelo helicóptero Mosquito que rugia acima da sua cabeça fez ir pelos ares o topo do seu boné de basebol, enquanto ele estendia a mão livre, a mão que ainda segurava a M-16, para a saliência e começava a içar-se até ela.

Faças o que fizeres, Will, não olhes para baixo. E Race olhou para baixo.

A vertente íngreme da torre de pedra estendia-se a perder de vista, mergulhando na escuridão. A chuva parecia escorrer por ali abaixo, desaparecendo no nevoeiro cinzento e impenetrável.

Com um último empurrão, Race conseguiu apoiar os cotovelos na saliência e trepar até lá. Então, olhou para trás, mesmo a tempo de ver Van Lewen correr para a orla do arvoredado, à sua direita, carregando Cochrane aos ombros.

E também viu os nazis, os doze que tinha visto desde o início, armados de G-1 correndo para as traseiras do templo, vindos de um lado e do outro, em perfeita sincronia.

Os nazis viram imediatamente o ídolo, deitado de lado, a meio da ladeira inclinada e coberta de lama.

Num instante, distribuíram-se em leque, em posições defensivas, enquanto um deles descia cautelosamente até ao aterro, para ir buscar o ídolo.

O nazi chegou junto do ídolo e pegou nele. Race iria jurar que assim fora. Mas não chegou a ter possibilidade de ver bem, porque, nesse preciso momento, um dos nazis olhou e viu-o - semi-pendurado na saliência a olhar para cima, para eles, com um olhar assustado.

Todos ao mesmo tempo, os nazis ergueram as G-11 e, todos ao mesmo tempo, apontaram directamente à cabeça de Race. Então, quando, todos ao mesmo tempo puseram os dedos nos gatilhos, Race fez a única coisa que achou possível fazer.

Deixou-se cair.

Race caiu. Muito depressa.

Ao longo da torre de pedra.

Viu a superfície irregular da parede da torre passar por ele a uma velocidade incrível. Olhou para cima e viu a saliência de onde tinha saltado desaparecer e confundir-se, ainda mais depressa, com o céu cinzento.

Sentiu a cabeça andar à roda.

Não posso acreditar que fiz isto! Mantém-te calmo, mantém-te calmo. Fizeste isso porque sabias que ia dar resultado.

Está bem, pronto.

Enquanto ia caindo, Race agarrou na M-16. Não vais morrer.

Não vais morrer.

Tentou lembrar-se do que tinha feito Van Lewen, quando, horas antes, disparara aquela espécie de arpão para o outro lado do abismo. Como é que ele tinha feito? Tinha puxado um segundo gatilho da arma, para lançar o arpão, um gatilho que ficava por baixo do cano da M-16.

A queda continuava.

Race olhava freneticamente para a arma, à procura do segundo...

Lá estava!

Num instante, ergueu a M-16 e apontou-a para o topo da torre, que ia ficando cada vez mais distante. Depois, carregou no segundo gatilho. Com um silvo estridente, o arpão prateado saiu disparado do lança-granadas da espingarda e, com um som agudo, as suas garras abriram-se a meio caminho.

Race continuava a cair.

E o arpão subia, com a corda de nylon a oscilar atrás de si. A queda continuava.

o arpão sobrevoou a berma do topo da torre. A queda continuava.

Race segurou com força a M-16. Depois, fechou os olhos e ficou à espera, à espera de sentir o esticção da corda ou a queda no lago, o que quer que fosse que acontecesse primeiro.

Foi o esticção que veio primeiro.

Num instante, a corda que pendia do arpão ficou tensa e, de repente, Race parou de cair.

Os braços quase que se lhe soltaram das articulações mas, apesar disso, conseguiu não largar a M-16.

Race abriu os olhos.

E deu consigo pendurado na corda, cerca de trinta metros abaixo da berma do topo da torre.

Durante uns trinta segundos, deixou-se ficar assim, pendurado, a respirar agitadamente, a abanar a cabeça. Os nazis apareceram lá em cima, junto à saliência. Deviam ter-se ido embora do aterro mal o tinham visto cair.

Race respirou fundo, de alívio. Em seguida, dedicou-se à tarefa de se içar de novo para o cimo da torre.

No alto da torre, Van Lewen continuava a abrir caminho entre a vegetação, utilizando a faca Bowie como se fosse um machete. Momentos antes, também ele tinha visto os nazis pegarem no ídolo e, agora, tentava desesperadamente chegar à ponte de corda antes deles.

A ponte ficava no extremo sul da berma da torre e, naquele momento, ele e Cochrane, que estava ferido, caminhavam para lá, abrindo uma passagem pelo meio da selva que cobria o flanco sudoeste da torre.

Os nazis seguiam pelo caminho mais directo, voltando à ponte pela clareira e pelos degraus de pedra.

Van Lewen afastou um último ramo e, abruptamente, ele e Cochrane avistaram a ponte de corda, que atravessava majestosamente o abismo entre o cimo da torre e o trilho, do outro lado.

A ponte oscilante encontrava-se a menos de quinze metros de distância e, nesse momento, os doze soldados nazis que os tinham atacado junto ao portal do templo estavam a atravessá-la. Alguns deles já estavam a chegar ao outro

lado.

Porra, pensou Ván Lewen. Eles tinham chegado à ponte primeiro que ele. Van Lewen olhou fixamente para um dos nazis que estava a pôr os pés em terra firme, do lado de lá da ravina. o homem levava qualquer coisa nos braços, uma coisa embrulhada num tecido vermelho e roto. o ídolo. Merda. Foi então que, do outro lado da ravina, os nazis fizeram aquilo

que Van Lewen mais temia, aquilo que ele próprio tencionara fazer, se tivesse chegado à ponte de corda antes deles.

Soltaram a ponte dos suportes a que se encontrava presa e deixaram-na cair. A grande ponte de corda caiu na ravina. Continuava presa do lado da torre, por isso, não tombou no fundo. Ficou pendurada do lado da torre de pedra, com a corda que tinha sido utilizada para a puxar, suspensa por baixo dela, mergulhada no nevoeiro impenetrável que cobria o fundo da ravina.

Ván Lewen ficou a olhar, numa frustração impotente, para o grupo de nazis que desciam o trilho, do lado de lá do abismo, levando consigo o ídolo. Eles tinham o ídolo.

E, agora, ele estava encurralado na torre de pedra.

Heirich Anistaze parou, de mãos nas ancas, no centro de Vilcafor. Estava satisfeito com a forma como tinha decorrido o assalto à aldeia.

o gerador de Impulsos tinha funcionado na perfeição, impedindo as comunicações do inimigo via rádio. Os americanos que se encontravam no ATV tinham sido facilmente neutralizados. E, naquele momento, tinha acabado de saber que, na torre, o pelotão de assalto fora bem sucedido na sua missão de tirar o ídolo aos americanos. As coisas estavam a correr realmente bem. Ouviu-se um grito e Anistaze voltou-se e viu o pelotão da torre aparecer a correr, no caminho do rio.

o chefe do pelotão foi imediatamente ter com ele e entregou-lhe um objecto, embrulhado num pano.

-Herr Obergruppertiflührer - disse o homem, num tom formal.

- o ídolo.

Anistaze sorriu.

Depois de ter conseguido voltar a subir, pela corda suspensa do arpão, Race correu pela clareira em frente ao templo, agora deserta, à procura dos Boinas Verdes, caso algum deles ainda estivesse vivo.

Encontrou Van Lewen e Cochrane junto à parte da saliência, onde antes tinha estado a ponte de corda.

-Filhos da puta - disse, ao ver o abismo intransponível, que se abriadiante deles. - Soltaram a ponte.

-Não há maneira de sairmos daqui - disse Van Lewen.

-Estamos encurralados.

Nesse instante, o helicóptero Mosquito passou por eles, a rugir, com os canhões laterais a cuspir fogo. Os nazis deviam tê-lo deixado para trás, para acabar o trabalho.

Race e os outros procuraram imediatamente refúgio entre a vegetação. Sobre as suas cabeças, caíam folhas e folhas e, à sua volta, os troncos das árvores eram feitos em fanicos.

-Foda-se! - gritou Cochrane, por entre a barulheira do tiroteio. Raceobservava o Mosquito, que planava sobre o abismo, cuspidendo longas línguas de fogo, olhou atentamente para os patins alongados do trem de aterragem, que baloiçavam por baixo da cabina.

Os patins do trem de aterragem... pensou.

Nesse momento, qualquer coisa fez clique na mente de Race: uma espécie de determinação feroz, que ele nuncajulgara possuir. -Van Lewen! - gritou, de repente.

O que é?

-Cubra-me com a sua arma.

-Para quê?

-Veja se consegue fazer aquele helicóptero subir um pouco mais, está bem?

Mas não o faça fugir muito.

- o que é que vai fazer?

-Vou arranjar maneira de sairmos deste calhau!

Foi tudo quanto Van Lewen quis ouvir. Um segundo depois, saltou do meio da vegetação e disparou uma rajada contra o helicóptero preto.

o Mosquito respondeu subindo mais um pouco e disparando também.

Entretanto, Race manobrava febrilmente o arpão, desenrolando a corda que estava presa a este. Olhou para o helicóptero.

-Faça-o subir mais! - gritou. - Mais um bocado! Está demasiado baixo

Race calculou a distância que o separava do héli. Estava demasiado próximo para ele poder disparar o arpão com o lança-granadas. Ia ter que o lançar à mão.

Desenrolou um pouco mais a corda, deixando-a solta para, quando a lançasse, ela não ficar enredada.

-Cochrane! - gritou. - Consegue dançar com a perna assim?

- o que é que acha, Eimstem?

-Então, não me serve para nada! - disse Race, irado. - Vai ter que ficaraqui.

Van Lewen, dê-me cobertura!

Então, enquanto Van Lewen disparava nova rajada contra o héli, Race saltou rapidamente do meio da vegetação, com o arpão na mão, e, com um movimento fluido, atirou-o em direcção ao patim do lado esquerdo do trem de aterragem do Mosquito.

Mal o lançou, teve a certeza de que tinha calculado bem a força com que o atirara.

o arpão cruzou o ar, em direcção ao helicóptero, atingindo o zénite do arco que descreveu, no momento em que atingia o patim esquerdo do Mosquito.

Então, com um tilintar agudo, o arpão balançou-se sobre o patim e volteou duas vezes sobre ele, acabando por se prender.

-Muito bem, Van Lewen, vamos embora!

Van Lewen disparou uma última rajada contra o héli, antes de ir a correr juntar-se a Race, no rebordo da saliência.

-Pegue nisto - disse Race, estendendo a M- 16 a Van Lewen. A arma estava presa à extremidade da corda do arpão.

Van Lewen lançou um olhar grave a Race.

-Sabia que é muito mais corajoso do que muita gente pensa?

-Obrigado.

E, dito isto, Race e Van Lewen saltaram da beira da saliência e ficaram a baloiçar sobre aquele abismo de uns trinta metros de largura, descrevendo um arco elegante, suspensos do patim do trem de aterragem do helicóptero de combate.

-Filho da mãe... - disse Buzz Cochrane, ao ver os dois afastarem-se dele, balançando sobre o vazio que se seguia à ravina.

Race e Van Lewen deixaram-se cair, de pé, sobre o trilho, do outro lado do abismo. Mal aterrou, Race despreendeu rapidamente da M-16 a corda do arpão e deixou-a ir.

Lá em cima, o piloto do héli não parecia saber onde eles se tinham metido. o aparelho sobrevoou várias vezes a garganta, disparando os canhões contra tudo e contra nada, numa frustração, enquanto Race e Van Lewen desciam o trilho em espiral, novamente a caminho da aldeia.

Heinrich Anistaze agarrou no volume envolto em pano e susteve a respiração, enquanto o desembrulhava.

-Sim - disse, quando pôs a descoberto o ídolo preto e reluzente. - Sim...

Então, de repente, rodou sobre os calcanhares e dirigiu-se para a ponte de toros do lado oriental.

-Equipa de demolição - chamou, em alemão, sem parar de andar. - Essascargas de cloro já estão colocadas?

-Mais três minutos, Herr Obergruppenführer - respondeu um homem, que seencontra por baixo do ATV

-Então, está três minutos atrasado - rosnou Anistaze.
-Acabe de as colocar e vá ter connosco ao rio.
-Sim, Obergruppenführer.
Anistaze carregou numa tecla do rádio.
- Herr Oberstgruppenführer? Está a ouvir-me? Oberstgruppenführer era o posto mais alto das SS, o equivalente a general.
-Sim - foi a resposta. -já o temos.
-Tragam-mo.
-Sim, Oberstgruppenführer. Imediatamente - disse Anistaze, ao mesmo tempo que atravessava a ponte oriental e penetrava na floresta.

Race e Van Lewen desceram a correr o trilho em espiral. Chegaram ao fundo da cratera e, depois, à passagem, pela qual seguiram, sempre a correr. Finalmente, de armas a postos, chegaram ao caminho do rio. Havia nevoeiro por todo o lado.

Enquanto corria, caminho fora, o auscultador de rádio, no ouvido de Race, deu subitamente sinal de vida.

-Van Lewen, informe. Repito. Cochrane, Reichart, Van Lewen informem... Era Nash. Os rádios tinham voltado a funcionar. Os nazis deviam ter desligado o sistema de interferências ou, pelo menos, deviam tê-lo levado para qualquer lugar de onde já não os atingia. Sem parar de correr, Van Lewen respondeu:

-Fala Van Lewen, meu coronel. Perdemos Reichart e Cochrane está ferido. Eos nazis têm o ídolo. Repito. Os nazis têm o ídolo. o Professor Race está comigo. Vamos a caminho da aldeia.

-Deixou levar o ídolo?

-Deixei.

-Recupere-o - disse Nash.

Race e Van Lewen chegaram à ponte oriental e entraram nela, com cautela, de armas aperradas.

A aldeia estava deserta, envolta em nevoeiro. Não havia nazis à vista. Nem rapas.

Mesmo diante deles, via-se a forma escura do ATV, tombado de lado. À esquerda, viam-se as sombras das várias construções de Vilcafor, recortando-se contra o nevoeiro.

Van Lewen avançou para o ATV -Meu coronel?... - chamou.

A resposta que obteve foi uma rajada de tiros - de G-11, disparados pelos três nazis da equipa de demolição, que tinham sido deixados na aldeia, para colocarem as cargas explosivas de Anistaze.

Race atirou-se ao chão, para o lado esquerdo, Van Lewen mergulhou para o lado direito e os dois ergueram as M-16.

Mas era inútil, Não se via nada, no meio de todo aquele nevoeiro.

Race voltou a pôr-se de pé, no instante em que viu um comando nazi saltar do lado do ATV, de G-11 em punho e a postos.

Então, de repente - bum! - ouviu-se um único tiro, muito alto, vindo de um ponto qualquer por trás de Race, e a cabeça do nazi saltou para trás, por entre um jacto de sangue. Num espanto absoluto, Race ficou a ver o seu assaltante cair ao chão, morto.

-Que... - disse, voltando-se para o lado de onde tinha partido o tiro.

Inesperadamente, um rapa saltou do meio do nevoeiro, mesmo diante de Race, arreganhou os dentes e lançou-se sobre a sua garganta...

Bum! o rapa caiu de lado, apanhado a meio do salto por mais uma bala veloz, e teve morte instantânea. A carcaça do enorme animal tombou a poucos centímetros dos pés de Race.

Que diabo é que estava a passar-se?

-Professor! - chamou a voz de Doogie, do meio do nevoeiro. - Aqui. Venhapara aqui! Eu estou a dar-lhe cobertura. Perscrutando o nevoeiro, Race conseguiu vislumbrar a esplanada da cidadela e, encarrapitada nele, a silhueta de Doogie Kemiedy, com uma metralhadora com mira telescópica encostada ao ombro.

Da posição que ocupava, na esplanada da grande fortaleza de pedra, Doogie tinha uma boa perspectiva da aldeia.

Através da mira térmica da sua potente metralhadora M-82A1A, via toda a gente que andasse na aldeia, como se fosse de dia. Cada figura aparecia na sua mira como uma mancha multicolorida - desde as formas vagamente humanas de Race, Van Lewen e os dois sobreviventes da equipa de demolição alemã, à forma trapezoidal e sem cabeça do ATV e às assustadoras formas de quatro patas que eram os gatos.

Os gatos.

Com o desaparecimento dos soldados nazis e do respectivo armamento, naquele momento, os gatos andavam novamente à vontade por toda a aldeia.

Tinham voltado. E buscavam sangue.

Race girou sobre si mesmo e viu Van Lewen junto ao ATV virado.

-Saia daqui, Professor! - gritou o sargento dos Boinas Verdes. - o Doogie dá-lhe cobertura. Eu tenho que endireitar esta coisa.

Race não precisou que lhe dissessem duas vezes a mesma coisa. Começou a correr aldeia fora, por entre o nevoeiro. Mal começou a correr, porém, ouviu o ruído de passadas rápidas na lama, atrás de si, a coberto do manto cinzento que cobria tudo.

E as passadas aproximavam-se, ganhavam terreno. Então, de súbito...

Mais um tiro disparado por Doogie, seguido pelo som da bala a cravar-se num dos nazis, a que se seguiu som do nazi a tombar no chão.

Diante de Race, apareceu outro rapa, preparado para saltar e bum! - a cabeça do animal explodiu, atingida por Doogie. o corpo do rapa começou a estrebuchar. Mais tiros. o corpo ficou imóvel. Race nem queria acreditar. Era como encontrar o caminho, num labirinto envolto em nevoeiro, sob a protecção de um anjo da guarda. A única coisa que ele precisava de fazer era continuar a correr, continuar a avançar, enquanto Doogie afastava os perigos que o rodeavam, perigos que ele próprio não conseguia ver.

Voltou a ouvir passadas sobre a lama, desta vez mais pesadas, passadas de quatro patas.

Lá em cima, na cidadela, Doogie praguejou.

o último disparo deixara-o a seco. Tinha ficado sem munições. Mergulhou para trás do parapeito e, freneticamente, começou a recarregar a arma.

junto ao rio, Van Lewen pendurou-se na parte de baixo do ATV virado, suspendendo dele todo o seu peso, consciente de que havia rapas por perto, ocultos pelo nevoeiro.

-Subam para o lado mais alto! - disse, dirigindo-se a Nash e aos outros que se encontravam dentro do veículo. - Temos que endireitar esta coisa!

Os outros agiram com rapidez e, quase de imediato, o ATV, precariamente equilibrado sobre um dos lados, começou a endireitar-se.

Van Lewen afastou-se rapidamente do caminho, no preciso momento em que o veículo de oito rodas, aterrava sobre os pneus, e correu para a porta lateral.

Race continuava a correr velozmente por entre o nevoeiro, quando, de repente, como o pano a ser afastado para deixar a descoberto o palco, o manto de nevoeiro se abriu diante de si e ele deu consigo a olhar para a cidadela.

Foi então que ouviu o estalido da patilha de segurança de uma G-11, ali bem perto, e estacou. Voltando-se lentamente, viu o último comando nazi, parado junto à cortina de nevoeiro, mesmo atrás de si, com a G-11 apontada à sua cabeça.

Race ficou à espera de ouvir o já familiar estampido da metralhadora com mira telescópica de Doogie. Mas não ouviu nada. Porque é que ele tinha deixado de disparar?

Nesse instante, abruptamente, soou um tremendo rugido, que Race julgou ser o rugido de um dos gatos.

Mas não era o rugido de nenhum gato. Era o rugido de um motor.

No instante imediato, o ATV emergiu velozmente do meio do nevoeiro e foi

bater nas costas do comando nazi.

o nazi caiu, esmagado pelo veículo todo-o-terreno, e o próprio Race teve que saltar para longe do caminho, enquanto o ATV passava por ele a toda a velocidade, para depois parar diante da cidadela, mesmo em frente da entrada da fortaleza,

alinhando a sua porta de correr do lado esquerdo com a porta da cidadela. Um segundo mais tarde, Race viu abrir-se a escotilha traseira do ATV e aparecer a cabeça de Van Lewen.

-Então, Professor, vem ou não?

Race saltou para a traseira do veículo e mergulhou de cabeça pela escotilha. Mal ele acabou de entrar, Van Lewen fechou estrondosamente a escotilha de aço.

-Eles têm o ídolo - disse Van Lewen.

Estava sentado no chão, na cidadela, rodeado pelos outros, à fraca luz das lanternas. Por trás dele, a porta aberta do ATV tapava por completo a entrada de pedra da cidadela.

-Porra - disse Lauren. - Se eles utilizarem aquele tírimum numa Supernovafuncional, estamos fodidos...

- o que é que vamos fazer? - perguntou Johann Krauss. -Vamos recuperar o ídolo - respondeu Nash, em tom categórico.

-Mas como? - perguntou Troy Copeland.

-Temos que ir atrás dele, já - disse Van Lewen. - Neste momento, eles estão na fase mais vulnerável. Vieram aqui buscar o ídolo e, agora, é de supor que tenham que o levar para o sítio onde têm escondida a Supernova. Mas, numa missão irregular como a deles, o momento em que as pessoas que participam na missão ficam mais vulneráveis é quando vão a caminho do destino final. - E onde é que é a base deles?

-Tem que ser perto - disse Race, num tom firme, surpreendendo toda agente, incluindo ele próprio, com tamanha convicção. - A avaliar pela forma como eles chegaram aqui.

-E como foi, exactamente, que eles chegaram aqui, Professor? - perguntou Copeland, incrédulo.

-Não tenho a certeza absoluta - respondeu Race. - Mas penso que posso calcular, com alguma segurança. Primeiro, eles chegaram aqui, utilizando um meio de transporte que lhes evitou serem detectados pela vossa sofisticada rede SAT-SN. Por isso, não vieram numa aeronave. Segundo, não sendo por via aérea nem a pé, qual é a maneira mais rápida e mais fácil de transportar uma força de uns trinta homens, pela floresta?

-Raios partam. Porque foi que eu não pensei nisso?... resmungou Lauren.

-E qual é essa forma? - perguntou Copeland, irritado.

-Os rios - respondeu ela.

-Exactamente - disse Race. - Eles vieram de barco. o que quer dizer que... o que quer dizer que a base de operações deles não pode ser muito longe daí...

Race parou repentinamente de falar.

-Então, onde é que é? - perguntou Nash. - Onde é a base de operações deles? Mas Race não estava a ouvir. Havia qualquer coisa que tinha provocado um clique na sua cabeça.

Base de operações...

Onde é que ele já tinha ouvido aquela expressão?

-Professor Race? - chamou Nash.

Não, espera. Ele não tinha ouvido aquela expressão. Tinha-a visto escrita. Então, de súbito, lembrou-se.

-Lauren, ainda temos connosco aquela transcrição da conversa telefónica? Aquela em que os nazis diziam que iam pedir um resgate? A conversa telefónica, interceptada pelo BKA, entre um telefone celular algures no Peru e a Colónia Alemanha.

Lauren levantou-se e começou imediatamente a procurar no meio do

equipamento, na cidadela mal iluminada.

-Cá está - anunciou, entregando-lhe uma folha de papel. Race olhou para a transcrição que já tinha visto antes.

VOZ... ase das operações já está pronta a funcionar... resto do... será... a mi... VOZ 2:... quanto ao dispositivo?... pronto?

VOZ... adoptámos... forma de ampulheta, com base no modelo americano... dois detonadores termonucleares, montados na parte superior e na parte

inferior de uma câmara interior de titânio. Os ensaios de campo indicam que... dispositivo... operacional. Agora, só precisamos--- o tório.

VOZ 2:... não se preocupem. o Anistaze está a tratar disso... VOZ E quanto à mensagem?

VOZ... vai, logo que apanhemos o ídolo... a todos os primeiros-ministros e Presidentes da UE... o Presidente dos Estados Unidos, via linha vermelha interna de emergência... o resgate vai ser cem biliões de dólares... ou, então, detonamos o dispositivo...

o olhar de Race deteve-se nas primeiras duas linhas da transcrição.

VOZ... ase das operações já está pronta a funcionar... resto do... será... a mi...

-Será a mi... - disse Race, em voz alta. - A mi... a mina. Voltou-se para Lauren.

-Como é que se chamava aquela mina de ouro abandonada, que vimos do Huey, quando vínhamos para aqui? Aquela que estava toda iluminada e que já não parecia nada ter sido abandonada?

-A mina de ouro Madre de Dios - respondeu Lauren.

-Fica perto de algum rio?

-Sim, fica perto do Alto Purus. Quase todas as minas a céu aberto da zona do Amazonas ficam perto de rios, porque a única maneira de tirar de lá o ouro é em hidroaviões e por barco.

-A que distância é que fica daqui?

-Não sei. A uns noventa ou cem quilómetros. Race voltou-se para Nash:

-É para lá que eles vão, coronel. Para a mina de ouro Madre de Dios. Debarco. Heirich Anistaze caminhava por entre a vegetação rasteira, em direcção a leste. Por fim, afastou as últimas ramagens e, diante de si, abriu-se uma paisagem verdadeiramente espectacular.

A floresta amazónica estendia-se a perder de vista, qual tapete de verde luxuriante.

Anistaze encontrava-se na orla do planalto, no alto de um rochedo, coberto de vegetação, de onde se avistava a floresta.

Mesmo à sua direita, via-se uma espectacular queda de água de mais de sessenta metros, que escorria do planalto, o fruto final do rio infestado de caimões que corria junto a Vilcafor.

Anistaze ignorou a queda de água.

Aquilo que realmente lhe interessava era o que se encontrava ao fundo desta, no amplo troço do rio, lá em baixo.

Sorriu ao olhar para lá. sim...

Então, com o ídolo debaixo do braço, começou a descer pelas cordas, suspensas ao longo da face do rochedo, até ao rio.

-Muito bem - disse Copeland. - E como é que vamos apanhar aqueles filhos da mãe? Eles levam-nos quinze minutos de avanço e, caso se tenham esquecido, os rapas andam por aí...

-Se os barcos deles estiverem onde nós julgamos que eles estão, há outra maneira de chegar até lá - disse Race. - Um caminho que nos evita passarmos pelos gatos.

-Que caminho? - perguntou Nash.

Race pôs-se de joelhos e começou a passar as mãos pelo chão irregular da cidadela.

- o que é que está a fazer? -Estou à procura de uma coisa.

-De quê?

Race continuava à procura. Segundo o manuscrito, devia estar algures por

ali. o único problema era saber se os Incas tinham ou não usado o mesmo símbolo para a assinalar.

-Disto - disse Race, de súbito, passando as mãos sobre o piso irregular e pondo a descoberto uma laje de pedra, que estivera coberta por uma delgada camada de poeira e lama.

Gravado num canto da laje, estava um símbolo: um círculo com um «V» duplo inscrito dentro dele.

-Ajudem-me aqui - pediu Race.

Van Lewen e Doogie aproximaram-se, agarraram na laje e começaram a puxá-la.

A laje roçou ruidosamente contra as que lhe estavam próximas e, devagar, foi-se afastando do sítio onde se encontrava, revelando um buraco escuro.

-É o quenko - disse Race.

É o quê? - perguntou Nash.

o manuscrito falava nisto. Era um labirinto escavado na rocha, por baixo da aldeia, um caminho de fuga, um sistema de túneis que vai dar à queda de água, na orla do planalto... desde que se saiba o código do labirinto.

-E você sabe o código? -Sei.

-Como? - perguntou Troy Copeland, em tom de troça.

-Porque li o manuscrito - respondeu Race.

-Então, quem é que vai? - perguntou Lauren.

-Van Lewen e Kennedy - respondeu Nash. - E qualquer outra pessoa que saiba servir-se de uma arma - acrescentou, olhando para os dois agentes do BKA e para o pára-quedista alemão, Molke.

Renée, Schroeder e Molke disseram que sim com a cabeça. Nash voltou-se para Copeland:

-E você, Troy?

-Eu nunca na vida peguei numa arma - respondeu Copeland.

-Então, pronto. Parece que são só vocês os cinco... -Eu sei manejar uma arma - disse Race.

- o quê? - perguntou Lauren. -Você? - duvidou Copeland.

-Bem... - respondeu Race, encolhendo os ombros. - Algumas armas. o meuirmão andava sempre a levar armas para casa. Não sou lá muito bom mas...

- o Professor Race pode vir comigo sempre que quiser disse Van Lewen, dando um passo em frente e entregando uma pistola SIG-Sauer a Race, com quem trocou um olhar, - Ajulgar por aquilo que ele fez lá em cima, na torre de pedra.

Em seguida, voltou-se para Nash. -É tudo, meu coronel?

Nash anuiu.

-Façam o que têm a fazer mas recuperem o ídolo. o nosso apoio aéreo deveestar quase a chegar. Mal eles cheguem aqui, mando-os ter convosco. Se vocês conseguirem arranjar maneira de deitar a mão ao ídolo e de aguentar os filhos da mãe dos alemães, durante um bocado, a equipa de apoio aéreo deve conseguir tirar-vos de lá. Entendido?

-Entendido - disse Van Lewen, pegando na M-16.

-Então, vamos embora.

Van Lewen ia à frente, caminhando apressado pelos estreitos túneis de pedra do quenko por baixo de Vilcafor.

Levava a M-16 encostada ao ombro, para iluminar o exíguo túnel com a luz fraca da lanterna montada no cano da arma. Race, Doogie, Molke e os dois agentes do BKA acompanhavam

as suas passadas rápidas, pela passagem sombria. Doogie e os três alemães empunhavam M-16. Race levava apenas a SIG-Sauer prateada.

Embora não quisesse confessá-lo, Race estava morto de medo. Mas também estava onde queria estar, com Van Lewen, Doogie e os alemães, em busca do ídolo e em perseguição dos nazis. A fazer qualquer coisa.

Contudo, o quenko não contribuía para lhe desanuviar o espírito, Parecia quase uma horrível masmorra, um labirinto subterrâneo de pesadelo, com paredes de pedra muito próximas umas das outras e o chão coberto de lama

escorregadia.

Enormes aranhas peludas escapavam-se precipitadamente por frinchas escuras, quando os seis passavam por elas. Cobras obscenamente gordas deslizavam pela lama estagnada do piso do túnel, quase os fazendo cair. E aquilo fazia claustrofobia, uma claustrofobia dos diabos. Todas as passagens que ia vendo tinham, quanto muito, noventa centímetros de largura.

Van Lewen continuava a avançar rapidamente.

-Siga pelo terceiro túnel à direita - disse Race, atrás dele,

-E, depois, em ziguezague, a contar da esquerda.

Exactamente na mesma altura em que Race e os outros percorriam o labirinto subterrâneo, Heirich Anistaze estava a chegar ao fundo da encosta do planalto.

Correu para a margem do rio, onde foi direito a uma lancha rápida Zodiac de borracha.

Premiu o botão do microfone de rádio. -Equipa de demolição. Contacte. Não obteve resposta.

Eles corriam labirinto fora.

Corriam esforçadamente, velozmente, virando à esquerda, cortando à direita, rasgando teias de aranha, tropeçando em cobras com doze metros de comprimento, escorregando na lama que cobria o chão dos túneis daquele labirinto subterrâneo fantasmagórico.

-Eh, Van Lewen - chamou Race, com a respiração entrecortada, enquanto continuavam a correr por um troço mais comprido do túnel.

-Sim? - respondeu Van Lewen.

- o que é o Clube dos 80?

- o Clube dos 80?

-Cochrane falou nisso, na outra noite, quando vocês estavam a descarregaros hélicópteros mas não quis dizer o que era. Gostava de ficar a saber, antes de morrer.

Van Lewen riu-se, sem parar de correr.

-Eu posso dizer-lhe mas é muito, muito ordinário. -vá lá.

-Disse Van Lewen. - É assim. Para se ser membro do Clube dos 80 é preciso ter dado uma queca com uma miúda que tenha nascido nos anos 80.

-Eh, pá! - disse Race, encolhendo-se.

-Eu disse-lhe que era ordinário - disse Van Lewen. Continuaram a correr. Havia mais ou menos sete minutos que os seis corriam quando Van Lewen virou uma esquina e foi esbarrar numa sólida parede de pedra.

Só que não era uma parede. Era uma porta de pedra.

Na verdade, era uma porta de pedra não muito diferente da entrada da cidadela: uma laje quadrada, com a base arredondada, para poder ser facilmente rodada, do lado de dentro, mas que era inexpugnável, do lado de fora.

Race e Van Lewen afastaram a laje para o lado e ouviram de imediato o rugido de uma forte queda de água.

Uma chuva de gotículas de água bateu-lhes nos rostos, no mesmo instante em que avistaram uma cortina de água, que caía a menos de três metros deles.

Race perscrutou a zona em volta.

Encontravam-se num trilho, um trilho inca, aberto na parede de rocha por trás da queda de água.

Encontravam-se já na orla do planalto.

o ruído da queda de água, lá no alto, era incrível. Abafava todos os outros sons. Van Lewen teve que gritar, para se fazer ouvir.

-Por aqui! - gritou, correndo para a esquerda.

o caminho aberto na rocha estava molhado e era escorregadio mas Race e os outros conseguiram manter o ritmo da marcha, enquanto seguiam por trás da cortina de água.

Apesar de caminharem rapidamente, ainda levaram um minuto a chegar à orla da cortina. Lá no alto, a queda de água era extensa e eles tinham saído do

quenko mesmo a meio dela.

Van Lewen foi o primeiro a chegar a terra firme. De súbito, na margem lamacenta do rio.

-Que grande merda! - disse.

O que foi? - perguntou Race, ao chegar ao lado dele e olhando para o rio. A primeira coisa que viu foi a lancha rápida Zodiac de Hemrich Anistaze, abrindo um sulco de espuma branca, enquanto se

afastava deles, atingindo as águas mais profundas do centro do rio.

- o que é que estava a dizer? - perguntou. Foi nesse instante que viu os outros barcos.

-Que grande merda.

Parecia uma verdadeira armada.

Devia haver, pelo menos, uns vinte barcos - de todos os tamanhos e feitios - na margem castanha do rio, na base da queda de água.

À volta do perímetro da frota, aceleravam cinco barcos de assalto de pequeno calado. Eram embarcações de assalto Rigid Raiders, aerodinâmicas, de cascos de alumínio, sem cobertura, geralmente utilizadas pela SAS em incursões rápidas.

Quatro barcos patrulha militares dos tempos do Vietname, conhecidos por Pibbers, navegavam tranquilamente, ao lado de alguns dos barcos maiores, perto do centro da flotilha. Os Pibbers eram canhoneiras super rápidas de trinta e cinco pés, blindadas, equipadas com metralhadoras de 20 mm e silos suspensos laterais de lançamento de torpedos. o seu nome era a abreviatura militar da sua designação oficial PBR (Patrol Boat River) e, embora já fosse bem conhecido pelas suas façanhas no Vietname, o Pibber tinha sido imortalizado pelo filme Apocalypse Noiv.

Três grandes batelões porta-helicópteros seguiam, rio fora, no interior do círculo dos barcos de assalto. No convés de dois destes batelões, viam-se alguns helicópteros de combate Mosquito. o héli que, momentos antes, tinha estado no cimo da torre preparava-se agora para aterrizar na plataforma do terceiro batelão.

Atrás do batelão porta-helicópteros do meio e, destoando notoriamente dos três Mosquitos de alta tecnologia nele poisados, seguia, contudo, um pequeno hidroavião em mau estado.

Era um Grumman JRF-5 Goose, um hidroavião de duas hélices, compacto, do tempo da Segunda Guerra Mundial.

o Grumman Goose era um pequeno avião com características muito próprias, cujo desenho se tornara um clássico. Visto de lado, o seu nariz tinha mais ou menos a forma do focinho de um labrador, pequeno e achatado mas arredondado junto à linha de água. Poisava na água sobre o ventre, estabilizado por dois flutuadores que saíam das suas asas compridas. Uma característica notável do Goose era ter duas entradas: uma porta lateral e uma escotilha de ejeção no nariz.

Mas este Goose também tinha um «furador». No seu flanco esquerdo, tinha sido montado um canhão ligeiro Gaffing 20 mm de dois canos.

No centro da frota nazi, encontrava-se o seu centro focal - e destino do Zodiac de Anistaze - um enorme catamarã branco. o barco de comando.

Tinha um aspecto imponente: extremamente aerodinâmico, com pelo menos quarenta e cinco metros de comprimento. Os dois cascos compridos estavam pintados de um branco alvo e as janelas inclinadas eram de um preto azeviche. A sua bateria de sonares girava no cimo da cobertura. No convés de aterragem que constituía a popa do grande barco, estava um helicóptero Bell Jet Ranger, de um branco estonteante.

Além do helicóptero, balançando sobre a água, ao lado do grande catamarã e preso a ele, seguia a lancha rápida mais tenebrosa que Race alguma vez tinha visto. Também tinha sido pintada de branco, na mesma tonalidade que o barco de comando e que o helicóptero. o casco, muito comprido e que afilava bruscamente na popa, mergulhava vários centímetros na água. Sobre o assento

do condutor, havia um spoiler inclinado para trás, uma precaução aerodinâmica concebida para evitar que a potente lancha rápida saltasse acima da superfície do rio, quando se deslocava sobre as águas, a toda a velocidade. Race viu a palavra «SCARAB» pintada de um dos lados da lancha.

Correndo à desfilada à volta daquela frota heterogénea, deixando atrás de si sulcos de espuma branca, navegavam seis Jet Raiders: pequenos veículos aquáticos de assalto unipessoais, quase idênticos a motos de água. Mas eram mais compridos que as motos de água normais tinham uns dois metros e setenta de uma ponta a outra. E eram mais luzidios, mais facilmente manobráveis, mais rápidos. Tinham assentos que pareciam selas e narizes em forma de balas e, em movimento, mal afloravam a água - só a metade traseira dos cascos tocava na superfície do rio, sobre o qual deslizavam com leveza, movendo-se rapidamente à volta dos barcos maiores.

Race e os outros ficaram a ver o Zodiac de Anistaze chegar junto do barco de comando e o conhecido comandante de campo nazi subir para bordo. Mal ele ali chegou, o grande catamarã branco começou a acelerar, ao mesmo tempo que o resto da frota começava a avançar.

-Eles vão-se embora! - gritou Doogie.

-Ali! - exclamou Van Lewen, ao avistar, na margem, três Jet Raiders abandonados, ali deixados sem dúvida pelos membros da equipa de demolição nazi.

-Vamos - disse Van Lewen.

Os seis correram para os três Jet Raiders.

A superfície do rio deslizava velozmente por baixo deles. Enquanto corriam à desfilada, lado a lado, em perseguição da flotilha nazi, os três jet Raiders roubados deixavam atrás de si rastos espectaculares de jactos brancos pulverizados.

Race ia com Van Lewen e era ele quem conduzia. o Boina Verde ia sentado atrás, como se fosse o pendura, numa motocicleta, com uma das mãos à volta da cintura de Race e a outra a segurar a M-16, pronta a disparar.

Doogie Kennedy conduzia rapidamente sobre a água, à direita de Race e de Van Lewen, tendo como parceiro o pára-quedista alemão Molke. Renée e Schroeder seguiam à desfilada, do lado esquerdo, com Renée a conduzir e Schroeder de metralhadora em punho.

Disposta numa formação muito semelhante a uma formação de combate, com o grande barco de comando no centro, rodeado de Rigid Raiders e de Pibbers, a flotilha nazi ia uns trezentos metros à frente deles, sulcando velozmente a vasta superfície de águas castanhas.

Os três batelões porta-helicópteros seguiam atrás dos outros barcos, cobrindo a retaguarda, enquanto os pequenos jet Raiders descreviam velozmente curvas e contra-curvas entre os barcos maiores, parecendo moscas sobre um monte de lixo.

Race seguia a grande velocidade, com o vento e a água a baterem-lhe na cara. Pelo canto do olho, via desfilar as árvores da margem do rio, que formavam uma espécie de mancha verde, e viu um tronco estranho que flutuava à superfície, perto de si,

Não batas nos troncos, Will. Não batas nos troncos... E, então, percebeu. Não eram troncos. Eram caimões.

Não batas nos caimões, Will. Não batas nos caimões...

-Van Lewen! - chamou, aos gritos, para se fazer ouvir apesar do vento ensurdecedor. - Qual é o plano?

-É fácil! Tomamos o barco de comando, deitamos a mão ao ídolo e, depois, mantemos o controlo do barco, até chegar o apoio aéreo.

-Tomamos o barco de comando...

-Depois de nos apoderarmos dele, podemos controlá-lo.

-Deve ter razão - gritou Race.

Lá adiante, a flotilha nazi contornou uma curva do rio e desapareceu do campo de visão de Race. Visto de cima, o rio Alto Purus parecia o corpo

ondulante de uma serpente, cheio de curvas e mais curvas.

-Bem, pessoal - disse Van Lewen, para o microfone de garganta. - Estão aver aquelas árvores lá adiante? É para ali que nós vamos.

Race olhou para a frente e viu que a curva do rio que os nazis tinham acabado de contornar era composta por um denso conjunto de árvores.

Contudo, quando olhou para ele com mais atenção, reparou numa coisa estranha. Na base das árvores, não se via poeira nem terra. As árvores pareciam simplesmente brotar da água.

Então, percebeu. Era a estação das chuvas e, com a queda anual das chuvas, o nível das águas dos rios da bacia do Amazonas subia imenso. A terra onde aquelas árvores mergulhavam as raízes estava submersa, coberta por uma espessa camada de água: uma floresta alagada.

o que queria dizer que quem se deslocasse numa pequena embarcação, como os Jet Raiders, podia atalhar caminho por entre as árvores, em vez de contornar a curva natural do rio.

o jet Raider de Doogie escapou-se, disparado, em direcção às árvores. Race foi atrás dele e Renée seguiu-os de perto.

Os troncos das árvores desfilavam, de um lado e do outro, parecendo apenas uma mancha acastanhada.

Os três jet Raiders seguiram à desfilada entre aquele labirinto de árvores escuras e grossas, deslizando para a esquerda, inclinando-se para a direita, saltando com leveza sobre as ondas e os seus cascos afilados e lisos mal afloravam a superfície. Do lado esquerdo, por entre as aberturas daquele muro descontínuo de troncos de árvore, podiam avistar a armada nazi, que contornava a curva do rio.

Race tentou desesperadamente concentrar-se na condução. A velocidade a que seguiam era absolutamente assustadora.

Era tudo tão rápido. Tão incrivelmente rápido!

Os troncos passavam por ele à desfilada. Sob o casco da sua mota de água, formavam-se pequenas ondas. Navegavam tão depressa, roçando tão levemente a superfície da água, que quase não precisava de tocar nos comandos para a fazer deslizar para a esquerda ou para a direita.

Race ia sentado no alto do selim do jet Raider, atrás da mota de água de Doogie, quando, de repente, viu Doogie e Molice baixarem-se sem motivo aparente. Foi então que, num relance, viu a causa daquele mergulho e gritou:

-Baixe-se, Van Lewen!

Van Lewen e Race baixaram-se no momento exacto em que um ramo mais rasteiro passava a zumbir por cima das suas cabeças.

-Obrigado! - gritou Van Lewen.

-De nada!

E, então, por entre a cortina de troncos que se estendia diante de si, Race viu a luz do dia. Uma luz pesada, acinzentada, do fim do dia.

-Muito bem, pessoal - disse Van Lewen. - Formação em flecha. Doogie e Molke, vocês vão na frente. Agentes Schroeder e Becker ficam com o lado esquerdo. Eu e o Professor Race cobrimos o lado direito. OK. Prontos? o corpulento Boina Verde ergueu a M-16 com uma das mãos, enquanto, com a outra, se agarrava à cintura de Race.

Lá à frente, Race viu Doogie e Molke levantarem as suas M-16.

-Pronto - disse a voz de Doogie.

Os três alemães responderam uns a seguir aos outros.

-Professor?

-Pronto. o mais possível - disse Race. -Então, vamos a isso - disse VanLewen.

Os três Jet Raiders ocupados por americanos e alemães irromperam do meio das árvores, numa formação em flecha perfeita, mesmo ao lado da flotilha nazi. Um instante depois, Race deu consigo a acelerar sobre a água, no meio de quatro Jet Raiders dos nazis!

Os quatro nazis voltaram-se ao mesmo tempo e ficaram a olhar para as três motas de água americanas, de olhos arregalados de espanto. Lançaram as mãos às armas, no preciso momento em que Van Lewen gritava:

-Doogie, ocupa-te da direita!

Os dois Boinas Verdes dispararam rajadas simultâneas de tiros de M-16, em ambas as direcções. Num instante, à passagem dos três Jet Raiders roubados, os quatro nazis tinham sido derrubados das suas motas de água.

Ao passar pelos nazis caídos, Race olhou para o lado e viu vários grupos de pequenas ondas sulcarem a água, em direcção a eles. Os caimões...

Então, de súbito, uma linha de buracos de balas de 20 mm agitou as águas, dos dois lados do seu Jet Raider em movimento e Race foi imediatamente arrancado ao transe em que caíra.

Voltou-se rapidamente e viu dois barcos de assalto, um Rigid Raider e um barco patrulha Pibber, correndo à desfilada,

atrás deles. o Pibber disparava furiosamente o seu canhão de 20 mm.

Race carregou no acelerador e a sua mota de água deu um salto em frente. Atrás dele, Van Lewen voltou-se no assento, para ficar virado para trás, ergueu a M-16 e abriu fogo contra os seus perseguidores.

A saraivada de projecteis da sua arma atingiu os dois barcos, danificando o pára-brisas do Pibber e atirando três dos quatro homens pela borda fora do Rigid Raider.

Então, abruptamente, toda a frota virou para a esquerda, acompanhando outra curva do rio.

- Pessoal! Virar tudo à esquerda! - gritou Van Lewen. -À esquerda? - perguntou Race, confundido.

-Outra vez pelo meio das árvores. Temos de chegar àquele barco de comando! Nesse momento, voltaram a cair balas em torno deles: duas motas de água dos nazis vinham atrás deles,

As balas choviam de todos os lados, zuniam sobre a cabeça de Race e, então, de repente - zás! - Race viu um horrível jacto de sangue brotar do ombro esquerdo de Doogie, quando o jovem Boina Verde foi atingido.

-Hááá! - troou a voz de Doogie, no rádio. Mas Doogie conseguiu não perder velocidade.

As três motas de água americanas corriam por entre as árvores: Renée e Schroeder à frente, Doogie e Molke em segundo lugar, Race e Van Lewen em último.

Um segundo atrasadas em relação a eles, vinham as duas motas de água dos nazis.

As balas embatiam nos troncos das árvores, mesmo por cima da cabeça de Race, que fugia delas a uma velocidade fenomenal. Alguns ramos mais baixos pareciam correr na sua direcção. De cada vez que via um aproximar-se, Race gritava a Van Lewen, que continuava virado para trás, e mandava-o baixar-se.

Van Lewen disparava afincadamente a sua M-16 contra as duas motas de água dos nazis, que vinham mesmo atrás, mas os nazis escudavam-se atrás das árvores e, ao cabo de algum tempo, Van Lewen ficou a seco.

Aproveitando a oportunidade, os dois Jet Raiders dos nazis aproximaram-se. Um deles colocou-se rapidamente ao lado da mota de água de Race e de Van Lewen, acelerou sobre a água, do lado direito de ambos, e o condutor nazi tirou imediatamente uma Glock do saco do selim. Não podendo fazer mais nada, Van Lewen empunhou a M-16 descarregada como se fosse um bastão de basebol e arrancou a pistola das mãos do nazi. Das árvores que rodeavam os dois Jet Raiders, lançados em furiosa correria, saltaram violentamente lascas de madeira, quando, no mesmo instante, estas foram atingidas por uma rajada de tiros de G-11.

Van Lewen e Race baixaram-se repentinamente, quando o segundo Jet Raider nazi saiu a rugir do meio das árvores, à esquerda deles, e foram embater na margem do rio.

A força do impacto quase fez Race saltar do assento mas ele conseguiu aguentar-se. Manteve a velocidade e inclinou-se rapidamente, para escapar à investida de uma árvore. Depois, olhou para a esquerda, tentando ver o novo atacante, e deu consigo a olhar para o cano de uma espingarda de assalto G-11.

Race desviou os olhos do cano para o rosto do homem que empunhava a arma e viu-o sorrir maldosamente, todo contente. Então aconteceu. o nazi desapareceu da sua vista, quando o Jet

Raíder embateu, a toda a velocidade, num grosso tronco de árvore e a sua mota de água explodiu numa enorme bola de fogo. Race sentia a cabeça andar à roda.

Tinha acontecido tudo tão depressa!

Era como se o tronco tivesse saltado ao caminho das duas embarcações, varrendo o nazi.

o outro nazi, o que se encontrava logo à direita deles, também se voltou, para ver a explosão. Van Lewen apanhou-o a olhar e, com um movimento ágil, de M-16 em punho, saltou para o Jet Raider do outro homem e foi aterrar em cima do selim, mesmo atrás dele.

o condutor nazi voltou-se, surpreso. No momento em que ele se voltou, Van Lewen olhou em frente, para o rio que se estendia diante de ambos, abriu muito os olhos e, com os reflexos de um gato, baixou-se, no preciso instante em que o nazi se voltava para

olhar na mesma direcção e apanhava, em cheio, com um ramo de árvore, que se aproximara deles a toda a velocidade, à altura das suas cabeças, o ramo acertou-lhe na cana do nariz e abriu caminho pela cabeça do homem, esmagando-lhe o cérebro e matando-o instantaneamente. o nazi caiu para trás, desamparado, passou sobre o corpo curvado de Van Lewen e caiu à água. Segundos depois, Van Lewen e Race, agora em jet Raiders separados, aproximavam-se da veloz mota de água de Doogie e Molke. Renée e Schroeder iam mais à frente, navegando em segurança entre as árvores.

-Estás bem, Doogie? - perguntou Van Lewen, para o microfone de garganta.

-Eu vou ficar bem. A bala entrou por um lado e saiu pelo outro - respondeu-Doogie.

Enquanto Van Luwen verificava como estava Doogie, Race manteve-se atento, a ver se via mais nazis. Não vinha mais nenhum atrás deles, por entre as árvores. Mas, pelos intervalos na cortina de troncos, à sua direita, Race viu dois ou três barcos de assalto Rigid Raiders, sulcando velozmente a superfície do rio, paralelamente a eles. No convés das duas embarcações, estavam alinhados comandos nazis armados, perscrutando a floresta alagada, à espera de voltar a vê-los sair dali.

Van Lewen disse:

-Muito bem, pessoal, oiçam com atenção. o Doogie foi atingido mas está suficientemente bem para seguir em frente. o plano é este. Vamos apoderar-nos do barco de comando, certo? E vamos fazer isso da seguinte maneira.

Quero que vocês os dois, do BKA

-disse, acenando a Renée e Schroeder - se apoderem de um daqueles Pibbers.

Para controlarmos aquele barco grande, vamos precisar do apoio de fogo pesado, o que quer dizer deitar a mão a um daqueles canhões de 20 mm. Achem que conseguem?

-Vamos tentar - respondeu Schroeder.

-Ótimo. Doogie: tu, eu e Molke vamos atrás do barco de comando. Podes fazer isso?

-Posso - respondeu Doogie, com um trejeito de dor.

-Então e eu? - perguntou Race.

-Tenho uma tarefa especial para si, Professor - disse Van Lewen. - Comonão tem treino das forças especiais, pensei que não ia querer deitar a mão a nenhum barco.

-Bem pensado.

-Pensei que, em vez disso, podia fazer de isco. -De isco?

-Quero que se ponha a correr, às voltas, o mais depressa que puder, à frente dos barcos de assalto nazis, para desviar o fogo deles, enquanto nós deitamos a mão ao barco de comando e ao Pibber. Quando nós nos apoderarmos dos dois barcos, levamo-lo para bordo do barco principal.

Race engoliu em seco.

-OK.

Enquanto dizia isto, olhou para a esquerda, para Renée. Ela devia ter visto o seu ar apreensivo e acenou com a cabeça, num gesto tranquilizador.

-Vai correr tudo bem - disse a voz dela, baixinho, no auscultador de Race.

-Obrigado - disse ele.

Depois, olhou em frente e viu que a cobertura que as árvores lhes proporcionava acabava uns cem metros adiante, num grupo de árvores parcialmente submersas.

Para além daquelas árvores, distinguia-se a luz acinzentada do dia e o rio propriamente dito.

E, no rio, estavam os nazis.

-Muito bem, pessoal - disse Van Lewen. - Olho vivo e pé ligeiro. já sabem o que têm a fazer.

Race sentiu o sangue correr-lhe mais depressa nas veias. Um segundo depois, os seis chegaram, a toda a brida, ao limite da zona protegida pelas árvores e ficaram a descoberto.

Era o que os nazis estavam à espera.

Mal emergiram do meio das árvores, Race e os outros foram recebidos por uma chuva de tiros de metralhadora, que caíram à volta deles.

-Cuidado! - gritou Doogie, baixando-se.

Mas Molke foi demasiado lento. Uma ruidosa saraiçada de balas zuniu por cima da cabeça de Doogie e foi cravar-se no corpo do soldado alemão, despedaçando-lhe o peito e fazendo Molke oscilar convulsivamente, até ser cuspidado da mota de água, que seguia a alta velocidade.

Race ficou de olhos esbugalhados, ao ver Molke ser feito em pedaços, quase ao seu lado. E abriram-se ainda mais, quando deparou com o que tinha pela frente.

Dois dos três helicópteros Mosquito que, pouco antes, tinha visto poisados nos batelões porta-helicópteros planavam agora sobre a água, mesmo à frente dele e da sua equipa, enquanto o resto da frota nazi seguia rio fora, atrás deles.

Raios partam!

Os canhões laterais dos dois helicópteros cuspiram uma chuva de mortíferas balas de 20 mm, que despedaçaram vários troncos, atrás de Race, e agitaram a água à sua volta.

-Dispersem! Dispersem! - gritou Van Lewen.

Os quatro jet Raiders tripulados por americanos e alemães afastaram-se uns dos outros: dois foram para a esquerda e dois para a direita. De repente, Race deu consigo sulcando velozmente as águas ao lado de Doogie Kennedy, que agora seguia sozinho na sua moto de água, com o ombro esquerdo ferido, coberto de sangue.

Van Lewen, Renée e Schroeder partiram à desfilada na direcção oposta, desaparecendo da vista, por trás da flotilha de barcos patrulha.

Race e Doogie abriram caminho entre os barcos nazis, descrevendo curvas a contra-curvas. Um dos Mosquitos que planavam por perto, avançou a rugir em direcção a ambos, com os canhões a cuspir fogo.

Perante o ataque, Race desviou-se para a esquerda, meteu-se entre dois batelões porta-helicópteros e acelerou. Atrás de si, as balas embatiam, produzindo faíscas, num dos lados do batelão mais próximo.

Race continuou, disparado, pela faixa de água entre os dois batelões.

Depois, abruptamente, foi dar a um espaço aberto, diante destes, e seguiu a direito, respirando fundo, ao saltar sobre a ondulação provocada pelo casco do batelão do lado direito.

Então, viu o jet Raíder de Doogie, correndo ao seu lado, exactamente à

mesma velocidade. Mas, por cima de Doogie, planava o helicóptero Mosquito e, ao lado deste, seguia um dos Pibbers dos nazis.

-Rápido, Professor! - gritou Doogie, que empunhava a pistola SIG-Sauer com a mão esquerda, coberta de sangue.

-Cubra-me! Vou abordar aquele Pibber.

-E o barco de comando? - gritou Race para o microfone.

-E o plano?

- o plano foi por água abaixo, mal saímos do meio daquelas árvores! Venha!

-Está bem!

Dizendo isto, Race sacou da sua SIG e abriu fogo contra os dois membros da tripulação nazi que se encontravam na popa do Pibber. Quando Race disparou, os dois atiraram-se ao chão e Doogie aproveitou a oportunidade para encostar rapidamente o jet Raider ao Pib e saltar para a coberta da proa.

Num espanto total, Race viu Doogie equilibrar-se sobre a cobertura da secção dianteira do Pibber e dar dois passos saltitantes à ré, dançando sobre o tecto da casa do leme da canhoneira e, depois, pular para a plataforma descoberta da popa e, com a sua M-16, fazer ir desta para melhor os dois membros da tripulação nazi.

- Salte para aqui, Professor! Preciso de si para manejar esta coisa! - disse Doogie, apontando para o canhão de 20 mm. Race manobrou sobre a superfície do rio, em direcção ao Pibber.

Abordo do Pibber, Doogie tirou uma G-1 das mãos de um dos nazis caídos e ocupou-se do leme, disparando contra o helicóptero Mosquito que os sobrevoava, sem deixar que a embarcação perdesse a velocidade alucinante a que navegava.

Race chegou junto do Pibber.

Encostou o Jet Raider ao veloz barco patrulha, tentando desesperadamente manter o controlo da mota de água, que baloiçava selvaticamente sobre a ondulação lateral provocada pelo Pibber.

Race tentava manter-se ao lado do Pibber, conduzindo, concentrado, de olhos fixos na amurada da canhoneira, que se encontrava a uns noventa centímetros de distância.

A única coisa que ele queria era deitar as mãos àquela amurada. Mas, nesse momento, uma chuva de balas embateu naquele lado do Pib - mesmo à sua frente.

Race voltou-se de imediato.

E viu outro Pibber sulcando as águas na sua direcção, com mais cinco nazis no convés.

Vinha mesmo direito a ele.

E não estava a abrandar a marcha.

Ia lançar-se contra o Pibber de Doogie, quer Race estivesse ou não no caminho!

Race voltou-se para olhar, mais uma vez, para o barco de Doogie, de olhos novamente fixos na amurada.

Salta, gritava-lhe o cérebro.

Race saltou do Jet Raider e, ainda com as pernas a baloiçar sobre a água, agarrou-se à amurada. Num instante, içou as pernas para cima, passou-as sobre a amurada, no preciso momento em

que a segunda canhoneira embatia estrondosamente contra o lado do Pibber de Doogie.

Race rolou sobre o convés. Por baixo de si, a embarcação saltava descontroladamente.

-Aqui, Professor! - gritou Doogie.

Race ainda estava deitado de bruços no convés. Olhou para cima e viu Doogie acenar-lhe, da casa do leme, no momento exacto em que, de repente, um par de botas da tropa irrompia no seu campo de visão, interpondo-se entre ele e Doogie.

Mas, no preciso momento em que as botas aterravam no convés, uma arma

disparou e o dono das botas tombou de imediato, com o rosto de olhos esbugalhados voltado para Race. Tinha um único buraco de bala, a meio da testa. Lá ao fundo, por trás do nazi morto, Race viu Doogie, empunhando uma G-11, com o braço direito.

Santo Deus, pensou Race, quando viu o segundo Pibber encostar-se à amurada do seu barco e os quatro nazis, alinhados no convés, prepararem-se para saltar para a sua embarcação.

Deu meia volta, olhou para o lado oposto e viu aproximar-se um dos batelões porta-helicópteros, que lhes cortava a fuga, encurralando-os.

«Isto não está nada bom», disse para consigo. Era óbvio que Doogie estava a pensar o mesmo.

Doogie virou o Pibber deles para a esquerda, batendo com toda a força no barco nazi, o que fez perder momentaneamente o equilíbrio aos comandos que se encontravam alinhados no seu convés, ganhando assim os segundos preciosos de que precisava para erguer a G-11 e disparar.

Mas não disparou contra o convés do Pibber dos nazis, em especial porque não dispunha do tempo suficiente para fazer girar a arma para aquele lado. Em vez disso, apontou-a para a proa da embarcação dos nazis, onde não havia ninguém.

- o que é que está a fazer? - gritou Race. A G-11 de Doogie entrou em actividade. Uma rajada de talvez duas dúzias de tiros. Instantaneamente, começaram a chover faíscas à volta da âncora da proa do Pibber dos nazis.

Depois, de repente - zás! - a pequena argola metálica que segurava no seu lugar a âncora do Pibber foi atingida pelo fogo de Doogie, saltou do convés e foi cair ao lado da proa do Pibber, mergulhando na água que corria por baixo deste. Num instante, a corda de nylon da âncora saltava borda fora. Os quatro nazis que se encontravam no Pibber viram a âncora cair e, de G-11 apontadas, voltaram-se para enfrentar Doogie e Race.

E foi então que aconteceu.

Race nunca chegou a saber se a âncora tinha batido apenas na raiz de uma árvore ou num diabo de uma árvore totalmente submersa: fosse o que fosse era qualquer coisa muito grande.

Bem podia ter sido um terrível e forte monstro marinho, que se tivesse atravessado no caminho da âncora do Pibber. Porque, no curto espaço de um medonho instante, o Pibber dos nazis passou de cerca de sessenta e cinco milhas marítimas por hora a zero e a embarcação pareceu querer devorar-se a si mesma, com a ré sobre a quilha, ao mesmo tempo que a proa era cuspida para a água.

A popa saiu disparada do meio das ondas e todo o barco pareceu descrever um desajeitado salto mortal lateral, agitando-se no ar, abatendo-se sobre a cobertura da casa do leme, caindo com enorme estrépito na água.

Race voltou-se, para ver o barco dos nazis, virado, mergulhar, por trás deles, afundando-se lentamente.

Leonardo Van Lewen fazia deslizar o seu jet Raider, metendo-se pelo meio da flotilha nazi, afastando-se de seguida, mal tocando na superfície do rio, de cada vez que desaparecia e reaparecia por trás dos batelões porta-helicópteros, por trás dos Pibbers, por trás dos Rigid Raiders.

À sua volta choviam balas, enquanto ele tentava desesperadamente avançar mais depressa do que o barco de assalto Rigid Raider e do que o helicóptero de combate Mosquito, que não paravam de o acoessar.

Estranhamente, a bordo do Rigid Raider que o perseguia vinha só um nazi.

Era o mesmo barco contra o qual ele tinha disparado, um pouco antes, matando todos os seus ocupantes menos um.

Verdade seja dita, Van Lewen não se ralava muito com o barco nem com o helicóptero que lhe vinham na peugada. Só tinha olhos para a embarcação que seguia uns cinquenta metros à sua frente.

o grande catamarã branco.

o barco de comando dos nazis.

Uns vinte metros atrás de Van Lewen, o tripulante solitário do Rigid Raider

disparava freneticamente contra a mota de água do

soldado americano e as suas balas caíam por todo o lado, enquanto ele ia fazendo o seu barco de assalto correr que nem um louco. Então.

abruptamente, o homem que ia ao leme ouviu um ruído atrás de si e voltou-se, mesmo a tempo de ver o punho de Karl Schroeder avançar para a sua cara. Renée Becker puxava o mais possível pelo seu Jet Raider. Os pequenos jactos de água que lhe batiam na cara pareciam agulhas.

Mesmo à sua esquerda, Renée viu Schroeder pegar no leme do Rigid Raider para onde tinha acabado de saltar e fazer-lhe sinal, erguendo o polegar. Depois de ter a certeza de que ele assumira o controlo do barco nazi, Renée esforçou ainda mais o motor da sua mota de água e colocou-se à frente do Rigid Raider, usando-o como escudo contra o helicóptero que os sobrevoava, enquanto ia ter com Van Lewen, para o ajudar na perseguição ao barco de comando.

o grande barco de comando dos nazis corria à desfilada sobre o rio, à cabeça da frota.

Uns seis nazis estavam alinhados na amurada da popa, por baixo das pás do helicóptero branco poisado no convés da embarcação, disparando contra Van Lewen.

Mas o corpulento Boina Verde foi fazendo correr o seu Jet Raider em ziguezague, baixando-se para escapar às balas, até que, de repente, sem aviso prévio, apareceu mesmo a ré do barco de comando, vindo detrás de um dos batelões porta-helicópteros.

A coberto do batelão, Van Lewen ganhou velocidade, ultrapassando-o gradualmente, com o seu manobrável Jet Raider.

Em poucos segundos, chegou à proa do batelão e, então, respirou fundo uma última vez.

Em seguida, quando ficou pronto, girou os comandos o mais possível para a esquerda.

Como um caça a jacto atrás da sua presa, o Jet Raider de Van Lewen contornou velozmente a proa do batelão e colocou-se atrás do grande barco de comando de quilha dupla.

Os nazis que se encontravam na popa do enorme catamarã abriram de imediato fogo contra ele mas, para espanto de Van Lewen, foram subitamente obrigados a baixar-se devido ao aparecimento do jet Raider de Renée, que, aos gritos, abriu fogo cerrado sobre eles com a sua M-16, ao mesmo tempo que deslizava sobre a água.

Aproveitando o facto de os nazis estarem acorados, os dois saltaram em voo para baixo da parte central do catamarã, que parecia uma ponte, disparando para a zona de sombra entre as duas quilhas de quarenta e cinco metros!

Os dois jet Raiders, arremessados para a frente, por entre a escuridão que reinava por baixo do catamarã, em breve chegavam à proa do barco.

Van Lewen aproximou-se da quilha do lado direito. Renée acostou à do lado esquerdo. Depois, ficou a ver Van Lewen estender as mãos acima da cabeça, agarrar-se à amurada, içar-se para a proa do barco de comando e, depois, desaparecer da sua vista.

Um segundo mais tarde, respirando fundo, Renée estendeu as mãos para a amurada do lado esquerdo e começou a subir para bordo.

Uma forte ventania bateu-lhe no rosto, quando emergiu das sombras da parte de baixo do catamarã e se pôs de pé sobre a proa do lado esquerdo.

Renée viu Van Lewen, na outra proa, a uns quinze metros de distância, empunhando a M-16, pronta a disparar.

o barco de comando seguia à frente da frota e, por isso, os nazis não tinham obviamente esperado que alguém os abordasse pela frente e não tinham destacado comandos para ali.

Pelo menos por enquanto.

Renée observou bem o catamarã. Era grande, muito grande mesmo. A superestrutura montada no topo das duas enormes quilhas era extremamente

macia e aerodinâmica até mais não. Era composta por dois níveis, cujos interiores não eram visíveis devido aos vidros especiais das janelas inclinadas. Em cada um dos flancos da grande embarcação, havia um corredor lateral amplo.

-E agora? - gritou Renée.

-Tomamos o barco e aguentamo-lo até à chegada dos hélis!

-respondeu Van Lewen, também aos gritos.

-E o ídolo? Se não conseguirmos tomar o barco, devíamos, pelo menos, tentar deitar a mão ao...

Nesse instante, dois comandos nazis apareceram a correr, vindos da passagem de bombordo, com as G-11 a cuspir fogo. Mas estavam a disparar de uma zona inclinada e os tiros eram demasiado altos. Van Lewen só teve que mover um pouco a M-16 e fazer pontaria: os dois caíram, atingidos por dois disparos certos.

O que é que disse? - gritou, dirigindo-se a Renée. -Não interessa - respondeu esta. - Avance! Eu cubro-o. E, dito isto, Van Lewen e Renée avançaram pela passagem de estibordo.

Race e Doogie quase voavam sobre a água, no seu barco patrulha Pibber.

Um dos helicópteros de combate Mosquito, que planava sobre o barco em que seguiam à desfilada, disparava sobre eles, lá do alto e, de vez em quando, dava uma volta e voava novamente para trás, para disparar directamente sobre eles. Até chegara a abrir uma das portas laterais, de onde um comando nazi disparou contra eles a sua G-11.

Do lado direito, seguia um dos batelões porta-helicópteros, encurralando-os e impedindo-lhes a fuga por aquele lado. Enquanto conduzia, Doogie ia disparando a sua G-1 contra o helicóptero.

Tentava em vão chegar ao canhão dianteiro do Pibber onde se encontrava mas o fogo sem tréguas do helicóptero mantinha-o preso à casa do leme.

-Raios partam isto, não consigo chegar lá! - gritou, enquanto o Mosquitovoltava a mover-se rapidamente por cima deles e, ao rugido dos rotores, se seguia o impacto de perto de um milhão de disparos, capazes de perfurar armaduras, que bateram na cobertura da casa do leme.

-Temos que fazer qualquer coisa àquele héli! - gritou Race.

-Eu sei, eu sei - gritou Doogie, em resposta. - Depressa, Professor! Vá láa baixo e veja se encontra granadas ou qualquer coisa do género.

Race obedeceu de imediato, abriu a escotilha da frente da casa do leme e desceu para o interior da canhoneira.

Foi dar a um pequeno compartimento austero, de paredes cinzento metálico.

Ao longo das paredes inclinadas, estavam alinhados redes e caixotes de madeira. No centro do compartimento, viu um objecto cinzento que parecia uma caixa. Tinha uns noventa centímetros de altura e outros tantos de largura, mais ou menos o tamanho de uma mesa de cartas, e, à primeira vista, Race pensou que era apenas mais um caixote, uma espécie de contentor de munições ou algo parecido.

Mas não era nenhum caixote, nem um contentor. Olhando com mais atenção, Race viu que estava preso ao chão.

Então, percebeu: era uma escotilha de mergulho. No Vietname, as forças especiais e os SEAL preferiam usar os Pibbers em vez de quaisquer outros barcos patrulha, porque só eles tinham aquelas escotilhas especiais nos cascos. Saindo por elas, os homens-rãs podiam entrar na água, sem que o inimigo se apercebesse que fora ludibriado.

Race começou rapidamente a passar busca às prateleiras, tentando encontrar armas.

A primeira coisa que encontrou foi um pequeno caixote de granadas de mão anti-pessoais L2A2, de fabrico britânico. A segunda coisa foi uma caixa Kevlar, com algumas palavras escritas num dos lados, em inglês:

PROPRIEDADE DO EXÉRCITO DOS ESTADOS UNIDOS MATERIAL BÉLICO 56-005/C/DARPA
6 X CARGAS M-22

Race abriu a caixa e viu seis frascos de laboratório de crómio e plástico,

de aspecto futurista, muito bem arrumadinhos em divisórias individuais, forradas a espuma. Os frascos eram bastante

pequenos, mais ou menos do tamanho de uma embalagem de batom, e estavam todos cheios de um estranho líquido âmbar lustroso.

Race encolheu os ombros, pegou na caixa Kevlar, meteu-a no caixote das granadas normais e levou tudo para a casa do leme. -Ah, Professor - disse Doogie, quando viu a caixa Kevlar.

-Eu... hum... se fosse a si, não lançava essas meninas.

-Porquê?

-Porque também nos matava a nós.

- o quê?

-São M-22. Cargas explosivas de alta temperatura. É uma merda muito séria. Olhe para o líquido âmbar que têm lá dentro. É líquido isotópico de cloro. Uma onça dessa coisa e desintegra-se tudo o que existir num raio de mais de sessenta metros, nós incluídos. Devem ter sido estes sacanas destes nazis quem roubou a tal remessa de M-22 daquele camião, em Baltimore, há uns anos atrás.

-Oh - disse Race.

-Não precisamos de um poder de fogo dessa ordem - disse Doogie, sorrindo, ao mesmo tempo que pegava numa granada de mão mais convencional, uma L2A2.

-É disto que nós precisamos.

Menos de um minuto depois, o Mosquito voltou a passar sobre eles, crivando os costados do Pibber de buracos de bala. Mas, desta vez, enquanto o helicóptero disparava lá do alto, Doogie arrancou a cavilha da granada e atirou-a, como quem faz uma jogada de baseball, para a porta lateral aberta do héli.

A granada voou que nem um míssil e, depois, desapareceu no interior do Mosquito.

Um segundo mais tarde, a fuselagem do Mosquito explodia e o pequeno helicóptero de combate dava um salto incrível para a frente, girando sobre si mesmo e explodindo em chamas, antes de aterrar de nariz na água, que parecia correr para ele, a uma velocidade assustadora.

-Belo lançamento - comentou Race.

Van Lewen e Renée correram pelo corredor do barco de comando, com as M-16 firmemente apoiadas nos ombros. Movimentavam-se com rapidez, apontando as armas ora para

um lado ora para outro, até que, de repente, foram dar a um espaço aberto, a plataforma de aterragem da popa do grande catamarã.

Van Lewen viu imediatamente o héli branco Bell Jet Ranger, poisado na plataforma, e, ao lado deste, o respectivo piloto.

o homem também os viu logo e sacou da arma. Van Lewen derrubou-o, virou à direita e deu de caras com um grupo de seis comandos nazis, que tinham aparecido a correr, vindos do interior do catamarã, com as G-11 a cuspir fogo.

As balas da super-metralhadora voaram à volta de Van Lewen e Renée, varrendo o convés, despedaçando a madeira da amurada, por trás deles.

Van Lewen baixou-se e viu Renée atirar-se ao chão, a coberto da esquina de onde ambos tinham vindo.

Mas ele tinha avançado demasiado.

Olhou para os nazis que se aproximavam. Encontravam-se a uns quinze metros de distância, com as suas metralhadoras futuristas cuspidas uma chuva de balas e, perante aquele assalto, sem ter absolutamente mais nada a que pudesse recorrer, Leo Van Lewen fez a única coisa de que conseguiu lembrar-se.

Saltou por cima da amurada.

Ao leme do seu Rigid Raider, correndo à desfilada atrás do barco de comando, Karl Schroeder assistiu, horrorizado, ao salto de Van Lewen por cima da amurada do enorme catamarã.

Mas Schroeder não teve tempo para ficar embasbacado. Nesse instante, uma

saraivada de disparos tombou à sua volta e dois Rigid Raiders; nazis caíram sobre ele, alvejando os flancos da sua embarcação e obrigando-o a atirar-se ao chão, para escapar às balas.

Embateu no chão com toda a força e olhou de imediato em torno de si, à procura de qualquer coisa que lhe pudesse ser útil para lutar contra os dois Rigid Raiders.

A primeira coisa que viu foi uma G- 11, caída no chão, ao lado de uma caixa Kevlar. Nada mau.

Mas, então, viu outra coisa, atrás da G-11. E franziu o sobrolho.

Van Lewen descreveu um arco, no ar, e ficou à espera do impacto com a água do rio.

Mas este não se deu.

o sargento americano aterrou em cima de qualquer coisa dura, de qualquer coisa sólida, que parecia plástico ou fibra de vidro. Olhou em volta e viu que se encontrava deitado no convés da

lança de corrida Scarab, que ia amarrada ao lado esquerdo da amurada do barco de comando.

Menos de um segundo depois, três comandos nazis, de G-11 em punho, saltaram por cima da amurada do barco e fizeram pontaria para a cana do seu nariz.

Nesse momento, quando os fitou nos olhos, Van Lewen apercebeu-se de que a sua luta chegara ao fim.

Os três nazis premiram os gatilhos das armas.

A princípio, Schroeder não compreendeu do que se tratava. Era um dispositivo estranho, do tamanho aproximado de uma mochila, com uma forma mais ou menos rectangular e com uma série de mostradores com escalas numeradas, com medidas em quilohertz, megahertz e gigahertz.

Escalas de frequências... Então, percebeu o que era.

o gerador de impulsos dos nazis, o dispositivo de que estes se tinham servido, quando tinham chegado a Vilcafor, para neutralizar o sistema de comunicações dos americanos.

Colada à parte da frente do aparelho estava um bocado de fita isolante cinzenta, com as seguintes palavras, escritas em alemão: AVISO!

NÃO UTILIZAR o IEM A NÍVEIS ACIMA DOS 1.2 GHz.

Ao ver a sigla «IEM», Schroeder ficou de olhos esbugalhados. Deus do céu.

Um gerador de impulsos electromagnéticos.

Os nazis tinham um gerador de impulsos electromagnéticos. Mas porque seria que tinham fixado o nível máximo dos impulsos nos 1.2 gigahertz?

Então, de repente, fez-se luz no seu espírito.

Schroeder pegou na G- 11 que se encontrava por perto e olhou para as especificações marcadas no corpo da arma.

HECKLER KOCH, DEUTSCHLAND -50 V33 MV. 920 CM 1.25 GHz

Nos centésimos de segundo durante os quais a sua mente reflectiu, Schroeder lembrou-se da teoria dos impulsos electromagnéticos: o IEM neutralizava tudo quanto tivesse um microprocessador: computadores, transmissores de rádio, televisores.

Sendo assim, pensou Schroeder, também podia neutralizar as G-11, as únicas armas do mundo equipadas com um microprocessador, a única metralhadora suficientemente complexa para precisar de ter um.

Os nazis não queriam que os seus homens utilizassem frequências demasiado elevadas no IEM porque, se tal acontecesse, o impulso electromagnético tornava inoperantes as suas G-1 1.

Schroeder sorriu.

E, então, exactamente no mesmo momento em que, deitado de costas, no convés do Scarab, Van Lewen olhava para os canos das metralhadoras G- 11 empunhadas pelos nazis, Karl Schroeder carregou no botão do gerador de impulsos e colocou o indicador deste nos 1.3.

Clique. Clique. Clique.

o olhar de resignação de Van Lewen transformou-se num olhar de espanto

absoluto, quando as três G-11 apontadas à sua cabeça não dispararam. Os nazis pareciam ainda mais espantados. Não faziam a mínima ideia de que diabo estava a passar-se. Van Lewen não perdeu tempo. No espaço de um segundo, tinha a M-16 numa das mãos e a SIG-Sauer na outra. Premiu os dois gatilhos em simultâneo. E as duas armas cuspiram fogo.

As cabeças dos três nazis explodiram em jactos de sangue e eles caíram ruidosamente para trás, contra a amurada.

As balas silvavam sobre a amurada, fazendo ricochete nas mais variadas direcções e uma delas cortou a corda que prendia o Scarab ao barco de comando.

A lancha de corrida afastou-se imediatamente do grande catamarã. Os nazis que se encontravam a bordo do barco de comando, segurando nas mãos G-11 agora inúteis, tiveram que se resignar a ficar a ver o Scarab distanciar-se, deslizando sobre as águas,

Do outro lado do rio, sentado na cadeira giratória, diante do canhão do seu Pibber, Doogie Kennedy fazia estragos indescritíveis com o canhão de cano duplo de 20 mm do barco patrulha.

Voltou o canhão e fê-lo cuspir uma saraivada de fogo, que transformou em queijo suíço um dos Rigid Raiders que corriam sobre o rio, à sua esquerda. Em seguida, lançou os olhos para um dos batelões porta-helicópteros que seguiam à sua frente, para aquele onde estava poisado um helicóptero Mosquito, e crivou o batelão de balas de 20 mm, perfurando-lhe os depósitos de combustível. Batelão e helicóptero transformaram-se numa única bola de fogo.

-Tomem lá esta, seus filhos da puta nazis!

Três metros atrás de Doogie, na casa do leme do Pibber, Race puxava pela embarcação e, ao mesmo tempo, ia observando o rio. Nesse momento, o terceiro e último helicóptero de combate

Mosquito sobrevoou-os a baixa altitude, com os canhões laterais a cuspir fogo. Race não perdeu tempo e atirou-se ao chão. Na parte da frente do convés, Doogie virou o canhão e disparou uma rajada ensurdecadora de balas de 20 mm contra o helicóptero mas o Mosquito afastou-se velozmente e os projecteis luminosos disparados por Doogie perderem-se no ar.

Foi então que Race viu outra canhoneira Pibber, que navegava ameaçadoramente, atrás deles.

Mas não havia nazis armados junto à amurada e os seus canhões de 20 mm estavam silenciosos.

A embarcação foi mantendo a distância, navegando calmamente, pelo menos a uns trezentos metros deles.

Então, Race viu sair da nacelle suspensa um jacto de fumo, de imediato seguido por qualquer coisa comprida e branca, que saltou da nacelle para a água.

-Aquela coisa seria aquilo que eu estou a pensar? - disse Race, no preciso momento em que, vindo detrás do barco deles, surgiu outro Rigid Raider dos nazis, que se meteu entre eles e o Pibber que tinha acabado de lançar o tal objecto estranho da sua nacelle suspensa.

No convés do Rigid Raider, estavam quatro nazis, que dispararam contra Race e Doogie, com pistolas Beretta.

Então, de repente, tão de repente que Race até deu um salto, o Rigid Raider entre os dois Pibbers explodiu.

Sem aviso prévio. Sem causa aparente.

o barco de assalto, de casco alongado, foi pelos ares, num jacto de fumo, água e metal contorcido.

Sem causa aparente, pensou Race, a não ser o objecto que o outro Pibber tinha acabado de lançar da sua nacelle suspensa. Race e Doogie chegaram à mesma conclusão, ao mesmo tempo.

-Torpedos... - disseram os dois, trocando um olhar. Enquanto pronunciavam a palavra, a nacelle suspensa do Pibber nazi cuspiu outro jacto de fumo e um novo torpedo branco e alongado tombou na água e seguiu em frente, a uma velocidade incrível, em direcção ao barco deles.

-Oh, oh - disse Doogie, mal podendo respirar. Race carregou no acelerador do Pibber.

O torpedo corria sobre a água.

A toda a velocidade, Race conduziu o Pibber para o mais longe possível dele, girando para a direita, na direcção do resto da frota, na esperança de conseguir interpor outra embarcação entre eles e o torpedo.

Mas não serviu de nada,

Os dois barcos mais próximos deles eram os dois batelões porta-helicópteros que ainda restavam, o que arrastava atrás de si

o hidroavião Grumman JRF-5 Goose, imediatamente à direita, e o outro, que seguia um pouco à frente, do lado esquerdo.

As plataformas de aterragem dos dois batelões e as suas amplas pistas sem amuradas estavam vazias.

Race esforçou ainda mais o motor.

o Pibber saltou em frente, disparado, embateu numa onda solitária, deu um grande salto no ar e, depois, guinou subitamente, voltou a descer e chocou com toda a força com a água.

-Professor! - gritou Doogie. - Tem dez segundos para fazer qualquer coisa. Dez segundos, pensou Race. Merda.

A visão do batelão porta-helicópteros, à sua esquerda, deu-lhe uma ideia e correu em direcção a ele.

Oito segundos.

o Pibber galgava, disparado, a distância de uns trinta metros que o separava do batelão, comprido e plano.

Os olhos de Race estavam grudados ao batelão. Pouco mais era do que uma plataforma de aterragem sobre a água, apenas uma superfície plana para aterragem de helicópteros, que flutuava a pouco mais de noventa centímetros acima da linha de água, com uma pequena casa do leme envidraçada na proa. Seis segundos.

De súbito, Race fez rodar completamente o volante para bombordo e o Pibber descreveu uma curva sobre a água, inclinando-se para a esquerda, galgou rapidamente as ondas, dando vários saltos no ar, enquanto continuava a dirigir-se, a uma velocidade perigosa, para o batelão porta-helicópteros. Cinco segundos,

o torpedo aproximava-se. Quatro segundos.

- o que é que está a fazer? - gritou Doogie. Três.

Race carregou no acelerador, fazendo-o tocar no fundo. Dois.

Lançado numa rota de colisão com o flanco estibordo do batelão, o Pibber mal tocava na água.

Então, de repente, o Pibber embateu numa onda e ergueu-se no ar, que nem um automóvel conduzido por um duplo de cinema, ao saltar de uma ribanceira.

Na sua veloz correria, a canhoneira saiu por completo da água, com as hélices a rasgar o ar, lá atrás, literalmente a voar, até o seu casco aterrar na plataforma vazia do batelão, com um rangido de fazer arrepiar a pele.

Mas o Pibber continuava lançado a grande velocidade e, com uma chiadeira capaz de rebentar com os tímpanos a qualquer um, o barco patrulha deslizou sobre o convés de aterragem vazio, lançando chispas enquanto seguia por ali fora. Então - bumba! o Pibber galgou o extremo esquerdo do batelão e caiu ruidosamente à água, do outro lado. Quando as suas hélices voltaram a encontrar água, a embarcação seguiu em frente, afastando-se do batelão porta-helicópteros, no momento exacto em que o torpedo atingia o infeliz batelão e explodia.

o corpo do batelão rebentou com estrondo. Pedacos de aço retorcidos, peças encurvadas do casco e milhares de estilhaços de vidro foram pelos ares,

quando o batelão explodiu devido ao impacto do torpedo.

-Huáu! - gritou Doogie, que continuava no bancojunto ao canhão. - Quegrande voo!

Com a respiração suspensa, Race olhava para a extensão do rio atrás deles, enquanto pedaços do batelão destruído choviam sobre a casa do leme onde se encontrava.

-Uff - disse ele.

Renée Becker esgueirou-se por uma porta lateral do barco de comando e avançou cautelosamente pelo estreito corredor, iluminado por uma luz branca.

Escondeu-se num cubículo, quando uma porta à sua frente se abriu de repente e apareceram dois nazis, que passaram por ela, apressados, empunhando pistolas. Um deles disse:

-Eles estão a usar o nosso IEM contra nós.

E os dois seguiram corredor adiante, sem terem dado pela presença dela.

Renée não perdeu tempo. o interior do catamarã era luxuoso até mais não: paredes brancas, painéis de madeira escura e opulentas carpetes azuis.

Mas isso não lhe interessava.

o seu objectivo era bem preciso. o ídolo.

Depois de ter saltado da água e voado sobre a plataforma de aterragem do batelão, o Pibber de Race e Doogie tinha voltado a sulcar a superfície do rio e Doogie disparava o canhão contra o último helicóptero Mosquito, que zunia selvaticamente sobre as suas cabeças.

Mas o Mosquito era demasiado rápido, demasiado ágil. Escapou-se às balas, com toda a facilidade, até que o canhão de 20 mm de Doogie ficou sem munições e começou a disparar em seco.

-Ah, merda - disse Doogie, franzindo o sobrolho.

Saltou rapidamente do banco de controlo do canhão, pegou na G-11 e foi ter com Race à casa do leme.

-Temos que apanhar aquele helicóptero - disse. - Enquanto ele andar lá por cima, não temos hipótese de vencer estes gajos. O que é que sugere?

Doogie indicou com a cabeça o último dos batelões porta-helicópteros, que seguia rio abaixo, a uns cinquenta metros à direita deles, o batelão que levava a reboque o hidroavião Grummann Goose.

-Sugiro que vamos dar uma volta lá por cima, naquela coisa.

Segundos depois, o Pibber de Race e Doogie encostava ao lado do batelão porta-helicópteros.

Os dois barcos tocaram-se por um momento e Doogie saltou para a plataforma de aterragem do batelão,

-Muito bem, Professor! - gritou. - Agora é a sua vez! Race concordou, comum aceno de cabeça, e largou o leme do Pibber, no momento exacto em que este era selvaticamente abalado por um tremendo impacto.

Race caiu no convés e olhou para cima, mesmo a tempo de ver um dos dois Pibbers que ainda restavam, abordar a amurada esquerda do seu barco.

No batelão porta-helicópteros, à direita dos dois Pibbers, Doogie apontou a G-11 e premiu o gatilho... mas a arma não cuspiu fogo.

-Raios partam! Merda! - gritou Doogie, ao ver Race e o outro Pibber afastarem-se do batelão.

Aquilo era o inferno, pensou Race.

À sua volta choviam balas, quando os nazis a bordo do outro Pibber, abriram fogo contra a casa do leme, com pistolas de curto alcance.

O pára-brisas dianteiro do seu Pib foi estilhaçado e milhares de pedacinhos de vidro aterraram-lhe em cima.

Então, de repente, sentiu novo abanão, quando o segundo Pibber embateu na amurada de bombordo da sua embarcação. Olhou em redor e viu o Pibber dos nazis, navegando lado a lado com o seu, viu quatro comandos no convés da popa, de Berettas em punho, preparando-se para abordar o seu Pib e para o matar.

Voltou-se, olhou para o lado oposto e viu que, nesse momento, a distância que separava a sua embarcação do batelão porta-helicópteros onde se encontrava Doogie era de, pelo menos, trinta metros. Demasiado longe. Agora, estava por conta própria. Empunhou a SIG.

Quais são as opções, Wili? Não há muitas.

O primeiro nazi saltou para o Pibber de Race.

Race girou sobre si mesmo instantaneamente e atirou-se pelo pára-brisas quebrado do seu barco, indo parar lá acima, à coberta da proa, no instante exacto em que o nazi disparava a pistola e as balas iam cravar-se no caixilho do pára-brisas, a poucos centímetros da cabeça de Race.

Race rastejou sobre a coberta da proa do Pibber, para fora da linha de fogo, pelo menos de momento.

Ouviu o som dos saltos de mais nazis para o convés do seu barco.

Merda. Olhou à ré e viu as cabeças dos quatro comandos nazis, que avançavam para ele. Instintivamente, rolou sobre si mesmo, afastando-se deles mas, de repente, as suas costas bateram em qualquer coisa.

Race voltou-se.

Era a âncora do Pibber.

Os nazis continuavam a avançar. Faz qualquer coisa!

Está bem...

Race apontou a SIG-Sauer à corda da âncora e disparou.

A bala cortou a corda, mesmo por cima da âncora e, uma vez liberto, aquele peso de aço inoxidável desabou sobre o convés. Então, Race tirou o boné e agarrou-o firmemente entre os dentes.

O primeiro nazi a chegar à casa do leme ergueu a Beretta e disparou.

Race rolou para escapar à bala e, ao mesmo tempo, agarrou-se à corda da âncora. Depois, sem pensar duas vezes, rolou rapidamente pela coberta da proa, em direcção à proa do barco.

Enquanto Race rolava, o aço da coberta da proa ia ficando crivado de buracos de bala mas estas falharam sempre o alvo. Porque, no momento exacto em que os quatro nazis entravam na casa do leme do Pibber, William Race içava o corpo sobre a proa do barco patrulha e lançava-se à água, que corria veloz, lá em baixo.

Race caiu na água de costas.

O seu corpo projectou um jacto espectacular de espuma, enquanto fazia ricochete, com toda a força, sobre a superfície deslizante, arrastado sobre ela a uma velocidade alucinante, tentando sempre não largar a corda da âncora. De vez em quando, enquanto sulcava a água, o seu corpo saltava por cima de uma onda e batia contra a parede lateral da proa do Pibber.

Race mordeu com força a pala do boné, segurando-se à corda, com quantas forças tinha.

Foi uma corrida árdua, que lhe magoou o corpo, que o espancou, deixando-o cheio de marcas. Mas Race sabia que, se não fizesse uma última coisa, a situação se tornaria ainda pior.

Ouviu o som das pesadas passadas das botas dos nazis, lá em cima, na coberta da proa. Se eles o vissem ali, pendurado na corda, por baixo da proa, era um homem morto. Abatiam-no, ali mesmo.

Vá lá, wili!

Está bem, pensou. Vamos a isso.

Race esticou o corpo contra as ondas, que deslizavam por baixo de si, fechou os olhos, para os proteger dos jactos de água que lhe

batiam na cara. Depois, ajustou a posição das mãos que agarravam a corda e retesou os músculos, todos ao mesmo tempo.

Em seguida, deixou-se mergulhar na água, por baixo da proa do Pibber, que corria à desfilada.

Primeiro as pernas.

Depois a cintura, o estômago, o peito.

Lentamente, os seus ombros foram descendo, seguidos pelo pescoço.

Então, respirou fundo, encheu os pulmões de ar e mergulhou a cabeça. o mundo tornou-se subitamente silencioso.

Não se ouvia o rugido dos motores fora-de-borda, nem as pás dos helicópteros, nem os disparos de armas automáticas. Só o eco constante e vibrante dos motores dos barcos, que penetravam o espectro aquático. o casco cinzento e inclinado do Pibber enchia o campo de visão de Race. Pequenas manchas sabe-se lá de quê passavam junto ao seu rosto a milhares de quilómetros à hora, desaparecendo depois naquela tenebrosa escuridão verde que se estendia sob os seus pés.

Lentamente, deliberadamente, à força de pulso, Race foi descendo pela corda da âncora, ao longo da quilha do Pibber, sustendo a respiração, sem nunca largar o boné que levava entre os dentes.

Tinha descido até mais ou menos um terço da altura da quilha, quando avistou a primeira forma reptilínea por entre a escuridão que o rodeava. Um caimão.

Nadava ao lado do Pibber, com a boca de dentes aguçados bem aberta, avançando maldosamente para os ténis de Race, em movimentos rápidos e sinuosos.

Race encolheu as pernas no momento exacto em que as fauces do caimão batiam uma na outra, abocanhando apenas água. Incapaz de acompanhar a velocidade do Pibber, o enorme réptil mergulhou na escuridão, sem ter apanhado a sua presa.

Race precisava desesperadamente de ar. Os pulmões pareciam querer rebentar e sentiu um vômito subir-lhe à garganta. Acelerou a descida ao longo da corda e, finalmente, encontrou aquilo que procurava.

A escotilha de mergulho. Yes!

Estendeu a mão para a escotilha, empurrou-a para cima com o punho e fez saltar a tampa interior. Depois enfiou a cabeça pela abertura.

A cabeça de Race chegou à superfície no interior da cabina inferior do Pibber.

Cuspiu rapidamente o boné dos Yankees e sorveu todo o ar que conseguiu engolir.

Em seguida, depois de ter normalizado a respiração, içou-se pela escotilha e deixou-se cair de qualquer maneira no chão da cabina. Doía-lhe o corpo, que ficara coberto de equimoses, e estava absolutamente esgotado. Mas sentia-se contente que nem um rato por ainda estar vivo.

Doogie Kennedy correu pelo convés aberto do último batelão porta-helicópteros, perseguido pelas faúlhas das balas que caíam no convés. Mal vira Race mergulhar por baixo da proa do Pibber tinha aberto fogo contra os quatro nazis que se encontravam na casa do leme. Agora, eles estavam a disparar contra ele, enquanto ele tentava alcançar o hidroavião que o batelão porta-helicópteros rebocava.

Chegou ao fundo da popa do batelão e, rapidamente, desatou a corda que prendia o Goose.

Em seguida, saltou sobre a proa do hidroavião e abriu a pequena escotilha de entrada, situada no topo do nariz deste. Meteu a cabeça para dentro da escotilha e, alguns segundos depois já se encontrava de pé no cockpit do avião,

Doogie carregou no interruptor da ignição e as duas hélices montadas nas asas do Goose começaram logo a girar, a princípio numa rotação lenta, depois passando bruscamente a descrever círculos muito rápidos.

o hidroavião afastou-se do batelão porta-helicópteros, perseguido pelas balas dos nazis, que embatiam no seu casco.

Em resposta, Doogie fez o Goose descrever uma curva sobre a superfície do rio, apontando-o na direcção do convés do Pibber de onde saíra ainda não havia muito.

Em seguida, carregou no gatilho da alavanca de comando. Instantaneamente, uma rajada ensurdecadora de tiros de canhão ligeiro de 20 mm saltou do

Gaffing montado num dos lados do Goose.

Três dos nazis que se encontravam no Pibber tombaram de imediato, atingidos no peito pelo potente fogo do Goose.

o quarto também caiu mas por iniciativa própria, para se afastar da linha de fogo,

-Adoro estas armas de 20 milímetros - disse Doogie.

No Pibber, Race estava parado atrás da pequena porta metálica que ia dar novamente à casa do leme, quando os tiros de canhão disparados por Doogie começaram a atingir o barco.

Quando, finalmente, o fogo cessou, Race espreitou para o outro lado da porta e viu que, dos quatro nazis iniciais, só um estava ainda vivo. Estava deitado no convés do Pibber, a recarregar a Beretta.

Era a sua oportunidade.

Race demorou um instante a acalmar os nervos. Depois, escancarou a porta, apontou a SIG-Sauer ao atônito nazi e premiu o gatilho.

Clique! o indicador da SIG saltou para a posição de vazio. Estava sem balas!

Enraivecido, Race atirou a pistola para o chão e, ao ver o nazi meter mais cartuchos na sua pistola, fez a única coisa que lhe passou pela cabeça fazer.

Deu três passos hesitantes em frente e atirou-se a ele.

o embate foi forte e os dois homens rolaram pelo convés do Pibber, que continuava lançado a grande velocidade, em direcção à popa.

Puseram-se de pé e o nazi lançou o punho esquerdo contra a cara de Race mas Race baixou-se e o punho passou-lhe por cima da cabeça.

No instante imediato, Race atirava-se à cara do comando e atingia-o com uma forte estocada da mão direita. o murro atingiu

o alvo e o nazi vacilou sob o golpe e a sua cabeça descaiu para trás.

Race voltou a bater, uma vez e outra, e mais outra, gritando a cada pancada... e o nazi ia recuando, cambaleante.

-Sai... Murro. -... do... Murro.

-... meu...

Murro. -... barco!

Com o golpe final, o nazi embateu na amurada da popa do Pibber e saltou por cima dela, caindo ruidosamente da traseira do barco.

Com o peito a arfar e os nós dos dedos a sangrar, Race olhou para o sítio onde o nazi tinha caído e engoliu em seco. Instantes depois, viu o já familiar ondear da água, em círculos que convergiam para o soldado e voltou-se, quando o nazi começou a gritar.

Renée caminhava cautelosamente por um estreito corredor do barco de comando, de arma apontada, quando, de repente, ouviu vozes vindas de uma divisão à sua direita.

Avançou mais um pouco e espreitou pela ombreira da porta. Parado no meio de um laboratório de alta tecnologia de ponta, encontrava-se um homem que ela conhecia. Era um homem de idade, grande, obeso, com um pescoço de touro e uma cintura descomunal, e a camisa branca que tinha vestida estava completamente esticada sobre a enorme barriga.

Ao olhar para o velho, Renée susteve a respiração. Era Odilo Ehrhardt. o líder dos Soldados da Tempestade.

Um dos nazis mais temidos da Segunda Guerra Mundial. Agora, devia ter uns setenta e cinco anos mas não parecia ter mais de cinquenta. Apesar de um tanto desgastadas pela idade, as suas feições arianas clássicas ainda eram reconhecíveis. o seu cabelo branco e loiro estava a ficar ralo no alto da cabeça, deixando a descoberto uma série de horríveis lesões castanhas. Os seus olhos azuis soltavam chispas, que tinham o brilho da loucura. Estava a gritar ordens aos seus homens.

-... então, descubram esse gerador e desliguem-no, seus imbecis! - gritava para um rádio. Em seguida, apontou um dedo

gordo para um dos seus comandos e acrescentou: - Você, Hauptsturmführer! Traga aqui o Anistaze. Imediatamente!

o laboratório onde se encontrava o general nazi era uma mistura de vidro e crómio. Ao longo das suas paredes, viam-se super-computadores Cray YMP, as bancadas de trabalho estavam cobertas de câmaras de vácuo seladas. Vestidos com batas brancas, os técnicos de laboratório corriam de um lado para o outro. Comandos armados de pistolas saíam apressados pela porta principal envidraçada, que ia dar à parte de trás do convés.

Mas Renée só tinha olhos para o objecto que Ehrhardt segurava na mão esquerda.

o ídolo.

Nesse momento, Heirich Amstaze irrompeu pela porta do convés e pôs-se em sentido diante de Ehrhardt.

-Eles estão por todo o lado, Herr Oberstgruppenführer. Devem haver dúzias deles ou talvez mais. Segundo parece, eles separaram-se e atacaram várias secções da frota, provocando estragos consideráveis.

-Então, vamos embora - disse Ehrhardt, entregando o ídolo a Anistaze eempurrando-o de volta em direcção ao convés.

-Depressa. Levamos o ídolo para o helicóptero e vamos nele até à mina.

Depois, se os chefes de Estado não tiverem respondido às nossas reivindicações, até à altura em que tivermos colocado o tírium na Supernova, detonamo-la.

Da casa do leme do Pibber que acabara de recuperar, Race observava a batalha aquática que se desenrolava à sua volta.

o que ainda restava da frota navegava rio adiante. Mas era uma sombra daquilo que tinha sido.

Havia ainda três Pibbers operacionais mas um deles estava na posse de Race. Só restava um batelão porta-helicópteros e três dos Rigid Raiders iniciais mas um deles estava na posse de Schroeder.

o Scarab de Van Lewen navegava velozmente na dianteira da frota e, claro, havia ainda o último héli Mosquito, que continuava lá em cima, a zunir e a causar estragos.

Mais ou menos quarenta metros atrás de si, Race viu o hidroavião Goose de Doogie, seguindo o rasto de espuma do batelão porta-helicópteros. Tinha-se afastado do centro do rio, em busca de um espaço de água descoberto, de onde pudesse levantar voo.

Race acelerou.

Uns trinta metros à frente, e para a esquerda do seu Pibber, viu o grande barco de comando dos nazis, navegando rio adiante. Nesse momento, porém, Race viu aparecer dois homens, que saltaram para o convés de ré e, daí, correram para o helicóptero branco Bell jet Ranger, que estava poisado na popa.

Race reconheceu de imediato um dos homens: Anistaze.

o outro era bastante mais velho que Anistaze, gordo, semi-careca e tinha um pescoço muito grosso. Race não sabia quem ele era mas calculou que devia ser o homem de quem Schroeder tinha falado, o líder dos Soldados da Tempestade, Otto Ehrhardt ou qualquer coisa assim.

Anistaze e Ehrhardt saltaram para o compartimento traseiro do Bell jet Raider e as pás das hélices, começara imediatamente a girar, por cima do héli.

Então, Race percebeu.

Eles iam-se embora com o ídolo---

Nesse mesmo instante, quando estava a olhar intensamente para a actividade que se desenrolava na popa do barco de comando, Race viu, pelo canto do olho, um ligeiro movimento, a sombra furtiva de um pequeno vulto, que corria pela passagem de estibordo do barco de comando.

Race ficou de olhos esbugalhados. Era Renée.

Corria velozmente, encostada a um dos lados do corredor, em direcção à popa, com a M-16 firmemente encostada ao peito. Ia atrás do ídolo...

Sozinha! Atónito, Race viu Renée contornar a esquina do corredor e abrir

fogo contra o helicóptero branco, com a sua M-16.

Dois soldados nazis que se encontravam perto do héli foram instantaneamente atingidos e tombaram no sítio onde estavam mas os outros voltaram-se e começaram a disparar contra Renée, com as AK-47 que empunhavam.

Reagindo ao tiroteio, Renée atirou-se para trás da esquina, quando os nazis que se encontravam na plataforma de aterragem do helicóptero a atacaram.

Race não podia fazer nada a não ser olhar, horrorizado, na altura em que, enquanto corria pela passagem de estibordo, em direcção à proa, ela deu um passo em falso.

Sem parar de correr, cheia de determinação, Renée disparava furiosamente a sua M-16, mantendo os nazis colados ao corredor da popa, até conseguir chegar ao fim da passagem por onde corria, deixando os seus atacantes ingloriamente postados na outra ponta do corredor.

Foi nesse momento que Race o viu.

Um comando nazi solitário. Avançando lentamente pela ampla cobertura do barco de comando, em direcção à posição ocupada por Renée.

o homem levava a arma ao alto e movia-se com passadas deliberadamente lentas, fora do campo de visão de Renée, aproximando-se sorrateiramente dela, pelo lado de cima.

Não havia hipótese de ela o ver. Não havia maneira de ela saber que ele estava ali.

-Merda - disse Race, olhando em volta, em busca de uma solução, o seu olhar incidiu no hidroavião de Doogie, que deslizava rapidamente sobre as ondas, por trás da embarcação de Race, colocando-se entre o Pibber deste e o barco de comando, ao passar velozmente por entre a frota, em busca de um pedaço de água desimpedido.

Race percebeu instantaneamente que aquela era a única possibilidade e, sem pestanejar sequer, saltou pelo pára-brisas quebrado da casa do leme e subiu para o tecto desta.

Então, quando o Goose de Doogie passou pelo seu Pibber, Race saltou para a asa do hidroavião em movimento e avançou sobre ela, com passadas periclitantes.

Era um espectáculo espantoso. o hidroavião Goose, navegando à desfilada entre o barco de comando dos nazis e o Pibber, com a diminuta figura de William, Race, de jeans coçadas, T-shirt e boné dos New York Yankees, a correr sobre as suas asas, com o corpo inclinado para diante, para opor menor resistência ao vento forte.

Race correu o mais que pôde, com os pés movendo-se rapidamente mas com segurança sobre a asa do Goose, que tinha uma envergadura de uns quinze metros.

Viu o barco de comando agigantar-se diante de si. Viu o mundo passar lateralmente pela embarcação, à velocidade de um relâmpago. Viu Renée perto da proa, mantendo os três nazis à distância, na outra ponta do corredor.

Viu o nazi solitário em cima da cobertura do grande catamarã aproximando-se da posição ocupada por Renée.

Race não perdeu tempo. Desarmado, lançou-se sobre o homem, caiu em cima dele, e os dois rolaram para a frente, saindo ambos em voo do tecto do barco de comando.

Aterraram os dois, como um único corpo, na coberta da proa do catamarã, não muito longe do sítio onde se encontrava Renée, ao fundo do corredor, por baixo da cobertura do barco de comando.

Desorientado, Race rolou, afastando-se do local onde tinham caído, e, quando olhou para cima, viu, horrorizado, que o nazi já se pusera de pé.

Por um instante fugaz, Race avistou a cara do homem. Era, indiscutivelmente, o rosto mais feio que alguma vez vira: comprido, bochechas descaídas, com marcas profundas de bexigas. Era também a viva imagem da cólera, a imagem de uma fúria imensa e descontrolada.

Mas Race viu tudo isto apenas num relance momentâneo. Porque, no instante seguinte, a visão da cara horrenda do nazi foi substituída pela visão da

soleira da espingarda de assalto AK-47, que avançava para o seu rosto. Depois - zás! - e o mundo de Race mergulhou na escuridão total.

Renée girou sobre si própria, mesmo a tempo de ver a cabeça de Race ser violentamente lançada para trás pelo golpe. o corpo dele caiu, desamparado, sobre o convés, desmaiado.

Renée viu a cara feia do nazi, que estava debruçado sobre Race, viu-o erguer-se de repente e olhar para ela.

Depois, viu-o levantar a arma e sorrir.

o hidroavião Goose ergueu-se subitamente diante do barco de comando, no espaço desimpedido das águas, à frente da frota.

Doogie estava a carregar a fundo no acelerador de mão, tentando fazer com que o pequeno hidroavião adquirisse velocidade suficiente para levantar voo, quando, de súbito, ouviu um grande estrondo, vindo do seu lado esquerdo. De repente, sentiu o avião inclinar-se aflitivamente e olhou para fora: não havia nada no sítio onde deveria estar o flutuador esquerdo. Menos de um segundo depois, dois Rigid Raiders dos nazis descreveram arcos dos dois lados da proa do Goose, navegando em ziguezague diante de Doogie. Os comandos que seguiam no convés de cada uma das embarcações crivavam o seu pára-brisas de balas de metralhadora.

Doogie mergulhou. o pára-brisas do hidroavião parecia coberto de teias de aranha.

Depois, olhou para cima e viu um dos nazis do Rigid Raider da direita levar ao ombro um lança-mísseis portátil M-72A2 e apontá-lo para o Goose.

-Oh, diabo... - disse Doogie, com a respiração suspensa. o nazi disparou. Uma nuvem de fumo saiu do cano do lança-mísseis, no exacto momento em que Doogie rodava o volante todo para a esquerda.

o Goose descreveu uma curva tão apertada que a ponta da asa esquerda, agora sem flutuador, tocou na água, provocando uma chuva espectacular de espuma. Em resultado desta pirueta, o míssil lançado pelo nazi passou mesmo por baixo da asa direita, que formava quase um ângulo recto com a água, não lhe acertando por uma questão de centímetros, antes de atingir as árvores da margem e mandar para o inferno um desgraçado de um tronco.

o pequeno Goose de Doogie continuou a adernar sobre a superfície do rio, assente na barriga e no único flutuador que ainda tinha.

Precisamente nesse momento, o último helicóptero de combate Mosquito apareceu a rugir, vindo sabe-se lá de onde, cuspidando uma chuva devastadora de balas de canhão à volta do pequeno hidroavião.

-Porra! - gritou Doogie, metendo a cabeça por baixo do painel de instrumentos.

- Será que isto ainda vai piorar?

Foi então que ouviu um som terrível, que já se tornara familiar. Doogie girou sobre o assento.

Mesmo a tempo de ver um dos dois Pibbers dos nazis que ainda restavam aparecer atrás de si e lançar um torpedo da sua nacelle suspensa lateral. o torpedo caiu à água e seguiu em frente sobre a superfície desta.

Doogie disparou contra ele.

Os dois Rigid Raiders navegavam agora um de cada lado do Goose, saltando sobre as ondas, encurralando-o.

-Merda - disse Doogie. - Merda, merda, merda. o torpedo aproximava-se.

Doogie empurrou para a frente a manete da gasolina.

o pequeno hidroavião saltou disparado sobre a água, rodeado de embarcações inimigas por todos os lados: pelos dois Rigid Raiders, à esquerda e à direita, pelo Pibber, à popa, e, ainda, pelo helicóptero de combate preto Mosquito, que disparava sobre ele, lá do alto.

Desesperado, Doogie olhou em volta. o seu pequeno avião lutava para manter a velocidade mas os dois Rigid Raiders navegavam

com toda a facilidade ao seu lado, com os motores a rugir, e os seus tripulantes pareciam ter um prazer malévolo em observar aquela luta.

-Não se riam antes de tempo, seus cabrões fascistas - disse Doogie, em voz alta. - Isto ainda não acabou.

Nesse momento, o torpedo estava a uns vinte metros da cauda do Goose.

Doogie empurrou a manete da gasolina até ao fundo.

Quinze metros e tinha atingido os oitenta nós. Dez - noventa.

Cinco - cem.

Doogie estava a ver os nazis a bordo dos Rigid Raiders rirem-se da sua tentativa desesperada de ser mais veloz que o torpedo, naquele Goose completamente ultrapassado.

Dois metros - cento e dez. Velocidade máxima. o torpedo deslizou para baixo do Goose.

-Não! - gritou Doogie. - Vá lá, meu lindo! Faz lá isso por mim!

o Goose saltou sobre a superfície do rio. Os nazis riram-se.

Doogie praguejou.

Então, de repente, o pequeno Goose fez, gloriosamente, aquilo que ninguém, a não ser Doogie, pensava que ele ainda fosse capaz de fazer.

Levantou voo.

Só se ergueu ligeiramente sobre a superfície do rio, uns trinta a cinquenta centímetros, no máximo. Mas foi o suficiente.

Depois de ter perdido o seu alvo inicial, o torpedo começou a correr sobre a água, em busca de um alvo alternativo.

E encontrou o Rigid Raider à direita de Doogie.

Mal o Goose se ergueu acima da superfície, o Rigid Raider saltou sobre a água, impelido pela onda de choque da detonação do torpedo.

o Goose voltou a descer, lançando atrás de si uma chuva de espuma.

Lá no alto, o Mosquito viu o que tinha acontecido e lançou-se para a frente do Goose, dando uma volta lateral no ar. Nesse momento, voava na direcção da própria cauda, diante do hidroavião, disparando selvaticamente contra ele.

Doogie escondeu-se debaixo do painel de instrumentos.

-Malditos helicópteros - gritou. - Vamos lá ver se gostas disto!

E, ao dizer isto, rodou o volante todo para a esquerda.

o Goose inclinou-se violentamente, com a ponta da asa esquerda sem flutuador a tocar de novo na água, atravessando-se no caminho do Rigid Raider que sobrevivera.

o piloto do Rigid Raider não reagiu suficientemente depressa. Qual míssil rasgando os céus, o Rigid Raider ergueu-se completamente sobre as águas, passando por cima das asas inclinadas do hidroavião.

o barco de assalto trepou pelas asas reforçadas do Goose, com a quilha prateada, totalmente exposta, a roçar ruidosamente pelas asas muito inclinadas do hidroavião, que utilizou como rampa de lançamento. Depois, o Rigid Raider atirou-se da extremidade da asa direita e voou pelos ares, indo embater na cobertura do helicóptero Mosquito, que planava sobre o Goose. o Mosquito saltou para trás, ressaltando como um boxeur que tivesse apanhado um murro no nariz, enquanto o Rigid Raider lhe rasgava o corpo a uma velocidade incrível. A cobertura do helicóptero estilhaçou-se instantaneamente e o aparelho explodiu numa enorme bola de fogo.

Doogie olhava fixamente para o massacre que se desenrolava acima da sua cabeça. Viu o casco escurecido do Rigid Raider atingido pelo torpedo mergulhar lentamente na água. Viu os restos calcinados do Mosquito e do outro Rigid Raider caírem ruidosamente sobre a superfície do rio.

-Tomem lá esta, seus sacanas nazis - disse, baixinho.

Tonto, confuso e com uma dor de cabeça dos diabos, William Race foi conduzido, com uma arma apontada às costas, para o convés da popa do barco de comando dos nazis.

Renée ia ao seu lado, empurrada pelo nazi espantosamente feio, a quem Race tinha dado o nome de «Cara de passador». Depois de ter dominado Race e Renée, na proa, o Cara de passador tinha gritado aos seus companheiros, que se encontravam do lado de estibordo, dizendo-lhes que parassem de disparar.

Depois, conduziu os dois cativos ao longo do corredor, até à plataforma de aterragem, na popa do catamarã, onde o helicóptero branco Bell Jet Ranger se preparava para levantar voo.

Anistaze viu-os e abriu a porta lateral do helicóptero.

-Tragam-nos aqui - gritou.

Van Lewen navegava velozmente sobre a superfície do rio, mesmo em frente da frota.

Ajustou o leme do Scarab e saiu disparado sobre o rio, apenas com o terço traseiro do barco em forma de bala a tocar na água e com o som dos motores de 450 cavalos a ecoarem-lhe nos ouvidos.

Voltou-se e viu o helicóptero branco Bell Jet Ranger levantar voo do convés da popa do barco de comando.

-Que grande merda - disse, ofegante.

Karl Schroeder estava a ter sérios problemas.

o seu Rigid Raider ia na cauda da frota, correndo sobre a superfície do rio, entre os dois últimos Pibbers dos nazis, que disparavam sem tréguas contra ele.

Tentou desesperadamente evitar as balas mas eles estavam demasiado próximos e eram demasiado rápidos.

Então, de repente, uma rajada perfurou o seu Rigid Raider, atingindo-o na perna e abrindo-lhe três buracos na coxa. Schroeder caiu, a ranger os dentes, abafando um grito. Apesar de tudo conseguiu assentar o peso do corpo num joelho

e continuar a conduzir o barco. Mas era inútil. Os Pibbers dos nazis estavam mesmo em cima dele.

Olhou em frente, viu o que restava da frota - o barco de comando, o Scarab, o hidroavião Goose e um dos batelões porta-helicópteros - navegando à desfilada, lá longe, a uns bons cem metros de distância dele.

Também viu o helicóptero branco Jet Bell Ranger levantar voo da plataforma do barco de comando. Poucos minutos antes, tinha visto Race e Renée serem atirados lá para dentro...

Nesse momento, outra rajada atingiu o barco de Schroeder, abrindo-lhe vários buracos nas costas, perfurando o seu colete à prova de bala como se este fosse feito de lenços de papel. Schroeder gritou de agonia e caiu no convés.

E, nesse instante, soube que ia morrer.

Com as feridas a arder que nem fogo, com os centros nervosos a pedir tréguas, com todo o corpo à beira de entrar em choque, Karl Schroeder olhou desesperadamente à sua volta, à procura de qualquer coisa que pudesse utilizar para levar consigo o maior número possível de nazis.

Os seus olhos deram com a caixa Kevlar que tinha visto antes, no chão do Rigid Raider. Foi só então que viu as palavras escritas em inglês, num dos lados.

Lentamente, Schroeder leu os caracteres inscritos num dos lados da caixa. Quando acabou de os ler, os seus olhos abriram-se muito, de pasmo.

Encurralado entre os dois Pibbers dos nazis, o Rigid Raider de Schroeder ia ficando cada vez mais para trás do que restava da frota.

Karl Schroeder estava agora deitado de costas no convés do seu barco de assalto, a olhar para cima, para as nuvens anunciadoras de tempestade que deslizavam sobre a sua cabeça, escurecendo o céu do fim da tarde. A vida esvaía-se-lhe lentamente do corpo.

Abruptamente, o rosto bastante sinistro de um nazi interpôs-se entre ele e o céu e Schroeder ficou a saber que um dos Pibbers tinha abordado o seu barco.

Mas isso já não lhe importava.

Na verdade, quando o nazi levou calmamente ao ombro a AK-47, Schroeder limitou-se a olhar para o cano da arma do homem, resignado com o seu destino.

Mas então, estranhamente, sorriu. o nazi hesitou.

Depois, olhou ligeiramente para o lado, para a caixa Kevlar, que estava à esquerda de Schroeder.

A tampa da caixa estava aberta.

Dentro dela, havia cinco pequenos frascos de crómio e plástico, que continham uma pequena quantidade de um líquido cor de âmbar. Cada frasco estava acondicionado numa pequena divisória de espuma.

o nazi percebeu de imediato o que aquilo era. Cargas isotópicas M-22.

Mas havia uma sexta divisória de espuma na caixa. E estava vazia.

o nazi desviou o olhar e viu o sexto frasco na mão ensanguentada de Schroeder.

Schroeder já tinha quebrado o selo de borracha no topo da carga, já tinha soltado a cavilha vermelha de segurança que cobria o mecanismo de lançamento.

Agora, o seu polegar estava sobre o botão de descarga. Premiu-o, olhando calmamente para o espaço.

Os olhos do nazi esbugalharam-se de terror.

-Oh, foda-se...

Schroeder fechou os olhos. Agora, tudo dependia de Renée e do professor americano. Esperava que eles fossem bem sucedidos. Também esperava que os dois soldados americanos estivessem suficientemente longe daquele barco, fora do raio de acção da explosão. Esperava...

Schroeder suspirou uma última vez e soltou o botão de lançamento. A carga isotópica explodiu gloriosamente.

o mundo tremeu. Uma enorme - imensa - explosão de calor, com origem no Rigid Raider, irradiou em todas as direcções.

Atingiu as árvores das duas margens do rio, incinerando-as num instante, reduzindo-as a nada.

Penetrou a superfície do rio. Era uma superfície fervilhante, arrasadora, de calor, que se deslocava a uma velocidade inimaginável, fazendo ferver a água ao contactar com ela, matando tudo o que encontrava pelo caminho, enquanto corria para baixo, como um cometa em queda.

Subiu em direcção ao céu, muito, muito alto. Era de um branco cintilante, como o da lâmpada de um flash de uma máquina fotográfica, um flash monumental que consumia tudo e que devia ter sido visível do espaço.

Mas o pior de tudo foi que a superfície em expansão de luz branca e escaldante seguiu ao longo da superfície do rio, atrás do que restava da frota.

o Scarab de Van Lewen e o Goose de Doogie quase voavam sobre a água, à cabeça da frota... fugindo da gigantesca onda de luz branca, que devorava o rio, lá atrás.

Em certa medida, tinham tido sorte. Encontravam-se uns bons trezentos metros à frente do Rigid Raider de Schroeder, quando a carga M-22 rebentou.

As outras embarcações - o último batelão porta-helicópteros, os dois Pibbers que sobravam e o próprio barco de comando não tinham tido tanta sorte.

E, nesse momento, a superfície em expansão de luz branca e escaldante agigantava-se sobre elas, qual enorme monstro mitológico, que as fazia parecer minúsculas. Então, a gigantesca superfície branca consumiu o batelão porta-helicópteros e os Pibbers, fazendo-os explodir ao seu contacto, antes de os engolir por completo e de prosseguir o seu ataque voraz.

o próximo alvo era o barco de comando. Como um rinoceronte desajeitado a tentar ultrapassar um veloz camião, o grande catamarã acelerou, numa tentativa desesperada de escapar à superfície de energia devoradora que se aproximava dele.

Mas a explosão foi demasiado rápida, demasiado potente.

Tal como acontecera antes com o batelão e com os Pibbers, a superfície de luz em expansão avançou, agarrou o barco de comando com as suas garras,

esmagando-o, e, num instante fugaz, obliterou a enorme embarcação. Então, tão depressa como tinha surgido, a enorme superfície de luz começou a dissipar-se. Pouco depois, perdia toda a força que a fazia avançar e desaparecia à distância.

Van Lewen lançou um último olhar para trás, para a selva chamuscada e fumarenta da margem do rio. Viu uma nuvem de fumo negro subir para o céu, sobre os topos das árvores. Mas a nuvem foi rapidamente extinta pelos lençóis da chuva tropical que tinha começado a cair.

Foi então que olhou em volta e viu que o seu Scarab e o Goose de Doogie eram as únicas embarcações que sulcavam as águas do rio.

Na verdade, o único outro sobrevivente do terrível assalto que tinha acabado de ocorrer era uma pequena mancha branca que se via a desaparecer entre as nuvens, lá à frente.

o helicóptero branco Bell Jet Ranger.

QUINTA MAQUINAÇÃO Terça-feira, 5 de janeiro, 18:15

MINA DE OURO MADRE DE DIOS Vista Aérea
CORTE TRANSVERSAL

-Quem é você? - perguntou Odilo Ehrhardt, em alemão, esbofeteadando Renée, com toda a força.

-já lhe disse - gritou ela. - Chamo-me Renée Becker e sou agente especial da Bundes Kriminal Amt.

Naquele momento, o helicóptero branco voava a baixa altitude sobre o rio, em direcção a leste. Race e Renée estavam sentados no compartimento traseiro, algemados. À frente deles, estavam sentados Ehrhardt, Aniztase e o Cara de Passador. Na dianteira do aparelho, um único piloto dirigia o héli.

Ehrhardt voltou-se Para Race. - E então tu és quem?

-Ele é americano - disse Renée. Ehrhardt bateu-lhe novamente com força.

- Não estava a falar consigo. - Ehrhardt voltou-se novamente para Race. - Então, quem és tu? FBI? Ou Marinha? De uma equipa SEAL, talvez... caramba, vocês devem ser SEAL, para terem destruído os nossos barcos daquela maneira...

-Nós somos da DARPA - disse Race.

Ehrhardt franziu o sobrolho. Depois, começou a rir-se, baixinho.

-Não és nada - contrapôs, inclinando-se para diante, colocando a sua carare-donda e gorda mesmo em frente da de Race.

Race pensou que ia vomitar.

Ehrhardt era nojento, abjecto, gordo ao ponto de ser grotesco, fedia a suor e tinha um rosto preverso, em forma de lua cheia. Quando falava, escorria-lhe dos lábios um delgado fio de baba e o seu hálito cheirava a esterco.

-Eu estou a trabalhar com o doutor Frank Nash - disse Race, tentandodesesperadamente manter a calma. - o doutor Nash é um coronel do Exército, reformado, e trabalha para a Agência de Projectos de Pesquisa Avançados de Defesa conjuntamente com membros do Exército dos Estados Unidos.

- o Frank Nash, hein? - comentou Ehrhardt, lançando uma baforada de hálito repugnante para a cara de Race.

-Exactamente.

-Então, tu deves ser o Zé Ninguém Armado em Valentaço observou Ehrhardt, arrancando o boné dos Yankees da cabeça de Race.

-Chamo-me William Race - disse Race, agarrando no boné com as mãosalgemadas. - Sou professor de Línguas Clássicas, da Universidade de Nova Iorque.

-Oh - exclamou Ehrhardt, acenando com a cabeça,

-Então, foste tu que eles trouxeram para traduzir o manuscrito. Muito bem, muito bem. Antes de te mandar matar, Mr. William Race, professor de Línguas Clássicas, da Universidade de Nova Iorque, gostaria de corrigir um mal-entendido que parece haver na tua cabeça.

-E que mal-entendido é esse?

- o Frank Nash não trabalha para a DARPA.

-Como!? - exclamou Race, franzindo as sobrancelhas.

-E podes ter a certeza de que ele não é um coronel do Exército, reformado.

Pelo contrário. A verdade é que ele está no activo e... é muito activo.

Para tua informação, o coronel Francis K. Nash é o chefe da Unidade de Projectos Especiais do Exército dos Estados Unidos.

- o quê!?

Race não conseguia entender. Porque haveria Nash de lhe ter dito que era da DARPA, quando, afinal, não era?

Ah-ah - gargalhou Ehrhardt, batendo as palmas. - Adoro ver esse olhar de quem se sente traído, na cara de um homem que está quase a morrer.

Race estava completamente confuso. Não sabia o que pensar.

Mesmo que Nash não fosse da DARPA, que importância isso tinha? A Supernova era um projecto do Exército e Nash era dos Projectos Especiais do Exército.

A não ser...

Ehrhardt voltou-se para Aniztase.

-Com que então, também cá temos o Exército americano. o que é que me diz a isto?

-Deve haver outro infiltrado - respondeu Aniztase, ignorando completamente Race e Renée.

-Na DARPA? - perguntou Ehrhardt. Aniztase anuiu com um aceno de cabeça.

-Nós sabemos da ligação ao grupo terrorista americano mas não conhecíamos este...

-Bah! - Ehrhardt abanou a mão, com desdém. - Agora, isso já não tem importância, porque somos nós quem tem o ídolo.

- o que é que esperam conseguir com tudo isto? - perguntou Renée, em tom de desafio. - Querem destruir o mundo? Ehrhardt sorriu, com um ar complacente.

-Eu não quero destruir o mundo, Fraulein Becker. Longe disso. Quero reconstruí-lo. Reordená-lo, da forma como ele devia ser.

-Com quê? Com cem biliões de dólares? Afinal, é disso que se trata? Dinheiro?

-É só até aí que consegue ver, minha cara Fraulein Becker? Dinheiro. Isto não tem a ver com dinheiro. Tem a ver com aquilo que o dinheiro pode fazer. Cem biliões de dólares... bah... isso não é nada. É só um meio para atingir um fim.

-E qual é esse fim?

Ehrhardt semi-cerrou os olhos.

-Cem biliões de dólares vão servir para eu comprar um mundo novo.

-Um mundo novo?

-Valente Fraulein Becker, o que é que pensa que eu quero? Algum país novo? Para continuar atrás do velho e gasto objectivo nazi de estabelecer uma nação ariana com o Herrenvolk à frente dela e os Untermenschen sob o seu jugo? Bah!...

-Então o que é que quer? Como é que consegue comprar um mundo novo?

-Largando cem biliões de dólares americanos nos mercados financeiros mundiais, ao preço convidativo de um cêntimo por dólar.

- o quê!?! - exclamou Renée.

-A economia americana está num estado perfeitamente lastimoso, na situação mais precária dos últimos cinquenta anos. A dívida externa acumulada é de cerca de oitocentos e trinta biliões de dólares. E, todos os anos, o défice orçamental aumenta. Para resistir a tudo isto, os Estados Unidos dependem de uma moeda forte, com a qual possam pagar as suas dívidas no futuro.

«Mas, se o valor da moeda se depreciar drasticamente, digamos, para um quarto do seu valor actual, os Estados Unidos não vão nunca poder pagar essas dívidas.

«Com o dólar sem valor, o país estaria falido. o que eu quero fazer com os meus cem milhões de dólares é dar cabo da economia americana.»

De olhos brilhantes, Ehrhardt continuou a divagar:

-Desde a Segunda Guerra Mundial, o mundo passou a ser o mundo dos Americanos. Um mundo que tem visto a cultura americana ser-lhe impigida à força, um mundo que tem tido de suportar o domínio do comércio americano e a política brutal de escravidão económica, conduzida e permitida pelo governo americano. Eu concluí que despejar cem biliões de dólares nos mercados mundiais seria o suficiente para depreciar o dólar americano para lá de qualquer possibilidade de recuperação. As empresas americanas não valerão nada, o povo americano não terá poder de compra para comprar seja o que for, porque a moeda americana não valerá sequer o papel em que foi impressa. Os Estados Unidos passarão a ser os mendigos do mundo e o mundo poderá começar de novo. É isso o que eu estou a fazer, Fraulein Becker. Estou a comprar um mundo novo para mim.

Race nem queria acreditar no que estava a ouvir.

-Não pode estar a falar a sério - disse.

-Não? - contrapôs Ehrhardt. - Veja o caso de George Soros. Em 1997, o Presidente da Malásia acusou publicamente Soros de estar na origem da crise económica asiática, por ter lançado nos mercados enormes quantias de moedas asiáticas. E isto foi um homem, um homem, que nem sequer tinha um décimo da riqueza que eu pretendo utilizar. Mas, por outro lado, é claro que o meu objectivo é peixe mais graúdo.

-E se eles não lhe derem o dinheiro? - perguntou Renée. -Eles dão. Porque eu sou o único homem no mundo que tem uma Supernova operacional.

-Mas se não derem?

-Então mando detonar o dispositivo - respondeu Ehrhardt, com toda a simplicidade.

o general nazi voltou-se na sua cadeira e olhou pelo vidro oval frontal do héli. Race e Renée seguiram a direcção do seu olhar.

E tiveram uma visão verdadeiramente espectacular.

Viram a floresta amazónica estendendo-se até à linha do horizonte, um vasto manto verde que parecia não ter fim.

A uma curta distância, no entanto, existia uma falha no manto verde - uma enorme cratera castanha em forma de cone, escavada na terra.

Situava-se à direita do rio e era enorme. Tinha, pelo menos, oitocentos metros de diâmetro. Longos caminhos de terra batida desciam suavemente até ao fundo da gigantesca cratera. Na sua orla, havia enormes holofotes, que a iluminavam como se fosse um estádio de futebol, destacando-se contra a luz ténue do fim da tarde.

No centro da cratera, suspensa bem alto sobre ela por uma rede de cabos esticados, via-se uma grande cabina branca em forma de caixa, uma espécie de cabina de controlo, com largas janelas rectangulares nos quatro lados. A única maneira de aceder à cabina era por duas pontes suspensas inclinadas, que atravessavam a cratera de lados opostos do lado sul e do lado norte. Cada uma das pontes tinha pelo

menos noventa metros de comprimento e era construída com cabos de aço.

Era uma mina de ouro.

A mina de ouro Madre de Dios.

o helicóptero Bell Jet Ranger aterrou numa plataforma montada sobre flutuadores, na superfície do rio, não muito longe da orla da enorme mina escavada no solo.

A mina em si ficava directamente a Sul do Rio Alto Purus e estava ligada a ele por um grupo de velhos edifícios decrepitos: três grandes estruturas, tipo armazém, horrivelmente degradadas pela passagem dos anos.

A maior projectava-se sobre o rio e era suportada por estacas. Uma série de portões de garagem ocupava a sua fachada, permitindo que ali pudessem ser guardados barcos e hidroaviões. Devia ser ali que, no passado, os aviões e barcos vinham recolher o ouro da companhia, conjecturou Race.

Hoje, no entanto, servia para outros propósitos.

Permitia aos nazis esconder a sua frota de barcos, helicópteros e

hidroaviões dos «olhos» curiosos dos satélites espiões americanos. Assim que o helicóptero aterrou na plataforma flutuante, o piloto carregou num botão.

À esquerda do helicóptero, abriu-se imediatamente uma porta enferrujada e uma espécie qualquer de mecanismo submerso começou a puxar em direcção à porta a plataforma onde o héli estava pousado.

Race olhou para cima, enquanto o helicóptero era lentamente arrastado para dentro do grande armazém.

No instante seguinte, o céu desapareceu abruptamente e foi substituído pelo tecto do armazém, uma rede complexa de vigas de ferro enferrujadas e traves de madeira escura.

Race observou o armazém onde acabara de entrar.

Era verdadeiramente enorme - um imenso espaço fechado, mais ou menos do tamanho de um hangar, com todo o seu espaço cavernoso iluminado por lâmpadas cónicas de halogéneo, suspensas das vigas do tecto.

O «chão» do armazém era, no entanto, bastante invulgar. Era a superfície do rio. Um passadiço, estreito e alongado, estendia-se sobre a água, cruzado a intervalos por outros passadiços perpendiculares, mais pequenos - ancoradouros para os barcos e aviões que recolhiam o ouro.

Um longo e largo tapete rolante deslizava, ao nível do solo, a todo o comprimento do passadiço. Saía de um grande buraco quadrado, aberto na parede de terra do armazém, e terminava na outra extremidade do passadiço. Race calculou que, do lado de terra, o extremo do tapete mergulhava algures nas profundezas da mina em forma de cone, provavelmente numa plataforma de carga ou mesmo no fundo da própria cratera.

Em seu entender, o ouro costumava ser colocado sobre o tapete, lá em baixo, na mina, e, depois, era transportado por meio dele, ao longo do túnel escavado na terra, até chegar ali, ao armazém, onde era carregado nos barcos ou aviões.

A plataforma flutuante imobilizou-se dentro de um dos ancoradouros. As pás das hélices do aparelho, ainda não completamente paradas, pairaram sobre a orla do tapete rolante, brilhando sob a luz das lâmpadas de halogéneo.

Da sua cadeira na traseira do héli, Race viu quatro homens sair de um gabinete envidraçado, ao fundo do armazém, do lado de terra.

Três deles vestiam batas brancas de laboratório: eram cientistas. O quarto vestia um uniforme de combate e empunhava uma espingarda-metralhadora G-11: era um soldado.

Um dos três cientistas, observou Race, era muito mais pequeno que os outros dois e infinitamente mais velho. Era um homem minúsculo, com longos cabelos prateados e dois olhos enormes, que eram ampliados por um par de óculos de lentes grossas. Race calculou que devia tratar-se do doutor Fritz Weber, o genial cientista nazi de quem Schroeder e Nash tinham falado.

Tirando os quatro homens que se encontravam diante do gabinete envidraçado, o resto do armazém estava completamente deserto.

Não há mais ninguém, pensou Race.

Os nazis deviam ter levado todos os efectivos de que dispunham a Vilcafor, para ir buscar o ídolo. Aqueles quatro homens, Aniztase, Ehrhardt, o Cara de Passador e o piloto eram tudo o que restava deles.

-Unterschafiührer - disse Ehrhardt, dirigindo-se ao Cara de Passador, quando o héli se imobilizou com um solavanco.

-Queira ter a bondade de levar a agente Becker e o Professor Race para alixeira, por favor. Depois, mate-os e enterre os cadáveres.

Race e Renée foram empurrados por um carreiro que seguia selva fora, na direcção oeste, para longe dos enormes armazéns da beira-rio.

Atrás deles, o Cara de Passador e o outro soldado nazi, o único outro soldado da mina, obrigavam os dois a caminhar, sob a mira das suas G-11.

-Faz alguma ideia de como é que vamos sair desta? - perguntou Race a Renée, a certa altura do caminho.

-Não faço a mínima ideia - respondeu ela, friamente.

-Pensei que pudesse ter um plano ou coisa parecida. Alguma coisa escondidana manga.

-Não tenho plano nenhum.

-Então, vamos morrer?

-Pelos vistos.

Dobraram uma curva do trilho e Race encolheu-se, quando um cheiro totalmente pútrido lhe assaltou os sentidos. Um momento mais tarde, os quatro chegaram ao fim do carreiro e Race viu um monte de lixo espalhado no meio das árvores, à frente deles. Cobria uma área de uns cinquenta metros: pneus velhos, pedaços de comida podre e desperdícios, pedaços retorcidos de metal e, até, algumas carcaças de animais.

A lixeira.

De joelhos. Os dois - rosnou o Cara de passador. Race e Renée ajoelharam-se.

-Mãos na cabeça.

Race e Renée enlaçaram os dedos atrás da cabeça. Clique, clique!

Race ouviu o outro nazi soltar a segurança da G-11. o IEM reprogramado por Schroeder afundara-se com ele e, naquele momento, as G-11 estavam de novo completamente operacionais.

Depois, ouviu os passos dele a avançar sobre a lama, sentiu-o encostar o cano da espingarda-metralhadora à sua nuca.

As coisas não deviam ser assim, gritou uma voz, dentro da sua cabeça. Está tudo a acontecer demasiado depressa. Eles não deviam empatar um bocado ou coisa parecida? Dar-nos uma hipótese... uma hipótese para...

Race inclinou a cabeça, afastando-a da arma, mordeu os lábios, fechou os olhos, cedendo à inevitabilidade desesperada da situação, e esperou pelo fim.

veio depressa. Soou um tiro.

Não aconteceu nada.

Race continuava de olhos fechados.

A G-11 tinha disparado mas, por qualquer razão, por qualquer estranha razão, a sua cabeça ainda estava no lugar.

E, de repente, um corpo caiu de bruços na lama, ao lado do sítio onde estava ajoelhado.

Race abriu os olhos, olhou para trás e viu o Cara de passador, ali parado, com a G-11 apontada para o sítio onde, momentos antes, tinha estado a cabeça do outro nazi.

o nazi morto estava agora, de barriga para baixo, na lama, com uma horrível papa de sangue e cérebro a sair de um buraco na nuca.

-Uli, - disse Renée, levantando-se e correndo para o Cara de passador, quem deu um abraço caloroso.

Race sentiu a cabeça andar à roda. Uli... De seguida, Renée deu uma palmada, com força, no peito do grande nazi de cara esburacada.

-Não podias ter esperado mais um pouco? Realmente! Eu estava quase a ter uma coisa má, ali de joelhos.

-Desculpa, Renée - disse o Cara de Passador, aliás,

-Eu tinha de esperar, até estar suficientemente longe da casa dos barcos. Senão, os outros iam descobrir.

Race virou-se subitamente para o homem chamado Uli. - Você é do BKA - disse.

-Sim - admitiu o homem corpulento, com um sorriso. E as suas boas intenções salvaram-lhe a vida, Professor William Race, da Universidade de Nova Iorque. Quando tentou salvar a Renée, a bordo do catamarã, atacou o homem certo. Se eu fosse mesmo um nazi, tinha-lhe metido logo uma bala na cabeça. Eu sou o agente especial Uli Pleck mas, por estas bandas, sou conhecido por Unterscharführer Oh! Kalir.

De repente, tudo fazia sentido para Race.

- o manuscrito - disse. - Foi você que arranjou a cópia do manuscrito que o BKA tinha.

-Exactamente - admitiu Uli, impressionado.

Race recordou-se de Karl Schroeder ter falado a Frank Nash dos planos do BKA para bater os nazis na corrida para obter o ídolo. Ele lembrava-se das palavras exactas de Schroeder: «Para o conseguirmos, arranjàmos uma cópia do manuscrito de Santiago e utilizámo-la para chegar até aqui.»

Foi só então que Race percebeu que, no momento em que ouvira as palavras de Schroeder, devia ter deduzido que o BKA tinha um homem infiltrado na organização dos Soldados da Tempestade.

o exemplar do BKA era uma fotocópia do original do Manuscrito de Santiago. E o original do Manuscrito de Santiago tinha sido roubado da Abadia de San Sebastian, nos Pirinéus franceses, vários dias antes, pelos Soldados da Tempestade. Logo, a fotocópia do manuscrito que se encontrava na posse do BKA tinha que lhe ter sido enviada por alguém de dentro da organização nazi.

Um espião. Oh!.

-Venham - disse Uli, correndo para o corpo do nazi caído. Retirou rapidamente as armas ao cadáver, atirando a G-11 e um par de granadas a Renée e, depois, o colete Kevlar preto e uma pistola Glock-20 a Race. - Depressa, despachem-se. Temos de impedir Ehrhardt de armar a Supernova!

Heinrich Aniztase e Odilo Ehrhardt estavam num dos gabinetes envidraçados, dentro da casa dos barcos, rodeados por uma imensidade de equipamentos de rádio e comunicações.

Diante deles, encontrava-se o Dr. Fritz Weber, o antigo membro da equipa do projecto da bomba atômica de Adolfo Hitler, o cientista nazi que, durante a Segunda Guerra Mundial, tinha realizado experiências com seres humanos e que viria a ser condenado à morte por isso. Apesar do seu corpo, corcunda e deformado, de setenta e nove anos, a sua mente estava tão viva como sempre fora.

Weber tinha nas mãos o ídolo inca. -É lindo - disse.

Com setenta e nove, Fritz Weber era dois anos mais velho que Ehrhardt e uns sessenta centímetros mais baixo que este. Era um homem baixo, de óculos, com olhos frios e calculistas e uma cabeleira desordenada, ao estilo de Einstem, que lhe caía sobre os ombros.

-Que notícias há dos governos europeus e americano? perguntou Ehrhardt.

-Os alemães e os americanos pediram mais tempo para juntar o dinheiro. Não há notícias dos outros - respondeu Weber.

-É um estratagema, uma táctica habitual de adiamento, utilizada pelos negociadores. Estão a tentar ganhar tempo, até se certificarem de que as suas equipas não encontraram o ídolo primeiro.

-Então vamos mostrar-lhes quem tem o ídolo - rosnou Ehrhardt. Em seguida, voltou-se para Aniztase. - Faça uma imagem digital do ídolo, já. Date-a com a hora e, depois, ponha-a no computador e envie-a directamente para Bona e para Washington. Diga aos presidentes que o dispositivo foi armado e programado para ser detonado dentro de exactamente trinta minutos. Só será desarmado, quando tivermos a confirmação da transferência dos cem biliões para a nossa conta em Zurique, dentro desse prazo.

-Sim, senhor - respondeu Aniztase, atravessando a sala para ligar uma câmara digital.

Doutor Weber - disse Ehrhardt.

-Sim, Oberstgruppenführer,

-Quando o Obergruppenführer tiver acabado de obter a imagem digital, quero que leve o ídolo para a cabina de controlo e arme a Supernova. Programe-a para detonar dentro de trinta minutos e inicie a contagem.

-Sim, Oberstgruppenführer.

Race, Renée e Uli correram, carreiro acima, de volta à casa dos barcos.

Uli e Renée levavam uma G-11 cada, Race a pequena Glock que Uli tinha tirado ao nazi morto, na lixeira.

Agora, levava também vestido, por cima da T-shirt, o colete preto Kevlar do nazi morto. Antes disso, não tinha reparado bem nas protecções dos nazis. Mas agora, que tinha uma vestida, examinou-a com mais atenção. Em primeiro lugar, era incrivelmente leve e fácil de usar. Não lhe inibia nada os movimentos. Em segundo lugar, no entanto, reparou numa estranha unidade em forma de A, presa às costas do colete, por cima dos ombros. Esta também era leve e, tal como um spoiler num carro, tinha sido bem integrada no desenho do colete Kevlar, de modo a não estragar a sua aparência elegante.

Como sempre, e talvez um pouco incongruentemente com o seu colete de alta tecnologia, Race ainda tinha o malfadado boné dos Yankees.

-Imagem digital está pronta - anunciou Aniztase, da bancada de equipamento de rádio electrónico. - Estou a enviá-la agora.

Ehrhardt voltou-se para Weber. -Arme a Supernova.

Weber pegou de imediato no ídolo e, seguido de Ehrhardt, saiu rapidamente do gabinete.

-Ali! - gritou Renée, apontando para uma das pontes suspensas incrivelmente longas, que ligava os edifícios da beira-rio à cabina de controlo, no centro da cratera.

Race olhou para a mina e viu duas figuras minúsculas - uma grande e gorda, a outra pequena e envergando uma bata branca balançando na moderna ponte de cabos de aço.

A figura mais pequena levava algo debaixo do braço. Um objecto embrulhado num pano púrpura. o ídolo.

Uli e Renée saíram do trilho, mergulharam numa secção de vegetação baixa, em direcção à cratera. Race seguiu-os. Segundos depois, os três chegaram à orla da gigantesca mina e olharam para lá.

-É o Ehrhardt e o Weber - disse Uli. - Vão levar o ídolo para a Supernova.

- o que é que vamos fazer? - perguntou Race. Uli disse:

-A Supernova está na cabina de controlo. Só há duas pontes para lá chegar: aquela a norte e a outra a sul. Temos de arranjar maneira de entrar naquela cabina e desarmar a Supernova.

-Mas como é que conseguimos fazer isso?

- Para desarmar o dispositivo - esclareceu Uli - é preciso introduzir o código no computador de detonação.

-Qual é o código?

-Não sei - disse Uli tristemente. - Ninguém sabe. Ninguém, excepto Fritz Weber. Foi ele que concebeu o dispositivo e só ele é que sabe o código para o desarmar.

-Que maravilha - disse Race. Uli voltou-se.

-Muito bem, agora ouçam. o que eu penso é isto. Eu sou o único de nós que pode chegar à cabina de controlo. Se eles virem algum de vocês a correr, numa das pontes suspensas, deixam-nas cair imediatamente e isolam a cabina. E, depois, se não receberem o dinheiro, detonam a Supernova.

«Mas eles estão à espera que eu volte, a qualquer momento, e julgam que eu vos matei a ambos. Quando eu voltar, vou tentar chegar à cabina de controlo. Depois vou tentar... persuadir.--- Weber a desarmar o dispositivo.

-E o que nós fazemos, entretanto? - perguntou Race. Para isto dar resultado - disse Uli - tenho de estar só com o Weber. Preciso que vocês eliminem o Aniztase e os outros na casa dos barcos.

Exactamente a duzentos e treze metros do fundo da mina, o doutor Fritz Weber estava a carregar em botões num computador. Ao seu lado, um aparelho de corte a laser estava a trabalhar cuidadosamente no ídolo de tório, dentro de uma câmara de vácuo.

Por trás de Weber, encontrava-se Ehrhardt. E, por trás de Ehrhardt, precisamente no centro da cabina, estava um engenho feito de aço e vidro, imponente nos seus dois metros.

Dentro de um cilindro de vidro, havia duas ogivas termonucleares, cada uma com mais ou menos um metro de altura e vagamente cónicas. As duas ogivas estavam posicionadas na chamada «formação de ampulheta», com a ogiva superior apontada para baixo e a ogiva inferior apontada para cima, o que dava ao dispositivo o aspecto de uma enorme ampulheta. Entre as duas ogivas, no estrangulamento da ampulheta, via-se uma estrutura esquelética feita de titânio, na qual iria ser colocada a massa subcrítica de tório. Era a Supernova.

Ao lado do dispositivo, estava um par de contentores cilíndricos forrados a chumbo, do tamanho de caixotes do lixo normais. Eram as cápsulas das ogivas - contentores monumentalmente fortes, à prova de radiação, que eram utilizados para transportar ogivas nucleares em segurança.

Mas, Weber sabia-o bem, uma arma nuclear convencional requer cerca de dois quilos de plutónio. No entanto, e de acordo com os seus cálculos, a Supernova iria requerer muito menos que isso: apenas duzentas e cinquenta gramas de tório.

Era por isso que, naquele momento, com a ajuda de dois super-computadores Cray YMP e de um laser de alta potência, que conseguia cortar com uma margem de erro de um milésimo de milímetro, Weber estava a extrair do ídolo uma pequena secção cilíndrica de tório.

A ciência nuclear tinha progredido muito desde os tempos da obra-prima de J. Robert Oppenheimer, em Los Álamos, nos anos 40. Com a ajuda de super-computadores multitarefas como os dois Cray, as complexas equações matemáticas relativas ao tamanho, massa e rácio de força do núcleo radioactivo podiam ser feitas em poucos minutos. A purificação de gases inertes, o enriquecimento de protões e o aumento de ondas alfa podiam ser feitos em simultâneo.

E os cálculos matemáticos de tudo isto - a parte crucial, a parte que Oppenheimer e ao seu grupo de génios tinham demorado seis anos completos a dominar, com a ajuda de computadores primitivos - podia ser feito em segundos pelos YMP

Na verdade, a parte mais difícil para Weber tinha sido a construção do próprio dispositivo. Mesmo com a ajuda dos supercomputadores, tinha levado mais de dois anos a construí-la.

Enquanto o laser cortava a pedra, de acordo com a relação peso-volume predefinida, baseada no peso atómico do tório, Weber inseriu algumas fórmulas matemáticas complexas num dos super-computadores.

Momentos depois, o laser de corte soltou um silvo agudo e voltou ao modo de stand-by.

Estava feito.

Weber aproximou-se e desligou o laser. Depois, utilizando um braço robótico, já que os braços humanos eram demasiado inexactos para semelhante tarefa, extraiu a pequena secção cilíndrica de tório da base do ídolo.

A secção de tório foi então colocada na câmara selada a vácuo e bombardeada com átomos de urânio e ondas alfa, transformando-a

numa massa subcrítica da substância mais potente que jamais tinha existido neste planeta.

Momentos depois, o braço robótico transportou o conjunto da câmara até à Supernova onde, com a maior precisão, fez deslizar a câmara, com a massa subcrítica de tório lá dentro, para dentro da estrutura de titânio suspensa entre as duas ogivas termonucleares. A Supernova estava completa. A massa subcrítica de tório estava agora colocada, na horizontal, no seu trono selado a vácuo entre as duas ogivas, apresentando-se ao mundo como se fosse detentora do poder de Deus. E o problema é que o detinha.

A toda a volta da cabina de controlo, havia monitores que mostravam quantidades maciças de informação. Num desses monitores, sob a epígrafe INSTALAÇÃO HIDRODINÂMICA RADIOGRÁFICA DE EIXO DUPLO, um sem fim de uns e zeros rolava pelo ecrã.

Weber ignorou-os e começou a escrever no teclado ligado diante da

Supernova. Apareceu uma instrução no ecrã: INSERIR CÓDIGO DE ARMAMENTO.

Weber assim o fez.

SUPERNOVA ARMADA.

Weber escreveu: INICIALIZAR SEQUÊNCIA DE DETONAÇÃO. SEQUÊNCIA DE DETONAÇÃO INICIALIZADA.

INSERIR TEMPO DE CRONOMETRAGEM.

Weber escreveu: 00:30:00

o ecrã mudou imediatamente.

TEM

00:30:00 MINUTOS PARA INSERIR CÓDIGO DE DESACTIVAÇÃO INSIRA CÓDIGO AQUI

Weber fez uma pausa, olhou para o ecrã e respirou fundo. Depois poisou um dedo na tecla ENTER

00:29:59

00:29:58

00:29:57

- Onde está o Unterscharführer Kahr? - perguntou Heinrich Aniztase. -

Estava a olhar para fora do gabinete da casa dos barcos, para a imensa cratera exterior, escavada na terra, e a pergunta não tinha sido dirigida a ninguém em particular. -já devia ter voltado. Aniztase voltou-se.

-Tu - disse, atirando um rádio a um dos técnicos, vestidos com batas de laboratório, que se encontravam perto de um terminal de computador. - Vai à lixeira ver o que está a demorar tanto tempo o Untarscharführer.

-Sim, senhor.

Com movimentos simultâneos, Renée e Race colaram-se à parede da casa dos barcos.

Poucos momentos antes, Uli tinha-os deixado. Dirigira-se para o lado da enorme casa dos barcos, a caminho da cratera e da ponte suspensa do lado norte.

Renée espreitou para dentro da porta de ampla garagem, mesmo ao pé dela. o interior da enorme casa dos barcos estava vazio, em particular, a ampla secção entre os gabinetes envidraçados, à sua direita, e os ancoradouros, à sua esquerda.

Nada se mexia. Não se via viValma. Renée fez sinal a Race.

Race indicou ter visto o sinal, agarrando a Glock que empunhava com um pouco de mais firmeza.

Pronto. A seguir, sem uma palavra, Renée passou rapidamente a ombreira da porta, com a G-11 apoiada ao ombro com firmeza.

Race preparou-se para a seguir mas, nesse instante, uma outra porta atrás de si abriu-se de súbito e Race atirou-se instantaneamente ao chão, escondendo-se atrás de um velho barril de petróleo.

Um jovem técnico nazi, vestido com uma bata de laboratório branca e segurando desajeitadamente um rádio na mão, saiu à pressa da porta que tinha acabado de abrir e correu para o carreiro que levava à lixeira.

Race ficou de olhos esbugalhados.

Ele ia a caminho da lixeira, onde iria encontrar um nazi morto e mais nada.

-Merda - disse Race. - Oh!...

Estava na altura de tomar uma decisão. Podia ir atrás do técnico... e, depois, fazia o quê? Matava-o a sangue frio? Apesar de tudo o que se tinha passado até então, Race não tinha a certeza de ser mesmo capaz de matar um homem. Também podia ir avisar Uli. Sim: isso era melhor, muito melhor.

Por conseguinte, nesse momento, em vez de seguir Renée até à casa dos barcos, Race encaminhou-se para o lado do grande armazém, em direcção à cratera e a Uli.

Uli chegou à ponte suspensa norte.

Estendia-se à sua frente, balançando sem medo sobre o vertiginoso abismo de duzentos metros, com os corrimãos convergindo como um par de carris que desaparecem à distância, terminando em pontos minúsculos na porta da cabina de controlo, a cento e vinte metros de distância.

-Unterscharführer - disse, subitamente, uma voz, atrás dele.

Uli girou sobre os calcanhares.

E deu de caras com Heirich Aniztase.

- o que é que está a fazer? - perguntou Aniztase.

-Ia ver se o Oberstacharführer e o doutor Weber precisavam de assistênciana cabina de controlo - respondeu Uli, talvez um pouco depressa demais.

-já eliminou os dois prisioneiros? -já sim, senhor.

-Onde está o Dieter?

-Ele, ah, teve de ir ao WC - mentiu Uli.

Nesse preciso instante, o técnico de laboratório enviado por Aniztase chegou à lixeira.

o homem viu imediatamente Dieter, caído de bruços na lama, com sangue e miolos a saírem de um buraco na nuca.

Nada de americanos. Nem sinal de Uli.

o técnico de laboratório aproximou o rádio da boca.

-Herr Obergruppenführer - disse a voz do técnico, no auscultador deAniztase. -sim.

Aniztase encontrava-se ao lado de Uli, no extremo norte da ponte. Os quatro dedos da mão esquerda do comandante nazi batiam levemente na perna das suas calças, enquanto escutava a voz no auscultador,

-Dieter está morto, comandante. Repito: Dieter está morto. Não veJo ospri-sioneiros nem o Unterscharführer Kalir em lado nenhum.

-Obrigado - respondeu Anistaze sem desviar os olhos de Uli. - Muitoobrigado. Os olhos negros e frios de Aniztase pareciam querer penetrar nos de Uli.

-Onde estão os prisioneiros, Unterscharführer?

-Como, Herr Obergruppenführer?

-Perguntei onde estavam os prisioneiros.

Foi nesse momento que Uli viu a Glock aparecer na mão direita de Aniztase.

Renée moveu-se silenciosamente pela casa dos barcos, de arma em punho.

Race não a tinha seguido e ela interrogou-se sobre o que lhe teria acontecido. Mas não podia esperar: ainda tinha uma coisa a fazer.

A casa dos barcos estava silenciosa, calma. o tapete rolante que emergia do túnel à sua direita estava imóvel. Renée não viu ninguém no gabinete por detrás dele.

Um motor arrancou. Renée virou-se

E viu as pás das hélices do helicóptero Bell jet Ranger começarem a girar lentamente.

A seguir, viu o piloto, deitado de lado no chão, sem notar a sua presença, procedendo a umas reparações quaisquer no héli. Depois, de repente, com um zumbido estridente, as pás das hélices do helicóptero saltaram para a velocidade máxima e o ruído ensurdecador provocado pelo motor preencheu o enorme espaço da casa dos barcos. Renée quase que teve uma coisa.

No entanto, se não fosse o rugido dos motores, talvez o tivesse ouvido aproximar-se furtivamente dela.

Mas não o ouviu.

Porque, nesse instante, enquanto Renée avançava na direcção do helicóptero, com a G-11 erguida, algo muito pesado atingiu-a na nuca, atirando-a para a frente, fazendo-a cair pesadamente no chão.

-Herr Obergruppenführer - disse Uli, à beira da enorme cratera, erguendoas mãos. - o que é que quer...

Bang! A Glock de Anistaze disparou - um único tiro que voou para o estômago de Uli. Uli dobrou-se ao meio instantaneamente e caiu no chão.

De pé, Anistaze olhava, de cima, para Uli, de arma em riste.

-Então, Unterscharführer, devo assumir que você também pertence àquelaes-cumalha do BKA?

Uli contorceu-se no chão, aos pés do comandante nazi, cerrando os dentes, em agonia.

-Não responde - disse Anistaze. - Então que tal isto? Que tal se eu lhearran-car os dedos da sua mão direita, a tiro, um a um, até você me dizer

para quem trabalha. E quando tiver dado conta dessa mão, passo para a outra.

-Aaah! - gemeu Uli.

-Resposta errada - disse Anistaze, apontando a arma à mão de Uli e apertando o gatilho.

A arma disparou.

Foi nesse mesmo instante que William Race irrompeu de uma esquina próxima, embateu de lado contra Anistaze, a toda a velocidade, arrancando-lhe a Glock da mão.

Mas os dois caíram desajeitadamente, batendo num dos pilares que sustentavam a ponte. o pé de Anistaze escorregou para a beira da cratera e ele estendeu uma mão, agarrando o braço de Race com a força de um torno e, antes de Race poder perceber o que estava a acontecer, caíram ambos do rebordo da mina pela parede da cratera abaixo.

Felizmente, as paredes de terra da mina não eram completamente verticais. Formavam um declive muito acentuado, talvez um ângulo de setenta e cinco graus. Os dois homens levantaram nuvens de poeira, ao deslizarem descontroladamente pela parede da cratera. Escorregaram ao longo de uns bons trinta metros, até` aterrarem ambos, a monte, em solo plano e sólido. Na casa dos barcos, Renée também caiu no chão e viu as estrelas durante alguns momentos.

Depois, voltou-se de costas, mesmo a tempo de ver um pedaço de tubo, empunhado pelo segundo técnico nazi, vir direito à sua cara! Renée girou, mais uma vez, sobre si mesma e o tubo bateu estrondosamente no soalho de madeira, a centímetros da sua cabeça.

A agente alemã pôs-se de pé, com um mortal, em busca da arma. A sua G- 11 estava caída no chão a um metro de distância, fora do seu alcance, afastada pela queda do seu corpo, quando fora agredida na nuca com o tubo.

o técnico voltou a atacar.

Renée baixou-se e o tubo passou-lhe por cima da cabeça. Em seguida, levantou-se outra vez e deu um soco no técnico, mesmo no meio da cara, fazendo-o voar de encontro a uma parede.

o técnico bateu violentamente com as costas num painel de controlo existente na parede. Devia ter tocado num botão, pensou Renée, pois, nesse momento, ouviu um som ominoso de maquinaria vindo de dentro das paredes da casa dos barcos e, de súbito, sem aviso prévio, o tapete rolante que se estendia ao longo do armazém começou a mover-se.

Race e Anistaze resvalaram para a frente.

Os dois homens estavam ainda aturdidos, devido à queda de 30 metros, na mina, e a tentarem levantar-se, quando sentiram que, sob os seus pés, o chão começava a mover-se para diante.

Race cambaleou ligeiramente e olhou para baixo, para o chão.

Não era terra firme de todo. Era a parte mais baixa do tapete rolante, do tapete rolante que levava à superfície, dentro da casa dos barcos!

Só que agora, movia-se para cima.

Race voltou-se mesmo a tempo de ver o punho esquerdo, com quatro dedos, de Anistaze voar em direcção à sua cara. o golpe do comando alemão acertou no alvo e Race caiu como um saco de batatas, no amplo tapete rolante.

Anistaze pôs-se de pé, por cima do seu corpo caído, e então, abruptamente, o mundo ficou negro.

De início, Race não percebeu o que estava a acontecer. Depois compreendeu. Ele e Anistaze tinham acabado de entrar no longo túnel que levava à casa dos barcos, arrastados pelo movimento do tapete rolante.

Na casa dos barcos, por entre o ruído ensurdecido das hélices do Bell Jet Ranger que giravam velozmente, fazendo eco naquele espaço cavernoso, Renée lutava com o técnico.

Este voltou a desferir um golpe com o tubo, no preciso momento em que Renée saltava para trás. o golpe falhou o alvo mas Renée reparou que o piloto do helicóptero estava agora a olhar directamente para ela.

o piloto começou a contorcer-se, tentando escapar à posição incômoda em que se encontrava, no chão do héli. Ao mesmo tempo, o jovem técnico que tinha ido à lixeira procurar Uli apareceu à porta da casa dos barcos. René viu um e o outro. Então, num único movimento fluído, ao desviar-se de mais um golpe desferido pelo primeiro técnico, tirou do cinto as duas granadas que Uli tinha tirado ao nazi morto na lixeira, puxou as cavilhas, virou-se e atirou ambas para o interior da casa dos barcos. As granadas rolaram pelo chão, em direcções diferentes. Uma dirigia-se para a plataforma do helicóptero e para o próprio helicóptero, a outra ia direitinha ao jovem técnico, que estava parado junto à porta. Um, três-cinco-seis... Dois, três-cinco-seis... Três, três-cinco-seis... o técnico que se encontrava à porta percebeu, um segundo tarde demais, que o objecto rolava na sua direcção. Tentou fugir no último momento mas não foi suficientemente rápido. A granada explodiu. E ele também. A segunda granada ressaltou para a plataforma e parou mesmo por baixo do elegante Bell Jet Ranger branco. Detonou abruptamente, despedaçando a carlinga do helicóptero num milésimo de segundo e matando instantaneamente o piloto deitado no chão. A explosão desfez também os patins de aterragem, obliterando-os, fazendo com que o helicóptero inteiro caísse um metro e meio na vertical e embatesse na plataforma. Ficou de barriga, com as pás da hélice ainda a girar, num turbilhão de velocidade.

Enquanto subiam, por entre a escuridão, Race e Anistaze lutavam. Race lutava com força, com toda a força que o seu físico lhe permitia, socando à toa, acertando alguns golpes, falhando a maior parte deles. Mas Anistaze era de longe o melhor lutador e, pouco depois, Race estava deitado de costas, pregado ao chão, tentando em vão defender-se dos seus golpes. Então, Anistaze sacou de uma faca de mato, que tinha numa bainha, no tornozelo. Mesmo na escuridão do túnel íngreme, Race viu o brilho da longa lâmina avançar rapidamente para a sua cara. Agarrou o pulso de Anistaze com as duas mãos, mantendo a lâmina afastada, mas o nazi beneficiava do impulso e a lâmina aproximava-se cada vez mais do olho esquerdo de Race. De repente, uma luz branca, crua, bateu nas caras dos dois e, com igual brusquidão, o tapete rolante voltou à horizontal, fazendo com que os dois homens perdessem o equilíbrio e dando a Race a oportunidade de se escapar à faca de Anistaze. Race olhou rapidamente em volta. Estava novamente dentro da casa dos barcos. Só que agora, viajava na horizontal, sobre o tapete rolante, ainda subjugado pelo peso de Anistaze. No entanto, infelizmente para ambos, o tapete arrastava-os agora para as pás da hélice do Bell Jet Ranger, que giravam a toda a velocidade. Neste momento, porém, devido ao facto de ter perdido os patins de aterragem na explosão da granada, as pás giravam como uma serra rotativa horizontal, a pouco mais de noventa centímetros acima do tapete rolante. As pás da hélice estavam a três metros de distância. Girando velozmente. Dois metros e setenta. Anistaze também as viu. Dois metros e meio. Race viu René lutar com o técnico, perto da parede. o rugido das pás da hélice descontroladas ribombava no interior do armazém.

Dois metros.

Então, Anistaze decidiu adoptar uma horrível táctica nova. Com uma força tremenda, agarrou em Race pelo colarinho e levantou-o à altura dos ombros, para que o pescoço de Race ficasse ao nível das pás da hélice do helicóptero.

Um metro e oitenta.

René continuava a lutar com o primeiro técnico. Nos curtos intervalos, viu Race e Anistaze, a lutar em cima do tapete rolante e viu Anistaze colocar o professor de joelhos e mantê-lo distante de si. René ficou de olhos esbugalhados de horror.

Anistaze ia decapitar Race com as pás da hélice do helicóptero! Um metro e meio.

Renée viu a consola, na parede. o painel de comando que ligava e desligava o tapete...

Um metro e vinte.

Race viu as pás da hélice girar rapidamente e percebeu o que Anistaze estava a tentar fazer.

Um metro.

Race tentou mexer-se, tentou lutar. Mas não serviu de nada. Anistaze era simplesmente demasiado forte. Race olhou para os olhos do seu atacante e viu apenas ódio.

Meio metro.

A morte certa aproximava-se. Race gritou, em desespero.

-Aaaaaaaaaaaaaah!

Trinta centímetros.

Nesse preciso instante, Renée desviou-se de um novo golpe desferido pelo técnico, aproximou-se sorrateiramente dele por trás e, agarrando-o à bruta pelos cabelos, arremessou com toda a força a cabeça dele contra a consola da parede.

o tapete rolante parou.

Race também parou e a sua nuca ficou a uns três centímetros das pás da hélice do helicóptero.

A surpresa deixou o rosto de Anistaze sem expressão.

-Que caralho?...

Race aproveitou a oportunidade e deu uma joelhada com força nos testículos do nazi.

Anistaze deu um berro.

No mesmo instante em que Race o agarrava pelos colarinhos.

-Sorri, filho da puta - disse Race.

Depois, deixou-se cair no tapete rolante, rebolando rapidamente para trás, sob a hélice do heli, utilizando o seu peso como alavanca para empurrar Anistaze para a frente, com o pescoço exposto às lâminas giratórias do helicóptero.

As pás da hélice penetraram na garganta de Anistaze como uma serra eléctrica a cortar manteiga, separando-lhe a cabeça do corpo, num único golpe suave e regular.

Um jacto de sangue cobriu a cara de Race, que continuava deitado no tapete, ainda agarrado à gola de Anistaze.

Race livrou-se rapidamente do corpo e rolou para fora do tapete.

Sacudiu a cabeça. Não conseguia bem acreditar no que tinha acabado de fazer. Tinha acabado de decapitar um homem... Bolas!

Olhou para cima e viu Renée de pé perto da consola, ao lado do corpo inconsciente do técnico nazi. o homem tinha perdido os sentidos com a pancada que ela o tinha feito dar contra a consola.

Renée sorriu a Race, erguendo o polegar.

Pela sua parte, Race deixou-se cair pesadamente no chão, exausto.

No entanto, ainda a sua cabeça não tinha tocado no chão, já Renée estava ao seu lado.

- Ainda não, Professor - disse ela, puxando-o, para ele se levantar. -

Ainda não chegou a hora do descanso. Venha, temos de impedir Ehrhardt de detonar a Supernova.

Na cabina de controlo, no alto da mina, o cronómetro do ecrã do portátil da Supernova continuava a contagem decrescente.

00:15:01

00:15:00

00:14:59 Ehrhardt pegou no rádio.

-Obergruppenführer? Não obteve resposta.

-Anistaze, onde está você? Nada.

Ehrhardt voltou-se para Fritz Weber.

-Passa-se alguma coisa. o Anistaze não responde. Inicie as contra medidas de protecção em redor do dispositivo. Sele a cabina de controlo.

-Sim, senhor.

Renée e Race arrastaram Uli para o gabinete envidraçado com vista para a mina e deitaram-no no chão.

Um grande mostrador digital na parede mostrava a contagem decrescente.

00:14:55

00:14:54

00:14:53

-Raios - disse Race. - já começaram a contagem!

Renée começou imediatamente a tratar a ferida no estômago de Uli. A máquina de fax, no outro lado da sala, começou a trabalhar ruidosamente.

Race, que agora carregava uma espingarda de ataque G-11, foi até lá. Estava a sair uma folha, onde se podia ler:

DO GABINETE DO PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS

TRANSMISSÃO DE FAC-SIMILE PROTEGIDA

NÚMERO DE ORIGEM DE FAX: 1-202-555-6122

NÚMERO DE DESTINO DE FAX: 51-3-454-9775

: 5 JAN 1999

HORA: 18:55:45 (LOCAL)

CÓDIGO DE REMETENTE: 004 (secretário da Defesa Nacional)

MENSAGEM É A SEGUINTE:

Tendo-se reunido com os seus conselheiros, e de acordo com as suas bem conhecidas posições relativamente ao terrorismo, o Presidente deu-me instruções para os informar de que, EM CIRCUNSTÂNCIA ALGUMA, pagará qualquer quantia em dinheiro para evitar que detonem qualquer tipo de dispositivo que possam ter na vossa posse.

W PHILLIP LIPANSKY

Secretário da Defesa Nacional

do Presidente dos Estados Unidos

-Jesus - murmurou Race. - Eles não vão pagar... Renée foi ter com ele e olhou para o fax.

-Meu Deus, olhe-me só para este fraseado duro. Eles estão a ver se eles existe. Pensam que ele não vai detonar a Supernova. - E ele vai detonar a Supernova?

-Não duvidem - disse Oh! do chão, fazendo com que Race e Renée se voltassem.

uli falava por entre dentes cerrados.

-Ele está sempre a falar nisso. É louco. Só uma coisa que ele quer: o seu mundo novo. E, se não o puder ter, vai simplesmente destruir o mundo que existe.

-Mas porquê? - perguntou Race.

-Porque é essa a moeda de troca dele. Foi sempre essa moeda de troca que ele usou: vida e morte. Ehrhardt é um homem velho. Velho e mau. já não precisa do mundo. Se não receber o dinheiro e, com ele, a sua nova ordem mundial, destruirá a antiga, sem pensar duas vezes.

-Maravilhoso - ironizou Race. - E nós somos os únicos que o podemos deter?

-Isso mesmo.

- E como é que vamos fazer isso? - perguntou Race, voltando-se para Uli. - Como é que paramos a contagem?

-Temos de introduzir o código de desarme no computador de inicialização - respondeu Uli. - Mas, como eu já disse, só o Weber é que sabe o código.

-Então, de uma forma ou de outra - disse Race - vamos ter de lhe arrancar o código.

Momentos mais tarde, Race corria pela orla da enorme cratera, em direcção à ponte sul.

o plano era simples.

Renée esperava no início da ponte norte, enquanto Race dava a volta à cratera, a correr, até à ponte sul. De seguida, quando ele lá chegasse,

corriam os dois, ao mesmo tempo, ponte fora, para a cabina de controlo, partindo de extremos opostos.

A lógica do plano baseava-se no facto de as duas pontes suspensas, que se estendiam até à cabina de controlo, serem bastante avançadas e muito robustas, As duas pontes tinham sido construídas com cabos de aço de alta-tensibilidade e, para fazer cair qualquer delas, era preciso alguém soltar quatro juntas de pressão separadas. Se Race e Renée corressem pelas duas pontes, ao mesmo tempo, um deles poderia conseguir chegar à cabina, antes de Ehrhardt e/ou Weber puderem inutilizar as duas pontes.

Após seis minutos e meio de corrida, Race chegou à ponte sul. Estendia-se diante de si, por cima da mina. Era monstruosa mente comprida, uma característica que era acentuada pelo facto de ser muito estreita. Embora só tivesse a largura suficiente para deixar passar uma pessoa de cada vez, tinha mais ou menos o comprimento de um campo de futebol, de uma ponta à outra. Santo Deus, pensou Race.

-Está pronto, Professor? - perguntou, de repente, a voz de Renée noauscultador de Race.

Race usava o rádio havia tanto tempo que já quase se tinha esquecido dele. - o mais possível.

-Então, vamos.

Race entrou na ponte suspensa.

Viu a cabina branca quadrada, ao fundo, suspensa lá no alto, por cima do chão da mina, viu a porta embutida na sua parede, no ponto onde a ponte se lhe juntava. De momento, essa porta estava fechada.

E, pelas longas janelas rectangulares, também não se via movimento dentro da cabina.

Não. A cabina estava ali, só, silenciosa, a pairar perfeitamente no ar, mais de duzentos metros acima do mundo. Race entrou na ponte.

Nesse preciso momento, Renée movia-se velozmente pela ponte suspensa, do lado norte.

Caminhava de olhos fixos na porta fechada, ao fundo da ponte, observando-a numa expectativa tensa, à espera de a ver abrir-se de repente, a qualquer momento.

Mas a porta manteve-se resolutamente fechada.

Odilo Ehrhardt espreitou por uma das janelas da cabina de controlo e viu Renée aproximar-se pela ponte norte.

Pela janela do lado oposto, viu Race a fazer exactamente a mesma coisa que Renée mas pela ponte sul.

Agora, Ehrhardt tinha de escolher. Escolheu Race.

As figuras minúsculas de Race e de Renée corriam pelas duas pontes suspensas, convergindo para a cabina de controlo.

Renée movia-se um pouco mais depressa que Race, correndo rapidamente, de arma erguida. Quando ela ia mais ou menos a meio caminho, no entanto, a porta ao fundo abriu-se de repente e Odilo Ehrhardt saiu para a ponte. Renée ficou estática, gelada.

Ehrhardt empurrava diante de si a minúscula figura do Dr. Fritz Weber, escudando-se atrás do corpo do pequeno cientista que se debatia. Ehrhardt tinha colocado um braço rechonchudo em volta do pescoço de Weber. Na outra mão, segurava uma pistola semi-automática Glock-20, apontada à cabeça do cientista,

Não o faças, pediu Renée mentalmente, desejando que Ehrhardt não matasse o único homem que sabia o código de desarme da Supernova.

Obviamente não o desejou com ardor suficiente. Porque nesse instante, nesse instante único e terrível, Odilo Ehrhardt dirigiu um último e sinistro sorriso a Renée e premiu o gatilho.

A arma na mão de Ehrhardt disparou alto e bom som, ecoando pela cratera. Fez brotar um jacto de sangue do lado da cabeça de Weber, espalhando os seus miolos pelo corrimão e pelo fundo da cratera.

o corpo de Weber ficou completamente flácido e Ehrhardt atirou-o da ponte, deixando Renée a olhar, sem poder fazer nada a não ser ficar, num horror atordoado, a ver o corpo cair, cair, cair, até acabar de galgar os duzentos e tantos metros de vazio que o separavam do chão da mina, onde tombou com um baque distante.

Race também escutou o tiro e, um segundo depois, viu o cadáver de Weber voar cratera abaixo.

-Santo Deus...

E começou a correr mais depressa, em direcção à cabina, a correr a sério. Entretanto, no lado norte da cabina, Odilo Ehrhardt ainda não tinha terminado.

Depois de atirar da ponte o corpo de Weber, tinha começado a desfazer as conexões das juntas de pressão que ligavam a cabina à ponte.

-Não! - gritou Renée, agarrando-se aos corrimãos dos dois lados da ponte. Com um silvo agudo, uma das juntas pressurizadas soltou-se e o corrimão do lado esquerdo de Renée simplesmente caiu. Renée fez os cálculos mentalmente. Não havia maneira de conseguir chegar à cabina antes de Ehrhardt soltar as outras três junções.

Deu meia volta e correu, correu com todas as suas forças, no sentido contrário ao da cabina.

De repente, um ruído sibilante.

Tinha sido solta mais uma junção e o outro corrimão caiu. Mais duas junções.

Renée corria a bom correr, pela ponte agora sem corrimãos, a duzentos e tal metros do solo.

Alguns segundos depois, a terceira das junções foi cortada e as placas debaixo dela começaram a descair para a esquerda.

A seguir, com um último esgar de contentamento, Ehrhardt soltou a quarta junção e a enorme ponte suspensa - ainda presa à orla norte da cratera mas já não à cabina que ficava no centro precipitou-se no abismo, levando consigo Renée Becker.

Renée estava apenas a cerca de quinze metros da orla, quando a ponte lhe desapareceu debaixo dos seus pés. Assim que a sentiu cair, atirou-se para a frente, agarrando-se, com os dedos, às placas metálicas do soalho da ponte, como se estas fossem tábuas de salvação.

A ponte suspensa tombou contra a parede inclinada da cratera. Renée embateu violentamente na parede terrosa da mina, ressaltou com o impacto mas, fosse lá como fosse, conseguiu aguentar-se.

Race chegou à porta, ao fundo da ponte por onde corria. Então, ouviu a voz de Renée gritar nos auscultadores.

-Professor, aqui Renée. A minha ponte foi abaixo, Estou fora da jogada. Agora, é consigo.

o TEMPLO

Fixe, pensou Race, cinicamente. Era mesmo isto que eu queria ouvir.

Respirou fundo e agarrou a arma com maior firmeza. A seguir, agarrou a maçaneta da porta com força e abriu-a, empurrando a porta com o cano da G-11... batendo no arame.

Bip! Race viu Ehrhardt antes de perceber de onde vinha aquele som agudo.

o corpulento general nazi estava de pé no outro lado da cabina de controlo, junto à porta sul, com a Glock na mão, pendente ao lado do corpo. Sorria a Race. À esquerda de Ehrhardt, Race viu a Supernova - com a superfície exterior, de prata e vidro a brilhar, a secção cilíndrica de tório colocada ao centro, suspensa dentro da sua câmara selada a vácuo entre as duas ogivas termonucleares.

Encostados à parede, ao lado da Supernova, havia dois super-computadores Cray YMP As duas cápsulas que tinham sido utilizadas para transportar as ogivas estavam no chão, ao lado do grande dispositivo, e o ídolo, agora com uma secção oca na base, encontrava-se numa bancada ao lado, abandonado. No computador portátil ligado à frente da Supernova, a fonte do som, Race

viu o cronómetro, que continuava a contagem decrescente, a caminho do zero:
00:05:00

00:04:59

00:04:58 Por baixo da sequência, viam-se as palavras: INICIADA SEQUÊNCIAALTERNATIVA DE DETONAÇÃO. Sequência de detonação alternativa?

-Obrigado, Sr. Zé Ninguém Armado em Valença - zombou Ehrhardt. - Ao entrar nesta cabina, assinou a sua sentença de morte.

Race franziu o sobrolho.

Os olhos de Ehrhardt voltaram-se para a esquerda.

Race seguiu o olhar de Ehrhardt e viu, alinhados na parede leste da cabine, oito barris de oitocentos litros. Em letras bem gordas, escritas nos lados, viam-se as palavras: ATENÇÃO! e PERIGO

-FLUIDOS AUTO-INFLAMÁVEIS.

Na frente dos enormes bidões amarelos, tinham sido escritas outras palavras: HIDRAZINA, TETRÓXIDO DE NITROGÉNIO.

Havia quatro bidões com hidrazina e quatro de tetróxido de nitrogénio. Uma rede complexa de cabos e tubos ligava os bidões de plástico uns aos outros. Fluidos auto-inflamáveis ou hipergóxicos, recordou Race das suas aulas de química, eram líquidos que explodiam quando entravam em contacto uns com os outros.

Em cima de um dos bidões de hidrazina, havia um segundo cronómetro. Mas não estava a contar, estava parado nos cinco segundos.

00:05:00 E, então, só então, Race viu que os oito bidões amarelos estavam ligados ao computador da Supernova por um cabo preto e grosso que serpenteava pelo chão da cabina.

00:04:00

00:03:59

00:03:58 -Como? - perguntou Race, com a G-11 encostada ao ombro, apontada ao peito de Ehrhardt. - Como foi que eu assinei a minha sentença de morte?

-Ao abrir essa porta, accionou um mecanismo que, de uma maneira ou outra, vai acabar com a sua vida.

-Como, raios? Ehrhardt sorriu.

-Há dois dispositivos incendiários nesta sala, Professor: A Supernova e os combustíveis auto-inflamáveis. Um destruirá o planeta inteiro, o outro destruirá esta cabina. Eu sei que deseja desarmar a Supernova mas, se o conseguir fazer, terá de pagar um preço.

-Que preço?

-A sua vida em troca pela vida do mundo. Ao abrir essa porta, Professor, accionou um mecanismo que liga o computador

da Supernova aos fluidos auto-Inflamáveis. Agora, se, por alguma razão, a contagem decrescente da Supernova for parada, o cronómetro dos combustíveis auto-Inflamáveis arranca. Em cinco segundos, os combustíveis irão misturar-se e quando o fizerem explodem, destruindo esta cabina e destruindo-o a si. «Por isso, a escolha é sua, Professor. É uma escolha singular, única na história da humanidade. Pode morrer com o resto do planeta dentro de exactamente três segundos e meio ou pode salvar o mundo. Mas, para o fazer, terá de sacrificar a sua vida.» Race nem queria acreditar no que estava a ouvir.

Uma escolha singular... Pode salvar o mundo...

Mas, para o fazer, terá de sacrificar a sua vida...

Os dois homens estavam um em cada lado da cabina: Race na porta sul, com a G-11 encostada ao ombro; Ehrhardt na porta norte, com a Glock na mão pendente ao lado do corpo.

00:03:21

00:03:20

00:03:19

- o Presidente concordou em pagar o resgate - disse Race, apressadamente, tentando um ardil desesperado.

-Não, não concordou - ripostou Ehrhardt, pegando numa folha de papel que estava na bancada ao seu lado e atirando-a a Race.

A folha esvoaçou para o chão. Era uma cópia do fax que Race tinha visto no escritório da mina. Ehrhardt devia ter um fax ali, também.

-E mesmo que ele tivesse dito que pagava - cuspiu o nazi

-eu continuava sem poder desactivar o dispositivo. Só o Weber é que sabia o código de desarme e ele, meu amigo, está morto. Não. Agora, é você ou nada. Agora, aconteça o que acontecer, pelo menos terei a satisfação de saber que não sairá vivo desta cabina.

-E você? - desafiou Race. - Também vai morrer.

-Eu estou velho, Professor Race. Velho e podre. A morte não significa nada para mim. Mas o facto de poder levar o resto do mundo comigo significa tudo...

E, nesse momento, rápido como uma cascavel, Ehrhardt ergueu a Glock, apontou-a a Race e puxou o

A G- 11 de Race deu um coice no seu ombro ao disparar um único tiro.

A bala sem invólucro embateu no enorme peito de Ehrhardt, de onde saltou uma gota de sangue, e o impacto atirou o homem corpulento contra a parede que tinha atrás de si.

Ehrhardt embateu violentamente na parede e a sua Glock disparou para o tecto, desfazendo um alarme de incêndio e, de repente, uma série de extintores de incêndios no tecto expeliram jorros de água.

Ehrhardt tombou no chão, por entre aquela chuva de interior. Era uma imagem nojenta: babava-se, de boca aberta, e com os olhos esbugalhados devido ao choque.

Race ficou ali parado, junto à porta, paralisado na posição de tiro, com a água a encharcar-lhe a cara, atordoado.

Era a primeira vez que matava um homem a tiro. Nem mesmo durante a perseguição no rio o tinha feito. Sentiu-se doente. Engoliu a bÍlis que se lhe acumulava na boca.

E, então, viu o cronómetro da Supernova.

00:03:00

00:02:59

00:02:58 Race saiu do transe em que mergulhara e correu para examinar o corpo do líder nazi.

Ehrhardt ainda estava vivo mas por pouco. Saía-lhe sangue da boca e do peito.

Mas os seus olhos ainda brilhavam e fitavam fixamente Race, com uma espécie de deleite louco, como se estivesse encantado por deixar Race naquela situação, sozinho numa cabina de controlo, no estrangeiro, sem mais ninguém senão um nazi moribundo, uma Supernova prestes a explodir e oito bidões de combustível auto-inflamável, que o matariam se ele conseguisse desarmar a bomba principal.

Muito bem, Will, mantém-te calmo.

00:02:30

00:02:29

00:02:28 Dois minutos e meio para o fim do mundo.

Mantém-te calmo, o caralho!

Race correu para a Supernova e olhou para o ecrã do computador de activação.

DISPÕE DE

00:02:27 MINUTOS PARA INTRODUIR CÓDIGO DE DESACTIVAÇÃO INTRODUZA CÓDIGO DEDESACTIVAÇÃO AQUI

Desanimado, Race olhou para o cronómetro. A chuva dos extintores caía-lhe com força na cabeça.

o que é que vais fazer, Will? Não tinha escolha, pois não?

Ele podia morrer Com o resto do mundo ou podia tentar arranjar maneira de parar a Supernova e morrer na mesma.

Raios, pensou.

Não era nenhum herói.

As pessoas como Renco e Van Lewen eram heróis. Ele não era ninguém. Era só um tipo qualquer. Um professor universitário que chegava sempre atrasado ao trabalho, que perdia sempre o comboio. Até ainda tinha muitas de estacionamento por pagar, por amor de Deus!

Não era nenhum herói.

E também não queria morrer como um herói.

Além disso, não fazia a mínima ideia de como adivinhar o código do computador da Supernova. Não era nenhum hacker. Não, o único facto importante era que Fritz Weber estava morto. E Fritz Weber era a única pessoa que sabia o código para desactivar a Supernova.

00:02:01

00:02:00

00:01:59 Race fechou os olhos e suspirou.

já agora, podia, pelo menos, morrer como um herói.

Então, sentou-se muito direito, em frente à Supernova, e olhou para o ecrã, com a cabeça mais fria.

Muito bem, Will, respira fundo. Respira fundo. Olhou para o ecrã, para a linha que dizia:

INTRODUZA CÓDIGO DE DESACTIVAÇÃO AQUI

OK. Havia oito espaços para preencher. Para preencher com um código.

OK. Quem é que sabe o código? o Weber sabe o código.

Era a única pessoa que sabia o código.

Então, uma voz explodiu no seu ouvido e Race quase saltou. -Professor, o que é que se está a passar?

Era Renée

-Por amor de Deus, Renée, pregou-me um susto de morte. o que é que se passa? Bem, o Ehrhardt matou o Weber e eu matei

o Ehrhardt e agora estou sentado à frente da Supernova a tentar arranjar maneira de a desactivar. Onde é que está?

-No escritório por cima da cratera.

-Tem algumas boas ideias para desactivar esta coisa?

-Não, o Weber era o único que...

-Isso já eu sei. Ouve, eu tenho oito espaços para preencher e preciso de os preencher depressa.

-OK. Deixe-me pensar...

00:01:09

00:01:08

00:01:07

-Um minuto, Renée.

-Está bem, está bem. Eles diziam, naquela transcrição telefónica, que a Supernova deles é baseada no modelo americano, não era? Isso quer dizer que o código deve ser numérico.

-Como é que sabe isso?

-Porque sei que a Supernova americana tem um código numérico - Renée desviou o ouvido o silêncio dele. - Nós temos gente nossa dentro das vossas agências.

-Ah, OK. Pronto, é um código numérico. Um código de oito dígitos. Isso deixa-nos com, para aí, um trilião de combinações possíveis.

00:01:00

00:00:59

00:00:58 O Weber era a única pessoa que sabia o código, certo? - perguntou Renée. - Por isso, deve ser qualquer coisa que tenha a ver com ele.

-Ou pode ser um número completamente aleatório - respondeu Race secamente.

-Pouco provável - argumentou Renée. - As pessoas que usam códigos numéricos raramente utilizam números aleatórios. Usam números que têm significado para elas, números de que se podem lembrar, pensando num acontecimento ou numa data memorável ou qualquer coisa do género. Ora, o

que é que sabemos sobre o Weber?
Mas Race já não estava a ouvir.

Algo tinha soado na sua cabeça ao escutar Renée, algo que tinha a ver com aquilo que ela acabara de dizer.

-Muito bem - dizia Renée, pensando em voz alta. - Ele era um nazi, na Segunda Guerra Mundial. Fez experiências com seres humanos.

Mas Race estava a pensar noutra coisa completamente diferente.

Usam números que têm significado para elas, números de que se podem lembrar, pensando num acontecimento ou numa data memorável...

E então lembrou-se.

Era o artigo do New York Times que tinha lido a caminho do trabalho, ontem de manhã, antes de chegar à universidade e dar de caras com uma equipa de tropas das Forças Especiais à sua espera, no seu gabinete.

o artigo dizia que os ladrões conseguiam entrar mais facilmente nas contas bancárias das pessoas porque oitenta e cinco por cento delas utilizavam os seus aniversários ou outras datas significativas para elas como códigos dos seus cartões.

-Quando era o aniversário dele? - perguntou Race, de repente.

-Ah, isso eu sei - respondeu Renée. - Vi isso no ficheiro dele. Foi algures em 1914. Ai, quando é que era? É isso: 6 de Agosto. 6 de Agosto de 1914.

00:00:30

00:00:29

00:00:28

- o que acha? - gritou Race, por entre o ruído ensurdecedor da chuva que continuava a cair no recinto.

-É uma possibilidade - admitiu Renée.

Race pensou nisso por um segundo. Olhou para a sala em seu redor e, quando o fez, viu Ehrhardt sentado, com as costas contra a parede, rindo-se pela boca ensanguentada.

-Não - afirmou, decidido, Race. - Não é isso...

-Então?

Embora não soubesse porquê, Race estava a pensar com uma clareza cristalina.

-É demasiado simples. Se ele usou uma data, terá que ser uma data relevante mas que seja arditosa ou tenha a ver com presunção. Alguma coisa que humilhasse o resto do mundo. Ele não utilizaria algo tão frívolo como a data do aniversário. Com certeza que foi buscar qualquer coisa com significado.

-já não temos muito tempo, Professor. o que é que há mais? Race tentou lembrar-se do que mais ele tinha ouvido dizer sobre Fritz Weber.

Tinha feito experiências com seres humanos.

00:00:15

Tinha sido julgado em Nuremberga.

00:00:14

E condenado à morte.

00:00:13

E executado.

00:00:12 Executado. Executado... É isso, pensou Race.

00:00:11

Mas em que data?

00:00:10

-Renée, depressa. Em que data foi a suposta execução de Weber?

00:00:09

-Oh... 22 de Novembro de 1945.

00:00:08

22 de Novembro de 1945.

00:00:07

vá lá.

00:00.06 Race inclinou-se para a frente e digitou os algarismos no teclado da Supernova.
INTRODUZA CÓDIGO DE DESACTIVAÇÃO AQUI
1122 1945

Uma vez introduzido o código, com a água dos extintores a cair-lhe em cima e o cronómetro à sua frente decrescendo rapidamente para o zero, Race carregou com força na tecla ENTER.

Bip!

As gargalhadas de Ehrhardt pararam assim que ouviu o som. A cara de Race abriu-se num sorriso.

Meu Deus, consegui.

E, de repente, o ecrã da Supernova mudou.

CÓDIGO DE DESACTIVAÇÃO INTRODUIZIDO. CONTAGEM DECRESCENTE PARA DETONAÇÃO INTERROMPIDA AOS

00:00:04 MINUTOS.

SEQUÊNCIA ALTERNATIVA DE DETONAÇÃO ACTIVADA.

Sequência alternativa de detonação?

-Oh, merda... - sussurrou Race.

Os seus olhos dirigiram-se para o outro cronómetro, aquele que estava em cima dos bidões de hidrazina, do outro lado da sala, aquele que não passava dos 00:00:05.

o segundo cronómetro activou-se e passou para os 00:00:04. Os olhos de Ehrhardt abriram-se de surpresa.

Os olhos de Race abriram-se ainda mais.

- oh, porra - disse.

Exactamente quatro segundos depois, no término da contagem abreviada, os combustíveis auto-Inflamáveis nos bidões misturaram-se e as paredes da cabina de controlo explodiram com uma violência extraordinária.

As janelas estilhaçaram-se todas ao mesmo tempo, explodindo para fora num milhão de fragmentos, seguidas de perto por uma estrondosa, diluviana e explosiva bola de chamas.

Os destroços voaram em todas as direcções. Portas, pedaços da Supernova, pedaços de bancadas, fragmentos do chão, foi tudo expelido com tamanha força que alguns resíduos conseguiram mesmo ultrapassar a orla da cratera, caindo na densa vegetação que rodeava a mina gigante. Os pedaços desfeitos das duas ogivas termonucleares que eram parte da Supernova caíram inofensivamente no fundo da cratera, pois a explosão hipergólica era demasiado crua para dividir os átomos nelas contidos.

Num instante, da cabina de controlo só restava um esqueleto enegrecido, carbonizado, impossível de reconhecer, vagamente suspenso sobre a cratera. As paredes da cabina tinham desaparecido, as janelas tinham desaparecido, o chão e o tecto tinham também desaparecido.

William Race também tinha desaparecido.

SEXTA MAQUINAÇÃO Terça-feira, 5 de janeiro, 19: 10

As duas embarcações navegavam lentamente sobre o rio, a caminho da mina abandonada.

Uma das embarcações era uma lancha rápida longilínea e elegante, a outra, um pequeno hidroavião de ar gasto, com apenas um flutuador na asa direita. o mundo estava silencioso, o rio calmo.

Leonardo Van Lewen e Doogie Kennedy espreitaram para fora das respectivas carlingas e olharam para a mina deserta, que tinham diante de si. Devagar, aproximaram as embarcações da margem, atracando-as suavemente.

Tinham escutado a explosão hipergólica e, naquele momento estavam a olhar para a imensa cratera de terra e para a coluna de fumo negro, que subia da armação em forma de caixa carbonizada, suspensa sobre o seu centro.

Não se via viValma. Nada se mexia.

o que quer que fosse que tivesse acontecido, já tinha terminado. Os dois Boinas Verdes saltaram das embarcações e, de armas em punho, dirigiram-se cautelosamente para o conjunto de velhos armazéns, na orla da cratera. Depois, abruptamente, Renée apareceu junto à porta de um dos edifícios. Ela viu-os imediatamente, foi ter com eles e os três

ficaram na orla da ravina, olhando para os restos enegrecidos da cabina de controlo.

- o que foi que aconteceu aqui? - perguntou Van Lewen.

-Ehrhardt usou o ídolo para armar a Supernova. Depois, programou-a para detonar - respondeu Renée, numa voz triste e suave. - o Professor Race conseguiu parar a sequência de detonação mas, assim que ele neutralizou a Supernova, a cabina simplesmente explodiu.

Van Lewen olhou para a cabina destruída, para o sítio onde William Race tinha sido visto vivo pela última vez.

- o engenho estava ali? - perguntou.

-Hum, hum - respondeu Renée. - Não dá para acreditar. Ele parou a contagem. Ele foi incrível.

-E o ídolo?

- Destruído na explosão, presumo, juntamente com a Supernova e com o Professor Race.

Ouviu-se uma rastolhada, no meio da vegetação, do lado direito deles.

Van Lewen e Doogie voltaram-se, de armas em riste.

Mas, quando o fizeram, não viram nada a não ser árvores e folhas.

Então, subitamente, um objecto cilíndrico parecido com um tambor, uma espécie de cápsula, aproximadamente do tamanho de um caixote do lixo normal, caiu dos ramos superiores de uma árvore e aterrou suavemente na densa vegetação, a cerca de vinte metros deles.

Van Lewen, Renée e Doogie olharam, intrigados, e aproximaram-se, para ver o que era,

A cápsula devia ter estado dentro da cabina de controlo, quando aquela explodira e tinha sido expelida até ali, pela força da onda de choque.

A cápsula da ogiva rolou sobre a vegetação e parou. Depois, estranhamente, começou a abanar de um lado para o outro, como se estivesse alguém lá dentro a contorcer-se, para tentar sair...

Subitamente, a tampa da cápsula saltou e Race saiu de lá de dentro, estatelando-se de rabo no solo lamacento.

A cara de Renée abriu-se num sorriso rasgadíssimo. De imediato, ela e os dois Boinas Verdes correram para o sítio onde Race estava caído na vegetação.

o professor estava deitado de costas na lama, encharcado e exausto para lá dos limites. Mas ainda tinha o seu boné e o colete preto Kevlar.

Race olhou para cima, para os seus três companheiros, quando eles se aproximaram e presenteou-os com um meio-sorriso cansado.

Depois, tirou a mão direita detrás das costas e colocou um objecto no chão, diante de si. Gotas de água brilhavam por todo o objecto mas era impossível não reconhecer a brilhante pedra preta e púrpura e os traços ferozes da cabeça de rapa que nela tinham sido esculpidos.

Era o ídolo.

o Goose cruzava os ares, pairando graciosamente sobre a floresta amazónica. Dirigia-se para oeste, banhado pela luz do ocaso. De volta às montanhas, de volta a Vilcafor.

Doogie ia à frente na carlinga, a pilotar o avião. Van Lewen, Race, Renée e o ferido, Uli, iam sentados atrás.

Race meditava sobre a sua fuga da cabina de controlo.

Nos cinco segundos de que dispunha, entre acabar de desactivar a Supernova e o momento em que os combustíveis auto-inflamáveis se misturariam, tinha procurado desesperadamente uma forma de escapar da cabina.

Por acaso, o seu olhar detivera-se numa das cápsulas das ogivas

-um contentor capaz de suportar 5000 quilos de pressão por centímetroquadrado, pois o seu fim é proteger ogIVas nucleares.

Sem mais nada a que recorrer, correr para ela, pegara no ídolo de caminho e fechara a tampa da cápsula, no momento exacto em que terminava a contagem de cinco segundos.

Os combustíveis tinham-se misturado, a cabina explodira e ele tinha sido lançado bem alto, pelos ares, dentro da cápsula. Graças a Deus, aterrara com relativa suavidade em cima das árvores que rodeavam a mina. Mas estava vivo e era isso que interessava.

Agora, sentado na traseira do hidroavião, Race segurava também nas mãos um velho livro de capa de couro esfarrapada, que tinha encontrado na casa dos barcos, depois da sua fuga espectacular. Estava numa prateleira, dentro do escritório que dava para a mina.

Era um livro que ele tinha insistido em procurar, antes de partirem para Vilcafor.

Era o Manuscrito de Santiago.

o Manuscrito de Santiago original, escrito por Alberto Santiago, no século dezasseis, roubado da Abadia de San Sebastian por Heirich Anistaze, no dia vinte, e copiada pelo agente especial, Uli Pleck, do Bundes Krimínal Amt, pouco tempo depois.

Sentado na traseira do pequeno hidroavião, Race olhava para o manuscrito numa espécie de respeito contido.

Olhava para a caligrafia de Alberto Santiago. Os traços e os floreados eram-lhe familiares mas, agora, estava a vê-los num papel com uma textura maravilhosa, escritos com uma tinta rica azul, e não numa fotocópia desagradável e tosca.

Tinha vontade de o ler imediatamente mas não podia ser: era uma coisa que teria de esperar. Havia outras coisas que ele ainda tinha de resolver.

-Van Lewen - disse.

-Sim.

-Fale-me de Frank Nash.

- o quê?

-Eu disse, fale-me de Frank Nash. O que é que quer saber?

-já alguma vez tinha trabalhado com ele?

-Não. Esta foi a primeira vez. A minha unidade foi chamada de Fort Bragg para esta missão.

-Sabe que Nash é coronel da Unidade de Projectos Especiais de Exército?

-Sim, claro.

-Então, sabia que era mentira quando, Nash foi ao meu gabinete, ontem demanhã, com uma identificação da DARPA e uma história de que era um coronel reformado do Exército e que, agora, trabalhava para a Agência de Projectos de Pesquisa Avançada de Defesa?

-Eu não sabia que ele tinha dito isso.

-Não sabia?

Van Lewen olhou para Race. Era um olhar honesto.

-Eu sou apenas uma peça da engrenagem, OK, Professor Race? Disseram-me queia ser uma missão de protecção. Disseram-me para o proteger a si. Por isso, é o que estou a fazer. Se o coronel lhe mentiu, tenho pena mas não sabia.

Race cerrou os dentes. Estava lixado como aquilo tudo. Estava furioso Por ter sido levado a participar naquela missão por meio de uma artimanha.

Mas, para além de estar zangado, estava também determinado a ficar a saber tudo, porque, se Nash não era mesmo da DARPA, havia uma série de outras perguntas a fazer. Por exemplo, qual era a posição de Lauren e de Copeland?

Também trabalhavam nos Projectos Especiais do Exército? E, numa perspectiva mais pessoal, também havia perguntas sobre a forma como ele próprio tinha vindo a fazer parte daquela missão. Afinal, Nash afirmara que tinha obtido o seu contacto através do seu irmão Marty. Mas havia quase dez anos que

Race nem sequer via o irmão.

Race nem sequer via o irmão.

Estranhamente, Race deu consigo a pensar em Marty.

Em crianças, tinham sido muito unidos. Embora Marty fosse uns bons três anos mais velho que ele, tinham sempre jogado juntos - futebol, basebol ou, simplesmente, andar só a correr de um lado para o outro. Mas, apesar da diferença de idades, Will tinha sido sempre melhor nos desportos. Por outro lado, Marty era sem dúvida o mais esperto dos dois rapazes. Tinha-se distinguido na escola e fora votado ao ostracismo, por causa disso. Não era bonito e, mesmo aos nove anos, era a imagem do pai de ambos: ombros curvados e sobrancelhas grossas, com uma expressão permanentemente severa, que fazia lembrar Richard Nixon. Race, pelo contrário, tinha a beleza da mãe: cabelos castanhos-claros e olhos azuis. Na adolescência, enquanto Will saía com os amigos, Marty ficava em casa com os seus computadores e a sua preciosa colecção de discos do Elvis Presley. Aos dezanove anos, Marty nunca

tinha sequer tido uma namorada. Com efeito, a única rapariga de que ele gostara, uma rapariga chamada Jennifer Michaels, tinha um fraco por Will. E isso deixara Marty arrasado.

Quando chegara a altura de ir para a universidade, enquanto os seus algozes de recreio saíram para serem empregados bancários ou agentes imobiliários, Marty foi direitinho para os laboratórios de informática no MIV, com os estudos pagos na íntegra pelo pai, que era engenheiro informático. Por seu turno, Race, inteligente, é certo mas sempre o pior dos dois nos estudos, iria parar à USC, com meia bolsa de desporto. Aí iria encontrar, cortejar e perder Lauren O'Connor e, nos intervalos, estudar línguas. Depois, viera o divórcio dos pais.

Tinha acontecido tudo tão repentinamente. Um dia, o pai de Race chegara a casa, vindo do trabalho, e dissera à mãe que a ia deixar. Depois, soubera-se que ele tinha um caso com a secretária havia quase onze meses. A família dividiu-se ao meio.

Marty, então com vinte e cinco anos, ainda via o pai regularmente. Afinal, ele tinha sido sempre o filho do papá, tanto no aspecto como na maneira de ser.

Mas Race nunca perdoou o pai. Quando ele morreu de ataque cardíaco, em 1992, Race nem sequer foi ao funeral.

Era a clássica família nuclear americana. Explodira a partir de dentro. Race voltou ao presente, a um hidroavião que sobrevoava as seivas do Peru. E a Lauren e o Copeland? - perguntou a Van Lewen.

-Eles também são dos Projectos Especiais do Exército?

-São - respondeu, solenemente, Van Lewen. Filho da puta.

-Então, está bem - disse Race, mudando de tática.

- o que é que sabe sobre o projecto Supernova?

Massachusetts Institute of Technology. Instituto Tecnológico do

Massachusetts, uma das mais prestigiadas universidades de altas tecnologias do mundo. (N. do T)

-Juro que não sei nada - respondeu Van Lewen. Race mordeu os lábios, com uma expressão carregada. Depois, voltou-se para Renée.

- o que é que sabe sobre o projecto Supernova americano?

-Um pouco.

Race ergueu as sobrancelhas, expectante. Renée suspirou.

-Projecto aprovado pela Comissão de Armamento do Congresso, em sessão à porta fechada, em janeiro de 1992. Orçamento de 1,8 biliões de dólares, aprovado pela Comissão de Valores do Senado, mais uma vez em sessão à porta fechada, em Março de

1992. o projecto deveria ser uma joint venture entre a Agência de Projectos de Pesquisa Avançada de Defesa e a Marinha dos Estados Unidos. O nome do Chefe de Projecto é...

-Um momento - interrompeu Race. - o Projecto Supernova é um projecto da Marinha?

-Exactamente.

Então, Frank Nash tinha-lhe dito várias mentiras, para o convencer a participar na missão. A Supernova nem sequer era de todo um projecto do Exército.

Era um projecto da Marinha.

Então, subitamente, Race deu consigo a lembrar-se de uma coisa que tinha ouvido na noite anterior, quando estava preso dentro do Hunivee, antes de os gatos atacarem a equipa do BKA.

Recordou-se de ouvir a voz de uma mulher, talvez a de Renée, dizendo qualquer coisa em alemão, no rádio, uma frase que, na altura, ele tinha achado bastante incongruente e que não tinha traduzido para Nash e para os outros.

Was ist mit dem anderen amerikanischen Team? Wo sind die jetzt? «E a outra equipa americana? Onde é que eles estão, agora?» A outra equipa americana...

-Desculpe, Renée - disse Race - quem é que você disse que era o chefe de projecto da Supernova?

Chama-se Romano. Doutor Julius Michael Romano.

Então, era isso.

Finalmente, sabia quem era o misterioso Romano. A equipa de Romano era a outra equipa americana. Santo Deus...

-Então, deixe cá ver se eu entendi bem - começou Race.

- o projecto Supernova é um projecto da Marinha, chefiado por um tipo chamado Romano. Certo?

-Certo.

-E Romano e a sua equipa estão, neste momento, no Peru, à procura do ídolo de títium.

-Exacto.

-Mas Frank Nash também tem cá uma equipa do Exército e também anda à procura do ídolo.

-Correcto - respondeu Renée.

-Então porquê, porque é que uma equipa chefiada por um coronel da Divisão de Projectos Especiais do Exército dos Estados Unidos anda a tentar apanhar um ídolo que é crucial para uma arma que é da Marinha, antes de uma equipa dessa mesma Marinha?

Renée esclareceu:

-A resposta a essa pergunta é um pouco mais complexa do que possa parecer à primeira vista, Professor Race.

-Experimente.

-Está bem - acedeu Renée, respirando fundo. - Durante os últimos seis anos, os serviços secretos alemães têm andado a observar, discretamente, os três ramos das Forças Armadas dos Estados Unidos: Exército, Marinha e Força Aérea, que têm travado uma luta pelo poder, muito dura e muito secreta.

«Andam a lutar pela própria sobrevivência. Cada um deles tenta ser o ramo das Forças Armadas mais importante dos Estados Unidos, para não ser dispensado, quando o Congresso finalmente eliminar um deles, como planeia fazer em 2010. Eles lutam para se tornarem imprescindíveis.

- o Congresso quer suprimir um dos ramos das Forças Armadas até 2010? - perguntou Race.

-De acordo com uma minuta secreta do Departamento da Defesa, datada de 6 de Setembro de 1993 e assinada pelo Secretário da Defesa e pelo próprio Presidente, o Departamento da Defesa recomendou ao Presidente a eliminação, em 2010, de um ramo das Forças Armadas.

-OK... - disse Race. - E como é que sabe tudo isso? Renée presenteou-o com um sorriso malandro.

-Vamos lá, Professor. A Marinha americana não é a única que põe escutas nos cabos de comunicação submarinos de outros países.

-Oh, - disse Race

-Na base da decisão do Departamento, esteve o facto de a guerra ter mudado. A antiga divisão terra-mar-ar das forças armadas dos vários países

já não se aplica ao mundo moderno. É um anacronismo provocado por duas guerras e por mil anos de combate pessoal. Só resta decidir qual dos três ramos vai desaparecer.

-Desde essa altura - continuou Renée - cada ramo das Forças Armadas tem tentado provar o seu valor, à custa das outras duas.

-Como, por exemplo? - perguntou Race, céptico.

-Por exemplo, a Força Aérea afirma que tem o bombardeiro Stealth, o aviãocaça-bombardeiro furtivo, e uma perícia única em matéria de combate com superioridade aérea. Mas a Marinha contrapõe, dizendo que tem os Grupos de Combate de Porta-Aviões.

Mais ainda: diz que os seus caças e bombardeiros convencionais são tão invisíveis como o B-3 e que, ainda por cima, a Marinha tem a vantagem acrescida de dispor de aeródromos transportáveis. Com uma dúzia de Grupos de Combate de Porta-Aviões, diz a Marinha, quem é que precisa da Força Aérea?

O Exército, por outro lado, afirma ter tropas terrestres especializadas e forças de infantaria mecanizadas. Mas tanto a Força Aérea como a Marinha contrapõem, dizendo que a guerra tem lugar nos céus e nos oceanos do mundo. Dizem que basta pensar na Guerra do Golfo e no conflito do Kosovo, nos quais as batalhas que foram travadas a partir do ar e não de terra.

«Acrescente-se a isso o facto de haver uma ligação próxima da Marinha ao Corpo de Fuzileiros dos Estados Unidos, Uma vez que a existência do Corpo de Fuzileiros é garantida pela Constituição Americana, este não pode ser eliminado. E eles têm capacidades de infantaria terrestres e mecanizadas, o que coloca o Exército uma pressão ainda maior, para justificar a sua existência.

«Caramba, veja os mísseis balísticos intercontinentais. Todos os ramos mantêm instalações para lançamento de mísseis: a Marinha tem os sistemas de lançamento submarinos; a Força Aérea tem sistemas de lançamento terrestres e aéreos; e o Exército tem sistemas móveis e terrestres. Haverá alguma nação que precise mesmo de três sistemas de mísseis nucleares individualizados, quando, na verdade, dois ou mesmo apenas um serve?

-Então, quem é que lhe parece que vai perder? - perguntou Race, indodirecto ao assunto.

- o Exército - respondeu Renée, com toda a simplicidade.

-Sem dúvida. Especialmente se tivermos em conta a garantia constitucional que salvaguarda o Corpo de Fuzileiros. Em todas as análises que vi, até agora, o Exército aparece sempre em terceiro lugar.

-Por isso, precisam de provar o seu valor - disse Race. -

Precisamdesesperadamente de provar o seu valor. Ou de denegrir o desempenho de outro ramo das Forças Armadas.

O que quer dizer com «denegrir o desempenho de outro ramo das Forças Armadas»?

-Professor - disse Renée - sabia que, no final do ano passado, houve umaintrusão na base da Força Aérea de Vanderberg?

-Não.

-Foram roubados os planos ultra-secretos da nova ogiva nuclear W-88. A W-88 é uma ogiva miniaturizada, que representa o mais recente avanço tecnológico neste campo. Durante o roubo, foram mortos seis seguranças. o relatório da investigação oficial do assalto e a cobertura mediática que se seguiu afirmavam ter sido obra de agentes chineses. Mas o relatório não oficial do assalto diz que, depois de examinar as técnicas de intrusão e assassinato utilizados, apenas uma unidade podia ter executado o crime. Os Boinas Verdes.

Race olhou para Van Lewen. o Boina Verde encolheu os ombros, impotente. Aquilo era uma novidade para ele.

- o Exército assaltou uma base da Força Aérea? - perguntou Race, incrédulo.

Renée respondeu:

-Está a ver, Professor, o Exército está a trabalhar numa nova ogivaminiaturizada própria. A construção, com sucesso, da W-88 iria minar seriamente o projecto do Exército e representaria uma razão a menos para eles continuarem a existir depois de 2010. Race franziu as sobrancelhas.

-E como é que isso tudo se aplica ao projecto, Supernova?

-É simples - respondeu Renée. - A Supernova é a arma definitiva. o ramodas Forças Armadas que a tiver garante a sua sobrevivência, em 2010. É óbvio que, apesar de a Supernova ser oficialmente um projecto da Marinha, o Exército decidiu construir o seu próprio dispositivo. E tudo indica que vão utilizar informação que conseguiram obter por um agente infiltrado no projecto da Marinha.

-Mas ainda ninguém tem tório - observou Race.

-E é por isso que toda a gente está aqui, à procura do ídolo.

-OK, deixe ver se eu entendi bem - disse Race. - Apesar de, oficialmente, a Supernova ser um projecto da Marinha, o Exército tem estado, secretamente, a construir o seu próprio dispositivo. Depois, quando descobre que existe, aqui, uma possível fonte de tório, encarrega Frank Nash e a Unidade de Projectos

Especiais de encontrar esse tório, antes de a Marinha lhe deitar a mão.

-Correcto,

-Raios partam isto - sussurrou Race. - Onde é que uma coisa destas pode ir parar?

Race estava a pensar na parada de carros, do dia anterior, à saída de Nova Iorque. Só alguém bastante importante poderia ter organizado uma coisa daquelas.

-Vai parar ao topo - disse Renée, num tom de voz mais baixo. - Aos postos mais elevados da hierarquia do Exército americano. E é isso o que realmente me assusta. Nunca vi o Exército tão desesperado. Quer dizer, meu Deus, reparem nesta missão. É isso. É o tudo ou nada. Se conseguir deitar a mão a essa pedra

-acrescentou Renée, indicando, com a cabeça, o ídolo colocado na cadeiravazia ao lado de Race - o Exército garante a sua existência futura. E isso significa que Frank Nash fará tudo para a conseguir. Tudo.

Race pegou no ídolo. o ídolo reluzia nas suas mãos, a cabeça do rapa rosando ameaçadoramente.

Race olhou para ele com tristeza, olhou para a recentemente escavada secção na sua base,

-Então, acho eu, só há um problema, não é? - perguntou.

-Qual é? - perguntou Renée.

-Este ídolo.

- o que é que tem o ídolo?

-A questão é essa - continuou Race. - Este ídolo não é feito de tório. Este ídolo é falso.

É o quê? - perguntou Renée, embasbacada. É falso? - repetiu Van Lewen.

-É falso - confirmou Race. - Tomem, olhem para ele Atirou o ídolo negro e reluzente a Van Lewen. - o que é que está a ver?

o corpulento sargento encolheu os ombros. -Estou a ver o ídolo inca que viemos aqui buscar.

-Ai é? - Race inclinou-se para a frente e pegou no cantil que Van Lewentinha pendurado no cinto. - Empresta-me isto? Race destapou rapidamente o cantil e despejou o seu conteúdo sobre o ídolo. A água correu pela cabeça do rapa abaixo, depois pelo focinho e pingou para o chão do avião.

-Está bem, e...? - disse Van Lewen.

-De acordo com o manuscrito - esclareceu Race - quando é molhado, o ídolo produz uma espécie de cantilena, baixinho. Este não faz nada disso.

-E?

- E, nesse caso, não é feito de tório. Se fosse feito de tório, o oxigénio existente na água faria com que ele ressoasse. Este não é o ídolo verdadeiro. É uma falsificação.

-Quando é que descobriu isso? - perguntou Renée.

Race contou.

-Quando eu tirei este ídolo da bancada, uns segundos antes de a cabina explodir, o sistema anti-incêndio estava a encharcar a sala toda com água. Molhou o ídolo e, mesmo então, ele não emitiu cantilena nenhuma. Como agora.

-Portanto, a Supernova dos nazis não teria destruído o mundo? - perguntou Van Lewen.

-Népie - respondeu Race. - Talvez algumas centenas de hectares de selva, devido à explosão termonuclear. Mas o mundo não.

-Se não é feito de títium - perguntou Van Lewen - de que é que é feito?

-Não sei - respondeu Race. - Um tipo qualquer de rocha vulcânica, acho eu.

- Se é uma imitação - disse Renée, tirando o ídolo das mãos de Van Lewen - então quem é que a fez? Quem é que poderia tê-la feito? Foi encontrada dentro de um templo, onde não entrava ninguém há mais de quatrocentos anos.

-Eu penso que sei quem foi - respondeu Race.

-Sabe?

Race concordou com um aceno da cabeça.

-Quem?

Race pegou no volume encadernado em pele, no original do Manuscrito de Santiago, no mesmo manuscrito em que o próprio Alberto Santiago tinha trabalhado havia muito, muito tempo.

-A resposta a essa pergunta - disse - está nas páginas deste livro.

Race retirou-se para a retaguarda do pequeno hidroavião. Iam chegar a Vilcafor dentro de pouco tempo. Mas ele queria

ler o manuscrito, antes de lá chegarem. Queria lê-lo até ao fim. Havia

tantas perguntas para as quais não tinha respostas. Como: quando tinha Renco substituído o ídolo verdadeiro por um ídolo falso? Ou: como tinha ele conseguido que os rapas voltassem a entrar no templo?

Mas, acima de tudo, mais importante do que outra coisa qualquer, Race queria saber uma coisa.

Onde estava o ídolo verdadeiro.

Race acomodou-se num assento, na traseira do avião. No entanto, quando se preparava para começar a ler o manuscrito, olhou para o pendente de esmeralda que tinha pendurado ao pescoço, o pendente de Renco e segurou-o na mão. Passou os dedos pelas arestas verdes cintilantes. Enquanto o fazia, pensou no esqueleto do qual, algumas horas antes, tinha tirado a tira de couro, o velho esqueleto empoeirado que tinha encontrado dentro do templo. Renco... Race pestanejou para afastar aquela imagem e tentou não pensar nisso. Largou a esmeralda e pôs as ideias em ordem. De seguida, encontrou a passagem no manuscrito onde tinha interrompido a leitura: Alberto Santiago tinha acabado de salvar dos rapas a irmã de Renco, Lena, depois do que Lena tinha contado a Renco que os espanhóis chegariam ao amanhecer..

QUARTA LEITURA

Por um momento, o mais longo de todos os momentos, Renco ficou a olhar para Lena.

«Ao amanhecer», disse ele, repetindo as palavras dela.

Lá fora, ainda era de noite mas, dentro de algumas horas, ia amanhecer.

«Assim é», disse Lena.

À fraca luz que pairava no interior da cidadela, eu conseguia ler no rosto de Renco os pensamentos que lhe iam passando pela mente - a sua missão de salvar o ídolo em conflito com o seu desejo de ajudar os habitantes de Vilcafor, naqueles tempos de duras provas.

Renco olhou para o outro lado, para o interior da cidadela. «Bassario», chamou, com brusquidão.

Voltei-me e vi Bassario sentado no chão, de pernas cruzadas, num canto da

cidadela mergulhado na sombra, de costas voltadas para nós, como era hábito.

«Sim, sábio príncipe», respondeu o criminoso, sem abandonar o que estava a fazer.

«Diz-me que progressos alcançaste?» «Já quase acabei.»

Renco avançou a passos largos para o sítio onde estava sentado aquele criminoso matreiro. E eu fui atrás.

Bassario voltou-se, quando Renco chegou junto dele, e, no chão, a seu lado, eu vi o ídolo que era nossa missão proteger. Então, Bassario entregou a Renco uma coisa qualquer para ele apreciar.

Quando vi o que era, parei de pronto.

Abri e fechei as pálpebras duas vezes e voltei a olhar, pois estava certo de que aquilo era uma brincadeira.

Mas não era.

Fiquei com a certeza absoluta de que não era.

Porque, ali mesmo, diante dos meus olhos, encontrava-se uma réplica exacta do ídolo de Renco.

Claro que Renco havia planeado tudo aquilo desde o começo. Recordei-me da nossa breve paragem na pedreira da aldeia de

Colco, logo no começo da nossa jornada, recordei-me de ver Renco encher um saco de objectos com arestas aguçadas. E recordei-me distintamente de, nesse momento, ter pensado, porque estaríamos a perder o nosso precioso tempo a apanhar pedras.

Mas, agora, compreendia tudo.

Renco havia obtido na pedreira uma colecção de rochas muito semelhantes à estranha pedra preta e púrpura, na qual o ídolo havia sido esculpido.

Em seguida, havia entregado essas pedras ao criminoso Bassario, ordenando-lhe que esculpisse uma cópia do ídolo, com a qual pretendia enganar Hernando.

Era uma ideia brilhante.

Também compreendi aquilo que Bassario tinha vindo a fazer ao longo de toda a nossa jornada, nos momentos em que se afastava para um canto do acampamento e se debruçava sobre uma pequena fogueira, de costas voltadas para nós.

Nesses momentos, ele ia esculpindo a sua cópia do ídolo.

E, em boa verdade, é preciso dizê-lo, era uma cópia notável. As fauces arreganhadas do gato, os dentes aguçados que nem facas. Tudo isto esculpido no mais lustroso das espécimes de pedra preta e púrpura.

Por um instante, a única coisa que fui capaz de fazer foi olhar fixamente para o falso ídolo e perguntar a mim mesmo que espécie de mestre criminoso Bassario havia sido.

«Quanto tempo falta para acabares?», inquiriu Renco a Bassario.

Enquanto Renco falava, reparei que a cópia ainda necessitava de alguns retoques finais, nas linhas das mandíbulas do gato. «Não muito», replicou o criminoso. «Estará pronto de madrugada.»

«Só dispões de metade do tempo», disse Renco, afastando-se de Bassario e olhando para o grupo de sobreviventes reunidos em torno de si, na cidadela. Não era uma visão que pudesse dar-lhe esperança.

Diante dele, encontrava-se Vilcafor - velho, inútil e frágil e sete guerreiros incas que haviam tido a sorte de estar dentro da cidadela, quando os rapas haviam atacado. Todavia, ademais dos sete guerreiros, Renco estava rodeado somente de alguns homens mais velhos, de olhares assustados, mulheres e crianças.

«Renco», sussurrei. O que vamos nós fazer?

O meu corajoso companheiro cerrou os lábios, enquanto pensava. Então, disse o seguinte:

Vamos pôr termo a todo este sofrimento. De uma vez por todas.»

E, dito isto, enquanto Bassario trabalhava febrilmente para terminar a sua réplica do ídolo, Renco começou a organizar os sobreviventes de Vilcafor.

«Agora, ouvi», disse ele, reunindo-os em torno de si, num círculo apertado. «Os comedores de ouro vão estar aqui ao nascer do Sol. Pelos meus cálculos, isso dá-nos menos de duas horas para nos prepararmos para a chegada deles. «As mulheres, as crianças e os mais velhos, entrarão no quenko, seguindo as instruções da minha irmã, e afastar-se-ão desta aldeia tanto quanto possível.»

E, voltando-se para os sete guerreiros sobreviventes da aldeia, acrescentou:

«Guerreiros. Vós vindes comigo, até esse templo de que fala Vilcafor. Se os rapas vieram de dentro daquela construção, então teremos que voltar a mandá-los para lá, Vamos atraí-los para dentro do templo com a canção do ídolo e, em seguida, voltamos a fechá-los lá. Agora, ide e recolhei todas as armas que conseguirdes encontrar.»

Os guerreiros apressaram-se a cumprir as ordens. «Lena», chamou Renco.

«Sim, meu irmão?»

A bela irmã de Renco apareceu a seu lado. Sorriu-me ao chegar, de olhos brilhantes.

«Preciso da maior bexiga que fores capaz de encontrar, disse Renco. Cheia de água da chuva. Assim será», replicou Lena, afastando-se, apressada.

«E Hernando?», inquiri a Renco. «E se ele chegar, enquanto nós estamos ocupados a fazer os rapas voltar para o seu covil.» Renco disse:

«Se, como conta a minha irmã, ele vem atrás de nós com batedores chancas, então, quando aqui chegar, ficará a saber qual a direcção que nós seguimos. Confia em mim, meu bom Alberto. Eu estou a contar que assim seJa. Pois, quando ele me descobrir, vai encontrar um ídolo comigo... e dou-te minha palavra em conformidade eu lhe vou entregar esse ídolo.»

«Hernando é um homem frio e cruel, Renco», disse eu. «Um homem mau e sem remorsos. Não podes esperar que ele aja com honra. Depois de lhe entregares o ídolo, ele matar-te-á.»

«Eu sei.»

«Então, porque... Qual é o maior dos bens, meu amigo?», disse Renco, baixinho. «Que eu viva e Hernando deite as mãos ao ídolo do meu povo? Ou que eu morra e ele se apodere somente de uma réplica?»

Renco sorria-me.

«Pela minha parte, preferia viver. Mas temo que a minha vida não seJa o que mais importa neste caso.»

A cidadela tornou-se uma colmeia de actividade, quando as gentes de Vilcafor começaram a preparar-se para o que estava para vir. o próprio Renco saiu, a fim de dar mais instruções aos guerreiros da aldeia de Vilcafor. Enquanto ele o fazia, eu aproveitei a oportunidade para me aproximar por instantes de Bassario e vê-lo modelar a sua réplica do ídolo. Diga-se em abono da verdade

-e possa Deus perdoar-me por isto - que eu tinha outro motivo para quererfalar com ele.

«Bassario», sussurrei, hesitante. «A... Lena tem um esposo?» Bassario fitou-me, fazendo um esgar ímpio. Vejam só o matreiro do monge... »disse ele, bem alto. Supliquei-lhe, em murmúrios abafados, que não falasse tão alto. Como era de esperar de tal velhaco, Bassario estava muito divertido. «Ela já teve esposo», acabou por dizer. «Mas o casamento deles terminou faz muitas luas, antes da chegada dos comedores de ouro. o esposo de Lena chamava-se Huarca e era um jovem guerreiro promissor. Tanto quanto se pode esperar de um casamento contratado, o casamento deles era tido como prometedor. Todavia, ninguém sabia que Huarca era dado a ataques de cólera. Após o nascimento do filho de ambos, Huarca começou a bater

selvaticamente em Lena. Dizia-se que Lena suportava aquelas pancadas para proteger o filho da ira do pai. Tudo parece indicar que foi bem sucedida quanto a esse fim. Huarca nunca bateu no rapaz.»

«Porque foi que ela não o deIXOu?», inquiri. «Afinal, ela é uma princesa do

vosso povo... Huarca ameaçou matar o rapaz, se ela contasse a alguém que ele lhe batia.»

Santo Deus, pensei. E, depois, o que foi que aconteceu?», inquiri.

«Acabou por se descobrir tudo por acaso», disse Bassario. «Um dia, Renco chegou, sem que ninguém o esperasse, a casa de Lena e foi encontrá-la encolhida a um canto, com o filho nos braços. Tinha os olhos cheios de lágrimas e o rosto coberto de sangue e de nódoas negras.

«Huarca foi imediatamente capturado e condenado à morte. Penso que acabou por ser lançado a um poço, com um par de gatos da selva esfomeados. Eles fizeram-no em pedaços.» Bassario abanou a cabeça, em sinal de desaprovação.

«Um homem que bate na sua esposa, monge, é o mais covarde dos covardes, o mais baixo de todos eles. Eu diria que Huarca teve o fim que merecia.»

Deixei Bassario entregue ao seu trabalho e dirigi-me a um canto da cidadela, a fim de me preparar para a missão que se aproximava.

Ao cabo de algum tempo, Rencojuntou-se a mim, para fazer o mesmo. Ainda envergava as vestes espanholas que havia roubado no navio-prisão fazia algumas semanas: o casaco de couro castanho, as calças brancas, as botas de couro até aojoelho. Aquelas vestes, havia-me dito uma vez, haviam sido de grande valor para ele, durante a nossa árdua viagem pela floresta.

Renco colocou uma aljava ao ombro e começou a apertar o cinto da espada à volta da cintura.

«Renco», disse eu. «Sim?»

«Porque foi Bassario para a prisão?»

«Ah, Bassario... »suspirou ele, com tristeza.

«Quer acredites quer não, dantes Bassario era um príncipe, disse Renco. «Um jovem príncipe muito estimado. Em boa verdade, o seu pai era nada menos que o Mestre Pedreiro Real, um brilhante construtor e talhador de pedra, o engenheiro mais venerado do império. Bassario era seu filho e seu protegido e, em breve, tornar-se-ia um pedreiro brilhante. Aos dezasseis anos, havia ultrapassado o seu pai em sabedoria e arte, apesar de o seu pai ser o Mestre Pedreiro Real, o homem que construía cidadelas para o Sapa Inca.

«Mas Bassario era estouvado. Era um grande desportista, em boa verdade um arqueiro sem par mas, como muitos de igual jaez, era dado à bebida, ao jogo e a divertir-se com as belas jovens de Cuzco, nos bairros mais barulhentos. Todavia, infelizmente para ele, o seu sucesso junto das mulheres não tinha reflexo nas casas de jogo. Foi contraindo uma dívida monstruosa junto a uns homens de reputação duvidosa. Então, quando a dívida se tornou demasiado elevada para ele poder pagá-la, esses crápulas decidiram que Bassario teria de lhes pagar de outra maneira... com os seus consideráveis talentos.»

«Como?» «Bassario pagou-lhes, utilizando as suas notáveis qualidades de canteiro para esculpir cópias de estátuas famosas e de tesouros sem preço. Esmeralda ou ouro, prata ou jade, fosse qual fosse a matéria, Bassario era capaz de fazer réplicas de objectos mais complexos.

«Depois de Bassario ter copiado uma estátua famosa, os seus nefandos parceiros assaltavam a casa do verdadeiro dono do ídolo e substituíam-no pela cópia que Bassario havia feito.

«Este esquema funcionou ao longo de mais de um ano, havendo os criminosos lucrado muito com ele, até ao dia em que os amigos de Bassario foram descobertos na casa de um primo do Sapa Inca, quando trocavam um ídolo verdadeiro por uma réplica.

O papel de Bassario em todo aquele esquema depressa foi descoberto. Ele foi mandado para a prisão e toda a sua família caiu em desgraça. o seu pai deixou de ser o Mestre Pedreiro Real e foi

despojado dos seus títulos. o meu irmão, o Sapa Inca, decretou que a família de Bassario seria expulsa da casa que ocupava no bairro real e passaria a viver num dos bairros mais pobres de Cuzco.» Eu ia ouvindo tudo isto em silêncio.

Renco prosseguiu:

«Eu considereei que a pena era demasiado dura e assim o disse a meu irmão

mas ele queria fazer de Bassario um exemplo e ignorou os meus pedidos de clemência.»

Renco olhou para Bassario, que continuava o seu trabalho, a um canto da cidadela.

«Outrora, Bassario foi um jovem muito nobre. Com muitos defeitos, sem dúvida, mas nobre na sua essência. Foi por isso que, quando fui incumbido do dever de ir buscar o ídolo ao Coricancha, pensei que podia recorrer aos seus talentos em proveito da minha tarefa. Pensei que, se os criminosos de Cumo podiam aproveitar-se da sua arte para os seus próprios fins, então, sem dúvida que eu podia fazer o mesmo, na minha missão de resgatar o Espírito do meu povo.»

Ao cabo de algum tempo, Bassario terminou a sua réplica do ídolo.

Quando isso aconteceu, Bassario trouxe o falso ídolo e o verdadeiro e estendeu ambos a Renco.

Renco ergueu os dois ídolos à altura dos olhos. Eu olhei por cima do seu ombro e, em boa verdade, a arte de Bassario era tal que eu não seria capaz de dizer qual dos ídolos era o verdadeiro e qual era o falso.

Bassario retirou-se para o seu canto da cidadela e começou a reunir as suas coisas: a espada, a aljava, o arco.

Onde julgas que vais?», inquiriu Renco, ao vê-lo pôr-se de pé. «Vou-me embora», replicou Bassario com simplicidade.

Mas eu preciso da tua ajuda», disse Renco. Vilcafor diz que os seus homens tiveram que remover uma enorme laje da entrada do templo e que foram precisos dez homens para o conseguir. Eu vou precisar da ajuda de tantos quantos puder reunir, para voltar a colocá-la no seu lugar. Preciso da tua ajuda.»

«Penso que já fiz mais do que a minha parte na tua demanda, nobre príncipe», disse Bassario. «Fugir de Cuzco, atravessar as montanhas, caminhar às cegas pela floresta cheia de perigos. E, enquanto isso, sempre a fazer um ídolo falso em teu benefício. Não, eu cumpri a minha parte e, agora, vou-me embora.»

«Não sentes que deves alguma lealdade ao teu povo?»

O meu povo mandou-me para a prisão, Renco», retorquiu Bassario, amargamente. «Depois, castigou a minha família pelo crime que eu cometi, banuiu-a e obrigou-a a viver no bairro mais pobre e mais sujo de Cuzco. A minha irmã foi violada, naquele antro, o meu pai e a minha mãe foram espancados e roubados. Os ladrões até quebraram os dedos do meu pai, para ele não poder voltar a talhar pedra. Só lhe restava mendigar, mendigar migalhas para alimentar a família. Não sinto amargura pelo meu próprio castigo, não sinto amargura alguma, mas também não sinto qualquer dever de lealdade para com a sociedade que puniu a minha família por um crime que era meu e só meu.»

«Lamento», disse Renco, num tom brando. «Não sabia desses incidentes. Mas, por favor, Bassario, o ídolo, é o Espírito do Povo... » «É a tua demanda, Renco. E não a minha. já fiz bastante por ti, mais do que bastante. Acho que ganhei a minha liberdade. Segue o teu destino e deixa-me seguir o meu.»

E, com estas palavras duras, Bassario colocou o arco às costas, entrou no quenko e desapareceu na escuridão.

Renco não tentou detê-lo. Ficou somente a olhar para o sítio por onde ele havia desaparecido, com o rosto coberto de tristeza.

Então, havia chegado o momento de o resto de nós se preparar para o confronto com os rapas. Só faltava dar um toque final,

Agarrei na bexiga com urina de macaco, que o velho desdentado me havia dado, no começo daquela noite, abri a tampa. De pronto, um odor absolutamente nauseabundo assaltou os meus orifícios do olfacto. Sentia-me fraquejar, desesperado, perante a perspectiva de espalhar aquele líquido mal cheiroso sobre o meu corpo.

Mas não deixei de o fazer. E, oh, como era pútrido aquele cheiro. Não era

de espantar que os rapas o detestassem.

Renco riu-se perante o meu desconforto. Em seguida, arrancou-me a bexiga das mãos e começou a espalhar o líquido amarelo e mal cheiroso sobre o próprio corpo. A bexiga foi passada aos outros guerreiros que iriam aventurar-se a subir a montanha e também eles começaram a banhar-se naquele terrível líquido pestilento.

Quando já nos encontrávamos quase prontos, Lena regressou com uma bexiga muito maior, a bexiga de um lama, que eu cuidei que também estaria cheia de líquido.

«A água da chuva que pediste», disse ela a Renco.

«Ótimo», disse Renco, tirando-lhe das mãos a bexiga do lama. «Agora podemos partir.»

Renco despejou sobre o ídolo verdadeiro umas gotas de água da chuva, que tirou da bexiga do lama.

De pronto, este adquiriu vida e começou a entoar a sua melodiosa canção. o interior da cidadela estava vazio. Lena já havia mandado para o quenko as mulheres, as crianças e os velhos da aldeia, para darem início à sua jornada pelos túneis do labirinto, uma jornada que acabaria por os levar até à queda de água, na beira do planalto. A própria Lena havia-se deixado ficar para trás, a fim de fechar a porta da cidadela, após a nossa partida. «Muito bem», disse Renco, acenando para os dois guerreiros incas que manejavam a porta de pedra. «Agora,»

Nesse momento, os dois guerreiros incas fizeram rolar para o lado a grande pedra, deixando entrever a noite, lá fora.

Os rapas estavam mesmo ali. À nossa espera.

Reunidos num amplo círculo, do lado de fora da cidadela. Contei-os: eram doze, doze enormes gatos pretos, todos eles com demoníacos olhos amarelos, orelhas pontiagudas e músculos poderosos.

Renco ergueu diante de si o ídolo cantante e os rapas ficaram a olhar fixamente para ele, apavorados.

Então, bruscamente, o ídolo parou de cantar e, de modo igualmente brusco, os rapas saíram do transe em que haviam caído e começaram a rosar baixinho.

Lesto, Renco aspergiu o ídolo com mais água da bexiga do lama e a canção do ídolo recomeçou e os rapas mergulharam mais uma vez em hipnose.

E o meu coração também começou a bater de novo. Então, com o ídolo na mão e os sete guerreiros incas e eu próprio atrás de si, Renco franqueou a porta da cidadela, mergulhando no ar frio da noite. Finalmente, a chuva havia parado e, entre as nuvens, havia agora alguns intervalos, que deixavam ver o céu estrelado e o brilho da lua cheia. Empunhando tochas acima das nossas cabeças, fomos avançando pela aldeia e pelo estreito carreiro que seguia ao longo do rio. Em redor de nós, os rapas moviam-se em passadas lentas e deliberadas, mantendo os corpos junto ao chão e os olhos fixos no ídolo cantante empunhado por Renco. O meu medo era imenso. Não: a verdade manda que se diga que nunca na minha vida me havia sentido tão aterrorizado. Afinal, estava rodeado por um bando de criaturas enormes e perigosas, de criaturas totalmente desprovidas de dó ou perdão, de criaturas que matavam sem a menor hesitação.

Eram tão grandes! A luz trémula das nossas tochas, os músculos das suas espáduas e dos seus flancos ostentavam reflexos cor de laranja. Também respiravam pesadamente, com um som profundo que parecia vir-lhes do mais fundo do peito e que não era muito diferente do resfolgar de um cavalo. Enquanto seguíamos pelo caminho que bordejava o rio, olhei para trás e vi Lena parada, ao fundo da aldeia, empunhando uma tocha, a ver-nos avançar. Ao cabo de alguns momentos, todavia, ela desapareceu da minha vista, havendo pensado, imagino, que era altura de voltar para a cidadela e levar por diante aquilo que tinha a fazer ali. Nós prosseguimos a nossa jornada em direcção ao templo misterioso.

Lá fomos, caminho fora. Nove homens - Renco, eu e os sete guerreiros incas - rodeados por um bando de rapas.

Chegámos ao flanco da montanha, a um caminho estreito, talhado na superfície rochosa. Um dos guerreiros incas disse a Renco que ficava do outro lado daquela passagem.

Renco aspergiu novamente o ídolo. Este cantava bem alto e o seu canto agudo cortava o ar fresco da manhã. Então, enveredámos pela passagem, os gatos bem perto de nós, como crianças atrás de um mestre-escola.

Enquanto caminhávamos por aquele estreito caminho, à luz das nossas tochas, um dos guerreiros incas tentou desavisadamente trespassar um dos rapas em transe com a ponta da sua lança

-mas, quando estava prestes a cravar a arma no flanco do animal, o rapavirou-se a ele, rosnando ferozmente, obrigando-o a deter-se a meio do movimento. Então, o enorme gato recomeçou a avançar e retomou a perseguição extasiada ao ídolo cantante.

o guerreiro trocou um olhar com um dos companheiros. Os rapas podiam estar em transe mas não estavam totalmente indefesos. Foi então que chegámos ao fim do carreiro e fomos dar a uma

espécie de desfiladeiro circular. Conforme havia dito o chefe Vilcafor, via-se, a meio, o que parecia ser um incrível dedo de pedra, apontando bem alto para o céu da noite.

À esquerda, no flanco do desfiladeiro, havia sido aberto um caminho, o caminho de retirada que Vilcafor havia mandado construir às suas gentes. o caminho estendia-se à volta da circunferência do desfiladeiro cilíndrico, subindo depois em espiral, ao longo do dedo de pedra que havia no meio deste.

Renco começou a subir o caminho, avançando lentamente, sempre com o ídolo na mão. Os gatos foram atrás dele. Os guerreiros incas e eu começámos lentamente a subir, atrás deles.

Para cima, cada vez mais para cima. À volta, sempre à volta, seguindo a curvatura do caminho.

Ao cabo de algum tempo, chegámos a uma ponte de corda, que se estendia sobre o desfiladeiro, ligando o caminho exterior, ao dedo de pedra situado a meio do grande desfiladeiro.

Olhei para o outro lado da ravina, para a torre de pedra diante de mim. No cimo da torre, rodeada por uma espécie de manto de vegetação, vi uma magnífica pirâmide em socalcos, não muito diferente das que podem ser encontradas nas terras dos Azetecas. Um tabernáculo em forma de caixa, sobrepujava a imponente pirâmide triangular. Renco foi o primeiro a atravessar a ponte. Um a um, os gatos foram atrás dele, saltitando com passadas firmes sobre a ponte, comprida e oscilante. Os guerreiros foram a seguir. Eu fui o último a atravessar. Depois de ter passado a ponte, subi uma larga escadaria de pedra, que ia dar a uma espécie de clareira. Ao fundo dessa clareira, ficava o portal do templo, a entrada para. Era ampla e sombria, quadrada e ameaçadora e encontrava-se aberta, como que desafiando as gentes a franqueá-la. Com o ídolo na mão, Renco aproximou-se do portal. Guerreiros, disse ele, num tom firme. «Ocupai-vos da laje. Os sete guerreiros e a minha humilde pessoa dirigimo-nos para a laje, que se encontrava ao lado da entrada aberta do templo. Renco deteve-se junto ao portal, aspergindo o ídolo com água da chuva, para que ele continuasse a cantar a sua melodiosa canção.

Os gatos detiveram-se diante dele, olhando fixamente para o ídolo cantante, hipnotizados.

Renco deu um passo para o interior do templo. Os gatos foram atrás dele.

Renco deu mais um passo e o primeiro gato entrou atrás dele. Mais um passo. o segundo gato, depois o terceiro, depois o quarto.

Nesse instante, Renco verteu sobre o ídolo a água que ainda restava dentro da bexiga do lama e, então, após um derradeiro olhar solene ao bem mais precioso do seu povo, atirou-o para as profundezas sombrias do templo, Os gatos saltaram para dentro do templo, atrás do ídolo. Os doze.

«Depressa, a laje!», gritou Renco, saindo a correr da entrada do templo.
«Empurrem-na para cima do portal!»

Como um só homem, nós empurrámos. A laje roçou ruidosamente contra o limiar. Apoiei nela todo o meu peso, lançando-o contra o da enorme pedra. De repente, Renco estava a meu lado, fazendo igualmente força contra ela. Lentamente, a laje foi-se deslocando para cima do portal. Faltavam mais alguns passos.

Quase... Só mais... dois...

«Renco», disse subitamente uma voz, vinda das proximidades. Era uma voz de mulher.

Renco e eu voltámo-nos ao mesmo tempo. E, então, vi Lena parada, à entrada da clareira.

«Lena?», disse Renco. O que fazes tu aqui? Eu disse-te para... » Naquele momento, Lena foi brutalmente afastada, atirada ao chão e, de súbito, vi um homem parado nos degraus, por trás dela, e, naquele instante único e solitário, cada gota do sangue que me corria nas veias, transformou-se em gelo.

Eu estava a olhar para Hernando Pizarro.

Uma vaga de perto de vinte conquistadores emergiu de entre a vegetação, por trás de Lena, e espalhou-se pela clareira, com os mosquetes erguidos e apontados aos nossos rostos. As chamas das suas tochas iluminavam toda a clareira.

Vinham acompanhados de três nativos, todos eles com pedaços compridos e aguçados de osso, sobressaindo-lhes dos rostos. Chancas. Os batedores chancas que Hernando havia utilizado para seguir o nosso rasto até Vilcafor.

o último de todos a aparecer, e do modo mais ominoso, era um homem mais alto que os restantes, com longos cabelos pretos que lhe chegavam aos ombros. Também tinha um pedaço aguçado de osso, cravado na face esquerda. Era Castino, o brutamontes chanca, que estivera no mesmo navio-prisão que Renco, no começo da nossa aventura, aquele que havia ouvido Renco dizer que o ídolo se encontrava no Coricancha, em Cuzco.

Os conquistadores e os Chancas formaram um círculo amplo, à volta de Renco, de mim e dos sete guerreiros incas.

Foi então que reparei como todos eles estavam imundos. Cobertos de lama e sujidade. E todos eles pareciam exaustos, tomados de um cansaço sem medida. Então, compreendi que aquilo era tudo o que restava da legião de cem homens de Hernando. Durante a longa marcha através

das montanhas e das florestas, os homens de Hernando iam morrendo à sua volta. De doença, de fome ou talvez somente de pura exaustão.

Era tudo o que restava da sua legião. Vinte homens. Hernando avançou alguns passos, ao mesmo tempo que obrigava Lena a pôr-se de pé. Arrastando-a atrás de si, aproximou-se do templo e parou diante de Renco, lançando-lhe uma mirada imperiosa. Hernando era uma cabeça mais alto que Renco e duas vezes mais corpulento. Empurrou brutalmente Lena para os braços de Renco.

Pela minha parte, lancei uma mirada temerosa ao portal do templo, Encontrava-se parcialmente aberto e a brecha entre a laje e a grande entrada de pedra era bastante ampla para deixar passar um rapa. Aquilo não era nada bom.

Se a água que cobria o ídolo secasse e este deixasse de cantar, os rapas libertar-se-iam daquele feitiço e... Finalmente ficamos a conhecer-nos», disse Hernando a Renco, em espanhol. «Faz muito tempo que andas a evitar-me, jovem príncipe. Vais morrer lentamente.»

Renco não respondeu,

«E tu, monge», disse Hernando, voltando-se para mim, «tu que és um traidor ao teu país e ao teu Deus, hás-de morrer ainda mais lentamente.»

Engoli em seco, controlando o medo.

Renco nem pestanejou. Limitou-se a introduzir lentamente a mão no bernal

que trazia à cintura e a tirar de lá o ídolo.

Os olhos de Hernando brilharam, mal o viu. Se não fosse melhor pesar as palavras, diria que ela havia começado a salivar. «Dá-mo», ordenou.

Renco deu um passo em frente. «De joelhos.»

Lentamente, a despeito da humilhação que aquilo era, Renco ajoelhou-se e estendeu o ídolo a Hernando.

Este arrancou-lho das mãos e os olhos brilharam-lhe de cobiça, enquanto contemplava o prémio que havia tanto tempo buscava.

Ao cabo de alguns instantes, desviou os olhos do ídolo e voltou-se para um dos seus homens.

Sargento, disse. Sim, senhor?», replicou o sargento que se encontrava mais próximo dele.

Executa-os.»

Amarraram-me as mãos com um grande pedaço de corda. E fizeram o mesmo às de Renco.

Lena foi afastada de Renco por dois soldados espanhóis e os dois brutamontes torturaram-na com uma descrição completa do que lhe fariam depois de Renco e eu estarmos mortos, proferindo coisas que não ousa repetir aqui.

Renco e eu fomos obrigados a ajoelhar-nos, a meio da clareira, diante de uma grande pedra rectangular, que parecia um altar. o sargento espanhol postou-se de pé, diante de mim, de sabre em riste.

«Tu, Chanca», disse Hernando, entregando uma espada a Castino. Desde que havia chegado à clareira, o vil Chanca fitava Renco com o mais puro dos ódios. «Podes ocupar-te do príncipe.»

«Com muito gosto», disse Castino, em espanhol, agarrando na espada e dirigindo-se de imediato ao altar de pedra. «Cortai-lhes primeiro as mãos», disse Hernando, em tom judicioso, quero ouvi-los gritar, antes de morrerem.»

Os nossos carrascos e dois outros conquistadores empurram-nos, a Renco e a mim, para nos colocarem em posição, puxando pelas cordas que nos prendiam as mãos para que os nossos braços ficassem estendidos sobre o grande altar. Agora, os nossos pulsos encontravam-se completamente expostos, as mãos prontas para serem separadas dos corpos.

«Alberto», disse Renco, baixinho. «Sim.»

«Antes de morreremos ambos, meu amigo, gostaria que soubesses que, para mim, foi uma honra e uma alegria conhecer-te, Aquilo que fizeste pelo meu povo será recordado por gerações e gerações. Muito obrigado, por isso.»

«Se as circunstâncias se repetissem, meu bravo amigo», repliquei, «faria tudo igual ao que fiz. Que Deus cuide de ti no céu.» «E de ti», disse Renco. «E de ti.»

«Cavalheiros», disse Hernando, dirigindo-se aos nossos carrascos, «cortai-lhes as mãos.»

o sargento e o Chanca ergueram as espadas ao mesmo tempo, ergueram-nas bem acima da cabeça.

Esperai!», gritou alguém, de repente.

Naquele momento, um dos outros conquistadores correu para o altar. Parecia mais velho que os restantes soldados, mais grisalho e astuto, uma verdadeira raposa. o homem correu directamente para Renco.

Havia visto o pendente com a esmeralda, ao pescoço do meu companheiro.

o velho conquistador retirou rapidamente o fio, passando-o sobre a cabeça de Renco, sorrindo-lhe com cobiça, enquanto o fazia.

«Obrigado, selvagem», disse, rindo com desdém, ao mesmo tempo que colocava o pendente à volta do próprio pescoço e voltava para a sua posição junto ao portal do templo.

Os nossos dois carrascos olharam para Hernando, à espera de um sinal.

Mas, estranhamente, Hernando havia deixado de olhar para eles.

Em boa verdade, nem sequer olhava para Renco nem para mim.

Olhava fixamente para, de boca aberta.

Eu contorcei-me para ver para onde estava ele a olhar. «Oh, meu Deus!», murmurei.

Um dos rapas estava parado à entrada do portal, mirando com curiosidade o grupo de seres humanos que tinha diante de si. o seu vulto, postado à entrada, era enorme. Tinha as fortes patas dianteiras afastadas, os músculos dos flancos tensos mas, naquele momento, a sua aparência era estranhamente cómica, em especial porque tinha qualquer coisa na boca.

Mas, obviamente, Castino havia decidido responder a estas perguntas mais tarde, depois de matar Renco.

Havia erguido de novo a lâmina e estava a fazê-la descer a grande velocidade, quando outra seta embateu no punho da sua espada, arrancando-lha das mãos.

De pronto, Renco pôs-se de pé, no momento em que Castino, agora sem espada, o atacava com um dos seus enormes punhos. Renco empurrou o conquistador que havia estado a segurá-lo junto ao altar, colocando-o entre si e o golpe que se aproximava, e o potente murro de Castino atingiu em cheio o rosto do conquistador, despedaçando-lhe o nariz, que se foi enterrar na parte de trás do seu crânio, matando-o com um único golpe.

Então, no mesmo instante, outro conquistador ergueu o mosquete e apontou-o a Renco e disparou, exactamente no mesmo momento em que Renco girava sobre si mesmo, arrastando consigo e diante de si o conquistador morto, que usou como escudo. o disparo de mosquete abriu um feio buraco vermelho a meio do peito do soldado morto.

Enquanto Renco se preparava para dar luta, o conquistador que segurava os meus pulsos em cima do altar ergueu a espada e olhou para mim com intentos maldosos.

Mas, então, num abrir e fechar de olhos, uma seta atingiu-o em pleno rosto e o conquistador caiu, diante de mim, sobre a pedra do altar, de rosto para baixo, com uma seta a sair-lhe da parte de trás da cabeça.

Eu perscrutei a escuridão, tentando ver de onde vinham as setas.

E vi-o.

Vi a figura de um homem, postada lá no alto, na berma do desfiladeiro. o luar recortava-lhe a silhueta, uma silhueta com um joelho em terra, empunhando um arco em posição de disparar e com uma seta encostada à cabeça.

Era Bassario.

Soltei um viva de alegria e, em seguida, dediquei-me a desatar os nós que me prendiam as mãos.

É impossível descrever a carnificina que, naquele momento, se desenrolava em meu redor. Era o caos. o caos absoluto. A clareira diante do templo havia-se transformado num campo de batalha, de uma batalha feroz e sangrenta.

Havia lutas por toda a parte, umas doze refregas separadas. junto do templo, os rapas haviam já morto cinco conquistadores e, agora, estavam a atacar quatro outros espanhóis e os seus três batedores chancas.

Noutras partes da clareira, os sete guerreiros incas, que os rapas evitavam por causa da urina de macaco espalhada sobre os seus corpos lutavam contra os espanhóis que restavam. Alguns deles caíram, quando os conquistadores dispararam os mosquetes contra eles, outros retalhavam os seus inimigos espanhóis, com pedras ou com quaisquer outras armas a que conseguiam deitar as mãos. Apesar de todos os morticínios e derramamentos de sangue a que eu havia assistido nas minhas viagens pela Nova Espanha, aquele era, em boa verdade, o mais brutal e primário exemplo de combate que eu alguma vez havia testemunhado. A meu lado, Renco e Castino haviam pegado em espadas e estavam agora envolvidos no mais feroz dos combates. Castino, pelo menos duas cabeças mais alto do que o meu bravo companheiro, segurava a espada com as duas mãos e desferia uma chuva de golpes potentes contra Renco, Mas Renco defendia-se bem, só com uma mão, tal como eu lhe havia ensinado, recuando em pequenos passos sobre a lama, como um esgrimista espanhol

consumado, mantendo o equilíbrio, ao mesmo tempo que se ia distanciando, em direção à vegetação.

Quando, por fim, consegui soltar a corda do meu pulso esquerdo e me pus de pé, compreendi que bom discípulo Renco havia sido. Tornava-se agora evidente que o aprendiz havia ultrapassado o mestre.

A sua arte de esgrimista era espantosa.

A cada golpe potente que Castino lançava contra ele, Renco erguia rapidamente a espada e aparava-o.

As espadas dos dois homens embatiam uma na outra com feroz intensidade. Castino atacava, Renco defendia-se. Castino dava passadas pesadas, Renco dançava.

Então, Castino desferiu um golpe demoníaco, um golpe tão forte que cortaria a cabeça de qualquer homem vulgar.

Mas não a de Renco.

Os seus reflexos eram demasiado rápidos. Recuou perante o golpe e, no fugaz instante que se seguiu, deu um salto para diante, para cima de uma pequena rocha e ergueu-se no ar, pondo termo à diferença de alturas entre si e Castino. A lâmina da sua espada sulcou o ar tão velozmente que produziu um assobio e, antes de eu ser capaz de me aperceber do que estava a acontecer, vi a sua espada embebida horizontalmente no tronco de árvore por trás do pescoço de Castino.

Castino ficou ali parado, de queixo pendente e olhos esbugalhados. No momento seguinte, a espada caiu-lhe da mão.

E, então, o corpo de Castino separou-se da sua feia cabeça. Renco havia-lhe separado a cabeça do corpo!

Quase aplaudí.

Quer isto dizer que eu teria aplaudido, se não houvesse tido outras coisas com que me ocupar.

Girei sobre mim mesmo, a fim de vigiar o campo de batalha em torno de mim. Por toda a clareira, estavam ainda em curso pequenas batalhas mas os únicos vencedores óbvios pareciam ser os rapas.

Foi então que vi o ídolo. o ídolo verdadeiro.

Encontrava-se no limiar do portal, tombado de lado, no sítio exacto onde, momentos antes, havia caído da boca do rapa. Ainda com um pedaço de corda preso ao pulso direito -

tinha cerca de dois passos de comprimento - apanhei do chão uma espada e uma tocha e corri para, por entre o entrechocar de lâminas e os gritos dos conquistadores destroçados.

Chegado ao portal, atirei-me ao chão junto do ídolo e agarrei nele, no preciso momento em que um dos soldados espanhóis embatia contra as minhas costas, impelindo-nos a ambos para o outro lado do portal, para o interior do templo.

Tombámos os dois, galgando na queda uma série de largos degraus de pedra e mergulhando na escuridão do templo, numa confusão de braços, pernas, ídolo e tocha.

Ao chegarmos ao fundo das escadas, cada um caiu para seu lado.

Encontrávamo-nos no que parecia ser um túnel de paredes de pedra escura. o meu inimigo conseguiu pôr-se de pé e, agora, estava encostado à parede, diante de uma pequena alcova que havia sido aberta nesta. Eu ainda continuava deitado de costas no chão, com o ídolo no colo.

Quando o soldado espanhol se aproximou de mim, vi o pendente de esmeralda no seu pescoço e, de pronto, reconheci-o. Era o matreiro soldado mais velho, que, momentos antes, havia tirado a Renco o seu preciosíssimo pendente.

A velha raposa ergueu a espada bem alto. Eu encontrava-me sem defesa, totalmente exposto.

Nesse momento, com um rugido obscenamente alto, qualquer coisa muito grande saltou sobre a minha cabeça, vinda de trás, e atacou o conquistador a uma velocidade assustadora.

Um rapa.

o gato atingiu o espanhol com uma força tão colossal que este foi atirado para dentro da alcova, que havia por trás de si. A cabeça dele embateu na parede e, com o mais aterrador dos sons, explodiu, quebrando-se que nem um ovo. Um jacto de sangue e miolos saltou do buraco que se havia aberto instantaneamente na parte de trás do seu crânio.

o soldado espertalhão caiu no chão da alcova mas, quando ali chegou, já estava morto.

Com a cauda a abanar com toda a força, o gato começou de imediato a despedaçá-lo.

Eu aproveitei a oportunidade, agarrei no ídolo, subi as escadas a correr e saí do templo.

Saí cá para fora, para a noite, grato por, mais uma vez, haver escapado à morte.

Mas o meu devaneio foi de curta duração. Mal havia passado o portal, ouvi um estalido seco, vindo detrás de mim, seguido de um grito rouco:

«Monge!» Girei sobre mim mesmo.

E vi Hernando Pizarro, parado diante de mim, com uma pistola na mão, apontada ao meu peito.

Então, antes mesmo de poder esboçar um movimento, vi uma língua de fogo sair do cano da pistola, ouvi o estrondoso eco do disparo e, quase de imediato, senti um peso tremendo embater no meu peito e fui atirado para trás.

Caí instantaneamente no chão, depois do que só conseguia ver nuvens, nuvens escuras de tempestade, rolando sobre o céu estrelado, lá no alto, e foi nesse momento que compreendi com extremo horror que havia levado um tiro.

Fiquei deitado de costas, os dentes apertados de agonia, mirando o céu manchado de nuvens, sentindo uma dor ardente a perfurar-me o peito.

Hernando inclinou-se e arrancou o ídolo das minhas mãos que o apertavam e, enquanto isto, deu-me uma bofetada no rosto e disse:

«Morre devagar, monge.» Depois, desapareceu.

Eu continuei deitado nos degraus de pedra diante do templo, à espera que a vida se me fosse escapando do corpo, à espera que a dor se tornasse insuportável.

Mas, então, por qualquer razão que ultrapassava o meu entendimento, em vez de se esvaírem, as minhas forças começaram a regressar.

A dor ardente no meu peito abrandou e eu sentei-me de imediato, tacteando o peito, no ponto em que a bala havia aberto um buraco no meu hábito.

Senti qualquer coisa ali.

Qualquer coisa macia, espessa e quadrada, que tirei dali. Era a minha Bíblia. A minha Bíblia, de trezentas páginas escritas à mão e encadernada em couro.

No centro, via-se um buraco redondo, que parecia a toca de um verme. No fundo da toca, vi uma esfera deformada de chumbo escuro.

A bala de Hernando.

A minha Bíblia havia detido a bala! Louvada seja a Palavra do Senhor.

Pus-me de pé de um salto, momentaneamente inebriado. Olhei em volta, em busca da minha espada, mas não a encontrei e saí para a clareira.

Vi Renco no lado oposto da clareira, empunhando duas espadas e lutando contra dois conquistadores munidos de sabres. Não muito longe do sítio onde me encontrava, dois guerreiros

incas combatiam com outros tantos espanhóis. Pareciam ser os únicos sobreviventes, sobre a torre de pedra.

E, então, vi Hernando, com o ídolo na mão, correndo pelas escadas de pedra, à minha direita, em direcção à vegetação.

Os meus olhos esbugalharam-se.

Ele encaminhava-se para a ponte de corda.

Se ali chegasse, o mais certo seria cortar a ponte e deixar-nos abandonados

na torre, entregues aos rapas.

Fui atrás dele, saltando pela clareira, quase tropeçando num rapa, que se encontrava deitado no chão, a despedaçar o corpo de um conquistador morto. Desci as escadas de pedra, a duas e duas, com o coração a bater violentamente, as pernas voando, em perseguição de Hernando. Quando contornava uma curva das escadas, vi-o a mais ou menos dez passos de mim, a saltar para a ponde de corda.

Hernando era forte e musculoso; eu era mais baixo, mais ágil e mais rápido. Ganhei terreno rapidamente e corri para a ponte na peugada dele e, nesse momento, sem ter mais nada com que pudesse contar, lancei-me, sem espada, contra as suas costas.

Colidi com ele com todo o meu peso e caímos ambos sobre as delgadas tábuas da ponte de corda, bem por cima do desfiladeiro. Mas tamanho foi o peso da nossa queda que, por baixo de nós, as tábuas da ponte se despedaçaram que nem frágeis rebentos novos de uma árvore e, para meu grande horror, caímos ambos pelo buraco que se abriu, direitos ao abismo...

Mas a nossa queda foi breve.

Com uma sacudidela súbita e violenta, parámos abruptamente. No terror da queda, Hernando havia procurado qualquer coisa a que se agarrar, qualquer coisa que pudesse deter a queda.

E havia encontrado o pedaço de corda, que continuava preso ao meu pulso direito. A corda havia passado sobre uma das tábuas da ponte de corda e, agora, Hernando encontrava-se pendurado numa das suas extremidades e eu na outra!

E, assim, lá estávamos nós, que nem pratos de uma mesma balança, um de cada lado da mesma corda, com pedaços de corda da ponte parcialmente quebrada, a baloiçarem-se à nossa volta.

Por um acaso da sorte, da má sorte no meu caso, eu estava suspenso por baixo de Hernando, com a cabeça próxima dos seus joelhos pendentes.

Hernando conseguiu içar-se um pouco, até junto das tábuas que ainda restavam da ponte de corda.

Vi que ele segurava o ídolo na mão esquerda, agarrando-se à corda com a direita. Esticou a mão esquerda, tentando desesperadamente colocar o ídolo numa das tábuas que restavam da ponte de corda e segurar-se a qualquer coisa.

Se conseguisse fazê-lo, compreendi, já poderia deixar-me cair. De momento, o meu peso, por leve que fosse se comparado com o seu, era a única coisa que impedia a sua queda.

Eu precisava de fazer alguma coisa. E rapidamente.

«Porque fazes isto, monge?», gritou Hernando, enquanto continuava a tentar salvar-se, o que parecia estar prestes a conseguir. «Que te importa a ti este ídolo? Eu era capaz de matar por ele!»

Enquanto ele se enraivecia, reparei numa das cordas que pendiam lá de cima, da ponte, uma das cordas que fora parte do corrimão da ponte.

Se eu conseguisse... Seríeis capaz de matar por ele, não seríeis, Hernando?», disse eu, tentando distraí-lo, enquanto me esforçava por desatar o pedaço de corda que estava presa ao meu pulso direito - a corda que me ligava a Hernando. «Para mim, isso não significa nada!» AI não?», gritou ele.

Agora, era uma competição, uma competição para ver quem era o primeiro a conseguir atingir o seu objectivo: o de Hernando era chegar à tábua, acima de nós; o meu desatar a corda que nos unia.

«Não!», gritei em resposta, no momento em que conseguia libertar-me do pedaço de corda.

«Porquê, monge?»

«Porque eu seria capaz de morrer por ele, Hernando.»

E, dito isto, encontrando-me já liberto da corda presa ao meu pulso, estendi o braço para a corda que pendia lá de cima, da ponte, e consegui agarrá-la, ao mesmo tempo que soltava o pedaço de corda que me prendia a

Hernando.

o resultado foi instantâneo.

Agora sem o peso que o equilibrava, do outro lado da corda a que se agarrara, Hernando caiu por ali abaixo.

Passou por mim, na queda: uma massa humana aos gritos. Então, como merecido agravo final, quando ele passou diante de mim, estendi a mão e arrebatei-lhe o ídolo.

«Nãoooooooo!», gritou Hernando, enquanto continuava a cair. E, assim pendurado sobre o abismo, balançando pendente da corda da ponte a que me agarrava com uma das mãos, ao mesmo tempo que segurava o ídolo sagrado com a mão que tinha livre, vi o olhar de terror absoluto no seu rosto diminuir, diminuir, até, finalmente, desaparecer no abismo negro que se abria por baixo de mim, só se ouvindo agora os seus gritos.

E estes pararam, um instante mais tarde, ao mesmo tempo que ouvi um baque distante e aterrador.

Cheguei à clareira algum tempo depois, com o ídolo na mão. A cena com que deparei era como que uma visão do próprio inferno.

À luz fraca e trememente das tochas caídas na clareira, vi os rapas deitados junto das filas de conquistadores mortos, empanturrando-se de carne humana fresca. Havia capacetes prateados por todo o lado, brilhando à luz das tochas.

Foi então que vi Renco, Lena e três dos guerreiros incas parados junto ao portal. Tinham nas mãos espadas e mosquetes e eram os únicos sobreviventes da carnificina, em boa parte graças aos seus dotes de combatentes e à camada de urina de macaco que os cobria, Pareciam andar em busca de qualquer coisa. Do ídolo, sem dúvida.

«Renco!», gritei. «Lena!» Logo lamentei tê-lo feito.

Um dos rapas deitados no chão, diante de mim, levantou imediatamente a cabeça, distraído do festim, perturbado pelo meu grito. o enorme animal pôs-se de pé, a olhar para mim.

Outro gato, atrás do primeiro, fez o mesmo. Depois outro e outro ainda.

o bando de gatos gigantes formou um círculo em torno de mim, Tinham as cabeças baixas e as orelhas espetadas para trás.

Renco voltou-se e viu que eu me encontrava em apuros. Mas estava demasiado longe para poder ajudar-me.

Perguntei a mim mesmo por que motivo a urina de macaco já não mantinha os gatos afastados. Talvez houvesse sido parcialmente raspada, durante a minha luta com o velho conquistador, dentro do templo. Ou talvez houvesse sido limpa, quando eu havia caído ao chão, depois de Hernando me haver alvejado. Fosse como fosse, pensei, este era o fim.

o primeiro rapa distendeu o corpo, preparando-se para atacar. E, então...

A primeira gota de água tombou sobre o alto da minha cabeça, com grande ruído. Foi seguida de perto por uma segunda gota, depois por uma terceira, depois por uma quarta.

E, então, como se fosse uma dádiva do próprio Deus, os céus desabaram e a chuva começou a cair abundantemente.

oh, como chovia! Eram verdadeiros lençóis de água, espessos lençóis de água, enormes gotas de água que martelavam na torre de rocha, com uma força tremenda, desabando sobre a minha cabeça, desabando sobre o ídolo.

E, nesse momento, graças a Deus, o ídolo começou a cantar.

A sua canção acalmou os gatos instantaneamente.

Com as cabeças inclinadas para o lado, em resposta à sua melodiosa canção, ficaram a mirar o ídolo gotejante nas minhas mãos.

Renco, Lena e os três guerreiros aproximaram-se do local onde eu me encontrava, protegendo as tochas da chuva e contornando o bando de rapas em transe.

Reparei que Renco trazia na mão o falso ídolo de Bassario. «Obrigado, Alberto», disse ele, tirando das minhas mãos o ídolo cantante. «Agora, acho

que tenho que o levar.»

Ao lado dele, Lena sorria-me e a sua bela pele cor de azeitona brilhava devido à chuva.

«Então, derrotaste o grande comedor de ouro e salvaste o nosso ídolo», disse ela. «Haverá alguma coisa que não sejas capaz de fazer, meu pequeno grande herói?»

Enquanto dizia estas palavras, Lena avançou de repente e beijou-me docemente nos lábios. o meu coração quase deixou de bater, no instante em que os lábios dela se colaram firmemente aos meus. Os joelhos fraquejaram-me. Tão delicioso era o seu contacto que quase caí.

De um ponto qualquer, atrás de mim, uma voz disse: «Vamos lá, monge, Pensava que isso não era permitido aos homens como tu.»

Voltei-me e deparei com Bassario, parado nos degraus de pedra, por trás de mim, com o arco ao ombro e de rosto aberto num grande sorriso.

«Reservamo-nos o direito de abrir algumas excepções», disse eu.

Bassario soltou uma gargalhada. Renco voltou-se para ele.

«Obrigado por teres voltado, para nos ajudar, Bassario. As tuas setas salvaram as nossas vidas. o que foi que te levou a regressar?» Bassario encolheu os ombros.

«Quando cheguei à queda de água, ao fundo do quenko, vi aproximarem-se os comedores de ouro, vindos do outro lado do rio. Então, pensei que, se por milagre tu sobrevivesses a tudo isto, as gentes iriam cantar canções acerca de ti. Decidi que queria fazer parte dessas canções. De ser recordado por outra coisa que não fosse por haver desgraçado o nome da minha família. E, ao mesmo tempo, queria recuperar a honra desse nome.»

«Foste bem sucedido nos teus dois intentos», disse Renco. «Foste mesmo. Agora, posso pedir-te que sejas indulgente, mais uma vez, e que me faças um último favor?»

Enquanto falava, Renco, segurando uma tocha com um dos braços e os dois ídolos com o outro, havia começado a afastar-se de nós e, por entre a chuva, encaminhava-se para o portal. De caminho, apanhou a bexiga do lama do sítio onde esta havia

caído durante a batalha e começou a enchê-la com água da chuva.

Os gatos aprestaram-se a segui-lo, ou melhor, foram atrás do ídolo cantante.

«Depois de eu estar dentro do templo», disse Renco, sem parar de caminhar, «quero que todos vós fechem a laje. Eu olhei para Renco e, em seguida, para os três guerreiros incas sobreviventes, que se encontravam a meu lado.

«Que vais fazer?», inquiri.

«Vou assegurar-me de que ninguém apanha este ídolo», retorquiu Renco. «Vou servir-me dele para atrair os gatos para dentro do templo. Então, depois de entrarem todos, quero que volteis a colocar a laje sobre o portal.»

«Mas... »

«Confia em mim, Alberto», disse ele, numa voz calma, ao mesmo tempo que avançava lentamente para o portal, com o bando de rapas atrás de si. Havemos de voltar a encontrar-nos, juro.»

E, dito isto, Renco entrou pela boca aberta do templo. Os gatos entraram todos, a seguir a ele, indiferentes à chuva que continuava a cair.

Lena, Bassario, os três guerreiros e eu encaminhámo-nos para a laje.

Renco parou à entrada do templo e lançou-me um derradeiro olhar.

Sorrindo tristemente, disse: «Cuida bem de ti, meu amigo.»

E, em seguida, desapareceu no meio da escuridão, entre a laje e o grande portal de pedra.

Os gatos foram atrás dele, entrando no templo, um após outro. Quando o último gato desapareceu para lá do portal, Bassario disse: Vamos lá, empurrar!»

Encostámo-nos os seis contra a laje maciça, empurrando-a com todas as nossas forças.

A grande laje roçou ruidosamente contra o chão de pedra. Felizmente não era

preciso empurrá-la numa grande extensão,

mas somente alguns passos, de outro modo poderíamos não ser capazes de o fazer, sendo apenas seis pessoas.

Mas Bassario e os guerreiros incas eram fortes. E Lena e eu empurrámos com todas as nossas forças. Assim, lentamente, muito lentamente, a laje começou a cobrir o portal quadrado.

Enquanto íamos selando com aquela enorme pedra, ouvia, vinda lá de dentro, a canção do ídolo, cada vez mais fraca. Então, abruptamente, a laje selou por completo o portal e, ao fazê-lo, abafou por completo a canção do ídolo. Com o cessar daquela canção, uma grande tristeza desabou sobre mim, pois sabia que não voltaria a ver o meu bom amigo Renco.

Antes de abandonar aquela assustadora torre de pedra, eu tinha uma última tarefa a cumprir.

Tirei uma adaga a um dos conquistadores caídos e comecei a gravar uma mensagem, na superfície da enorme laje. Gravei uma advertência para quem alguma vez pensasse em voltar a abrir aquele templo.

Escrevi:

No entrare absoluto. Muerte asomarse dentro.

AS

Não entrar a preço algum. A morte espreita lá dentro.

Passaram-se muitos anos antes que estes acontecimentos se tornassem conhecidos. Agora, eu sou um velho gasto e frágil, sentado a uma mesa, num mosteiro, escrevendo à luz das velas. À minha volta, em todas as direcções, estendem-se montanhas cobertas de neve, as montanhas dos Pirinéus.

Depois de Renco haver entrado no templo, com os dois ídolos e os rapas, Bassario, Lena e eu regressámos a Vilcafor.

Não tardou muito que se espalhassem pelo império as novas dos nossos feitos. Falava-se da morte de Hernando e dizia-se que o ídolo repousava no interior de um templo misterioso, à guarda de um bando de rapas mortíferos. Como era de esperar, o governo colonial espanhol engendrou uma falsa história sobre a morte de Hernando, o irmão do Governador. Diziam que ele havia morrido honrosamente às mãos de uma tribo de nativos desconhecida, enquanto, com toda a coragem, procedia ao reconhecimento de um rio da selva, não registado nos mapas. Se, pelo menos, os meus compatrióticos soubessem a verdade...

Também fiquei a saber que os Incas haviam realmente composto canções acerca da nossa aventura e - sim, é verdade - que

estas mencionavam o nome de Bassario, continuando tais baladas a ser cantadas mesmo depois de os Espanhóis haverem conquistado as suas terras. Os comedores de ouro, diziam, podiam apoderar-se das suas terras, queimar as suas casas, torturar e matar o povo.

Mas não podiam apoderar-se do seu espírito.

Até hoje, não sei o que fez Renco, dentro do templo, com os dois ídolos. Somente posso supor, que na sua sabedoria, ele previu os rumores que se espalhariam após a nossa vitória sobre Hernando. Tal como Sólon, ele sabia que, ao ouvirem falar dele guardado no interior do templo, as gentes iriam procurá-lo.

Imagino que ele tenha colocado o falso ídolo em qualquer parte, mais perto da entrada do templo, para que, se este fosse aberto por alguém que andasse em busca do ídolo, esse alguém encontrasse primeiro o falso ídolo.

Mas isto é somente o que eu penso. Não tenho certezas. Nunca mais o vi.

Pela minha parte, não fui capaz de continuar a viver no horror que era a Nova Espanha e decidi regressar à Europa.

E, assim, após me haver despedido de bela Lena e do nobre Bassario, e com a ajuda de vários guias incas, segui pelos carreiros que atravessavam as montanhas da Nova Espanha, em direcção a norte.

Caminhei, caminhei, percorrendo selvas, montanhas e desertos, até que, por

fim, cheguei à terra dos Azetecas, a terra que Cortez havia conquistado alguns anos antes, em nome da Espanha. Ali, por meio de subornos, consegui embarcar a bordo de um navio mercante, carregado de ouro roubado e cujo destino era a Europa. Cheguei a Barcelona, alguns meses mais tarde, e dali segui para este mosteiro do alto dos Pirinéus, um local bem distante

do mundo do Rei e dos seus conquistadores sedentos de sangue, e foi aqui que envelheci, sonhando todas as noites com as minhas aventuras na Nova Espanha e desejando, a cada momento, poder ter passado somente mais um dia com o meu bom amigo Renco.

Race virou a página.

Era tudo. o manuscrito acabava ali.

Olhou em volta, para a cabina do Goose. Pelo pára-brisas do pequeno hidroavião, Race viu os picos aguçados dos Andes, que se erguiam à sua frente.

Estavam quase a chegar a Vilcafor.

Race suspirou de tristeza, ao pensar na história que tinha acabado de ler. Pensou na valentia de Alberto Santiago, no sacrifício de Renco e na amizade que se tinha estabelecido entre aquelas duas personagens. Também estava a pensar nos dois ídolos, que tinham sido colocados dentro do templo.

Race ponderou em tudo aquilo, durante algum tempo. Havia qualquer coisa que não batia certo.

Qualquer coisa que tinha a ver com a forma como o manuscrito acabava tão de repente, tão abruptamente e, já agora que pensava nisso, havia também qualquer coisa que ele tinha visto no dia anterior, quando Lauren fizera o ensaio de ressonância nucleótida para determinar a localização do ídolo verdadeiro de tírium. Qualquer coisa acerca do resultado do ensaio que não batia certo.

Pensar na expedição de Lauren e Frank Nash fez surgir no espírito de Race uma série de questões.

Nash não era da DARPA. Na verdade, chefiava uma unidade do Exército, que tentava levar a melhor à verdadeira equipa da Supernova, uma equipa da Marinha, na procura do ídolo de tírium. E tinha enganado Race para o levar a participar na missão. Race afastou aquele pensamento.

Era preciso pensar na maneira como iria lidar com Nash, quando chegassem a Vilcafor. Deveria confrontá-lo com a verdade ou seria melhor ficar calado e não deixar Nash perceber aquilo que sabia?

Fosse qual fosse a escolha, era preciso decidir depressa porque, mal tinha acabado de ler o manuscrito, o hidroavião inclinara-se suavemente, de nariz para baixo.

Estavam a começar a descer. Estavam a chegar a Vilcafor.

o agente especial John-Paul Demonaco deslocava-se cuidadosamente pela cripta, examinando o cenário do crime.

Depois de o comandante da Marinha, Aaronson, ter saído, para dar luz verde para o assalto às instalações suspeitas dos Combatentes da Liberdade, o outro investigador da Marinha, o capitão Tom Mitchell, tinha pedido a Demonaco que desse uma olhadela ao cenário do crime. Talvez ele descobrisse alguma coisa que lhes tivesse passado despercebida.

- o Aaronson está enganado, não está? - perguntou Mitchell, enquanto os dois andavam de um lado para o outro, na cripta.

- o que é que quer dizer com isso? - perguntou, por seu turno, Demonaco, enquanto observava as instalações de alta segurança do laboratório.

-Não foram os Combatentes da Liberdade que fizeram isto

-disse Mitchell.

-Pois não... não foram. -Então, quem foi?

Demonaco ficou calado, durante algum tempo.

Quando, finalmente, disse alguma coisa, não respondeu à pergunta.

-Diga-me mais coisas acerca do dispositivo que a Marinha está a construir aqui. A tal Supernova.

Mitchell respirou fundo.

-Vou dizer-lhe aquilo que eu sei. A Supernova é uma arma termonuclear de quarta geração. Em vez de dividir os átomos de elementos radioactivos terrestres como o urânio e o plutónio, gera uma mega-exploração, dividindo uma massa subcrítica de um elemento não terrestre chamado tírium. (A explosão causada pela fissão de um átomo de tírium é tão poderosa que poderia fazer ir pelos ares cerca de um terço da massa da Terra. Em termos simples, a Supernova é o primeiro dispositivo construído pelo homem, que é capaz de destruir o planeta onde vivemos.)

-Disse que esse tal elemento, o tírium, não é terrestre - observou Demonaco. - Então, se não é terrestre, de onde é que vem?

-De impactos de asteróides, da queda de meteoritos. Pedacos de rochas que sobreviveram à passagem pela atmosfera da Terra. Mas, tanto quanto sabemos, ainda ninguém encontrou um exemplar de tírium.

- Acho que vai acabar por descobrir que alguém encontrou disse Demonaco. - E talvez eu saiba quem.

Demonaco explicou.

-Nos últimos seis meses, capitão, a minha unidade do Bureau tem tomado conhecimento de rumores acerca de uma guerra entre grupos de milicianos. Entre os Combatentes da Liberdade do Oklahoma e outro grupo terrorista chamado Exército Republicano do Texas.

-Não foi o Exército Republicano do Texas que esfolou aqueles guardas florestais, no Montana?

-São os principais suspeitos - respondeu Demonaco. - Dissemos aos jornalistas que os dois Rangers tinham esbarrado com um grupo de montanheses que andava a praticar caça furtiva mas aquilo que realmente pensamos é que eles deram com um campo de treinos secreto dos Texanos.

-Um campo de treinos?

-Hum, hum. Os Texanos são um grupo muito maior do que os Combatentes da Liberdade. E são muito melhores em combate.

A verdade é que os Texanos não aceitam ninguém que não tenha sido membro de um dos ramos das Forças Armadas. «Também são muito bem organizados, para um grupo terrorista. Parecem mais uma unidade militar de elite do que um grupo de caçadores de fim-de-semana.

«Têm uma cadeia de comando rigidamente definida, com penalizações muito severas para qualquer membro que não respeite a hierarquia. Um sistema que tem sido atribuído à influência do líder deles, Earl Bittiker, um ex-SEAL da Marinha, caído em desgraça e demitido, em 1986, por ter assaltado sexualmente uma mulher-tenente, que lhe tinha dado uma ordem de que ele não gostou. Violou-a, vaginalmente e oralmente.»

Mitchell arregalou os olhos.

-Segundo parece, o Bittiker foi um dos melhores homens dos SEAL: uma máquina de matar, totalmente imune ao remorso. Mas, como muitos desses tipos, faltam-lhe algumas virtudes das pessoas civilizadas. Aparentemente, em 1983, três anos antes da história da violação, o Bittiker tinha tido um diagnóstico clínico de psicótico mas, apesar disso, a Marinha deixou que ele continuasse ao serviço. Acharam que isso não tinha importância, desde que a agressividade dele tivesse por alvo os nossos inimigos. Uma grande lógica.

«Depois da violação, o Bittiker foi afastado da Marinha e condenado a oito anos em Leavenworth. Quando saiu, em 1994, fundou o Exército Republicano do Texas, com outros militares caídos em desgraça, que tinha conhecido na prisão.»

-Os Texanos estão sempre em treinos - prosseguiu Demonaco. - No deserto, nas terras áridas do Texas e de Montana e, de vez em quando, nas montanhas do Oregon. Acham que têm que estar bem preparados para combater em toda a espécie de terrenos, para quando chegar a altura de lançar uma guerra em

grande escala contra a Administração dos Estados Unidos ou contra esta e contra as Nações Unidas.

O pior é que também têm dinheiro. Depois de o Governo o ter lixado, num contrato de petróleo qualquer, o magnate do petróleo Stanford Cole, este deixou a Bittiker e aos Texanos qualquer coisa na ordem dos quarenta e dois milhões de dólares e um

bilhete que dizia: «Dê cabo deles.» Por isso, não é de espantar o facto de Bittiker e os seus capangas serem frequentemente vistos nas «feiras» do mercado negro de armas do Médio Oriente e de África. Caraças, só no ano passado, eles compraram oito helicópteros Black Hawk, dos excedentes do Governo australiano.» -Meu Deus - disse Mitchell.

-Mas - continuou Demonaco - isso não os impede de, de vez em quando, roubarem algum material. Pensamos, por exemplo, embora não possamos prová-lo, que foram os Texanos os responsáveis pelo roubo de um tanque Abrams M-1A1, que...

-Eles roubaram um tanque? - perguntou Mitchell, incrédulo.

-De um reboque, quando estava a ser transportado da fábrica da Chrysler, em Detroit, para o Batalhão de Blindados e Carros de Combate de Warren, Michigan.

-Porque é que suspeitam deles? - perguntou Mitchell.

-Porque, há dois anos, os Texanos compraram um velho cargo Ilyushin AntonovAn-22, num mercado de armas, no Irão. o An-22 é um avião grande como o diabo, o equivalente russo das nossas maiores aeronaves de carga, o C-5 Galaxy e o C-17 Globemaster. Ora, quem quiser um avião de carga normal compra um An-12, que é mais pequeno, ou um Hércules C-130. E não um An-22. Só é preciso um An-22 quando se quer transportar qualquer coisa muito grande. Qualquer coisa mesmo muito grande. Qualquer coisa como um tanque de 67 toneladas.

Demonaco fez uma pausa e abanou a cabeça.

-Mas, neste momento, esta é a menor das nossas preocupações.

-Porquê?

-Porque, ultimamente, temos ouvido alguns boatos realmente preocupantes acerca dos Texanos. Parece que eles encontraram a sua alma gémea na seita Aum Shinrikyo, do Japão, o grupo que lançou o gás sarin no metropolitano de Tóquio, em 1995. Depois do atentado de Tóquio, alguns membros da seita vieram para a América e infiltraram-se em alguns dos nossos grupos de milícias. Temos razões para acreditar que vários membros da Aum Shinrikyo se juntaram aos Texanos.

-Isso representa algum problema para nós? - perguntou Mitchell.

-Quer dizer que estamos a braços com um grande problema.

-Porquê?

-Porque a seita Aum Shinrikyo é uma seita do dia do juízo Final. o único objetivo deles, ou melhor, a única razão da sua existência, é chegar ao fim do mundo. Só sabemos do incidente do metropolitano de Tóquio porque as televisões filmaram aquilo. Sabia que, em começos de 1994, a Aum Shinrikyo conseguiu apoderar-se de um silo de mísseis chinês, situado algures num local remoto? Pouco faltou para que tivessem lançado trinta mísseis nucleares tácticos contra os Estados Unidos, numa tentativa de dar início a uma guerra termonuclear em grande escala.

-Não, não sabia - disse Mitchell.

-Até agora, nunca tivemos nenhuma verdadeira seita do dia do juízo Final, na América. Temos grupos anti-governamentais violentos, grupos anti-ONU, anti-aborto, anti-semitas e anti-negros. Mas nunca tivemos nenhum grupo cuja única ambição fosse provocar a destruição em massa da vida no planeta. «Mas, se Earl Bittiker e os Texanos tiverem decidido adoptar uma filosofia do dia do juízo Final, então estamos perante um grande problema. Porque, nesse caso, vamos ter por aí à solta, a pugnar pela morte, um dos grupos paramilitares mais perigosos da América.»

-Está bem - disse Mitchell. - Mas o que é que isso tem a ver com esteroubo?

-É simples - respondeu Demonaco. - o grupo que levou a cabo este roubo é um esquadrão altamente treinado, altamente qualificado, de tropas especiais. As táticas que eles utilizaram são táticas das Forças Especiais, táticas em grande escala como as dos SEAL, que apontam para uma organização ao estilo do Exército Republicano do Texas e não dos Combatentes da Liberdade.

-Certo.

-Mas quem quer que seja que tenha feito isto deixou-nos a braços com uma única bala de tungsténio, que aponta para os Combatentes da Liberdade. Se foram realmente os Texanos quem fez isto, não acha que fazia sentido desviar as nossas atenções,

lixando os inimigos deles, os Combatentes da Liberdade do Oklahoma?

-Sim...

-Mas o que mais me assusta - disse Demonaco - é aquilo de que eles andam atrás. Porque, se os Texanos passaram realmente a ter tendências do dia do juízo Final, a vossa Supernova é exactamente o tipo de coisa de que eles andam à procura.

-Outra coisa em que temos de pensar - prosseguiu Demonaco - é na forma como eles entraram aqui. Tiveram que contar com alguém cá de dentro, alguém que sabia os códigos e que podia arranjar cartões de passe e cartões para as fechaduras hidráulicas. Tem uma lista de todas as pessoas envolvidas no projecto?

Mitchell tirou do bolso uma folha de papel, impressa por computador, e entregou-a a Demonaco.

-Isto é a lista de todas as pessoas, da Marinha e da DARPA, que trabalham no projecto Supernova.

Demonaco olhou para a lista.

nome do projecto: classificação: agências relevantes:

n23-657-k2 (Supernova) vermelho (altamente secreto) marinha darpa

funcionários envolvidos:

NOME

CARGO

AGÊNCIA

ROMANO, JULÍUS M. Físico nuclear, MARINHA

CHEFE DE PROJECTO

FISK, Howard K. Físico teórico DARPA

CHEFE DE PROJECTO DARPA

BOYLE, jessica D. Física nuclear DARPA LABOWSKY, john A.

Engenheiro de sistemas MARINHA MMER, Karen B. Sistemas

secundários DARIILA NORTON, Henry J. Apoio técnico

MARINHA

RACE, Martin E, Engenheiro de concepção DARPA de sistemas

SMITH, Martin W Electrónica de armamento DARPA

N. DE SEGURANÇA

N/1005-A2

D1 546-77A

D/1788-8213 N/7659-C7 D/6201-22C

N/7632-CI

D/3279-97A D/5900-35B

509

pessoal adicional:

KAYSON, Simon F. Segurança do projecto MARINHA N71009-A2 DEVERFUX, Edward

G. Especialista em línguas [IARVARD N/A

Mitchell disse:

- Investigámo-los a todos. Estão todos limpos, incluindo o Henry Norton, o tipo cujo cartão de segurança e cujo código PIN foram utilizados na entrada.

-Onde estava ele na noite do assalto? - perguntou Demonaco.

- Na morgue de Arlington - respondeu Mitchell, com toda a simplicidade. - Os relatórios dos paramédicos confirmam que às 5 e 36 da manhã do dia do assalto, exactamente quinze minutos antes de os ladrões terem assaltado o edifício, Henry Norton e a sua mulher, Sarah, foram encontrados mortos a tiro na casa de ambos, em Arlington.

-5 e 36 - repetiu Demonaco. - Foram rápidos, depois de os terem abatido. Sabiam que o nome dele ia ser comunicado pelo hospital. Demonaco e Mitchell sabiam que era habitual os funcionários governamentais de alto nível terem sinalizações electrónicas associadas aos seus nomes, para o caso de darem inesperadamente entrada em qualquer hospital. Mal o nome de uma pessoa importante era introduzido nos registos do hospital, aparecia uma bandeira no ecrã, indicando ao médico responsável que deveria telefonar para a agência governamental relevante.

- o Norton tinha alguma ligação às milícias armadas? perguntou Demonaco.

-Nenhuma. Esteve sempre na Marinha. Era especialista em sistemas de apoiotécnico: computadores, sistemas de comunicações, computadores de navegação.

Tem uma folha de serviços exemplar. o homem parecia um escuteiro, caraças. o homem com menos possibilidades de trair o país.

-E os outros?

-Nada. Nenhum deles tem qualquer ligação a organizações paramilitares. Todos os membros da equipa tiveram que passar

por uma investigação global de segurança, antes de serem admitidos para trabalhar no projecto. Estão limpos. Pensa-se que nenhum deles conhecia sequer algum membro dos grupos de milícia.

-Mas alguém conhece - contrapôs Demonaco. - Descubra quem é que trabalhavamais de perto com Norton, alguém que pudesse estar por perto, quando ele introduzia os códigos PIN, todos os dias. Eu vou fazer alguns telefonemas para o meu departamento, para saber em que é que os Texanos têm andado metidos ultimamente.

o Goose levantou um jacto de espuma, ao tocar na superfície do Rio Alto Purus, não muito longe do fundo da queda de água que escorria do planalto. Já tinha anoitecido e, preocupados com a presença dos rapas na aldeia, Race e os outros tinham decidido aterrar o hidroavião junto à queda de água e entrar em Vilcafor pelo quenko.

Depois de Doogie ter estacionado o Goose junto à margem do rio, por baixo de um maciço denso de árvores, os quatro desembarcaram. Deixaram Uli no avião, inconsciente, atordoado por uma dose de metadona que tinham encontrado num estOjo de primeiros socorros, na retaguarda do aparelho. Contudo, antes de enveredarem pelo trilho por trás da queda de água, Race obrigou-os a fazer uma coisa bastante invulgar. Utilizando duas caixas de madeira que tinham encontrado

dentro do Goose e algumas barras energéticas que Van Lewen e Doogie tinham consigo, montaram umas armadilhas primitivas, para apanhar os macacos que saltavam de ramo em ramo, lá em cima, por entre as árvores.

Dez minutos mais tarde, um par de primatas furibundos tinha caído nas duas caixas de madeira. Os dois macacos guincharam, enraivecidos, enquanto Van Lewen e Doogie os levavam pelo trilho, por trás da queda de água, até à entrada do quenko.

Dez minutos mais tarde, Race trepava para a cidadela de Vilcafor. Nash, Lauren, Copeland, Gaby Lopez e Johann Krauss encontravam-se a um canto da cidadela e Lauren estava a tentar estabelecer contacto, via rádio, com Van Lewen ou com Doogie.

Voltaram-se todos ao mesmo tempo, quando Race saiu do quenko, com o ídolo falso na mão.

Renée, Van Lewen e Doogie vinham logo atrás dele. Estavam todos cobertos de lama e de porcaria. Race ainda tinha na cara algumas gotas secas de sangue de Heiririch Anistaze.

Nash viu imediatamente o ídolo, nas mãos de Race.

-Conseguiu! - exclamou, correndo para Race e arrancando-lhe o ídolo.

Mirava o ídolo, com um ar embevecido.

Race ficou a olhar para ele friamente e, nesse instante, decidiu que não ia contar a Nash aquilo que sabia acerca dele. Ia, antes, ficar à espera, para ver o que faria Nash, a partir daquela altura. Talvez ainda conseguissem deitar a mão ao ídolo verdadeiro, inclusive até com a ajuda de Race, mas este estava decidido a assegurar-se de que Nash não iria ficar com ele.

-É lindo - disse Nash, em tom sonhador. É falso - informou Race, sem delongas. o quê?

É falso. Não é feito de tório. Se voltar a ligar o seu gerador de imagens por ressonância nucleótida, vai descobrir que ainda há uma fonte de tório nesta zona. Mas este não é o verdadeiro ídolo.

-Mas... como?

-Depois de ter fugido de Cuzco, Renco Capac pediu ao criminoso Bassarioque esculpissem uma réplica exacta do Espírito do Povo. Renco planeava render-se a Hernando e entregar-lhe o falso ídolo. Sabia que Hernando o mataria mas também sabia que, depois de se ter apoderado de um ídolo, Hernando nunca iria suspeitar que este pudesse ser falso.

«Mas aconteceu que Renco e Alberto Santiago mataram Hernando e os seus homens e, segundo diz o manuscrito, Renco acabou por esconder os dois ídolos dentro do templo.»

Nash fez girar o ídolo nas mãos e viu, pela primeira vez, a cavidade cilíndrica na base deste. Ao vê-la olhou para Race. -Então, o ídolo verdadeiro ainda está dentro do templo? -É o que Santiago diz, no manuscrito - respondeu Race.

-Mas?...

-Mas eu não acredito nele.

-Não acredita nele? Porquê?

- o teu aparelho de GIRN ainda funciona? - perguntou Race a Lauren.

-Funciona.

-Liga-o e eu mostro-vos o que quero dizer.

Subiram todos para a esplanada da cidadela, onde Lauren começou a montar o gerador de imagens por ressonância nucleótida.

Enquanto ela se dedicava à tarefa de montar o aparelho, Race olhou lá para baixo, para a aldeia. Estava escuro e continuava a cair uma chuva ligeira. Race avistou a sombra fugaz de um grande felino, que o espreitava de trás de uma das construções mais pequenas da aldeia.

Ao fim de alguns minutos, Lauren tinha o GIRN pronto. Carregou num botão e a vara prateada montada no topo da consola começou a rodar lentamente.

Trinta segundos depois, ouviu-se um apito estridente e a vara parou de repente. Mas não estava a apontar para o ídolo que Nash tinha na mão. Apontava para longe de Nash, para as montanhas.

-Estou a obter uma leitura - anunciou Lauren. - Um sinal forte, de uma ressonância de frequência muito alta.

-Quais são as coordenadas? - perguntou Race.

-Ângulo de direcção 270 graus. Ângulo vertical 29 graus e 58 minutos.

Amplitude 793 metros, A mesma coisa que da outra vez, se bem me lembro - disse Lauren, olhando para Race.

-E lembras-te bem - concordou este. - Também deves lembrar-te que pensámos que era dentro do templo.

Sim... - disse Lauren.

Race fitou-a com intensidade, mais intensamente do que era habitual. Estava a perguntar a si próprio se ela partilharia da decepção de Nash e concluiu que talvez partilhasse.

-Lembras-te do motivo por que pensámos que era dentro do templo?

Lauren franziu o sobrolho.

-Lembro-me de que subimos à cratera e encontrámos. Então, achámos que a localização do templo coincidia com a trajectória do GIRN. Logo, o ídolo

estava dentro do templo.

-Foi isso - anuiu Race. - Foi mesmo isso que aconteceu. E foi precisamente aí que nós nos enganámos.

Voltaram todos para dentro da cidadela.

Race tirou uma caneta e uma folha de papel do interior do ATV, que continuava estacionado contra a entrada da cidadela. -Copeland - disse Race, dirigindo-se ao cientista alto e destituído de sentido de humor. - Acha que é capaz de encontrar uma máquina de calcular normal, no meio de todas essas maquinetas de alta tecnologia que vocês trouxeram?

Copeland descobriu uma dentro de um dos contentores americanos e entregou-lha.

-Muito bem - disse Race, deixando que os outros se reunissem à sua volta, para verem o que ele fazia.

Desenhou uma imagem na folha de papel.

-OK - prosseguiu. - Isto é Vilcafor e o planalto que fica a ocidente, visto do interior. OK?

-OK - concordou Lauren.

Race traçou algumas linhas que atravessavam o desenho:

-E isto é o que nós deduzimos, ontem, a partir da leitura que tínhamos obtido do gerador de imagens por ressonância nucleótida: 793 metros até ao ídolo. Ângulo de inclinação 29 graus e 58 minutos. Mas eu vou usar os 30 graus, para ser mais simples. A questão é que, quando subimos a cratera e encontrámos, pensámos de imediato que era que condizia com a leitura. Certo?

-Certo... - concordou Nash.

-Pois estávamos enganados - disse Race. - Lembrem-se de que, quando subimos por aquele trilho em espiral à volta da torre de pedra, a Lauren fez uma leitura com a bússola digital?

-Vagamente - concedeu Nash.

-Mas eu lembro-me. Quando estávamos ao nível da torre de pedra, parados na extremidade exterior da ponte de corda, a Lauren disse que tínhamos percorrido exactamente 632 metros, na horizontal, desde a aldeia.

632 m

Acrescentou mais uma linha ao esboço e mudou a indicação «793 m» marcada sobre a hipotenusa, o lado maior do triângulo, para «x m».

-Alguém se lembra de ter estudado trigonometria, na escola?

-perguntou. Os físicos teóricos reunidos à sua volta, na cidadela, anuíram com expressões envergonhadas. - Claro que isto não é física nuclear - acrescentou Race. - Mas sempre tem alguma utilidade.

-Ah, estou a ver - disse Doogie, do meio da pequena multidão reunida em torno de Race.

Era óbvio que os outros não estavam a ver nada. Race disse:

-Recorrendo à trigonometria, se soubermos qual é um dos outros ângulos de um triângulo que tem um ângulo recto e sabendo qual o comprimento de um dos seus lados, podemos determinar os comprimentos dos outros dois lados, utilizando os conceitos de senos, cosenos e tangentes.

«Lembrem-se? o seno de um ângulo é igual ao comprimento do lado oposto a esse ângulo, a dividir pelo comprimento da hipotenusa. o coseno é igual ao comprimento do lado adjacente ao ângulo, a dividir pela hipotenusa.

«No exemplo que temos aqui, para calcular o valor de x, a distância que nos separa do templo, vamos utilizar o coseno de 30. Dito isto, Race escreveu: $\cos 30 = \frac{632}{x}$

x

-Portanto - acrescentou:

632 cos digitou alguns números na calculadora que Copeland lhe tinha entregado.

-Ora, segundo esta calculadora, o coseno de 30 é 0,866. Portanto, x iguala 632 a dividir por 0,866. E, cá está... 729.

Race corrigiu o desenho em conformidade com os cálculos, escrevendo febrilmente. Lauren olhava para ele, espantada. Renée limitava-se a observar, atenta.

632 111

-Alguém está a ver qual é o problema? Ninguém se pronunciou.

Race emendou o desenho uma última vez, rematando-o com um x floreado.

632 m

-Cometemos um erro - disse. - Partimos do princípio de que, por causa da altitude, ficava a 793 metros da aldeia e, que, portanto, o ídolo estava lá dentro. Era um bom palpite mas estava errado. o verdadeiro ídolo não está dentro do templo. Está algures mais acima, no planalto.

-Mas onde? - perguntou Nash.

-Imagino que - disse Race - o ídolo se encontra na aldeia da tribo denativos que construíram a ponte de corda da torre de pedra. A mesma tribo de nativos que atacou os nossos amigos, alemães, quando eles se preparavam para abrir.

-Mas, e o manuscrito? - observou Nash. - Você não disse que os dois ídolos estavam dentro do templo?

- o manuscrito não conta a história toda - respondeu Race.

-Calculo que Alberto Santiago adulterou o final, para que, mais tarde, quem viesse a ler o manuscrito não ficasse a saber qual o paradeiro do ídolo.

Race agitou no ar a folha de papel com o desenho que fizera. -É lá que está o ídolo. É o que diz o GIRN e, também, a matemática.

Nash mordeu os lábios, pensativo. Por fim, disse:

-Muito bem. Vamos buscá-lo.

Os dois macacos que Race e os outros tinham capturado junto ao rio, acabaram por os presentear, alegremente - ou talvez, iradamente - com um bom fornecimento de urina. Urina que os dois primatas guinchadores tinham vertido nos sacos de plástico com que Race forrara as caixas onde eles se encontravam.

Para falar verdade, tresandava a urina de macaco. o cheiro forte, o cheiro a amónia, inundava o interior da cidadela, Não era de espantar que os rapas detestassem aquilo, pensou Race, enquanto ele e os outros cobriam os corpos com aquela urina fedorenta,

Depois de terem acabado, Van Lewen distribuiu as armas. Como eram os únicos Boinas Verdes que restavam - tanto quanto sabiam, Buzz Cochrane continuava lá em cima, na torre de pedra - ele e Doogie ficaram com as duas G- 11. Nash, Race e Renée tiveram, cada um, direito a uma M-16, com arpões. Race, que continuava a usar o colete preto à prova de bala dos nazis e o seu boné azul de baseball, pendurou o arpão no cinto. Copeland e Lauren receberam pistolas automáticas SIG-Sauer P228. Krauss e Lopez, meros cientistas, iam desarmados.

Depois de toda a gente estar pronta, Van Lewen saltou da porta da cidadela para o ATV. Depois, dirigiu-se para a traseira do veículo todo-o-terreno e abriu a escotilha.

A primeira coisa a emergir foi a sua G- 11.

Depois, lentamente, Van Lewen espreitou pela escotilha aberta e observou a área. Os seus olhos esbugalharam-se.

o grande veículo de oito rodas estava cercado de rapas.

As caudas dos felinos oscilavam de um lado para o outro, Fitaram-no com os seus olhos penetrantes, frios, duros e amarelos. Van Lewen contou-os: eram doze, ali parados, no meio da rua, a olhar para ele.

Depois, de repente, o gato mais próximo fungou, detectou o cheiro da urina e afastou-se imediatamente do ATV

Um após outro, os restantes gatos fizeram o mesmo, distanciando-se do

veículo blindado e formando um círculo amplo à volta deste.

Van Lewen saiu para a rua, de arma aperrada. Um a um, os outros foram atrás dele.

Como todos os outros, Race avançou lentamente, com cautela, de olhos postos nos gatos e com o dedo assente no gatilho da M-16.

Era uma sensação realmente bizarra, uma espécie de anti-climax Homens armados com espingardas e gatos armados apenas da sua agressividade natural. Apesar de todas as espingardas e pistolas, Race tinha a certeza de que os rapas dariam facilmente cabo deles, se alguém se atrevesse a disparar um tiro.

Mas os gatos não atacaram.

Era como se aqueles seres humanos estivessem protegidos por uma parede invisível, uma parede que os rapas se recusavam simplesmente a atravessar. Limitavam-se a seguir Race e os outros a alguma distância, enquanto eles se dirigiam para o caminho do rio.

Eram enormes, Santo Deus, pensou Race, enquanto avançava por entre as fileiras daqueles impressionantes gatos pretos.

A última vez que os tinha visto de perto, fora do outro lado dos vidros do Hunivee. Mas, naquele momento, eles estavam ali, à sua volta, sem janelas a separá-los, e pareciam duas vezes maiores. Podia ouvir-lhes a respiração.

Era exactamente como Alberto Santiago tinha descrito: um resfolgar profundo, que lhes saía do peito, como se fossem cavalos. o som de animais cheios de força e vigor.

-Porque é que não os matamos? - perguntou Copeland. -Eu cá não meapressava muito - respondeu Van Lewen.

-Acho que, neste momento, a repulsa que sentem pela urina de macacoultrapassa o desejo que têm de nos matar. julgo que, se abirmos fogo contra eles, o desejo de sobreviver irá ultrapassar a repulsa pela urina de macaco.

Os oito seguiram pelo caminho do rio e entraram na fenda do planalto, sempre com os rapas atrás deles, a alguma distância. Saíram da fenda no sopé da cratera e viram o lago pouco profundo que se estendia aos seus pés e que tinha no centro a torre de pedra, recortando-se contra o céu, e a queda de água, estreita mas incrivelmente comprida, brotando do extremo sudoeste do desfiladeiro.

Excepcionalmente, não estava a chover e a luz forte da lua cheia batia nas paredes da cratera, cobrindo-a de uma tonalidade azulada quase mística.

Com Van Lewen à frente, treparam o trilho em espiral, que subia em direcção ao céu escuro.

Os rapas foram atrás deles. Com aquelas cabeças pretas retintas e com as suas orelhas pontiagudas pareciam demónios saídos do inferno, prontos a arrastar Race e os seus companheiros para as profundezas da terra, se estes dessem um passo que fosse em

falso. Mas, entretanto, iam mantendo a distância, estabelecida pelo cheiro a urina de macaco.

Por fim, o grupo chegou aos dois contrafortes de pedra, aos quais, anteriormente, estivera presa a ponte de corda.

A ponte de corda propriamente dita estava caída ao longo da parede da torre, do outro lado da ravina, no local exacto onde os nazis a tinham deixado.

Race olhou para o outro lado, para o cimo da torre. Não havia sinais de Buzz Cochrane.

Então, porém, em vez de passarem para o lado da torre, coisa que, aliás, naquele momento, não podiam fazer, Van Lewen conduziu-os mais para cima, pelo trilho em espiral, em direcção à orla da cratera.

O trilho contornava a queda de água e, depois, continuava por trás do lado sudoeste desta, antes de começar a subir violentamente e de chegar à orla da cratera.

Race subiu para a orla, olhou para ocidente e avistou os imponentes picos

dos Andes, que se erguiam, lá ao fundo: sombras escuras e triangulares, recortadas contra o céu nocturno. Para a esquerda, via-se o pequeno rio que alimentava a queda de água e, paralela a este, uma zona de floresta densa. Diante de si e na direcção da zona de vegetação densa, havia um trilho estreito e lamacento, aberto mais pelo uso constante do que por qualquer acção deliberada.

Mas foi o que se encontrava ao lado do trilho que atraiu de imediato a sua atenção: um par de estacas de madeira, enterradas na lama.

Uns crânios de aspecto tenebroso tinham sido espetados em cada um dos paus. Race sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha, quando a lanterna montada no cano da sua arma iluminou os crânios. Tinham um aspecto verdadeiramente assustador, amplificado pela enorme quantidade de sangue e pelo facto de, dos lados dos crânios, penderem pedaços de carne putrefacta. Também tinham uma forma estranha, definitivamente não humana. Os dois crânios eram anormalmente alongados e tinham caninos aguçados, narinas em forma de triângulos invertidos e umas órbitas enormes.

523

Race engoliu em seco. Eram crânios de felinos. Eram crânios de rapas.

-Um sinal primitivo típico para indicar «mantenha-se à distância» - disse Krauss, olhando para os dois crânios espetados nas estacas.

-Não acho que se destinem a manter as pessoas afastadas disse Gaby Lopez, cheirando um dos crânios. - Foram ensopados em urina de macaco. São para manter afastados os gatos.

Van Lewen passou pelos crânios e avançou para a selva densa. Race e os outros seguiram-no, guiados pelos focos das respectivas lanternas.

Uns trinta metros depois de terem passado pelos crânios, Van Lewen e Race chegaram a um fosso largo, não muito diferente do que havia à volta de Vilcafor.

A grande diferença entre os dois fossos era que este não estava seco. Estava cheio de água, cuja superfície ficava um pouco mais de quatro metros abaixo da berma do fosso. Em segundo lugar, lá dentro, havia uma família de enormes caimões.

-Optimo - disse Race, olhando para os répteis, que vagueavam pelo fundo do fosso. - Outra vez caimões.

-Mais um mecanismo de defesa? - perguntou René. -Os caimões são os únicos animais da zona que têm, pelo menos, uma hipótese remota de derrotar um rapa numa luta disse Krauss. - As tribos primitivas não têm espingardas nem

arame farpado. Por isso, arranjam outros meios de manter afastados os inimigos felinos.

Do outro lado do fosso, completamente rodeada por ele, Race viu mais uma zona de vegetação, para lá da qual havia um pequeno conjunto de cabanas de colmo, aninhadas por baixo de um grupo de árvores altas.

Era uma aldeia.

A pequena extensão de vegetação existente entre a aldeia e o fosso, dava àquele agregado primitivo de cabanas um aspecto singular, quase místico. Presas a uns paus altos, ardiam algumas tochas, que banhavam a pequena aldeia de uma luminosidade alaranjada e fantasmagórica. Porém, à parte as tochas acesas, a aldeia parecia completamente deserta.

Um ramo estalou.

Race deu meia volta e viu o bando de rapas, parados no caminho lamacento, a uns dez metros de distância deles. Pelos vistos, tinham conseguido passar pelos crânios ensopados em urina e, naquele momento, estavam a escassos metros de Race e dos outros, a olhar, à espera,

Assente no chão, do lado da aldeia, havia uma estreita ponte de toros.

Preso à extremidade dessa ponte, de um modo bastante semelhante ao que tinham visto antes, lá em baixo, na ponte de corda da torre de pedra, via-se um pedaço de corda. Estendia-se sobre o fosso, até ao lado de Race, onde estava preso a uma estaca cravada no chão.

Van Lewen e Doogie puxaram a corda e manobraram a ponte de toros, para a colocar em posição, franqueando o fosso. Em seguida, os oito atravessaram a ponte e chegaram à zona de vegetação que rodeava a aldeia.

Depois de todos terem passado a ponte, Van Lewen e Doogie voltaram a puxá-la rapidamente para o lado da aldeia, para que os rapas não pudessem segui-los até ali.

Saíram todos juntos do meio da vegetação e foram dar a uma ampla clareira, que devia ser a praça principal da aldeia. Apontaram as lanternas para as cabanas de colmo e para as árvores altas que rodeavam a clareira.

No extremo Norte da praça, havia uma gaiola de bambu, com as quatro arestas feitas de grossos troncos de árvore. Por trás da

gaiola, escavado na parede de lama do fosso, havia um poço de um pouco mais de nove metros de altura e uns quatro metros e meio de profundidade. Uma espécie de grade de bambu separava o poço do fosso.

Mas aquilo que de mais fascinante havia para ver encontrava-se no centro da praça.

Era uma espécie de altar, uma estrutura larga, de madeira, escavada no tronco da maior árvore da aldeia.

Tinha vários escaninhos e pequenos nichos. Dentro dos nichos, Race viu uma série bastante espectacular de relíquias uma coroa de ouro, cravada de safiras, estátuas de ouro e prata, representando guerreiros e raparigas incas, vários ídolos de pedra e um rubi gigantesco, quase do tamanho do punho de um homem.

Mesmo naquela semi-escuridão, o altar brilhava: os tesouros reluziam à luz do luar. Densos grupos de folhas pendiam das árvores que o rodeavam, enquadrando-o dos dois lados, como as cortinas de um teatro.

Mesmo no centro do altar de madeira, no sítio que devia ser o seu coração, via-se o mais trabalhado de todos os escaninhos. Estava tapado com uma pequena cortina e era, obviamente, a peça central de todo o altar. Mas fosse o que fosse que se encontrasse lá dentro estava escondido.

Nash avançou directamente para lá. Race sabia o que ele estava a pensar. Com um puxão seco, Nash afastou a cortina que tapava o interior do escaninho.

E viu-o. Race também o viu e ficou com um nó na garganta. Era o ídolo.

o verdadeiro ídolo. o Espírito do Povo,

Olhar para ele deixou Race sem respiração. Estranhamente, o seu primeiro pensamento foi que Bassario tinha feito um excelente trabalho, quando esculpira a cópia. o seu ídolo falso era uma reprodução perfeita, Mas, por muito que se tivesse esforçado, Bassario não tinha sido capaz de reproduzir a aura que rodeava o ídolo verdadeiro.

Era a personificação da majestade.

A ferocidade da cabeça do rapa inspirava terror. o brilho da pedra preta e púrpura de tírium inspirava admiração. o conjunto que era o ídolo reluzente inspirava apenas um temor receoso.

Em transe, Nash estendeu a mão para agarrar no ídolo e, nesse preciso instante, uma seta aguçada de pedra surgiu junto à sua cabeça.

A seta era empunhada por um nativo de expressão colérica, que emergiu da cortina de vegetação, à direita do santuário. A seta estava ajustada a um arco esticado, que o nativo trazia encostado à orelha,

Van Lewen ergueu a G- 11 e da floresta que o rodeava saltaram nada menos de uns cinquenta nativos.

Quase todos eles estavam armados de arcos e setas, apontados para Race e para os outros.

Van Lewen ainda tinha a arma na mão. Doogie não: estava apenas ali parado, a poucos metros de distância, estático.

Aquele compasso de espera foi terrível. Van Lewen, armado com uma metralhadora com capacidade para matar instantaneamente vinte homens, face

a um grupo de mais de cinquenta nativos, armados de setas e arcos, prontos a disparar.

Eram demasiados, pensou Race. Mesmo que Van Lewen conseguisse disparar alguns tiros, não seria suficiente. Mesmo nesse caso, os nativos eram tantos que os matariam.

-Não, Van Lewen... - disse Race.

-Baixe essa arma, sargento Van Lewen - disse Nash, que continuava junto ao altar, com uma seta encostada à cabeça.

Van Lewen obedeceu. Mas, quando o fez, os nativos avançaram imediatamente e apoderaram-se das potentes armas dos americanos.

Um homem que parecia mais velho, de pele cor de azeitona e enormes barbas grisalhas, avançou um pouco mais que os outros. Devia ser o chefe da tribo. Ao lado do chefe foi postar-se outro homem. Mal o viu, Race pestanejou de surpresa.

o segundo homem não era um nativo: era um latino-americano robusto, muito bronzeado e vestido à maneira dos índios

mas nem mesmo as grandes quantidades de pintura cerimonial que usava no rosto e no peito conseguiam ocultar as suas feições decididamente urbanas. Enquanto olhava para Nash, ali parado, diante do santuário como um ladrão apanhado com a boca na botija, o chefe resmungou qualquer coisa, na sua língua nativa.

o latino-americano que se encontrava ao seu lado ouviu atentamente e, depois, falou, parecendo estar a dar um conselho.

-Humpf - resmungou o chefe.

Race estava ao lado de René e os dois estavam rodeados de cinco índios, de setas em riste.

Nesse momento, um desses índios deu um passo em frente, curioso, e tocou na cara de Race, como se quisesse ver se a pele branca deste era real.

Race afastou a cara, libertando-a do contacto.

Mas, quando o fez, o índio guinchou e o seu espanto foi tal que toda a gente se voltou. Depois, correu para o chefe, gritando:

-Rumaya! Rumaya!

o chefe dirigiu-se imediatamente para o sítio onde estava Race, seguido pelo seu conselheiro branco. o velho chefe parou diante de Race, avaliando-o com um olhar frio, enquanto o índio que tinha tocado na cara de Race, apontava para o olho esquerdo deste e gritava:

-Rumaya! Rumaya!

De súbito, o chefe agarrou no queixo de Race e rodou-o para a direita.

Race não opôs resistência.

o chefe observou a cara dele em silêncio, inspeccionando o sinal castanho triangular, por baixo do seu olho esquerdo. Depois, molhou o dedo e começou a esfregar o sinal, como se estivesse a ver se este saía. Não saiu.

- Rumaya... - disse, por fim, com a respiração suspensa. Voltou-se para o conselheiro latino-americano e disse qualquer coisa, em Quêchua. o conselheiro murmurou uma resposta, sem levantar a voz e num tom respeitoso. Depois de o ouvir, o chefe acenou com a cabeça e apontou, com ar decidido, para o poço escavado na parede do fosso.

Depois, girou sobre os calcanhares e gritou algumas ordens para o seu povo. Os índios apressaram-se a conduzir toda a gente, excepto Race, para a gaiola de bambu entre as árvores.

Race foi conduzido para o poço lamacento adjacente ao fosso. o conselheiro latino-americano colocou-se ao seu lado.

-Olá - disse o homem, num inglês com forte sotaque, apanhando Race completamente de surpresa.

-Ei! - respondeu Race. - ah... é capaz de me dizer o que é que se está a passar?

-Eles são os descendentes directos de uma tribo inca remota. Viram que você tinha a Marca do Sol... esse sinal que você tem por baixo do olho esquerdo. Pensam que você poderá ser uma segunda encarnação do salvador deles, um

homem que eles conhecem como Aquele que Foi Escolhido. Mas querem pô-lo à prova, para terem a certeza.

-E como é que eles me vão pôr à prova?

-Vão metê-lo naquele poço e, depois, vão levantar a grade que separa o buraco do fosso, para deixar entrar um dos caimões. Depois, vão ver quem é que sobrevive ao confronto que se vai dar: você ou o caimão. Sabe, é que há uma profecia...

-Eu sei - disse Race. - Eu li isso. Segundo a profecia, Aquele que Foi Escolhido terá a Marca do Sol e é capaz de lutar contra grandes lagartos e salvar o espírito deles.

o homem olhou para Race, atônito.

-É antropólogo?

-Linguista. E li o Manuscrito de Santiago. o homem franziu o sobrolho.

-Vocês vieram aqui à procura do Espírito do Povo?

-Eu não, mas eles sim - respondeu Race, indicando com o queixo Nash e os outros, que estavam a ser metidos na gaiola de bambu.

-Mas porquê? Não vale nada, em termos monetários... -Foi esculpido num meteorito - informou Race. -E, agora, descobriram que o tal meteorito era um tipo de pedra muito especial.

- oh, - disse o homem.

-E você quem é? - perguntou Race.

- oh, claro, desculpe, esqueci-me de me apresentar - disse o homem, endireitando as costas. - o meu nome é Miguel Moros Márquez. Sou antropólogo da Universidade do Peru e estou a viver com esta tribo há nove anos.

Um minuto mais tarde, Race era empurrado por um estreito trilho escorregadio.

o trilho descia entre altas paredes de terra e terminava junto a uma pequena grade de madeira que dava para o poço. Quando Race chegou ao pé da grade, esta abriu-se, puxada por dois índios que se encontravam lá em cima, e Race avançou, hesitante, para o buraco adjacente ao fosso infestado de caimões.

o poço era mais ou menos quadrado e bastante grande: tinha cerca de nove metros por nove metros.

Três dos lados eram formados por paredes lamacentas. Mas o quarto lado era constituído por uma enorme grade, feita de «barras» de bambu entrelaçadas, através das quais Race avistou o ondear escuro do fosso.

Como se isto não bastasse, o fundo do poço estava coberto por uma camada de água, da água do fosso, que entrava à vontade através das grades de bambu.

No ponto onde Race se encontrava, a água dava-lhe pelos joelhos. A

profundidade que atingia noutros pontos do poço era indeterminada.

Esta é nova, Will. Que diabo é que tu terás feito para te veres metido numa alhada destas?

Nesse momento, um pedaço rectangular da enorme grade uma grade dentro da grade - foi levantado pelos índios que se

encontravam lá em cima, na beira do poço, deixando à vista uma grande abertura, no meio da grade maior, entre o poço e o fosso infestado de caimões.

Horrorizado, Race viu a grade subir, subir, tornando cada vez maior a abertura. Race tinha ainda vestidos os jeans, a T-shirt e o colete Kevlar, que Uli lhe tinha dado, algumas horas antes, na mina. E, como não podia deixar de ser, ainda tinha o boné de basebol dos Yankees e os óculos.

Quanto a armas, nada. Apenas o arpão que prendera ao cinto. Race pegou nele. Tinha preso à ponta um pedaço de corda e, de momento, as suas quatro garras de aço estavam encolhidas contra a pega do arpão, como as varetas de um chapéu-de-chuva fechado.

Race ficou a olhar para o arpão, por alguns instantes. Talvez pudesse usá-lo para sair dali para fora...

Foi então que qualquer coisa muito grande entrou pela grade aberta, vinda do fosso.

Race ficou gelado.

A criatura era realmente enorme, apesar de cerca de três quartos do seu corpo se encontrarem submersos.

Race viu as narinas, os olhos e o dorso coriáceo, destacando-se acima da superfície, tudo aquilo a deslocar-se à mesma velocidade, à medida que o enorme animal avançava ameaçadoramente. Viu a longa cauda coberta de placas, oscilando vagorosamente de um lado para o outro, impelindo o animal para a frente. Era um caimão e era imenso.

Com pelo menos cinco metros e meio.

Depois do grande réptil ter acabado de entrar no poço, a grade de bambu foi novamente descida e fechada atrás dele. Agora, era só Race e o caimão.

Frente a frente. Deus do céu...

Race saltou para o lado, afastando-se da criatura e refugiando-se num canto do poço quadrado, com os pés a chapinhar na água que lhe dava pelos joelhos.

o caimão não mexeu um músculo.

De facto, a enorme criatura semelhante a um crocodilo nem sequer parecia ter consciência da sua presença.

Race ouvia as batidas do próprio coração, que lhe ecoavam na cabeça.

o caimão continuava sem se mexer.

Race continuava estático, no seu canto do poço.

E, então, de repente, sem aviso prévio, o caimão mexeu-se. Mas não foi um movimento rápido. Na verdade, o animal não saiu do sítio onde estava. Não avançou nem tentou apanhar Race. Foi mergulhando lenta e sinistramente na água lamacenta.

Race ficou de olhos esbugalhados. Que caraças.

o caimão tinha acabado de submergir por completo! Não estava à vista. Na verdade, à luz suave do luar e à luz trémula das tochas dos índios, Race só conseguia ver um ligeiro ondular da superfície da água.

Mais silêncio.

Pequenas ondas batiam contra as paredes térreas do poço. Race sentiu o corpo ficar tenso, à espera de ver aparecer o caimão e crispou a mão sobre o cabo do arpão - como quem empunha uma maça.

A superfície da água não se mexia. Silêncio total.

Race sentiu o medo crescer dentro de si. Foda-se, foda-se, foda-se. Quanto tempo iria o réptil ficar debaixo de...? o ataque veio da esquerda, quando Race estava a olhar para a direita.

Com um rugido retumbante, o caimão emergiu repentinamente da água, ao lado dele, com as fauces escancaradas e o enorme corpo de duas toneladas a rasgar o ar.

Race viu o réptil de imediato e, por reflexo, atirou-se para o lado, caindo à água. o caimão passou por ele e voltou a tombar no lodo.

Race pôs-se de pé, girou sobre si mesmo e voltou a mergulhar, no instante em que o caimão lançava novo ataque, com os maxilares a bater um no outro com estrépito, diante da sua cara.

Race estava coberto de lama mas isso era o que menos o ralava. Voltou a levantar-se, junto à parede de terra do poço e voltou-se mesmo a tempo de ver o animal aproximar-se rapidamente da sua cara, mais uma vez.

Voltou a baixar-se e, desta vez, mergulhou todo o corpo na água. o caimão passou por cima dele que nem um trovão e foi bater com a cabeça na parede do poço.

Race voltou à superfície e ouviu os gritos de aplauso dos índios, que se encontravam na orla do poço. Deslizou para a direita e foi parar a uma zona mais profunda. Então, começou a desatar a corda presa ao cabo do arpão.

Olhou para o cimo do poço.

Pouco mais de quatro metros e meio.

Agora, a água chegava-lhe ao peito, enquanto desenrolava a corda, ao mesmo

tempo que lançava uma rápida olhadela em redor, para ver onde estava o caimão.

E não o viu.

o caimão tinha desaparecido. Devia ter voltado a mergulhar...

Cheio de medo, Race olhou para a água, à sua volta. oh, merda, pensou.

Então, de repente, sentiu qualquer coisa bater-lhe na perna, a grande velocidade, e uma dor atroz no tornozelo. Depois, foi puxado para baixo de água.

Race abriu os olhos e, por entre a água escura que o rodeava, viu que o caimão tinha o seu pé esquerdo dentro da boca!

Mas não o tinha bem seguro e, por um milésimo de segundo, abriu a boca para o agarrar melhor.

Foi quanto bastou a Race. Mal o enorme réptil lhe libertou o pé, Race afastou-o e as fauces do caimão fecharam-se sobre o nada.

Arrastando atrás de si a corda do arpão, Race voltou à superfície, em busca desesperada de ar para respirar.

o caimão também emergiu à superfície, atrás dele, com os maxilares a bater selvaticamente, e apanhou a corda do arpão,

rasgando-a num instante. Quando a corda foi cortada, Race perdeu o equilíbrio e caiu desajeitadamente na zona de água menos profunda.

Voltou-se no mesmo instante, mesmo a tempo de ver o caimão avançar para ele, de lado, com a boca aberta. A boca do animal, cheia de dentes, era a única coisa que Race conseguia ver e, sem mais nada a que pudesse recorrer, enfiou o arpão - e, com ele, todo o braço direito - na boca escancarada do caimão.

Os maxilares do enorme réptil fecharam-se sobre o seu braço, no preciso momento em que Race, carregava no botão da pega do arpão.

Nesse instante, um milésimo de segundo antes de os dentes aguçados do caimão se fecharem sobre os seus bíceps, as pontiagudas garras de aço do arpão abriram-se, com uma força tremenda.

A cabeça do caimão explodiu.

Duas das garras pontiagudas atingiram-lhe as órbitas e, num instante, breve e nauseante, os dois olhos do caimão saltaram-lhe da cabeça, impelidos de dentro, e foram substituídos pelas lâminas aguçadas de duas garras de aço. As outras duas garras do arpão cravaram-se por baixo do maxilar inferior do caimão, rasgando facilmente aquela zona de carne mais mole.

No caminho que tinham percorrido, as duas garras que saíram pelas órbitas do enorme réptil deviam ter-lhe penetrado no cérebro, porque o mataram instantaneamente e as suas fauces pararam a meio do movimento esboçado de morder. Agora, Race estava sentado no chão do poço, com um caimão de mais de cinco metros e meio ligado ao seu braço direito, com a comprida boca triangular do animal aberta sobre o braço exposto e os dentes a milímetros da pele. o enorme corpo escuro jazia, imóvel, sobre o fundo do poço.

Os nativos reunidos junto à orla do poço contemplavam a cena, consternados, mudos de espanto.

Depois, lentamente, começaram a bater palmas.

Race saiu do poço e foi fortemente aclamado pelos índios. Deram-lhe palmadas nas costas e das suas bocas, de dentes tortos e amarelos, surgiram sorrisos rasgados.

A gaiola onde Nash e os outros estavam presos foi imediatamente aberta e, momentos depois, eles estavam ao pé de Race, no centro da aldeia.

Van Lewen abanou a cabeça, ao chegar junto de Race.

-Que diabo é que você fez? Nós não conseguíamos ver nada, daquela gaiola.

-Acabei de matar um grande lagarto - disse Race, com simplicidade.

o antropólogo, Márquez, aproximou-se e sorriu a Race. -Muito bem! Muito bem! Como é que disse que se chamava?

-William Race.

-Os meus parabéns, Senhor Race. Acabou de se transformar num deus.

o telefone celular de John-Paul Demonaco tocou. Demonaco e o investigador da Marinha, Mitchell, continuavam nas instalações da DARPA, na Virgínia. Mitchell estava a atender outra chamada.

-Quer dizer que é coisa do Bittiker... - disse Demonaco, ao telefone. Desúbito, empalideceu terrivelmente. - Telefone para o PI) de Baltimore e eles que mandem imediatamente para lá a brigada de explosivos.

Mitchell aproximou-se no momento em que Demonaco desligava.

-Era o Aaronson - informou o homem da Marinha. - Eles assaltaram as instalações dos Combatentes da Liberdade. Não havia lá nada. Nada.

-Deixe estar - disse Demonaco, dirigindo-se para a porta.

- o que foi? - perguntou Mitchell, correndo atrás dele.

-Recebi uma chamada de um dos meus homens de Baltimore. Ele está no apartamento de um dos nossos informadores junto dos Texanos. Diz que apanhou uma coisa choruda.

Noventa minutos mais tarde, Demonaco e Mitchell chegavam a um antigo armazém decrépito, no sector industrial de Baltimore.

Em frente ao edifício, estavam já estacionados três carros de rádio-patrolha da polícia, dois Buicks beges sem qualquer identificação - veículos do FBI - e uma enorme carrinha azul escura com a inscrição BRIGADA DE EXPLOSIVOS pintada numa das portas.

Demonaco e Mitchell entraram no armazém e subiram umas escadas.

-Este sítio é de um tipo chamado Wilbur Francis Jarnes, mais conhecido por «Bluey» - disse Demonaco. - o fulano era operador de rádio do Exército mas foi demitido por ter roubado equipamento... scanners de frequência, M-16. Agora, é um escroque de meia tigela que trabalha em ligação com os Texanos e com alguns fulanos do mundo do crime, que fornecem armas e informação aos Texanos. Há alguns meses, apanhámo-lo com três caixas roubadas de gás neurotóxico ou gás de nervos VX mas decidimos não o acusar formalmente, se ele nos ajudasse na nossa própria recolha de informação. Até agora, tem sido de confiança.

Os dois chegaram a um apartamento exíguo, no andar por cima do armazém, a que estavam de guarda dois polícias de Baltimore. Entraram. Era um apartamento nojento, com as tábuas do chão viscosas e o papel de parede a cair,

À espera de Demonaco estavam um jovem agente negro chamado Hanson e o chefe da Brigada de Explosivos da Polícia de Baltimore, um homem baixo e atarracado chamado Barker.

Bluey James estava a um canto da divisão, de braços cruzados. Saboreava o fumo de um cigarro, com ar de desafio. Era baixote, com a barba por fazer, cabelo castanho oleoso e uma camisa havaiana toda suja. Calçava sandálias... e meias.

- o que é que temos? - perguntou Demonaco a Hanson.

-Quando chegámos, não encontramos nada - respondeu o jovem agente, fitando-BlueyJames com desprezo. - Mas, depois, procurámos melhor e encontramos isto.

Hanson entregou a Demonaco um volume do tamanho de um livro de bolso.

Estava embrulhado em papel castanho e não tinha sido aberto. junto com ele, estava um envelope branco de aspecto normal, que fora aberto.

-Estava escondido por trás de um falso painel, na parede informou Hanson.

Demonaco voltou-se para Bluey.

-Muito inventivo - comentou. - Estás a ficar mais esperto, com a idade, Bluey.

-E isso tem algum mal?

- Raios X? - perguntou Demonaco, dirigindo-se ao homem que se chamava Barker.

-Está limpo - respondeu o homem da brigada de explosivos, - Parece ser um CD ou qualquer coisa do género. Bluey james riu com desdém.

-Não sabia que, neste país, era crime um homem comprar um CD. Mas, se calhar, até devia ser, por causa da merda que se ouve.

- o quê? Não gostas de Achy Breaky Heart?»? - perguntou Demonaco, olhando

para o envelope branco, de onde tirou uma folha de papel.

Dizia:

QUANDO TIVERMOS o TÍRIUM, CONTACTO-O DIRECTAMENTE.

DEPOIS DE RECEBER o MEU TELEFONEMA, MANDE o CONTEÚDO DESTE DISCO, POR E-MAIL, ÀS SEGUINTE ORGANIZAÇÕES.

BITTIKER

A seguir, vinha uma lista de uns doze nomes e moradas, todos eles de cadeias ou canais de televisão: CNN, ABC, NBC, CBS, FOX.

Demonaco virou o embrulho de papel castanho. Que seria que Earl Bittiker queria mandar por e-mail às principais cadeias de televisão do país?

Abriu o volume.

E viu um disco compacto de um prateado reluzente.

Mas a primeira coisa que lhe chamou a atenção foi que não era um CD vulgar.

Eram um V-CD, um disco compacto de vídeo. Voltou-se.

-Que diabo é isto, Bluey?

-The Best of Billy Ray Cyrus. Especialmente para ti, palerma.

-El, Demonaco - disse Mitchell, apontando para um leitor de V-CD, que estava por baixo do moderníssimo televisor de Bluey.

Ao lado do televisor, havia um computador IBM preto. Os três objectos pareciam absolutamente deslocados naquele apartamento miserável.

Demonaco colocou o disco compacto no leitor de V-CD e carregou no botão «PLAY».

No ecrã do televisor, apareceu a cara de Earl Bittiker,

Era uma cara feia, malévol, marcada por cicatrizes e pelo ódio. Bittiker tinha um rosto avermelhado, de feições cavadas, cabelo loiro e uns olhos cinzentos e frios, que deixavam transparecer apenas o mar de raiva que lhe ia na alma. Ao fundo, por trás do terrorista, Demonaco e Mitchell viram a Supernova.

Bittiker falava directamente para a câmara.

-Cidadãos do mundo, o meu nome é Earl Bittiker e sou o Anti-Cristo.

«Se estiverem a ver esta mensagem, é porque estão prestes a morrer. Hoje, às 12 horas em ponto, hora da costa Leste, ireis ser todos mortos por uma arma que foi paga pelos vossos impostos. Uma arma que, daqui a poucas horas, irá mandar pelos ares este mundo vil.

«Não tenho nada contra vós, cidadãos do mundo. o que eu odeio é o mundo onde viveis, um mundo que não merece continuar a existir. É um cão doente e deve ser abatido.

Vós, os Governos deste mundo, sois os culpados desta situação. Comunistas, capitalistas e fascistas: todos vós tendes engordado, enquanto as pessoas que governáveis morriam à fome. Todos vós tendes enriquecido, enquanto os outros iam ficando mais pobres. ViVieis em mansões e eles viviam em guetos. O desejo de qualquer homem de mandar em outro é parte da natureza humana. Surge sob muitos disfarces, sob muitas formas, que vão das políticas de gabinete às limpezas étnicas, e é praticado por todos nós, do mais humilde dos capatazes ao chefe do Governo dos Estados Unidos. Mas o seu carácter é sempre o mesmo. Tem a ver com o poder e com a dominação.

Mas é um cancro deste mundo e esse cancro tem de ser erradicado.

«As cadeias de televisão que receberem esta mensagem deverão contactar a Marinha ou a Agência de Projectos de Pesquisa Avançados de Defesa e perguntar-lhes o que aconteceu à Supernova deles. Perguntem-lhes o porquê da sua existência e qual a sua finalidade. Façam-lhes perguntas acerca da morte de dezasseis membros do pessoal de segurança, quando, há dois dias, os meus homens atacaram a sede da DARPA, na Virgínia. Estou seguro de que ninguém vos informou deste incidente porque é assim que os Governos de hoje funcionam. Depois de terem feito tudo isto, perguntem ao vosso Governo se é disto - apontou para o dispositivo, por trás de si - que eles andam à procura.»

Bittiker olhou para a câmara, com uma expressão dura.

-A vós, cidadãos do mundo, não peço nada. Não peço qualquer resgate. Não

quero a libertação de nenhuns presos políticos. Não há maneira de vocês fazerem parar este dispositivo. Agora, não. Nem nunca. Não há nada que vocês possam fazer para impedir que isto aconteça. Hoje, ao meio-dia, vamos todos juntos para o inferno.

o ecrã ficou cinzento.

Seguiu-se um longo silêncio, durante o qual toda a gente ficou a digerir o que Bittiker acabara de dizer. Até Bluey James estava abalado.

-Foda-se - disse ele, entre dentes.

-Muito inteligente - comentou Demonaco. - A única coisa que ele disse foia hora da explosão. Meio-dia. Agora, só lhe falta encontrar o tório, entrar em contacto com o Bluey e o plano está a andar. - Voltou-se para Mitchell e acrescentou:

-Acho que encontrámos a sua Supernova, capitão. - Depois, dirigiu-se a Bluey: - Devo concluir que ainda não recebeste o tal telefonema?

O que é que achas, sacana?

- o que é que sabes acerca disto, Bluey? - perguntou Demonaco, mudando de tom.

-Aquilo que sempre soube, meu. Tretas de merda.

-Se não me disseres mais nada, agora, vou ter que te acusar de cumplicidade no assassinato de dezassete funcionários de segurança federais...

-Olha lá, meu, não ouviste o que ele disse? o mundo vai acabar. o que é que interessa, agora, ser acusado de cumplicidade?

- Isso depende de quem é que tu achas que vai ganhar esta partida: nós ou o Bittiker.

-Bittiker - disse Bluey, sem rodeios.

-Então, parece que vais passar as horas que te restam de vida na prisão - replicou Demonaco, fazendo sinal aos dois Polícias que se encontravam à porta. - Levem daqui este sonso.

Os dois polícias agarraram Bluey por baixo dos braços.

-Ah, esperem aí... - disse Bluey

-Tenho muita pena, Bluey.

-Ouve lá, meu, ouve! Eu não tive nada a ver com as tais mortes. Sou só um moço de recados, OK? Faço coisas em nome do Bittiker. Como qualquer advogado. o que, devo dizer, não tem sido muito fácil, nos últimos tempos, porque o homem está passado de todo.

-Então, está passado de todo - repetiu Demonaco, fazendo sinal aos dois-polícias para largarem Bluey.

-Passado como o diabo, Por onde é que tens andado, meu? Primeiro, ele deixa uma cambada de chinocas entrar para os Texanos. japoneses, meu. Uns cabrões de uns japoneses. Havia de ver aqueles sacanas. Uns kamikazes do caraças, meu. São de uma seita qualquer de marados, lá do Japão. Querem destruir o mundo e essa merda toda. Mas o Earl acha que gosta das tretas que eles dizem e dá-lhes rédea solta. E, depois, foda-se, faz uma coisa ainda mais esquisita. Vai daí e alia-se aos cabrões dos Combatentes da Liberdade.

- o quê?

-Para passar a contar com os conhecimentos técnicos deles, Se quiseres a minha opinião, esses Combatentes da Liberdade são uma súcia de lambe botas mas também é verdade que sabem muito de tecnologia. Quer dizer, mensagens para o mundo todo em V-CI) e essas merdas. Achas que fui eu que andei pelas lojas, para comprar este leitor?

-Os Texanos juntaram-se aos Combatentes da Liberdade...

-disse Demonaco. - Que grande trampa.

Bluey ainda estava a debitar.

-E tudo por causa dos japoneses. Desde que chegaram cá, andam sempre a dizer ao Earl que, se ele quer mesmo foder o mundo, precisa de alta tecnologia. Nada de espingardas nem de merdas dessas. Só bombas e coisas assim. São tarados. E, depois, quando souberam dessa coisa da Supernova, então...

Mas Demonaco já não estava a ouvir. Voltou-se para Mitchell.

-Os Texanos absorveram os Combatentes da Liberdade. Foi por isso que o seu chefe, Aaronson, não encontrou nada nas instalações dos Combatentes da Liberdade. Eles já não existem. Não admira que tenham usado balas de tungsténio. Ganharam tempo, atirando com as culpas para cima de um grupo terrorista que já não existe. Os Texanos e os Combatentes da Liberdade não andavam em guerra uns com os outros. Estavam a negociar uma fusão... O que é que está a dizer? - perguntou Mitchell. -Estou a dizer que acabámos de assistir à união de três das organizações terroristas mais perigosas do mundo. Uma é uma unidade de combate, brilhantemente organizada. A segunda deve ser o grupo paramilitar da América mais avançado do ponto de vista tecnológico. E a terceira é uma seita japonesa, a do Dia do Juízo Final. (Junte tudo isto e fica perante um problema dos diabos. Porque foram estes gajos que roubaram a sua Supernova. E, a julgar pelo vídeo que acabámos de ver, eles andam por aí agora, a tentar arranjar tório.)»

À luz suave do amanhecer, estava a ser preparado um banquete. Depois de ter derrotado o caimão, Race tinha repellido delicadamente a adulação dos índios e pedido para descansar. Seguiu-se um sono profundo - Santo Deus, bem precisava dele, pois havia quase trinta e seis horas que não dormia - do qual só acordara pouco antes do amanhecer.

o grande prato que lhe tinham posto à frente era digno de um rei. Era um sortido de comida crua da selva, disposta sobre enormes folhas verdes. Larvas, bagas, milho. E, até, um pedaço de carne de caimão crua. Caía uma chuva miudinha mas ninguém parecia ralar-se com isso.

Race e o pessoal do Exército estavam na clareira diante do santuário da aldeia, sentados em círculo, a comer, vigiados pelo olhar atento do ídolo verdadeiro, orgulhosamente instalado no seu nicho de madeira trabalhada. Embora os nativos lhes tivessem devolvido as armas, ainda pairava no ar uma ténue atmosfera de suspeita. Cerca de uma dúzia de guerreiros índios, armados de arcos e setas, estavam ostensivamente parados, à roda do círculo de pessoas, a observar Nash e os seus funcionários, como tinham feito durante toda a noite.

Race estava sentado junto ao chefe da tribo e ao antropólogo, Miguel Moros Márquez.

o chefe Roa gostaria de lhe manifestar a sua enorme gratidão por ter vindo até aqui - disse Márquez, traduzindo as palavras do velho chefe.

Race sorriu.

-Passámos de ladrões nocturnos a hóspedes bem-vindos.

-Mais do que julga - disse Márquez. - Mais do que julga. Se você não tivesse sobrevivido ao encontro com o caimão, os seus amigos teriam sido sacrificados aos rapas. Assim, os seus amigos partilham da sua glória.

-Eles não são precisamente meus amigos - disse Race. Gaby Lopez estava sentada do outro lado do antropólogo, obviamente entusiasmada por se encontrar na presença de uma lenda. Afinal, conforme tinha contado a Race, no primeiro dia que tinham passado no Peru, Márquez embrenhara-se na selva, havia nove anos, para estudar tribos amazónicas primitivas.

-Por favor, Doutor Márquez - pediu - fale-nos um pouco desta tribo. A sua experiência aqui deve ser fascinante.

Márquez sorriu.

-E tem sido. Estes índios são pessoas verdadeiramente notáveis. Uma das poucas tribos autênticas que ainda há em toda a América do Sul. Apesar de dizerem que vivem nesta aldeia há séculos, são nómadas, como quase todas as outras tribos desta região. De vez em quando, vão-se todos embora, por seis meses ou mesmo durante um ano, para outro sítio, à procura de comida ou de um clima mais ameno. Mas voltam sempre a esta aldeia. Dizem que estão ligados a esta zona, ao templo da cratera e aos deuses gatos que nele habitam.

-Como foi que eles se apoderaram do Espírito do Povo? perguntou Race, interrompendo-o.

-Desculpe mas não percebi.

- Segundo o Manuscrito de Santiago - disse Race - Renco Capac utilizou o ídolo para atrair os rapas para dentro do templo. Depois, fechou-se lá com eles. Quando foi que estes índios entraram no templo e tiraram de lá o ídolo?

Márquez traduziu, para o chefe índio, Roa, aquilo que Race tinha dito. o chefe abanou a cabeça e respondeu qualquer coisa, em Quêchiia.

O chefe Roa diz que o Príncipe Renco era um homem muito esperto e corajoso, como seria de esperar de Aquele que Foi Escolhido. o chefe também diz que os membros desta tribo têm muito orgulho em ser os seus descendentes directos.

-Os seus descendentes directos? - perguntou Race. - Mas isso quer dizer que Renco terá acabado por sair do templo...

-Pois é - respondeu Márquez, enigmaticamente, traduzindo as palavras do chefe.

-Mas como? - insistiu Race. - Como foi que ele conseguiu sair?

Perante esta observação, o chefe deu uma ordem a um dos seus guerreiros e este correu para uma das cabanas. Voltou instantes depois, trazendo uma coisa na mão.

Quando o guerreiro chegou junto do chefe, Race viu que o objecto que ele tinha na mão era um livro de notas, não muito espesso, forrado a couro. A encadernação tinha aspecto de ser muito antiga mas as suas páginas pareciam intactas.

o chefe falou. Márquez traduziu.

-Senhor Race, Roa diz que a resposta à sua pergunta está na construção do próprio templo. É verdade que, depois da famosa batalha de Renco e Alberto com Hernando Pizarro, Renco entrou no templo com o ídolo. Mas conseguiu sair de lá com ele. A história completa do que aconteceu depois de Renco ter entrado no templo está nesse livro de notas.

Race olhou para o livro de notas que o chefe tinha na mão. Estava morto por ler o que lá estava escrito.

o chefe entregou a Race o pequeno livro de notas.

-Roa dá-lho de presente - disse Márquez. - Afinal, nos últimos quatrocentos anos, você é a primeira pessoa a passar por esta aldeia que é capaz de o ler.

Race abriu imediatamente o livro e viu meia dúzia de páginas de cor creme, escritas com a caligrafia de Alberto Santiago. Ficou a olhar para aquilo, pasmado.

Era o fim verdadeiro da história de Santiago.

-Queria fazer uma pergunta - disse, de repente, Johann Krauss, num tom pomposo, inclinando-se para diante, sem sair

do seu lugar no círculo. - Como foi que os rapas conseguiram sobreviver durante tanto tempo, dentro do templo.

Depois de ter consultado o chefe, Márquez respondeu:

-Roa diz que a resposta a essa pergunta está no livro de notas.

-Mas... - começou Krauss.

Roa interrompeu-o, com um berro cortante.

-Roa diz que a resposta a essa pergunta está no livro de notas

-repetiu Márquez, num tom firme.

Era óbvio que a hospitalidade de Roa relativamente a Race não tinha limites mas os seus favores para com os companheiros deste não iam muito longe.

A chuva começou a cair com maior intensidade. Passados alguns minutos, Race ouviu o troar distante de um trovão. Doogie e Van Lewen também se voltaram, quando ouviram o som.

-Vem aí uma tempestade - disse Race.

Doogie abanou a cabeça e olhou para o céu. o ribombar do trovão tornou-se mais intenso.

-Não é nada disso - disse Doogie, apanhando do chão a sua G-11.

- o que é que está dizer?

-Não é uma tempestade, Professor. -Então, o que é?

Nesse momento, antes de Doogie ter podido responder, um enorme helicóptero Super Stallion rugiu lá no alto.

Race, Doogie e Van Lewen puseram-se de pé de um salto e os índios pegaram nos arcos.

o rugido dos dois Super Stallions que sobrevoavam a aldeia abafava todos os outros sons e era ensurdecedor. Então, de repente, oito escadas de corda ondulantes saíram de cada helicóptero. Num segundo, dezasseis homens em uniformes de combate começaram a descer pelas cordas, de armas na mão, quais sombras agoirentas contra o céu do amanhecer.

As armas empunhadas pelos homens que desciam dos helicópteros cuspiam balas.

As pessoas corriam em todas as direcções. Os índios procuraram a cobertura da vegetação que rodeava a aldeia, apanhando os arcos e as setas, enquanto se dirigiam para lá. Van Lewen e Doogie dispararam as suas G-11, respondendo ao fogo que chovia na lama, à volta de ambos.

Race rolou sobre si, no sítio onde se encontrava, e viu Doogie ser atingido, na perna esquerda, por dois disparos brutais. Depois, voltou a rolar, mesmo a tempo de ver o corpo do zoólogo alemão, Krauss, que fora atingido na cara, nos braços e no peito, agitar-se convulsivamente e transformar-se numa massa de carne ensanguentada, rasgada por rajadas de fogo devastador de super-metralhadoras.

Os dois Super Stallions planavam sobre a aldeia, a pouco mais de seis metros de altitude, arrasando-a com os seus canhões. Ao pôr-se de pé, Race viu uma palavra pintada dos dois lados de cada aparelho: MARINHA.

Era a equipa de Romano. Finalmente, tinham chegado.

E então, só então, enquanto corria para escapar ao fogo dos enormes helicópteros que sobrevoavam ameaçadoramente a aldeia, ocorreu a Race um pensamento inesperado,

A equipa de Romano não tinha três Super Stallions? Abruptamente, uma rajada de fogo esburacou o chão à sua volta e Race fugiu para baixo das árvores.

Enquanto corria,

olhou para trás e viu Frank Nash afastar-se do santuário e mergulhar entre a vegetação, seguido de perto por Lauren e Copeland.

Os olhos de Race fixaram-se no santuário. o ídolo ainda lá estava, orgulhosamente instalado no seu nicho.

Ou não?

As balas continuavam a abrir buracos no chão que o rodeava mas Race correu para o santuário, tirou o ídolo do seu nicho e rodou-o na mão.

Faltava uma secção cilíndrica na base do ídolo. Era o ídolo falso.

-Não... - murmurou Race.

Lá no alto, os helicópteros continuavam a disparar. A ventania da corrente de ar que estes provocavam soprava à volta de Race que nem um tornado.

Lutando contra aquele vendaval, Race correu para a vegetação, atrás de Nash e dos outros dois.

-Onde é que vai? - gritou Renée, de trás de uma árvore próxima.

O Nash tem o ídolo! - respondeu Race, também aos gritos. - o verdadeiro...

Nesse momento, sem qualquer aviso prévio, um dos dois enormes helicópteros Super Stallion explodiu, lá no alto. Foi uma explosão terrível, de uma força monstruosa. E ainda mais assustadora por ter sido tão inesperada.

Race olhou para cima, instantaneamente, e viu o potente helicóptero cair em direcção ao solo, num movimento que parecia em câmara lenta, mesmo por cima dos homens que vinham pendurados nele.

-Os homens, que eram do corpo SEAL, da Marinha, atingiram o solo primeiro, seguidos, um segundo mais tarde, pelo enorme aparelho, que se abateu sobre eles, esmagando-os num instante sob o seu volume medonho, que se abateu estrondosamente sobre o terreno.

Race olhou para além dos destroços flamejantes do Super Stallion caído e, lá no alto, viu um rasto horizontal de fumo que começava a dissipar-se no

ar.

Era o rasto de fumo de um míssil ar-ar e os olhos de Race seguiram-no até ao ponto de partida.

E viu mais um helicóptero.

Só que não era um aparelho de transporte de tropas, como os dois Super Stallions. Era um helicóptero de dois lugares, um pássaro de combate, esguio, com uma cabina em forma de prisma e um rotor de cauda coberto. Parecia um louva-a-deus.

Embora não o soubesse, Race estava a olhar para um AH-66 Comanche, o helicóptero de combate de última geração do Exército dos EUA.

o apoio aéreo de Nash. Finalmente, tinha também chegado.

Race viu um segundo helicóptero de combate Comanche aparecer, contra o céu da manhã, por trás do primeiro, viu-o abrir fogo contra o Super Stallion sobrevivente, com o seu canhão Gafling de dois canos.

o segundo Super Stallion respondeu com uma rajada de metralhadora, dando cobertura aos oito SEAL que ainda estavam pendurados das suas escadas de corda.

o primeiro SEAL chegou ao solo e uma seta cravou-se-lhe na testa, tombando-o instantaneamente.

Os sete SEAL que ainda restavam continuaram a descer os degraus da escada. Dois deles foram abatidos por setas, durante a descida. Os outros conseguiram chegar ao solo.

Lá no alto, o seu Super Stallion andava numa roda-viva. Rodopiou de lado, para ficar de frente para os dois Comanches do Exército que disparavam contra ele.

Depois, de repente - bum! - a nacelle suspensa lateralmente do Super Stallion disparou um único míssil Sidewinder. o míssil traçou no ar um rasto de fumo perfeitamente horizontal e, depois, foi embater, a uma velocidade incrível, na cobertura de um dos Comanches, varrendo do céu o helicóptero de combate, com uma potente explosão.

Mas foi apenas um prémio de consolação. Na verdade, se o feito serviu para alguma coisa foi para selar o destino do Super Stallion. Porque ainda restava um Comanche.

Mal o primeiro héli do Exército foi atingido, o segundo fez uma pirueta no ar e lançou um míssil Hellfire,

o Hellfire cruzou os ares a uma velocidade fenomenal, fazendo mira para o Super Stallion. Atingiu o alvo em poucos segundos, mergulhando a toda a velocidade num dos lados do grande helicóptero da Marinha.

Os dois lados do Super Stallion explodiram num instante, saltando em todas as direcções e lançando sobre o solo uma chuva de destroços flamejantes.

Depois, o enorme helicóptero da Marinha esmagou-se sobre as árvores, acima da aldeia, numa lamentável bola de fogo.

Os ramos molhados batiam na cara de Race, enquanto ele e Renée corriam na direcção leste, por entre a secção de vegetação baixa e densa, a Sul da praça da aldeia, atrás de Frank Nash.

No caminho, passaram por Van Lewen. Estava encostado às traseiras de uma cabana, a disparar a G-11 contra três dos cinco SEAL que tinham sobrevivido à descida do segundo Super Stallion.

Disparava baixo, tentando ferir e não matar. Afinal, aqueles homens eram compatriotas seus e, depois do que tinha ouvido Renée contar, no avião, algumas horas antes, acerca de Frank Nash e da missão do Exército, que tentava passar a perna à Marinha, tinha começado a questionar os seus deveres de lealdade. A menos que fosse mesmo obrigado a fazê-lo, não queria matar homens como ele, carne para canhão, que se limitavam a cumprir ordens.

Os três SEAL tinham-se acocorado por trás de umas árvores, perto do santuário, e, quando disparavam ao mesmo tempo, as suas MP-5 estavam a provar estar à altura da sua G-11 solitária. Depois, de súbito, o fogo dos SEAL parou, quando estes foram atacados, por trás, por uma horda de índios armados de arcos, setas, paus e pedras.

Van Lewen pestanejou.

-Onde é que vocês vão? - gritou, quando viu Race e Renée passarem por ele, a correr.

-Vamos atrás do Nash. Ele roubou o ídolo verdadeiro! -Ele o quê?... Mas Race e Renée estavam já a chegar às árvores e Van Lewen foi atrás deles.

Gaby Lopez também corria. Mas apenas para tentar salvar a vida.

Quando tinham aparecido os Super Stallions da Marinha, ela escondera-se atrás das árvores mais próximas. Mas, enquanto todos os outros tinham fugido para sul, ela tomara a direcção contrária para norte - e, agora, ia a correr, sozinha, por entre a vegetação que lhe dava apenas pela altura do peito, para nordeste da aldeia, baixando-se enquanto corria, tentando desesperadamente escapar às balas que batiam nos ramos à volta da sua cabeça.

Os dois SEAL sobreviventes estavam algures, por trás dela, disparando as suas MP-5, ocultos por entre os arbustos.

Gaby olhou para trás, a ver se avistava os seus perseguidores. Depois, quando se voltou outra vez para trás, sentiu que subitamente o chão lhe fugia debaixo dos pés.

Caiu que nem uma pedra.

Um segundo depois, embatia em água.

o líquido lamacento saltou para todos os lados. Quando aquilo parou, Gaby abriu os olhos e descobriu que estava sentada no fosso que rodeava a aldeia! Pôs-se rapidamente de pé e viu que se encontrava numa zona onde a água só lhe chegava aos tornozelos. Um pensamento atingiu-a subitamente: caimões.

Olhou em redor, desesperada, Viu que o fosso era mais ou menos circular, viu que curvava para a esquerda e para a direita do sítio onde se encontrava, como uma estrada cheia de curvas. As paredes de terra lisas terminavam uns bons três metros acima da sua cabeça.

De repente, tiros de espingarda-metralhadora embateram na água, à sua volta e, instintivamente, Gaby atirou-se ao chão e as

balas passaram-lhe por cima da cabeça, indo cravar-se nas paredes de terra do fosso.

Nesse momento, sem que nada o fizesse prever, Ouviu novos disparos. Mas eram disparos diferentes, de G-11, e, num instante, deixou de se ouvir o som das primeiras armas e, depois, não se ouviu mais nada. Gaby continuava deitada de bruços, na água baixa do fosso. Seguiu-se um longo silêncio. Ao fim de alguns segundos, Gaby ergueu cautelosamente a cabeça.

E deu de caras com o focinho de um caimão, de dentes arreganhados, como se sorrisse.

Gaby ficou gelada.

o animal estava ali, parado, diante dela, a observá-la, com a cauda a abanar lentamente de um lado para o outro. Tinha-a apanhado. Tinha direito de morte sobre ela.

Então, com um rugido sonante, o gigantesco réptil atacou, com as fauces selvaticamente abertas estendidas para ela.

Claque! Qualquer coisa vinda de cima tinha acabado de aterrar em cima do caimão. Gaby não sabia o que era. Tinha-lhe parecido que era um animal e, nesse momento, esse animal e o caimão rolavam de um lado para o outro diante dela, lançando jactos de lama e água.

Gaby ficou perplexa, quando percebeu que não era um animal. Era um homem. Em uniforme de combate. Tinha saltado da orla do fosso, lançando-se sobre o caimão, no preciso instante em que este avançara para ela.

o caimão e o homem rolavam no chão e lutavam, o réptil investindo e tentando abocanhar, o homem tentando respirar sempre que podia.

Depois, Gaby viu quem era. Era Doogie.

Os dois lutavam, rolando pelo chão, grunhindo e resfolgando. o caimão tentava selvaticamente morder em Doogie, enquanto o Boina Verde ferido lhe

segurava desesperadamente o focinho, tentando manter fechados os maxilares do animal, como tinha visto fazer, quando era criança, aos homens que lutavam com jacarés.

Doogie ainda tinha a sua G-11 mas, agora, não lhe servia de nada. Estava vazia. Relutantemente, tinha utilizado as últimas balas para abater os dois SEAL da Marinha que estavam a disparar contra Gaby. Depois, tinha visto o caimão aparecer diante dela e atacar e fizera a única coisa que lhe ocorrera. Saltara para cima dele.

Nesse momento, o caimão libertou o focinho da pressão das mãos de Doogie, abriu os maxilares e atirou-se à cabeça do soldado. Por puro desespero, Doogie fez girar a G-11, para tomar balanço, e, sem sequer pensar, enfiou-a dentro da boca do enorme réptil, escancarando-a, mesmo em frente à sua cara!

o caimão grunhiu de surpresa.

As suas fauces estavam agora completamente abertas, como o capô de um carro. A enorme criatura não podia fechar a boca. Doogie aproveitou a oportunidade e, num movimento rápido, tirou da bainha a faca Bowie.

o caimão estava ali, estupidamente, diante dele, com o enorme focinho mantido aberto pela G-11 colocada na vertical.

Doogie tentou colocar-se por trás do grande réptil, para lhe cravar a faca no crânio e matá-lo, mas o caimão viu-o mexer-se e voltou-se rapidamente de lado, embatendo em Doogie e fazendo-o perder o equilíbrio. Doogie caiu na água lamacenta.

Então, o caimão atirou-se rapidamente para a frente, pisando as pernas de Doogie com as suas curtas patas dianteiras, enterrando-o na lama.

-Aaaaaaah! - gritou Doogie, quando o peso do caimão se abateu sobre as suas tíbias.

o enorme réptil deu mais um passo, pisando-lhe a perna esquerda ferida.

Doogie gritou de dor, quando as suas pernas se enterraram um pouco mais na lama.

A boca escancarada do caimão estava ali mesmo, diante da sua cara, a uns sessenta centímetros do seu nariz, mantida aberta pela G-11.

Foda-se, pensou Doogie, enquanto, com um movimento rápido, estendia a mão para dentro da bocarra do caimão e colocava a sua faca Bowie por trás da G-11, na vertical, para que o cabo assentasse na língua do caimão e a lâmina ficasse voltada para o céu da boca do mostrengo.

Come isso - disse Doogie, ao mesmo tempo que afastava, de lado, o braço e arrancava a G-11 da boca do réptil gigantesco. A reacção foi instantânea. Quando a G-11 foi retirada, os fortes maxilares do caimão juntaram-se: o maxilar superior descaiu para cima da faca Bowie, colocada na parte de trás da boca, e esta subiu em direcção ao cérebro do animal.

A lâmina da faca, manchada de sangue, irrompeu da enorme cabeça do réptil e o corpo do caimão, do qual a vida se esvaíra, cedeu ao próprio peso, Doogie ficou a olhar para ele, por um momento, espantado com o que tinha acabado de fazer. o enorme animal estava ainda parcialmente em cima dele, rosnando involuntariamente, expelindo grandes quantidades de ar, de que já não precisava.

-Uff.. - murmurou Doogie.

Em seguida, abanou a cabeça, saiu com esforço de debaixo da enorme criatura e arrastou-se até onde Gaby continuava deitada na lama, completamente perplexa com aquele acto digno de um cavaleiro andante.

-Venha - disse ele, pegando-lhe na mão. - Vamos embora daqui.

Frank Nash correu por entre a densa vegetação entre a aldeia e a cratera, com o ídolo debaixo do braço, como se fosse uma bola de futebol.

Lauren e Copeland corriam atrás dele, de pistolas SIG-Sauer em punho.

No meio da confusão gerada pelo ataque aéreo à aldeia, ele, Lauren e Copeland tinham lançado sobre o fosso uma das pontes de toros e, depois, tinham-na atravessado, para chegarem à vegetação.

-Daqui Nash! Daqui Nash! - gritava este, sem parar de correr, para o microfone de garganta. - Equipa aérea, contacte! Nash olhou para cima e viu o helicóptero Comanche do Exército, que tinha sobrevivido, planando sobre os restos fumegantes da aldeia. Por trás dele, via-se um terceiro helicóptero, mais pesado e maior do que o Comanche. Era um Black Hawk 11, o terceiro helicóptero do Exército.

-Aqui capitão Frank Thompson, coronel Nash - disse uma voz, junto ao seu ouvido, por entre o ruído da estática. - Peço desculpa... demorar tanto tempo... Perdemos o vosso sinal... tempestade...

-Nós temos o prémio, Thompson. Repito: temos o prémio. Neste momento, estou a uns cinquenta metros da aldeia e vou na

direcção leste, a caminho da cratera. Preciso de ser retirado daqui imediatamente.

-Negativo, coronel... não há sítio para aterrar aqui... muitas... árvores.

-Então, vá ter connosco à outra aldeia - gritou Nash. -Aquela que tem um acedela. Dirija-se para leste, por cima da cratera, e olhe para baixo. Não há nada que enganar. Tem muito espaço para aterrar.

-Dez-quatro, coronel... encontramos-nos lá.

Os dois helicópteros do Exército sobreviventes deram imediatamente a volta, por cima da aldeia do planalto, ribombando sobre a cabeça de Nash, dirigindo-se para Vilcafor.

Menos de um minuto depois, Nash, Lauren e Copeland chegavam à cratera e começavam a descer o trilho em espiral.

Race, Renée e Van Lewen corriam por entre a densa vegetação que se estendia entre a aldeia e a cratera, atrás de Nash e do ídolo. Não havia rapas à vista.

Com a chegada da manhã, deviam ter voltado para as profundezas da cratera, pensou Race. Esperava que o diabo da urina de macaco que espalhara sobre o corpo, continuasse a fazer efeito. Os três chegaram ao trilho da cratera, a correr.

Quando Race, Renée e Van Lewen começaram a descer o caminho, Nash, Lauren e Copeland estavam a chegar ao fundo do mesmo.

Chegaram ao desfiladeiro, seguiram pela sua base, fazendo saltar água a cada passo. Nem viram que os felinos, que se encontravam junto ao lençol de água, tinham erguido preguiçosamente as cabeças escuras, quando eles por ali passaram.

Os três chegaram num instante ao caminho do rio, onde depararam com um ténue nevoeiro matinal. Mas não pararam para o admirar. Continuaram a avançar, em direcção a Vilcafor e ao som ribombante dos helicópteros.

Mais dois minutos e os três chegaram junto ao fosso, do lado ocidental da aldeia.

E, de repente, pararam.

Incapazes de dar mais um passo que fosse.

Diante deles, no centro de Vilcafor, com as mãos cruzadas sobre a nuca e com o ténue nevoeiro volteando junto aos seus pés, estava um grupo de uns doze homens e mulheres. Estavam todos parados, indiferentes ao ruído dos rotores dos helicópteros, que ecoavam no ar da manhã.

Alguns deles eram SEAL da Marinha. Envergavam uniformes de combate completos. Mas estavam desarmados. Outros tinham vestidos uniformes do corpo regular da Marinha. Outros ainda usavam roupas civis normais - os cientistas da DARPA.

E, então, Nash viu o helicóptero deles. Estava estacionado por trás do pequeno ajuntamento.

um finico Super Stallion.

o terceiro helicóptero da Marinha.

Estava no centro da aldeia, silencioso, imóvel, com as sete pás das hélices paradas. Nash viu a palavra MARINHA pintada dos lados, com grandes letras brancas.

Depois, olhou para cima, para ver de onde vinha o terrível ruído, que

atroava os ares, sobre a aldeia.

E viu-os.

Viu os dois helicópteros do Exército, o Comanche e o Black Hawk 11, que ele tinha mandado para ali, quando ainda estava perto da outra aldeia. Estavam a sobrevoar Vilcafor, com os seus canhões Gaffing de dois canos e os seus ameaçadores lança-mísseis apontados para os membros da equipa da Marinha e da DARPA, que se encontravam no solo, impotentes.

Race e os outros saíram do caminho do rio alguns minutos mais tarde.

Na altura em que chegaram à rua principal de Vilcafor, os dois helicópteros do Exército tinham aterrado e Nash passeava-se que nem um pavão, diante dos homens da Marinha, com o ídolo numa das mãos e uma pistola prateada SIG-Sauer na outra.

As tripulações dos helicópteros do Exército, seis homens no total - dois do Comanche e quatro do Black Hawk - empunhavam M-16, apontadas para o pessoal da Marinha e da DARPA.

-Ah, Professor Race, ainda bem que veio ter connosco disse Nash, quando Race e os outros apareceram na rua principal de Vilcafor e ficaram a olhar para aquela estranha mistura de civis e homens da Marinha, parados, com as mãos sobre a nuca.

Race não respondeu a Nash. Os seus olhos observavam, um a um, os elementos do pessoal da Marinha, à procura de alguém. Pensou que deviam ser as pessoas da equipa de Romano, a verdadeira equipa da Supernova. Por isso, talvez...

De repente, ficou estático. Tinha-o visto.

Tinha visto um homem, um civil, parado no meio do grupo dos homens da Marinha, vestindo roupas normais de passeio.

-

Apesar de não o ver havia quase dez anos, Race reconheceu logo as sobrancelhas escuras e os ombros encurvados. Estava a olhar para o irmão.

-Marty... - murmurou Race. -Professor Race... - interrompeu Nash- Race ignorou-o e dirigiu-se a passos largos para o irmão. Ficaram parados um em frente do outro, sem se abraçarem. Eram irmãos mas muito diferentes. Para começar, Race estava numa verdadeira desgraça: coberto de lama e a tresandar a urina de macaco, enquanto Marty estava bem vestido e com as roupas impecavelmente limpas. Marty olhava, embasbacado, para as roupas imundas de Race, para o seu estafado boné, coberto de lama, como se ele fosse o monstro da Lagoa Negra.

Marty era mais baixo que Race e mais entroncado. Além disso, enquanto Race tinha sempre uma cara franca e bem disposta, o rosto de Marty apresentava sempre uma expressão terrivelmente séria.

-Will... - disse Marty.

-Peço desculpa, Marty, Eu não sabia. Eles mentiram-me, para me convencerem a vir com eles. Disseram que trabalhavam com a DARPA, que te conheciam e que...

Nesse momento, Race interrompeu-se, abruptamente, ao ver outro elemento da equipa da Marinha que também conhecia.

o seu rosto assumiu uma expressão carregada.

Era Ed Devereux.

Devereux era um homem negro, baixo, que usava óculos. Tinha quarenta e um anos e era um dos mais conceituados professores de línguas clássicas da Universidade de Harvard. Havia quem dissesse que ele era o melhor estudioso de latim de todo o mundo. Naquele momento, estava parado, em silêncio, na fila composta por pessoal da Marinha e da DARPA, e tinha debaixo do braço um grande livro, encadernado a couro. Race supôs que seria o exemplar do manuscrito, que estava na posse da Marinha.

Foi então que Race se recordou do encontro com Frank Nash, no seu gabinete,

dois dias antes, quando tudo aquilo tinha começado, e se lembrou de ter sugerido que, em vez dele, levassem Devereux naquela missão, porque o professor de Harvard era muito melhor que ele em Latim medieval. Agora... agora Race sabia o motivo por que Nash insistira em o levar a ele, em vez de Devereux.

Devereux já tinha sido contratado. Pela verdadeira equipa da DARPA.

-Não vai sair disto com vida, Nash - disse um homem mais velho, da equipaMarinha-DARPA.

Era um homem totalmente calvo e tinha a postura de alguém que estava habituado a cargos de chefia. o doutor Julius Romano.

-Porque é que diz isso? - perguntou Nash.

O Comité das Forças Armadas vai ficar a saber disto respondeu Romano. - A Supernova é um projecto da Marinha. Você não tem nada que estar aqui.

-A Supernova deixou de ser um projecto da Marinha, no momento em que ela foi roubada do quartel-general da DARPA, há dois dias - contrapôs Nash. - o que quer dizer que, agora, o Exército é o único ramo das Forças Armadas dos Estados Unidos que está na posse de uma Supernova.

-Seu filho da... - rosou Romano

Nesse momento, a cabeça de Romano explodiu, reventou que nem um tomate, projectando jactos de sangue em todas as direcções. Uma fracção de segundo depois, o seu corpo caía ao chão, flácido, sem vida, morto.

Ao ouvir o tiro, Race voltou-se, mesmo a tempo de ver Nash, ainda com a pistola SIG-Sauer estendida em posição de fogo. Nash seguiu ao longo da linha do pessoal da Marinha e da DARPA e apontou a pistola à cabeça do homem seguinte.

A arma disparou e o homem caiu.

- o que é que está a fazer? - berrou Race.

-Coronel! - gritou Van Lewen, incrédulo, fazendo menção de erguer a sua G-11.

Mas ainda ele não tinha concluído o movimento, quando outra SIG-Sauer lhe foi encostada à cabeça. Quem empunhava a pistola era Troy Copeland.

-Largue a arma, sargento - ordenou Copeland.

Van Lewen cerrou os dentes, deixou cair a G- 11 e fitou Copeland.

Entretanto, Lauren apontara a sua arma à cabeça de Renée. Completamente confuso, Race voltou-se para Marty. Mas o irmão estava no extremo da fila dos homens e mulheres da Marinha e da DARPA, a olhar estoicamente em frente. o seu único movimento era um pestanejar, de cada vez que uma arma disparava.

-Isto é assassinato puro e simples, meu coronel - disse Van Lewen.

Nash parou diante de outro dos homens da Marinha, ergueu a pistola e disparou.

-Não - replicou Nash. - Trata-se apenas de um processo de selecção natural. Da sobrevivência do mais forte.

Nash aproximou-se de Ed Devereux.

o professor de Harvard tremia. Por trás dos óculos de aros metálicos, os seus olhos estavam esbugalhados e todo o seu corpo tremia de medo. Nash apontou-lhe a SIG à cabeça.

Devereux gritou:

-Não!...

o grito foi abruptamente interrompido e Devereux caiu ao chão, desamparado. Race nem queria acreditar que aquilo estava a acontecer. Americanos a matar americanos. Era um pesadelo. Pestanejou, ao ver Devereux cair ao chão, morto.

Foi então que viu o livro encadernado a couro, que Devereux tinha na mão no momento em que fora atingido. Estava caído na lama, de capa para baixo, aberto, deixando ver uma série de páginas grosseiras e antigas, cobertas de ilustrações e de uma elaborada caligrafia medieval.

Era o Manuscrito de Santiago.

Ou melhor, pensou Race, corrigindo-se a si próprio, a cópia parcial do

manuscrito, feita por outro monge, em 1599, trinta anos após a morte de Alberto Santiago,

-Que diabo é que está a fazer, coronel? - perguntou Race.

-Estou apenas a eliminar a concorrência, Professor Race. Lentamente, Nashia avançando ao longo da fila de homens e mulheres, abatendo-os calmamente à queima-roupa, um após outro. Enquanto ia matando, um a um, os seus inimigos, os seus compatriotas americanos, o olhar de Nash era duro, frio, desprovido de qualquer emoção.

Alguns dos homens da Marinha e da DARPA começaram a rezar, quando Nash lhes apontou a arma ao rosto. Alguns civis começaram a soluçar, Impotente para pôr termo ao massacre, Race viu que os olhos de Renée se enchiam de lágrimas, perante aquela série chocante de execuções.

Ao fim de pouco tempo, só restava um homem, o último da fila. Marty.

Race ficou a olhar, quando Nash parou diante do irmão. Sentia-se completamente impotente, sem possibilidade de ajudar Marty. Nesse momento, porém, estranhamente, Nash baixou a pistola. Voltou-se para ficar de frente para Race e, sem afastar os olhos dele, disse:

-Por favor, Lauren, vai buscar o meu computador portátil ao ATV

Race franziu o sobrolho, confuso. Mas que raio?...

Lauren correu para o ATV, que continuava estacionado diante da cidadela.

Voltou um minuto depois, com o portátil de Nash, o computador que este tinha utilizado durante as etapas iniciais da missão. Entregou-o a Nash, que, estranhamente, o estendeu a Race.

Ligue-o - ordenou Nash. Race assim fez.

-Carregue em REDE INTERNA DO EXÉRCITO DOS EUA ordenou Nash.

Race assim fez.

No ecrã, apareceu um título.

REDE INTERNA DE MENSAGENS DO EXÉRCITO DOS EUA

Depois, o ecrã mudou, mostrando uma lista de mensagens classificadas de e-mail.

-Deve estar aí uma mensagem que tem o seu nome. Faça uma busca do nomeRace - ordenou Nash. Interrogando-se sobre o que pretendia Nash com tudo aquilo. Race escreveu o seu nome e seleccionou a Opção PESQUISAR.

De repente, o computador apitou: 2 MENSAGENS ENCONTRADAS.

A longa lista de mensagens ficou reduzida a duas.

DATA HORA ASSUNTO

1.3.99 18.01 MISSAO SUPERNOVA

1.4.99 16.35 QUESTÃO WILLIAM RACE

-Está a ver a que tem o seu nome? - perguntou Nash. Race olhou para a segunda mensagem e fez clique duas vezes. o ecrã mostrou uma mensagem:

4 JAN 1999 16.35 REDE INTERNA DO EXÉRCITO DOS EUA

617 5544 89516-07 N. 187

De: Chefe da Divisão de Projectos Especiais Para: Frank Nash

Assunto: QUESTÃO WILLIAM RACE

Não deixe Race em Cuzco. Repito. Não deixe Race em Cuzco. Leve-o consigo para a selva. Depois de ter obtido o ídolo, liquide-o e trate de fazer desaparecer o corpo.

GENERAL ARTHUR H. LANCASTER

Chefe da Divisão de Projectos Especiais do Exército dos EUA

-Só queria que soubesse que há muito tempo que devia estar morto, Professor Race - explicou Nash.

Race sentiu o sangue gelar-se-lhe nas veias, ao olhar para aquele e-mail.

Aquilo era uma condenação à morte, a sua condenação à morte. Uma missiva do general responsável pela Divisão de Projectos Especiais do Exército, a ordenar que o matassem.

Santo Deus.

Tentou manter-se calmo.

Olhou para a hora da mensagem,

16 e 35, de 4 de janeiro.

Ao fim da tarde do dia em que saíra de Nova Iorque.

Por conseguinte, aquela mensagem tinha chegado quando eles ainda iam a caminho do Peru, a bordo do cargo Ifiter.

o voo para o Peru.

Deus do céu, parecia ter sido anos atrás.

Então, Race lembrou-se do momento em que, a certa altura do voo, a campainha do computador portátil de Nash tinha apitado. Lembrava-se claramente. Tinha sido logo a seguir a de ele ter acabado de traduzir a cópia parcial do manuscrito.

E, nesse instante, percebeu.

Tinha sido esse o motivo por que Nash o trouxera consigo para Vilcafor. Apesar de, no início da missão, ter dito que, se ele tivesse acabado de traduzir o manuscrito antes de aterrarem, Race nem precisaria de sair do avião, Nash acabara por o trazer consigo. E porquê?

Porque Nash não podia deixar testemunhas.

Como a sua missão era secreta, uma missão do Exército a tentar sabotar uma missão da Marinha, Nash não podia correr o risco de deixar viva qualquer testemunha.

-Há dois dias, eu ia matá-lo, depois de termos aberto - disse Nash. - Mas, depois, a chegada da equipa do BKA alterou os meus planos. Eles abriram e... quem é que ia adivinhar o que eles iam encontrar lá dentro? Mas, depois, apareceu aquele bocado a mais do manuscrito e fiquei contente por não o ter morto.

-Ainda bem que ficou contente - ironizou Race.

Depois, mais por curiosidade do que por qualquer outro motivo, Race, que continuava a ter o computador diante de si, abriu a outra mensagem que também mencionava o seu nome, a que tinha por título MISSÃO SUPERNOVA. A mensagem completa surgiu no ecrã.

Mas, afinal, era uma mensagem que Race já tinha visto, mesmo no começo da missão, quando atravessavam Nova Iorque, em cortejo automóvel.

3 Jan. 1999, 22:01, REDE INTERNA DO EXÉRCITO DOS EUA

617 5544 88211-05 N. 139

De: Nash, Frank

Para: Todos os elementos da equipa Cuzco Assunto: MISSÃO SUPERNOVA

Contactar Race o mais depressa possível. Participação crucial para o sucesso da missão.

Aguardem chegada encomenda amanhã, 4 de janeiro, Newark, 09:45.

Todos os membros devem ter equipamento a bordo do transporte, às 09:00.

Race franziu o sobrolho, ao ver aquelas palavras. Contactar Race o mais depressa possível.

Participação crucial para o sucesso da missão.

Quando vira a mensagem pela primeira vez, Race não lhe prestara muita atenção. Tinha concluído que se referia a si próprio, William Race, e que era ele a pessoa a contactar o mais depressa possível.

Mas e se fosse outra a pessoa que o Exército queria contactar? Outro Race?

Nesse caso, isso significava que devia ser estabelecido contacto com...

Marty Horrorizado, Race desviou os olhos do computador, no preciso momento em que o seu irmão se afastava da fila de mortos da Marinha e da DARPA e apertava a mão a Frank Nash.

-Como está, Marty? - perguntou Nash, afavelmente.

-Muito bem, Frank. É bom encontrá-lo, finalmente.

Race sentia a cabeça a andar à roda.

Os seus olhos saltavam de Nash e Marty para os cadáveres caídos na rua lamacenta e, destes, para a cópia do manuscrito que jazia sobre a lama, ao lado do corpo de Ed Devereux.

E, então, de repente, tudo passou a fazer sentido.

Race olhou para a elaborada caligrafia do texto, para aquele espantoso trabalho artístico medieval. Era idêntico à fotocópia do Manuscrito de Santiago que ele tinha traduzido para Nash, durante a viagem para o Peru.

Oh, não...

-Marty, tu não...

-Lamento que te tenhas visto envolvido nisto tudo, Will disse Marty.

-Tínhamos que descobrir uma maneira de arranjar uma cópia do manuscrito - explicou Nash. - Meu Deus. Quando assaltaram o tal mosteiro, em França, e roubaram o manuscrito verdadeiro, aqueles nazis desencadearam uma caçada que ninguém seria capaz de imaginar. De repente, toda a gente que tinha uma Supernova passava a ter uma oportunidade de arranjar uma amostra de tório activo. Era uma oportunidade única. Depois, quando nós interceptámos uma transmissão da DARPA, a dizer que havia um segundo exemplar do manuscrito, limitámo-nos a arranjar maneira de alguém da DARPA nos fornecer uma fotocópia... Marty.

Mas como?, pensou Race. Marty trabalhava para a DARPA e não para o Exército. Qual era a ligação? Como é que Marty se tinha metido com Nash e com os Projectos Especiais do Exército?

Nesse momento, viu Lauren dirigir-se a Marty e beijá-lo, ao de leve, na cara.

Mas que?...

Foi então que Race viu a aliança na mão esquerda de Marty. Uma aliança de casamento.

Voltou a olhar para Lauren e Mart... Não...

Depois, lembrou-se do que Lauren lhe dissera: O meu primeiro casamento não correu lá muito bem. Mas voltei a casar, ainda não há muito tempo.»

Estou a ver que já conheces a minha mulher, Will - disse Marty, avançando, de mão dada com Lauren. - Não cheguei a dizer-te que tinha casado, pois não?

-Marty..

-Lembras-te de quando éramos adolescentes, Will? Tu sempre foste popular e eu andava sempre sozinho. o chato de sobranceiras grossas e ombros encurvados, que ficava em casa aos sábados à noite, enquanto tu saías com as miúdas todas. Mas houve uma miúda que tu não engataste mesmo, não foi, Will?

Race não respondeu.

-E parece que fui eu quem ficou com ela - acrescentou Marty.

Race estava perplexo. Seria possível Marty ter tanta amargura por coisas da infância, que andara atrás de Lauren só para o bater em alguma coisa?

Não. Não era possível.

Aquela teoria não dava a Lauren o crédito que lhe era devido. Lauren nunca casaria com um homem com quem não quisesse casar. o que queria dizer que nunca casaria com ninguém que não lhe trouxesse benefícios para a sua própria carreira.

E foi nesse momento que ocorreu a Race outra imagem.

A imagem de Lauren e Troy Copeland, no Huey, duas noites antes, beijando-se como dois adolescentes, até Race esbarrar com eles.

-Marty - disse Race, rapidamente. - Ouve, ela vai trair-te...

-Cala a boca, Will.

-Mas Marty..

-Cala-te, disse eu!

Race calou-se. Passado um instante, perguntou em voz baixa: O que é que o Exército te deu, para tu traíres a DARPA?

-Não me deram muita coisa - respondeu Marty. - Foi só a minha mulher que me pediu um favor. E o patrão dela, o coronel Nash, ofereceu-me um cargo executivo no projecto Supernova. Eu sou engenheiro de desenvolvimento de sistemas, Will. Concebo os sistemas informáticos que controlam estes dispositivos. Mas a DARPA não quer saber de mim. Durante toda a minha vida, Will, durante toda a minha vida, aquilo que eu sempre quis

foi ver os meus esforços reconhecidos. Em casa, na escola, no emprego. Que reconhecessem as minhas capacidades. Agora, finalmente, vou conseguir algum reconhecimento.

-Marty, por favor, ouve. Há duas noites, eu vi a Lauren com...

-Deixa-te disso, Will. o espectáculo acabou. Tenho muita pena que ascoisas tenham tido que acontecer assim mas aconteceram e eu não posso fazer nada. Adeus.

Depois destas palavras, Frank Nash aproximou-se, interpondo-se no campo de visão de Race, e a imagem de Marty foi substituída pela do cano da pistola SIG-Sauer de Nash.

-Foi um prazer conhecê-lo, Professor, a sério que foi - disse Nash, deitando o dedo ao gatilho.

-Não - disse subitamente Van Lewen, colocando-se entre Race e a pistola de Nash. - Não posso permitir uma coisa dessas, coronel.

-Saia da frente, sargento.

-Não, senhor. Não saio.

-Saia do caminho, foda-se!

Van Lewen pôs-se em sentido, diante do cano da pistola de Nash,

-As ordens que recebi foram muito claras, meu coronel. Foi o senhor mesmo quem mas deu. o meu dever é proteger o Professor, a todo o custo.

-As suas ordens acabam de ser alteradas, sargento.

-Não, meu Coronel. Não foram. Se quiser matar o Professor Race, terá que me matar primeiro.

Nash mordeu os lábios.

Em seguida, com uma rapidez chocante, a SIG que tinha na mão disparou e a cabeça de Van Lewen explodiu, lançando esguichos de sangue para cima de Race.

Qual marioneta a que tivessem cortado os fios que a sustentavam, o corpo do Boina Verde caiu desamparado no chão. Race ficou a olhar para o cadáver de Van Lewen,

Aquele sargento, corpulento e simpático, tinha sacrificado a própria vida em troca da sua, colocando-se diante do cano da arma, para o proteger. E, agora, estava morto. Race julgou que ia vomitar.

-Seu filho da puta - rosnou, dirigindo-se a Nash.

Nash reajustou a posição da arma e apontou-a à cara de Race.

-Esta missão é mais importante do que qualquer homem, ? Professor. Mais importante que ele, mais importante que eu e, « sem dúvida alguma, mais importante que você.

E, dito isto, Nash premiu o gatilho.

Race viu passar qualquer coisa castanha, de relance, diante da sua cara, antes de ouvir o silvo.

Depois, no preciso momento em que Nash premia o gatilho da pistola, uma diminuta explosão de sangue saltou do antebraço do coronel do Exército, que tinha sido atingido por uma seta primitiva de madeira.

A arma de Nash foi desviada para o lado e a SIG cuspiu fogo à toa, para a esquerda de Race. Nash gemeu de dor e deixou cair a pistola, no instante em que mais umas vinte setas caíam à volta de ambos, matando de imediato dois dos tripulantes dos aparelhos do Exército.

A seguir à chuva de setas, um grito de guerra de pôr os cabelos em pé rasgou o ar da manhã.

Ao ouvir aquele som, Race girou sobre si mesmo e aquilo que viu quase lhe fez cair o queixo.

Viu sair do meio das árvores, a Oeste de Vilcafor, todos os nativos da aldeia do planalto - todos os adultos, uns cinquenta, pelo menos. Gritavam selvaticamente, brandindo todas as armas a que tinham conseguido deitar a mão - arcos, setas, machados, mocas - e os seus rostos ostentavam as expressões mais coléricas que Race alguma vez tinha visto.

A carga dos nativos era absolutamente aterradora.

A fúria deles era intensa, a sua cólera quase palpável. Frank Nash roubaralhes o ídolo e eles queriam recuperá-lo. Abruptamente, mesmo atrás de Race, souou o estrépito de disparos de M-16.

Dois dos tripulantes dos aparelhos do Exército tinham aberto fogo contra os índios. Quase ao mesmo tempo, quatro dos nativos que vinham na vanguarda da horda foram atingidos. Vacilaram e caíram, de bruços, sobre a lama.

Mas os outros continuaram a avançar.

Com uma seta cravada no braço direito e, pendurado na ponta desta, um pedaço da própria carne, Nash voltou-se instantaneamente e, com os seus acólitos atrás de si, abandonou a aldeia e encaminhou-se para os dois helicópteros do Exército.

Race não tinha sequer esboçado um movimento. Continuava ali, no meio da rua, como que colado ao chão, olhando, perplexo, para a horda de atacantes nativos.

Depois, de repente, alguém lhe sacudiu brutalmente o ombro. Era Renée.

-Venha, Professor! - gritou, empurrando-o para o Super Stallion vazio, que se encontrava do outro lado da aldeia.

Os homens do Exército chegaram aos seus helicópteros. Nash, Lauren, Marty e Copeland saltaram para o compartimento traseiro do Black Hawk 11 ao mesmo tempo que os dois tripulantes dos helicópteros se instalavam nos lugares do piloto e do artilheiro.

Os rotores do Black Hawk começaram imediatamente a girar.

Pelo vidro do compartimento traseiro, Nash viu Race e Renée a correr em direcção ao Super Stallion.

Voltando-se para o artilheiro que manejava o mimi-canhão Vulcan montado na traseira do helicóptero, Nash ordenou:

-Destrua aquele helicóptero!

Mal as pás das hélices do Black Hawk passaram a superprise e o grande helicóptero começou lentamente a levantar voo, o

co-piloto carregou no gatilho e uma barreira flamejante de fogo saltou do Vulcan.

A saraivada de fogo que atingiu o Super Stallion foi de uma intensidade terrível. Crivou os flancos reforçados do helicóptero de milhares de buracos de bala, do tamanho de um punho fechado.

Depois, precisamente quando Race e Renée estavam a aproximar-se dele, o Super Stallion explodiu numa enorme bola de fogo. Os dois atiraram-se ao chão, uma fracção de segundo antes de uma tempestade de pedaços de metal incandescentes passar a voar sobre as suas cabeças, saltando em todas as direcções. Dois bocados desgarrados de metal ao rubro atingiram o ombro de Renée, fritando a pele ao contacto. Renée gritou de dor.

-Agora, dê cabo deles! - berrou Nash, apontando para baixo, para Race e para Renée.

o Black Hawk estava ainda a subir e encontrava-se a cerca de quatro metros e meio do solo. o artilheiro fez girar o grande Vulcan e fez pontaria para a cabeça de Race.

Tiro! A cabeça do artilheiro saltou violentamente para trás, com um tiro entre os olhos.

Nash voltou-se, surpreendido, perscrutando o solo, para ver de onde tinha partido o tiro que matara o artilheiro.

E viu-o. Era Doogie.

Apoiado num joelho, junto ao fosso, e com uma MP-5 roubada a um dos mortos da Marinha apoiada no ombro, Doogie apontava directamente para o Black Hawk. Por trás dele, encontrava-se Gaby Lopez.

Nesse momento, Doogie disparou outro tiro, que fez ricochete na cobertura de aço, mesmo por cima da cabeça de Nash, Nash gritou para o piloto:

-Vamo-nos embora desta merda deste sítio!

Com o braço por baixo do ombro de Renée, Race arrastou-se até ao ATV. A multidão de nativos encontrava-se agora por baixo dos dois helicópteros do Exército, gritando furiosamente, brandindo as suas mocas e disparando em vão as suas setas contra os ventres blindados daquelas bestas de aço voadoras.

Race saltou para a traseira do ATV, abriu a pequena escotilha circular e

ajudou Renée a entrar por ela.

Quando se preparava para a seguir, Viu Doogie e Gaby a correr pela rua principal, agitando freneticamente os braços. Gaby tinha que amparar Doogie, que, a coxear, avançava o mais depressa que podia.

Por fim, os dois chegaram ao ATV e treparam para cima dele. -Que raio de merda é que se passa aqui? - perguntou Doogie, mal podendo respirar. Race reparou que a perna esquerda dele sangrava. Tinha um pano atado à volta, a fazer de torniquete.

-Quando chegámos aqui, vimos o coronel matar o Leo, com um tiro na cabeça. o rosto de Doogie contorceu-se, num misto de raiva e confusão impotente.

- o coronel tinha outras prioridades - respondeu Race, com amargura. - Outras prioridades que não nos incluíam a nós.

- o que é que vamos fazer? - perguntou Doogie.

Race mordeu os lábios, pensativo.

-Venham- disse. -Entrem. Ainda não estamos safos disto.

Os dois helicópteros do Exército - o Comanche e o Black Hawk - elevaram-se no ar, sobre a rua principal de Vilcafor.

E Nash olhou pela janela do seu helicóptero, para a multidão de nativos irados, que berravam e acenavam com os punhos, ameaçando os dois helicópteros. Soltou uma gargalhada e desviou os olhos dele, espreitando pelo vidro da frente do helicóptero.

Os dois helicópteros do Exército sobrevoaram as copas das árvores.

E, então, o sorriso de Nash desapareceu.

Eram oito helicópteros Black Hawk semelhantes àquele em que seguiam mas mais antigos, de um modelo que o Exército

pusera de lado havia alguns anos. Estavam todos pintados de preto, sem qualquer marca identificativa, e pairavam ameaçadoramente, num círculo de uns quinhentos metros, à volta de Vilcafor, como uma matilha de chacais famintos, a rondar um campo de batalha, à espera de se atirarem aos despojos.

De repente, sem aviso prévio, um dos Black Hawks não identificados soltou um jacto de fumo negro, quando um míssil foi lançado de uma das suas asas que pareciam cotos.

A frente do helicóptero era o ponto de partida de um longo rasto de fumo, que se foi estendendo em direcção ao Comanche do Exército, à medida que o míssil corria velozmente para este aparelho. o Comanche explodiu num instante, caiu desamparado e foi esmagar-se contra uma das cabanas de pedra da rua principal de Vilcafor, com as chamas a sair da sua carcaça carbonizada e torcida.

Race e os outros estavam dentro da cidadela e prestes a entrar no quenko, quando ouviram a súbita explosão, lá fora.

Voltaram ao ATV e espreitaram pelas suas estreitas janelas, não maiores que meras ranhuras, para ver o que tinha acontecido.

E deram de caras com os destroços contorcidos e incandescentes do Comanche, caídos de qualquer maneira, em cima de uma das pequenas cabanas de Vilcafor.

E também viram o Black Hawk de Nash, planando sobre a aldeia, sem ousar afastar-se.

As pás das hélices do Black Hawk do Exército rugiam, girando a um ritmo regular, enquanto o grande helicóptero planava sobre Vilcafor, no centro de um círculo formado por ameaçadores helicópteros pretos.

Subitamente, dois dos helicópteros não identificados abandonaram a formação e começaram a descer para a aldeia.

Sentados junto às portas, soldados vestidos de preto abriram fogo sobre os nativos que se encontravam no solo e estes dispersaram de imediato, correndo pelas pontes de toros e mergulhando entre a densa vegetação que rodeava a aldeia.

Vinda de um dos helicópteros, ouviu-se uma voz de homem, que falava em

inglês, por um altifalante.

-Black Hawk do Exército, isto é um aviso. Têm um míssil apontado à vossa aeronave. Aterrem imediatamente. Repito: aterrem imediatamente e preparem-se para entregar o ídolo. Se não aterrarem imediatamente, rebentamos convosco e, depois, só temos que ir buscar ao meio dos destroços.

Nash e Marty olharam um para o outro. Lauren e Copeland fizeram o mesmo.

-Eles não estão a mentir acerca do míssil, meu coronel disse o piloto, voltando-se para Nash.

-Vamos descer - disse Nash.

Ladeado por dois dos Black Hawks não identificados, o Black Hawk de Nash desceu lentamente para terra.

Os três helicópteros tocaram no solo ao mesmo tempo. No momento em que as rodas do helicóptero do Exército roçaram a lama, voltou a ouvir-se a voz que falava pelo altifalante.

-Agora, saiam do helicóptero de mãos no ar.

Nash, Lauren Copeland e Marty assim fizeram e, depois deles, o piloto do helicóptero.

A salvo, dentro do ATV, Race e os outros assistiam, perplexos, à cena que se desenrolava diante dos seus olhos.

Race nem queria acreditar no que estava a acontecer. Aquilo era como as fábulas em que um peixe grande come os peixes mais pequenos, para, momentos depois, ser comido por um peixe ainda maior.

Pelos vistos, Frank Nash tinha acabado por deparar com um peixe maior que ele.

-Quem diabo são estes gajos? - perguntou Doogie. -Acho que são os responsáveis pelo assalto às instalações da DARPA, há dois dias - respondeu

Renée, apertando firmemente um pedaço de gaze contra o ombro ensanguentado.

- o assalto durante o qual foi roubada a Supernova da Marinha.

A meio mundo de distância, o agente especial John-Paul Demonaco e o capitão Tom Mitchell estavam sentados no apartamento imundo de Bluey James, em Baltimore, à espera de ouvir tocar o telefone. Aguardavam o telefonema a dar instruções a Bluey para ele enviar o V-CD com a mensagem de Bittiker a todas as cadeias de televisão. E, claro, o telefone de Bluey tinha sido ligado a uma central de equipamento de localização de chamadas do FBI.

Bateram à porta.

Mitchell foi abrir. Eram dois agentes da Unidade de Terrorismo Doméstico de Demonaco, um homem e uma mulher, ambos jovens, na casa dos trinta anos e de aspecto cuidado.

- o que foi que apuraram? - perguntou Demonaco. -Investigámos o Henry Norton - disse a agente.

- o fulano cujos cartões e códigos foram utilizados no assalto. As nossas investigações confirmam que ele não tinha quaisquer contactos com grupos paramilitares.

-Então, com quem é que ele trabalhava? Quem é que poderia tê-lo visto introduzir os códigos para, depois, os passar a alguém.

-Parece que ele trabalhava muito de perto com um fulano chamado MartinRace, Martin Eric Race. Era um dos homens da

DARPA que trabalhavam no projecto, o engenheiro de desenvolvimento de sistemas de ignição.

-Também o investigámos - informou o agente do sexo masculino.

-E está limpo, Não tem ligações conhecidas a grupos de milícias, nem sequer uma história de contactos com quaisquer grupos extremistas. Até é casado com uma cientista do Exército, de alta patente, chamada Lauren O'Connor. Tecnicamente ela é major mas não tem experiência de combate. A patente é meramente honorária. Martin Race e O'Connor casaram em fins de 1997. Não têm filhos. Não há discórdias visíveis. Mas...

-Mas o quê?

-Mas, exactamente há três semanas, a ficha dela no FBI veio ao de cima,

quando foi vista a sair de um motel, em Gamesville, com este homem - o agente estendeu a Demonaco uma fotografia de 8 por 10, a preto-e-branco, de um homem, que saía de um quarto de motel. - Chama-se Troy Copeland. Também é major da Unidade de Projectos Especiais do Exército. Parece que a Sr.a O'Connor tem um caso com Copeland, de há um mês a esta parte.

-E?... - incitou Demonaco, na expectativa.

-E Copeland está a ser sujeito a vigilância periódica desde há um ano, porsuspeita de passar códigos de segurança do Exército a determinados grupos de milícias, um dos quais é... e vai adorar esta... o Exército Republicano do Texas.

-Mas, como o caso entre eles dura apenas há um mês acrescentou a agente - a DARPA não deve ter pegado no caso, para lançar uma investigação de acompanhamento.

Demonaco suspirou.

-E o Exército e a Marinha não são propriamente unha com carne. Há anos queandam a puxar o tapete debaixo dos pés uns dos outros. - Demonaco voltou-se e chamou: - Capitão Mitchell?

-Sim?

O Exército tem uma Supernova?

-Não deveria ter.

-Responda à pergunta.

-Pensamos que eles têm andado a trabalhar numa.

-Então - disse Demonaco - será possível esta Sr.a O'Connor ter convencido o marido a fornecer-lhe, a ela e ao Exército, códigos secretos da DARPA e, depois, tê-los passado ao amante, Copeland, sem saber que ele ia transmiti-los aos Texanos?

-É isso que nós pensamos - respondeu o agente do FBI.

-Porra!

Frank Nash desceu do Black Hawk com o Espírito do Povo na mão. Depois dele, saíram Lauren, Marty, Copeland e o piloto.

Os dois Black Hawks não identificados que tinham aterrado de cada um dos lados do helicóptero do Exército deixaram as pás das hélices a rodar.

-Afastem-se do helicóptero! - ordenou a voz que falava pelo altifalante.

Nash e os outros obedeceram.

Um instante depois, um novo rasto longilíneo de fumo partiu de outro dos Black Hawks que planavam sobre a aldeia e desceu do céu a uma velocidade incrível. o míssil embateu no Black Hawk do Exército, reduzindo-o a mil pedaços.

Nash pestanejou.

Fez-se um longo silêncio, perturbado apenas pelo ruído das pás das hélices dos dois helicópteros sem identificação, que continuavam a girar.

Passado quase um minuto, um homem, um único homem, saiu do helicóptero sem identificação que se encontrava mais próximo.

Usava uniforme de combate completo - botas, farda de trabalho, colete de protecção - e a sua mão esquerda empunhava uma pistola semi-automática de aspecto estranho.

Era uma arma preta, grande, bastante maior do que a famosa IMI Desert Eagle, a maior pistola semi-automática de fabrico em série de todo o mundo. Mas esta arma tinha uma coronha pesada e uma corrediça comprida, que se estendia a quase todo o comprimento do cano.

Nash reconheceu-a imediatamente.

Não era uma pistola semi-automática. Era uma pistola Calico, uma arma muito rara e muito cara, a única pistola realmente automática do mundo. Bastava premir o gatilho e o cano cuspiu uma chuva de balas. Tal como a M-16, a Calico podia ser regulada para disparar rajadas curtas de três balas ou para automático pleno. Mas, qualquer que fosse a opção escolhida, o resultado era o mesmo. Matar uma pessoa com uma Calico equivalia a esquartejá-la.

o homem que empunhava a Calico avançou para Nash, enquanto os homens que se encontravam no helicóptero sem identificação apontavam as suas M-16 para os outros.

o homem estendeu a mão.

- o ídolo, por favor - disse.

Nash avaliou-o por alguns instantes. Era um homem de meia-idade, magro, macilento, com braços musculados e rijos. Tinha um rosto encovado e corado, coberto de cicatrizes, e umas melenas desgrenhadas de cabelo louro e ralo, que lhe descaíam para cima dos olhos, uns olhos azuis iluminados pelo ódio. Nash não lhe entregou o ídolo.

Foi então que o homem que empunhava a Calico ergueu calmamente a pistola e, com uma rajada curta de três tiros, fez voar a cabeça do piloto.

- o ídolo, por favor - repetiu o homem. Relutantemente, Nash entregou-lho.

-Obrigado, coronel - disse o homem.

-Quem é você? - perguntou Nash.

o homem inclinou ligeiramente a cabeça para o lado. Depois, muito devagar, os cantos da sua boca ergueram-se num sorriso maldoso.

- o meu nome é Earl Bittiker - respondeu.

-E quem diabo é que é Earl Bittiker? - disse Nash, com desdém.

o homem voltou a sorrir, com o mesmo sorriso arrogante.

- o homem que vai destruir o mundo.

Pelas janelas do ATV, Race, Renée, Gaby e Doogie assistiam ao drama que se desenrolava no exterior.

-Como é que eles sabiam como é que se chegava aqui? perguntou Renée. - Não me digam que há outro exemplar do manuscrito.

-Não, não há - respondeu Race. - Mas julgo que sei como foi que eles chegaram aqui.

Race começou a olhar em volta, perscrutando o interior do ATV, à procura de qualquer coisa. Segundos depois, encontrou o que pretendia: o computador portátil da equipa do BKA. Ligou-o e, ao cabo de alguns segundos, chegou a um documento escrito em alemão, que já tinha visto antes.

TRANSMISSÃO DE COMUNICAÇÕES POR SATÉLITE 44-76/BKA32

1.4.99 19.30 SEDE BKA EQUIPA PERU INFORME SITUAÇÃO

1.4.99 19.50 EXTERIOR SINAL INDICATIVO UHF

1.4.99 22.30 SEDE BKA EQUIPA PERU INFORME SITUAÇÃO

1.5.99 01,30 SEDE BKA EQUIPA PERU INFORME SITUAÇÃO

1.5.99 04.30 SEDE BKA EQUIPA PERU INFORME SITUAÇÃO

1.5.99 07.16 TERRENO (CHILE) CHEGADA SANTIAGO

PARTIDA PARA COLONIA ALEMANIA

7 1.599 07,30 SEDE BKA EQUIPA PERU INFORME SITUAÇÃO

8 1.5.99 09.58 TERRENO (CHILE) CHEGADA COLONIA ALEMANIA; COMEÇO VIGILÂNCIA

9 1.5.99 10.30 SEDE BKA EQUIPA PERU INFORME SITUAÇÃO

10 1.5.99 10.37 TERRENO (CHILE) EQUIPA CHILE SINAL DE EMERGÊNCIA EQUIPA CHILE SINAL DE EMERGÊNCIA

11 1.5.99 10.51 SEDE BKA EQUIPA PERU INFORME IMEDIATAMENTE

Era o documento que eles tinham visto na véspera, antes da chegada dos nazis, o documento que apresentava todos os sinais de comunicações recebidas pela equipa do BKA no Peru.

Race encontrou a linha que lhe interessava. A segunda linha:

2 1.4,99 19.50 EXTERIOR SINAL INDICATIVO U111`

- Doogie - chamou. - Ontem, disse qualquer coisa acerca de um sinal UHF. o que é exactamente isso?

-É um sinal de localização normalizado. Ontem, enviei um à nossa equipa de apoio aéreo, para eles saberem onde tinham que nos vir buscar.

Renée apontou para o ecrã.

-Mas este sinal de UHF foi enviado há dois dias, a 4 de janeiro, às 17 e 50. Bastante antes de a minha equipa ter chegado aqui.

-Pois é - confirmou Race. - E a data e a hora são importantes.

-Porquê? - perguntou Doogie.

-Porque, na primeira noite, exactamente às 17 e 45, a Lauren fez a leitura da ressonância nucleótida e verificou a existência de tório nas proximidades da aldeia. Este sinal de UFIF foi enviado precisamente cinco minutos depois da leitura positiva da ressonância. E que estávamos nós a fazer nessa altura?

-Estávamos a descarregar os hélicopteros - respondeu Doogie, encolhendo os ombros. - A preparar o nosso equipamento.

-Exactamente - disse Race. - A oportunidade ideal para alguém enviar um sinal de UHF, sem ninguém ver. E esse sinal

diria aos seus amigos que tinha sido confirmada a presença de tório.

-Mas quem é que fez isso? - perguntou Gaby. Race apontou para a janela.

-Acho que estamos quase a descobrir quem foi.

Earl Bittiker tirou outra pistola Calico do coldre suplementar e entregou-a a Troy Copeland.

-Olá, Troy - cumprimentou,

-Ainda bem que veio - respondeu Copeland, engatilhando a enorme pistola.

Lauren ficou mortalmente pálida.

-Troy? - murmurou, sem poder acreditar. Copeland sorriu-lhe. Era um sorriso perverso e cruel.

-Devas ter mais cuidado com os homens com quem fodes, Lauren. Pode acontecer, eles andarem a foder-te, sem tu saberes. Embora imagine que não te deve acontecer muitas vezes seres fodida sem saberes.

o rosto de Lauren ensombrou-se. Ao lado dela, Marty empalideceu.

-Lauren?

Copeland riu-se entre dentes.

-Marty, Marty, Marty. o cabrãozinho do Marty, que traiu a DARPA, para ver se conseguia ser alguém. Devia ter mais cuidado com as pessoas a quem dá informações, meu amigo. Mas claro que você não podia saber que a sua mulher andava a foder com outro homem.

Imóvel, com todo o corpo tenso, Race observava a cena que se passava lá fora.

Conseguia ouvir o que Copeland estava a dizer a Marty, humilhando-o.

-E ela até gostava bastante - escarneceu Copeland. - Na verdade, não me lembro de muitas coisas que me tenham agradado mais do que ouvir a sua mulher gritar, quando tinha um orgasmo.

o rosto de Marty ficou muito vermelho, de cólera e de humilhação.

-Eu mato-o - grunhiu.

-Não me parece - respondeu Copeland, premindo o gatilho da Calico, que cuspiu uma rajada rápida de balas para o abdómen de Marty

Race quase caiu das nuvens, quando ouviu disparar a arma. A súbita rajada de três balas rasgou em pedaços a camisa de Marty e o seu estômago

transformou-se numa horrível massa vermelha. Race viu-o cair pesadamente no chão.

-Marty - murmurou.

Lá fora, na rua principal, Copeland apontou a pistola a Lauren, ao mesmo tempo que Earl Bittiker apontava a sua a Frank Nash.

-Como foi que você disse, Frank? - perguntou Copeland a Nash. - A lei dos acontecimentos inesperados: grupos terroristas que deitam as mãos a uma Supernova, Confesse lá. Para si, aquela arma era só um instrumento para fazer bluff, uma arma que você tinha na mão mas que nunca teria coragem para utilizar. Talvez devesse ter encarado o problema doutra maneira: não se deve construir aquilo que não se tenciona utilizar.

Copeland e Bittiker dispararam ao mesmo tempo.

Nash e Lauren caíram juntos, fazendo saltar jactos de lama. Lauren levou um tiro no coração e teve morte instantânea. Mas Nash foi atingido no estômago e caiu ao chão, uivando de dor.

Depois, já na posse do ídolo, Bittiker e Copeland correram para um dos Black Hawks sem identificação e saltaram para bordo.

Os dois grandes helicópteros pretos levantaram imediatamente voo. Depois de terem sobrevoado as copas das árvores, aumentaram a velocidade e afastaram-se, em direcção a sul, para longe de Vilcafor.

Mal os hélicópteros desapareceram, Race escancarou a escotilha traseira do ATV e correu para a rua principal. Ajoelhou-se ao lado do corpo caído de Marty, que, com as poucas forças que lhe restavam, tentava voltar a colocar os intestinos no sítio. Saía-lhe sangue da boca e, quando olhou para os olhos do irmão, Race viu apenas medo e choque.

- oh, Will... Will - disse Marty, com os lábios a tremer, ao mesmo tempo que agarrava o braço de Race, com a mão ensanguentada.

-Porquê, Marty? Porque foi que fizeste isto? -Will... - sussurrou ele. - A ignição... Race amparou-o nos braços.

- o que é? o que é que estás a tentar dizer?

-Peço... desculpa... sistema... ignição... por favor, fá-los... parar..

Depois, lentamente, os olhos de Marty fixaram-se algures, lá no alto, num olhar sem vida, e o seu corpo coberto de sangue ficou flácido nos braços de Race.

Foi então que Race ouviu uma espécie de gorgolejo baixinho, vindo de trás de si.

Voltou-se e viu Frank Nash deitado de costas, a poucos metros de distância. o ventre de Nash também tinha sido destruído.

Tossia e o sangue que lhe saía da garganta fazia-o engasgar-se.

Em seguida, de repente, Race distinguiu um movimento, por trás de Nash. o primeiro nativo curioso estava a sair do meio das árvores.

-Professor - chamou Doogie, baixinho, do ATV - Acho que... era capaz de ser boa ideia irmos embora daqui.

Os outros nativos emergiram da floresta. Ainda traziam consigo as suas armas primitivas - paus, arcos e machados - e pareciam zangados como o diabo.

Lenta e suavemente, Race deitou o corpo de Marty no chão. Depois, lentamente, muito lentamente, pôs-se de pé e dirigiu-se para o ATV.

Os nativos mal repararam nele.

Só tinham olhos para uma pessoa - Nash - que continuava deitado, no meio da rua principal, a cuspir sangue.

Então, com um grito selvagem e estridente, todos os índios convergiram para Nash, como um bando de piranhas. Num instante, Race deixou de ver o coronel assassino e, segundos depois, a única coisa visível era uma turba irada de nativos de corpos cor de azeitona, reunidos à volta do sítio onde estava Nash, batendo violentamente com os seus paus e machados. Depois, de repente, por entre todo o barulho que eles faziam, Race ouviu um grito terrível, um grito de puro terror, que só podia ter sido soltado por um homem.

Frank Nash.

Race bateu com a escotilha traseira do ATV e olhou para os três rostos que tinha diante de si.

-Muito bem - disse. - Parece que vamos ter que fazer tudo outra vez. Temos que deter aqueles filhos da mãe antes que eles utilizem aquele ídolo numa Supernova.

-Mas como? - perguntou Doogie.

-A primeira coisa que temos de fazer - respondeu Race

-é descobrir para onde é que eles o levaram.

Race e os outros correram pelos estreitos túneis do quenko, tão rapidamente quanto lhes permitiam os seus corpos feridos. Quase não dispunham de poder de fogo: só duas SIG-Sauer e

a única MP-5 que Doogie tinha encontrado na aldeia do planalto. No que se referia a protecção corporal, Doogie continuava a ter vestido o uniforme de combate e Race o estranho colete Kevlar. E era tudo.

Mas todos sabiam para onde iam e era isso que interessava. Iam a caminho da

queda de água.

Em busca do Goose que ali ficara escondido, na margem do rio.

Ao fim de cerca de dez minutos de corrida, chegaram à queda de água, que havia ao fundo do quenko. Mais quatro e chegaram junto do Goose, que estava estacionado exactamente onde Race, Doogie e Van Lewen o tinham deixado, por baixo de uns ramos baixos das árvores da beira do rio. Race ficou contente por ver que Uli continuava ali, a dormir, são e salvo.

Passados quatro minutos, o pequeno hidroavião estava novamente na água, saltando sobre as ondas, deslizando sobre a vasta superfície castanha do rio. Acelerou rapidamente até à velocidade que lhe permitia levantar voo e, depois, de repente, subiu majestosamente acima da superfície e ergueu-se nos ares.

Depois de se encontrarem no ar, Doogie fez o avião dar meia volta, apontando-o directamente para sul, a direcção em que tinham seguido os Black Hawks dos Texanos.

Ao cabo de uns quinze minutos de voo, Doogie avistou-os: oito manchas negras no horizonte. Estavam a voltar para a direita, sobre as montanhas, seguindo agora para sudoeste.

-Estão a ir para Cuzco - observou Doogie.

-Não os perca de vista - disse Race. Uma hora mais tarde, os oito helicópteros Black Hawk aterravam num aeroporto privado, nos arrabaldes de Cuzco.

Majestosamente pousado na pista de terra batida, à espera deles, estava um cargo lifter de grande porte, um Antonov An-22. Com o seu sistema de quatro propulsores e uma enorme rampa de carga traseira, o An-22 tinha sido, durante muito tempo, uma das aeronaves de transporte de tanques mais fiáveis da União Soviética. Era também um valioso bem de exportação, que fora vendido com regularidade a países que não podiam permitir-se ou não estavam autorizados a comprar cargo lifters americanos.

Contudo, com o fim da Guerra Fria e com a derrocada da economia russa, muitos An-22 tinham ido parar ao mercado negro. Enquanto as estrelas de cinema e os profissionais do golfe compravam Lear Jets, por 30 milhões de dólares, as organizações paramilitares podiam comprar um An-22 em segunda mão, por pouco mais de 12 milhões.

Earl Bittiker e Troy Copeland saltaram do héli e correram para a rampa de carga da grande aeronave de transporte.

Quando chegou à traseira do avião, Bittiker olhou para o imenso porão de carga, contemplando com orgulho a sua jóia da coroa.

Um carro de combate M-1A1 Abrams.

Tinha um aspecto fantástico. Era a verdadeira imagem de força brutal e indomável. A sua blindagem compósita pintada de preto não brilhava, as suas lagartas monstruosamente largas, achatadas devido ao peso, pareciam agarradas ao porão de carga.

Bittiker olhou fixamente para o imponente canhão de tecto trapezoidal, resolutamente voltado para a frente, na direcção da cabina do avião, para a sua longa peça de 105 mm, apontada para cima, num ângulo de 30 graus.

Bittiker olhava apreciativamente para o Abrams, com uma satisfação fria.

Era o esconderijo perfeito para a Supernova roubada. Era inexpugnável.

Entregou o ídolo a um dos técnicos dos Combatentes da Liberdade e o homenzinho voltou a entrar no avião e correu para o tanque.

-Meus senhores - disse Bittiker, dirigindo-se, por rádio, aos homens que se encontravam nos outros helicópteros. - Muito

obrigado pelos vossos leais serviços. A partir de agora, nós ocupamo-nos do resto. Até à próxima vida.

Depois, largou o rádio, pegou no telefone celular e marcou o número de BlueyJames.

o telefone tocou, no apartamento de Bluey. o equipamento digital de localização de chamadas do FBI iluminou-se que nem uma árvore de Natal.

Demonaco pegou num par de auscultadores e, depois, fez sinal a Bluey.

Bluey atendeu o telefone.

-Está.

-Bluey, fala Bittiker. já temos o tório. Podes mandar a mensagem.

-Sem espinhas, Earl.

Bittiker desligou o telefone e, seguido de Copeland, subiu a rampa de carga e, depois, entrou no Antonov.

Eram 11 h e 13 minutos.

-Deus do céu! Eles já estão a levantar voo! - exclamou Doogie, apontando para o velho Antonov, que se erguia da pista de terra batida, em direcção ao céu.

-Olhem para o tamanho daquela coisa - comentou Renée.

-Acho que acabámos de descobrir onde é que eles têm a Supernova - disse Race. o Antonov elevou-se nos ares, com as enormes asas a brilhar sob o sol da manhã.

Por entre o silêncio sepulcral que reinava no ventre do blindado Abrams, que seguia no seu porão cavernoso, dois técnicos dos Combatentes da Liberdade trabalhavam com a máxima das cautelas numa câmara de vácuo selada, extraíndo lentamente, com um cortador a laser, uma pequena porção da base do ídolo de tório.

Por trás dos dois técnicos, ocupando quase todo o espaço disponível do interior do grande tanque, encontrava-se a Supernova

-a Supernova que, dois dias antes, se encontrava na caixa forte, no quartel-general da DARPA.

Depois de, com a ajuda de dois super-computadores MM, alinhados junto à parede do porão de carga, terem extraído a secção cilíndrica de tório, submeteram-na a optimização por ondas alfa,

a purificação com gás inerte e a enriquecimento de protões, transformando a secção de tório numa massa subcrítica.

-Quanto tempo falta para isso ficar pronto? - perguntou, subitamente, um voz, vinda de cima.

Os dois olharam e avistaram Earl Bittiker, a olhar para eles pela escotilha circular do topo do tanque.

-Mais quinze minutos - respondeu um deles. Bittiker olhou para o relógio. Eram 11 h e 28.

-Informem-me, quando tiverem acabado.

-Doogie - chamou Race, sem perder de vista a enorme aeronave de carga, que voava acima deles. - Como é que se abrem as rampas de carga destes aviões de carga grandalhões? Doogie franziu o sobrolho.

-Há duas maneiras. Ou se utiliza um botão que há numa consola, dentro do porão de carga, ou utiliza-se a consola exterior.

- o que é a consola exterior?

-São só dois botões, escondidos dentro de um compartimento, no exterior do avião. Geralmente, ficam do lado esquerdo da rampa de carga e são cobertos por um painel que os protege do vento.

-É preciso algum código, ou coisa assim, para abrir o painel?

-Não - respondeu Doogie. - Quero dizer, não é muito provável alguém abra a rampa de carga, do lado de fora, em pleno voo, pois não?

Doogie voltou-se para Race. E, então, de repente, abriu muito os olhos:

-Deve estar a brincar.

-Nós temos que deitar a mão àquele ídolo, antes de eles o colocarem na Supernova - disse Race. - É tão simples como isso.

-Mas como?

-Faça-nos subir até à traseira daquele avião. Mantenha-se cá por baixo, para eles não nos verem. Depois aproxime-se de mansinho.

o que é que vai fazer?

Race voltou-se e observou o desgraçado grupo de pessoas que o rodeavam: Doogie, ferido a tiro na perna e no ombro; Renée, com um ferimento no ombro; Gaby, ainda parcialmente em estado de choque, devido às recentes

aventuras por que tinham passado; Uli, fora de combate.

Race abafou uma gargalhada,

- o que é que eu vou fazer? Vou salvar o mundo.

E, dito isto, pôs-se de pé e pegou na única metralhadora disponível, a MP-5 da Marinha.

-Tudo pronto. Leve-nos até lá acima.

Os dois aviões cruzavam velozmente o céu límpido da manhã. o Antonov voava a cerca de 11000 pés de altitude, três quilômetros acima da Terra, seguindo a uma confortável velocidade de cruzeiro de 200 nós, à medida que ia subindo cada vez mais. Embora o Antonov não o soubesse, havia um avião mais pequeno, o Goose, que o seguia no seu movimento de ascensão, aproximando-se rapidamente da secção da sua cauda.

A fuselagem do pequeno hidroavião estremeceu violentamente, quando o aparelho atingiu a sua velocidade máxima de 220 nós. Doogie agarrava a manche com toda a sua força, tentando manter estável o avião.

A coisa estava preta. A altitude máxima operacional do Goose era de 21300 pés. Se continuasse a subir, o Antonov ficaria em breve fora do alcance do Goose.

o pequeno hidroavião aproximou-se gradualmente do monstruoso cargo lífter. Os dois aparelhos realizavam um estranho bailado aéreo, em que a andorinha corria atrás do albatroz. Lentamente, muito lentamente, o Goose aproximou-se da traseira do Antonov e colocou o nariz mesmo por trás da traseira do avião maior.

Então, de repente, sem aviso prévio, a escotilha dianteira do Goose abriu-se, dela emergindo a figura minúscula de um homem, visível da cintura para cima.

A força do vento que embateu na cara de Race, quando ele deitou a cabeça de fora da escotilha dianteira do Goose, era absolutamente colossal.

Colidiu com o seu corpo, fustigando-o. Se não tivesse o colete Kevlar, de certeza que o vento o teria arrastado.

Race viu a traseira manchada de lama do Antonov agigantando-se diante de si, a cerca de quatro metros e meio de distância. Santo Deus, era enorme... Parecia a cauda do maior pássaro do mundo. E, então, Race olhou para baixo, para o solo. Fooooda-se!

o mundo estava lá muito em baixo, muito longe. Imediatamente por baixo de si, Race viu um mosaico de colinas e campos e, mais ao longe, para Leste, a infinita floresta tropical.

Não penses na queda, gritava uma voz na sua cabeça. Mantém-te concentrado no que tens a fazer!

Certo. OK Tinha de agir rapidamente, antes de ficar sem fôlego e antes que os dois aviões se elevassem a uma altitude tal em que o ar rarefeito e o vento gelado o congelassem,

Race acenou a Doogie pelo vidro da frente do Goose, indicando-lhe que se aproximasse mais do Antonov.

o Goose aproximou-se um pouco mais. Dois metros e meio.

Earl Bittiker e Troy Copeland estavam sentados na cabina do Antonov, sem saber o que se passava na sua rectaguarda.

De repente, o telefone de parede ao lado de Bittiker tocou.

-Sim? - respondeu Bittiker.

-já colocámos o tório no dispositivo. - Era o técnico encarregue de armar a Supernova. - Está pronta.

-Muito bem. Desço já.

o Goose estava a um metro do Antonov e 15 000 pés acima do mundo. E continuava a subir.

Race tinha todo o corpo de fora da escotilha dianteira do Goose. Diante de si, estava a rampa do Antonov. A rampa ainda estava firmemente fechada e a sua existência só era denunciada por finas linhas dentadas que formavam um quadrado na traseira do enorme avião.

Então, Race viu o painel inserido na fuselagem do aparelho, à esquerda da

rampa.

Fez sinal a Doogie para aproximar um pouco mais o Goose.

Bittiker saiu do convés superior do Antonov e parou numa passadeira de metal, a olhar para baixo, para o compartimento de carga. Viu o gigantesco tanque, lá em baixo, com o potente canhão apontado directamente para ele. Olhou para o relógio.

Eram 11 horas e 48. o V-CD já devia ter ido para o ar uma boa meia hora antes. o Mundo devia estar em pânico. o Dia do Juízo Final tinha chegado. Bittiker desceu uma escada, subiu para a torre do tanque e entrou lá para dentro.

Chegou ao ventre do Abrams e viu a Supernova, com as duas ogivas termonucleares suspensas na sua posição de ampulheta e a secção cilíndrica de tório suspensa na horizontal, entre as duas, dentro da câmara de vácuo. Acenou com a cabeça, satisfeito.

-Iniciem a sequência de detonação - ordenou.

-Sim, capitão - respondeu um dos técnicos, saltando para junto do computador portátil ligado à parte da frente do dispositivo.

-Regule-a para doze minutos - ordenou Banker. - Meio-dia. o técnico escreveu rapidamente no teclado e, segundos depois, o ecrã mostrava o cronómetro:

TEM

00:12:00 MINUTOS PARA INSERIR CÓDIGO DE DESACTIVAÇÃO INSIRA CÓDIGO AQUI

o técnico pressionou a tecla ENTER e o cronómetro iniciou a contagem decrescente. Ao mesmo tempo, Bittiker pegou no telemóvel e marcou novamente o número de Bluey Jones.

No apartamento de Bluey, as luzes do equipamento digital de localização de chamadas telefónicas começaram de novo a piscar, como as luzes de uma árvore de natal.

Bluey pegou no telefone.

-Está.

-A mensagem já foi transmitida?

-já está no ar, Earl - mentiu Bluey, olhando para John-Paul Demonaco.

-Há pânico nas ruas?

-Nem te passa pela cabeça - respondeu Bluey.

o Goose aproximou-se ainda mais da traseira do Antonov. Entre os dois aviões em ascensão havia agora apenas a distância de meio metro.

Confrontado com o vento fustigante, demolidor, Race agarrou-se à escotilha do Goose com uma mão, enquanto, com a outra, tentava alcançar o painel do avião de carga, esticando-se o mais que podia.

Ainda estava longe demais. Doogie aproximou o Goose um pouco mais, o mais a que se atreveu...

... e Race agarrou o painel e abriu-o.

Viu dois botões - um vermelho, outro verde - e, sem pensar duas vezes, deu um murro no botão verde.

Com um ruído estrondoso, a rampa de carga do Antonov começou a descer, mesmo por cima do nariz do Goose!

Com os reflexos de um felino, Doogie manobrou rapidamente o pequeno hidroavião, afastando-o da trajectória da rampa descendente e, com a manobra, quase fez Race saltar da escotilha! Mas Race segurou-se com toda a força e conseguiu manter o equilíbrio,

ficando meio dentro, meio fora da escotilha do Goose enquanto, com destreza, Doogie colocava o pequeno hidroavião atrás do Antonov e a rampa da gigantesca aeronave de carga se abria diante deles.

Os dois aviões continuaram a voar, um atrás do outro, pelos céus do Peru: o enorme Antonov e o pequeno Goose separados por pouco mais de meio metro, chegando aos 18 000 pés de altitude, Só que, agora, a rampa de carga, na traseira do Antonov, estava aberta, mesmo em frente do nariz do pequeno hidroavião!

Então, no exacto momento em que a rampa ficou completamente aberta e apesar

de estar 18 000 pés acima do solo, a minúscula figura de William Race emergiu da escotilha, por entre o vento fortíssimo, e saltou do nariz do Goose para a rampa aberta do Antonov.

Race aterrou de barriga para baixo na rampa de carga do enorme cargueiro voador.

Procurou qualquer coisa a que se agarrar, para não ser sugado para fora do avião, rastejou ao longo da rampa, de barriga no chão, primeiro uma mão e depois a outra, com o vento a rugir à sua volta, avançando de bruços, sem nada atrás de si a não ser o Goose e 18 000 pés de céu limpo.

É engraçado o que a vida nos leva a fazer...

o enorme compartimento de carga estendia-se à sua frente. Race viu o monstruoso tanque Abrams, orgulhosamente instalado no centro do compartimento, viu que o vento arrastava tudo o que não estivesse pregado ao chão, viu as luzes vermelhas de aviso a piscar e ouviu o grito histérico das sirenes de alarme que estavam, sem dúvida, a avisar quem quer que estivesse a bordo do avião de que a rampa de carga tinha sido ilegalmente aberta.

Earl Bittiker já sabia.

Mal a rampa ficara aberta meio metro, tinha ouvido o silvo do vento a entrar no porão de carga. Uma fracção de segundo depois, seguira-se o uivar agudo das sirenes.

No local onde se encontrava, no ventre do tanque Abrams, com o telemóvel ainda encostado ao ouvido, Bittiker girou sobre si mesmo.

-Mas que caralho vem a ser isto? - vociferou, subindo as escadas do tanque para o exterior.

já de pé, Race tirou do ombro a sua MP-5 e esgueirou-se pelo reduzido espaço entre o enorme tanque e a parede do porão de carga.

De súbito, a cabeça de um homem emergiu da escotilha, no cimo do tanque, à sua esquerda.

Race voltou-se de repente e apontou a arma ao homem.

-Quieto! - gritou.

o homem ficou quieto.

Race arregalou os olhos, quando percebeu quem era.

Era o homem que tinha tirado o ídolo a Frank Nash, em Vilcafor, o líder dos terroristas.

Grande merda.

Estranhamente, o homem tinha um telefone na mão, um telemóvel.

-Desce daí! - berrou Race,

A princípio, Bittiker não se mexeu. Limitou-se a olhar para Race, numa espécie de pasmo boquiaberto. Não afastava os olhos daquele homem de óculos, vestido com umas blue jeans e uma T-shirt imunda, um velho boné dos New York Yankees e um colete Kevlar preto, que lhe apontava uma MP-5 e lhe dava ordens daquela maneira.

Bittiker olhou para trás de Race, para a rampa de carga aberta, e viu o pequeno hidroavião Goose que voava uns vinte metros atrás do Antonov, numa tentativa sem sucesso, de se manter a par da gigantesca aeronave de carga que se elevava nos céus.

Lentamente, Bittiker desceu da torre do tanque, até ficar em frente de Race.

-Dá-me a merda do telefone - ordenou Race, arrancando o telemóvel da mão do terrorista. - Afinal, com quem é que estavas a falar?

Race levou o telefone ao ouvido, mantendo os olhos e a arma voltados para Bittiker.

-Quem fala? - perguntou, ao telefone.

-Quem sou eu? - respondeu uma vozinha desagradável.

-Quem és tu, meu cabrão, é a pergunta mais adequada.

- Chamo-me William Race. Sou um cidadão americano que foi trazido para o Peru para ajudar uma equipe do Exército a encontrar uma amostra de tório

para colocar numa Supernova.

Do outro lado da linha, ouviu-se um grande burburinho. -Senhor Race - disse, de repente, outra voz. - Sou o agente especial Demonaco, do FBI. Estou a investigar o roubo de uma Supernova das instalações da Defesa...

-Não vais conseguir pará-la - disse Bittiker, com uma forte pronúnciatexana. - Não vais conseguir pará-la.

-Porquê? - perguntou. Race.

-Porque nem eu sei desactivá-la - respondeu Bittiker. - Eu certifiquei-me de que a minha gente só iria saber armá-la. Assim, depois de activada, ninguém ia conseguir pará-la.

-Ninguém sabe o código de desactivação?

-Ninguém - respondeu Bittiker. - Excepto, imagino eu, algum cabeça decaralho de algum cientista de Princeton, na DARPA. Mas isso não nos vai ajudar agora, pois não?

Race mordeu os lábios de frustração.

As sirenes de alarme continuavam a tocar. Não tardava nada, iam aparecer mais Texanos, para ver o que se passava...

Tiros. Repentinos e bem sonoros.

Crivaram o chão, à sua volta, fazendo saltar faíscas. Race saltou para fora da trajectória das balas, rolou pelo chão, enfiando o telemóvel no bolso de trás das calças, olhou para cima e viu Troy Copeland, de pé, na passadeira sobranceira ao porão de carga, acompanhado por mais dois Texanos. Os três disparavam contra Race com as suas pistolas Calico.

Bittiker aproveitou a oportunidade e agachou-se atrás da esquina frontal do tanque, fora do campo de visão de Race. Race comprimiu-se contra as enormes lagartas do tanque, fora

da linha de fogo, pelo menos de momento.

Estava ofegante e sentia o coração a bater com força, dentro da cabeça.

Que diabo vais tu fazer agora, Will?

Então, de súbito, ouviu alguém gritar o seu nome.

-É você, Professor Race? - Era Copeland. - Gaita, que você é um filho da puta persistente.

-É melhor que ser um idiota chapado - murmurou Race entredentes, enquanto se levantava, de repente, detrás do tanque, disparando contra Copeland e os outros dois terroristas, uma curta rajada que passou a metros deles.

Raios, pensou Race. o que é que havia de fazer agora? Não tinha planeado as coisas com tanto pormenor.

A Supernova, disse uma voz, dentro da sua cabeça. Desarmá-la! É isso o que tens de fazer.

Afinal, pensou, nesta viagem, já tinha conseguido desarmar uma Supernova.

E, com isto, Race pôs-se em pé e premiu o gatilho da MP-5, disparando à toa para a passadeira, enquanto trepava pela borda do tanque Abrams. Depois, subiu para a torre do tanque e saltou pela escotilha para dentro do interior da enorme besta metálica.

Foi acolhido pelos olhares atónitos dos dois técnicos dos Combatentes da Liberdade encarregados de armar a Supernova.

-Rua! já! - gritou, apontando-lhes a MP-5 aos narizes. Os dois técnicosapressaram-se a subir a escada e saíram pela escotilha da torre, fechando-a com força ao sair. Race trancou-a e, de repente, viu-se sozinho no centro de controlo do tanque. Sozinho com a Supernova.

Estava a começar a sentir uma terrível sensação de déjà vu. Apalpou o chumaço do telemóvel no bolso detrás e pegou nele.

-Homem do FBI, ainda aí está? John-Paul Demonaco saltou para o seu microfone.

-Estou aqui, Sr. Race - respondeu, rapidamente.

-Como é que disse que se chamava? - perguntou Race. Um dos outros agentes-disse:

-A localização está a chegar. Mas que raio?... Diz que eles estão algures no Peru... e que estão a 20 000 pés de altitude.

-Chamo-me Demonaco - começou Demonaco. - Agente especial John-Paul Demonaco. Agora,, escute com muita atenção, senhor Race. Onde quer que esteJa, tem de sair daí. As pessoas que estão consigo são indivíduos muito perigosos.

Não me digas, Sherlock!

-Hum... - disse a voz de Race.

- Receio que sair daqui esteja fora de questão - respondeu Race, para o telefone.

Enquanto falava, no entanto, viu a contagem decrescente no cronómetro da Supernova.

00:02:01

00:02:00

00:01:59

-Ah, deves estar a gozar comigo - exclamou. - Isto não é justo.

-SAIA DO TANQUE, PROFESSOR RACE! - berrou uma voz horrivelmente estrondosa, num altifalante no exterior do Abrams. Era a voz de Copeland.

Race espreitou pela mira do artilheiro do enorme veículo e viu Copeland parado, na passadeira, na parte da frente do porão de carga, com um microfone na mão.

O vento soprava furiosamente no porão. A rampa de carga, por trás do tanque, continuava aberta.

Race olhou à sua volta, no interior do enorme tanque.

A Supernova ocupava a totalidade da parte central do centro de comando. Por cima de si, ficava a escotilha de entrada da torre. à sua frente, estavam os comandos de tiro da peça de 105 mm e, a seguir a estes, mesmo por baixo deles, semi-enterrada no centro do chão do tanque, viu uma cadeira acolchoada e uma manche, os comandos de direcção do tanque.

Havia qualquer coisa muito estranha naquela consola de direcção. o topo da cadeira do condutor quase tocava no tecto.

E, então, Race percebeu porquê.

Num tanque como aquele, o condutor ia com a cabeça de fora, saindo por uma pequena escotilha por cima da cadeira.

Race sentiu um arrepio gelado percorrer-lhe a espinha. Havia outra escotilha lá na frente!

Race mergulhou para a frente, enfiando-se no lugar do condutor, e olhou imediatamente para cima, para ver se era verdade. Havia de facto outra escotilha ali. E estava aberta.

E, de pé, com as pernas abertas, apontando a sua pistola Calico directamente à cabeça de Race, estava Earl Bittiker.

Quem é você? - perguntou lentamente Bittiker. Chamo-me William Race - respondeu Race, olhando para cima pela escotilha, para Bittiker.

Tinha a cabeça a ferver, à procura de uma saída. Espera lá, havia uma possibilidade...

-Sou professor de línguas na Universidade de Nova Iorque

-apressou-se a acrescentar, tentando manter Bittiker a falar.

-Um professor? - cuspiu Bittiker. - Puta que me pariu... Race calculou que, do sítio onde se encontrava, Bittiker não conseguia ver as suas mãos, ocultas por baixo da escotilha, nem que ele estava a mexer, às apalpadelas, nos comandos de direcção do tanque.

-Diz-me lá, ó génio, o que estavas a pensar quando te passou pela cabeça vir até aqui?

-Estava a pensar que podia desactivar a Supernova. E salvar o mundo. Uma coisa assim.

Race continuava às apalpadelas. Raios, tinha de estar algures por ali...

-Pensaste mesmo que conseguias desactivar esta bomba? Encontrou.

Race fitou Bittiker com um olhar duro.

-Enquanto ainda me restar um segundo, vou tentar desactivar aquela bomba.

-A sério?

-Isso mesmo - respondeu Race. - Aliás, já fiz isso uma vez. Nesse instante, sem Bittiker ver, Race premiu com força o botão selado com borracha, que tinha encontrado na parte debaixo dos comandos da direcção do Abrams. o tal botão selado com borracha, que era instalado em todos os veículos de combate americanos. VRUUM! o motor monstruoso Avco-Lycoming do tanque tinha despertado de imediato e o seu poderoso motor reverberava no enorme porão de carga.

Abalado pela súbita vibração do motor, Bittiker perdeu o equilíbrio. Na passadeira em frente ao tanque, Troy Copeland também levantou a cabeça, surpreso.

Dentro da cabine de condução, Race olhou em volta, à procura de qualquer coisa que pudesse...

oh, sim. Que fixe.

Tinha encontrado uma manete, com gatilho e tudo, na qual estava escrito CANHÃO PRINCIPAL.

Race agarrou na manete, apertou o gatilho e pediu a Deus que o canhão do Abrams estivesse carregado.

Estava.

o estrondo produzido pela peça de 105 mm do tanque, ao disparar dentro do porão de carga do Antonov, devia ser o ruído mais alto que Race alguma vez tinha escutado na vida.

Toda a aeronave de carga estremeceu com violência, quando o poderoso canhão do Abrams disparou em toda a sua glória.

o projectil de 105 mm atravessou o avião, como um meteoro desembestado. Primeiro, arrancou a cabeça de Troy Copeland, com toda a limpeza, rapidamente, removendo-a num instante, como uma bala a arrancar a cabeça de uma Barbie, decapitando Copeland num milésimo de segundo, e deixando o seu corpo de pé, pelo espaço de um segundo, depois de a sua cabeça ter sido removida. Mas o projectil não parou ali.

Continuou como um míssil, atravessando a parede metálica por trás do corpo de Copeland, entrando pelo compartimento de passageiros do Antonov como um foguete, penetrando, a uma velocidade colossal, na cabina, fazendo explodir o peito do piloto, antes de desfazer os vidros da cabina numa espectacular chuva de estilhaços.

Com o piloto agora morto e bem morto, o Antonov inclinou-se violentamente para o lado, desgobernado, entrando na primeira fase de uma queda a pique. No porão de carga, o mundo parecia ter enlouquecido. Race olhou para os estragos que fizera e viu para onde o avião estava a ir.

Enquanto ainda me restar um segundo, vou tentar desactivar aquela bomba. Bittiker continuava de pé, na borda do tanque, ainda com a Calico na mão. Mas a descarga do canhão abalara-o profundamente.

Race empurrou as mudanças do tanque e encontrou aquela que queria.

Pisou o acelerador, metendo o prego a fundo.

o tanque respondeu de imediato, as suas lagartas entraram em actividade - e a enorme besta de metal arrancou como um carro de corrida. o único problema foi que arrancou em marcha-atrás, deslizando rampa fora e tombando para o céu aberto.

o Abrams caiu.

Depressa. Muito, muito depressa.

De facto, assim que o tanque saltou do seu porão de carga, o cargo Itfter Antonov, esventrado pelo disparo do canhão, inclinou-se lateralmente, iniciou um voo picado e explodiu numa gigantesca bola de chamas.

o Abrams caiu de traseira para baixo, rasgando os céus a uma velocidade fenomenal. Era tão grande, tão pesado que cortava o ar como uma bigorna, uma bigorna de sessenta e sete toneladas.

Dentro do tanque, Race estava a ter problemas até aos cabelos. Tudo o que havia lá dentro, estava tombado, de lado, e o tanque tremia violentamente,

devido ao atrito que a sua própria passagem pelo ar criava.

Entretanto, Race estava desajeitadamente deitado no meio do centro de comando, para onde tinha sido atirado quando engatara a marcha-atrás e o tanque saltara da rampa. junto dele, encontrava-se a Supernova, agora na horizontal, firmemente presa, entre o chão e o tecto.

Race olhou para o ecrã, que mostrava o cronómetro e a contagem decrescente:

00:00:21

00:00:20

00:00:19

Dezanove segundos.

Mais ou menos o mesmo tempo de que dispunha, até o tanque se esborrachar no chão, caído de uma altitude de cerca de 20 000 pés. Olha, que se foda.

Ou a Supernova explodia e ele morria com o resto do mundo ou conseguia desactivá-la e morria sozinho, quando o tanque embatesse no solo, dentro de dezassete segundos.

Por outras palavras, restava-lhe sacrificar a própria vida para salvar o mundo.

Outra vez.

Porra, pensou Race. Como é que uma coisa destas lhe podia acontecer duas vezes, em dois dias?

Race olhou para o ecrã do computador:

TEM

00:00:16 MINUTOS PARA INSERIR CÓDIGO DE DESACTIVAÇÃO INSIRA CÓDIGO AQUIDezasseis segundos...

o tanque caía céu abaixo, produzindo um ruído que parecia um grito.

Desolado, Race olhou para o cronómetro, que, inexorável, continuava a contagem decrescente.

Nesse momento, de repente, detectou um movimento, pelo canto do olho.

Virou-se rapidamente, para olhar para cima, e viu Earl Bittiker, a entrar, pela escotilha do condutor, no topo do tanque que caía, desgovernado, de Calico em punho!

Foda-se!

00:00:15 Esquece o gajo!

Pensa! Pensa? Deus meu, como é que um gajo pode pensar, dentro de um tanque Abrams, que vai a mergulhar em direcção ao solo, a

cento e cinquenta quilómetros por hora, e com um tipo a entrar pela escotilha, de arma na mão?

00:00:14 Race tentou ordenar os pensamentos.

Muito bem: da última vez, ele sabia que tinha sido Weber a conceber o código de desactivação, Mas, desta vez, não fazia a mínima ideia de quem o teria feito, principalmente porque não sabia quem fora que concebera o sistema de ignição.

00:00:13 Sistema de ignição...

Tinham sido essas as últimas palavras de Marty, as palavras que ele tinha proferido, ao morrer nos braços de Race.

00:00:12 o Abrams atingiu a velocidade máxima e começou a emitir um somestri-dente, como o de uma bomba a cair.

Naquele momento, Bittiker encontrava-se a meio da escotilha do condutor.

Bittiker viu Race e disparou contra ele.

Race desviou-se das balas, agachou-se atrás da Supernova, sacou o telefone celular do bolso, enquanto as balas continuavam a embater na parede metálica do tanque, a seu lado.

-Demonaco! - berrou Race, para se fazer ouvir por entre a barulheira dotanque em queda.

O que é, Professor?

-Diga-me depressa! Quem foi que concebeu o sistema de ignição da Supernovada Marinha?

A cinco mil quilómetros de distância, John-Paul Demonaco pegou numa folha de papel. Era a lista com os membros da equipa da Supernova, composta por

elementos da Marinha e da DARPA. Os seus olhos detiveram-se numa linha: RACE, Martin É engenheiro projectista DARPA d/3279-97A do sistema de ignição
Foi um gajo chamado Martin Race! - gritou Demonaco ao telefone.

Marty, pensou Race.

00:00:11

Fora Marty quem concebera o sistema de ignição. Tinha sido isso que ele tentara dizer-lhe, antes de morrer.

Por conseguinte, o código de desactivação tinha sido engendrado por Marty.

00:00:10 Código numérico de oito dígitos.

Naquele momento, Bittiker já tinha acabado de entrar no tanque.

Que código utilizaria Marty?

00:00:09

o tanque continuava a cair, a trezentos metros por segundo. Bittiker viu-o e voltou a erguer a sua Calico.

Qual era o código que o Marty usava sempre?

00:00:08

o aniversário? Uma data relevante? Não. o Marty não.

Quando alguma coisa requeria um código numérico, um cartão de Multibanco ou um PIN de telemóvel, Marty usava sempre o mesmo número.

o número mecanográfico do Exército do Elvis Presley.

00:00:07

Bittiker apontou a Calico a Race. Raios, qual era?

Tinha o diabo do número mesmo debaixo da língua...

00:00:06

Race baixou-se por trás da Supernova - Bittiker não se atreveria a disparar sobre ela - e deu consigo em frente ao computador de desactivação do dispositivo.

Jesus, qual era o número?

533...

Pensa, Will! Pensa!

00:00:05

5331...

...07...

... 61...

53310761! Era isso!

Race começou a digitar os números no teclado do computador de desactivação.

Escreveu 53310761 e deu uma porrada na tecla ENTER.

o ecrã apitou.

CÓDIGO DE DESACTIVAÇÃO INTRODUIDO. CONTAGEM DECRESCENTE PARA DETONAÇÃO INTERROMPIDA AOS 00:00:04 MINUTOS.

Mas Race não ficou para olhar para o ecrã.

Em vez disso, trepou rapidamente para longe de Bittiker, escudado pela Supernova agora desactivada, e dirigiu-se para a curta escada que levava à escotilha da torre do tanque.

Não sabia por que se dirigia para lá. Era apenas uma ideia completamente ilógica de que, se estivesse no exterior do tanque quando este chocasse com o solo, teria mais hipóteses de sobreviver ao impacto.

o impacto não devia tardar.

Ao subir pela escada horizontal, passou pelo ídolo, agora com um buraco na base, e pegou nele.

Chegou à escotilha e empurrou-a. o vento veloz atingiu-o de imediato no rosto, um vento que soprava tão depressa que o cegava. Agarrado ao topo do Abrams, naquele momento na posição

vertical, Race fechou rapidamente a escotilha com um pontapé, fechando Bittiker no interior do tanque, no preciso instante em que a tampa metálica da escotilha era atingida por uma saraivada de balas vindas do interior.

Race olhou para baixo, enfrentando o vento ascendente que lhe batia nos óculos, e viu a floresta tropical aproximar-se a um milhão de quilómetros

por hora.

o tanque corria em direcção ao solo, produzindo uma espécie de gemido estridente.

Dois segundos para o impacto. Era agora.

Um segundo.

o solo precipitou-se na sua direcção.

E, naquele último segundo antes do Abrams se espatifar no solo, a uma velocidade estonteante, William Race fechou os olhos e rezou uma única prece final.

E, então, aconteceu. Impacto.

o tanque colidiu com o solo com uma força assombrosa.

o mundo pareceu estremecer, quando o colosso de sessenta e sete toneladas se esborrachou contra ele, à velocidade máxima. o tanque implodiu ao contacto com o solo, achatando-se num milésimo de segundo e espalhando secções inteiras em todas as direcções.

Earl Bittiker estava dentro do Abrams, na altura em que este chocou com o solo. Quando o gigantesco tanque de aço se esborrachou no solo, as suas paredes implodiram com uma rapidez vertiginosa e milhares de arestas pontiagudas de metal cravaram-se no corpo do terrorista, penetrando-o por todos os lados, uma fracção de segundo antes de ele ser reduzido a nada. Uma coisa era certa, Earl Bittiker tinha morrido a gritar.

Entretanto, William Race nem sequer estava perto do tanque, quando este se esmagou no chão.

No segundo que antecedeu o momento de o tanque chocar com a Terra, quando este estava a cerca de dois metros e meio do solo, Race experimentou uma sensação estranhíssima.

Tinha ouvido um som não muito diferente de um estampido supersónico, vindo de um ponto qualquer, mesmo atrás de si e,

depois, de repente, sem perceber como, sentira-se puxado para cima, para o ar, por uma qualquer força poderosa e invisível. Mas o puxão não fora brutal, nem se assemelhara a uma chicotada. Fora abrupto mas suave, como que vindo de qualquer coisa ligada aos céus por uma espécie de elástico invisível.

Por isso, enquanto o tanque e Bittiker colidiam com o solo numa amálgama de chamas e aço esmagado, Race pairava a dez metros do chão, são e salvo.

E foi então que ele olhou para trás do ombro e viu o que acontecera.

Viu duas plumas de gás branco, a sair do fundo da unidade em forma de A ligada ao seu invulgar colete Kevlar. Na verdade, os dois jactos de propulsor saíram de dois pequenos escapes situados na base do A Race não o sabia mas o colete preto Kevlar, que Uli lhe tinha dado na lixeira, era uma mochila a jacto J-7, a unidade mais avançada que existia em matéria de inserção aérea, criada pela DARPA, em colaboração com o Exército dos Estados Unidos e a 82. Divi são Aerotransportada,

Ao contrário dos habituais pára-quedas MCl-1B do Exército, que deixavam os seus utilizadores suspensos, à vista do inimigo, durante vários minutos, antes de aterrarem, os J-7 permitiam aos seus utilizadores descer em queda livre, até chegarem a três metros do solo e, depois, travavam subitamente, mesmo por cima da zona de aterragem, de uma forma muito parecida com a descida de um pássaro.

No entanto, tal como os pára-quedas, todas as mochilas a jacto J-7 estavam equipadas com comutadores de altímetro, mecanismos de segurança disparados por este, que accionavam os propulsores da unidade, no caso de o utilizador não conseguir accioná-los antes de passar a barreira dos três metros de altitude. Tal como acontecera com Race.

Claro que não havia maneira de Race saber que, no dia 25 de Dezembro de 1997, além das quarenta e oito cargas explosivas de cloro roubadas de um camião da DARPA que transitava pela marginal de Baltimore, também tinham sido roubadas dezasseis J-7.

Lenta e suavemente, a J-7 poisou Race no solo.

Race soltou um suspiro e, mal podendo respirar, deixou amolecer o corpo, ao descer por entre as copas das luxuriantes árvores da floresta tropical, Segundos depois, os seus pés tocaram terra firme e ele deixou-se cair de joelhos, exausto.

Race olhou em volta, para a floresta tropical e, num recanto remoto da sua mente, perguntou a si mesmo como diabo é que ia sair dali.

Depois, concluiu que isso já não lhe importava. Tinha acabado de desarmar uma Supernova, enquanto caía de uma altura de 19 000 pés, dentro de um tanque de guerra de sessenta e sete toneladas.

Não, estava-se completamente nas tintas. E, nesse momento, a solução para o seu problema apareceu subitamente, sob a forma de um pequeno hidroavião, que voava baixo, por cima das árvores, lá no alto. A mão de um homem acenou alegremente da janela do piloto.

Era Doogie e o Goose. Lindo.

Trinta minutos mais tarde, graças a um braço de rio convenientemente próximo, Race estava de volta a bordo do Goose, com os outros, voando no céu límpido da tarde, bem por cima da floresta.

Encostou a cabeça à janela da cabina e olhou vagamente lá para fora. Estava exausto.

Ao seu lado Doogie disse:

-Sabe o que eu acho, Professor? Acho que já está na hora de nos pirarmos deste maldito país. o que é que acha?

Race voltou-se para ele:

-Não Doogie. Ainda não. Temos que fazer uma coisa antes de partirmos.

SÉTIMA MAQUINAÇÃO Quarta-feira, 6 de janeiro, 17:30

o Goose aterrou no rio, perto de Vilcafor, pouco antes do pôr-do-sol do dia 6 de janeiro de 1999.

Depois de terem novamente aspergido o corpo com urina de macaco, Race e Renée dirigiram-se, mais uma vez, para a aldeia do planalto. Deixaram Doogie e Gaby no Goose, para ela poder tratar das muitas feridas do jovem Boina Verde.

Quando, cansados e exaustos, os dois atravessaram Vilcafor, Race reparou que não havia corpos caídos na rua.

Apesar do facto de cerca de uma dúzia de cientistas da DARPA e da Marinha, além de Marty, Lauren, Nash e Van Lewen terem sido mortos ali, havia apenas algumas horas, não se via qualquer corpo.

Race olhou tristemente para a rua vazia. Tinha uma ideia acerca do sítio de onde tinham ido parar os corpos.

Race e Renée entraram na aldeia do planalto, na altura em que a escuridão começava a abater-se sobre os sopés andinos.

o chefe dos nativos e o antropólogo, Miguel Moros Márquez, receberam-nos junto ao fosso, à entrada da aldeia.

-Creio que isto vos pertence - disse Race, apresentando o ídolo que segurava nas mãos.

Roa sorriu.

-Tu és mesmo Aquele que Foi Escolhido - disse. - Um dia, o meu povocantará canções a teu respeito. Obrigado. Obrigado por nos devolveres o nosso Espírito.

Race fez uma vénia. Não se considerava, de modo algum, um «Escolhido».

Tinha feito apenas aquilo que pensava estar certo.

-Prometam-me só uma coisa - pediu a Roa. - Prometam-me que, quando eupartir, deixam esta aldeia e desaparecem na floresta. Tenho a certeza de que hão-de vir outros homens, em busca deste ídolo. Levem este ídolo para longe daqui, para onde eles nunca possam encontrá-lo.

Roa acedeu com um aceno.

-Assim faremos, Aquele que Foi Escolhido. Assim faremos. A verdade era que

Race ainda não entregara o ídolo a Roa.

-Se me permitir, senhor - disse - há ainda uma coisa que preciso de fazeraqui e, para o fazer, vou ter de utilizar o ídolo.

A tribo de nativos reuniu-se no trilho em espiral que contornava a torre de pedra,

A noite já tinha caído e todos eles tinham molhado completamente os corpos com urina de macaco.

Como não tinham podido regressar ao seu covil, dentro do templo, dissera Márquez, os rapas tinham passado o dia escondidos nas escuras sombras da base da cratera.

Race estava parado, no trilho em espiral, a olhar para a ravina que, dantes, era atravessada pela ponte de corda.

A ponte de corda ainda estava pendurada, encostada do lado da torre, no mesmo sítio onde os nazis a tinham deixado, quando a tinham solto dos seus pilares, vinte e quatro horas antes.

Duplamente coberto de urina de macaco, um dos homens de Roa que trepava com maior agilidade tinha sido enviado à base do desfiladeiro e, dali, iniciara uma hábil escalada da parede quase vertical da torre.

Pouco depois, o homem chegou à longa corda de recuperação que balouçava, suspensa da extremidade da ponte de corda. Atou-a a outra corda, que estava a ser segura pelos nativos que se

encontravam no trilho em espiral e estes puxaram a corda de recuperação para o seu lado da ravina.

A ponte de corda foi rapidamente reposta no lugar.

-Tens a certeza de que queres fazer isto? - perguntou Renée a Race, que estava a olhar fixamente para o topo da torre.

-Há uma saída daquele templo - disse Race. - Renco descobriu-a. Eu também vou encontrá-la.

Em seguida, com o ídolo numa mão, uma tocha na outra e um bernal de couro ao ombro, Race atravessou a ponte instável. Uma equipa de dez dos mais fortes guerreiros de Roa seguiu-o.

Todos eles empunhavam tochas acesas.

Depois de terem chegado todos à torre, Race conduziu-os até à clareira em frente ao templo. Ali, tirou uma bexiga com água do bernal de couro e molhou o ídolo de tírimum.

o ídolo começou imediatamente a cantarolar. Era um som puro, hipnótico, que cortava a noite como uma faca.

Poucos minutos depois, chegava à clareira o primeiro rapa. Depois, um segundo e um terceiro.

Os enormes gatos pretos reuniram-se em redor da clareira, formando um círculo amplo à volta de Race.

Race contou-os: eram doze no total,

Em seguida, molhou novamente o ídolo, que emitiu a sua cantilena harmónica com renovado vigor,

Então, Race deu um passo para trás e entrou no templo. Mais dez passos, descendo os degraus, e estava rodeado pela escuridão.

Enormes, negros e ameaçadores, os rapas seguiram-no, bloqueando os raios de luar azul que entravam no túnel, vindos do exterior.

Depois de todos os gatos terem entrado no templo, os dez guerreiros índios, que se encontravam do lado de fora, começaram a empurrar a pedra, como Race lhes tinha dito para fazerem.

A enorme pedra gemeu ruidosamente ao ser empurrada, devagar, para o seu lugar.

Race observou o seu movimento do interior do templo. Gradualmente, todo o luar do exterior foi substituído pela sombra da

rocha gigantesca e, depois, com um ominoso baque final, a rocha não se mexeu mais. Agora, tapava todo o portal, selando-o, e selando ao mesmo tempo William Race, dentro do templo, com a matilha de ferozes rapas.

Escuridão. Uma escuridão total, cortada apenas pelo tremeluzente brilho alaranjado da sua tocha.

À volta de Race, as paredes do túnel brilhavam de humidade. Vindo de algures, das profundezas do templo, ouvia-se um gotejar constante, que produzia um ligeiro eco.

Tudo aquilo deveria ter sido aterrador mas, estranhamente, Race não sentia medo. Depois de tudo pelo que tinha passado, Race já não conseguia ter medo.

Os doze rapas, vivas imagens de maldade à luz intermitente da tocha, limitavam-se a olhar fixamente, extasiados, para o ídolo que cantarolava na mão de Race.

Segurando a tocha bem alto, por cima da cabeça, Race foi descendo o túnel em espiral até à base das escadas. o túnel fazia uma curva para a esquerda, uma curva larga e descendente. Nas suas paredes, tinham sido escavados pequenos nichos.

Race passou pelo nicho que tinha visto da última vez que estivera dentro do templo, viu que o esqueleto mutilado com o crânio esmagado continuava ali. Era o esqueleto que ele pensara ser de Renco mas que, agora, sabia ser do velho conquistador finório que tinha roubado a Renco o pendente de esmeralda.

Race chegou ao fundo da passagem em espiral e deparou com um longo túnel a direito que se estendia diante de si. Era o túnel onde von Diksen e os seus homens tinham encontrado o seu terrível fim.

Silenciosos, ameaçadores, agoirentos, os rapas emergiram da rampa atrás de si, quase sem ruído, movendo-se furtivamente sobre as patas almofadadas.

Ao fundo do longo túnel rectilíneo, Race encontrou um enorme buraco no chão. Era vagamente quadrado e tinha, pelo menos, cinco metros de largura, ocupando a totalidade do túnel à sua frente.

Dele saía um dos odores mais repulsivos que, desde há muito, muito tempo, chegava às suas narinas.

o cheiro fez Race estremecer, enquanto avaliava o amplo buraco no chão, diante de si.

Do outro lado, não se vislumbrava nada senão uma parede uma sólida parede de pedra - e, dentro do buraco propriamente dito, não havia nada a não ser escuridão.

No entanto, nesse momento, viu uma série de apoios para pés e mãos que tinham sido escavados na parede, do lado direito do buraco. Tinham sido escavados uns por cima dos outros, de maneira a formarem uma espécie de escada, que podia ser usada por alguém que quisesse descer para o buraco.

Depois de molhar o ídolo mais uma vez, com água da bexiga que levava consigo, Race pôs a tocha na boca e, em seguida, usando os apoios escavados na parede, começou lentamente a descer para o buraco pestilento.

Os rapas seguiram-no mas não se deram ao trabalho de utilizar os apoios. Bastou-lhes usar as suas garras, que pareciam sabres, para descer até ao buraco, atrás dele.

Cerca de quinze metros mais adiante, os pés de Race voltaram a tocar no chão.

Ali, o cheiro nauseabundo era mais intenso, tão intenso que se tornava esmagador. Cheirava a carne putrefacta.

Race tirou a tocha da boca e afastou-se da parede de pedra que acabara de descer.

Aquilo que viu cortou-lhe a respiração.

Encontrava-se numa espécie de enorme compartimento, uma caverna gigantesca com paredes de pedra, que tinha sido escavada nas entranhas da torre.

Era absolutamente espectacular.

Uma enorme catedral, com paredes de pedra.

o tecto em forma de cripta erguia-se no ar a mais de quinze metros do chão, desaparecendo na escuridão. Era suportado por um conjunto de colunas de pedra, que tinham sido esculpidas, escavando a rocha em volta, o chão de

pedra lisa estendia-se à volta de Race, desaparecendo também entre as sombras.

Contudo, o aspecto mais espantoso da catedral residia nas suas paredes, Estavam cobertas de relevos primitivos, de pictogramas semelhantes aos que adornavam o portal, à superfície.

Havia imagens de rapas, imagens de pessoas, imagens de rapas a matar pessoas. Rasgando-lhes os membros e arrancando-lhes as cabeças. Algumas das gravuras representavam seres humanos que gritavam, enquanto estavam a ser despedaçados pelos gatos, e que, mesmo assim, não largavam os tesouros pilhados que tinham nas mãos.

A ganância pura, mesmo no momento da morte.

Entre as gravuras que cobriam as paredes, havia uma série de nichos, todos eles esculpidos em forma de cabeças de rapa. Todos os nichos estavam cobertos por espessas teias de aranha, quase parecendo que alguém corra cortinas cinzentas transparentes sobre os focinhos esculpidos dos rapas.

Race aproximou-se de um dos nichos e espreitou para dentro da boca aberta do rapa, por trás da teia de aranha.

Ficou de olhos esbugalhados.

No interior da cavidade formada pelas fauces escancaradas do rapa, havia uma espécie de pódio, sobre o qual se encontrava uma estátua de ouro, representando um homem gordo, com uma enorme erecção.

-Santo Deus... - disse Race, baixinho, ao ver a estátua. Em seguida, olhouem volta. Devia haver uns quarenta nichos como aquele, espalhados pelas paredes da câmara. Se houvesse um artefacto em cada um deles, aquilo seria um tesouro que valia...

Era o tesouro de Sólon.

Race olhou para o nicho que tinha diante de si, olhou para a cabeça esculpida do rapa, com os dentes ameaçadoramente arreganhados.

Quem construía aquele templo parecia querer tentar qualquer eventual aventureiro ambicioso a meter a mão na boca do rapa, para tirar o tesouro. Mas Race não queria nenhum tesouro. Queria ir para casa.

Afastou-se do tenebroso nicho, voltou para o centro da enorme catedral de pedra e ergueu a tocha.

Foi então que viu o que provocava o odor intenso que lhe assaltara as narinas.

-Santo Deus... - murmurou.

Encontrava-se no extremo mais afastado da catedral e era enorme.

Era uma pilha de cadáveres, um horrível e imenso monte de corpos.

De corpos humanos.

Deviam ser pelo menos cem e encontravam-se em diferentes fases de decomposição. À volta deles, as paredes estavam cobertas de sangue, em quantidades tais que parecia que alguém usara sangue para as pintar.

Alguns dos corpos estavam nus, outros parcialmente vestidos. Uns não tinham cabeça, outros não tinham membros, outros ainda, tinham os troncos partidos em dois pedaços. o chão estava coberto de ossos ensanguentados, alguns dos quais ainda tinham agarrados pedaços de carne.

Para seu horror, Race reconheceu alguns dos corpos.

o capitão Scott, Chucky Wilson, Tex Reichart, o general alemão Kolb. Também viu o corpo de Buzz Cochrane, tombado de bruços, na pilha. A metade inferior do seu tronco tinha desaparecido.

Curiosamente, Race viu também um grande número de corpos de pele cor de azeitona.

Nativos.

Depois, de repente, viu um pequeno buraco na parede, por trás daquela macabra pilha de cadáveres.

Era mais ou menos circular e tinha uns setenta e cinco centímetros de diâmetro, a largura aproximada dos ombros de um homem corpulento.

Race lembrou-se de imediato de que, nesse mesmo dia, tinha visto, à superfície, uma pedra com uma forma semelhante àquela. Tinha-a visto no

trilho que parecia um varandim, por trás do templo. Uma pedra redonda, no meio de uma série de pedras quadradas, uma pedra que parecia tapar um buraco redondo.

oh, não, pensou Race, quando percebeu o que aquilo significava.

Não era um buraco.

Era uma espécie de conduta.

Uma conduta que começava lá em cima, à superfície, e que acabava ali, na enorme catedral de rocha.

Acabava de encontrar a resposta para a pergunta sobre a forma como tinham os rapas sobrevivido, dentro do templo, durante quatrocentos anos.

Mentalmente, Race voltou a ouvir as palavras de Miguel Márquez: «Se você não tivesse sobrevivido ao encontro com o caimão, os seus amigos teriam sido sacrificados aos rapas.» Sacrificados aos rapas.

Com os olhos esbugalhados de terror, Race observou o buraco circular na parede.

Era um poço de sacrifícios.

Um poço pelo qual os nativos da aldeia do planalto atiravam as suas oferendas aos rapas.

Oferendas humanas. Sacrifícios humanos.

Também atiravam para ali pessoas do seu próprio povo.

Mas, provavelmente, as coisas não ficavam por ali, pensou Race, olhando para o grande número de corpos de pele cor de azeitona.

Os nativos deviam atirar para ali os seus mortos e os mortos dos seus inimigos, como forma de apaziguar os rapas.

E, nos períodos de escassez, imaginou Race, o mais provável era os rapas comerem-se uns aos outros.

Nesse momento, viu um grupo de cinco rapas, deitados no chão de pedra, a seguir à pilha dos corpos, perto de um pequeno buraco quadrado, escavado no chão.

Os cinco rapas estavam a olhar fixamente para ele, em transe por causa da cantilena constante do ídolo molhado.

Diante deles, estavam mais dez gatos muito mais pequenos crias, crias de rapa - mais ou menos do tamanho das crias de tigre. Também estavam a olhar para Race. Pareciam ter ficado todas estáticas, a meio das suas brincadeiras, ao ouvirem o zunido hipnotizador do ídolo.

Santo Deus, pensou Race. Havia ali uma comunidade completa. Uma comunidade de rapas.

Vá lá, WillI, faz o que tens a fazer. Certo.

Foi então que Race tirou outra coisa do bernal de couro que trazia ao ombro.

o ídolo falso.

Race deixou o ídolo falso no chão, ao fundo do buraco quadrado, que ia dar à catedral, para que qualquer pessoa que entrasse no templo o encontrasse imediatamente.

Não podia ter a certeza mas pensou que tinha sido exactamente isso que Renco tinha feito, quatrocentos anos antes. Muito bem, pensou Race. Está na altura de me ir embora daqui.

Race viu o buraco mais pequeno, no chão, perto das cinco fêmeas rapas e das suas crias, e pensou que, além de trepar pelo poço dos sacrifícios e ficar à espera que alguém o abrisse, a melhor opção era continuar a descer.

Assim, sempre com o ídolo verdadeiro a cantarolar nas suas mãos, Race passou cautelosamente pelas cinco fêmeas rapas e pelas suas crias, em direcção ao pequeno buraco quadrado escavado no chão, perto delas.

Olhou para o buraco.

Tinha aproximadamente um metro e oitenta de largura e fora aberto a direito no chão de pedra. Tal como o anterior buraco maior, também tinha apoios para pés e mãos, escavados nas paredes verticais.

Que se lixe, pensou Race.

Com a tocha firmemente segura entre os dentes e o ídolo cantante metido no

bornal, Race foi descendo pelo estreito poço. Mais ou menos um minuto depois, deixou de ver a abertura, lá no alto. A partir daí, tirando o pequeno círculo de luz trémula que a tocha projectava à sua volta, ficou rodeado pela mais absoluta escuridão. Dois dos rapas foram atrás de Race, deslizando pelas paredes do poço, no limiar do círculo de luz, acompanhando o ritmo dele, fitando-o com os seus olhos amarelos e frios. Mas não atacaram. Race continuou a descer. Cada vez mais fundo. Parecia que já tinha descido quilómetros mas, o mais provável era ter descido apenas algumas dezenas de metros. Finalmente, os seus pés voltaram a tocar em solo firme. Race tirou a tocha da boca, fê-la rodar em volta e descobriu que tinha ido dar a uma espécie de pequena caverna, de paredes de rocha sólida. Mas o chão estava coberto de água. Era um charco, limitado, em três dos lados, por paredes de pedra. o quarto lado do charco era o pedaço de terra lisa, onde Race se encontrava nesse momento. Race encaminhou-se para a beira da água e inclinou-se para lhe tocar. Queria ver se era verdadeira. Os dois rapas desceram lentamente do poço, por trás dele. Race mergulhou a mão na água. E, de repente, sentiu qualquer coisa. Não era um objecto nem nada que se parecesse. Apenas uma espécie de descontinuidade na própria água. Race franziu o sobrolho. A água escorria.

Olhou outra vez para a superfície do charco e viu que esta era percorrida por minúsculas ondulações, que se deslocavam lentamente da direita para a esquerda. E, nesse instante, percebeu onde estava. Estava na base da torre de pedra, no ponto onde havia o lago de águas baixas, ao fundo da cratera. Só que, não sabia como, havia água a entrar e a sair daquela caverna. Dentro do bornal, o ídolo continuava a cantar. Os dois rapas olhavam intensamente para Race. Então, com uma confiança que não tinha qualquer razão para sentir, Race deitou fora a tocha a arder, entrou no charco de água escura e deixou-se cair para baixo da sua superfície, molhando as roupas e o bornal. Trinta segundos mais tarde, depois de ter nadado de bruços ao longo de um comprido túnel debaixo de água, foi dar ao lago de águas baixas, ao fundo da cratera. Respirou fundo e soltou um suspiro de alívio. Estava cá fora.

Depois de ter emergido junto à base da torre de pedra, Race voltou à aldeia do planalto. Mas, antes disso, passou pelo cimo da torre e parou à entrada do templo. Os guerreiros que tinham voltado a empurrar a laje contra o portal já tinham partido para a aldeia e, nesse momento, Race estava sozinho, diante da enorme estrutura de pedra.

Ao fim de alguns instantes, pegou numa pedra e aproximou-se da enorme laje que cobria o portal. Então, escreveu a sua mensagem, por baixo da inscrição feita por Alberto Santiago:

Não entrar a preço algum. A morte espreita lá dentro.

Wílliam Race, 1999

Quando chegou à aldeia do planalto, encontrou Renée à sua espera, à beira do fosso, na companhia de Miguel Márquez e do chefe Roa.

Race estendeu o ídolo a Roa.

-Os rapas já estão outra vez dentro do templo - anunciou.

-Está na hora de irmos para casa.

- o meu povo agradece-te aquilo que fizeste por nós, Aquele que Foi

Escolhido - disse Roa. - Quem me dera que houvesse muita gente assim, neste

mundo.

Race fez uma vénia, com modéstia, no momento em que Renée, enfiava o braço são no dele.

-Como é que te sentes, herói? - perguntou.

-Acho que devo ter levado outra pancada na cabeça - respondeu. - Não há outra maneira de explicar estes feitos intrépidos. Deve ter sido por causa da adrenalina.

Renée abanou a cabeça e fitou-o nos olhos.

-Não - disse. - Não acho que tenha sido a adrenalina. Em seguida, beijou-o, comprimindo firmemente os lábios contra os dele. Quando, por fim, se afastou, sorriu-lhe e disse:

-Anda, herói. Está na hora de irmos para casa.

Race e Renée partiram da aldeia do planalto, por entre os aplausos dos nativos.

Enquanto eles desapareciam por trás da cratera e se dirigiam para Vilcafor, lá longe, na aldeia de onde tinham saído, souo um grito abafado.

Vinha da gaiola de bambu, que estava presa a quatro árvores, que funcionavam como postes.

No fundo da gaiola, contorcendo-se de agonia por causa das feridas que tinha no estômago, e com as mãos decepadas, jazia a figura maltratada e amordaçada de Frank Nash.

Os nativos não o tinham morto na rua principal de Vilcafor. Tinham-lhe cortado as mãos culpadas de roubo e, depois, tinham-no trazido para ali, para receber o tratamento adequado.

Uma hora mais tarde, teve início a última procissão de índios até ao templo de Sólon. Quando a procissão atravessou a ponte de corda, a caminho do templo, os corpos foram transportados em liteiras cerimoniais.

Nash jazia, agonizante, numa das liteiras. As restantes eram ocupadas pelos corpos de Van Lewen, Marty, Lauren, Romano e dos demais elementos da equipa da Marinha e da DARPA. Morta ou viva, qualquer tipo de carne humana servia para apaziguar os deuses-gatos que viviam no templo.

Os habitantes da aldeia reuniram-se nas traseiras do templo, cantando em uníssonos, enquanto dois guerreiros fortes retiravam a pedra circular do seu poiso, no trilho, pondo a descoberto o poço dos sacrifícios.

Os corpos dos mortos foram lançados primeiro: Van Lewen, depois Marty, Lauren e o pessoal da Marinha.

Frank Nash foi último a ser levado para junto do poço dos sacrifícios. Tinha visto o que acontecera aos outros corpos e os seus olhos arregalaram-se, quando percebeu o que lhe ia acontecer.

Os seus gritos ouviram-se, através da mordaza, enquanto os sacerdotes lhe amarravam os pés. Sacudiu-se que nem um louco, enquanto dois guerreiros o levavam até ao poço.

Ergueram-no com os pés para diante e, quando olhou para o céu pela última vez, os olhos de Frank Nash quase saltaram de terror.

Os dois guerreiros atiraram-no para dentro do poço. Nash gritou até chegar ao fundo.

A pedra redonda voltou a ser colocada no seu lugar e os nativos abandonaram a torre de pedra, para nunca mais voltar. Quando regressaram à aldeia, iniciaram os preparativos para uma longa viagem, uma viagem que os levaria bem para o coração da floresta tropical, para um lugar onde nunca pudessem ser encontrados.

o Goose sobrevoava os Andes, em direcção a Lima, em direcção a casa.

Doogie ia à frente, no cockpit, coberto de ligaduras e pensos mas vivo.

Race, Renée, Gaby e Uli iam sentados atrás.

Ao fim de aproximadamente uma hora de voo, Gaby Lopez foi ter com Doogie à cabina.

-Olá - disse.

-Olá - respondeu Doogie, quando viu quem era. Engoliu em seco, enervado.

Continuava a pensar que Gaby era terrivelmente bonita e que não era para o seu bico. Gaby saíra-se muito bem a tratar-lhe das feridas, com as suas mãos delicadas. Doogie tinha passado o tempo todo a olhar para ela.

-Obrigada por me ter ajudado, quando fui atacada pelo caimão, no fosso - disse ela.

-Oh - disse ele, corando. - Não foi nada.

-Obrigada, de qualquer modo.

-Não tem de quê.

Seguiu-se um silêncio incômodo.

-Estive a pensar - disse Gaby, nervosa. - Pensei que, se não tivesseninguem à sua espera, podia vir até minha casa e eu fazia-lhe um jantar.

O coração de Doogie quase parou mas o seu rosto abriu-se num sorriso de orelha a orelha.

-Era ótimo - respondeu.

Lá atrás, a pouco mais de três metros de distância, na zona de passageiros do avião, Renée dormia profundamente, com a cabeça no ombro de Race.

Graças ao botão de repetição de chamada, este estava a falar com John-Paul Demonaco, pelo telefone celular de Earl Bittiker. Estava a informar Demonaco sobre tudo o que se tinha passado em Vilcafor. Do BKA, passando pelos nazis, passando pela Marinha e pelo Exército até, finalmente, chegar ao que acontecera com os Texanos.

-Espere aí - disse Demonaco. - Você tem alguma experiência militar?

-Nenhuma - respondeu Race.

-Deus do céu. o que é que você é? Algum herói desconhecido?

-Mais ou menos.

Depois de terem falado durante mais um bocado, Demonaco deu a Race o número de telefone e a morada da embaixada americana em Lima e o nome do funcionário do FBI ali destacado. o FBI, disse ele, trataria da viagem de regresso aos Estados Unidos.

Depois de ter desligado, com o maltratado boné dos Yankees encostado ao vidro e acariciando o pendente de esmeralda com os dedos da mão direita, Race olhou para fora, pela janela, para as montanhas que deslizavam por baixo de si.

Passado um bocado, pestanejou e tirou uma coisa do bolso. Era o pequeno livro de notas que Márquez lhe tinha dado nessa manhã, durante o banquete. Race folheou-o. Não era muito espesso. Na verdade, tinha apenas meia dúzia de páginas escritas à mão.

Mas a caligrafia era-lhe familiar.

Race voltou à primeira página e começou a ler.

QUINTA LEITURA

Ao ousado aventureiro que encontrar este livro de notas. Estou a escrever, à luz de uma tocha, no sopé das gloriosas montanhas que dominam a Nova Espanha.

De acordo com os meus cálculos de amator, deve estar a correr o Ano da Graça de 1560, mais de vinte anos depois de eu haver pisado pela primeira vez estas costas estrangeiras.

Para muitos dos que possam vir a lê-lo, o que aqui fica escrito não terá qualquer significado, pois estou a escrever prevendo vir a fazer outro relato, mais completo, das notáveis aventuras em que me foi dado participar na Nova Espanha, um relato que, quiçá, poderei nunca vir a escrever.

Mas se o fizer, e vós, oh, bravo aventureiro houverdes chegado à posse deste livro de notas por ministério de algum nativo, dos mais nobres que hei encontrado, então, o que se segue por certo terá significado para vós. Passaram mais de vinte anos sobre a minha incrível aventura com Renco e todos os meus amigos estão mortos.

Bassario, Lena, o próprio Renco.

Mas não temais, caro leitor, eles não morreram por maus feitos nem foram vítimas de embustes. Morreram, todos eles, enquanto

dormiam, vitimados por esse mal chamado velhice, a que ninguém escapa. Agora, sou o único que ainda vive.

Infelizmente, por isso, não me resta nada para o que viver, nestas montanhas, e, por tal, decidi retornar à Europa. Tenciono acabar os meus dias em algum mosteiro remoto, distante do mundo, onde, se Deus quiser, poderei escrever o relato completo dos espantosos momentos por que passei. Deixo, todavia, este livro de notas, aos bons cuidados dos meus amigos incas, para que eles o vão passando de pais para filhos, até, um dia, o poderem ofertar ao mais valoroso dos aventureiros, alguém que, em boa verdade, só poderá ser da estatura incomensurável do meu bom amigo Renco. Dito isto, dada a linhagem daqueles que possam vir a ler estas páginas, confio a este livro de notas o cuidado de dissipar algumas das ficções que tenciono incluir no relato mais completo das minhas aventuras.

Após a morte de Hernando, na enorme torre de pedra, Renco entrou realmente no templo, levando consigo os dois ídolos. Todavia, reapareceu pouco depois, são e salvo, vindo de uma passagem sob a água, na fralda do gigantesco dedo de pedra.

Os habitantes de Vilcafor viriam a abandonar a sua aldeia, na base do planalto e a instalar-se mais acima, num novo local, por cima da enorme cratera que albergava.

Eu ficaria a viver com eles, nos vinte anos que se seguiram, desfrutando da companhia do meu amigo Renco. Até o tratante Bassario, que provou a sua valentia, no nosso confronto final com Hernando e com os seus homens, se tornou um bom companheiro.

Mas, ah, como me deleitou o tempo que passei com Renco. Nunca antes eu havia tido um amigo tão bom e tão leal. Sinto que fui afortunado por me ter sido concedida a graça de passar a maior parte da minha vida na sua companhia.

Oh, mas há ainda outra coisa que vos quero contar, nobre leitor, mas que vos imploro não relateis aos meus santos confrades.

Ao cabo de algum tempo, eu viria a casar.

E com quem?, podereis perguntar. Como não podia deixar de ser, com a bela Lena.

Sim, eu sei.

Embora a tenha admirado desde o primeiro instante em que a vi, não podia saber que ela nutria por mim sentimentos semelhantes. Ela cuidava que eu era um homem corajoso e nobre e quem era eu para a privar de tal impressão? Os dois e o seu filho Mani, que Renco enchia de mimos, à maneira dos tios de todo o mundo, fazíamos uma bela família. Em boa verdade, ao cabo de algum tempo, Lena e eu alargámos essa família, com duas belas filhas, que, digo-o com orgulho, eram a viva imagem da sua mãe.

Lena e eu estivemos casados por mais de vinte e quatro anos, os mais maravilhosos vinte e quatro anos da minha vida. Terminaram faz algumas semanas, quando ela adormeceu a meu lado, para não mais acordar.

Sinto a sua falta todos os dias.

Agora, enquanto os gulas fazem os preparativos para me conduzir, através da floresta, até à terra dos Azetecas, penso nas minhas aventuras, em Lena e em Renco.

Penso na profecia que nos reuniu e interrogo-me sobre se serei na verdade uma das pessoas nela mencionadas.

Há-de chegar o dia em que ele virá,

Um homem, um herói, ostentando a Marca do Sol. Ele há-de ter a audácia de lutar contra grandes lagartos, Ele há-de ter a Jinga,

Ele há-de contar com a ajuda de homens de coração bravo,

De homens capazes de dar a vida, em honra da sua nobre causa, E ele há-de cair dos céus, para salvar o nosso espírito.

Ele é Aquele que Foi Escolhido. Pergunto a mim mesmo: serei um «homem de coração bravo»? É estranho, muito estranho, mas, hoje, depois de tudo aquilo por que passei, penso que, em boa verdade, assim é.

É este o fim da minha história, valoroso aventureiro.
Que estas linhas vos encontrem de boa saúde. E desejo-vos as maiores felicidades, na vida e no amor.
Adeus. A.S.

Race ficou sentado na traseira do Goose, a olhar para a última página do livro de notas de Alberto Santiago, Estava contente por aquele monge simpático ter encontrado a felicidade, no termo das suas aventuras. Bem a merecia.
Race pôs-se a pensar na transformação sofrida por Santiago de monge tímido a defensor acérrimo do ídolo.
Depois, Race voltou a olhar para a profecia e começou a pensar em Renco. Em seguida, por qualquer razão que não era capaz de precisar, começou a pensar nas semelhanças que havia entre Renco e ele próprio.
Ambos ostentavam a Marca do Sol.
Ambos tinham lutado com caimões e ambos tinham demonstrado possuir a capacidade de se movimentarem como gatos. Um e outro tinham contado com a ajuda de homens de coração valente e ambos tinham arriscado a vida pela sua causa. E, finalmente, ambos tinham caído do...
Espera aí, pensou Race.
Renco nunca tinha caído do céu...